



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

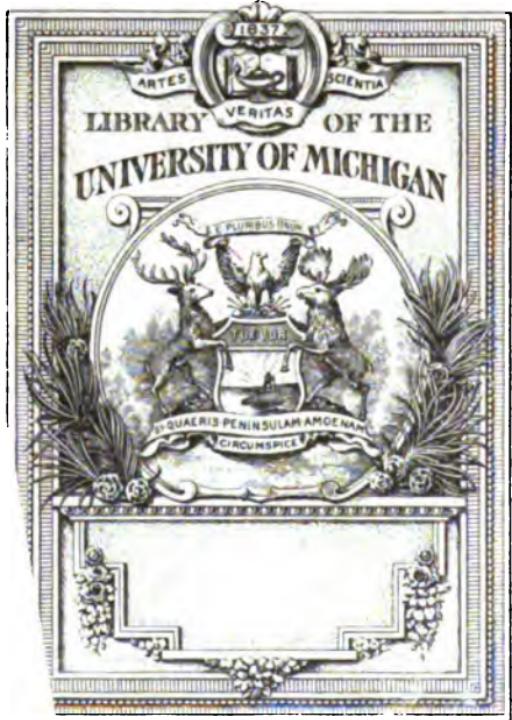
Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



T  
173  
P8  
0012



from the Academia Polytechnica  
1877.

# ANNUARIO

AN

## ACADEMIA POLYTECHNICA

DE

### PORTO

ANNO LECTIVO DE 1877—1878

/

PORTO  
E. E. GEOPGRAPHIA CENTRALI  
296, Rua das Flores, 296.  
1878.







**ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO**  
( Vista do lado do Sul )

14844

# ANNUARIO

DA



# ACADEMIA POLYTECHNICA

DO

**POR T O**

---



**ANNO LECTIVO DE 1877—1878**



**POR T O**  
**TYPOGRAPHIA CENTRAL**  
294, Rua das Flores, 296.  
—  
**1878.**



## ÉPOCAS PRINCIPAES

DA

## ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO

---

<b>Da criação da aula de nautica na cidade do Porto, primeira origem da Academia Polytechnica do Porto . . . . .</b>	<b>116</b>
<b>Da fundação da Academia Real de Marinha e Commercio da cidade do Porto . . . . .</b>	<b>75</b>
<b>Da reforma d'esta academia em Academia Polytechnica do Porto pelo Decreto de Manoel da Silva Passos, de 13 de Janeiro de 1837 . . . . .</b>	<b>41</b>



# KALENDARIO

**PARA O ANNO DE 1878**

---

## JANEIRO

---

1. Terç. morre José Anastacio da Cunha, em 1787, com 45 annos. — m. Bernouilli (João 1.º), em 1768, com 80 annos. — Abolição da escravatura nos Estados Unidos, em 1862.
2. Quart. m. Victor Cousin, em 1867, com 75 annos. — Criação da Academia Real de fortificação, artilharia e desenho, actualmente Escóla do exercito, em 1790.
3. Quint. Schleiermacher \*, 1768—1834.
4. Sext. m. a Viscondessa de Balsemão (D. Catharina), em 1824, com 74 annos.
5. Sab. m. o pintor David, em 1856.
6. Dom. Archimedes \*, 212 annos antes de Jesus Christo.

**Acabam as ferias do Natal.**

---

Significa o signal \* que se ignora ou não se pôde averiguar com certeza a data do nascimento e a da morte.

7. Seg. m. El-Rei D. Diniz, em 1325, com 63 annos. — m. Fenelon, em 1715, com 63 annos.
8. Terç. m. Galileu, em 1642, com 77 annos. — m. Montgol-fier, em 1745.
9. Quart. m. Agnesi (Maria Gaetana), em 1799, com 79 annos. — m. Fontenelle, em 1757, com 99 annos.
10. Quint. m. o P. Antonio Ferreira, em 1676, com 56 annos. — m. Linneu, em 1778. — m. Breguet, em 1747.
11. Sext. Thales, fundador da escola jônica, m. 548 annos an-tes de Jesus Christo.
12. Sab. m. Boscovich, em 1787, com 75 annos. — m. o Du-que d'Alba, em 1582.
13. Dom. Galileu descobre os quatro satélites de Jupiter, em 1610.

**Reforma da antiga Academia de ma-rinha e commercio em Academia Polytechnica do Porto, por Manoel da Silva Passos, em 1837.**

14. Seg. m. Bossut (Charles), em 1814, com 83 annos. — m. M.<sup>o</sup> de Sévigné, em 1696.
15. Terç. m. Landen, em 1790.
16. Quart. m. Fox, em 1690.
17. Quint. m. H. Vernet, em 1863.
18. Sext. m. Manoel Passos, em 1862, com 61 annos.
19. Sab. m. Vaucanson, em 1782.—m. P. J. Proudhon, em 1865, com 56 annos.
20. Dom. Pythagoras \*, 500 annos antes de Jesus Christo.
21. Seg. m. Bernardin de Saint-Pierre, em 1814.
22. Terç. n. Hevelio em 1611.
23. Quart. Apollonio \*, v. 247 annos antes de Jesus Christo.
24. Quint. m. Pitt, em 1806.
25. Sext. m. Halley, em 1742, com 85 annos.
26. Sab. m. D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas-Boas, em 1814, com 89 annos. — m. Briggs (Henrique), em 1630. — n. o Visconde de Castilho, em 1800.
27. Dom. m. Lemaitre, em 1876.
28. Seg. m. Hevel (João), em 1687, com 76 annos.
29. Terç. m. Auber, em 1872.
30. Quart. m. Ducis, em 1816.
31. Quint. m. Racine, em 1763.

## FEVEREIRO

1. Sext. m. Rabelais, em 1553.
2. Sab. m. L'Hopital (Guillaume François de), em 1704. — m. Camus, em 1768, com 68 annos.
3. Dom. Independencia do Uruguay, em 1852. — m. Biot, em 1862, com 88 annos.
4. Seg. m. Condamine, em 1774, com 73 annos.
5. Terc. m. Luiz Galvani, em 1799, com 61 annos.
6. Quart. m. Amyot, em 1593.
7. Quint. m. Pelisson, em 1693.
8. Sext. m. Spallanzani (Lazaro), em 1799.
9. Sab. m. Michelet, em 1874.
10. Dom. m. Montesquieu, em 1755, com 66 annos. — m. Brewster, em 1868, com 86 annos.
11. Seg. m. Laharpe, em 1803. — m. Leon Foucault, em 1868, com 49 annos. — m. Descartes, em 1650, com 54 an.
12. Terc. Hoëné Wronski \*, 1778—1853.
13. Quart. Chega Galileu a Roma, em 1633, e é detido nas prisões da inquisição, sob ordem do Santo Officio, por ter proclamado a verdade do sistema de Copernico.
14. Quint. m. Cook, em 1779.
15. Sext. m. Palafox, em 1847.
16. Sab. m. Fléchier, em 1710. — m. o padre Secchi em 1878, com 60 annos.
17. Dom. Giordano Bruno é queimado vivo em Roma no anno de 1598, sob accusação do Santo Officio.
18. Seg. m. Balzac, em 1854. — m. Jacobi, em 1851, com 47 annos.
19. Terc. m. Bourdaloue, em 1704.
20. Quart. m. Borda (Jean Charles), em 1799, com 65 annos. — Confirmação pelo Imperador Federie III da Universidade de Tubingen, em 1484.
21. Quint. Hippocretes de Chio \*, v. 450 annos antes de Jesus Christo.
22. Sext. m. Ruysch em 1731.
23. Sab. m. Spinoza em 1677, com 45 annos.
24. Dom. m. Guttemberg em 1468. — m. Cavendish (Henry)

em 1810, com 78 annos. — m. Kant, em 1804, com 80 annos.

25. Seg. m. Fulton, em 1815 — Abolição da escravatura no territorio portuguez, em 1869.

26. Terç. Napoleão sae da ilha d'Elba em 1815.

27. Quart. m. Lamennais, em 1854.

28. Quint. m. S'Gravesende, em 1742, com 53 annos.

---

## MARCO

---

1. Sext. m. Olivier de Serres, em 1619.  
 2. Sab. m. Guilherme Tell em 1854.  
 3. Dom. m. Algarotti em 1764.  
 4. Seg. m. Barrow em 1677.

**Carnaval — Feriado.**

5. Terç. m. Volta (Alexandre), em 1827, com 82 annos. — A Congregação do index condena em 1616 a immortal obra de Copernico — *de Revolutionibus orbium celestium*.

**Carnaval — Feriado.**

6. Quarta-feira de cinza. m. Dufour, em 1866.

**Feriado.**

7. Quint. m. Laplace, em 1827, com 77 annos.  
 8. Sext. Meton \*, 452 annos antes de Jesus Christo.  
 9. Sab. m. Mazarin, em 1661.  
 10. Dom. m. Lannoy, em 1678.  
 11. Seg. m. Ritcher, em 1825.  
 12. Terç. m. Mazzini, em 1872. — Inauguração da Universidade de Vienna, em 1875.  
 13. Quart. m. Boileau em 1711. — Proclamação do imperio francêz em 1804.  
 14. Quint. m. Montalembert, em 1870.  
 15. Sext. m. Sá de Miranda, em 1558, com 62 annos.  
 16. Sab. Esopo \*, 560 annos antes de Jesus Christo.  
 17. Dom. m. Daniel Bernouilli, em 1782, com 82 annos.  
 18. Seg. Euclides \*, o celebre autor dos Elementos de Geometria, v. 285 annos antes de Jesus Christo.

19. Terç. m. Turgot, em 1781.
20. Quart. m. Newton, em 1727, com 84 annos.
21. Quint. m. Lacaille, em 1762, com 49 annos.
22. Sext. m. Goethe em 1832.
23. Sab. n. Laplace.
24. Dom. m. Vayringe, em 1746.
25. Seg. Huygens descobre Titan, satellite de Saturno, em 1655.
26. Terç. Lescarbault julga vêr o planeta Vulcano, em 1859.
27. Quart. m. E. Quinet, em 1875.
28. Quint. m. Beethoven, em 1827.
29. Sext. Platão \*, 318 annos antes de Jesus Christo.
30. Sab. Vesperas Sicilianas, em 1228.
31. Dom. n. Descartes, em 1596.

---



---

## ABRIL

---

1. Seg. São expulsos de Hespanha os jesuitas, em 1767.
2. Terç. m. Mirabeau, em 1791. — m. Le Monnier, em 1799.
3. Quart. m. Murillo, em 1682. — m. a Rainha Isabel d'Inglaterra, em 1603.
4. Quint. m. Lalande, em 1807, com 74 annos. — m. Affonso X, em 1284.
5. Sext. m. Laugier (Paul Auguste Ernest), em 1872, com 59 annos.
6. Sab. m. Paschoal José de Mello, em 1798, com 60 annos. — m. José Bonifacio de Andrade e Silva, em 1838, com 74 annos. — m. Abel, em 1829, com 27 annos.
7. Dom. m. Raphael, em 1520. — É extinta a inquisição em Portugal, em 1821.
8. Seg. Suicida-se Condorcet com veneno, no carcere de Bourg-la-Reine, em 1794, na idade de 50 annos.
9. Terç. m. Necker, em 1804. — m. Donizetti, em 1848.
10. Quart. m. Lagrange, em 1813, com 67 annos.
11. Quint. m. Carret (Louis), em 1711, com 50 annos.

12. Sext. m. Lafontaine, em 1695.  
 13. Sab. m. Bossuet, em 1704.  
 14. Dom. m. Lincoln, em 1865. — Abertura solemne da Universidade de Graz, em 1586.  
**Começam as ferias da Paschoa.**  
 15. Seg. m. Tasso, em 1592. — Catastrophe do Zenith, em 1875.  
 16. Terc. m. Buffon, em 1788 — com 80 annos.  
 17. Quart. m. Franklin, em 1790.  
 18. Quint. m. Theodoro d'Almeida, em 1804, com 82 annos. — m. Liebig, em 1873.  
 19. Sext. m. Byron, em 1824.  
 20. Sab. Aristoteles \*, 384—322 annos antes de Jesus Christo.  
 21. Domingo de Paschoa. m. Lahire, em 1718, com 78 annos.  
 22. Seg. m. Racine, em 1699.  
 23. Terc. m. Cervantes, em 1616. — m. Shakespeare, em 1616.  
 24. Quart. Descobrimento do Brazil por Pedr<sup>o</sup> Alvares Cabral, em 1500.  
 25. Quint. m. Poisson, em 1840, com 58 annos.  
 26. Sext. m. Diana de Poitiers, em 1556.  
 27. Sab. n. Grant, em 1822.  
 28. Dom. Apresentação á Sociedade real de Londres do manuscrito da immortal obra de Newton: *Philosophiae naturalis principia mathematica*.  
**Terminam as ferias da Paschoa.**  
 29. Seg. Outorga da Carta Constitucional, em 1826.  
**Feriado.**  
 30. Terc. m. o padre Barthelemy, em 1795.

---

## MAIO

---

1. Quart. m. Delille, em 1813.
2. Quint. m. Meyerbeer, em 1864.
3. Sext. m. João das Regras, em 1404.
4. Sab. m. Livingston, em 1873.
5. Dom. m. Fr. Luiz de Sousa, em 1632, com 77 annos.

6. Seg. m. Alexandre de Humboldt, o creador da physica geral do Globo, em 1859, com 90 annos.
7. Terç. m. Fr. Francisco de S. Luiz, em 1845, com 91 annos.
8. Quart. m. o Marquez de Pombal, em 1782, com 88 annos. — m. Lavoisier, em 1794.
9. Quint. m. Gay-Lussac, em 1850, com 71 annos.
10. Sext. m. Young, em 1829, com 55 annos. — m. Fresnel, em 1788.
11. Sab. m. Rodrigo da Fonseca Magalhães, em 1858, com 70 annos. — m. Gerbert, em 1003.
12. Dom. m. Auber, em 1871.
13. Seg. m. Cuvier, em 1832, com 63 annos. — m. Jacintho Freire de Andrade, em 1657, com 60 annos.
14. Terç. m. Henrique IV, de França, em 1610.
15. Quart. Keppler descobre a lei que estabelece a solidariedade dos movimentos planetarios.
16. Quint. m. Fourier, em 1830, com 62 annos. — Inauguração da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 1680.
17. Sext. m. Clairaut, em 1765, com 52 annos.
18. Sab. m. Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, em 1821, com 48 annos.
19. Dom. Parte de Toulon, em 1798, a esquadra de expedição ao Egypto, capitaneada por Bonaparte, e levando a bordo Monge, Berthollet, Caffareli, Berthier, Eugène Beauharnais, Desgenette, etc., em comissão científica.
20. Seg. m. Christovão Colombo, em 1506.
21. Terç. m. Duroc, em 1813.
22. Quart. m. Saigey (Jacques), em 1871. — m. Scheele em 1786, com 44 annos.
23. Quint. m. Copernico, em 1543, com 70 annos. — m. o Duque de Loulé, em 1875.
24. Sext. m. Hahnmann, em 1843.
25. Sab. m. Calderon de la Barca, em 1681.
26. Dom. m. J. Antonio d'Aguilar, em 1874, com 81 annos.
27. Seg. m. Calvino, em 1564, com 55 annos.
28. Terç. Hipparco \*, v. 150 annos antes de Jesus Christo.
29. Quart. m. Miliere, fusilado em 1871.
30. Quint. m. Voltaire, em 1778. — m. Rubens, em 1640. — m. Humphry Davy, em 1829.
31. Sext. m. Haydn, em 1809.

## JUNHO

1. Sab. m. José Jorge Loureiro, em 1860, com 68 annos.
2. Dom. m. Hany, em 1822.
3. Seg. m. Verdet (Marcel-Emile), em 1866, com 42 annos.
4. Terç. m. Weber, em 1826. — Batalha de Magenta, em 1859.
5. Quart. m. Huygens, em 1695, com 66 annos.
6. Quint. m. D. João de Castro, em 1548, com 48 annos.
7. Sext. m. Bouvard, em 1823.
8. Sab. m. Mahomet \*, em 632.
9. Dom. m. Dikens, em 1870.
10. Seg. m. Luiz de Camões, em 1580, com 56 annos. — m. Ampère, em 1836, com 61 annos..
11. Terç. m. Dumarsais, em 1756.
12. Quart. n. Nuno Alvares Pereira, em 1360.
13. Quint. m. Kleber, em 1799.
14. Sext. Ensaio da machina Savary, em 1699. — m. Pouillet, em 1868, com 78 annos.
15. Sab. m. Scheffer, em 1858.
16. Dom. A. A. Cournot \*, 1801 — 1877.
17. Seg. m. Crébillon, em 1762.
18. Terç. m. Gall, em 1828. — Batalha de Waterloo, em 1815.
19. Quart. m. Brousses, em 1873.
20. Quint. É proclamada, em 1633, a odiosa sentença do Santo officio contra Galileu, por ter sido julgado suspeito de heresia em crêr na centralisação do sol, nos movimentos do systema planetario e no movimento da terra.
21. Sext. Prisão de Luiz XVI, em 1791.
22. Sab. Abjuração de Galileu, em 1633, pronunciada de joelhos pelo venerável septuagenario diante dos cardeais da republica universal christã, e imposta por odiosa sentença do Santo Officio, como expiação de ter abraçado a falsa opinião de que o sol é o centro dos movimentos do systema planetario, que a terra não é o centro e se move no espaço, como contraria à sagrada

escriptura. Teve lugar este memorável attentado no convento de Minerva, e era papa Urbano VIII.

23. Dom. Annibal \*, 183 annos, antes de Jesus Christo.  
 24. Seg. m. Nicolau Tolentino, em 1811, com 69 annos.  
 25. Terç. m. Armando Carrel, em 1836. — m. Barye, em 1875.  
 26. Quart. m. La Tour d'Auvergne, em 1800.  
 27. Quint. m. Chateaubriand, em 1848.  
 28. Sext. n. J. J. Rousseau, em 1712.  
 29. Sab. m. Jussieu, em 1853.  
 30. Dom. m. Gros, em 1835.

---



---

## JULHO

---

1. Seg. Chega ás costas egípcias, em 1798, a esquadra da expedição do Egypto, capitaneada por Bonaparte.
2. Terç. m. Silvestre Pinheiro Ferreira, em 1846, com 76 annos.
3. Quart. m. José Homem Corrêa Telles, em 1849, com 69 annos.  
 m. Bernouilli (Jacques 2.º) em 1789, com 29 annos.
4. Quint. m. Borges Carneiro, em 1833, com 58 annos.
5. Sext. m. o P. Francisco José Freire, em 1773, com 54 an.
6. Sab. m. Regiomontano (João), em 1776, com 40 annos.
7. Dom. n. Jacquard, em 1572.
8. Seg. Desembarque do exército liberal no Mindello, em 1832. — m. Adam Smith, em 1790, com 67 annos.
9. Terç. m. Duarte Madeira Arraes, em 1652.
10. Quart. m. Henrique II, de França, em 1559.
11. Quint. Anacreonte \*, 467 annos antes de Jesus Christo.
12. Sext. m. Picard, em 1682.
13. Sab. m. Bernouilli (João 3.º), em 1807, com 62 annos. — m. Bradley, em 1762. — É votada a infallibilidade do Papa, em concílio reunido em Roma, em 1870.
14. Dom. n. Dumas (Jean Baptiste), em 1800.
15. Seg. m. Harding, em 1834, com 68 annos.

16. Terç. m. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, em 1590. — m. Beranger, em 1857.

17. Quart. m. Bernouilli (João 2.º), em 1790, com 80 annos.

18. Quint. m. Monge, em 1818. — m. o P. Antonio Vieira, em 1697, com 89 annos. — m. Petrarca, em 1374.

19. Sext. de Gasparis descobre em 1857 o planeta Eunomia.

20. Sab. m. Bichat, em 1802. — Abolição da ordem dos jesuítas por Clemente XIV, em 1773.

21. Dom. m. Arsaky, em 1874.

22. Seg. m. Van-Dick, em 1641.

23. Terç. n. Malus (Ethienne Louis), em 1775. — m. Desbordes Valmore, em 1859.

24. Quart. m. Geoffroy Saint-Hilaire, em 1844.

25. Quint. m. André Chenier, em 1794.

26. Sext. m. Bernouilli (Nicolau 2.º), em 1726, com 31 annos.

27. Sab. m. Turenne, em 1675. — m. Manpertuis, em 1759.

28. Dom. Ptolomeu \*, o celebre autor de *Almagesto*, v. no anno 125.

29. Seg. m. Oppéde, em 1558.

30. Terç. m. Diderot, em 1741.

31. Quart. n. Cramer (Gabriel), em 1704. — Juramento da carta constitucional.

**Período.**

**Termina o anno lectivo.**

**AGOSTO**



1. Quint. m. D. Fr. Amador Arraez, em 1600.  
**Começam as férias grandes.**

2. Sext. n. Carnot (Lazare Nicolas Margarite), em 1823, com 70 annos.

3. Sab. Christovão Colombo sae do porto de Palos, na Andaluzia, para o descobrimento da America, em 1492.

4. Dom. m. Brotero, em 1828, com 83 annos.

5. Seg. m. Delaunnay, em 1872, com 56 annos. — m. Busch (João Jorge), em 1800, com 72 annos.

6. Terç. Cicero \*, m. no anno 43 antes de Jesus Christo.
7. Quart. m. Berzelio, em 1848.
8. Quint. m. Richelieu (marechal de), em 1788.
9. Sext. m. Diogo Barboza Machado, em 1772, com 90 annos.
10. Sab. m. Gonçalves Dias, em 1823.
11. Dom. m. João Pinto Ribeiro, em 1649.
12. Seg. m. Millevoye, em 1816.
13. Terç. David Fabricius descobre, pela primeira vez, uma estrella variavel.
14. Quart. m. o P. Antonio Pereira de Figueiredo, em 1797, com 72 annos.
15. Quint. m. Bouguer (Pierre), em 1758, com 88 annos.
16. Sext. m. Bernouilli (Jacques), em 1705, com 50 annos. — Fundação da Universidade de Berlin, em 1809.
17. Sab. m. o P. Manoel Bernardes, em 1710, com 66 annos. Inauguração da Universidade de Königsberg, em 1544.
18. Dom. m. La Beotie, em 1563.
19. Seg. m. Fr. Heitor Pinto, em 1584. — m. Pascal, em 1662, com 39 annos.
20. Terç. Ascensão aereostatica de Gay-Lussac, em 1804.
21. Quart. m. Rumford, em 1814.
22. Quint. m. Dionis du Sejour, em 1794, com 60 annos.
23. Sext. m. Herschell, em 1822, com 83 annos.
24. Sab. Revolução liberal em Portugal, em 1820.
25. Dom. m. Watt (James), em 1819, com 83 annos. — m. Faraday, em 1867, com 76 annos.
26. Seg. m. D. Antonio, prior do Crato, em 1595, com 64 annos.
27. Terç. m. Luiz Philippe, em 1849.
28. Quart. m. Mitscherlich, em 1863, com 69 annos.
29. Quint. n. Pedro Nunes \*. em 1502 (1)
30. Sext. m. o Conde de Gasparin, em 1862, com 79 annos.
31. Sab. m. Rogerio Bacon, em 1294. — n. de Montférier, 1792 — 1863.

(1) Deve-se á obsequiosa erudição do nosso distinto litterato Gomes Monteiro a determinação do anno do nascimento do celebre geometra portuguez, que elle proprio indica na sua obra: *In theoricas planetarum georgii purbachii annulationes aliquot*, a pag. 135, da seguinte fórmula — *exempli gratia: sit anno Domini 1502, quo ego natus sum, etc.*

## SETEMBRO

1. Dom. m. Luiz XIV, em 1715. — Inauguração dos trabalhos de perfuração do monte Cenis, em 1857.
2. Seg. Experiencias do telegrapho Morse, nos Estados Unidos, em 1837.
3. Terç. m. Thiers, em 1877.
4. Quart. m. Cassini de Thury (Cesar Fran ois), em 1784, com 70 annos.
5. Quint. m. A. Comte, em 1857, com 59 annos. — m. Graham (Thomaz), em 1869, com 63 annos.
6. Sext. m. Colbert, em 1683.
7. Sab. Pappo \*, v. no anno 300.
8. Dom. m. Bellidor, em 1761.
9. Seg. m. El-Rei D. Duarte, em 1438, com 46 annos. — Restabelecimento do Kalendario gregoriano, em 1805.
10. Terç. m. o Duque de Bourgogne, em 1419. —  promulgado o decreto creando a Companhia de agricultura das vinhas do alto-Douro, em 1756.
11. Quart. m. Bernardo de Palissy, em 1589. — Roma, capital da Italia, em 1870. — m. David Ricardo, em 1823, com 51 annos.
12. Quint. m. Guizot, em 1874.
13. Sext. m. Brinkley (John) em 1835. — m. A. Herculano, em 1877, com 67 annos.
14. Sab. m. Cassini (Jo o), em 1712, com 87 annos.
15. Dom. m. Hoche, em 1797.
16. Seg. m. Dupaty, em 1788. — m. Luiz XVIII, em 1824.
17. Terç. m. Breguet, em 1823. — Inaugura o da Universidade G tingen, em 1737. — m. Euler, em 1783, com 84 annos.
18. Quart. m. Van Eych, em 1426.
19. Quint. m. R emer, em 1710, com 65 annos. — m. Delambre, em 1749.
20. Sext. m. M chain, em 1805.
21. Sab. Regressa a S. Lucar, da 1.  viagem de circumnavega o, o navio de Fern o de Magalh es, em 1522.
22. Dom. m. Valdo, em 1179.

23. Seg. Descobre Galle, em Berlin, em 1849, o planeta Neptuno pelas indicações analyticas de Le Verrier. — m. Le Verrier, em 1877, com 65 annos. — n. Encke (João Francisco), em 1791. — n. Cardan (Jeronymo), em 1501.

24. Terç. m. El-Rei o Senhor D. Pedro IV.

25. Quart. m. Grétry, em 1813.

26. Quint. m. Jecker, em 1884.

27. Sext. m. Bezetut (Etienne), em 1783, com 53 annos.

28. Sab. Capitulação de Strasbourg, em 1870. — Faz 15 annos. Sua Alteza Real o Príncipe D. Carlos.

29. Dom. Proclo \*, 412—485.

30. Seg. Eratosthenes \*, n. 276 antes de Jesus Christo.

**Terminam as férias grandes.**

---



---

## OUTUBRO

---

1. Terç. m. Corneille, em 1684.
2. Quart. m. José Agostinho de Macedo, em 1831, com 70 annos. — m. Arago (François), em 1853, com 67 annos.
3. Quint. Paz de Fontainebleau entre França, Inglaterra, Espanha e Portugal em 1762.
4. Sext. m. Perdonnet (Auguste), em 1867, com 66 annos.
5. Sab. Luiz XVI aceita a declaração dos direitos do homem.
6. Dom. m. Guarini, em 1612.
7. Seg. m. Froissard, em 1400.
8. Terç. m. Rolle, em 1749, com 97 annos.
9. Quart. m. Perrau, em 1688.
10. Quint. Abertura solemne da Universidade de Berlin, em 1810.
11. Sext. m. Monaldeschi, em 1657.
12. Sab. m. Picard, em 1682, com 62 annos.
13. Dom. m. D. Francisco Manoel de Mello, em 1666, com 54 annos.
14. Seg. m. Gassendi (Pierre), em 1655, com 63 annos.

15. Terç. m. Candido José Xavier, em 1833, com 61 annos.  
 16. Quart. Faz 30 annos S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia.  
 — Grande Gala.  
**Feriado.**

17. Quint.  
 18. Sext. m. Gomes Freire d'Andrade, em 1817, com 60 annos.  
 — Fundação da Universidade de Bonn, em 1818.  
 19. Sab. m. Talma, em 1826.  
 20. Dom. m. João de Barros, em 1570, com 74 annos. — Hor-  
 rivel incendio do observatorio de Copenhagne, em  
 1728.  
 21. Seg. m. Babinet, em 1872.  
 22. Terç. m. Nelson, em 1805.  
 23. Quart. m. Beocio, em 526.  
 24. Quint. m. Tycho-Brahe, em 1601, com 54 annos.  
 25. Sext. m. Renaudot (Theophraste), em 1653, com 70 annos.  
 26. Sab. m. Pigalle, em 1786.  
 27. Dom. Lycurgo \*, 870 annos antes de Jesus Christo.  
 28. Seg. m. Charles Degeer, em 1778.  
 29. Terç. m. d'Alembert, em 1788, com 65 annos. — Faz 62 an-  
 nos El-Rei o Senhor D. Fernando. — Grande Gala.  
**Feriado.**

30. Quart. m. Montmorency, em 1632.  
 31. Quint. Faz 40 annos S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz 1.º —  
 Grande Gala.  
**Feriado.**

## NOVEMBRO

---

1. Sext. Terremoto em Lisboa, em 1755.
2. Sab. m. Luiz o Bondoso, em 833.
3. Dom. m. Agostinho José Freire, assassinado em Lisboa,  
 em 1836. — m. Champollion, em 1832, com 42 annos.
4. Seg. Inauguração da nova ponte metallica sobre o Douro.
5. Terç. m. Riego, em 1823.

6. Quart. m. Berthollet, em 1822, com 73 annos.
7. Quint. m. Carlos X, em 1836.
8. Sext. m. Jussieu, em 1777.
9. Sab. Viète \*, 1540-1603.
10. Dom. m. Pedro A. C. Garção, em 1772, com 48 annos.
11. Seg. m. El-Rei o Senhor D. Pedro V, em 1861, com 24 annos.
12. Terç. m. Bailly no cadasfalso, em 1793, com 57 annos.
13. Quart. m. Rossini, em 1868.
14. Quint. m. Leibnitz, em 1716, com 70 annos. — m. Ferreira Borges, em 1838, com 52 annos.
15. Sext. m. Keppler, em 1630, com 59 annos. — m. J. B. Say, em 1832, com 65 annos. — m. Rossi, assassinado em Roma, em 1848, com 61 annos.
16. Sab. m. Collins, em 1689.
17. Dom. n. o duque de Saldanha, em 1790.
18. Seg. m. Lamarck, em 1828.
19. Terç. m. Fernandes Thomaz, em 1822, com 49 annos.
20. Quart. m. o Cardeal de Polignac, em 1741.
21. Quint. Roemer indica a velocidade da luz, em 1676.
22. Sext. Faye descobre no Observatorio de Paris, em 1843, o cometa periodico do seu nome.
23. Sab. m. Struve (William), em 1864, com 71 annos.
24. Dom.
25. Seg. m. João Curvo Semedo, em 1719, com 83 annos.
26. Terç. m. Quinault, em 1688.
27. Quart. m. Lamblardie, em 1798.
28. Quint. m. Tournefort, em 1708.
29. Sext. m. Bernouilli (Nicolau 1.º), em 1759, com 72 annos.
30. Sab. m. Dullond, em 1761, com 56 annos.

## DEZEMBRO

---

1. Dom. m. Alexandre I da Russia, em 1825. — Revolução da independencia em Portugal, em 1640.

2. Seg. m. Fernando Cortez, em 1554. — Abertura solemne da Universidade real de Saxonía, em 1409.
3. Terç. m. Matheus Valente do Couto, em 1848, com 78 annos. — m. Cavalieri, em 1647, com 49 annos.
4. Quart. m. o Cardeal de Richelieu, em 1642.
5. Quint. m. Mozart, em 1791.
6. Sext. Orpheu \*, 1000 annos antes de Jesus Christo.
7. Sab. m. o Marechal Ney, em 1815.
8. Dom. Encke descobre o planeta Astréa, em 1845.
9. Seg. m. Van-Dyck, em 1641.
10. Terç. m. o Visconde d'Almeida Garrett, em 1854, com 54 annos. — m. Diogo do Couto, em 1616, com 74 annos.
11. Quart. m. José Monteiro da Rocha, em 1819, com 85 annos.
12. Quint. Regresso de Livingston a Inglaterra, em 1856.
13. Sext. Democrito e Heraclito \*, 500 annos antes de Jesus Christo.
14. Sab. m. Washington, em 1799. — Creação da Academia dos Guardas-marinhas, que deu origem á actual escola naval, em 1782.
15. Dom. m. D. Fr. Caetano Brandão, em 1805, com 65 annos.
16. Seg. m. Quesnay, em 1744, com 60 annos.
17. Terç. n. Bolívar, em 1830.
18. Quart. m. Montucla, em 1799, com 74 annos.
19. Quint. Leonidas e os 300 Spartanos \*, 480 annos antes de Jesus Christo.
20. Sext. m. Ambroise Paré, em 1590.
21. Sab. m. Bocage, em 1805, com 40 annos.
22. Dom. m. Lantara, em 1778.
23. Seg. Huygens descobre Rhéa, satélite de Saturno, em 1672.
24. Terç. m. Vasco da Gama, em 1525. — m. Frederico Bastiat, em 1850, com 49 annos.
- Principiam as ferias do Natal, que terminam em 6 de Janeiro.**
25. Quart. Natal. — n. Jesus Christo. — n. Newton, em 1642.
26. Quint. m. Helvécio, em 1771.
27. Sext. m. Mousinho de Albuquerque, em 1846, com 54 annos.
28. Sab. m. Pedro Bayle, em 1706.
29. Dom. m. Cousin, em 1800, com 61 annos. — m. Malthus, em 1834, com 68 annos.
30. Seg. Empedocles \*, 440 annos antes de Jesus Christo.
31. Terç. m. Flamsteed, em 1719, com 70 annos.

## DIRECTORIA E SECRETARIA

---

### Director

Adriano de Abreu Cardoso Machado, do Conselho de Sua Magestade, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, lente proprietario da Academia Polytechnica, outr'ora lente da facultade de direito na Universidade de Coimbra, e depois director geral da instrucção publica no ministerio do reino, fiscal do extinto conselho superior de instrucção publica, commissario dos estudos e reitor do lyceu nacional do Porto, ex-deputado ás Côrtes.

Rua do Principe, 3.

### Secretario (interino)

Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva Albuquerque, engenheiro civil, Lente proprietario da Academia Polytechnica, outr'ora professor de mathematica elementar do lyceu nacional do Porto, e secretario do mesmo lyceu.

Rua dos Fogueteiros, 1.

### Guarda-mór

Joaquim Filipe Coelho.  
Carregal, 79.

### Guardas subalternos

Simão José Caetano Moreira.  
Bomjardim, 398.

Daniel Leão da Cunha Lima.  
Rainha, 339.

José Pinheiro Barboza d'Aguiar.  
Monte dos Judeus.



## CONSELHO ACADEMICO

---

### Presidente do Conselho

Conselheiro Adriano de Abreu Cardoso Machado, director.

### Secção de mathematica

**Pedro de Amorim Vianna**, bacharel formado em mathematica pela Universidade de Coimbra, lente proprietario da 2.<sup>a</sup> cadeira, outr'ora professor da cadeira de logica do lyceu nacional de Lisboa, presidente da secção.

Restauração, 75.

**Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa**, engenheiro civil, lente proprietario da 5.<sup>a</sup> cadeira.

Príncipe, 156.

**Antonio Pinto Magalhães Aguiar**, doutor em mathematica e bacharel em philosophia pela Universidade de Coimbra, lente proprietario da 3.<sup>a</sup> cadeira, ex-ajudante do observatorio astronomico de Coimbra e ex-deputado ás Côrtes.

Almada, 332.

**José Pereira da Costa Cardoso**, doutor em mathematica e bacharel formado em philosophia pela Universidade de Coimbra, lente proprietario da 18.<sup>a</sup> cadeira, ex-ajudante do observatorio astronomico de Coimbra, antigo lente da mesma Universidade, outr'ora commissario dos estudos e reitor do lyceu nacional do Porto.

Rosario, 113.

**Joaquim d'Azevedo Sousa Vieira da Silva Albuquerque**, engenheiro civil, lente proprietario da 1.<sup>a</sup> cadeira.

Fogueteiros, 1.

**Lente substituto da secção**

**Rodrigo de Mello e Castro de Aboim, engenheiro civil.**  
Cedofeita, 237.

**Director da aula de desenho**

**Francisco da Silva Cardoso, lente proprietario da 4.<sup>a</sup> cadeira.**  
Alegria, 341.

**Lente substituto**

**Guilherme Antonio Corrêa.**  
S. Victor, 27.

**Secção de sciencias sociaes**

**Conselheiro Adriano de Abreu Cardoso Machado, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, lente proprietario da 12.<sup>a</sup> cadeira, presidente da secção.**  
Principe, 3.

**José Joaquim Rodrigues de Freitas, engenheiro civil, lente proprietario da 11.<sup>a</sup> cadeira, e ex-deputado ás Côrtes.**  
Cedofeita, 680.

**Substituto da secção**

**Antonio Alexandre Oliveira Lobo, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra.**  
Principe, 58.

**Secção de philosophia**

**José de Parada e Silva Leitão, bacharel formado em philosophia e mathematica pela Universidade de Coimbra, major graduado d'infanteria, commendador da ordem de Christo; condecorado com a medalha n.<sup>o</sup> 7 das campanhas da liberdade, lente proprietario da 8.<sup>a</sup> cadeira, presidente da secção.**  
Boa-vista, 406.

**Arnaldo Anselmo Ferreira Braga**, bacharel formado em medicina e em philosophia pela Universidade de Coimbra, lente proprietario da 7.ª cadeira.

Príncipe, 60.

**Francisco de Salles Gomes Cardoso**, cavalleiro da Torre e Espada e Aviz, e condecorado com a medalha n.º 2 dos senhores D. Pedro e D. Maria, doutor em philosophia e bacharel em mathematica pela Universidade de Coimbra capitão de fragata addido ao quadro, lente proprietario da 10.ª cadeira.

Almada, 364.

**Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão**, doutor em philosophia e bacharel em mathematica pela Universidade de Coimbra, socio do Instituto da mesma cidade, lente proprietario da 9.ª cadeira.

Quinta de Campo Bello (Gaya).

#### **Substituto da secção**

**Antonio Joaquim Ferreira da Silva**, bacharel formado em philosophia pela Universidade de Coimbra.

Almada, 332.

L

~~Engenheiro de Minas~~  
Cedofeita.

D

Engenheiro da SII  
Avegria 341.

S

Conselheiro Ad.  
recto pela U  
12.<sup>o</sup> cadeira  
Príncipe.

José Joaquim R  
prietario da  
Cedofeita.

Antonio Alexan  
pela Univers  
Príncipe.

José de F  
e m  
d'ri  
c

## DECIMENTOS PERTENCENTES Á ACADEMIA POLYTECHNICA

---

### Bibliotheca

ecario — vago.— Serve interinamente João José Mon-

### Gabinete de historia natural

— O lente da 7.<sup>a</sup> cadeira.

### Gabinete de physica

— O lente regente da 8.<sup>a</sup> cadeira.

### Laboratorio chimico

— O lente regente da 9.<sup>a</sup> cadeira.  
do laboratorio — Vago.

### Jardim botanico

— O lente da 10.<sup>a</sup> cadeira.  
o official do jardim (interino) — Joaquim Casimiro Bar-

Massarelo — 42.



## JARDIM BOTANICO

---

Este jardim, situado na praça do Duque de Beja, contém actualmente 1304 especies, distribuidas por 138 familias naturaes, dispostas segundo o methodo de Decandolle, a saber:

Ranunculaceæ	32	Geraniaceæ	22
Magnoliaceæ	6	Tropæolaceæ	2
Anonaceæ	1	Balsamineæ	2
Berberideæ	4	Oxalideæ	7
Nymphæaceæ	2	Zygophylleæ	3
Papaveraceæ	9	Rutaceæ	4
Fumariaceæ	5	Celastrineæ	4
Cruciferæ	44	Rhamnæ	4
Capparideæ	1	Terebinthaceæ	4
Resedaceæ	4	Leguminosæ	107
Cistineæ	11	Rosaceæ	42
Violariæ	4	Calycantheæ	3
Droseracæ	2	Granatæ	1
Polygaleæ	4	Onagraricæ	15
Pittosporaceæ	4	Halorageæ	2
Frankeniacæ	2	Ceratophylleæ	1
Caryophylleæ	27	Lythrariæ	2
Linæ	3	Tamariscinæ	6
Malvaceæ	17	Philadelphicæ	1
Tiliaceæ	4	Myrtaceæ	9
Camelliaceæ	8	Cucurbitaceæ	10
Aurantiaceæ	6	Passiflorefæ	5
Hypericinæ	10	Portulaceæ	4
Acerineæ	4	Paronychiaeæ	6
Hippocastanæ	2	Crassulaceæ	17
Sapindaceæ	2	Ficoideæ	11
Meliaceæ	1	Cactæ	22
Ampelideæ	4	Grossularieæ	3

Saxifragaceæ . . . .	11	Elæagnaceæ . . . .	2
Umbelliferæ . . . .	31	Aristolochiaceæ . . . .	3
Cornæ . . . .	3	Empetraæ . . . .	1
Caprifoliaceæ . . . .	10	Euphorbiaceæ . . . .	9
Rubiaceæ . . . .	7	Cupuliferæ . . . .	3
Valerianaceæ . . . .	5	Corylaceæ . . . .	2
Dipsacæ . . . .	4	Juglandaceæ . . . .	2
Compositæ . . . .	114	Platanaceæ . . . .	2
Lobeliacæ . . . .	4	Betulaceæ . . . .	2
Campanulaceæ . . . .	6	Salicinæ . . . .	6
Ericaceæ . . . .	11	Celtidæ . . . .	2
Primulaceæ . . . .	8	Cannabineæ . . . .	2
Lythrariaeæ . . . .	9	Urticaceæ . . . .	6
Jasminæ . . . .	4	Moreæ . . . .	8
Apocynaceæ . . . .	4	Ulmaceæ . . . .	1
Asclepiadæ . . . .	8	Casuarinæ . . . .	2
Gentianaceæ . . . .	5	Coniferæ . . . .	27
Bignoniaceæ . . . .	5	Palms . . . .	2
Sesameæ . . . .	3	Typhæaceæ . . . .	2
Hydrophyllaceæ . . . .	2	Aroidæ . . . .	6
Polemoniaceæ . . . .	6	Najadæ . . . .	3
Convolvulaceæ . . . .	7	Alismaceæ . . . .	4
Borraginæ . . . .	14	Butomaceæ . . . .	1
Hydroleacæ . . . .	2	Orchidæ . . . .	5
Solanaceæ . . . .	38	Zingiberæ . . . .	2
Scrophulariaceæ . . . .	34	Cannacæ . . . .	3
Acanthaceæ . . . .	4	Musacæ . . . .	3
Verbenaceæ . . . .	9	Hemodoracæ . . . .	1
Myoparacæ . . . .	2	Iridæ . . . .	21
Labiatæ . . . .	52	Amaryllidæ . . . .	14
Plumbaginaceæ . . . .	10	Bromeliacæ . . . .	2
Plantaginaceæ . . . .	5	Liliacæ . . . .	49
Phytolaccaceæ . . . .	2	Dioscoreaceæ . . . .	2
Salsolaceæ . . . .	12	Melanthæ . . . .	4
Basellaceæ . . . .	2	Juncacæ . . . .	3
Amarantacæ . . . .	6	Commelinacæ . . . .	3
Nyctaginacæ . . . .	5	Cyperacæ . . . .	7
Polygonacæ . . . .	13	Graminæ . . . .	90
Lauracæ . . . .	3	Equisetacæ . . . .	2
Proteacæ . . . .	8	Filices . . . .	18
Thymelaeacæ . . . .	5	Lycopodiacæ . . . .	1

**Datas das nomeações, encartes e posses dos Lentes e mais empregados da Academia Polytechnica, e indicação das naturalidades e épocas dos nascimentos dos mesmos.**

Conselheiro Adriano d'Abreu Cardoso Machado — nomeado Lente proprietario da 12.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 17 de Julho de 1858 e carta regia de 1 de Setembro do mesmo anno — agraciado com o augmento do terço do seu ordenado, por diuturnidade de serviço, por decreto de 21 de Dezembro de 1876 e carta regia de 3 de Maio de 1877 — nomeado director da Academia Polytechnica do Porto por decreto de 8 de Junho de 1869 e carta regia de 20 de Fevereiro de 1876. — Tomou posse do lugar de Lente proprietario em 1 de Outubro de 1858, e de director em 27 de Setembro de 1869. — Nasceu em Monção em 17 de Julho de 1829.

---

José de Parada e Silva Leitão — nomeado Lente proprietario da 8.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 27 de Novembro de 1837 e carta regia de 31 de Janeiro de 1838 — agraciado com o terço do seu ordenado por diuturnidade de serviço, por apostilla de 9 de Novembro de 1859. — Tomou posse em 14 de Fevereiro de 1838. — Nasceu em Sernache do Bomjardim em Junho de 1809.

---

Antonio da Costa Paiva, cavalleiro das ordens de Christo e de Nossa Senhora da Conceição, 1.<sup>o</sup> Barão de Castello de Paiva em 1854, doutor em medicina e bacharel em philosophia, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e d'outras academias e corporações scientificas nacionaes e estrangeiras — nomeado Lente proprietario da 10.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 11 de Junho de 1838 e carta regia de 28 de Julho do mesmo anno — jubilado com o ordenado por inteiro por decreto de 31 de Dezembro de 1858 e carta regia de 19 de Janeiro de 1859. — Tomou posse em 14 de Junho de 1839. — Nasceu no Porto em 12 de Outubro de 1806.

**Arnaldo Anselmo Ferreira Braga** — nomeado Lente substituto da secção de philosophia por decreto de 6 de março de 1851 e carta regia de 2 de Abril do mesmo anno — promovido a Lente proprietario da 7.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 19 de Julho de 1854 e apostilla de 16 de Agosto do mesmo anno — agraciado com o aumento do terço do seu ordénado, por diuturnidade de serviço, por decreto de 10 de Agosto de 1876 e carta regia de 30 de Novembro do mesmo anno. — Tomou posse do lugar de Lente substituto em 2 de Maio de 1851, e do de Lente proprietario em 1 de Setembro de 1854. — Nasceu no Porto em 26 de Setembro de 1828.

---

**Pedro Amorim Vianna** — nomeado Lente substituto da secção de mathematica por decreto de 6 de Março de 1851 e apostilla de 9 de Junho do mesmo anno — promovido a Lente da 2.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 9 de Novembro de 1858 e carta regia de 6 de Junho de 1859 — agraciado com o aumento do terço do seu ordenado, por diuturnidade de serviço, por decreto de 10 de Agosto de 1876. — Tomou posse do lugar de Lente substituto em 21 de Junho de 1851, e do de Lente proprietario em 1 de Agosto de 1859. — Nasceu em Lisboa em 21 de Dezembro de 1822.

---

**Francisco de Salles Gomes Cardoso** — nomeado Lente substituto da secção de philosophia por decreto de 28 de Junho de 1851 e carta regia de 30 de Agosto do mesmo anno — promovido a Lente proprietario da 10.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 2 de Março de 1859 e apostilla de 29 do mesmo mez e anno. — Tomou posse do lugar de Lente substituto em 20 de Setembro de 1851, e do de Lente proprietario em 30 de Abril de 1859. — Nasceu no Porto em 28 de Fevereiro de 1816.

---

**Francisco da Silva Cardoso** — nomeado Lente substituto da 4.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 30 de Agosto de 1851 e carta regia de 18 de Setembro do mesmo anno — promovido a Lente proprietario da mesma cadeira por decreto de 26 de Maio de 1862 e apostilla de 14 de Agosto do mesmo anno — agraciado com o aumento do terço do seu ordenado, por diuturnidade de sér-

vigo, por decreto de 10 de Agosto de 1876 e carta regia de 3 de Outubro do mesmo anno. — Tomou posse do lugar de Lente substituto em 14 de Outubro de 1851, e do de Lente proprietario em 4 de Setembro de 1862. — Nasceu no Porto em 20 de Novembro de 1825.

---

Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa — nomeado Lente substituto da secção de mathematica por decreto de 21 de Agosto de 1851 e carta regia de 23 de Outubro do mesmo anno — promovido a Lente proprietario da 5.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 7 de Outubro de 1868 e apostilla de 3 de Fevereiro de 1869 — agraciado com o aumento do terço do seu ordenado, por diuturnidade de serviço, por decreto de 10 de Agosto de 1876 e carta regia de 4 de Abril de 1877. — Tomou posse do lugar de Lente substituto em 12 de Dezembro de 1851, e do de Lente proprietario em 8 de Junho de 1876.

---

Antonio Pinto de Magalhães Aguiar — nomeado Lente substituto da secção de mathematica por decreto de 19 de Junho de 1860 e carta regia de 12 de Novembro do mesmo anno — promovido a Lente proprietario da 3.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 4 de Março de 1869 e carta regia de 4 de Agosto do mesmo anno. — Tomou posse do lugar de Lente substituto em 31 de Dezembro de 1860, e de Lente proprietario em 11 de Março de 1869. — Nasceu em Santa Eulalia de Constança (Marco de Canavezes) em 23 de Junho de 1834.

---

Guilherme Antonio Corrêa — nomeado Lente substituto da 4.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 20 de Agosto de 1863 e carta regia de 22 de Setembro do mesmo anno. — Tomou posse em 7 de Outubro de 1863. — Nasceu no Porto em 23 de Maio de 1829.

---

José Joaquim Rodrigues de Freitas — nomeado Lente substituto da 11.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup> cadeiras por decreto de 29 de Dezembro de 1864 e carta regia de 6 de Abril de 1865 — promovido a Lente proprietario da 11.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 15 de Maio de 1867 e apostilla de 11 de Julho do mesmo anno. — Tomou posse do

lugar de Lente substituto em 4 de Janeiro de 1865, e do de Lente proprietario em 16 de Agosto de 1867. — Nasceu no Porto em 24 de Janeiro de 1840.

Antonio Alexandre Oliveira Lobo — nomeado Lente substituto temporario da 11.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup> cadeiras por decreto de 10 de Fevereiro de 1869 e carta regia de 3 de Agosto do mesmo anno — promovido vitaliciamente no mesmo lugar por decreto de 4 de Outubro de 1871 e carta regia de 9 de Março de 1872. — Tomou posse do lugar de Lente substituto temporario em 15 de Fevereiro de 1869, e do de Lente substituto vitalicio em 20 de Outubro de 1871. — Nasceu no Rio de Janeiro em 11 de Novembro de 1833.

José Pereira da Costa Cardoso — nomeado Lente proprietario da 13.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 14 de Abril de 1869 e carta regia de 4 de Abril de 1872. — Tomou posse em 21 de Abril de 1869. — Nasceu no Porto em 31 de Outubro de 1831. •

Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão — nomeado Lente substituto temporario por dous annos da secção de philosophia por decreto de 14 de Janeiro de 1873 e carta regia de 6 de Março do mesmo anno — promovido vitaliciamente no referido lugar por decreto de 11 de Fevereiro de 1875 e carta regia de 3 de Junho do mesmo anno — promovido a Lente proprietario da 9.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 18 de Agosto de 1876 e carta regia de 29 de Novembro do mesmo anno. — Tomou posse do lugar de Lente substituto temporario em 20 de Janeiro de 1873 — do de Lente substituto vitalicio em 20 de Fevereiro de 1875 — do de Lente proprietario em 25 de Agosto de 1876. — Nasceu em Braga em 22 de Abril de 1847.

Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva Albuquerque — nomeado Lente proprietario da 1.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 7 de Setembro de 1876 e carta regia de 29 de Novembro do mesmo anno — nomeado secretario interino da Academia Polytechnica em sessão do Conselho academico de 2 de Outubro de 1876. —

Tomou posse em 13 de Setembro do mesmo anno. — Nasceu no Porto a 16 de Agosto de 1839.

---

Rodrigo de Mello e Castro de Aboim — nomeado Lente substituto da secção de mathematica por decreto de 24 de Maio de 1877 e carta regia de 18 de Julho do mesmo anno. — Tomou posse em 28 de Maio do mesmo anno. — Nasceu em Castro-Daire em 15 de Setembro de 1847.

---

Antonio Joaquim Ferreira da Silva — nomeado Lente substituto da secção de philosophia por decreto de 24 de Maio de 1877 e carta regia de 17 de Julho do mesmo anno. — Tomou posse em 28 de Maio do mesmo anno. — Nasceu no Couto de Cucujães (Oliveira de Azemeis) em 28 de Julho de 1853.

---

Joaquim Philippe Coelho — nomeado guarda-mór por decreto de 19 de Julho de 1872 e carta regia de 20 de Agosto do mesmo anno. — Tomou posse em 1 de Agosto de 1872.

---

Simão José Caetano Moreira — nomeado guarda subalterno por carta do Director de 19 de Outubro de 1837. — Tomou posse n'esta mesma data.

---

Daniel Leão da Cunha Lima. — nomeado guarda subalterno por decreto de 15 de Novembro de 1860 e diploma de 22 de Maio de 1861. — Tomou posse em 3 de Junho de 1861.

---

José Pinheiro Barbosa d'Aguiar — nomeado guarda subalterno por decreto de 3 de Maio de 1866 e carta regia de 20 de Junho do mesmo anno. — Tomou posse em 8 de Maio de 1866.



## CURSOS LEGAES DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO

A Academia Polytechnica ministra os seguintes

### Cursos especiaes

- I — Curso de Engenheiros civis :
  - a) — *de minas.*
  - b) — *Geographos.*
  - c) — *de pontes e estradas.*
- II — Directores de fabricas.
- III — Commerciantes.
- IV — Agricultores.
- V — Artistas.

(Decreto de 13 de Janeiro de 1837).

### Cursos preparatorios

- VI — Curso preparatorio para as escolas medico-cirurgicas (decreto de 20 de Setembro de 1844, artigos 147 a 150).
- VII — Curso preparatorio para a escola de pharmacia nas escolas medico-cirurgicas (decreto de 29 de Dezembro de 1836, artigos 129 e 130).
- VIII — Curso preparatorio para a escola naval :
  - a) — *Curso de officiaes de marinha.*
  - b) — *Curso de engenheiros constructores navaes* (decreto de 26 de Dezembro de 1868, artigos 23 e 24).
- IX — Curso preparatorio para a escola do exercito (armas especiaes e estado-maior) — (decreto de 20 de Setembro de 1844, artigo 140 — decreto de 24 Dezembro de 1863, artigo 26, § 2.º — decreto de 2 de Junho de 1873).

Estes cursos são professados segundo os quadros seguintes :

**I — Engenheiros civis***a) — de minas.*

1.º anno	1.º cadeira.	
	4.º	» (desenho de figura e paisagem).
	9.º	»
2.º anno	2.º	»
	8.º	»
	4.º	» (desenho de paisagem — desenho de topographia).
3.º anno	3.º cadeira.	
	7.º	» (metallurgia e arte de minas).
	13.º	cadeira (mechanica applicada á resistencia dos solidos e á estabilidade das construções, especialmente a pontes e estradas e ás machinas de vapor).
4.º anno	7.º	» (mineralogia e geologia).
	4.º	» (desenho de perspectiva, plantas e perfis das machinas em uso no serviço das minas).
	10.º	»
5.º anno	4.º cadeira (desenho de cortes e plantas de minas, e convenções para designar os terrenos).	
	12.º	»

*b) — Geographos.*

1.º anno	1.º cadeira.	
	4.º	» (desenho de figura).
2.º anno	2.º cadeira.	
	8.º	»
	3.º cadeira.	
3.º anno	9.º	» (chimica mineral).
	4.º	» (desenho de topographia).

4.º anno	5.º cadeira.
	7.º      "      (zoologia, mineralogia e geologia).
	12.º     "      "
	10.º     "      (veterinaria).
	Desenho geographico, reducção de plantas de costas, bahias, enseadas, portos, etc. na Academia Portuense de bellas-artses.

c) — *de pontes e estradas.*

1.º anno	1.º cadeira.
	4.º      "      (desenho de figura).
2.º anno	2.º cadeira.
	8.º      "
3.º anno	Desenho de architectura na Academia Portuense de bellas-artses.
	3.º cadeira.
4.º anno	4.º      "      (desenho de ornato, decorações e machinas).
	9.º      "
5.º anno	18.º cadeira. (1.º anno).
	5.º      "      "
	7.º      "      (zoologia, mineralogia e geologia).
5.º anno	13.º cadeira. (2.º anno).
	10.º     "      "
	12.º     "      "

II — Directores de fabricas.

1.º anno	1.º cadeira.
	4.º      "      (desenho de figura).
	9.º      "      "
2.º anno	2.º cadeira.
	8.º      "
	Desenho de architectura (na Academia Portuense de bellas-artses).

3.º anno	3.ª cadeira. 4.º      "      (desenho de ornato, decorações e machinas).
4.º anno	13.ª cadeira. (1.º anno). 12.º      "
5.º anno	13.ª cadeira. (2.º anno).

### III — Commerciantes.

1.º anno	1.ª cadeira. 11.º      "      (escripturação por partidas dobradas).
2.º anno	11.ª cadeira (formulas dos documentos commerciaes usadas quer nas transacções de commercio, quer nas provas dos contratos, regulação de avarias, etc:. 4.º      "      (desenho de figura e paisagem).
3.º anno	11.ª cadeira. (geographia commercial — reducção dos cambios, pesos e medidas estrangeiras).

### IV — Agricultores.

1.º anno	1.ª cadeira. 9.º      "
2.º anno	8.ª cadeira. 4.º      "      (desenho de figura e paisagem). 10.º      "      (botanica e agricultura).
3.º anno	7.ª cadeira (zoologia, mineralogia e geologia). 10.º      "      (parte prática) — veterinaria. 4.º      "      (desenho pelo natural de orgãos de vegetação e de reprodução das plantas).
4.º anno	12.ª cadeira (economia politica e economia e legislação rurales). 4.º      "      (desenho de machinas e construções rurales).

## V — Artistas.

1.º anno { 1.ª cadeira.  
2.º      "      4.ª      "      (desenho de figura).

2.º anno { 8.ª cadeira.  
3.º      "      4.ª      "      (desenho de paisagem).

3.º anno { 9.ª cadeira.  
4.º      "      "      (desenho d'ornato e de decoração — desenho de machinas).

## VI — Curso preparatorio para as escolas medico-cirurgicas.

1.º anno — 8.ª cadeira (physica) e 9.ª cadeira (chymica).

2.º      "      7.ª      "      (zoologia).

3.º      "      10.ª      "      (botanica e physiologia vegetal).

Observação. O 1.º anno d'este curso é exigido como habilitação para a matricula no 1.º anno das escolas medico-cirurgicas ; o 2.º anno para a matricula no 2.º anno das mesmas escolas ; e o 3.º para a matricula no 3.º anno d'ellas.

(Decreto de 20 de Setembro de 1844, artigos 147 a 150).

## VII — Curso preparatorio para a escola de pharmacia.

9.ª cadeira (chimica).  
10.ª      "      (botanica).

(Decreto de 29 de Dezembro de 1836, artigos 129 e 130).

## VIII — Curso preparatorio para a escola naval.

a) — *Curso de officiaes de marinha.*

1.<sup>a</sup> cadeira (1.<sup>o</sup> anno de mathematica).  
 8.<sup>a</sup>      » (physica).

(Decreto de 26 de Dezembro de 1868, artigo 23.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup>)

b) — *Curso de engenharia naval.*

1.<sup>o</sup> anno { 1.<sup>a</sup> cadeira.  
                   4.<sup>a</sup>      "  
                   8.<sup>a</sup>      "

2.<sup>o</sup> anno { 2.<sup>a</sup> cadeira.  
                   Construções de geometria descriptiva.  
                   9.<sup>a</sup> cadeira (chimica inorganica e principios de metallurgia).  
                   Geometria descriptiva (1.<sup>a</sup> parte).

3.<sup>o</sup> anno { Construções de geometria descriptiva.  
                   3.<sup>a</sup> cadeira (mecanica e suas applicações ás machinas, com especialidade ás de vapor).  
                   10.<sup>a</sup>      " (botanica e principios de agricultura).  
                   Geometria descriptiva (2.<sup>a</sup> parte).

(Decreto de 26 de Dezembro de 1868, artigo 24.<sup>o</sup> e Portaria de 8 de Junho de 1860).

IX — *Curso preparatorio para a escola do exercito.*

Das disciplinas actualmente professadas na Academia Polytechnica do Porto, constituem o curso preparatorio as que são regidas nos seguintes cursos :

- 1.<sup>o</sup> curso — Trigonometria espherica, algebra superior, geometria analytica no plano e no espaço.
- 2.<sup>o</sup>      " — Geometria descriptiva (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> parte).
- 3.<sup>o</sup>      " — Calculo differencial, integral, das diferenças, variações e probabilidades.
- 4.<sup>o</sup>      " — Mecanica racional, e applicada ás machinas, cinematica.
- 5.<sup>o</sup>      " — Astronomia e geodesia.
- 6.<sup>o</sup>      " — Mineralogia e geologia.
- 7.<sup>o</sup>      " — Physica.

- 8.º curso -- Chimica inorganica ; principios de metallurgia.
- 9.º      "      -- Analyse chimica.
- 10.º     "      -- Economia politica e direito administrativo.

Além d'estas disciplinas, este curso preparatorio comprehende ainda :

- 1.º — Desenho linear, de architectura, de machinas, de figura e de paisagem, incumbindo-se o professor de dar lições de architectura ácerca das regras geraes de decoração, distribuição e representação dos edificios por meio de plantas, alçados e córtes.
- 2.º — Exercicios graphicos de geometria descriptiva.
- 3.º —      "      de mathematica.
- 4.º —      "      praticos de chimica, physica e mineralogia.

*Gymnastica.*

(Decreto de 2 de Junho de 1873, artigo 2.º)

## QUADRO DA DISTRI-

NO CURSO PREPARATORIO

Instrucção	Segunda-feira	Terça-feira
1.º anno.....	1 h. 30' 1.º curso, aula	2.º curso— 1.ª parte, aula
	1 h. 30' 7.º curso, aula	Exercicios de mathematica
	2 h. 30' Desenho	Desenho
2.º anno.....	1 h. 30' 3.º curso, aula	8.º curso, aula
	1 h. 30' 2.º curso— 2.ª parte, aula	10.º curso aula
	2 h. 30' Desenho	Desenho
3.º anno.....	1 h. 30' 4.º curso, aula	9.º curso, aula
	1 h. 30' 6.º curso, aula	5.º curso, aula
	2 h. 30' Desenho	Desenho

**BUIÇÃO DO TEMPO**

PARA A ESCOLA DO EXERCITO

Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sabbado
1.º curso, aula	Exercicios de geometria descriptiva	1.º curso, aula	2.º curso— 1.ª parte, aula
7.º curso, aula	Exercicios de mathematica	7.º curso, aula	Exercicios de mathematica
Desenho	Gymnastica	Desenho	Physica prática
3.º curso, aula	8.º curso, aula	3.º curso, aula	8.º curso, aula
2.º curso— 2.ª parte, aula	Exercicios de geometria descriptiva	10.º curso, aula	Exercicios de geometria descriptiva
Desenho	Gymnastica	Desenho	Geometria descriptiva applicada á architectura e machinas
4.º curso, aula	Geometria descriptiva applicada á architectura e machinas	9.º curso, aula	4.º curso, aula
6.º curso, aula	5.º curso, aula	5.º curso, aula	Mineralogia prática
Desenho	Gymnastica	Chimica prática	Chimica prática.

[Decreto de 2 de Junho de 1873, modelo A].

Designação das cadeiras	Nomes dos lentes regentes
1. <sup>a</sup> cadeira — Geometria analytica no plano e no espaço, trigonometria espherica, algebra superior.....	José Pereira da Costa Cardoso.
2. <sup>a</sup> cadeira — Calculo differential, integral, das differencias e das variações .....	Joaquim d'Azevedo Souza Vieira da Silva e Albuquerque.
3. <sup>a</sup> cadeira — Geometria descriptiva — mecanica racional; — cinematica das machinas..	Pedro Amorim Vianna.
4. <sup>a</sup> cadeira — Desenho de figura e paisagem, d'ornato e decorações, de machinas, de topographia .....	Francisco da Silva Cardoso.
5. <sup>a</sup> cadeira — Astronomia e geodesia.....	Antonio Pinto de Magalhães Aguiar.
7. <sup>a</sup> cadeira — Zoologia, (1) mineralogia e geologia veterinaria .....	Arnaldo Anselmo Ferreira Braga.
8. <sup>a</sup> cadeira — Physica theoreica e experimental.....	Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão.
9. <sup>a</sup> cadeira — Chimica inorganica e organica .....	Antonio Joaquim Ferreira da Silva.

(1) Estas duas ultimas disciplinas são professadas na ultima época do anno lectivo em curso biennal. E' a veterinaria que se ha de professar este anno.

---

**Dias e horas da regencia das cadeiras**

---

2.<sup>as</sup>, 3.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup>, 6.<sup>as</sup> feiras e sabbados..... VIII  $\frac{1}{2}$  ás X horas.

• • • • • ..... •

• • • • • ..... XI  $\frac{1}{2}$  á I hora.

2.<sup>as</sup>, 3.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup> feiras..... X ás XI  $\frac{1}{2}$  horas.

2.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup> feiras..... XI  $\frac{1}{2}$  á I hora.

2.<sup>as</sup>, 3.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup>, 6.<sup>as</sup> feiras e sabbados..... I ás II  $\frac{1}{2}$  horas.

•

2.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup> feiras..... XII  $\frac{1}{2}$  ás II horas.

3.<sup>as</sup>, 5.<sup>as</sup> e sabbados ..... XI  $\frac{1}{2}$  á I hora.

Designação das cadeiras	Nomes dos lentes regentes
10. <sup>a</sup> cadeira — Botanica, (1) agricultura, metallurgia e arte de minas.....	Francisco de Salles Gomes Car- doso.
11. <sup>a</sup> cadeira — Commercio..	José Joaquim Rodrigues de Freitas.
12. <sup>a</sup> cadeira — Economia po- lítica e principios de direito commercial e administrativo..	Adriano de Abreu Cardoso Ma- chado.
13. <sup>a</sup> cadeira — Mecanica ap- plicada ás construções civis (2)	Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa.

(1) Estas duas ultimas disciplinas são professadas na ultima época do anno lectivo em curso biennal. E' a metallurgia e arte de minas que se ha de professar este anno.

(2) Este curso é biennal, professando-se no 1.<sup>o</sup> anno : *Resis-  
tencia de materias — Estabilidade de construções — Construc-  
ções em geral — Vias de communicação — Pontes de todas as  
especies — Theoria das machinas de vapor;* e no 2.<sup>o</sup> anno : *Hy-  
draulica — Construções hydraulicas — Caminhos de ferro —  
Theoria das sombras — Perspectiva linear e stereotomia das  
obras de madeira.* E' a 1.<sup>a</sup> parte que se professa este anno.

A 12.<sup>a</sup> cadeira foi creada pela lei de 15 de Julho de 1857, artigo 1.<sup>o</sup> — a 18.<sup>a</sup> cadeira foi creada por decreto de 31 de De-  
zembro de 1868, artigo 35 § 1.<sup>o</sup>, e considerado em vigor pela lei  
de 2 de Setembro de 1869, artigo 1.<sup>o</sup> § 1.<sup>o</sup> — As outras cadeiras  
foram creadas pelo decreto organico de 13 de Janeiro de 1837.  
— A cadeira de artilharia e tactica naval (6.<sup>a</sup> cadeira) foi sup-  
primida pela lei de 20 de Setembro de 1844.

### **Dias e horas da regencia das cadeiras**

5.º feiras e sabbados ..... X ás XI  $\frac{1}{2}$  horas.

2.<sup>o</sup>, 3.<sup>o</sup>, 4.<sup>o</sup>, 6.<sup>o</sup> feiras e sabbados ..... VIII ás IX  $\frac{1}{2}$  horas.

**Habilitações exigidas aos alumnos para a primeira matricula nos cursos da Academia Polytechnica.**

Para a admissão á primeira matricula no curso I (engenheiros civis), a nos cursos preparatorios VI (para as escholas medico-cirurgicas) e IX (para a eschola do exercito) são exigidos os seguintes exames preparatorios :

- a) Exame final do curso completo de portuguez.
- b) Idem da primeira parte de latim.
- c) Idem de francez.
- d) Idem do curso completo de mathematica elementar.
- e) Idem de principios de physica e chimica e introduçao á historia natural.
- f) Idem da primeira parte de philosophia.
- g) Idem de geographia, chronologia e historia.
- h) Idem do curso completo de desenho.

(DD. de 22 de Maio de 1862, art.º 1.º n.º III e art.º 2.º — de 30 de Abril de 1863 — de 23 de Setembro de 1872, art.º 8.º — de 2 de Junho de 1873, art.º 5.º).

Para a admissão á primeira matricula nos cursos II (comerciantes), III (agricultores), IV (directores de fabricas) e V (artistas), são exigidos os exames preparatorios :

- a) Exame final do curso completo de portuguez.
- c) Idem de francez.
- d) Idem do curso completo de mathematica elementar.
- e) Idem de principios de physica e chimica e introduçao á historia natural.

(DD. de 22 de Maio de 1862, art.º 2.º — de 30 d'Abril de 1863, art.º 2.º).

Para a admissão á primeira matricula no curso preparatorio VII (para pharmacia), os exames finaes :

- a) Exame final do curso completo de portuguez.

- b) Idem da primeira parte de latim.
- c) Idem de francez.
- d) Idem da primeira parte de mathematica elementar.
- e) Idem de principios de physica e chimica e introduçao á historia natural.
- f) Idem da primeira parte de philosophia.

(DD. de 23 de Abril de 1840, art.º 173 — de 12 de Agosto de 1854, art.º 6 e 11 — de 23 de Março de 1873).

Para a admissao á primeira matricula no curso preparatorio VIII (para a eschola naval), os exames finaes :

- a) Exame final do curso completo de portuguez.
- c) Idem de francez.
- d) Idem do curso completo de mathematica elementar.
- e) Idem de principios de physica e chimica e introduçao á historia natural.
- h) Idem do curso completo de desenho.

(DD. de 30 de Abril de 1863, art.º 10.º — de 7 de Julho de 1864, art.º 12, n.º 1 — de 26 de Dezembro de 1868, art.º 23.º).

Todos estes exames preparatorios devem ter sido feitos perante as commissões de exames finaes de instruçao secundaria, creadas pelo decreto dc 23 de Setembró de 1872, art.º 7.º, ou em lyceus de 1.ª classe, ou no real collegio militar (DD. de 22 de Maio de 1862, art.º 1.º, n.º IV, § unico — de 30 de Abril de 1863, art.º 11.º, § unico) se esses exames forem anteriores ao citado decreto (portaria de 12 de Novembro de 1872); e as respectivas certidões devem vir reconhecidas por tabelliões da cidade do Porto.

Aos alumnos militares que pretenderem matricular-se no curso preparatorio IX (para a eschola do exercito) são além d'issso exigidos os seguintes documentos :

- a) Licença do ministerio da guerra, a qual deve ser requerida no mez de Agosto.
- b) Certidão por onde mostrem ter menos de 20 annos de idade.
- c) Certidão do assentamento de praça.
- O governo pode permittir a matricula até á idade de

22 annos aos que tiverem, pelo menos, um anno de serviço efectivo nas fileiras do exercito (art.º 6.º do D. de 2 de Junho de 1873).

A matricula é feita em 2.º classe para os alumnos que não teem todos os preparatorios *a, b, c, d, e, f, g, h*, acima designados.

Os alumnos são classificados nos actos em duas cathegorias, a saber :

*1.ª divisão de maior qualificação* comprehende os alumnos que se acham habilitados nas materias ensinadas na respectiva cadeira com toda a sua generalidade e desenvolvimento.

*2.ª divisão de menor qualificação* (que corresponde á classe d'obrigados na Universidade de Coimbra) comprehende os alumnos a quem se escusa certas materias e theorias por demasiadamente abstractas, ou por inuteis ao seu destino especial. (D. regulamentar de 6 de Novembro de 1839).

**Tabella dos emolumentos do Secretario  
da Academia Polytechnica do Porto  
e propinas de matriculas e das cartas  
de capacidade.**

Cada matricula, informação ou attestação de frequen- cia .....	réis	480
Certidão de acto ou exame .....	"	120
Busca dos livros dos annos anteriores .....	"	180
Carta de capacidade em qualquer curso .....	"	2400
Provimento de premios .....	"	14600
(Portaria do Ministerio do Reino de 3 de Abril de 1839 e edital da Directoria da Academia Polytechnica do Porto de 30 do mesmo mez e anno).		
Propina de matricula .....	réis	14200
(D. de 20 de Setembro de 1844, art.º 143.º).		
Para viação, 20 % .....	réis	240
(Carta de lei de 25 de Abril de 1876, art.º 3.º).		
Sélio de conhecimento de 1 % sobre estas duas verbas (D. regulamentar de 18 de Setembro de 1873, classe 7.º n.º 3).		14,4
Taxa das cartas de capacidade em qualquer curso—réis		14400
(D. de 13 de Janeiro de 1837).		
Para viação, 20 % .....	réis	24880
Sélio .....	"	43000
(D. regulamentar citado, classe 6.º n.º 9).		
Sélio de conhecimento sobre estas tres verbas...	"	212,8

**Livros que servem de texto nas aulas,  
no anno lectivo de 1877 a 1878**

---

**1.ª CADEIRA.**

*Franceur* — Geometria analytica no plano e no espaço, algebra superior e trigonometria espherica — ultima edição de Coimbra.

**2.ª CADEIRA.**

*Sturm* — Cours d'analyse de l'École polytechnique, 5<sup>a</sup> ed.

**3.ª CADEIRA.**

*Delaunay* — Traité de mécanique rationnelle — 5<sup>a</sup> édition.

*Leroy* — Traité de géométrie descriptive — 9<sup>a</sup> édition.

*Bour* — Cinématique.

*Claudel* — Aide-mémoire des ingénieurs, des architectes, &c. — 8<sup>a</sup> édition.

**5.ª CADEIRA.**

*Dubois* — Cours d'astronomie — 2<sup>a</sup> edition.

*Franceur* — Traité de Géodésie.

*Rodrigo de Sousa Pinto* — Astronomia.

**7.ª CADEIRA.**

*Milne Edwards* — Zoologie — 11<sup>a</sup> édition.

**8.ª CADEIRA.**

*Jamin* — Petit traité de physique à l'usage des établissements d'instruction, etc. — 1870.

**9.ª CADEIRA.**

*Grimaux* — Chimie inorganique.

Na parte da chimica organica d'esta cadeira prelecciona o lente sem dependencia de compendio.

## 10.ª CADEIRA (Botanica).

*Richard* — Éléments de botanique.

*Maout et Decaisne* — Flore des jardins et des champs.

## 11.ª CADEIRA (Commercio).

*Rodrigo Pequito* — Curso de contabilidade mercantil.

*Garnier* — Traité complet d'arithmétique théorique et appliquée au Commerce à la banque, aux finances, à l'industrie.

## 12.ª CADEIRA (Economia politica e principios de direito administrativo e commercial).

*Ch. Le Hardy de Beaulieu* — Traité élémentaire d'économie politique — 2<sup>a</sup> édition.

Na parte d'esta cadeira relativa ao ensino do direito administrativo e commercial preleciona o lente sem dependencia de compendio.

## 13.ª CADEIRA (Mecanica applicada ás construcções civis) — curso biennal.

*Bresse* — Cours de mécanique appliquée professé à l'École des Ponts et Chaussées. Première partie: Résistances des matériaux et stabilité des constructions — 2<sup>a</sup> édition.

*Sganzin* — Cours de constructions.

*Leroy* — Traité de stéréotomie — 6<sup>a</sup> édition.

*Pambour* — Théorie des machines à vapeur — 2<sup>a</sup> édition.

**Alumnos matriculados na 1.<sup>a</sup> cadeira  
no actual anno lectivo**

**1.<sup>a</sup> CADEIRA**

**1.<sup>a</sup> CLASSE.**

Arthur Carlos Machado Guimarães, natural do Porto.  
 Constantino Alvim de Vasconcellos Leite Pereira, natural d'Amorante.  
 Francisco d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, natural do Porto.  
 João Gonçalo Pacheco Pereira, natural do Porto.  
 José Carneiro Peixoto, natural de Fornos, concelho do Marco de Canavezes.  
 Julio Alberto Ferreira de Queiroz, natural do Porto.  
 Luiz d'Assumpção Junior, natural de Villa-Real.

**2.<sup>a</sup> CLASSE.**

Antonio da Silva, natural de Salreu, concelho d'Estarreja.  
 Antonio Villela d'Oliveira Marcondes, natural de Guaratinguitá (Brazil).  
 Domingos Alberto Mourão, natural de Aveiro.  
 José d'Almeida Santos, natural de Lamego.  
 José Antonio de Castro Alves, natural da Retorta, concelho de Villa do Conde.  
 José de Souza Tudella, natural de Villela, districto de Vizeu.  
 Marcellino Antonio de Souza Flores, natural de Santo Estevão de Gião, concelho de Villa do Conde.  
 Thomaz d'Aquino Pinheiro Falcão, natural de Loanda (Angola).

**2.<sup>a</sup> CADEIRA**

**1.<sup>a</sup> CLASSE.**

José Maria Chartres Henriques d'Azevedo, natural de Cortes, districto de Leiria.

**2.ª CLASSE.**

João Narciso Pinto do Cruzeiro Seixas, natural de Valença do Minho.  
José Augusto Ribeiro Sampaio, natural de Villar de Maçada, concelho d'Alijó.  
William Macdonald Smith, natural de Londres (Inglaterra).

**3.ª CADEIRA****1.ª CLASSE.**

Isidoro Antonio Ferreira, natural de Lamego.  
José Joaquim Dias, natural de Ferreirim, concelho de Sernancelhe.

**2.ª CLASSE.**

Antonio Guedes Infante Junior, natural de S. João da Foz do Douro.  
João Rodrigues Pinto Brandão, natural de S. Romão de Mouriz, Concelho de Paredes.

**4.ª CADEIRA****1.ª CLASSE.**

Adolpho Betbesé Nery de Vasconcellos, natural de Montevideu (República Oriental do Uruguai).  
Afonso do Valle Coelho Cabral, natural do Porto.  
Antonio Franco Frazão, natural da Capinha, distrito de Castello-Branco.  
Antonio José Arroyo, natural do Porto.  
Arthur Carlos Machado Guimarães, natural do Porto.  
Augusto Julio Bandeira Neiva, natural de Caramos, concelho de Felgueiras.  
Constantino Alvim de Vasconcellos Leite Pereira, natural d'Amarante.  
Filipe Gonçalves Pelouro, natural de Castello de Vide, distrito de Portalegre.  
Francisco d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, natural do Porto.

Frederico Pinto Pereira de Vasconcellos, natural de Mercêdes (República Oriental do Uruguai).  
 Izidoro Antonio Ferreira, natural de Lamego.  
 João Gonçalo Pacheco Pereira, natural do Porto.  
 José Joaquim Dias, natural de Ferreirim, concelho de Sernancelhe.  
 José Maria Chartres Henriques d'Azevedo, natural de Córtes, distrito de Leiria.  
 Julio Alberto Ferreira de Queiroz, natural do Porto.  
 Luiz d'Assumpção Junior, natural de Villa-Real.  
 Paulo de Barros Pinto Osorio, natural da Regoa.

## 2.ª CLASSE.

Antonio Guedes Infante Junior, natural de S. João da Foz do Douro.  
 Antonio da Silva, natural de Salreu, concelho d'Estarreja.  
 Antonio Villela d'Oliveira Marcondes, natural de Guaratinguitá (Brazil).  
 Henrique Pereira Pinto Bravo, natural de Porto das Caixas (Brazil).  
 João Chrysostomo Lopes, natural da Caehoeira (Brazil).  
 João Narciso Pinto do Cruzeiro Seixas, natural de Valença do Minho.  
 João Rodrigues Pinto Brandão, natural de S. Romão de Mouriz, concelho de Paredes.  
 José d'Almeida Santos, natural de Lamego.  
 José Antonio de Castro Alves, natural da Retorta, concelho de Villa do Conde.  
 José Augusto Ribeiro Sampaio, natural de Villar de Maçada, concelho d'Alijó.  
 Marcellino Antonio de Souza Flores, natural de Santo Estevão de Gião, concelho de Villa do Conde.  
 William Macdonald Smith, natural de Londres (Inglaterra).

## 5.ª CADEIRA

## 1.ª CLASSE.

Adolpho Betbesé Nery de Vasconcellos, natural de Montevideu (República Oriental do Uruguai).

**Frederico Pinto Pereira de Vasconcellos, natural de Mercedes**  
 (República Oriental do Uruguai).

**Paulo de Barros Pinto Osorio, natural da Regoa.**

**2.ª CLASSE.**

**Henrique Pereira Pinto Bravo, natural de Porto das Caixas**  
 (Brazil).

**7.ª CADEIRA**

**1.ª CLASSE.**

**Abilio José Ferreira Castel-Branco, natural de Villa-Chã de**  
**Poiares, distrito de Coimbra.**

**André de Moraes Frias Sampaio e Mello, natural de Santa Ma-**  
**ria Magdalena, concelho de Carrazeda d'Anciães.**

**Antonio de Padua da Silva Junior, natural do Porto.**

**Antonio Pereira de Paiva e Pona, natural de Lisboa.**

**Francisco d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, natural**  
**do Porto.**

**Gregorio Carneiro da Fonseca, natural de Barcellos.**

**João Augusto Alves de Magalhães, natural de Penafiel.**

**José Maria de Queiroz Velloso, natural de Barcellos.**

**Manoel Antonio Affonso Salgueiro, natural de Valença do Mi-**  
**nho.**

**Manoel Joaquim Peixoto do Rego, natural de Santa Maria de**  
**Palmeira, concelho de Braga.**

**Manoel Pereira da Cruz, natural de Aveiro.**

**Nicolau Maximo Felgueiras, natural de Lisboa.**

**2.ª CLASSE.**

**Alvaro Leão Baptista Dias, natural do Porto.**

**Annibal Paulino Teixeira, natural de Chaves.**

**Antonio Augusto da Rocha, natural de S. Martinho d'Anta, con-**  
**celho de Sobreira.**

**Augusto Antonio dos Santos Junior, natural do Porto.**

**Domingos José Affonso, natural de Meirinhos, concelho de Mo-**  
**gadouro.**

**Evaristo Gomes Saraiva, natural de Santo Adrião, concelho de**  
**Armação.**

**Francisco da Silva Carreiras, natural d'Ovar.**  
 Frederico Ferreira Corrêa Vaz, natural de Loanda (Angula).  
 João Augusto da Canha Sampaio Maia, natural de S. João de Vêz, concelho da Feira.  
 João Rodrigues Pinto Brandão, natural de S. Romão de Mouriç, concelho de Paredes.  
 Joaquim da Rocha Maciel, natural de Leça da Palmeira, concelho de Bouças.  
 José Pereira Sampaio, natural do Porto.  
 Manoel José d'Oliveira Heiter, natural de Romariz, concelho da Feira.

#### 7.º CADEIRA (b)

##### VETERINARIA

###### 1.º CLASSE.

Adolpho Betbesé Nery de Vasconcellos, natural de Montevideo (República Oriental do Uruguay).  
 Antonio José Arroyo, natural do Porto.  
 Frederico Pinto Pereira de Vasconcellos, natural de Mercedes (República Oriental do Uruguay).  
 José Guilherme Baptista Dias, natural do Porto.  
 José Joaquim Dias, natural de Ferreirim, concelho de Cernache.  
 José Maria de Queiroz Velloso, natural de Barcellos.  
 Paulo de Barros Pinto Osorio, natural da Regoa.  
 Paulo Marcellino Dias de Freitas, natural de Terras de Bouro, distrito de Braga.

###### 2.º CLASSE.

Henrique Pereira Pinto Bravo, natural de Porto das Caixas (Brazil).  
 João Chrysostomo Lopes, natural da Cachoeira (Brazil).

#### 8.º CADEIRA

###### 1.º CLASSE.

Antonio d'Almeida Loureiro e Vasconcellos, natural de Vizeu.  
 Antonio José Gonçalves, natural de Gontinhães, concelho de Caminha.  
 Arthur Carlos Machado Guimarães, natural do Porto.  
 Caetano Ribeiro Vianna, natural de Lagos.

Carlos Alberto de Moura Maldonado, natural de Tondella, distrito de Vizeu.  
Constantino Alvim de Vasconcellos Leite Pereira, natural d'Amarante.  
Francisco Eduardo Leite da Silva, natural de Santa Comba de Fornelos, concelho de Fafe.  
João Cândido Corsino, natural de Lisboa.  
João Maria Valente, natural de Santa Anna de Cambas, distrito de Beja.  
Joaquim Ferreira de Souza Garcez, natural do Porto.  
José Carneiro Peixoto, natural de Fornos, concelho do Marco de Canavezes.  
José Miranda Guedes, natural de Penajóia, concelho de Lamego.  
Julio Arthur Lopes Cardoso, natural de Braga.  
Luiz d'Assumpção Junior, natural de Villa-Real.  
Manoel António d'Abreu, natural de Pangim (India).  
Manoel Belleza da Costa Almeida Ferraz, natural de Barcelinhos, concelho de Barcelos.  
Manoel Ferreira da Silva Couto Junior, natural do Porto.  
Manoel Lopes d'Almeida, natural do Rio de Janeiro (Brazil).  
Simão Freire de Carvalho Falcão, natural de Castello-Bom, concelho d'Almeida, distrito da Guarda.  
Theotonio Augusto Alcoforado, natural de Vouzella.

#### 2.ª CLASSE.

Albino Moreira de Souza Baptista, natural de Cabeça Santa, concelho de Penafiel.  
Antonio Augusto Carreira, natural de Santa Eulalia da Villa de Fafe, distrito de Braga.  
Antonio José Ferreira da Silva Junior, natural de Porto-Alegre (Brazil).  
Antonio José Gomes, natural de Pousafolles, concelho de Sabugal.  
Antonio José Lopes, natural de Panoias, concelho de Braga.  
Antonio Teixeira de Souza, natural de Celleiróz, concelho de Sabroza.  
Arnaldo Pacheco Dias Torres, natural de S. Pedro de Ferreira, concelho de Paços de Ferreira.  
Arthur Lessa de Carvalho, natural de Lamego.  
Bomfilho Diniz, natural de Macau.

Bernardo Joaquim da Silva e Cunha, natural de Longos, concelho de Guimarães.

Carlos Galrão, natural de Azueira, concelho de Mafra.

Domingos Alberto Mourão, natural de Aveiro.

Francisco Mendes Maldonado Pedrozo, natural de Santarem.

Jacinto Parreira Lança, natural de Castro-Verde, districto de Beja.

João Augusto Marques, natural de Ribas de Pinheiro de Paiva, concelho de Castro-Daire.

João Duarte da Costa Rangel, natural do Porto.

Joaquim Ferreira da Cavada, natural de Rio-Tinto, concelho de Gondomar.

Joaquim José Marques d'Abreu, natural de Lisboa.

Joaquim Leão Nogueira de Meirelles, natural de Pena-Maior, concelho de Paços de Ferreira.

Joaquim Vieira d'Araujo Braga, natural de Joanne, concelho de Villa Nova de Famalicão.

José Augusto Ribeiro de Sampaio, natural de Villar de Maçada, concelho d'Alijó.

José Maria Galvão de Mello, natural do Porto.

José Tavares da Silva Rebello, natural de Salreu, concelho de Estarreja.

Manoel de Barros Leal, natural de Perozello, concelho de Penafiel.

Manoel Zerbone Junior, natural de Horta (Ilha do Fayal).

Sebastião Pinto Peixoto Portella de Vasconcellos, natural do Porto.

José de Souza Tudella, natural de Villela, districto de Vizeu.

#### 9.ª CADEIRA

##### 1.ª CLASSE.

Antonio d'Almeida Loureiro Vasconcellos, natural de Vizeu.

Antonio José Gonçalves, natural de Gontinhães, concelho de Caminha.

Caetano Ribeiro Vianna, natural de Lagos.

Carlos Alberto de Moura Maldonado, natural de Tondella, districto de Vizeu.

Francisco Eduardo Leite da Silva, natural de Santa Comba de Fornelos, concelho de Fafe.

João Cândido Corsino, natural de Lisboa.  
 João Gonçalo Pacheco Pereira, natural do Porto.  
 João Maria Valente, natural de Sant'Anna de Cambas, distrito de Beja.  
 Joaquim Ferreira de Souza Garcez, natural do Porto.  
 José Carneiro Peixoto, natural de Fornos, concelho de Marco de Canavezes.  
 José Maria Chartres Henriques d'Azevedo, natural de Córtes, distrito de Leiria.  
 Julio Arthur Lopes Cardoso, natural de Braga.  
 Manoel António d'Abreu, natural de Pangim (India).  
 Manoel Belleza da Costa Almeida Ferraz, natural de Barcelinhos, concelho de Barcelos.  
 Manoel Ferreira da Silva Couto Junior, natural do Porto.  
 Manoel Lopes d'Almeida, natural do Rio de Janeiro (Brazil).  
 Simão Freire de Carvalho Falcão, natural de Castello-Bom, concelho d'Almeida.  
 Theotonio Augusto Alcoforado, natural de Vouzella.  
 José Miranda Guedes, natural de Penajóia, concelho de Lamego.

**2.ª CLASSE.**

Albino Moreira de Souza Baptista, natural de Cabeça Santa, concelho de Penafiel.  
 Antonio Augusto Carreira, natural de Santa Eulalia da Villa de Fafe, distrito de Braga.  
 Antonio José Gomes, natural de Pousafolles, concelho de Sabugal.  
 Antonio José Ferreira da Silva Junior, natural de Porto-Alegre (Brazil).  
 Antonio Teixeira de Souza, natural de Celleiroz, concelho de Sabroza.  
 Arnaldo Pacheco Dias Torres, natural de S. Pedro de Ferreira, concelho de Paços de Ferreira.  
 Arthur Lessa de Carvalho, natural de Lamego.  
 Bomfim Diniz, natural de Macau.  
 Bernardo Joaquim da Silva e Cunha, natural de Longos, concelho de Guimarães.  
 Carlos Galrão, natural de Azueira, concelho de Mafra.  
 Domingos Alberto Mourão, natural d'Aveiro.  
 Eugenio Cândido de Sá Braga, natural de Bragança.  
 Francisco Mendes Maldonado Pedrozo, natural de Santarém.

Jacintho Parreira Lança, natural de Castro-Verde, districto de Beja.

João Augusto Marques, natural de Ribas de Pinheiro de Paiva, concelho de Castro-Daire.

João Duarte da Costa Rangel, natural do Porto.

Joaquim Ferreira da Cavada, natural de Rio-Tinto, concelho de Gondomar.

Joaquim José Marques d'Abreu, natural de Lisboa.

Joaquim Leão Nogueira de Meirelles, natural de Pena-Maior, concelho de Paços de Ferreira.

Joaquim Vieira d'Araujo Braga, natural de Joanne, concelho de Villa Nova de Famalicão.

José Maria Galvão de Mello, natural do Porto.

José Tavares da Silva Rebello, natural de Salreu, concelho de Estarreja.

Manoel de Barros Leal, natural de Perozello, concelho de Penafiel.

Manoel Zerbone Junior, natural de Horta (Ilha do Fayal).

Sebastião Pinto Peixoto Portella de Vasconcellos, natural do Porto.

Thomaz d'Aquino Pinheiro Falcão, natural de Loanda (Angola).

William Macdonald Smith, natural de Londres (Inglaterra).

Antonio José Lopes, natural de Panoias, concelho de Braga.

#### 10.º CADEIRA

##### 1.ª CLASSE.

Abilio José Ferreira Castel-Branco, natural de Villa-Chã de Poiares, districto de Coimbra.

Affonso do Valle Coelho Cabral, natural do Porto.

André de Moraes Friaas Sampaio e Mello, natural de Santa Maria de Magdalena, concelho de Carrazeda d'Anciães.

Antonio Franco Frazão, natural de Capinha, districto de Castello Branco.

Antonio José Arroyo, natural do Porto.

Antonio de Padua da Silva Junior, natural do Porto.

Antonio Pereira de Paiva Pona, natural de Lisboa.

Augusto Julio Bandeira Neiva, natural de Caramos, concelho de Felgueiras.

Filippe Gonçalves Pelouro, natural de Castello de Vide, districto de Portalegre.

Francisco d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, natural do Porto.

Gregorio Carneiro da Fonseca, natural de Barcellos.

João Augusto Alves de Magalhães, natural de Penafiel.

João Henrique Adolpho von Hafe, natural do Porto.

José Maria de Queiroz Velloso, natural de Barcellos.

Manoel Antonio Affonso Salgueiro, natural de Valença do Minho.

Manoel Joaquim Peixoto do Rego, natural de Santa Maria da Palmeira, concelho de Braga.

Manoel Pereira da Cruz, natural de Aveiro.

Nicolau Maximo Felgueiras, natural de Lisboa.

#### 2.º CLASSE.

Alvaro Leão Baptista Dias, natural do Porto.

Annibal Paulino Teixeira, natural de Chaves.

Antonio Augusto da Rocha, natural de S. Martinho d'Anta, concelho de Sabroza.

Augusto Antonio dos Santos Junior, natural do Porto.

Domingos José Affonso, natural de Meirinhos, concelho de Mogadouro, distrito de Bragança.

Evaristo Gomes Saraiva, natural de Santo Adrião, concelho de Armamar.

Francisco da Silva Carrelhas, natural d'Ovar.

Frederico Ferreira Corrêa Vaz, natural de Loanda (Angola).

João Augusto da Cunha Sampaio Maia, natural de S. João de Vér, concelho da Feira.

João Chrysostomo Lopes, natural da Cachoeira (Brazil).

Joaquim da Rocha Maciel, natural de Leça da Palmeira, concelho de Bouças.

José Pereira Sampaio, natural do Porto.

Manoel José d'Oliveira Heitor, natural de Romariz, concelho da Feira.

#### 10.º CADEIRA (b)

#### METALLURGIA E ARTE DE MINAS

##### 1.ª CLASSE.

Adolpho Betbesé Nery de Vasconcellos, natural de Montevideu (República Oriental do Uruguay).

Frederico Pinto Pereira de Vasconcellos, natural de Mercêdes  
(República Oriental do Uruguai).

José Guilherme Baptista Dias, natural do Porto.

Paulo de Barros Pinto Osorio, natural da Regoa.

Paulo Marcellino Dias de Freitas, natural de Terras de Bouro,  
distrito de Braga.

#### 2.ª CLASSE.

João Narciso Pinto do Cruzeiro Seixas, natural de Valença do  
Minho.

### 12.ª CADEIRA

#### 1.ª CLASSE.

Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão, natural de Braga.

Arthur Carlos Machado Guimarães, natural do Porto.

Felix da Fonseca Moura Junior, natural do Porto.

José Guilherme Baptista Dias, natural do Porto.

José Maria Chartres Henriques d'Azevedo, natural de Córtes,  
distrito de Leiria.

Paulo de Barros Pinto Osorio, natural da Regoa.

Paulo Marcellino Dias de Freitas, natural de Terras de Bouro,  
distrito de Braga.

#### 2.ª CLASSE.

Domingos José Affonso, natural de Meirinhos, concelho de Mo-  
gadouro, distrito de Bragança.

José Augusto Ribeiro Sampaio, natural de Villar de Maçada,  
concelho d'Alijó.

William Macdonald Smith, natural de Londres (Inglaterra).

### 13.ª CADEIRA

#### 1.ª CLASSE.

Adolpho Betessé Nery de Vasconcellos, natural de Montevideu  
(República Oriental do Uruguai).

Affonso do Valle Coelho Cabral, natural do Porto.

Antonio Franco Frazão, natural da Capinha, distrito de Cas-  
tello-Branco.

Antonio José Arroyo, natural do Porto.

Augusto Julio Bandeira Neiva, natural de Caramos, concelho de Felgueiras.

Filippe Gonçalves Pelouro, natural de Castello de Vide, distrito de Portalegre.

Frederico Pinto Pereira de Vasconcellos, natural de Mercedes (República Oriental do Urugnay).

João Henrique Adolpho von-Hafe, natural do Porto.

Paulo de Barros Pinto Osorio, natural da Regoa).

**2.º CLASSE.**

Henrique Pereira Pinto Bravo, natural do Porto das Caixas (Brazil).

João Chrysostomo Lopes, natural da Cachoeira (Brazil).

**Alumnos premiados e distintos  
nas cadeiras dos cursos da Academia  
no anno lectivo de 1876 a 1877**

---

- 1.<sup>a</sup> *Cadeira* (Algebra superior, geometria analytica no plano e no espaço e trigonometria espherica).
  - 1.<sup>a</sup> distincção — Miguel Evaristo Teixeira de Passos.
  - 2.<sup>a</sup>      — José Augusto Ribeiro de Sampaio.
- 2.<sup>a</sup> *Cadeira* (Calculos differencial, integral, das diferenças e das variações).
  - 1.<sup>a</sup> distincção — João Rodrigues Pinto Brandão.
  - 2.<sup>a</sup>      por ordem da matricula :
 

José Joaquim Dias.  
Isidoro Antonio Ferreira.
- 3.<sup>a</sup> *Cadeira* (Mecanica rational e geometria descriptiva).
 

Accessit — Frederico Pinto Pereira de Vasconcellos.
- 4.<sup>a</sup> *Cadeira* (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> parte — Desenho de figura e paisagem).
 

Accessit — William Macdonald Smith.
- 4.<sup>a</sup> *Cadeira* (5.<sup>a</sup> parte — Desenho de topographia).
 

Accessit — João Chrysostomo Lopes.
- 5.<sup>a</sup> *Cadeira* (Astronomia e geodesia).
 

Accessit — Augusto Julio Bandeira Neiva.
- 7.<sup>a</sup> *Cadeira* (Zoologia).
 

Accessit — Antonio de Souza Magalhães e Lemos.

Distintos por ordem da matricula :

Arthur Sallustiano Maia Mendes.  
José Machado do Valle.  
João Maria Gonçalves da Silveira Fi-  
gueiredo.  
Erminio do Nascimento Duarte Fer-  
reira.

## 8.º Cadeira (Physica).

Accessit por ordem da matricula :

José Maria de Queiroz Velloso.  
 João Augusto da Cunha Sampaio  
 Maia.

Alvaro Leão Baptista Dias.

Distinctos por ordem da matricula :

Antonio de Padua da Silva, Junior.  
 Francisco d'Albuquerque de Mello  
 Pereira Caceres.  
 Miguel Caetano Dias.  
 Aristides Bernardo de Souza.  
 João Augusto Alves de Magalhães.

## 9.º Cadeira (Chimica).

Accessits por ordem da matricula :

João Augusto da Cunha Sampaio  
 Maia.

Alvaro Leão Baptista Dias.

Distinctos — 1.º — Antonio de Padua da Silva, Junior.

José Maria de Queiroz Velloso.

2.º — Gregorio Carneiro da Fonseca.

3.º — Manoel Joaquim Peixoto do Rego.

4.º — Evaristo Gomes Saraiva.

## 10.º Cadeira (Botanica).

1.º Accessits — Antonio de Souza Magalhães e Lemos.

José Gomes da Silva.

Manoel d'Albuquerque de Mello Pereira Ca-  
 ceras.(Estes dois ultimos alumnos tiveram um voto de lou-  
 vor pelos seus trabalhos de classificação botanica).

2.º Accessits — Antonio Miguel Belleza d'Andrade.

Luiz Antonio Ferreira Girão.

Distinctos por ordem da matricula :

Maximiano Augusto d'Oliveira Le-  
 mos, Junior.

Sebastião Augusto Nogueira Soares.

João Maria Gonçalves da Silveira Fi-  
 gueiredo.

**13.º Cadeira (Mecanica applicada ás construções civis),**

**1.º Accessits por ordem da matricula :**

Augusto Julio Bandeira Neiva.

Antonio Miguel Belleza d'Andrade.

**2.º Accessits por ordem da matricula :**

Antonio José Arroyo.

Manoel d'Albuquerque de Mello Pe-  
reira Caceres.

**Obras offerecidas á Academia  
Polytechnica do Porto, durante o anno  
lectivo de 1876 a 1877**

Alfredo Augusto Schiappa Monteiro de Carvalho, lente da Escola polytechnica de Lisboa — Mémoire de Géométrie descriptive sur l'intersection des surfaces du second ordre et des surfaces de révolution soit entre elles-mêmes, soit avec quelques surfaces particulières. — 1 vol. — 1875.

Simão Rodrigues Ferreira — Ruinas da Citania; memoria historica — 1.ª visita archeologica — Junho 9, de 1877.

Dr. Francisco Gomes Teixeira, lente de mathematica na Universidade de Coimbra e socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa — Jornal de Sciencias matematicas e astronomicas.

J. F. N. Delgado — Elogio historico de José Victorino Damazio, 1877.

Université libre de Bruxelles; année académique 1876-1877 — Discours d'ouverture prononcés en séance publique, Octobre 1876.

Don Manuel Navarro y Murillo — Memoria sobre los absurdos, males, peligros y otros excesos de las corridas de toros. — 1876.

O imperio do Brasil na exposição universal de 1876 em Philadelphia.

Carta physica do Brasil mostrando os systemas orographico e hydrographico d'esta região, por F. J. M. Homem de Mello. — 1875.

Annual report of the board of regents of the Smithsonian insti-

tution, showing the operations, expenditures, and condition of the institution for the year 1874 — Washington: Government printing office. — 1875.

O Jardim botanico da Universidade de Coimbra pelo Dr. Julio Augusto Henriques, director do mesmo jardim.

**Obras adquiridas para a bibliotheca da  
Academie Polytechnica do Porto, du-  
rante o anno lectivo de 1876 a 1877.**

	Vol.
Works of Henry lord Brougham . . . . .	11
Macleod, Economical philosophy — 1872 . . . . .	2
, The elements of banking . . . . .	1
Francis Walker, Statistical atlas of the United States ba- sed on the results of the ninth census -- 1870. . . . .	1
Rolley, Recherches chimiques . . . . .	1
Carlo Berti Pichat — Instituzioni scientifiche e tecniche ossia corso teorico e pratico di agricoltura (1851-70)	7
Sturm, Cours d'analyse . . . . .	2
With, Les machines . . . . .	2
Ganot, Physique . . . . .	1
Du Puynode, Les grandes crises financières de la France	1
Gervais et Boulart, Les poissons . . . . .	3
Hardy de Beaulieu, Economie politique . . . . .	1
Timmermans, Mécanique rationnelle. . . . .	1
Dubois, Astronomie, 2 <sup>o</sup> ed. . . . .	1
Sommet, Éléments de mécanique. . . . .	1
Buignet, Manipulations de physique . . . . .	1
Hirn, Mémoire sur les conditions d'équilibre et sur la nature probable des anneaux de Saturne . . . . .	1
Hirn, Le monde de Saturne . . . . .	1
Tisserand, Exercices de calcul infinitesimal . . . . .	1
Radau, L'astronomie stellaire . . . . .	1
Yvon Villarceau, sur l'établissement des arches de pont, envisagé au point de vue de la plus grande stabilité.	1
Gaudard, Études comparatives de divers systèmes de ponts en fer . . . . .	1
Édouard Jannetaz, Le chalumeau, analyses qualitatives et quantitatives . . . . .	1
Wurtz, Dictionnaire de chimie . . . . .	Fasc.
Haton de la Gaupillière, Theses de mécanique sur une théorie nouvelle de la géométrie des masses . . . . .	1

	Vol.
Sturm, Cours de mécanique . . . . .	2
Bachet (Claude-Gaspar), Problèmes plaisants et délectables qui se font par les nombres . . . . .	1
Biot, Études sur l'astronomie indienne et chinoise . . . . .	1
Wurtz, Chimie moderne . . . . .	1
Schödler, Éléments de botanique . . . . .	1
Davy, Les mouvements de l'atmosphère . . . . .	1
Flammarion (Camille), Les terres du Ciel . . . . .	1
Paul Laurencin, Le télégraphe . . . . .	1
Littré, Fragments de philosophie positive. . . . .	1
Gaudin, Le monde des atomes . . . . .	1
Hartman, Le Darwinisme . . . . .	1
Connaissance des temps pour l'an 1877 . . . . .	1
Annuaire de l'Observatoire de Montsouris . . . . .	1
Annuaire du bureau des longitudes pour l'an 1877 . . . . .	1
Resal, Mécanique générale . . . . .	4
Courtois, Banque de France. . . . .	1
Waelbroeck, Commentaire relatif aux sociétés . . . . .	1
Joly, L'homme et l'animal . . . . .	1
Bard et Robiquet, La constitution française . . . . .	1
Spencer (Herbert), Science sociale . . . . .	1
" Éléments de science sociale . . . . .	1
Jacolliot, Voyage au pays de la liberté . . . . .	1
Conche, Matériel roulant, tome 3 <sup>e</sup> . . . . .	1
Scheler, Le livre de la nature . . . . .	1
" Éléments de minéralogie, géognosie et géologie . . . . .	1
Bastiné, Code de la bourse . . . . .	1
Ramé, Architecture . . . . .	1
Molinari, Lettres sur les États-Unis et le Canada . . . . .	1
Deberle, Histoire de l'Amérique du Sud . . . . .	1
Sedillot, Histoire générale des arabes . . . . .	2
Karl Marx, Le capital, tom. I . . . . .	1
Lyell, Éléments de géologie . . . . .	1
Annales de chimie et de physique (6 annos) 1864, 1872, 1873, 1874, 1875, 1876. . . . .	2
Duchartre, Botanique . . . . .	1
Hoechel, Anthropogénie . . . . .	1
Franck, Dictionnaire des sciences philosophiques . . . . .	1



**Publicações periodicas**

The Economist.  
Newyork-journal of Commerce.  
Mack Lane Express.  
Farmer's Magasine.  
Giornale degli economisti.  
Revista das Obras publicas e minas.  
Comptes rendus des séances de l'Académie des sciences.  
Bulletin des sciences mathématiques et astronomiques.  
Journal des mathématiques pures et appliquées.  
Annales scientifiques de l'Ecole normale supérieure.  
Revue scientifique, politique et littéraire.  
Journal d'agriculture pratique.  
Annales de chimie et de physique.  
Bibliothèque universelle et revue suisse.  
Révue des deux mondes.  
Diario do Governo.  
Collecção oficial de legislação portugueza.



**Mappa estatistico do movimento  
anno lectivo de**

	ALUMNOS							
	1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>	4. <sup>a</sup>	5. <sup>a</sup>	7. <sup>a</sup>	7. <sup>a</sup> a)	7. <sup>a</sup> b)
Matriculados	Curso preparatorio para a escola do exercito .....							
	Curso preparatorio para a escola na- val .....	1						
	Total dos militares	1						
	Alumnos civis....	6	4	3	24	6	89	19
Aprovamento	Total dos matricu- lados.....	7	4	3	24	6	39	19
	Perderam o anno ..	3			2		1	
	Approvedos.....	4	4	3	22	5	88	19
	Reprovados .....					1		
Distintos	Com premio pecu- niario .....							
	Com premio hono- rifico.....							
	Accessit.....			1	2	1	1	
	Com menção hon- rosa.....	2	8					
	Total dos distin- tos.....	2	8	1	2	1	5	
Tiraram carta :								
de engenheiro civil de Pontes e Estradas . . . . .								1
de engenheiro de Minas . . . . .								1

**da Academia Polytechnica, no  
1876 a 1877**

POR CADEIRAS								TOTAL	
8. <sup>a</sup>	9. <sup>a</sup>	10. <sup>a</sup>	10. <sup>a</sup> a)	10. <sup>a</sup> b)	11. <sup>a</sup>	12. <sup>a</sup>	13. <sup>a</sup>	Por ca- deiras	Contados indivi- dua- lmen- te
1								2	1
1								2	1
34	36	40	10	5		7	11	256	95
35	36	40	10	5		7	11	258	96
3	2	1				1		13	
31	29	39	10	5		6	11	238	
1	5							7	
3	2	5					4	19	13
5	5	3						22	20
8	7	8					4	41	33

Na 9.<sup>a</sup> cadeira houve mais tres repetições d'acto, em Julho, ficando os alunos aprovados com qualificação maior.

**Individuos que obtiveram carta de capacidade em diferentes cursos da Academia Polytechnica do Porto desde a reforma em Polytechnica até ao actual anno lectivo.**

NOMES	Data em que foi conferida a carta do curso
<b>Engenheiros de pontes e estradas</b>	
Gustavo Adolpho Gonçalves e Souza.	18 de Setembro de 1850.
Henrique Guiherme Thomaz Branco.	4 de Março de 1854.
Carlos Augusto d'Abreu.....	6 de Março de 1854.
Manoel d'Almeida Ribeiro .....	18 d'Outubro de 1854.
Francisco Xavier d'Almeida Ribeiro .	17 de Julho de 1857.
Miguel Maria Gomes.....	22 de Julho de 1858.
Francisco da Silva Ribeiro .....	5 d'Outubro de 1858.
Henrique Augusto da Silva .....	27 de Julho de 1859.
José de Macedo d'Araujo, Junior .....	7 de Janeiro de 1860.
Joaquim d'Azevedo Souza Vieira da Silva Albuquerque.....	3 d'Agosto de 1861. Idem.
João Allen.....	5 d'Agosto de 1861.
Francisco Antonio de Rezende .....	15 de Julho de 1862.
José Joaquim Rodrigues de Freitas, Junior.....	Idem. Idem.
José Taveira de Carvalho Pinto e Me- nezes.....	17 d'Outubro de 1863.
Arthur Kopke de Calheiros Lobo....	18 de Julho de 1865.
Alfredo Praça de Vasconcellos Pereira d'Almeida .....	26 de Julho de 1865.
Antonio Maria Kopke de Carvalho...	7 de Setembro de 1865.
Francisco Garcia, Junior .....	
Antonio José Antunes.....	

NOMES	Data em que foi conferida a carta do curso
D. Luiz Benedicto de Castro (Conde de Rezende) .....	5 de Setembro de 1866.
José Guilherme Parada e Silva Leitão .....	24 de Novembro de 1866.
José Jeronymo de Faria .....	30 de Novembro de 1866.
João Gualberto Povoas .....	21 de Dezembro de 1866.
Antonio Távares d'Almeida Lebre .....	22 de Dezembro de 1866.
Alexandre Simões da Conceição .....	10 d'Abril de 1867.
Alvaro Alão Pacheco .....	Julho de 1867.
Antonio Placido de Vasconcellos Peixoto .....	31 de Julho de 1867.
Henrique Barboza Gonçalves Moreira .....	11 de Setembro de 1867.
Custodio d'Almeida .....	13 de Novembro de 1867.
Antonio José de Sá .....	21 de Setembro de 1868.
Antonio Ferreira d'Araujo e Silva .....	18 de Setembro de 1868.
Manoel Duarte Guimarães Pestana da Silva .....	15 de Dezembro de 1869.
José Joaquim Guimardes Pestana da Silva .....	Idem.
José Macario Teixeira .....	15 de Janeiro de 1870.
Sebastião José Lopes .....	1 d'Agosto de 1870.
João Honorato da Fonseca Regala .....	22 de Março de 1871.
Angelo José Moniz .....	17 d'Outubro de 1871.
Rodrigo de Mello e Castro de Aboim .....	24 d'Agosto de 1872.
Alfredo Soares .....	30 d'Agosto de 1872.
Diniz Theodoro d'Oliveira .....	9 de Setembro de 1872.
Antonio José d'Albuquerque do Amaral Cardoso .....	3 de Dezembro de 1872.
Luiz Xavier Barboza .....	30 de Setembro de 1872.
Manoel Rodrigues de Miranda, Junior .....	7 d'Outubro de 1873.
Joaquim Duarte Moreira de Souza .....	16 de Março de 1876.
Elvino José de Souza e Brito .....	28 de Julho de 1876.
Antonio Miguel Belleza d'Andrade .....	27 de Julho de 1877.
<b>Engenheiros de minas</b>	
Francisco Garcia, Junior .....	1 d'Agosto de 1865.

NOMES	Data em que foi conferida a carta do curso
Alvaro Alão Pacheco.....	Julho de 1867.
José Macario Teixeira.....	18 de Setembro de 1868.
Antonio Ferreira d'Araujo e Silva.....	18 de Setembro de 1868.
Angelo José Moniz .....	17 d'Outubro de 1871.
Rodrigo de Mello e Castro de Aboim.....	24 d'Agosto de 1872.
Alfredo Soares .....	30 d'Agosto de 1872.
Diniz Theodoro d'Oliveira .....	9 de Setembro de 1872.
Antonio José d'Albuquerque do Amaral Cardoso .....	3 de Dezembro de 1872.
Luiz Xavier Barboza .....	30 de Setembro de 1872.
Manoel Rodrigues de Miranda, Junior.....	7 d'Outubro de 1873.
Justino Marques d'Oliveira .....	13 de Março de 1876.
Elvino José de Souza e Brito .....	29 de Julho de 1876.
Manoel Tavares d'Almeida Maia.....	26 de Maio de 1877.
Antonio Miguel Belleza d'Andrade.....	27 de Julho de 1877.
<b>Engenheiros geographos</b>	
Francisco Garcia, Junior .....	9 de Fevereiro de 1866.
<b>Agricultores</b>	
Agostinho da Silva Vieira .....	1 d'Abril de 1863.

NOMES	Data em que foi conferida a carta do curso
<b>Commerciantes</b>	
Antonio Nunes Ferreira Coimbra..... Domingos Candido d'Almeida Ribeiro Julio Kopke Severim da Fonseca..... Henrique Cesar Ferreira Pinto..... Abilio Martins d'Agujar.....	25 de Setembro de 1863. 3 de Novembro de 1863. 8 de Março de 1864. 8 de Janeiro de 1869. 3 de Setembro de 1872.
<b>Artistas</b>	
Guilherme de Souza Pereira d'Arnaud José Ernesto de Freitas ..... João Eduardo da Rocha Soares.....	10 de Janeiro de 1846. 18 d'Outubro de 1854. 29 de Setembro de 1856.
<b>Directores de fabricas</b>	
Francisco Garcia, Junior .....	17 de Novembro de 1865.



# MEMORIA HISTORICA

DA

# ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO

PELO CONSELHEIRO

Adriano de Abreu Cardoso Machado

Director da mesma Academia.



# MEMORIA HISTORICA

DA

ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO

---

## I

ORIGENS  
(1762 — 1803)

Fundada em 1803 com o nome de *academia real da marinha e commercio da cidade do Porto*, e reformada, com o titulo de que hoje usa, pelo decreto de 13 de janeiro de 1837, a Academia Polytechnica tem a sua primeira raiz n'uma aula de nautica estabelecida n'esta cidade em 1762.

No anno anterior ao da criação d'esta aula os principaes negociantes do Porto, vendo ameaçada a navegação pelos piratas e corsarios de Argel e de Salé, propuzeram ao Rei um imposto especial para a cons-

truccão e custeio de duas fragatas de guerra, destinadas a comboiar as embarcações nas suas viagens entre esta cidade e os portos da então colonia portugueza, hoje imperio, do Brazil.

Consistia o imposto em 2 por cento sobre o valor das fazendas importadas e exportadas pelo consulado da alfandega do Porto, e sobre a importancia dos fretes das mercadorias que sahissem nas esquadras comboiadas.

Os negociantes pediam que a cobrança da nova contribuição, bem como a construcção e administração das fragatas, fosse encarregada á Junta administrativa da *Companhia geral da agricultura das vinhas do Alto-Douro*, cujos privilegios seriam accrescentados com os que haviam sido concedidos á Companhia de Pernambuco. A nova contribuição era proposta com o caracter de donativo offerecido pelo commercio, que espontaneamente se sujeitava ao seu pagamento, e só devia conservar-se em quanto existissem as fragatas, e fossem empregadas nos usos para que eram requeridas.

A Companhia das vinhas do Alto-Douro era a principal interessada no bom exito d'esta pretensão, aliás de manifesta utilidade publica, não só por que se alargava a esphera do seu poder, como porque tinha, com outros extraordinarios privilegios, o commercio exclusivo dos vinhos, aguas-ardentes e vinares exportados pela barra do Porto para as capita-

nias de S. Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco<sup>1</sup>. Ella foi provavelmente a auctora do plano, posto que tivesse o cuidado de o occultar, e todos os membros da sua Junta administrativa, alguns dos quaes eram na verdade grandes armadores, apparecem assignados na representação como simples negociantes, confundidos com os outros signatários.

Apoiada particularmente por João d'Almeida e Mello, governador das armas do Porto, e primo do secretario d'estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado<sup>2</sup> foi aquella representação favoravelmente deferida, em todos os pontos acima indicados, pelo alvará de 24 de novembro de 1761<sup>3</sup>.

Ainda não estava acabada a primeira fragata, que só ficou prestes em março ou abril de 1763, e já o decreto de 30 de julho de 1762 creava 12 tenentes

<sup>1</sup> § 19 da *Instituição* aprovada por Alv. de 10 de setembro de 1756.

<sup>2</sup> Carta particular de Francisco Xavier de Mendonça para o dito governador, de 25 de novembro de 1761, registada no livro denominado da *marinha* da Comp. Ger. da Agr. das vinhas do Alto-Douro, fl. 53 v.º.

<sup>3</sup> Transcripto na *Historia dos estabelecimentos científicos, litterarios e artisticos de Portugal*, do Snr. José Silvestre Ribeiro (Lisboa 1871 e seg.), tom. 1.º pag. 296.

do mar e 18 guardas-marinhas com *aula* e residencia na cidade do Porto<sup>1</sup>.

Este é o verdadeiro documento que fundou a aula de nautica. O illustre Fernandes Thomaz cita como tal a carta regia de 29 d'outubro de 1764<sup>2</sup>, mas alguns mezes antes d'esta data já estava despachado e provavelmente em exercicio o respectivo professor<sup>3</sup>.

Na verdade, a carta patente de 12 de maio de 1764 nomêa por capitão-tenente das fragatas de guer-

<sup>1</sup> Na cit. Hist. dos estabel., tom. 1.º pag. 300.

<sup>2</sup> Fernandes Thomaz — Repertorio geral das leis extravagantes (Coimbra 1815 e Lisboa 1825 — 2 vol. — 2.ª edição Coimbra 1843) letra A n.º 1450.

<sup>3</sup> Das contas prestadas pela Companhia vê-se que ella no anno de 1764, o primeiro do exercicio da aula de nautica, despendeu com esta aula o seguinte:

Para reedificação da casa da aula.	89449
Por soldos ao lente Antonio Rodrigues .....	137600
Ao lente da aula do donativo pelas despezas que fez na jornada de Lisboa para esta .....	38400

Como o lente só foi despachado em 12 de maio, parece que recebeu mais do que lhe competia como capitão-tenente; mas pôde ser que se lhe mandasse pagar por esta repartição uma parte dos soldos anteriores.

ra da repartição da cidade do Porto a Antonio Rodrigues dos Santos, com « obrigação de ser mestre da aula da cidade do Porto, na qual lerá todos os dias que não forem de guarda, e explicará a nautica aos officiaes da marinha e mais pessoas que se quizerem applicar áquelle sciencia. » <sup>1</sup>

Este professor já tinha servido como capitão-tenente na India portugueza, e havia sido mestre da aula de nautica de Gôa e substituto d'igual aula na corte <sup>2</sup>.

A instituição dos guardas-marinhas creada em 1761 <sup>3</sup>, não correspondera aos intuitos do seu fundador, e foi abolida por decreto de 9 de julho de 1774, por mostrar a experiencia que esta especie de cadetes d'armada não curava de adiantar os seus conhecimentos, nem na theoria nem na prática da marinha <sup>4</sup>. Todavia a mesma experiencia havia mostra-

<sup>1</sup> Carta patente de 12 de maio de 1764, registada no cit. *livro da marinha*, fl.

<sup>2</sup> Citada carta patente.

<sup>3</sup> Decr. de 2 de julho de 1761 na collecção da legislação portugueza do Desembargador Antonio Delgado da Silva, pag. 800.

<sup>4</sup> Decr. de 9 de julho de 1774 registado no citado livro da marinha. Poucos mezes depois, a França supprimia tambem os seus guardas-marinhas. (Ordonnance du 22 sept. 1774,

do as vantagens da aula de nautica do Porto, e o aviso regio de 25 de fevereiro de 1775 <sup>1</sup> recommenda a conservação e progressos d'esta aula.

Do alvará acima citado, de 24 de novembro de 1761, deduz-se que tudo que dizia respeito á administração das novas fragatas, ficava pertencendo á Junta da Companhia das vinhas do Alto-Douro; mas uma Carta regia da mesma data <sup>2</sup> e um Aviso Regio do dito mez e anno <sup>3</sup>, redigidos com estudada obscuridade, foram na prática interpretados, como se tivessem conferido ao governador das armas do Porto a jurisdicção immediata sobre aquella administração.

Fundado na citada carta regia, o governador nomeou para lente da aula de nautica; por portaria de 23 de outubro de 1770, a José Monteiro Salazar, como consta d'um documento transcripto pelo Snr.

cit. em A. Vallet de Viriville, Hist. de l'instr. publ. en Europe, pag. 267.

<sup>1</sup> Registado no cit. livro da *marinha*.

<sup>2</sup> C. R. de 24 de novembro de 1761, dirigida ao governador das armas do Porto, registada no citado *livro da marinha*, fl. 5.

<sup>3</sup> Aviso Regio de 26 de novembro de 1761 dirigido á Junta da Companhia das vinhas do Alto-Douro e registado no cit. *livro da marinha*, fl. 1.

José Silvestre Ribeiro na sua *Historia dos Estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal*<sup>1</sup>. D'esse documento se vê que o ordenado do professor era de 168000 reis por mez, ou 1928000 reis por anno, quantia que corresponde hoje a 2408000 reis, ou 1:344 francos<sup>2</sup>. O primeiro professor, se não vencia mais do que o soldo da sua patente, como o diz a sua carta de nomeação, réceberia só 1808000 reis, como capitão-tenente<sup>3</sup>.

A cobrança do imposto, ou (como lhe chamam os documentos) do donativo dos 2 por cento, bem como o pagamento das despezas a que era destinado, continuou a cargo da Companhia dos Vinhos. Em 1774, porém, passou a cobrança para a alfandega com obri-

<sup>1</sup> Tom. 1, pag. 301.

<sup>2</sup> Antes da lei de 6 de março de 1822 as nossas peças d'ouro valiam 64400 reis. Esta lei elevou-as a 75500 reis e o decreto de 3 de março de 1847 a 88000 reis, valor que lhes foi conservado pela lei de 1854 em vigor. Segundo esta lei, o seu peso é de 14,188 grammas: o seu toque é de 22 quilates ou 916  $\frac{2}{3}$  millesimas. D'aqui se deduz que um kilogramma de ouro  *fino* = 1:090  $\frac{10}{11}$  grammas d'ouro de moeda portugueza = 76,89 peças. O toque da moeda franceza é de 900 millesimas, e um kilo d'ouro *fino* igual a 1:111  $\frac{1}{9}$  grammas de moeda franceza igual a 3:444  $\frac{4}{9}$  francos.

<sup>3</sup> Vej. a nota 3.<sup>a</sup> de pag. 90.

gação de entregar o seu producto á Junta da Companhia, que continuaria a correr com as despezas a que era destinado <sup>1</sup>.

A ideia de que este imposto era um donativo, oferecido pelo commercio para um fim do qual não podia ser distrahido, estava de tal maneira arreigada no animo do governo, que o seu rendimento, apesar de exceder muito a despesa, foi ainda por alguns annos religiosamente entregue á Junta da Companhia <sup>2</sup>. Em 1778, porém, mandou o governo receber os saldos existentes e transferir para o Erario regio a receita e a despesa <sup>3</sup>. Foi todavia exceptuada d'esta ordem a aula de nautica, assim como o escaler e a provedoria da marinha. Aquella aula foi expressamente commettida á direcção da Junta da Compa-

<sup>1</sup> Decr. de 27 de outubro de 1774 e decr. de 3, e aviso regio de 5 de novembro do mesmo anno. Os dois ultimos documentos, n'um dos quaes é mencionado o primeiro, acham-se registados no citado livro da *marinha*.

<sup>2</sup> O seu producto medio annual desde 1762 até 1775 inclusivè, orçava por 42:267\$322 reis. No fim de 1774 o excesso do rendimento sobre a despesa montava a perto de 188 contos, que equivalem hoje a 235 contos ou 1.316:000 francos.

<sup>3</sup> Avisos regios de 14 de outubro de 1778, 16 de janeiro de 1779 e 20 d'abril de 1792, registados no cit. liv. de *marinha*, fl. 58 v., fl. 59 e fl. 68 v.

nhia das vinhas do Alto-Douro, sob a inspecção superior da Erario regio, a que devia prestar conta annual das despezas e progressos da mesma aula <sup>1</sup>. Estas despezas, com as do escaler e provedoria de marinha, seriam pagas no futuro pelo producto do imposto da decima sobre os dividendos dos accionistas da Companhia <sup>2</sup>.

Começaram então a correr melhor os tempos para a instruccion publica. A pedido da Junta, creou-se n'esta cidade uma aula de *debuxo e desenho*. O decreto de 27 de novembro de 1779, que a fundou, diz que as suas despezas serão pagas, como as da aula de nautica, pelo producto dos 2 % para a construcção das fragatas; e o Aviso regio de 4 de dezembro do mesmo anno <sup>3</sup> chega a dizer que dos dois principios regios d'onde dimana esta instituição, um é o citado decreto, outro o alvará de 24 de novembro de 1761, que foi como vimos, o que estabeleceu aquelle

<sup>1</sup> Cit. Av. 1779 e 1792.

<sup>2</sup> Cit. aviso regio de 16 de janeiro de 1779. A decima dos accionistas da Companhia era cobrada pela sua Junta administrativa (Alvará de 12 de novembro de 1774 § 9 na collecção de legislação).

<sup>3</sup> O cit. decreto e Av. reg. vem transcriptos na *História dos Estabelecimentos scient., litt. e artist. de Portugal*, do Snr. Silvestre Ribeiro, tom. 2, pag. 66 e 67.

imposto <sup>4</sup>. Isto, porém, era uma ficção jurídica, um modo de inculcar, que o chamado donativo dos comerciantes do Porto ainda era aplicado em benefício d'esta cidade. Finalmente, o mesmo Aviso citado, sem recuar contradizer-se, nem tractar de conciliar-se, acaba por dar a verdadeira ordem, mandando que as despezas d'esta aula sejam, como as de nautica, satisfeitas pela decima descontada aos accionistas da Companhia. Era este o princípio já estabelecido como dissemos.

A referencia que o citado decreto e aviso de 1779 faziam á legislação de 1761, não deixou de causar na prática alguma confusão. Com ella argumentou o governador das armas do Porto para sustentar a pretensão de superintender na aula de desenho, como o tinha feito na de nautica. D'aqui resultou a suspensão do exercicio d'aquelle aula por algum tempo, até que o conflicto foi superiormente resolvido a favor da Junta da Companhia das Vinhas.

O proprio decreto que instituiu a aula de desenho, lhe deu por «lente» a Antonio Fernandes Jaramo com o ordenado de 16\$000 reis por mez ou

<sup>4</sup> O aviso regio de 4 de dezembro de 1779, conforme vem transcripto na cit. *Hist. dos Estabelecimentos científicos*, refere-se ao alvará de 24 de novembro de 1767 e não de 1761, mas é erro typographic ou da cópia.

192\$000 reis por anno, que corresponde hoje, como já vimos, a 240\$000 reis ou 1:344 francos.

Este professor foi dispensado do serviço em 1800<sup>1</sup> e substituído por Francisco Vieira, cognominado *Portuense*, que devia á illustrada protecção da Junta da Companhia das Vinhas do Alto-Douro o ter apurado em Roma o notavel talento com que honrou a arte portugueza. Ao novo professor foi estabelecido o ordenado de 600\$000 reis por anno<sup>2</sup> ou 3:750 francos<sup>3</sup>.

Francisco Vieira só entrou em exercicio em junho de 1802, e tendo-se ausentado temporariamente

<sup>1</sup> Aviso regio de 8 de novembro de 1800, registado no cit. liv. da *marinha*. Todavia foi abonado dos seus vencimentos como lente jubilado até ao fim de dezembro de 1810.

<sup>2</sup> Aviso regio de 20 de dezembro de 1800, regist. no cit. liv., fl. 70.

<sup>3</sup> Em 1798 foi creado o papel moeda. Os pagamentos faziam-se metade em papel e metade em metal. Os 300\$000 reis em metal equivaleriam hoje a 375\$000 reis, ou 2:100 francos; mas os 300\$000 reis em papel soffriam um desconto que variava conforme as circumstancias. Não sendo possivel estabelecer rigorosamente o *par* da moeda em tales condições, calculamos o franco em todo o periodo da duração do papel moeda em 160 reis, que foi o cambio mais usual n'aquelle periodo.

em novembro d'esse anno, foi a sua cadeira regida até junho do seguinte por seu pae Domingos Francisco Vieira, que assigna os termos da matricula durante este periodo, como substituto da aula de desenho.

As duas aulas de que nos temos ocupado, funcionavam no edificio do *Seminario dos meninos orphãos*, ou *Collegio da Graça*, circumstancia que não deixou de ter influencia nos futuros planos da instrucción publica do Porto. Em 1802, porém, a aula de desenho teve de ser mudada para o hospicio dos religiosos de Santo Antonio da província da Soledade<sup>1</sup>, por se prevêr que não caberiam no antigo local os alumnos attrahidos pela fama de Francisco Vieira<sup>2</sup>, os quaes em verdade chegaram ao numero de 120.

Quanto á indole do ensino n'estas aulas, pouco sabemos dos documentos que podémos consultar. A instrucción na de nautica era meramente prática, e completava-se a bordo das embarcações mercantes que navegavam para os dominios ultramarinos. A

<sup>1</sup> Situado na *Lameda*, depois *Cordoaria*, e hoje *Campo dos Martyres da Patria*.

<sup>2</sup> Representação da Junta da Companhia das vinhas de 4 de janeiro de 1803, na *Historia dos Estabelecimentos científicos*, tomo 2, pag. 402 e Edital da dita Junta.



principio os donos e caixas das embarcações, ou por patriotismo ou por influencia da Junta da Companhia das vinhas, admittiam á prática da pilotagem os alumnos de nautica. Depois, como entrassem a recusar-se, o Aviso regio de 25 de novembro de 1761, registado na Intendencia da marinha do Porto, impoz-lhes esta obrigaçāo, ordenando que « se não matriculasse a equipagem de navio de mais de 150 toneladas, sem que n'ella fosse comprehendido algum aulista, legitimado com despacho do Provedor da Junta da administração da Companhia, para ter no navio o emprego e exercicio proporcionado á sua applicação e prestimo, como sempre se tem praticado ». Esta instituição produziu muito bons pilotos<sup>1</sup>. O ensino do desenho devia ser apropriado ao curso de pilotagem. Pelo menos parece ter sido este o lado por onde a Junta da Companhia das vinhas encarou a utilidade da sua instituição<sup>2</sup>. Todavia o aviso regio de 4 de dezembro de 1779 justifica a fundação d'esta aula pelo desenvolvimento que ia tomando no Porto a industria fabril.

<sup>1</sup> Cit. representação.

<sup>2</sup> O Av. Reg. de 16 de janeiro de 1779 acima citado, diz: «Quanto ao mestre do risco, que a Junta considera ser muito util aos *aulistas de pilotagem*, será respondido este artigo em occasião opportuna».

Parece porém que se pretendeu imitar a aula de desenho de Lisboa, tratando-se principalmente do desenho de figura. Nos termos da matricula, lavrada em 1802, cita-se o alvará de 23 de agosto de 1781, que estabelecera aquella aula, e até se declara que a matricula é ordenada pela Real Meza Censoria, que tiyera a superintendencia da aula de Lisboa, mas fôra exticta em 1787.

Animada com os progressos que via nas suas aulas, desejosa de melhorar o Collégio dos Orphãos da Graça e de empregar em beneficio da instrucçao d'esta cidade os crescimos do imposto lançado sobre os seus accionistas, a Junta da Companhia das vinhas dirigi em 1803 uma representação ao principe regente, pedindo uma aula de mathematica, outra de commercio e duas para o ensino das linguas franceza e ingleza, e propondo os meios para a sustentação d'estas aulas e para a construcçao d'un edificio em que ellas funcionassem<sup>1</sup>. Nos baixos d'este edificio haveria lojas de abobada para se alugarem em proveito dos orphãos da Graça. D'este modo se evitaria (diz a Junta), a necessidade que obriga os alumnos d'elle a pedir esmolas pelas portas, para pode-

<sup>1</sup> Representação de 4 de janeiro de 1803 na *Historia dos Estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal*, tom. 2, pag. 401.

rem subsistir, distrahindo-se por isso da educação e do ensino a que alli se destinam.

O Seminario dos orphãos, ou Collegio de Nossa Senhora da Graça, era um estabelecimento fundado pelo padre Balthazar Guedes em 1651, para habitação, educação e amparo dos orphãos pobres. N'um livro publicado 14 ou 15 annos antes da mencionada representação, querendo engrandecer a importancia d'este Collegio, diz o Padre Agostinho Rebello da Costa que d'elle sahiram, ainda em vida do fundador, 212 orphãos para religiosos, 39 para sacerdotes, 8 mestres de theologia, 6 doutores em canones e leis, 2 qualificadores da Inquisição e um bispo <sup>1</sup>. No tempo em que este livro foi escripto, havia no collegio mais de 70 orphãos e 28 pensionistas. « Aprendiam latim, musica, nautica e desenho e outras artes em que muito se distinguiam » <sup>2</sup>. Apesar do que diz o author, consta que a maior parte dos orphãos sahiam do estabelecimento para o commercio, a navegação e as industrias, e apenas alguns que tinham outro amparo ou que mostravam notavel aptidão para as le-

<sup>1</sup> *Descripção topographica e historica da cidade do Porto*, por Agostinho Rebello da Costa, Porto 1789, pag. 121. (O Snr. Innocencio no seu *Diccion. bibliogr.* cita uma edição de 1788).

<sup>2</sup> Citado Decr., pag. 120.

tras, se destinavam á vida ociosa ou ás profissões liberaes. A obra citada chamou a attenção do publico para este estabelecimento, e a influencia d'ella sente-se, até no estylo, na representação da Junta e ainda mais no alvará de 29 de julho de 1803, que approvou os estatutos da Academia Real de marinha e commercio.

« Não posso deixar em silencio (diz o citado author), a profunda inadvertencia dos portuenses a respeito d'este collegio, que, sendo um monumento de piedade tão interessante ao publico, e da conservação do qual tanto depende o augmento da monarchia, elles mais se empenham em deixar por sua morte muitos mil cruzados ás ordens terceiras e a outras corporações riquissimas, do que a este pobre e tão necessario estabelecimento. Por esta causa, aquelles innocentes meninos são obrigados a assistir aos officios dos defunctos, a acompanhar os enterros, as procissões e a mendigar esmolas com total distração do seu estudo, para conseguirem d'este modo um pedaço de pão de que se alimentem »<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Cit. *Descripção*, pag. 121. O author d'esta obra era um dos frequentadores das reuniões de Francisco d'Almeida, corregedor e provedor da comarca do Porto, presidente do cofre d'esta cidade, e n'ella intendente da marinha, inspector das obras publicas nas tres provincias do norte, etc., etc. V. Apon-

O principe Regente concedeu mais do que se lhe pedira, fundando em 1803 a Academia real de marinha e commercio da cidade do Porto.

Antes, porém, de nos ocuparmos d'esta academia, parece-nos conveniente dar uma noticia embora muito summaria dos estabelecimentos de Portugal, em que no anno de 1803 se professavam cursos analogos aos que foram instituidos n'aquella academia.

Para o ensino do commercio havia em Lisboa uma aula fundada em 1756<sup>1</sup> com estatutos aprovados por alvará de 19 de maio de 1759 e subordinada á Junta do commercio. Tinha ao principio um só professor para ensinar em curso triennal com lições de 4 horas por dia, a arithmetica, os pezos, medidas e moedas nacionaes e estrangeiras, cambios, seguros, fretamentos, commissões e escripturação por partidas dobradas. Não se ensinava nem a geographia, nem as linguas vivas, nem se exigiam outras condições para a matricula senão a edade de 14 annos e saber lêr, escrever e as quatro operações de numeros inteiros. Os alumnos chamavam-se assistentes ou praticantes da aula de commercio. Havia

tamentos biographicos do Dr. Francisco d'Almeida e Mendonça. Porto — typ. de Gandra e Filhos, 1839, folheto de 8 pag.

<sup>1</sup> Cap. 16 dos Estat. da Junta do Commercio, aprovados por Alvará de 16 de Agosto de 1756.

20 assistentes que recebiam uma pensão. A Junta do commerçio podia admittir assistentes supranumerarios, com tanto que não excedessem de 30, porque (dizia prudentemente o estatuto) não pôde abranger a mais de 50 discípulos o cuidado d'um só mestre. Em regra não se admittiam assistentes senão de 3 em 3 annos. Em 1801 o ensino foi distribuido por dois professores e o curso tornou-se biennal. O primeiro ensinava no 1.º anno a arithmetic, a algebra elementar e a geometria pelo *Compendio de Bezout*; o segundo, as outras disciplinas acima designadas. Havia tambem um substituto. Apesar da regra adoptada nos estatutos, o curso de commerçio nos annos de 1802 e 1803 era frequentado por 303 alumnos. Este numero foi excepcional, mas ha muitos annos de mais de 150 alumnos.

Para o desenho havia em Lisboa uma aula especial, a que já nos referimos, creada pelo alvará de 23 de agosto de 1781, que lhe deu os estatutos, subordinada a principio á *Real Meza Censoria*, e depois da extincção d'esta, em 1787, á *Meza da Comissão geral sobre o exame e censura dos livros*, que tambem foi abolida em 1794, ficando desde esta data sujeita á inspecção do Erario regio. Tinha dois professores e outros tantos substitutos. Um dos professores ensinava o desenho de historia ou de figura, o outro o de architectura.

O curso para os alumnos ordinarios abrangia os

dois ramos de desenho e durava cinco annos, podendo todavia ser reduzido pela authoridade superior em beneficio dos discipulos de rara habilidade e que tivessem alcançado premios. Admittiam-se alumnos extraordinarios, que não eram obrigados ao rigor do curso, nem á frequencia diaria das aulas. Para a matricula em desenho de figura, exigia-se que o alumno soubesse lêr, não tivesse defeito de vista e mostrasse nuns oito a quinze dias de exercicios que não era falto de aptidão. Para a matricula em desenho de architectura exigia-se, além d'isso, o conhecimento das quatro operações de arithmetic. O ensino de desenho de figura comprehendia não só o desenho de figura humana, mas o de diversos objectos da natureza, começando-se pela cópia de estampas e passando-se á de modélos de relevo. O professor de architectura empregaria metade do tempo da aula (a duração das aulas era de 4 horas no verão e de 2 a 3 no inverno), no ensino da arithmetic e geometria elementar, e o resto do tempo no das ordens de architectura, desenho de ornato e perspectiva e das noções indispensaveis sobre a solidez real e apparente das construções. Havia tres premios para os alumnos ordinarios de desenho de figura e outros tres para os de architectura. Os premios eram de 30\$000 reis, 20\$000 e 10\$000, e alcançavam-se em concurso, sendo os assumptos dados pelo professor respectivo e graduando-se a dificuldade dos assumptos, segundo

a ordem dos premios. A frequencia d'este estabelecimento não era muito numerosa. Em 1800 foi de 20, em 1801, de 17, e em 1803, de 12 alumnos<sup>1</sup>; mas coube-lhe a gloria de ter criado o grande pintor Domingos Antonio de Sequeira, que foi depois director da aula de desenho da academia real de marinha e commercio do Porto.

Na real academia dos guardas-marinhas (não na academia de marinha) estudava-se em dois annos, juntamente com o 2.<sup>º</sup> e 3.<sup>º</sup> annos mathematicos, o desenho de marinha com um só mestre, que era o mesmo de construcção naval prática. Na *academia de fortificação*, o desenho topographico e d'architectura militar era ensinado por um professor em lições de uma hora e um quarto aos alumnos reunidos dos tres primeiros annos do curso. Para substituir este professor havia dois substitutos<sup>2</sup>. No collegio dos nobres dava-se um curso de desenho por um professor

<sup>1</sup> Balbi, *Essai statistique sur le royaume de Portugal*—Paris 1822 — 2 vol., tom. 2, pag. 72.

<sup>2</sup> O Estatuto de 2 de janeiro de 1790 estabelece um professor e um substituto. O decreto de 2 de outubro de 1794 creou o lugar de director da aula de desenho (cit. na *Hist. dos Estabel. scientif.*, t. 2, p. 370). Posteriormente o desenho teve maior desenvolvimento na academia de fortificação, mas isso não pertence ao anno a que nos referimos.

especial. Os exercicios de desenho de architectura eram dirigidos por este professor em presença dos professores de architectura civil e militar e de combinação com elles. Finalmente devia haver uma cadeira de desenho e architectura, annexa á facultade de mathematica da universidade de Coimbra, mas esta não foi provida até o anno de 1803, nem muitos annos depois.

Para o ensino da marinha havia duas academias quasi eguaes, que até alguns documentos parecem consideral-as como um estabelecimento só; a real academia da marinha, creada por lei de 5 de agosto de 1779 e a dos guardas-marinhas pela de 1 de abril de 1796, ambas subordinadas ao conselho do almirantado <sup>1</sup>.

A primeira tinha por destino formar officiaes e pilotos para a armada, bem como pilotos da marinha mercante, e habilitar com o curso mathematico os alumnos que se propunham a seguir os estudos dos armas scientificas na academia de fortificação e desenho, a que muito depois sucedeua a escola do exercito.

Na academia de marinha havia 3 professores e

<sup>1</sup> A principio a academia real da marinha estava sujeita ao inspector geral da marinha. A lei de 26 de outubro de 1766 passou-a para o conselho do almirantado.

outros tantos substitutos. O 1.<sup>º</sup> ensinava arithmetica, geometria, trigonometria plana e seu uso práctico e principios elementares de algebra até as equações do 2.<sup>º</sup> grau. O segundo, continuaçāo da algebra, sua applicação á geometria, calculo differencial e integral, principios fundamentaes da statica, dynamica, hydrostatica, hydraulica e optica. O terceiro, trigonometria espherica e arte de navegação theorica e práctica. O curso academico era de tres annos para os officiaes e pilotos da armada, dos dois primeiros annos para o curso preparatorio d'academia de fortificação e do 1.<sup>º</sup> (excepto a algebra elementar) e do 3.<sup>º</sup> annos mathematicos para pilotos de navios mercantes. Na designação do 3.<sup>º</sup> anno comprehendo, além da cadeira respectiva, a instruçāo nos exercícios prácticos do observatorio real da marinha, apesar de ser um estabelecimento independente <sup>1</sup>. Os estudantes que ti-

<sup>1</sup> A lei da fundaçāo da academia determinava que junto da aula de navegação houvesse uma casa para guarda e uso dos instrumentos astronomicos e maritimos e um observatorio d'onde se podésse avistar qualquer parte do ceo e onde estivessem, ou para onde se podéssem transportar os instrumentos para as observações. Este observatorio foi transferido para a *Ribeira das Naus* e constituido n'um estabelecimento especial pelo alvará de 18 de março de 1798. Vej. *Hist. das Estabel. scient.*, tom. 3.<sup>º</sup> pag. 361.

vessem ganho o partido ou premio no 1.<sup>º</sup> e 2.<sup>º</sup> annos e approvação no 3.<sup>º</sup> (no qual não havia premio), eram admittidos nos navios de guerra com o nome de voluntarios da real marinha, com soldo e comedorias durante o embarque; e sobre as provas que tivessem dado de capacidade e genio para a vida do mar, podiam ser consultados para segundos tenentes da armada <sup>1</sup>. Os alumnos approvados no 1.<sup>º</sup> anno e matriculados no 2.<sup>º</sup>, seriam admittidos até o numero de 30, como *aspirantes de pilotos* da armada, com os vencimentos competentes; e depois de concluirem o curso e de terem como aspirantes dois annos de prática de navegação e manobra nos navios do Estado, ficavam habilitados para serem promovidos a segundos pilotos <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Alvará de 20 de maio de 1796 na cit. *Hist. dos Estabel. scient.*, tom. 2, pag. 375. Este alvará não falla em premios ou partidos, mas esta condição era exigida pelo decreto de 14 de dezembro de 1782, que n'este ponto não foi derogado, e assim se entendeu na prática. *Mem. do Dr. Philippe Folque*, a pag. 61 do appendice ao 2.<sup>º</sup> vol. do *Inquerito ácerca das repartições de marinha*, Lisboa — Imprensa Nacional, 1856.

<sup>2</sup> Lei da fundação da academia de 5 d'agosto de 1779, na collecção de legislação de Delgado e Res. Reg. de 10 de fevereiro e 17 de outubro de 1798 na muitas vezes citada *Hist. dos Estabel. scient.*, tom. 2.<sup>º</sup>, pag. 337 e seg.

Para admissão á matricula na academia não se exigia mais do que a edade de 14 annos, pelo menos, e approvação pelo lente do 1.<sup>º</sup> anno na prática das quatro operações arithmeticas.

Os professores eram tirados da classe dos substitutos que tinham accesso por antiguidade relativa. Estes deviam ter completado o curso de cinco annos da universidade de Coimbra e ter o grau de licenciado pela mesma universidade. Eram propostos pelo conselho da facultade de mathematica e pelos tres professores cathedraticos da propria academia.

Das disposições disciplinares nada diremos por agora, porque são quasi as mesmas que veremos a respeito da academia do Porto. Só importa dizer que havia a principio 24 partidos ou premios para os alumnos mais distinctos, e 12 para os que se preparam para entrar na academia de fortificação. Sobre a frequencia do 3.<sup>º</sup> anno não se dava partido, de maneira que havia seis para cada um dos dois primeiros annos; e como na classe de *voluntarios* da armada não eram admittidos senão os premiados, o numero d'aquelles voluntarios ficava reduzido a 6 por anno.

N'esta academia, aliás notavel pelos excellentes professores que sempre teve, não havia professores de desenho, nem de linguas vivas, nem mestre de apparelho e manobra naval, como os veremos na academia da marinha e commercio do Porto. Se-

gundo o ideal que se traduz nas disposições legislativas e nas práticas academicas, este estabelecimento tinha a indole d'uma escola polytechnica no sentido francez d'esta palavra, e tanto que o doutor Ciera, n'uma informação que deu ao governo em 1800, dizia que se n'esta academia fossem estabelecidas uma cadeira de physica e outra de chimica, ficariam completas as habilitações dos seus discípulos para todas as profissões<sup>1</sup>. Não é pois de estranhar que a vissemos constituir em 1837 como escola polytechnica de Lisboa. Foi mais um desenvolvimento do que uma transformação.

Ella na verdade não tinha um curso de marinha, nem de guerra, nem mercante. Os voluntarios que ella dava á armada iam na qualidade de guardas-marinhas extraordinarios fazer na academia d'estes o curso de construccion, apparelho, manobra, tactica naval e artilheria, sem o que não podiam passar a officiaes<sup>2</sup>.

A outra academia a que acima alludimos, a dos guardas-marinhas, antecessora da que hoje é escola

<sup>1</sup> *Memoria* do Dr. Philippe Folque a pag. 62 do appendice, vol. 2.<sup>o</sup> do cit. *Inquerito acerca das repartições de marinha*.

<sup>2</sup> Decr. de 13 de novembro de 1800 na collecção de legislação de Delgado.

naval, tinha em si todo o curso mathematico que já encontramos na academia de marinha. A principio ainda havia entre estes dois estabelecimentos diferenças importantes a respeito do dito curso, mas na época em que os estamos considerando, em 1803, aquellas diferenças já tinham sido inteiramente eliminadas<sup>1</sup>. A prática do observatorio era aprendida no mesmo estabelecimento, em que praticavam os alumnos da academia de marinha de Lisboa.

Além dos tres lentes e de dois substitutos de mathematica havia na academia dos guardas-marinhas um lente de artilheria e dois mestres, um de apparelho, outro de construcção naval prática e de desenho. Estes eram os cursos de applicação que tinham de ser frequentados pelos *voluntarios*, depois de haverem concluido os estudos mathematicos da academia de marinha. Os aspirantes a guardas-marinhas estudavam-os juntamente com as aulas de mathematica; no primeiro anno aprendiam o apparelho do navio e manobra; no 2.<sup>º</sup>, desenho de marinha e noções

<sup>1</sup> Res. Reg. de 11 de dez. de 1779 publicada no Edital de 8 de janeiro de 1800 na collecção de legislação de Delgado. O laborioso auctor da *Hist. dos Estabel. scient.*, tom. 2.<sup>º</sup>, pag. 421, traz a citada Res. como de 20 de outubro; mas esta é talvez a data da consulta. O cit. Edital é o mesmo que o dito auctor menciona a pag. 422 com o titulo de decreto.

de construcção; no 3.º continuavam com o desenho e estudavam artilharia.

Os guardas-marinhas sahiam da classe dos aspirantes, por promoção que se dava, logo que estes tivessem obtido a approvação no 1.º anno. A admisão á praça de aspirante dependia das seguintes condições: edade de 15 a 17 annos, ter o fôro de fidalgo por si ou por seu pae ou mãe, ou ser filho de capitão de mar e guerra, ou de coronel do exercito, senão de maior patente, e mostrar por uma attestação passada por qualquer dos lentes da academia, sufficiente intelligencia das quatro regras fundamentaes da arithmetica e da traducção franceza <sup>1</sup>.

Para os lugares de professores substitutos exigiam-se os precisos graus pela Universidade de Coimbra, ou exame geral do curso mathematico pela academia real de marinha, ou o curso da propria academia. Os substitutos eram promovidos a lentes por antiguidade.

Em alguns pontos os estatutos da academia da marinha e do commercio do Porto, referem-se aos estatutos da academia dos guardas-marinhas e a estes recorria algumas vezes nos casos omissos o con-

<sup>1</sup> Estatutos da acad. dos guardas-marinhas de 1 d'abril de 1796; decret. de 14 de dezembro de 1782; decret. de 3 de novembro e Res. de 19 de dezembro de 1800.

selho d'aquella academia, preferindo-os aos proprios estatutos da academia real de marinha de Lisboa, que por via de regra deviam ser-lhe subsidiarios.

As mathematicas ensinavam-se com maior desenvolvimento na faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra.

Pelos estatutos de 1772 tinha esta faculdade quatro cadeiras, que eram frequentadas em outros tantos annos. A do 1.<sup>º</sup> anno, denominada de *geometria*, comprehendia elementos de arithmetica, geometria e trigonometria plana com applicação á geometria e stereometria. A do 2.<sup>º</sup> anno, chamada de *algebra*, comprehendia a algebra elementar, principios de calculo infinitesimal, directo e inverso, com applicação á geometria sublime e transcendente. A cadeira de *phoronomia* no 3.<sup>º</sup> anno comprehendia a sciencia geral do movimento com a sua applicação a todos os ramos de *phoronomia*, que constituem o corpo das sciencias physico-mathematicas. A de *astronomia* no 4.<sup>º</sup> anno tratava da theoria do movimento dos astros tanto *physica* como *geometrica* e da prática do calculo e observações astronomicas. Foi n'esta cadeira que por muito tempo os alumnos de mathematica se aperfeiçoavam nas theorias mais sublimes da *analyse*<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> *Snr. Castro Freire, Mem. hist. da Fac. de mathem. de Coimbra, 1872, pag. 45.*

A estas cadeiras foram accrescentadas duas em 1801<sup>1</sup>, uma de astronomia prática, outra de hydraulica.

E' inutil fallar da cadeira de architectura e desenho annexa a esta faculdade nos termos dos Estatutos, porque, como já observamos, não teve professor senão muitos annos depois do de 1803.

O curso da faculdade de mathematica não se limitava ás cadeiras privativas da faculdade. Nos seus 1.<sup>º</sup> e 2.<sup>º</sup> annos deviam os alumnos d'ella frequentar a historia natural e a physica experimental, que em 1803 se ensinavam no 1.<sup>º</sup> e 2.<sup>º</sup> annos da faculdade de philosophia<sup>2</sup>.

Em 1803 a distribuição legal do curso mathemático na Universidade era o seguinte:

1.<sup>º</sup> anno: cadeira de geometria, (comprehendendo as materias acima designadas) — Historia natural no 1.<sup>º</sup> anno da faculdade de philosophia<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Carta regia de 1 de abril de 1801.

<sup>2</sup> Pelos estatutos estas disciplinas estudavam-se no 2.<sup>º</sup> e 3.<sup>º</sup> annos da faculdade de philosophia; no 1.<sup>º</sup> anno ensinava-se a philosophia racional e moral, que posteriormente passou para o collegio das artes (lyceu de Coimbra). A carta regia de 24 de janeiro de 1791 creou a cadeira de botanica e agricultura; mas outra carta regia de 21 de janeiro de 1801 mudou novamente a botanica para a cadeira de historia natural, na fór-

2.º anno: cadeira de algebra (como acima).—Physica experimental na facultade de philosophia.

3.º anno: 1.ª cadeira — Estatica, mecanica, optica e acustica. 2.ª cadeira — Hydrostatica, hydraulica, observações práticas sobre construcção das obras hydraulicas, descripção e uso das machinas empregadas n'estas obras, á vista de modelos ou de estampas.

4.º anno: 1.ª cadeira — Theoria de astronomia, physica e geometrica, levando as disciplinas pelo fio da analyse até os ultimos descobrimentos das desegualdades seculares; 2.ª cadeira — trigonometria espherica e sua prática, calculo das taboas astronomicas, construcção e uso dos instrumentos astronomicos e prática das observações. Os estudantes praticavam no observatorio, que estava bem provido e organizado e era sabiamente dirigido, servindo tanto para o ensino práctico como para o calculo das ephemerides, e para as observações proprias dos estabelecimentos astronomicos <sup>1</sup>.

ma dos estatutos, e creou a cadeira de metallurgia para a qual transferiu a agricultura. Esta parece que era a situação legal em 1803, mas é certo que no anno de 1811 a 1812 a botanica era ensinada com a agricultura no 3.º anno. (*Hist. dos Estab. scient.*, t. V, pag. 129).

<sup>1</sup> Pelos estatutos o observatorio era apenas uma escola

Aos estudantes aprovados no 4.<sup>º</sup> anno conferia-se o grau de *bacharel*. Se queriam ser *bachareis formados* tinham de fazer novo acto ou *exame geral* sobre as matérias mathematicas de todos os annos, tirando á sorte, dois dias antes do exame, quatro pontos sobre que eram argumentados por quatro lentes sob a presidencia d'um outro lente escolhido pelo candidato. O *bacharel* formado que aspirasse a maiores graus (o de *licenciado* e o de *doutor*), era obrigado a frequentar mais um anno, tornando a ouvir as lições de *mecanica* e *astronomia theorica* (1.<sup>a</sup> cadeira do 3.<sup>º</sup> e dita do 4.<sup>º</sup> anno). No fim d'este anno, que era então o 5.<sup>º</sup> do curso, defendia publicamente theses da sua escolha, contra oito doutores que lhe serviam de arguentes na presença da Faculdade. Depois d'este acto, que se chamava de *repetição*, seguia-se o *exame privado*, a que só assistiam os lentes e substitutos da propria faculdade e o reitor da Universidade. Sendo aprovado, era-lhe conferido o grau de *licenciado*, o qual o habilitava para receber o de *doutor*. Este ultimo grau não dependia de novo exame. Era uma simples formalidade, assás dispensiosa para o doutorando.

de ensino práctico. A carta regia de 4 de dezembro de 1799 elevou-o á altura d'um verdadeiro estabelecimento astronomico. (Snr. Castro Freire, cit. *Mem. hist. da Fac. de Math.*, pag. 44. Vej. a cit. *Mem.* a pag. 95 e seg.).

Na facultade de mathematica, assim como na de philosophia, admittiam-se três classes de alumnos: *ordinarios*, *obrigados* e *voluntarios*. Pertenciam á 1.<sup>a</sup> classe os estudantes que pretendiam *formar-se* ou *graduar-se* na propria facultade; á 2.<sup>a</sup>, os que eram obrigados a frequentar alguma parte do curso mathematico como preparatorio para outras faculdades; á 3.<sup>a</sup>, os que apenas desejavam estudar para sua propria instruccion. Os actos dos alumnos da 2.<sup>a</sup> d'estas classes eram menos rigorosos. Os *voluntarios* podiam passar para qualquer das outras classes a todo o tempo que o desejasse, fazendo os exames e apresentando certidão dos preparatorios legaes. Eram condições para a matricula dos *ordinarios* e *obrigados* a edade de 15 annos pelo menos, e approvação em latim e philosophia racional, bem como a prova de expeditos na prática das quatro operações fundamentaes. Aos voluntarios só era necessaria esta ultima prova. No anno de graduacão exigia-se tambem o exame de grego, que sempre foi muito superficial. Os estatutos recommendavam muito a *intelligencia das linguas vivas da Europa, principalmente da ingleza e franceza*, mas não obrigavam á frequencia nem ao exame d'estas linguas <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Estat. da Univ., (Lisboa, Reg. offic. typogr. 1773 — 3 vol.), parte 2.<sup>a</sup>, tit. 2, cap. 3, § 4 no 3.<sup>o</sup> vol.

Para completarmos a noticia dos estabelecimentos, em que se professavam cursos analogos aos da academia real da marinha e contmrcio do Porto, necessitariamos ainda de examinar a organisação do ensino da agricultura, das linguas vivas e da philosophia racional; mas ganhar-se-ha em brevidade sem se perder em clareza, deixando estes pontos para os lugares em que tivermos de nos ocupar d'aquelle ramos dos estudos da academia.



## II

### ACADEMIA REAL DA MARINHA E COMMERCIO DA CIDADE DO PORTO

1803 — 1837

As aulas que a Junta da Companhia geral da agricultura das vinhas do Alto-Douro pediu na representação que já mencionamos, de 4 de janeiro de 1803, limitavam-se a quatro, que eram uma de mathematica, outra de commercio, e duas das linguas francesa e ingleza, para accrescentar ás duas que já havia no Porto, de nautica e desenho.

A Junta propunha-se a organizar bem os dois cursos de pilotagem e de commercio. É verdade que, referindo-se á aula de mathematica, não a inculca só como util ao aperfeiçoamento d'estes cursos, mas

tambem como proveitosa aos « militares da guarnição d'esta cidade, aos artistas e a todas as mais pessoas, cujas profissões requerem o conhecimento d'esta sciencia ». N'estas palavras se antevê a idéa moderna, ainda hoje mal definida, do ensino secundario especial. Egual idéa domina o discurso da Junta, quando para mostrar a vantagem do ensino das linguas vivas, diz que « muitas obras, que se acham escriptas e se vão escrevendo em mathematica, em commercio, em agricultura, em fabricas e em navegação, é no idioma francez e inglez ». Assim, a Junta, adiantando-se a quasi toda a Europa, fundava o ensino preparatorio da educação industrial. Todavia o seu principal fim era crear os dois cursos de applicação, que mencionamos, constituindo ao mesmo tempo a instrucción preparatoria e a technica d'estes cursos<sup>1</sup>.

Pedindo que estas quatro aulas se estabelecessem no collegio dos orphãos, onde já funcionavam as de nautica e desenho, « para principiar o aproveitamento pelos miseraveis orphãos », mostrava a Junta o seu tino práctico, porque tinha n'aquelle collegio uma população certa para a frequencia do novo estabelecimento, sem correr o perigo de lutar com a in-

<sup>1</sup> Vej. a representação da Junta na já cit. *Hist. dos Establos. scient.*, t. II, pag. 401.

diferença ou com os habitos d'uma ignorancia tradicional.

Deferindo ao pedido da Junta, o governo determinava no alvará de 9 de fevereiro de 1803, «que na cidade do Porto se erigissem aulas de mathematica, de commercio, das linguas ingleza e franceza, para governo das quaes (dizia o citado alvará) mandou formar estatutos proprios»<sup>1</sup>. N'este ultimo ponto se desviaava o alvará da representação da Junta, a qual pedia que as aulas fossem reguladas pelos estatutos das que se achavam estabelecidas na Corte, e das quaes dérmos noticia.

Não parou, porém, o governo n'este primeiro passo. Pelo alvará de 29 de julho do mesmo anno e pelos estatutos da mesma data, creou um curso de mathematicas igual ao das academias, real da marinha de Lisboa e dos guardas-marinhas, e acrescentou ás aulas já creadas pelo alvará anterior de 9 de fevereiro, uma de philosophia racional e moral e outra de agricultura, esta porém para ser provida quando as circumstancias o permittissem. Cada uma d'estas cadeiras, excepto a ultima, teriam um lente e um substituto. Subordinado ao lente de navegação (3.<sup>º</sup> anno mathematico) haveria um mestre de apparelho e manobra naval, como na academia dos

<sup>1</sup> Cit. Alvará na collecção da legislação de Delgado.

guardas-marinhas. Emfim (alguns mezes depois dos estatutos) a aula de desenho foi montada com tal pompa, que o seu director n'um discurso inaugural lhe chamou « academia de desenho e pintura » <sup>1</sup>.

No novo estabelecimento encontra-se claramente delineado o plano, embora muito incompleto, d'um instituto polytechnico no sentido allemão d'esta palavra.

Esta academia concentrava em si todos os cursos, quer preparatorios quer d'applicação industrial, que em Lisboa se achavam repartidos por diversos estabelecimentos; e em geral estes cursos eram n'esta academia mais completos, como o deve ter conhecido o leitor, se acaso nos acompanhou até este ponto e como adiante se verá melhôr. Tambem esta academia era com razão considerada como o nosso primeiro estabelecimento de instruçção publica, depois da Universidade de Coimbra, e na ordem chronolo-

<sup>1</sup> *Discurso feito na abertura da academia de desenho e pintura na cidade do Porto, por Francisco Vieira Junior, primeiro pintor da Camara e Côrte e lente da mesma academia. Por ordem de sua alteza real. — Lisboa 1803.* Transcripto na *Hist. dos Estabel. scient.*, vol. III, pag. 24. O cit. A. julga que este discurso foi recitado em 1802, e algumas razões ha a favor d'esta opinião; mas parece que foi em 1803, como veremos.

gica pertence-lhe um dos primeiros lugares entre os institutos de ensino secundario especial e do superior technico da Europa.

A idéa de *faculdade* transparece ás vezes nos seus estatutos. Assim, o artigo 40 falla em alumnos «que houverem de seguir e cultivar as mathematicas por elles mesmas». Para estes, assim como para os que pretendessem applicar os conhecimentos adquiridos na academia, a fins diversos do da navegação, exigia-se o curso de philosophia racional e moral, como para os que aspiravam a frequentar as mathematicas na Universidade (art. 10, comparado com os art. 27 e 38). O art. 46 até parece admittir *graus* quando diz: «não poderá ser consultado para lente ou substituto da facultade de mathematica ou philosophia e agricultura o que não tiver o *grau de licenciado* pela Universidade de Coimbra *ou para o futuro por esta academia*». O art. 22 manda fazer no fim do curso mathematico um exame geral como o da formatura da facultade de mathematica da Universidade, e por fim o alvará de 16 d'agosto de 1825 introduziu um anno de repetição, uma defeza de theses e um exame privado, á imitação do que se exige aos licenciados da facultade de mathematica da Universidade. Não faltam cartas regias de despachos para lentes da «faculdade de mathematica da academia». Todavia este estabelecimento nunca disputou á Universidade o exclusivo de conferir *graus scienti-*

tíficos, e o que se prova dos artigos citados é que os legisladores não tinham idéas claras a respeito da diferença ainda hoje muito questionada entre as faculdades e as escolas de habilitação e de applicação.

O curso mathematico da academia era repartido em tres annos e compunha-se das tres cadeiras seguintes:

1.<sup>a</sup> cadeira (1.<sup>º</sup> anno) — arithmetica, geometria, trigonometria plana, seu uso práctico e principios elementares de algebra até ás equações do 2.<sup>º</sup> grau inclusivè.

2.<sup>a</sup> cadeira (2.<sup>º</sup> anno) — continuaçāo da algebra, sua applicação á geometria, calculo differencial e integral; principios fundamentaes de statica, dynamica, hydrostatica, hydraulica e optica.

3.<sup>a</sup> cadeira (3.<sup>º</sup> anno) — trigonometria espherica e arte de navegaçāo theorica e práctica, seguida das noções de manobra e do conhecimento e uso práctico dos instrumentos astronomicos e maritimos. Ao professor d'esta cadeira estava subordinado, como dissemos, um mestre de apparelho e manobra naval, materia que se não estudava na academia de marinha de Lisboa e que os voluntarios da armada tinham de aprender na dos guardas-marinhas, depois de concluido o curso mathematico d'aquelle academia.

No mais, os cursos mathematicos d'estas tres academias, eram inteiramente eguaes; e o decreto de 3 de novembro de 1825 «considerando a analogia, ou

antes identidade, tanto das disciplinas que se aprendem, como do methodo de ensino que se acha adoptado nas reaes academias de marinha estabelecidas na capital <sup>1</sup> e na cidade do Porto, mandou que aos alumnos das duas referidas academias que desejassem proseguir na outra os seus estudos, se lhes levassem em conta os annos em que tivessem sido aprovados, sem que fossem obrigados a repetir os exames.

Antes d'esta determinação, já o conselho da academia do Porto havia resolvido que os discipulos da academia de marinha de Lisboa podéssem continuar na primeira o seu curso mathematico, uma vez que tivessem os preparatorios legaes <sup>2</sup>.

Pareceria, pois, que a indole dos dois cursos era exactamente a mesma. Todavia, ao passo que na academia de Lisboa dominava, como já observamos, o ideal d'um estabelecimento de *habilitação*, prevalecia na do Porto o caracter d'um instituto ao mes-

<sup>1</sup> Não se tracta da academia dos guardas-marinhas, porque, apesar de se dar n'ella a mesma razão de identidade do curso mathematico era, como vimos, uma instituição aristocrática, que não se queria equiparar com os estabelecimentos plebeus.

<sup>2</sup> Livro n.º 91 das actas — Acta da sessão de 30 de junho de 1821, fl. 9 v.

mo tempo preparatorio e de applicaçāo, sendo que em 1819 resolveu o conselho d'esta academia que os discipulos da 3.<sup>a</sup> cadeira de mathematica não fossem admittidos a exame sem terem sido approvados em apparelho e manobra naval <sup>1</sup>.

Para admissāo no 1.<sup>º</sup> anno mathematico da academia do Porto, exigia-se, além d'um exame sobre as quatro operaçōes fundamentaes da arithmeticā como na academia de marinha de Lisboa, a approvaçāo em francez, como na academia dos guardas-marinhas, obtida porém n'um exame mais solemne do que se requeria n'este ultimo estabelecimento <sup>2</sup>. E para o curso completo de mathematica exigia-se ainda a approvaçāo em philosophia racional e moral e em inglez <sup>3</sup>. Além d'isso, havia n'esta academia o ensino de desenho, que fazia parte do curso completo <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Acta da sessāo de 21 de junho de 1819, livro 93, fl. 21, confirmada na sessāo de 8 de julho de 1824, livro 91, fl. 17.

<sup>2</sup> Estatutos da Academia R. da Mar. e Com. da cidade do Porto de 29 de julho de 1803, artigos 6 e 9. Só no primeiro triennio, isto é, até o anno de 1805 a 1806, era dispensado o preparatorio do francez; mas ainda assim os alumnos eram obrigados a dar conta d'este exame durante o curso.

<sup>3</sup> Cit. Estatutos, art. 10.

<sup>4</sup> Idem, art. 23.

Portanto, a academia do Porto dava uma instrucção mais completa do que os estabelecimentos análogos da Corte. Todavia os seus alumnos não gozavam das mesmas vantagens: A sua superioridade apenas lhe servia para justificar a egualdade em alguns direitos; e o amor do privilegio é tão vivaz, que ainda hoje dura e muito mais acceso, na escola polytechnica, sucessora da academia real de marinha de Lisboa.

*Cursos de pilotagem.* Havia duas especies de cursos de pilotagem, o curso *simples* e o curso *completo*. Ambos elles se compunham de duas partes; uma a que poderemos chamar *academica* (porque não seria exacto dar-lhe o nome de *theorica*); outra, *prática*. A diferença entre estes dois cursos estava só na primeira parte. Eram preparatorios communs a qualquer d'elles um exame sobre as quatro operações fundamentaes da arithmetica, perante o lente do 1.º anno mathematico, e o exame de francez, feito com as formalidades dos exames, chamados menores, da academia. Para o curso completo exigia-se mais a *philosophia* racional e a lingua ingleza <sup>1</sup>, mas na prática esperava-se por estes exames até á conclusão do curso ou ainda depois, de maneira que as duas mencionadas

<sup>1</sup> Estatutos de 1803, §§ 9 e 10.

disciplinas quasi tanto se podem dizer preparatorias como complementares <sup>1</sup>.

O curso simples de pilotagem reduzia-se ao 1.<sup>º</sup> e 3.<sup>º</sup> annos mathematicos, apparelho e manobra naval e desenho de marinha <sup>2</sup>. O curso completo tinha a mais o 2.<sup>º</sup> anno mathematico e os preparatorios ou complementos ha pouco enumerados. <sup>3</sup>

A parte prática dos cursos de pilotagem, quer simples quer completa, consistia n'um certo numero de viagens aos portos do Brazil e do Baltico. No regresso de cada uma d'estas viagens, os aulistas deviam apresentar ao lente do 3.<sup>º</sup> anno mathematico uma derrota circumstanciada contendo as observações que tivessem feito sobre as variações da agulha, latitudes e longitudes dos lugares por onde haviam passado, assim como as configurações das costas, portos e ilhas que tivessem avistado, e finalmente uma descripção hydrographica. O lente examinava as derrotas e dava sobre ellas o seu voto, dirigindo tudo em carta fechada ao secretario da academia. Depois

<sup>1</sup> Esta prática tinha fundamento no paragrapho 23 do citado estatuto.

<sup>2</sup> Os Estatutos não exigiam expressamente o desenho para o curso simples de pilotagem; mas parece que sempre foi considerado como disciplina necessaria ao curso de nautica.

<sup>3</sup> Cit. Estatutos, art. 10 e 23.

de tres d'estas viagens, podiam os aulistas tirar as suas cartas de sota-pilotos. Para obterem a de pilotos precisavam de mais duas viagens com os mesmos requisitos. As cartas eram passadas pela Junta da Companhia.<sup>1</sup>

Para as viagens de instrucción prática os alumnos podiam requerer á Junta da Companhia das vinhas que os mandasse admittir nos navios de 150 tonelladas para cima que navegassem do Porto para o Brazil ou para o Baltico. A esses alumnos seriam ministrados todos os meios proprios para as observações de que tinham de dar conta nas suas derrotas. No caso de concorrencia (porque cada navio não tinha obrigação de levar mais de um alumno) eram preferidos os que tivessem o curso completo de pilotagem.<sup>2</sup>

Os sota-pilotos e pilotos, munidos com as cartas passadas pela Junta da Companhia, podiam exercer a respectiva profissão em quaesquer embarcações e portos d'estes reinos, «entrando pela egualdade de circumstancias no mesmo paralelo e concurso dos discipulos da academia real de marinha de Lisboa; pois não é da intenção de sua Alteza Real que entre

<sup>1</sup> Cit. Est. §§ 24, 25, 53 e 54.

<sup>2</sup> Estat. de 1803, §§ 23, 24 e 53, e avis. reg. de 25 nov. 1781, cit. supra pag. 99.

uns e outros se supponha diferença alguma». (Cit. Estat. § 26). Isto não era grande favor, porque o curso da academia de Lisboa era imperfeitíssimo com relação ao da academia do Porto: não tinha aula de apparelho e manobra, nem de francez, muito menos a de inglez, nem desenho, nem algebra elementar, nem era completado pela prática da navegação. Na verdade, os Estatutos da academia real da marinha de Lisboa dispunham: «quanto aos pilotos que quizerem unicamente destinar-se a servir nos navios mercantes, ouvirão as lições de arithmetic, geometria plana e espherica e navegação; e apresentando certidão de terem sido aprovados no exame geral dos ditos dois annos, e requerendo patente de pilotos, o lente da navegação lh'a mandará fazer prompta, sendo assignada com o seu nome e firmada com o sello da academia real». <sup>1</sup> Também a egualdade de que tratam os estatutos da academia do Porto, parece referir-se ao curso de pilotos da armada, para os quais era necessário todo o curso mathematico.

*Curso de commercio.* Segundo os estatutos de 1803 este curso era biennal; mas para se matricula-

<sup>1</sup> Estat. da acad. real da marinha de 5 d'agosto de 1779. Não mencionam a algebra elementar que estava no 1.º anno. Os Est. da acad. real dos guardas-marinhas tinham a algebra elementar no 2.º anno, o que depois foi alterado.

rem n'elle precisavam os alumnos de ter os exames do 1.<sup>º</sup> anno mathematico e das linguas franceza e ingleza<sup>1</sup>. Os exames das linguas vivas deviam ser mais rigorosos para os alumnos de commercio, aos quaes se exigia o « perfeito conhecimento d'ellas », ao passo que para os outros cursos bastava que os alumnos as tivessem « aprendido sufficientemente ». <sup>2</sup>

O curso biennal de commercio era regido por um só professor, porque o substituto só entrava em serviço da aula no impedimento do proprietario. Em 1819, porém, o substituto prestou-se a reger uma das aulas, e então decidiu-se que podessem os alumnos ser admittidos annualmente sem dependencia da conclusão do curso, como até então se havia praticado<sup>3</sup>. No 1.<sup>º</sup> anno do curso ensinavam-se os principios e as doutrinas dos contractos de seguros, de cambio, de fretamentos, de compra e venda, de commissões, etc.<sup>4</sup>. No 2.<sup>º</sup> anno, escripturação por partidas dobradas, geographia historico-commercial, direito mer-

<sup>1</sup> Estat. de 1803, §§ 10 e 42; e Edital de 1818.

<sup>2</sup> Estat. de 1803, art. 10; mas na prática não se fazia diferença entre os examinandos de linguas vivas.

<sup>3</sup> Sessão de 19 de outubro de 1819 no respectivo Liv. das Actas, fl. 22.

<sup>4</sup> Assim o disse por incidente, n'uma allegação avulsa de 13 de dezembro de 1811 o professor do commercio, tra-

cantil patrio e das nações com quem Portugal tem maior commercio (cit: Est. de 1803, §§ 42 e 43, e Est. da aula de commercio de Lisboa de 19 de abril de 1759, aprovados por alvará de 19 de maio do dito anno, §§ 12 a 15).

Este curso era muito mais completo do que o da aula de commercio de Lisboa, que não ensinava as linguas vivas, nem a geographia, nem o direito mercantil patrio e comparado, mas só alguns ramos d'elle.

Para animar a frequencia, a Junta da Companhia das vinhas do Alto-Douro, que empregava um numeroso pessoal nas suas vastas e variadas administrações, obrigava-se a preferir para os serviços da contadaria os alumnos da aula de commercio d'este estabelecimento (cit. Est., 1803, § 51). Apesar d'isso este curso, depois de passado o primeiro triennio <sup>1</sup>, que se abriu com 84 alumnos, teve sempre uma fre-

tando uma questão, que durou annos, sobre o modo de se conferirem os premios aos alumnos d'esta aula.

<sup>1</sup> A aula de commercio não deveria ter-se aberto senão no 2.º anno da instituição da academia, isto é, no de 1804 a 1805, porque o 1.º mathematico servia-lhe de preparatorio. Todavia entrou em exercicio logo no de 1803 a 1804, de maneira que o 1.º curso de commercio foi triennal, ensinando o professor de commercio em 1803 a 1804 as materias proprias do 1.º anno mathematico.

quencia pouco numerosa, 11 a 12 alumnos, termo medio. O preparatorio da 1.<sup>a</sup> cadeira de mathematica afastava-lhe muita concorrencia, porque as materias eram ensinadas n'um só anno e scientificamente, em vez de o serem em dois ou tres annos n'uma serie de exercicios praticos, como convinha a estudantes do curso de commercio. Além d'isso, como até 1819 este curso era rigorosamente biennal, só eram admitidos novos alumnos de dois em dois annos, e esta circumstancia não deixava estabelecer uma concorrencia regular.

A principal utilidade que a academia prestou à maioria dos negociantes que a frequentaram, proveio das aulas de francez e inglez, que regularmente contavam muitos alumnos. Todavia, o curso de commercio não deixou de fazer serviços importantes, generalisando, já directamente, já por intervenção dos seus alumnos, os conhecimentos commerciaes, especialmente o da escripturação, cujos processos hoje quasi triviaes, eram então geralmente ignorados.

*Curso de desenho.* Os estatutos de 1803 impunham ao professor respectivo a obrigação de apropiar as lições e regras do desenho ás profissões a que os alumnos se destinavam (§ 28). Para isso obrigavam-o a observar cada anno um curso completo, comprehendendo os diversos ramos de desenho, « de maneira que faça publicas as obras da arte, assim naturaes como de arbitrio e de convenção, explicando

distinctamente os principios de perspectiva, o modo de preparar as tintas e de dar as aguadas (§ 30). Atendiam, porém, especialmente ao desenho topographico e de marinha, determinando que o professor ensinasse «mui positiva e efficazmente o desenho de marinha, fazendo copiar e reduzir plantas de cartas, bahias, enseadas e portos, representando as vistas de ilhas, cabos e promontorios, e tambem a de navios, considerados em diferentes posições e manobras, e que ultimamente habilitasse os seus discipulos na praxe do ensino das cartas geographicas e topographicas» (§ 31). O professor dirigia os seus alumnos aos terrenos e posições em que melhor os podésse costumar a «estudar de perto a natureza e a imitar-a quanto possível fosse nas cópias das variadas perspectivas e objectos que offerece» (§ 35). Os alumnos deviam ser divididos em turmas, para que não se embaraçassem nos seus exercicios e a todos tocasse o fructo das lições (§ 36).

D'uma polemica travada desde 1805, mas mais desenvolvidamente em 1811, sobre a votação dos premios, vê-se que os estatutos eram diversamente interpretados a respeito da indole do ensino do desenho. Os lentes de mathematica entendiam que este ensino se devia fazer todo n'um só anno e que o seu principal fim era despertar as vocações dos alumnos.

Aqui poderiam ventilar-se duas questões — uma de direito, outra de facto. Como deveriam entender-

se os estatutos? Como eram elles na realidade applicados pelos professores, que tinham a seu cargo executal-os?

Quanto á primeira questão, não ha duvida que os estatutos obrigavam o professor a dar cada anno um curso de todos os ramos de desenho. Mas d'aqui não se segue que os alumnos fossem obrigados ou authoirizados a concluir n'um só anno o curso de todos es-ses ramos. Pelo contrario, os Estatutos parecem ter por fim abrir cursos especiaes accommodados ás profissões a que os alumnos se destinavam. Assim, os discípulos de pilotagem, por exemplo, estudariam o desenho de marinha; os que se dedicassem ás construcções, o desenho de architectura; outros, o desenho artistico, a pintura, etc.

O modo como foi montado este ensino prova que se deu particular attenção ao desenho artistico, sem se excluirem os outros ramos, mórmente o de marinha, que mereceu aos redactores dos estatutos mais minuciosa descripção.

Na verdade, além do lente e substituto da aula de desenho nomeados por cartas regias de 18 de outubro de 1803, em conformidade com os estatutos, outra carta regia da mesma data nomeou para director d'esta aula, com o ordenado de 600\$000 reis, a Francisco Vieira, que já conhecemos com o professor antes do estabelecimento da academia de marinha e commercio. Os estatutos não mencionam este cargo; e

uma consulta de 7 de Janeiro de 1806, em que a Junta proponha a Domingos de Sequeira para successor do dito Francisco Vieira, fallecido no anno antecedente, mostra que este cargo era provisorio e aconselhado pela conveniencia de ser bem dirigida esta aula no seu começo. Todavia o cargo existiu até á sua suppressão em 6 de novembro de 1821, confirmada pelo decreto de 13 de outubro de 1824, art. 4, e ainda alguns annos depois vêmos nomeado para elle, embora por um governo illegitimo, Augusto Roquemont, por carta regia de 28 de novembro de 1831. Os dois primeiros directores tinham uma reputação europêa como pintores e não podiam deixar d'imprimir no ensino o cunho do seu genio artistico. O primeiro lente de desenho, depois do estabelecimento da academia, foi José Teixeira Barreto, pintor e gravador, que depois de já ter nome de artista, havia estudado em Roma com José Cades e Ganheraux, pintor de historia. O substituto da aula foi Raymundo Joaquim da Costa, alumno da aula de desenho e architectura de Lisboa onde alcançára 5 premios. Mestres como estes deixam bem perceber qual seria a direcção do ensino do desenho no seu tempo. O seu notavel discípulo e sucessor no magisterio João Baptista Ribeiro, seguiu-lhes o exemplo, continuando as tradições dos seus mestres alguns annos ainda depois da transformação da academia de marinha e commercio em polytechnica.

A idéa que Francisco Vieira ligava a este curso,

revela-se claramente no simples titulo do opusculo que publicou em 1803 — « Discurso feito na abertura da *academia de desenho e pintura* na cidade do Porto por Francisco José Vieira Junior, primeiro pintor da camara e côrte, e lente da mesma academia ». <sup>1</sup>

Em confirmação do que dizemos, ainda hoje ha na academia obras de merecimento de muitos alumnos d'ella. Alguns frequentaram a aula durante 4, 5 e até 7 annos. A maioria, porém, dos discipulos *ordinarios*, vencia o curso n'um anno.

Para a matricula n'este curso exigia-se a frequencia e approvação da 1.<sup>a</sup> cadeira de mathematica, o que reduzia muito o numero dos alumnos de desenho, como succedia ao curso de commercio. Admittiam-se, porém, alumnos *extraordinarios*, á imitação do que

<sup>1</sup> A circunstancia de se denominar *lente* em vez de director parece justificar a opinião do Snr. Silvestre Ribeiro, de que este discurso foi proferido em 10 de junho de 1802 (*Hist. dos Estab. scient.*, tomo 3.<sup>o</sup>, pag. 23 e 24). A isto accresce que nos termos da matricula da aula de desenho, Francisco Vieira assigna-se *Junior* até outubro de 1802; e desde novembro de 1803 o seu nome apparece sem este distintivo. Mas o titulo pomposo de *academia de desenho e pintura* não quadrava á modesta aula de desenho annexa á de nautica, nem aquella aula fôra instituida por D. João VI, a quem Vieira no seu discurso attribue a criação da academia.

permittiam os estatutos da aula de desenho e architectura de Lisboa. A estes não se exigia preparatorio algum, mas por via de regra não eram matriculados na secretaria academica, e por isso não figuram na nossa estatistica.

*Curso de agricultura.* A cadeira de agricultura não é mencionada nos estatutos, salvo no § 56. Foi creada pelo alvará de 29 de julho de 1803, que approvou os mesmos estatutos para ser provida « quando as circumstancias o permittissem », o que só aconteceu por virtude da carta regia de 3 d'outubro de 1818, que lhe deu por lente o Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto.

A Junta inspectora havia pedido reiteradamente ao grande botanico portuguez Felix d'Avelar Brotéro, que se encarregasse de ensinar a agricultura e ofereceu-se a comprar terreno para as experiencias e a ministrar-lhe os instrumentos e machinas necessarias.<sup>1</sup> Brotéro não pôde aceitar o convite; e quando foi nomeado o Dr. Agostinho Albano, não podia a Junta inspectora dar a este distincto professor os meios que oferecêra a Brotéro, porque então as despezas da academia excediam muito as forças da sua dotação.

<sup>1</sup> Brotéro, *Reflexões sobre a agricultura de Portugal nas Mem. da Acad. Real das Scienc. de Lisboa*, tom. IV, Parte 1.<sup>a</sup> (1815).

Não encontramos regulamento ou disposição alguma a respeito da organisacão d'este curso. Não lhe podia ser applicado o programma da facultade de philosophia da Universidade, unico estabelecimento em que então se ensinava a agricultura, porque havia n'ella cadeiras subsidiarias, que faltavam á academia, a de zoologia e mineralogia no 1.<sup>º</sup> anno, de physica experimental no 2.<sup>º</sup> e as duas do 3.<sup>º</sup> anno, uma de chimica, outra de botanica que formava a 1.<sup>ª</sup> parte da propria cadeira de agricultura.<sup>1</sup>

O director litterario da academia de marinha e commercio, n'uma informacão de 13 de setembro de 1824<sup>2</sup>, propunha que se creasse o logar de substituto d'esta cadeira e se reduzisse o seu curso a 3 an-

<sup>1</sup> A cadeira de botanica e agricultura foi creada na facultade de philosophia por C. Regia de 24 de janeiro de 1791, separando-se a botanica da cadeira de historia natural, que segundo os estatutos da universidade comprehendia os tres reinos. Depois, a C. Regia de 21 de janeiro de 1801 tornou a passar a botanica para a cadeira de historia natural, ficando a agricultura com uma cadeira privativa. Parece porém que esta ultima disposição não vigorou por muito tempo. Em 1811 a 1812 e provavelmente já em 1807, senão antes, a botanica formava com a agricultura uma só cadeira.

<sup>2</sup> Publicada na *Hist. dos Estabel. scient.*, t. II, pag. 405 e seg.

nos, ensinando-se no 1.<sup>º</sup> a zoologia, mineralogia, botanica e physica geral; no 2.<sup>º</sup> a physica particular e a chimica; no 3.<sup>º</sup> a agricultura, exigindo-se como preparatorio d'este curso triennal, o 1.<sup>º</sup> anno mathematica, a philosophia racional e alguma das linguas francesa ou ingleza. D'aqui poderia deduzir-se que á data d'esta informação o curso de agricultura tinha mais de 3 annos. Parece, porém, que foi sempre biennal, estudando-se no 1.<sup>º</sup> anno a chimica e a botanica, e no 2.<sup>º</sup> a agricultura. Esta era com certeza a distribuição do curso desde que o lente Agostinho Albano publicou as suas «*Primeiras linhas de chimica e botanica, coordenadas para uso dos que frequentam a aula de agricultura da real academia de marinha e commercio*, parte 1.<sup>a</sup>—Porto, 1827. A 2.<sup>a</sup> parte que devia conter os elementos de agricultura, não chegou a publicar-se.<sup>1</sup>

A proposta do director para a creação do logar de substituto e para a organisação do curso não teve resultado. Em 1827, porém, a carta regia de 30 de junho, nomeando o bacharel em medicina Pedro Antonio Soares Vellozo para substituto da cadeira de phi-

<sup>1</sup> Esta distribuição de curso vem indicada no prologo das citadas *Primeiras linhas de chimica e botanica*, e está conforme com o registo dos pontos para os actos da cadeira de agricultura.

losophia racional e moral, impôz-lhe á obrigação de substituir tambem nos seus impedimentos o lente de agricultura.

Em 1829 o governo illegitimo de D. Miguel demitiu com varios outros lentes o da cadeira de agricultura (13 de maio) e suprimiu a propria cadeira pela Res. de 31 de julho.<sup>1</sup>

A suppressão fundava-se em que esta cadeira não tinha aproveitado nem podia aproveitar por falta dos indispensaveis preparatorios philosophicos, e abonava-se com a informação do director litterario da academia, que era o mesmo que em 1824 havia sustentado calorosamente a conservação d'esta cadeira.<sup>2</sup>

A frequencia d'este curso era na verdade pequena. Desde o anno de 1819 a 1820 até o de 1828 a 1829 não houve mais de 86 alumnos matriculados, ou 8 a 9 por anno, termo medio, e d'estes eram raros os que levavam o curso ao fim. O peor era que para a agricultura prática faltavam completamente os meios materiaes, e para a agricultura scientifica não havia as aulas subsidiarias. Apesar d'isso, o decreto de 19 de outubro

<sup>1</sup> Citada na *Historia dos Estabelecimentos scientificos*, t. V, pag. 347.

<sup>2</sup> *Informação do director litterario Joaquim Navarro de Andrade de 13 de setembro de 1824*, na cit. *Hist. dos Estabel. scient.*, t. II, pag. 405 e seg.

de 1836 comprehendeu no quadro provisorio da aca-démia de marinha e commercio um lente e um subs-tituto da cadeira de botanica e agricultura, devendo o lente ser encarregado da direcção do jardim botá-nico, quando o houvesse. N'esse mesmo anno foi no-meado para esta cadeira o Dr. Antonio da Costa Pai-va, hoje Barão de Castello de Paiva. (Decreto de 20 de outubro de 1836 e C. R. de 3 janeiro de 1837).

*Linguis franceza e ingleza.* No principio d'este seculo, o francez era geralmente conhecido em Por-tugal das classes abastadas, e o inglez era bastante es-tudado na cidade do Porto, onde havia muitos nego-ciantes inglezes e um importante commercio com a Grão-Bretanha. Todavia, a creaçao de aulas publicas para o ensino d'estas linguas na academia de marinha e commercio do Porto foi quasi uma novidade na his-toria da instruçao publica em Portugal.

O methodo estabelecido nos Estatutos para o en-sino d'estas linguas não variava essencialmente do que então se costumava seguir no estudo do latim. Os pro-fessores dictariam as suas lições pela grammatica que se achasse mais conceituada, adestrariam os seus dis-cipulos na pronuncia das vozes e na leitura, e far-lhe-iam reconhecer no author que seguissem e nas tra-duçoes que fizessem, os logares que mais vivamente depozessem do genio da lingua, assim como do estylo e gosto mais seguido e depurado dos authores dignos de se estudarem. Nas versões prefeririam sempre os

nossos classicos para aperfeiçoarem os alumnos no conhecimento da lingua patria. Com uma boa intenção, aliás pouco exequivel, mandavam os estatutos que os professores escolhessem os assumptos mais analogos ao destino dos alumnos, de maneira que os que se habilitassem para negociantes, traduzissem autores que tratasssem de commercio; os que se dirigissem á pilotagem, « as obras mais eruditas e completas de geographia, etc. » (Est. de 1803, §§ 39 a 41). Os estatutos do collegio dos nobres anticiparam-se a condenar este metodo, recommendando que as lições das linguas modernas fossem pela maior parte de viva voz, sem que os professores carregassem os discipulos com multidão de preceitos desnecessarios em linguas que são vivas e que se aprendem muito mais facilmente e melhor, lendo, conferindo e exercitando em repetidas práticas. » (Est. de 7 de março de 1761, tit. 8, § 2.º) Mas cada metodo tem seu lugar. Onde não se estudam as linguas mortas, que são o mais perfeito instrumento pedagogico para o desenvolvimento das faculdades e para o conhecimento da grammatica geral e das leis da linguagem, é conveniente que esta falta seja suprida, quanto é possível, por occasião do estudo das linguas vivas.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Kramer, na *Encyklopädie des gesammten Erziehungs und Unterichtswesens*, 6.º vol. art. *Realschule*, pag. 688.

A Junta inspectora escolheu para mestres individuos a quem estas linguas eram patrias, como Miguel Sheil, professor, e Thomaz Danagan, substituto para inglez, os abbes Dupuy Melgueil e Pedro Lacroix para professor e substituto de francez.

Nos trinta e dois annos *uteis* do periodo de que tratamos (não contando os de 1832 a 1834, em que a academia esteve fechada por causa do cerco do Porto) teve a aula de inglez 1200 alumnos, e a de francez 2518. N'este periodo as linguas vivas não eram exigidas para curso algum senão para a academia. Apenas as academias dos guardas-marinhas e de fortificações obrigavam os alumnos a um exame prévio de francez, feito perante um dos seus professores. N'estas circumstancias, aquella frequencia mostra quão util e popular teria sido n'esta cidade do Porto o ensino secundario especial, organizado segundo as regras da pedagogia moderna.

*Philosophia racional e moral.* Esta disciplina desstoava um tanto da indole da academia. Não era exigida senão para o curso completo de mathematica. A lei creou esta cadeira com o fim principalmente de facilitar o estudo d'esta materia como preparatorio das facultades da Universidade. Por isso os estatutos mandavam que o ensino d'ella fosse dirigido pelos methodos e authores seguidos na Universidade (Cit. Est. 1803, §§ 10, 27 e 38). No Porto havia outra aula de *philosophia racional* como em varias outras terras do

reino; mas na academia o ensino era mais perfeito em razão das superiores habilitações que se exigiam dos seus professores.

A Junta inspectora e o governo deram sempre muita consideração a esta disciplina. O professor tinha, como os de mathematica, commercio, desenho e agricultura 600\$000 reis de ordenado. O 1.º substituto foi nomeado com o vencimento de 350\$000 reis, como os substitutos de desenho e commercio; mas recebeu sempre na razão de 450\$000 reis, ordenado que depois se estabeleceu para os substitutos de mathematica, e só muito mais tarde para os de desenho e commercio.

Uma carta regia de 29 de setembro de 1829 levou a tal altura este curso, que não admittia a matricularem-se n'elle alumnos que não tivessem exame da lingua latina e frequencia e exame de arithmetic e geometria elementar <sup>1</sup>. Ainda que esta providencia partiu d'um governo illegitimo, não prova menos a importancia que se ligava ao ensino de philosophia racional na academia de marinha e commercio.

*Cadeira de primeiras letras.* Esta cadeira foi criada pela Resolução Regia de 8 de outubro de 1811 com o ordenado de 400\$000 reis, como tinham os professores das linguas vivas. Outra Res. Reg. de 12 de ja-

<sup>1</sup> Cit. *Hist. dos estabelecimentos scientificos*, t. V. pag. 347.

neiro de 1816 creou um logar de substituto com ordenado igual ao do proprietario, e com a obrigação de ensinar de manhã e de tarde. Esta chamada substituição equivalia, pois, a uma segunda cadeira. Estes ordenados foram reduzidos em 1825, o do proprietario a 250\$000 reis, e o do substituto a 150\$000 reis<sup>1</sup>, mas ainda assim ficaram muito superiores aos dos outros mestres de instrucção primaria do reino, que eram de 90\$000 reis.

O director litterario que propozera a reducção, dizia que esta cadeira não tinha a menor connexão com os estudos da academia<sup>2</sup>; mas a Junta inspectora, quando consultou a sua criação, parecia ter o presentimento do sistema americano, que não aprecia muito as graduações de instrucção adoptadas na Europa. A Junta não querendo isolar o seu estabelecimento das classes populares, procurava offerecer-lhes cursos completos de habilitação e applicação ao commerçio e á marinha. O seu grande defeito, que a impediu de tirar vantagem da criação d'esta cadeira, foi metter entre ella e os outros cursos, o 1.<sup>º</sup> anno mathematico, que pelo methodo universatario de ensino das respe-

<sup>1</sup> Art. 5 do Alvará de 16 d'agosto de 1825 na collecção das leis.

<sup>2</sup> Informação já mais vezes citada, de 13 de setembro de 1824 na *Historia dos estabelecimentos scientificos*, t. II, pag. 405.

ctivas materias, oppunha uma barreira insupperavel á maioria dos alumnos. Os nossos mappas não comprehendem a frequencia d'esta cadeira, da qual não encontramos livros de matricula, e apenas uns mappas de alguns poucos annos.

*Inspecção, administração e direcção da academia de marinha e commercio.* Em quanto as academias da capital estavam distribuidas por differentes ministerios, esta ficava subordinada ao ministerio do reino. (Est. de 1803, § 57). A sua immediata inspecção, direcção e administração competia á Junta da administração da *Companhia Geral da agricultura das vinhas do Alto-Douro*<sup>1</sup>, que se offerecera a este encargo sem outro premio que o serviço do rei e o bem da patria<sup>2</sup>. Assim, a esta Junta pertencia, segundo os estatutos, admittir os alumnos á matricula (§ 6) passar as cartas de sota-pilotos e de pilotos, (§§ 25, 26 e. 23), regular o horario das aulas, ouvindo os professores (§ 14), propôr, consultado o parecer do conselho academico, as reformas convenientes, assim na parte lit-

<sup>1</sup> Alvará de 9 de fevereiro de 1803, §§ 5 a 8 na collecção das leis.

<sup>2</sup> *Representação da Junta da administração da Companhia Geral da agricultura das vinhas do Alto-Douro*, de 4 de Janeiro de 1803 na cit. *Historia dos estabelecimentos científicos*, t. II, pag. 401.

teraria, como na economica (§ 57), propôr a nomeação e demissão dos professores (§ 50) prover directamente todos os mais empregos (§ 58), ministrar á academia quanto fosse conveniente ao ensino (§§ 48 e 57), dirigir a administração das obras do edificio e, enfim, cobrar os impostos e receitas que constituiam a dotação do estabelecimento e satisfazer as despezas, dando annualmente conta ao Governo (Alvará 9 de fevereiro de 1803, §§ 5 a 8 e legislação citada na parte em que tratamos das antigas aulas de nautica e desenho).

A Junta da Companhia compunha-se de um provedor e sete deputados, eleitos de dois em dois annos pelos accionistas que tivessem um certo numero de accções. A Junta dividia pelos seus membros o cuidado especial ou a *inspecção* de um ou mais ramos de serviço, conforme a aptidão de cada um. Antes da fundação da academia, as aulas de nautica e desenho já eram objecto d'uma das oito *inspecções* em que se achavam distribuidos os trabalhos da Junta; mas o novo estabelecimento requeria maior cuidado, maior trabalho e uma aptidão mui diversa da que os accionistas costumam procurar para a gerencia dos seus interesses. Ainda que a Junta se mostrou sempre digna da inspecção que lhe foi commettida, entendeu ella que devia auxiliar-se d'un funcionario especial, e fundada no art. 58 dos estatutos creou o logar de *vice-inspector* « para por sua intervenção serem levados á presença de sua alteza-real todos os negocios

ocorrentes relativos á academia.» A Junta nomeou para este logar Manoel Joseph Sarmento, em attenção áos «relevantissimos serviços que o estabelecimento deve ao nomeado, e ao incansavel zélo patriotico com que o promoveu e organisou»<sup>1</sup>. O vice-inspector recebia de ordenado 1:800\$000 reis, quantia que, at-tendendo-se já a que metade era paga em papel, e que o papel até o anno em que foi supprimido este logar, soffreu um desconto medio de 22 %, corres-pondia hoje a 2:000\$500 reis ou cerca de 11:200 fran-cos<sup>2</sup>. Apesar, porém, dos encomios que acompanha-ram a nomeação e apesar da remuneração que se lhe seguiu, não ha na secretaria da academia indicio al-gum importante de serviços d'este funcionario. Os proprios vestigios de serviços insignificantes são muito raros. Assistiu ás sessões solemnes da abertura em 1804 e 1811. Nas actas das outras sessões não se men-ciona nem a sua presença nem a sua ausencia.

Diz um authorisado escriptor, e repete-o outro igualmente authorisado, que até 1812 era o vice-ins-pector quem punha o *cumpra-se* nas cartas regias diri-gidas á academia e que a Junta inspectora lh'o prohi-

<sup>1</sup> Provimento de 2 de setembro de 1803, registado no livro do registo das cartas regias e nomeações a fl. 5 na secre-taria da Academia Polytechnica.

<sup>2</sup> Veja-se a nota 2.<sup>a</sup> a pag. 93 e 3.<sup>a</sup> a pag. 97.

bira d'esta época em diante<sup>1</sup>. Aqui, porém, ha alguma equivocação. Em primeiro lugar a academia não tinha o privilegio de lhe serem dirigidas cartas regias. As de que se trata são cartas regias de nomeação ou provimento. Em segundo logar o vice-inspector até 1812 escrevia simplesmente o seu nome n'aquellas cartas sem despacho algum: o *cumpra-se* pertencia á Junta inspectora. Foi uma vez em 1812, que o vice-inspector achando-se em Lisboa, pôz n'uma d'aquellas cartas o «*cumpra-se e registre-se*», um mez depois de se achar exarado n'ella igual despacho lançado pela Junta<sup>2</sup>. Portanto, se a Junta alguma coisa fez, foi estranhar a novidade, não condemnar um uso antigo.

O lugar de vice-inspector era, pelo modo como o exercia o dito Manoel Joseph Sarmento, uma verdadeira *sine-curia*, que não podia escapar á patriotica vigilancia das Côrtes de 1820. Foi na verdade suprimido por um decreto d'ellas, de 6 de novembro de

<sup>1</sup> Snr. José Maria d'Abreu, *relatorio da inspecção extraordinaria á Academia Polytechnica do Porto em 1864*. Lisboa, Imp. Nacional, 1865, pag. 70, not. Snr. Silvestre Ribeiro, *Historia dos estabelecimentos scientificos*.

<sup>2</sup> Carta de 9 de outubro de 1821, nomeando João Gonçalves das Neves para a cadeira de primeiras letras. O *cumpra-se* do vice-inspector é de 21 de agosto de 1812.

1821, sendo a extincção confirmada por decreto de 13 de outubro de 1824, art. 3º

Sobre a consulta da Junta inspectora de 3 de fevereiro de 1816 foi criado pela Res. Reg. de 27 de agosto de 1817 o cargo de Director litterario d'esta academia com o ordenado de 1:200\$000 reis, que corresponde hoje a 1:305\$000 reis (7:250 francos). Em duas authorisadas publicações que já citamos <sup>1</sup>, vem transcripto um documento, como se fosse a dita *resolução*, o que não é exacto. O documento de que se trata, é apenas um trecho extrahido da carta regia que nomeou para director litterario o Dr. Joaquim Navarro d'Andrade. A Res. Reg. provavelmente limitava-se ás palavras « *como parece* » escriptas na consulta da Junta inspectora, e d'este modo approvava tudo quanto a Junta propunha, que era mais do que se encontra no alludido documento.

Na verdade, este documento limita-se a justificar a criação d'aquelle emprego e a declarar as qualidades que deve ter quem houver de o ocupar, ao passo que a consulta da Junta approvada pela citada *Res. Reg.* não se reduz a isso, mas define tambem as atribuições do director litterario.

Nos termos dos diversos documentos, que temos

<sup>1</sup> Cit. relatorio da inspecção extraordinaria, pag. 129 e cit. *Historia dos estabelecimentos scientificos*, t. II, pag. 395.

referido, este cargo deve ser « ocupado por pessoa de reconhecida probidade, litteratura e prudencia, e dotada de juizo maduro, exacto, solido e zeloso do bem publico, do adiantamento e progresso das sciencias, preferindo-se a outros quaequer individuos, os que no longo exercicio do magisterio na Universidade de Coimbra houvessem mostrado possuir em grau eminente as referidas qualidades ».

O director litterario teria a seu cargo o regimento e direcção geral dos estudos e o governo ordinario da academia, fazendo guardar a boa ordem e subordinação entre os seus empregados, e zelando a observancia dos estatutos. Elle representaria o corpo docente nos casos em que os estatutos o mandam ouvir, podendo consultar todos os professores em congregação ou só alguns d'elles e proporia á Junta depois d'esta consulta ou sem ella, quanto lhe parecesse conveniente, para que a mesma Junta resolvesse (se lhe competisse) ou solicitasse a decisão superior. As propostas ou informações do director deviam acompanhar as consultas da Junta. Emfim o director litterario teria a sua morada no edificio da academia, logo que n'elle hovesse commodos para habitação, o que nunca chegou a realisar-se.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> A parte da consulta que extractamos foi communicada ao director litterario pela Junta inspectora em officio de 19 de

Depois da criação do cargo de director litterario, ainda aparecem os termos de matricula dos estudantes, com a declaração de que são lavrados « *por despacho da illustrissima Junta, etc.* » ; mas isto foi para se aproveitarem os livros em que estas e outras palavras, communs a todos os termos, se acham impressas. Em todos os livros destinados á inscripção dos alumnos depois do anno de 1817 a 1818, se encontra uma folha intercalada, declarando que de 1818 a 1819 em diante os despachos para matricula eram do director litterario, sendo este o presidente d'ella.

As Côrtes de 1821 a 1823 fizeram nas disposições que temos referido algumas alterações, que duraram pouco.

Uma ordem de 6 de novembro de 1821 reduziu a 200\$000 reis o ordenado do director litterario e por uma lei de 17 de maio de 1822 foi a Junta da administração da Companhia Geral da agricultura das

janeiro de 1818, registado no livro dos officios da secretaria da Académia Polytechnica. — Veja-se tambem a Carta Regia de 9 de setembro de 1817, que nomeou o Dr. Joaquim Navarro d'Andrade para o cargo de director litterario. Ambos estes documentos foram publicados na *Representação das Côrtes geraes extraordinarias e constituintes da nação portugueza*, por Joaquim Navarro d'Andrade — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1822.

vinhas do Alto-Douro, privada da inspecção de quaquer estabelecimentos publicos e obrigada a remetter á competente repartição o producto dos direitos que arrecadasse, passando o imposto de consumo sobre o vinho na cidade do Porto e seu termo, a ser cobrado pelo provedor e corregedor da comarca d'esta cidade. (Cit. lei nos art. 4, 24 e 26). As Côrtes esqueceram-se de providenciar sobre os pagamentos que até então se faziam pelo cofre da Junta, e só em janeiro de 1823 resolveram que esta Junta continuasse a pagar aos empregados da'academia pelos rendimentos que fosse percebendo.<sup>1</sup>

Pouco duraram, como dissemos, estas disposições. A lei de 21 de agosto de 1823 revoga quanto as Côrtes haviam ordenado a respeito da Companhia dos vinhos, salvas algumas restrições que não pertencem ao nosso assumpto. O aviso regio de 23 de setembro de 1823<sup>2</sup> não só reintegra o director litterario no seu primitivo ordenado, mas manda-o embolsar da quan-  
tia que lhe tinha sido deduzida. Finalmente, o decreto de 13 de outubro do mesmo anno declara que, em tudo o que não fôr contra as attribuições do director litterario, reguladas pela Res. Reg. de 27 de agosto de

<sup>1</sup> Cit. *Hist. dos estabelecimentos scientificos*, t. II, pag. 424.

<sup>2</sup> Registado a fl. 21 do livro 92 da secretaria da Academia Polytechnica.

1817, acima extractadas, a Junta da Companhia da agricultura das vinhas do Alto-Douro conservará o título e funcções de inspectora da academia, como lhe fôra concedido pelo alvará de 9 de fevereiro de 1803 e pelos estatutos approvados por alvará de 29 de julho do mesmo anno.

Assim, as cousas continuaram como d'antes até á extincção dos privilegios da Companhia pela legislação de 1832 a 1834, com a qual veio a cessar a intervenção da Junta nos negócios academicos. Desde o principio de julho de 1834 entrou a administração d'esta academia na regra dos demais estabelecimentos do estado, conservando todavia o director litterario o seu antigo ordenado e attribuições até ao decreto de 19 de outubro de 1836.

Por este decreto o director é um dos lentes da academia, nomeado pelo governo com a gratificação (além do ordenado da sua cadeira) de 200\$000 reis, que hoje correspondem a 213\$333 reis ou 1:195 francos <sup>1</sup>. Na sua falta, ou impedimento serve o lente mais antigo. Os negócios graves e todos os que pelas leis estavam na parte deliberativa a cargo das autho-ridades inspectoras, são discutidos em conselho dos

<sup>1</sup> As peças de ouro, que desde 6 de março de 1822 até 3 de igual mez de 1847 valiam 7\$500 reis, valem hoje 8\$000 reis.

lentes e decididos á plurideade de votos para serem propostas ao governo as resoluções que carecem da sua approvação, ou executadas pelo director as que couberem na competencia da academia. A conta da despeza é fiscalisada pelo conselho dos lentes, a quem é apresentada pelo secretario no fim de cada anno.

Taes são na materia sujeita as disposições do cí-  
tado decreto, das quaes algumas ainda estão em vi-  
gor.

Os directores da academia de marinha e commer-  
cio desde a creação d'este cargo foram os seguintes:

Dr. Joaquim Navarro d'Andrade, do conselho de S. M., 2.<sup>º</sup> lente da facultade de medicina da Universidade de Coimbra, igualado ao 1.<sup>º</sup> lente, socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa, deputado da Junta da directoria geral dos estudos e escholas do reino desde 1808. Tinha sido despachado em 1791 lente cathedratico da facultade de medicina, depois de dous annos de oppositor, regendo nos primeiros quinze annos do seu magisterio a cadeira de instituições medicas, passando depois a reger a cadeira de therapeutica particular no 4.<sup>º</sup> anno do curso medico. Escreveu para uso das aulas dos 2.<sup>º</sup> e 4.<sup>º</sup> annos medicos dous opusculos em latim, que a sua facultade mandou estampar na imprensa da Universidade. Recitou por motivo das exequias da Senhora D. Maria I a oração funebre latina, que foi mandada imprimir por ordem de S. M. na imprensa do Rio

de Janeiro. Foi nomeado director litterario da academia de marinha e commercio do Porto por carta regia de 9 de setembro de 1817, cargo de que tomou posse com muita pompa a 11 de fevereiro de 1818. Falleceu no Porto, na freguezia de Santo Ildefonso, em junho de 1831.

2.º Dr. Sebastião Corrêa d'Andrade, 3.º lente da faculdade de mathematica com exercicio na cadeira de geometria da Universidade de Coimbra. Foi nomeado director litterario da academia da marinha pelo governo de D. Miguel, em carta regia de 3 de fevereiro de 1832. Falleceu em S. Miguel das Aves, concelho de Villa-Nova de Famalicão em 26 de outubro de 1838. A sua biographia encontra-se na *Memoria historica da faculdade de mathematica* do Snr. Castro Freire, Coimbra, 1872. Serviu o cargo de director litterario só até á entrada do exercito libertador no Porto em 9 de julho de 1832.

3.º Agostinho Albano da Silveira Pinto, bacharel formado na faculdade de medicina e doutor na de philosophia pela Universidade de Coimbra, onde foi opositor e demonstrador de historia natural. Professor de francez na academia de marinha e commercio da cidade do Porto (C. R. de 28 fevereiro de 1815), e depois lente da cadeira de agricultura na mesma academia (C. R. de 3 de outubro de 1818). Director da real eschola de cirurgia do Porto por decreto de 26 de agosto de 1826. Demittido pelo governo intruso

de D. Miguel em 13 de maio de 1829. Restituido por virtude da entrada do exercito libertador em 1832 e jubilado na cadeira de agricultura por C. R. de 6 de dezembrô de 1834. Encarregado interinamente da direcção d'esta academia por decreto de 28 de outubro de 1833, e definitivamente por C. R. de 6 de dezembro de 1834, vencendo como director só a diferença entre o ordenado d'este cargo e o de professor jubilado. Regeu um curso de economia politica n'esta cidade em 1837 a convite da Associação Commercial. Deputado ás Côrtes em todas as legislaturas desde 1838 até o seu falecimento. Socio efectivo da academia real das sciencias de Lisboa. Vice-presidente do tribunal de contas. Ministro da marinha e ultramar desde 18 de dezembro de 1847 até 29 de março de 1848. Falleceu em 11 de outubro de 1852 com 67 annos de idade. Tinha sido exonerado do cargo de director d'esta academia em 19 de outubro de 1836 em consequencia dos acontecimentos politicos d'esse anno. A lista dos seus escriptos acha-se no *Diccionario bibliographico* do Snr. Innocencio Francisco da Silva e na *Memoria historica da Philosophia* do Snr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho, Coimbra, 1872.

4.º João Baptista Ribeiro, por decreto de 22 de outubro de 1836 e C. R. de 27 de maio de 1837, substituto da aula de desenho d'esta academia (C. R. 22 de outubro de 1811), e proprietario d'esta aula (C. R. 6 de junho de 1833). Foi, até o seu falecimento,

24 de Julho de 1868, director da academia polytechnica.

*Do magisterio na academia da marinha e commercio.* Os professores e substitutos eram nomeados pelo rei sob proposta da Junta inspectora. As cartas regias das primeiras nomeações davam o nome de lentes aos professores proprietarios de mathematica, desenho, commercio e philosophia racional; o de professores aos das linguas franceza e ingleza. Os estatutos parecem admittir diferença entre lentes e professores (§§ 1, 11, 14, 57 e 58). A primeira classificação era reputada por mais honrosa.<sup>4</sup> Em 1818 o lente de commercio recusou-se a aceitar um documento em que o director litterario o tratava por professor. A questão podia ser importante fóra do campo da vaidade, porque os estatutos de 1803 equalavam os *lentes* d'este estabelecimento aos da academia real da marinha de Lisboa (§ 50), e portanto aos da Universidade (Est. da academia real da marinha de Lisboa de 5 de agosto

<sup>4</sup> *Lentes como legentes.* Antigamente fazia-se distinção entre sciencias maiores e menores, e entendia-se que sómente eram proprias d'estas os exercicios litterarios, e que n'aquellas fizessem os estudantes o papel de meros ouvintes, e os lentes repetissem as suas prelecções sem tomarem conta d'ellas aos mesmos estudantes. Vej. Estat. da Universidade, 1772, liv. 3. part. 1, tit. 4, cap. 1 § p. 2, pag. 109 e seg.

1779), os quaes gosavam de jubilação mais favoravel do que o commun dos professores. Todavia os estatutos de 1803 não são firmes na sua distincção. Os professores de mathematica são muitas vezes, e sem excepção, mencionados como *lentes* (§§ 1 a 4, 6, 7 e 11 e *passim*). Como lentes são mencionados tambem os de philosophia racional e agricultura (§§ 1 e 56). Os de linguas estrangeiras nunca teem outro titulo senão o de professores (§§ 1 e 39). Mas os de commercio e desenho, que no § 1 são contados como professores e quasi excluidos da classe de lentes, apparecem restituídos a esta cathegoria, o primeiro no § 43, o segundo em muitos logares (§§ 28, 30, 35, 36 e 56). A secretaria de estado tambem não guardava a maior coherencia nos seus tratamentos, pois que na carta regia de 9 de outubro de 1811, que nomeou o professor de primeiras letras, deu-lhe o nome de *lente*, posto que o secretario da academia nunca o tratava senão como *mestre*.

O *mestre* de apparelho e manobra naval não gosava da graduação de professor, e era, como todos os mais cargos estranhos ao magisterio, provido directamente pela Junta inspectora, segundo a regra do § 58 dos estatutos.

Os estatutos exigiam para o magisterio de mathematica, agricultura e philosophia racional, o grau de licenciado pela Universidade de Coimbra « ou para o

futuro por esta academia »<sup>1</sup>; para o de commercio a approvação n'este curso pela aula respectiva de Lisboa ou por esta academia; para o de desenho, titulos em fórmula passados por academias bem reputadas, ou obras proprias que acreditassem o proposto (§ 56).

Os estatutos eram omissos sobre as habilitações dos professores de francez e inglez. A Junta propunha quem lhe parecia melhor, até que pela carta regia de 11 de setembro de 1826 se estabeleceu o concurso para o provimento das cadeiras d'estas aulas, bem como das de primeiras letras e seus substitutos. Em fins de 1834 foi ampliado o systema de concurso para o provimento de todos os logares do magisterio academico, regra a que todavia se faltou nos provimentos que se fizeram pouco depois da revolução de setembro de 1836, nem então era possivel observal-a, porque quasi todos os lentes se recusaram a jurar a constituição de 1822, e foram exonerados, faltando portanto professores para constituir o jury dos exames.

Em 1825 creou-se a classe de opositores ás ca-

<sup>1</sup>. Quer dizer o exame geral de mathematica da academia, porque os estatutos de 1803 não estabeleciam uma instituição semelhante á da licenciatura da Universidade. Esta é de criação posterior, como se verá.

deiras de mathematica, á imitação do systema estabelecido na Universidade de Coimbra desde o alvará de 1 de dezembro de 1804, modificado por algumas disposições posteriores. Só podiam ser admittidos como oppositores os licenciados em mathematica pela Universidade de Coimbra ou os alumnos da academia, que tivessem repetido o 2.<sup>º</sup> e 3.<sup>º</sup> annos mathematicos e satisfeito a certas provas de que se tratará no logar competente. A admissão á classe de oppositor dependia d'uma votação, por pluridade de votos, da congregação de mathematica, presidida pelo director litterario. Os oppositores regiam, na falta dos proprietarios e substitutos, as cadeiras para que fossem nomeados; argumentavam, por turno, juntamente com os lentes de mathematica, nos actos de repetição, e podiam incorporar-se com os mesmos lentes nas solemnidades da academia. O serviço dos oppositores, que era gratuito, dava-lhes apenas o direito de serem propostos, conforme a aptidão de que n'elle tivessem dado provas, para as substituições ou cadeiras que vagassem (alvará de 16 de agosto de 1825, art. 3 e 4).

Os substitutos de mathematica eram promovidos por antiguidade ás cadeiras vagas d'esta sciencia <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Est. de 1803, § 5, junto com os estatutos da academia real de marinha de Lisboa de 5 de agosto de 1779, titulo dos *substitutos in fine*.

Nunca se faltou a esta regra senão uma vez por engano, e ainda então deu-se uma reparação completa ao substituto preterido, sendo igualado em honras e vencimentos ao que fôra provido na cadeira que diretamente pertencia ao outro <sup>1</sup>. A antiguidade regulava-se pela data do despacho e em egualdade de data pela do grau ou habilitação academica, segundo a legislação da Universidade. <sup>2</sup>

Ainda que o citado art. 5 dos estatutos de 1803 parece restricto aos substitutos de mathematica, todavia seguiu-se como principio geral a promoção dos outros substitutos ás respectivas cadeiras. Houve apenas duas excepções, ambas na cadeira de francez, uma, em 1811, e outra em 1819.

A Junta inspectora considerava o estado ecclesiastico como uma especie de impedimento impeditivo do magisterio, apesar de serem ecclesiasticos o primeiro professor e substituto de francez. Foi preciso que baixasse uma insinuação do governo para que ella, desviando-se do seu propósito, consultasse para sub-

<sup>1</sup> Cit. *Hist. dos estabelecimentos científicos*, t. V, pag. 221.

<sup>2</sup> O caso de que trata a citada *Historia dos estabelecimentos científicos* foi decidido pela legislação da Universidade, que era o alvará de 1 de dezembro de 1804, art. 8 e 11, decreto de 11 de setembro de 1772, C. R. de 24 de janeiro de 1791 e estatutos velhos da Universidade.

stituto de mathematica o bacharel Domingos Salgado, que era presbytero <sup>1</sup>. Não consta, porém, que este fosse nomeado, parecendo que o governo se conformou com a doutrina da Junta. Houve uma excepção em 1829 a respeito d'um lente do 3.<sup>º</sup> anno mathematico, que era benedictino, mas foi no tempo d'um governo illegitimo, e depois do alvará de 10 de junho de 1826 que abrira a carreira do magisterio aos membros das ordens e corporações regulares.

Antes de 1836 não ha lei que estabeleça o ordenado dos professores da academia. Estes ordenados eram declarados nas primeiras cartas de nomeação, e o precedente ficava constituindo direito para o futuro. Os lentes de mathematica, desenho, commercio, philosophia racional e agricultura venciam 600\$000 reis. O director da aula de desenho vencia os mesmos 600\$000 reis com obrigação de residir no Porto pelo menos tres mezes cada anno. Esta obrigação consta da consulta de 7 de janeiro de 1806, em que a Junta inspectora propõe para este cargo a Domingos António de Sequeira em successão ao falecido Francisco Vieira Portuense, que, como diz a citada consulta, se havia sujeitado áquelle condição. Os professores de francez e inglez venciam 400\$000 reis. Nos ordena-

<sup>1</sup> Consulta de 26 d'outubro de 1804 na *Historia dos estabelecimentos scientificos*, t. II, pag. 394.

dos dos substitutos havia mais variedade e confusão. O de philosophia racional, José Francisco Gonçalves, a quem a sua carta de nomeação de 18 de novembro de 1803 arbitrava 350\$000 reis, recebeu sempre na razão de 450\$000 reis. Este era tambem o ordenado dos substitutos de mathematica, desde 1813 ou 1814, annos em que foram pela primeira vez providas estas substituições. Os substitutos de desenho e commercio venciam 350\$000 reis até o anno de 1824, e de então em diante 450\$000 reis. Os substitutos de franez e inglez, e o mestre de apparelho e manobra naval reis 300\$000. O proprietario e substituto da cadeira de primeiras letras 400\$000 reis cada um, ordenados que pelo art. 5 do alvará de 16 de agosto de 1825 foram reduzidos, como já se disse, o do 1.<sup>º</sup> a 250\$000 reis, o do 2.<sup>º</sup> a 150\$000, sem prejuizo dos professores existentes.<sup>1</sup>

Estes ordenados no anno de 1803, em que pela maior parte foram creados, montavam a mais do que parece, apesar do rebate do papel-moeda que entrava em metade dos pagamentos, se considerarmos a mudança do valor nominal do ouro. Assim, attendendo

<sup>1</sup> O citadò alvará de 1825 estranha que o substituto de primeiras letras tivesse o mesmo ordenado que o proprietario; mas já mostramos que esta substituição era antes uma 2.<sup>º</sup> cadeira.

a que este rebate foi, desde a criação do papel-moeda em 1798 até o fim de 1821, de 18.73 % (media anual), e a que as peças d'ouro que hoje correm por 8\$000 reis valiam então 6\$400, teríamos a seguinte equivalencia:

Desde 1798 a 1821	Peças	Grammas de euro fino	VALOR ACTUAL	
			Em reis	Em francos
300\$000 reis	42.485	552.54	339\$880	1:903
350\$000 »	49.566	644.63	396\$528	2:220
400\$000 »	56.647	736.72	453\$176	2:537
450\$000 »	63.727	828.81	509\$816	2:854
600\$000 »	84.970	1105.09	679\$760	3:806

Em 1822 o valor das peças d'ouro foi elevado a 7\$500, e desde então os ordenados diminuiram realmente em relação ao ouro.

Em 1836 os apuros do thesouro obrigaram a uma reducção geral nos vencimentos de todos os funcionários publicos. O decreto de 19 de outubro d'esse anno dava aos lentes proprietarios de mathematica, agricultura, commercio, desenho e philosophia racional 500\$000 reis, e aos respectivos substitutos 350\$000 reis, excepto o de agricultura (creado então), que tinha 250\$000 reis. Os professores proprietarios das

cadeiras de francez e inglez conservaram os seus ordenados de 400\$000 reis, mas os dos seus substitutos foram reduzidos a 250\$000 reis, em quanto que o mestre de apparelho e manobra naval manteve o seu de 300\$000 reis. Os professores proprietarios e substitutos de primeiras letras ficaram na situação em que os collocára o alvará acima citado de 16 d'agosto de 1825.

A principio havia, ao que parece, alguma condescendencia com os professores que faltavam sem causa justa ás suas obrigações academicas. Ao mesmo tempo costumava pagar-se ao substituto, que regesse a cadeira, um ordenado igual ao do proprietario substituido, d'onde resultava uma duplicação de despeza, ás vezes mal justificada. A estes abusos pozeram côbro o decreto de 18 d'agosto de 1824 e o alvará de 16 tambem d'agosto de 1825. O primeiro determinou, que nas proximidades dos trimestres, (porque os vencimentos dos professores eram pagos aos quarteis) o director litterario enviasse á Junta inspectora um mappa das faltas dos lentes e mais empregados, e que se descontasse nos respectivos vencimentos o tempo de faltas não motivadas. O 2.<sup>º</sup> reduz a 50\$000 por anno, ou n'esta razão, o aumento do ordenado do substituto que rege a cadeira, e ainda assim exige que a regencia exceda a tres mezes por anno, porque do contrario o substituto tem de contentar-se com o seu ordenado (cit. alv. § 4). O mesmo alvará determinou

que os ordenados, não só dos professores, senão de todos os empregados da academia, começassem a contar-se desde a posse que tomassem dos seus cargos, excepto se entrassem em folha á data da nomeação ou promoção, porque em tal caso, era esta a data de que principiavam a correr os ditos ordenados (cit. alvará, art. 10).

Os lentes da academia, como equiparados aos da Universidade, gosavam da jubilação aos vinte annos de serviço.

O art. 14 do alvará de 10 de janeiro de 1826 estabeleceu uma aposentação com  $\frac{2}{3}$  de ordenado aos 20 annos, e com o ordenado por inteiro aos 30 annos de magisterio se o professor se impossibilitasse de continuar em exercicio, e só depois de 40 annos de serviço *distinto* concedia a jubilação sem aquella condição. Este mesmo alvará, porém, declarou que não intentava derrogar na legislação dos estabelecimentos que a tinham especial (art. 15). Por isso não foi aplicado a esta academia, que no ponto sujeito se regulava pelas leis e exemplos da Universidade.

Em todo o periodo de que nos estamos occupando, que abrange 33 annos, houve n'esta academia quatro jubilações com o ordenado por inteiro. O espaço que medeou entre as datas das cartas de nomeação e as dos respectivos titulos de jubilação, foram as seguintes:

João Baptista Fetal da Silva Lisboa, lente do 3.<sup>º</sup> anno mathematico por C. R. de 18 de novembro de 1803, jubilado por C. R. 18 de julho de 1825, 21 annos e 8 mezes.

Joaquim Antonio d'Oliveira, lente do 2.<sup>º</sup> anno mathematico por C. R. de 6 d'agosto de 1813, aposentado (aliás jubilado) por portaria de 25 de outubro de 1834, 21 annos, 2 mezes e 19 dias.

José Francisco Gonçalves, substituto de philosofia racional por C. R. de 18 de novembro de 1803, e proprietario por C. R. de 30 d'agosto de 1813, jubilado por C. R. de 18 de janeiro de 1825, 21 annos e 2 mezes.

Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto, professor de francez por C. R. de 28 de fevereiro de 1815 e lente de agricultura por C. R. de 3 de outubro de 1818, jubilado por C. R. de 6 de dezembro de 1834, com 19 annos, 9 mezes e 8 dias. Este professor, porém, já estava em serviço na cadeira de francez em outubro de 1814 e com este tempo completava, e até excedia os 20 annos.

O conselho academico negou a validade d'esta jubilação, como se vê das actas das sessões de 13 e 15 de janeiro de 1838, fundando-se: 1.<sup>º</sup> em que não se lhe devia levar em conta para a jubilação na cadeira de agricultura, cujo ordenado era de 600\$000 reis, o tem-

po que teve de serviço na cadeira de francez, cujo ordenado era de 400\$000 reis; 2.º em que ainda n'este caso lhe faltava algum tempo para completar os 20 annos. Mencionamos este caso por mostrar como o conselho entendia a lei, a qual todavia não citou. Parece, porém, que não a interpretou como cumpria. O assento principal d'esta materia era os estatutos velhos da Universidade (approvados em 1597 e confirmados novamente pelo alvará de 15 de outubro de 1653), liv. 3, tit. 22. Segundo estes estatutos, os lentes jubilavam na cadeira em que foram acabar os 20 annos, se n'ella tivessem lido cinco annos inteiros, e só quando não tivessem os ditos cinco annos, jubilariam na cadeira em que mais tempo lêram (log. cit. § inicial). O lente de que se trata, havia regido a cadeira de agricultura por mais de 16 annos. Portanto era n'esta que devia ser jubilado, contando-se-lhe o tempo da regencia do francez, e assim tinha os 20 annos de serviço, como vimos. Esta jubilação foi julgada subsistente por decreto de 23 de julho de 1838.

Para a jubilação na Universidade, e portanto n'esta academia, não se exigia mais do que a effectividade de serviço durante os 20 annos. Se os professores antes d'este tempo se impossibilitavam de continuar no magisterio, na prática concedia-se-lhes a aposentação com uma parte do seu vencimento. A aposentação era uma graça especial, mas authorisada pelos precedentes. No periodo de que tratamos, houve n'esta

academia duas aposentações, ambas com metade do ordenado, sendo uma d'um lente de philosophia racional com 9 annos e 10 mezes, outra d'um professor de primeiras letras com 13 annos e 9 mezes.

Além das jubilações de que fizemos menção, houve outra d'um professor de francez, o abade Pedro La-croix, que não teve mais serviço na academia do que oito annos e 22 dias. Ignoramos, porém, as circuns-tâncias d'esta jubilação.

Os lentes e substitutos de mathematica tinham a seu cargo o recitar por turno, segundo a ordem da antiguidade, uma oração congratulatoria no anniver-sario do principe regente (Estatutos de 1803, §§ 11 e 12, Res. Reg. de 3 de fevereiro e decreto de 16 de setembro de 1814, communicado á academia em officio do secretario da Junta inspectora de 17 de janeiro de 1815). Uma carta regia de 29 de setembro de 1829 estabelecia este turno entre os lentes proprietarios de mathematica, commercio e philosophia racional<sup>1</sup>. Es-ta carta regia como emanada d'um governo illegiti-mo, não pôde ser considerada como pertencente á le-gislação academica, mas não pertence menos á sua historia desde aquella data até á entrada do exercito libertador no Porto em 9 julho de 1832.

<sup>1</sup> Cit. C. R. n.º 4 na *Historia dos estabelecimentos sci-entificos*, t. V, pag. 347.

No dia da abertura solemne ou inauguração da academia, que foi em 4 de novembro 1803, devia haver, e na verdade houve uma oração recitada pelo lente da 3.<sup>a</sup> cadeira de mathematica (§ 11 dos Est.); mas a lei não estabelecia esta formalidade para o futuro, como se vê do § 12 dos mesmos estatutos. O 1.<sup>º</sup> director litterario introduziu-a, imitando o uso da Universidade, tendo-se prestado o lente Agostinho Albano da Silveira Pinto a recital-a nos tres annos seguidos de 1818 a 1820, e o substituto de francez no anno de 1821. A citada carta regia do governo intruso torna-a obrigatoria e encarrega-a ao director litterario ou quem suas vezes fizesse (cit. C. R. n.<sup>º</sup> 3).

Concluiremos esta parte relativa ao magisterio com uma lista nominal dos professores de cada uma das aulas da academia de marinha e commercio, seguindo, em relação a cada cadeira, a ordem chronologica dos despachos.

No fim da 2.<sup>a</sup> parte d'esta memoria, publicamos uma relação alphabetica do pessoal docente e director da academia de marinha e commercio com as noticias biographicas que podemos colligir.

1.<sup>a</sup> AULA DE MATHEMATICA

## PROPRIETARIOS

*a)* Manoel José da Cunha e Souza Alcoforado (1803); *b)* Joaquim Antonio d'Oliveira (1814); *c)* João Vieira Pinto (1829); *d)* Antonio Lebre de Souza Vasconcellos (1830); *e)* Joaquim Torquato Alvares Ribeiro (1835); *f)* Antonio Luiz Soares (1836).

2.<sup>a</sup> AULA DE MATHEMATICA

## PROPRIETARIOS

*a)* José Calheiros de Magalhães e Andrade (1803); *b)* João Carlos de Miranda (1820); *c)* José Carneiro da Silva (1834); *d)* José Ricardo da Costa (1837).

3.<sup>a</sup> AULA DE MATHEMATICA

## PROPRIETARIOS

*a)* João Baptista Fetal da Silva Lisboa (1803); *b)* José Avelino de Castro (1825); *c)* Fr. Caetano das Dores (1829); *d)* João Vieira Pinto (1830); *e)* Antonio José da Costa Lobo (1834?) *f)* Diogo Köpke (1836).

## SUBSTITUTOS DE MATHEMATICA

*Obs.* Os estatutos de 1803 haviam creado tantos logares de substitutos de mathematica, quantas as cadeiras; mas foram providos pela primeira vez em 1813 e 1814. O Alvará de 16 de agosto de 1825 supprimiu uma d'estas substituições, para quando se dêsse a vacatura.

- a)* João Carlos de Miranda, da 1.<sup>a</sup> cadeira (1814);
- b)* Antonio José da Costa Lobo, da 3.<sup>a</sup> cadeira (1814);
- c)* José Avelino de Castro, da 2.<sup>a</sup> cadeira (1814); *d)* José Carneiro da Silva da 1.<sup>a</sup> cadeira (1820); *e)* Antonio Lebre de Souza Vasconcellos (1829); *f)* Rodrigo Ribeiro de Souza Pinto (1831); *g)* Antonio Fortunato Martins da Cruz (1835); *h)* Francisco Adão Soares (1835).

## MESTRES DE APPARELHO E MANOBRA NAVAL

*Obs.* Estavam subordinados ao lente de navegação (do 3.<sup>o</sup> anno mathematico). Eram nomeados pela junta da companhia. Em 1807 figura entre os examinadores de apparelho e manobra naval José Dias da Silva, mas a primeira nomeação de que tenho noticia no tempo da academia de marinha e commercio, é de

- a)* Pedro Gonçalves Salazar (1808); *b)* José Antonio da Natividade (1832).

## AULA DE DESENHO

## DIRECTORES

a) Francisco Vieira, cognominado o *Portuense* (1803); b) Domingos Antonio de Sequeira (1806); (*Extincção do cargo em 1821*); c) Augusto Roquemont (1831).

## PROFESSORES

a) José Teixeira Barreto (1803); b) Raymundo Joaquim da Costa (1811); c) João Baptista Ribeiro (1833).

## SUBSTITUTOS

a) Raymundo Joaquim da Costa (1803); b) João Baptista Ribeiro (1811); c) Manoel da Fonseca Pinto (1834). Depois d'este, mas no mesmo anno, foi por equivoco nomeado Antonio José Teixeira d'Abreu Junior, cujo despacho foi declarado nullo por não estar vago o logar; d) Joaquim Cardoso Victoria Villa-Nova (1836).

## AULA DE COMMERCIO

## PROPRIETARIOS

*a)* José Honorio Guerner (1803); *b)* José Porphyrio da Silva Lima (1806); *c)* Antonio Pedro Gonçalves (1819); *d)* Francisco Joaquim Maia (1828); *e)* Manoel Joaquim Pereira da Silva (1836).

## SUBSTITUTOS

*a)* José Porphyrio da Silva Lima (1803); *b)* Antonio Pedro Gonçalves (1806); *c)* Francisco Joaquim Maia (1819); *d)* Genuino Barbosa Bettamio (supranumerario—1824); *e)* Domingos José de Castro (1828); *f)* Antonio Pereira de Araujo Junior (1829); *g)* José Luiz Lopes Carneiro (1833); *h)* Luiz Baptista Pinto d'Andrade (1836).

## AULA DE AGRICULTURA

*a)* Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto (1818);  
<sup>1</sup> *b)* Antonio da Costa Paiva (Barão de Castello de Paiva) (1836).

<sup>1</sup> O governo de D. Miguel suprimiu a cadeira d'agricultura pela Res. Reg. de 31 julho de 1829. Snr. Silvestre Ribeiro, cit. *Hist. dos Estab. Scient.*, tom. V, p. 347.

## SUBSTITUTOS

Esta aula não tinha substituto. Em 1827, porém, foi nomeado Pedro Antonio Soares Vellozo para substituto da cadeira de philosophia racional e moral com obrigação de reger tambem a cadeira de agricultura no impedimento do seu proprietario.

Em 1836 foi creado o logar de substituto da cadeira de botanica e agricultura, e nomeado para elle José Pinto Rebello de Carvalho, que não acceitou.

## PHILOSOPHIA RACIONAL

## PROPRIETARIOS

*a)* Manoel Joaquim de Faria Lobo (1803); *b)* José Francisco Gonçalves (1813); *c)* José Duarte Salustiano Arnaud (1827); *d)* Antonio José Lopes Alheira (1832); *e)* Carlos Vieira de Figueiredo (1836).

## SUBSTITUTOS

*a)* José Francisco Gonçalves (1803); *b)* José Duarte Salustiano Arnaud (1813); *c)* Pedro Antonio Soares Vellozo (1827); *d)* Francisco Luiz Correia (1832); *e)* José da Cruz Moreira (1836).

## AULA DE FRANCEZ

## PROPRIETARIOS

*a)* Abbade Dupuy Melgueil (1803); *b)* Abbade Pedro Lacroix (1808); *c)* Hugo Lacroix (1811); *d)* Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto (1815); *e)* Francisco Soares Ferreira (1819); *f)* Henrique Ernesto de Souza Coutinho (1831); *g)* Antonio Carlos de Mello (1835); *h)* Antonio Pinto d'Almeida (1836).

## SUBSTITUTOS

*a)* Abbade Pedro Lacroix (1803); *b)* Ignacio Xavier Gayoso (1808); *c)* Antonio Teixeira de Magalhães (1819).

## AULA DE INGLEZ

## PROPRIETARIOS

*a)* Miguel Sheil (1803); *b)* Antonio Dias de Faria (1827); *c)* José Eleuterio Barbosa de Lima (1832); *d)* Manoel Joaquim Duarte e Souza (1836).

## SUBSTITUTOS

*a) Thomaz Danagan (1803); b) Antonio Dias de Faria (1811); c) Luiz José Monteiro (1825); d) Henrique Daniel Wenck (1832); e) Antonio José Dias Guimarães (1835); f) Carlos Mac Cartley da Cunha (1836).*

## AULA DE PRIMEIRAS LETRAS

## PRÓPRIETARIOS

*a) João Gonçalves das Neves (1811); b) José Luiz Coelho Monteiro (1825); c) Luiz José Monteiro (1835).*

## SUBSTITUTOS

*a) José Luiz Coelho Monteiro (1816); b) Luiz José Monteiro (1825); c) José Maria da Silva Azevedo (1829); d) Antonio Ventura Lopes (1835).*

## DISCIPLINA ACADEMICA

*a) Condições de admissão dos alumnos.* Estas condições variavam conforme os cursos a que os alumnos se propunham, e já foram mencionadas, quando escrevemos da organização d'estes cursos.

Os alumnos achavam modo de illudir a exigencia

dos preparatorios, matriculando-se como *voluntarios*, classe que, como vimos, existia legalmente nas facultades de mathematica e philosophia da Universidade de Coimbra. Na aula de desenho, com quanto os estatutos prohibissem expressamente ao professor admittir alumnos que não tivessem approvação nas materias do 1.º anno mathematico <sup>1</sup> admittiam-se discipulos *extraordinarios*, como na aula de desenho e architectura de Lisboa. <sup>2</sup> Esta classe tinha de commum com a dos *voluntarios* não estar sujeita aos preparatorios, mas distinguia-se d'ella em não ser obrigada a uma frequencia regular e assidua, que em verdade não é da essencia d'um ensino, de sua natureza *individual*, nem pôde ser exigida á pessoas que precisam de ganhar com o trabalho proprio o sustento diario.

Em 1821 resolveu o conselho academico prohibir a admissão de alumnos *voluntarios* <sup>3</sup>. O n.º 10 da C. Reg. de 29 de setembro de 1829 estabeleceu igual proibição, mas este documento por haver dimanado d'um governo illegitimo não impediu o con-

<sup>1</sup> Estat. de 1803, § 28.

<sup>2</sup> Estat. de 23 de agosto de 1787.

<sup>3</sup> Acta da Congregação de 30 de junho de 1821 e edital de 20 de setembro do dito anno no livro dos editaes, fl. 28.

selho academico de restabelecer em 1834 esta classe de alumnos, aos quaes permittiu matricularem-se como *obrigados*, se no fim do anno apresentassem as certidões exigidas pelos estatutos<sup>1</sup>.

A condição da edade de 14 annos pelo menos, apesar dos termos genericos com que é imposta no § 6 dos mesmos estatutos, não se considerou obrigatoria senão para a matricula do 1.<sup>º</sup> anno mathematico, que devia preceder o curso d'esta sciencia, bem como o do commercio e desenho.

As matriculas em disciplinas que não dependiam do 1.<sup>º</sup> mathematico não obrigavam a edade determinada<sup>2</sup>.

b) *Matriculas.* O termo da matricula devia conter o nome, filiação e naturalidade do alumno e o curso a que se destinasse. Devia tambem declarar os estudos que o alumno tinha feito, mas isto não se cumpria. A propria designação do curso limitava-se á da disciplina em que o estudante se matriculava. O termo era lavrado pelo secretario, e assignado por

<sup>1</sup> Acta da Congregação de 8 de outubro de 1834. A palavra *obrigados* não traduz bem o pensamento da resolução do conselho. Entende-se comprehender tambem os alumnos *ordinarios*.

<sup>2</sup> Edital do director litterario, de setembro de 1818, no livro dos Editaes.

este, bem como pelo alumno e por um lente de mathematica que presidia á matricula. De 1818 em dian-te o presidente da matricula era o director litterario; mas não ha termo algum assignado por elle. O proprio secretario se descuidava de os subscrever.

O serviço de matricula devia começar em 20 e terminar em 30 de setembro (§ 7 dos Estat.); mas quasi sempre continuava pelo mez de outubro, e an-nos houve em que chegou até novembro, não fallan-do em matriculas ainda mais tardias em casos extraor-dinarios. A C. R. de 29 de setembro de 1829, que por vezes temos citado apesar de não ser documen-to legitimo, admittia que este serviço se prorogasse até 15 de outubro e não mais, e ainda assim só para os alumnos que provassem a impossibilidade de se terem matriculado no praso dos Estatutos.

A matricula não custava aos alumnos senão os emolumentos que pagavam ao secretario.

c) *Tempo lectivo e sua divisão.* Os estatutos de-terminavam que o tempo lectivo durasse desde o 1.<sup>º</sup> de outubro até o ultimo dia de junho (§ 13). Parece que se devia entender por tempo lectivo o desti-nado ás lições ou ao ensino, e que o mez de julho se-ria consagrado aos exames, os quaes principiariam desde que findasse o curso lectivo (§ 17). A não se en-tender assim, as ferias seriam maiores do que os mes-mos estatutos permittiam. Todavia, a principio in-terpretou-se d'outra forma aquella disposição, e até ao

anno de 1808 faziam-se os exames em junho e até em maio. D'esta data em diante cumpriram-se rigorosamente os estatutos.

Os meses de agosto e setembro eram de ferias, bem como 14 dias do Natal (de 24 de dezembro a 6 de janeiro) e 15 na Paschoa (desde o dia de Ramos até o domingo da Paschoela).

A 5.<sup>a</sup> feira era feriado, salvo se na semana houvesse dia santo ou de gala<sup>1</sup>.

Segundo estas disposições, os cursos lectivos vinham a ter 35 semanas ou cerca de 165 dias uteis, incluindo os destinados ás repetições, que eram as 2.<sup>as</sup> feiras (§ 16).

O horario estabelecido em 13 de outubro de 1804 foi o seguinte: 1.<sup>º</sup> e 2.<sup>º</sup> anno mathematico das 8 ás 10 horas da manhã no inverno; 3.<sup>º</sup> anno mathematico, inglez e philosophia racional das 10 horas até

<sup>1</sup> Estat. de 1803, § 15; Estat. da Acad. Real da marinha de Lisboa de 5 de agosto de 1779; Estat. da Universidade de 1772, liv. 2, tit. 2, capitulo 8, §§ 4 a 6; Estat. velhos da mesma Universidade, liv. 2, tit. 48, §§ 7 e 8.—O director litterario da academia de marinha e commercio do Porto, resolveu que o dia de gala tirava o feriado de 5.<sup>a</sup> feira, por ser esta a regra seguida nas academias da Corte, nos termos dos seus estatutos (officio do secretario de 29 de outubro de 1829, no livro dos officios, fl. 118.

ao meio dia; commercio, desenho e francez, das 2 ás 4 da tarde. No verão as aulas de manhã começavam uma hora mais cêdo, e de tarde uma hora depois da indicada.

Este horario foi alterado pela Junta inspectora d'accordo com o conselho academico, na fórmá do § 14 dos estatutos, em 4 de outubro de 1817, passando as aulas a ter só  $1\frac{1}{2}$  hora de exercicio, em vez de duas como até então. Segundo o novo horario, os trabalhos escholares no inverno principiavam ás 8 horas da manhã e acabariam á meia hora depois do meio dia; no verão uma hora mais cêdo. Dividido este espaço em 3 partes eguaes, a 1.<sup>a</sup> parte seria destinada para as aulas do 2.<sup>º</sup> anno mathematico, francez e manobra naval; a 2.<sup>a</sup> para os do 1.<sup>º</sup> anno mathematico, commercio, desenho e inglez; a 3.<sup>a</sup> para os do 3.<sup>º</sup> anno methematico e philosophia racional e moral. N'este horario ainda não é mencionada a cadeira de agricultura, que só se abriu no anno de 1819 a 1820, devendo ter o seu exercicio na 1.<sup>a</sup> hora <sup>1</sup>.

Em 1834 estabeleceu-se um novo horario, dan-

<sup>1</sup> O Edital de 5 de outubro de 1819 dava á agricultura a 2.<sup>a</sup> hora e ao inglez a 1.<sup>a</sup>, mas estas horas foram mudadas por despacho do director de 11 do dito mez e anno, o que mostra que o director se julgava authorisado a modificar o horario.

do-se a 1.<sup>a</sup> hora e meia ao francez, 2.<sup>º</sup> mathematico, commercio e manobra naval; a 2.<sup>a</sup> á philosophia rational e 1.<sup>º</sup> mathematico; a 3.<sup>a</sup> ao 3.<sup>º</sup> mathematico, desenho e inglez. N'este horario tambem se não menciona a cadeira de agricultura que não funccio-nava desde 1829.

Do exposto resulta que cada aula tinha, até 1817, 10 horas por semana e d'esta data em diante,  $7 \frac{1}{2}$  horas por semana ou 247 horas por anno, que prá-ticamente se reduziriam a 206 em algumas aulas.

Segundo a lei, os professores de mathematica de-viam repartir o tempo das lições diárias em duas par-tes eguaes, uma para a sua explicação, outra para ouvir um ou mais estudantes sobre a lição explicada na vespera <sup>1</sup>. Nas 2.<sup>as</sup> feiras, repetiam-se as lições estudadas na semana anterior <sup>2</sup>, interrogando-se os alumnos uns aos outros, para o que se tiravam á sorte 3 defendentes e 6 arguentes, presidindo o profes-sor <sup>3</sup>. Deveria tambem haver umas repetições men-

<sup>1</sup> Estatutos de 1803, § 16 e Estat. da Academia Real de marinha de Lisboa de 5 de agosto de 1779, titulo *do tempo e horas das lições*.

<sup>2</sup> Cit. Estat. de 1803. Em Lisboa as repetições eram nos sabbados como na Universidade.

<sup>3</sup> Cit. Estat. de 1803 e de 7 de agosto de 1779, titulo *dos exercicios semanarios*.

saes, como se achava estabelecido para a Universidade e para a academia real de marinha de Lisboa<sup>1</sup>; mas parece que em nenhum d'estes estabelecimentos se levava tão longe como isto, a antiga maxima, *repetitio mater studiorum*.

d) *Faltas litterarias*. Aos estudantes que não estivessem na aula seis minutos depois de começadas as lições ou que se ausentassem d'ella antes d'estas acabadas, era apontada a falta pelo guarda respectivo<sup>2</sup>. Na aula de apparelho e manobra naval as faltas eram apontadas pelo mestre da mesma aula<sup>3</sup>.

Os estatutos d'esta academia não diziam o numero das faltas, que faziam perder o anno. Equal omisão se dava nos Estatutos da Acad. Real da marinha de Lisboa de 5 de agosto de 1779. Pelos da Universidade, de 1772, perdia-se o anno com um mez de faltas, ou com dois mezes se fossem justificadas.

<sup>1</sup> Estat. de 1803 e 1779 nos logares citados. Veja-se sobre os diversos exercícios das aulas os Estat. da Univ., liv. 1.<sup>o</sup>, tit. 4.<sup>o</sup>, cap. 1 e 2; liv. 2.<sup>o</sup>, tit. 10.<sup>o</sup>, cap. 1 a 3, e liv. 3.<sup>o</sup>, p. 1.<sup>o</sup>, tit. 4.<sup>o</sup>, cap. 1 a 4 e parte 2.<sup>o</sup>, tit. 5.<sup>o</sup> seus capitulos, e p. 3.<sup>o</sup>, tit. 4.<sup>o</sup>

<sup>2</sup> Estat. da Academia Real da marinha de Lisboa de 5 de agosto de 1779, titulo *de algumas disposições pertencentes à boa ordem, etc.* Estat. de 1803, § 47.

<sup>3</sup> Congregação de 21 de junho de 1819.

A justificação não se admittia, se o alumno estava ausente, sem licença do reitor, da séde da Universidade; para os que estivessem presentes, bastava qualquer indisposição em que o excesso do estudo e a commoção dos espiritos, que é inevitavel nas accções litterarias, possa prejudicar a saude <sup>1</sup>. Estas e outras disposições dos estatutos da universidade foram modificadas pela carta regia de 26 de setembro de 1787, que comminou a perda do anno aos estudantes, que sem *gravissimas* causas faltassem a 20 lições diárias ou a 2 sabbatinas.

Applicando esta legislação á Acad. real de marinha de Lisboa, o decreto de 27 de dezembro de 1800 determinou: 1.<sup>º</sup> que perdessem o anno os estudantes que sem justa causa fizessem 20 faltas ou faltassem a 2 sabbatinas; 2.<sup>º</sup> que a justificação das faltas devia realizar-se no 1.<sup>º</sup> dia em que o estudante voltasse á aula, apresentando ao lente certidão jurada do motivo porque faltou <sup>2</sup>; 3.<sup>º</sup> que os estudantes que

<sup>1</sup> Estat. da Universidade de 1772, liv. 1.<sup>º</sup>, tit. 4.<sup>º</sup>, cap. 3.<sup>º</sup>, e § 20.

<sup>2</sup> Havia igual disposição no art.<sup>º</sup> 2.<sup>º</sup> dos *decididos* pela C. R. de 28 de janeiro de 1790 para a Universidade, mas este artigo permittia justificar perante a congregação ás faltas que não foram logo abonadas perante o lente. Na nossa academia seguia-se o principio da justificação immediata (Edital da Secretaria de 3 de outubro de 1824).

perdessem o anno, seriam publicamente avisados para não voltarem á aula sob pena de se dar conta d'elles ao intendente geral da policia, para serem reputados por vadios, nos termos do decreto de 14 de dezembro de 1799 <sup>1</sup>.

Estas disposições eram applicaveis á academia real de marinha e commercio do Porto por força do § 47 dos seus estatutos. N'esta academia, porém, as faltas aos exercícios práticos, sem grave e manifesta causa, eram contadas por tres, e se o alumno vencesse partido, perdia o duplo do vencimento diario d'elle relativo aos dias em que houvesse faltado (Estatutos de 1803 § 37). Todavia as faltas aos exercícios de aparelho e manobra naval eram contadas como as faltas ás lições ordinarias (Res. em Congregação de 21 de junho de 1819), e os alumnos que perdessem o anno n'aquella aula, não eram admittidos a exame na 3.<sup>a</sup> cadeira de mathematica enquanto não se mostrassem approvados na mesma aula (Cit. Congregação de 21 de junho de 1819).

e) *Obrigações, faltas e penas disciplinares.* Os estatutos d'esta academia não estabeleciam disposi-

<sup>1</sup> O decreto de 27 de dezembro de 1800 vem extraído na *Hist. dos Estab. scient.* do Sr. Silvestre Ribeiro, T. II, pag. 379. O de 14 de dezembro de 1799 encontra-se na *coleção das leis de Delgado*.

ções especiaes a respeito *do regimen e boa ordem das aulas*. N'este ponto o § 47 remettia-se ás disposições contidas «debaixo do titulo similhante em os estatutos das academias da Côrte». Estas academias, porém, não eram perfeitamente uniformes.

Na academia de marinha de Lisboa havia as seguintes disposições:

Os alumnos eram obrigados a dar conta de si e do que aprenderam, quando lh'o exigissem os respectivos lentes. Fóra d'isso, guardariam nas aulas rigoroso silencio e tratariam seus mestres com todo o obsequio e obediencia. Os que faltassem a estes preceitos seriam admoestados até tres vezes e por fim excluidos da aula. Estas penas eram-lhes applicadas pelo respectivo professor (Estat. de 5 de agosto de 1779, titulo *de algumas disposições pertencentes á boa ordem das aulas*).

Os estatutos da Academia dos guardas-marinhas determinavam que se algum alumno faltasse essencialmente á subordinação e respeito devido aos seus mestres, estes o reprehendessem, ou fizessem prender ou representassem para que fosse expulso, conforme a grandeza da falta (Estat. de 1 de abril de 1796, titulo *de algumas disposições relativas, etc.*)

Segundo os estatutos da aula de desenho da Côrte, o alumno que não estivesse na aula com decencia e modestia ou perturbasse os mais, pela primeira vez seria admoestado, pela 2.<sup>a</sup> reprehendido aspera-

mente e castigado, e pela 3.<sup>a</sup> despedido da aula com consentimento da Real meza Censoria, a cuja inspecção estava sujeito este estabelecimento (Estat. de 23 de agosto de 1789).

Os estatutos da aula de commercio de Lisboa eram omissos a este respeito.

D'esta variedade de disposições resultava um certo arbitrio, sem que d'ahi viesse algum inconveniente. O arbitrio era até o principio adoptado nos estatutos velhos da Universidade (Liv. 2, tit. 20, § 3), que encarregando ao reitor a sua execução, o authorisavam a admoestar, reprehender e castigar, como visse que convinha ao caso.

Na academia de marinha do Commercio do Porto, a admoestação ou reprehensão por factos ocorridos na aula pertencia ao professor, como nos mais estabelecimentos da Corte; mas a exclusão d'um estabelecimento em que um mesmo alumno podia cursar diversas aulas, não podia deixar de pertencer ao director a quem a lei encarregava, como acima dissemos, de zelar a observancia dos estatutos e de fazer guardar a boa ordem e subordinação entre os empregados e os estudantes.

*f) Premios e partidos.* Pelas nossas antigas leis academicas havia diferença entre os partidos e os premios propriamente ditos. Os primeiros tinham o carácter de pensão ou bolsa para ajudar as despezas dos estudos dos alumnos pobres e applicados. O seu prin-

cipal fim era chamar ás escolas os individuos que não tivessem posses mas que se sentissem com força para alcançar pelo seu estudo em cada anno os meios de continuar o curso no seguinte. Os premios tinham unicamente por fim promover a emulação entre os estudantes.

Esta distincção vem clara no Av. Regio de 8 de junho de 1793, mandando que se não déssem premios n'esse anno por ter havido perdão d'acto e faltar a prova do exame, que é a unica ou principal para verificar o merecimento dos premiados, mas que se déssem os *partidos* que foram instituidos para beneficiar os estudantes pobres e benemeritos nas faculdades frequentadas por menor numero de alumnos <sup>1</sup>. Na verdade os partidos haviam sido creados no reinado de D. Sebastião para 30 estudantes da facultade de medicina: em 1606 crearam-se outros para praticantes de pharmacia <sup>2</sup>. Os alvarás que os estabeleceram, exigiram que os partidistas fossem *christãos velhos*. Por isso a legislação liberal do reformador da Universidade de Coimbra denunciou este estabeleci-

<sup>1</sup> Cit. Av. de 8 de janeiro de 1793 na collecção de legislação academica do Snr. José Maria d'Abreu e na *Historia dos Estab. Scient.*, tom. V, p. 8.

<sup>2</sup> Alv. de 18 de fevereiro de 1606 na collecção de legislação do Snr. Justino d'Andrade e Silva, Lisboa 1854 e seg.

mento como «um nocivo pretexto para arruinar as famílias dos vassalos, para introduzir n'elles a divisão e para dilacerar por meio d'ella a união christã e a sociedade civil n'estes reinós e todos os seus domínios» <sup>1</sup>. Todavia ao mesmo tempo que annullou os decretos anteriores a este respeito para apagar os vestígios de intolefancia, que maculavam as nossas leis, conservou a instituição e ampliou-a á faculdade de mathematica <sup>2</sup>. Posteriormente fez-se extensiva á faculdade de philosophia <sup>3</sup>.

*Os premios* na Universidade são de instituição mais recente. Foram estabelecidos para *todos* os annos de todas as faculdades, sem exceptuar aquellas que tinham muito grande frequencia <sup>4</sup>, e incluindo

<sup>1</sup> Estatutos da Univ. de 1772, liv. 3, p. 1.<sup>a</sup>, tit. 6, cap. 4, § 2. Vej. tambem o preambulo e o § 3 do alv. de 20 d'agosto de 1774, na collectão de leis de Delgado.

<sup>2</sup> Estat. da Univ., cap. citado e p. 2.<sup>a</sup>, tit. 7, cap. 2 e p. 3.<sup>a</sup>, tit. 6, cap. 4, § 5.

<sup>3</sup> Aviso Reg. de 23 de janeiro de 1778 na collectão de legislação academica do Snr. José Maria d'Abreu. Pelos estatutos, a faculdade de philosophia só tinha os partidos para os praticantes do dispensatorio pharmaceutico.

<sup>4</sup> Os premios foram creados nas faculdades de theologia e direito por alvará regio de 25 de setembro de 1787 na cit. collectão do Snr. José Maria d'Abreu.

as proprias em que havia os partidos, que são, aquellas a que nós chamamos *de sciencias naturaes* (medicina, mathematica e philosophia).

Os estatutos da academia de marinha e commercio do Porto crearam 24 premios, sendo 16 para mathematica, 4 para desenho e 4 para commercio (§§ 44 a 46). Até ao alvará de 16 de agosto 1825, aquelles *premios* tinham antes a indole de *partidos*. Os proprios estatutos no § 37 lhes dão este ultimo titulo; e no § 46, justificando a criação dos premios no curso de commercio, tomam em consideração a falta de meios que possa dar-se em alumnos intelligentes para subsistirem e se apresentarem com decencia nas aulas.

Por isso que eram *partidos*, isto é, destinados a sustentar os alumnos durante os estudos, não havia premios para os que se houvessem distinguido no ultimo anno do curso. Assim se entenderam e executaram sempre os citados §§ dos estatutos em conformidade com os estatutos da academia de marinha de Lisboa <sup>1</sup> e com a legislação da Universidade que regulava a distribuição dos partidos. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Estat. da Acad. de marinha de Lisboa de 5 d'agosto de 1779, tit. dos partidos.

<sup>2</sup> Estat. da Univ. tit. 3, P. 1.º, tit. 6, cap. 4, e P. 2.º; tit. 7, cap. 2; Estat. da Academia de Marinha e Commercio de 1803, § 44 e mais documentos.

Pela mesma razão estes partidos eram avultados e pagos em prestações; na Universidade, aos quartéis, n'esta academia aos mezes, comprehendendo os das férias. Aqui eram de 72\$000 reis (450 francos), distribuidos em mezadas de 6\$000 reis.<sup>1</sup>

O alvará de 16 de agosto de 1825, no art. 8, reduziu os 24 premios a 12, e o valor d'elles a 40\$000 reis, sendo 6 para mathematica, 2 para commercio, 2 para desenho e 2 para agricultura, que pelos estatutos não os tinha. Para a diminuição da quantia, funde-se o citado alvará em que não é o valor pecuniario dos premios mas sim a honra e a distinccão de os

Em 1824 não se distribuiram premios aos estudantes que tinham sido aprovados na 1.<sup>a</sup> cadeira de mathematica, que eram 9. Os estudantes recorreram para o governo, o qual depois de ter mandado consultar a Junta Inspector, ouvidos os lentes de mathematica e o director litterario, decidiu que para os premios não bastava a aprovação mas era necessário um merecimento distinto. (Res. Reg. 30 de maio 1825, sobre consulta da Junta Insp. de 28 de abril do dito anno, informação dos lentes de 16 de novembro e do director litterario de 22 de dezembro 1824, no livro do Registo de officios e ordens da Junta (liv. 92, pag. 38 a 50). Nas ditas informações cita-se a legislação da Universidade que regula os partidos.

<sup>1</sup> Estat. de 1803, § 44 e varios documentos.

haver merecido, o principal motivo que excita a emulação entre os estudantes. D'este modo o citado alvará não reduziu só o numero e valor dos premios, mas alterou a indole da instituição. Não foi porém consequente, porque mandou que dos 6 premios de mathematica fossem 3 para cada um dos annos em que são vencidos na forma dos estatutos, e o mesmo se entende a respeito dos outros cursos. Assim continuou a faltar premio para estimular a emulação entre os alumnos do ultimo anno dos cursos.

Os premios de mathematica eram dados pelos tres lentes d'esta sciencia. A este respeito nunca houve questões, nem o § 44 dos estatutos a permittia. Duvidou-se, porém, na congregação de 31 de julho de 1822 se era necessaria a unanimidade de votos; se os alumnos do curso simples de pilotagem (que passavam do 1.<sup>º</sup> para o 3.<sup>º</sup> anno mathematico) podiam concorrer a premio com os do curso completo; e se os repetentes podiam entrar em igual concurso com os discipulos do anno. O Av. Reg. de 1 de julho de 1823 decidiu negativamente a primeira questão, <sup>1</sup> afirmativamente a 2.<sup>a</sup>, e não resolveu a 3.<sup>a</sup>. Esta foi decidida negativamente pelo governo intruso.

<sup>1</sup> O § 44 dos Estat. parece exigir a unanimidade; os estatutos da Universidade só a pluridade de votos, liv. 3, P. 1.<sup>a</sup>, tit. 6, cap. 4, § 10.

de D. Miguel em Res. de 24 de setembro de 1830<sup>1</sup>, que não pertence á legislação academica por terem sido annullados todos os actos de authoridade d'quelle governo.

Desde 1805 até 1812 questionou-se se os premios de desenho e commercio deviam ser votados por todo o corpo academico ou só pelos professores da especialidade. Os lentes de mathematica sustentavam a primeira opinião com fundamento nos §§ 45 e 46 dos estatutos. A Res. Reg. de 25 de agosto de 1812, sobre consulta da Junta Inspector da 10 d'abril do dito anno, pôz termo a esta pendencia, determinando que se procedesse á votação na presença de todo o corpo docente, mas só tomassem parte n'ella os professores especiaes. As votações eram feitas por scrutinio na fórmula dos estatutos da academia de marinha de Lisboa.

g) *Exames*. Os estatutos tractam d'esta matéria nos §§ 17 a 22, mas ocupam-se apenas dos exames de mathematica. O primeiro dos citados §§ remette-se aos estatutos da academia de marinha de Lisboa, que não podiam tractar senão dos exames d'esta sciencia. Os outros cursos regulavam-se por estas disposições na parte applicavel e pelos estatutos analogos dos estabelecimentos da Corte.

<sup>1</sup> Na *Hist. dos Estab. Scient.*, tom. V, p. 349.

Todos os estudantes eram obrigados a fazer exame no fim do anno. Os que não o fizessem, ficavam reconduzidos por uma vez sómente no mesmo anno, transferindo-se-lhes para o seguinte o seu exame, ao qual deviam prestar-se sob pena de serem expulsos (§ 18).

Os exames de mathematica recahiam sobre tres pontos ou assumptos das materias dadas durante o anno, tirados á sorte 24 horas antes. Presidia ao exame o lente do anno e argumentavam dous lentes ou substitutos de mathematica. O acto duraria uma hora <sup>1</sup>. Os examinadores não se satisfariam só pela conta que o estudante dêsse do ponto, mas pretendiam reconhecer o seu talento e genio para o estudo da sciencia e a facilidade de combinar por si mesmo as verdades elementares que aprendeu e de variar methodicamente as demonstrações e usos; isto, porém, com a devida prudencia e moderação, para que o discípulo se não confunda (§ 19).

No fim do exame procedia o jury á votação por escrutinio sobre a approvação ou reprovação.

Por uma disposição especial a esta academia, o estudante que houvesse dado boa conta de si durante

<sup>1</sup> Est. da Acad. de marinha de Lisboa. A ordem de 28 de junho de 1821 determinou que os argumentos não durassem mais de 20 minutos.

o anno mas satisfizesse mal á prova do acto, podia ser submettido a um novo exame particular, por decisão dos examinadores sobre proposta do mestre do mesmo estudante (§ 20).

Depois da approvação annual nas tres cadeiras de mathematica, os estudantes que pretendessem ter a carta do curso completo, deviam sujeitar-se a um exame geral das disciplinas d'este curso, á similarhança do exame de formatura na facultade de mathematica da Universidade. O exame versava sobre nove pontos, sendo tres de cada uma das tres cadeiras, tirados á sorte dois dias antes e sobre uma dissertação, cujo objecto era da livre escolha do estudante, uma vez que fosse assumpto de mathematica e obtivesse a approvação do presidente, que tambem era escolhido pelo examinando entre os lentes d'esta sciencia. O examinando podia ser inquirido vagamente em arithmetic, trigonometria espherica e ephemerides. O exame geral devia ser feito nos ultimos dias de setembro, apesar de serem feriados (§§ 21 e 22 dos Estat. e Estat. da Univ, livro 3, P. 3.<sup>a</sup>, tit. 6 cap. 2). Esta ultima disposição porém não se cumpriu senão uma vez.

O alvará de 16 de agosto de 1825 ainda introduziu um exame de repetição e outro privado em mathematica, á imitação dos que precedem o grau de licenciado n'esta facultade da Universidade de Coimbra. A repetição consistia na nova frequencia simul-

tanea do 2.<sup>º</sup> e 3.<sup>º</sup> anno mathematicos, a cujas lições e exercícios os repetentes ficavam obrigados como os alumnos ordinarios. O exame de repetição versava sobre uma dissertação e varias theses extrahidas de todos os ramos do curso, livremente escolhidas pelo examinando, a cujo arbitrio ficava tambem o numero d'ellas, uma vez que não fosse menor de 12 por cada um dos annos. As theses deviam ser approvadas pelo lente do 3.<sup>º</sup> anno, a quem competia presidir ao acto, e argumentavam n'elle todos os lentes e substitutos de mathematica na presença de todo o corpo da academia. Pelo costume da Universidade, cada arguente escolhia uma só these, da qual dava conhecimento ao defendente com anticipação de alguns dias. Sobre este acto não havia julgamento de approvação ou reprovação.

Depois, podia o candidato quando lhe parecesse, requerer ao director litterario que lhe marcasse dia para exame privado.

Este exame versava sobre dois pontos, um da 2.<sup>a</sup>, outro da 3.<sup>a</sup> cadeira, escolhidos pelo candidato d'entre tres pontos de cada uma d'estas cadeiras tirados á sorte quatro dias antes. Devia haver seis arguentes; e quando faltasse algum, um dos lentes argumentaria duas vezes. Presidia o lente do 3.<sup>º</sup> anno, e em quanto elle argumentava, tomava a presidencia o do 2.<sup>º</sup> Assistiam só os lentes e substitutos de mathematica, e o director litterario. Findo o exame, que de-

via ser feito com o maior rigor, procedia-se á votação sobre a approvação ou reprovação.<sup>1</sup>

Houve n'esta academia um unico acto d'esta qualidade, que foi em 1830. N'esse tempo não estavam em effectivo serviço na secção mathematica senão tres lentes, dos quaes douz nomeados pelo governo intruso. Em 24 de maio do dicto anno tomou a congregação de mathematica a respeito d'aquelle acto as seguintes resoluções: 1.<sup>a</sup> que as theses apresentadas pelo estudante Joaquim Torquato Alvares Ribeiro fossem approvadas; 2.<sup>a</sup> que o acto publico da defeza das mesmas theses se fizesse no dia 17 de junho; 3.<sup>a</sup> que a ordem dos argumentos fosse na forma dos estatutos; 4.<sup>a</sup> que segundo a letra da lei ficava assentado em congregação que este acto se concluisse de manhã por não haver lentes que viesses argumentar de tarde; 5.<sup>a</sup> que para o exame privado devia o discípulo tirar ponto das materias do 2.<sup>º</sup> e 3.<sup>º</sup> annos; 6.<sup>a</sup> que por falta de numero sufficiente de lentes argumentasse no exame privado cada um dos douz arguentes por dobrado tempo.

Todos estes exames tinham por fim habilitar os candidatos para oppositores ao magisterio de mathe-

<sup>1</sup> Cit. Alv. de 16 de agosto de 1825, §§ 3 e 4, e Estat. da Universidade de 1772, liv. 3.<sup>º</sup>, P. 2.<sup>º</sup>, tit. 6.<sup>º</sup>, cap. 3.<sup>º</sup> junto com outros logares a que o mesmo capítulo 3.<sup>º</sup> se refere.

matica. Como em 1834 se introduziu o sistema de concursos para o provimento das substituições, cessou de facto esta instituição que deu á academia um dos seus mais habeis e instruidos professores <sup>1</sup>.

Em todos os exames das outras disciplinas o jury era composto só do professor e substituto, excepto em agricultura, para cujos exames havia só o professor da cadeira.

Os alumnos do curso de commercio tiravam ponto 24 horas antes do exame <sup>(2)</sup>.

Os exames de desenho duravam muitos dias, como era necessário para que os examinandos podessem fazer as suas estampas. Costumavam prolongar-se pelas ferias, o que foi proibido pela Congregação em 30 de junho de 1825.

*h) Cartas.* As cartas de pilotos e sota-pilotos eram passadas pela Junta da administração da Companhia geral de agricultura das vinhas do Alto-Douro, como inspectora da Academia (Estat. §§ 25, 26 e 53). As suas funcções de inspecção cessaram em 1834.

<sup>1</sup> O snr. Joaquim Torquato Alvares Ribeiro. Este professor foi provido em concurso, mas na consulta insistiu-se no direito que elle tinha de ser provido por haver desempenhado o serviço de opONENTE.

<sup>2</sup> Isto só desde 1825 por efeito da resolução da Congregação de 30 de junho de 1825.

Desde então podia applicar-se o disposto nos estatutos da academia de marinha de Lisboa, que mandou passar as cartas de pilotos mercantes pelo lente de navegação (3.º anno mathematico), devendo ser firmadas com o sêllo da academia (cit. estatutos da acad. de mar. de Lisboa—título do *exame geral, etc., infine*). Era, porém, mais regular que estas cartas fossem passadas pelo director litterario e assim se praticou.

As cartas de mathematica eram passadas pelo lente do 3.º anno João Baptista Fetal da Silva Lisboa. Este porém jubilou em 1825, e não se julgando o seu successor authorisado para continuar esta praxe, o director litterario determinou em 1826 que estas cartas fossem passadas pelo mesmo director e em seu nome e subscriptas pelo secretario da academia. Antes d'esta resolução, o secretario tinha mandado imprimir umas cartas com tenção de as passar aos estudantes que houvessem acabado o terceiro anno mathematico, depois da jubilação do referido lente Fetal <sup>1</sup>.

As cartas de commercio no tempo da antiga academia de marinha do Porto, foram sempre passadas pela Junta inspectora. A ultima de que ha registo, é

<sup>1</sup> Oficio do secretario da academia de 30 de outubro de 1826, no registo dos officios fl. 110.

datada de 1825, o que não admira, porque á grande maioria dos alumnos d'este curso valia o saber, de pouco lhes valia a carta.

Pela carta do curso completo de mathematica pagava-se ao secretario da academia um emolumento de 2400 reis. Pela do curso simples de pilotagem, 1600 reis. Isto, só depois da Res. Reg. de 17 de agosto de 1824, porque até então todas as cartas eram gratuitas.

*Estabelecimentos e meios práticos de ensino.*

Os estatutos encarregavam a Junta inspectora de provêr a academia «de instrumentos astronomicos e maritimos, de cartas geographicas, topographicas, livros, espheras e de tudo quanto se carecesse para a completa instrucción dos discipulos, uso dos lentes em seus exercicios, decencia e lustre da academia» (§ 57).

A' aula de desenho não faltava nada do que havia sido solicitado pelo insigne pintor portuense Francisco Vieira, que era lente d'ella antes da fundação da academia. Este, pelo menos, felicita-se pela riqueza dos meios que havia para o aproveitamento dos seus discipulos. Assim o prova o discurso, a que já alludimos, recitado, ao que parece, em 1803.

«A unica consolação que me acompanha, (dizia

elle), é o vêr-me n'este logar que occupo, munido dos mais raros monumentos e exemplares, que podem insinuar, dispôr e guiar os principiantes, até que cheguem á sublimidade de qualquer das artes, a que se quizerem applicar, tendo uma collecção de obras as mais completas e especiaes em geometria, perspectiva e architectura, além de outra de ornatos e estampas as mais singulares, com as estatuas dos mais celebres gregos» <sup>1</sup>.

Provavelmente estas aquisições datam do anno de 1802, em que Francisco Vieira começou a reger a aula de desenho. N'este tempo havia só esta aula e a de nautica, e as receitas destinadas ao seu custeio eram muito superiores ás despezas do pessoal.

Para o estudo de nautica e astronomia cuidou, logo no principio da academia, a Junta inspectora de comprar alguns instrumentos e utensilios. Assim «desde o começo, possue a academia alguns excellentes instrumentos de Dollond; para as práticas trigonometricas um graphometro e um theodolito, que dão 30°, e para as práticas de astronomia nautica, tres sextantes com graduação de prata, um quarto de cir-

<sup>1</sup> Discurso feito na abertura da academia de desenho e pintura na cidade do Porto por Francisco Vieira Junior. Lisboa 1803, transcripto na *Hist. dos Estab. scientificos*, T. III, p. 24 e seg.

culo que dá 15'', uma bussola de caixa de cobre de movimento universal e um relogio de Arnold de pesos e pendula de compensação. Tem mais duas lunetas para observações de eclipses de 3 pés de fóco, uma das quaes com apparelho para movimento lento no sentido horisontal e vertical, de bastante augmento para mostrarem os satellites de Saturno. Posteriormente, em 1828 adquiriu uma esphera armillar e dois ricos globos para o estudo da geographia, os de maior dimensão que ainda hoje existem no reino» <sup>1</sup>.

O observatorio é que nunca teve um edificio conveniente. A principio esteve n'uma casa particular. Uma tentativa de roubo mostrou que os instrumentos não estavam alli seguros, pelo que foram removidos para a academia, onde se construiu um observatorio provisorio, dominando todo o edificio da academia e sem a solidez e firmeza necessarias para observações rigorosas <sup>2</sup>.

Para o ensino do apparelho e manobra naval ha-

<sup>1</sup> *Discurso recitado na Acad. Polyt. do Porto na abertura do anno lectivo de 1846 para 1847 pelo lente da 5.ª cadeira, Joaquim Torquato Alvares Ribeiro, Porto 1847, pag. 8 e 9.* Grande parte d'este discurso vem transcripto na *Historia dos Estabelecimentos scientificos*.

<sup>2</sup> Oficio do director da academia polyt. de 22 de maio de 1837 no livro 67 da secretaria.

via um navio de dous mastros (brigue), que ainda ha poucos annos foi desmangkanado, porque, extinto ou abandonado o curso de pilotagem, occupava inutilmente o espaço de duas grandes salas.

A academia tinha uma bibliotheca, mas muito pobre. Em 1824, o director litterario qualifica-a de miseravel e vergonhosa <sup>1</sup>. O alvará de 16 de agosto de 1825 mandou applicar á compra de livros a importancia dos premios, que por falta de alumnos distingcitos não fossem distribuidos (cit. alvará, art. 8). A Res. 11 de julho de 1825, communicada em Aviso de 5 de setembro do mesmo anno, conformando-se com o parecer da Junta inspectora de 21 de maio anterior, destinava 400\$000 reis para as despezas do expediente ordinario da academia e mandava que quanto em cada anno subejasse d'esta quantia, se empregasse em livros a beneficio da bibliotheca <sup>2</sup>. Em 1828 foi a bibliotheca accrescentada com um sortimento de livros <sup>3</sup>; mas a maior cópia dos que a academia de marinha legou á academia polytechnica, sua

<sup>1</sup> Informação de 13 de setembro de 1824 na *Historia dos Estab. scientificos*, T. II, p. 419.

<sup>2</sup> Registo de officios e ordens da Junta no Archivo da acad. polyt. liv. 92, pag. 61.

<sup>3</sup> Cit. discurso do lente da 5.<sup>a</sup> cad. Joaquim Torquato.

successora, vem-lhe da providencia dada no decreto de 9 de julho de 1833.

Este decreto, fundando no Porto uma biblioteca publica e dotando-a com os livros que compunham as livrarias de varios conventos extintos, determinou que, dos exemplares duplicados se déssem a esta academia as obras que tivessem por objecto as sciencias mathematicas, a navegação, o commercio, a agricultura, industria e artes, geographia, chronologia e historia ou quaesquer outros ramos de conhecimentos particularmente ligados com aquelles, (cit. decreto, art. 11, § 1).

A academia n'aquelle tempo não tinha cadeiras de physica, nem de chimica, nem de historia natural, e ainda que estas sciencias estavam ligadas com a agricultura, o decreto parecia exclui-las, porque doava expressamente um exemplar de cada um dos duplicados pertencentes áquelles ramos, á escola medicocirurgica d'esta cidade (cit. decr., art. 11, § 2).

Com este donativo adquiriu a nossa biblioteca muitos volumes e algumas obras de estimação; mas nem por isso ficou muito rica das que mais de perto interessam á cultura das sciencias professadas n'esta academia.

A biblioteca governava-se pelo regulamento que lhe deu o director Joaquim Navarro d'Andrade, em 2 de setembro de 1829, com o titulo de «Instruções porque se deve regular o guarda da biblioteca

ca» <sup>1</sup>. Este guarda era o porteiro e official da secretaria, Antonio d'Almeida dos Santos Junior, que desde aquella data ficou «encarregado do arranjoamento, guarda e conservação dos livros da bibliotheca, com a gratificação de 300 reis diarios que lhe seria satisfeita pelos reditos proprios da dita bibliotheca» <sup>2</sup>.

*Edificio*

Quando a junta da administração da Companhia das vinhas do Alto-Douro, na representação que acima mencionamos, de 4 de janeiro de 1803, pediu que se levantasse um edificio para as aulas, propunha que nos baixos d'elle se construissem lojas de abobada, para se alugarem em beneficio do seminario dos orphãos da Graça, na conformidade da planta que acompanhava a mesma representação.

No alvará de 9 de fevereiro de 1803, que resolreu a pretensão da Companhia, não dá o governo si-

<sup>1</sup> Livro (92) do Registo de officios e ordens da Junta no Archivo da Acad. Polyt., pag. 94 a 96.

<sup>2</sup> Port. do director litterario de 2 de setembro de 1829 em conformidade com as determinações da Junta inspectora no cit. livro, pag. 93.

gnal de ter recebido a planta e até ordena que a Junta a mande levantar e submeter á approvação regia, pelo ministerio do reino (cit. alvará, §§ 3 e 5). É provavel que já então se tratasse de fundar um estabelecimento muito mais completo do que aquelle para que tinha sido feita a mesma planta. Aquelle alvará esqueceu-se de fallar nas lojas, e vê-se de outro alvará de 29 de julho do mesmo anno, que foi um esquecimento grave.

Na verdade, este ultimo alvará declarou que um dos *principaes* objectos da creação d'esta academia fôra accrescentar o patrimonio do seminario dos orphãos da Graça, e que as lojas do edificio mandado construir para as aulas, fossem arrendadas, sendo o seu producto administrado como as mais rendas d'aquelle seminario pela camara d'esta cidade, a qual teria todo o cuidado em que os orphãos frequentassem os estudos, «sem se distrahirem com a assistencia dos enterros, e muito menos a pedir esmolas, visto que pela referida consignação cessa a necessidade e indigencia em que viviam»<sup>4</sup>.

A planta foi levantada em 1807 pelo capitão de infantaria com exercicio no real corpo de engenheiros, Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante, e ap-

<sup>4</sup> Comparem-se as palavras transcriptas no texto com o que escrevemos de pag. 100 a 102.

provada em 26 de setembro do dito anno pelo ministro do reino Antonio de Araujo d'Azevedo.

O projecto do engenheiro Amarante consta de cinco folhas. Uma d'estas contém o plano terreo, outra o andar nobre; as tres restantes, os alcados, excepto o do lado do nascente, que não desenhou, como elle mesmo declara, para não augmentar o numero de plantas. Um alcado que existe da fachada do nascente, foi levantado em maio de 1817 por outro architecto em conformidade com a planta baixa<sup>1</sup>. Das cinco folhas mencionadas, só as duas primeiras, tem a approvação do ministro, mas nem por isso deixou de se regular pelas outras a architecatura adoptada para as obras feitas no tempo da administração da Companhia das vinhas do Alto-Douro.

Como em 1834 cessaram as obras e só em 1865 se continuaram por um novo plano, aquellas plantas ficaram descuradas e acham-se bastante damnificadas. O engenheiro que em 1862 elaborou o novo projecto, teve-as presentes, mas não as estudou senão em relação ao fim a que se propunha, e se alguém as

<sup>1</sup> Do nome do architecto só se lê o primeiro e as ultimas letras do ultimo, Joaquim...aijo. Esta ultima planta, que foi a que se pôz em obra, faz alguma diferença da primitiva nos torreões do nascente.

mencionou, foi como simples reminiscencia historica<sup>1</sup>. Todavia são estas plantas documentos juridicos importantes, que ainda podem servir para fixar as relações entre a academia, que é um estabelecimento do Estado e o collegio dos orphãos, que o é municipal.

O projecto exorbitou da lei, porque em vez de se ocupar só da academia, risca um novo edificio para o collegio que o governo não se obrigara a construir, e liga este edificio com o da academia, de maneira que em parte ficam ambos os estabelecimentos debaixo do mesmo tecto. Mas se o projecto excedeu os limites da concessão que o alvará de 29 de julho de 1803 fizera aos orphãos, estes ainda excederam os limites do mesmo projecto, porque trazem alugado um espaço maior do que elle applicava a este destino.

Assim em toda a parte do nascente, comprehendida entre os torreões das extremidades, na extensão de 61<sup>m</sup>,64, não havia lojas algumas, e os orphãos estão gosando ha muitos annos as rendas de todos os baios d'esse lado, assim como os das duas lojas provisórias estabelecidas em dois dos arcos do frontão do norte, onde não as podia haver, porque era por alli a

<sup>1</sup> Snr. José Maria d'Abreu no já citado Relatorio da inspecção extraordinaria, feita á academia polytechnica em 1864, Lisboa, Imp. Nac. 1865, pag. 32.

entrada para a academia. A tudo isto se deve attender na avaliação das indemnisações que direitamente pertencem aos orphãos, quando se expropriarem as lojas para se continuarem as obras em conformidade com o novo plano.

Em rigor, estas rendas extraordinarias devem ter sido capitalisadas para se construir com o seu producto o novo collegio e sua egreja. Pôde ser que fosse esta a mente com que o Estado ou quem o representava, consentira em que elles fossem percebidas pela administração dos orphãos, visto que o imposto estabelecido para a academia, não podia ser distraído para a costrucción do edificio do collegio a não ser a titulo de indemnisação paga antecipada e lentamente por aquellas rendas.

Segundo a planta de 1807, a fórmula do espaço ocupado pelo edificio da academia e collegio dos orphãos era um pentágono. A fachada do norte que era a frente principal da academia, olha para a praça, outrora Feira da Farinha, hoje dos Voluntarios da Rainha, e mede 61<sup>m</sup>, 81; a do nascente, voltada para a rua que a separa do extinto Recolhimento do Anjo, hoje Mercado do mesmo titulo, tem 89,<sup>m</sup> 19; a do sul, 35,<sup>m</sup> 55. A linha do poente quebra-se a 38,<sup>m</sup> 95, contados da extremidade do norte, e d'ahi corre na direcção de SSE e na extensão de 55,<sup>m</sup> 88 até acabar na quina da parede do sul. Os angulos entre os lados do sul e poente, e entre as duas linhas

d'este ultimo quadrante são obtusos; os outros são rectos.

A architectura é a mesma do novo plano que acompanha esta memoria. Apenas sobre os torreões havia uma attica.

No andar terreo a academia não tinha senão, além da entrada, uma aula de primeiras letras (aula que ainda então não estava creada), uma sala para o 1.<sup>º</sup> guarda, e a casa do navio. A 1.<sup>ª</sup> tem  $8,^m38 \times 7,34 = 61,^m251$ ; a 2.<sup>ª</sup>  $5^m04 \times 7,29 = 36,^m274$ ; a 3.<sup>ª</sup> é uma ellipse com os eixos de  $17,^m48$  e  $8,^m87$  e a superficie correspondente de  $121,^m277$ .

A parte principal da academia ficava no 1.<sup>º</sup> andar. Ao longo da fachada do norte havia as seguintes divisões: aula de commercio ( $8,^m11 \times 10,^m98 = 89,^m05$ ); dita do 1.<sup>º</sup> anno mathematico ( $8,^m01 \times 11^m = 88,^m011$ ); salão para os actos solemnes ( $13,^m92 \times 10^m 97 = 152,^m70$ ); aula do 2.<sup>º</sup> e 3.<sup>º</sup> mathematicos ( $7,^m97 \times 11^m = 87,^m67$ ); sala sem designação ( $8,^m05 \times 10^m 97 = 88,^m031$ ); mais dois gabinetes e duas escadas, ocupando ambas uma área de cerca de 36 metros quadrados. Estas divisões são todas ao correr da frente do norte e acham-se separadas das seguintes por um corredor de  $57^m41$  de comprido e  $2^m70$  de largo. Ante-sala da livraria ( $6^m38 \times 4^m16 = 26^m254$ ); pateo para luz ( $8^m27 \times 7,70 = 63^m268$ ); escada principal ( $10^m97 \times 8,27$ ); aula de agricultura ( $7^m78 \times 7^m63 = 59^m236$ ); outro pateo para luz ( $5^m51 \times 7,78$ ); e uma sala ( $7^m02 \times$

8,06=56<sup>m</sup>66). Este correr de salas recebe a luz por um claustro que lhes fica ao sul, excepto a ante-sala da livraria e a ultima sala, que a recebem de janellas voltadas, a 1.<sup>a</sup> ao náscente e a 2.<sup>a</sup> ao poente. Temos ainda do lado do nascente a livraria com 10<sup>m</sup>54 de comprido e 6,38 de largo (67<sup>m</sup>24), mais quatro quartos separados, dois a dois, por um corredor, ocupando tudo uma superficie de 43<sup>m</sup> quadrados. Do lado do poente ha' a ellipse da casa do navio, que tem a altura dos dois andares. Finalmente na attica do poente que devia estender-se desde o torreão do norte até o angulo obtuso, que formam entre si as duas linhas do poente, devia ser estabelecida a aula de desenho. No alçado da frente do norte apparece desenhado o observatorio, mas não ha a planta baixa d'este estabelecimento.

No tempo da administração da Companhia construiu-se no sul a parte que vai desde a entrada actual da Academia polytechnica até á quina do náscente, toda a fachada de leste e levou-se até o cimo do andar terreo a parede exterior da fachada do norte e do torreão do poente. A Companhia porém fez muitas construções provisórias no terreno que devia ser ocupado pelos edificios reunidos da academia e collegio, não se esquecendo de aproveitar quasi todos os baixos d'essas construções para lojas que eram arrendadas em proveito dos orphãos.

Antes de feitas estas obras, a academia não ti-

nha espaço sufficiente para as suas aulas. Estas accommodavam-se como era possivel no edificio dos orphãos, exceptuando a de desenho, que ainda no anno de 1804 funcionou no hospicio de Santo Antonio de Val Piedade, á Cordoaria, onde hoje está o hospicio dos Expostos. O observatorio estava n'uma casa alugada, como dissemos. A secretaria ainda em 1824 se achava n'uma sala dos orphãos, a quem se pagava 30000 reis de renda.

No tempo do cerco do Porto (1832 a 1834) o edificio academico foi convertido em hospital militar. Em 13 de outubro de 1834 começaram os estudos no palacete da Snr.<sup>a</sup> Viscondessa de Balsemão, hoje do Snr. Visconde da Trindade, na praça que então se chamava dos Ferradores e agora de Carlos Alberto. Só as aulas de desenho e manobra continuaram nos seus antigos locaes, que eram nas construções provisorias do lado do poente. O hospital militar só deixou livres as aulas da academia em 1836.

### *Dotação*

O alvará de 9 de fevereiro de 1803 estabeleceu distinctamente duas fontes de receita para duas applicações diversas; uma para a contruçāo do edificio, outra para os ordenados do pessoal (§§ 4 e 8).

Ainda havia diversas despezas que os estatutos de 29 de julho do mesmo anno mandavam pagar pela contadaria da Junta inspectora, sem declarar a receita com que haviam de ser satisfeitas (cit. Est. §§ 48 e 57).

Para o edificio estabeleceu o citado Alvará de fevereiro, por espaço de 10 annos, o imposto de um real em cada quartilho de vinho que se vendesse a retalho na cidade do Porto e districto do privilegio exclusivo da Companhia durante os seis mezes de julho a novembro. Este imposto corresponde a 188  $\frac{3}{5}$  reis ou a um franco e 18 c. por hectolitro.

O districto privilegiado da Companhia abrangia além do terreno demarcado para os vinhos de exportação, a cidade do Porto e quatro legoas em volta, que eram, segundo a medida d'aquelle tempo, 24:689 metros <sup>4</sup>. Então o imposto de consumo sobre o vinho, era um real em quartilho, durante todo o anno, para as obras publicas e barra do Porto, mais um real para a casa de correção nos quatro mezes de dezembro a março e 4 reis para as estradas do Douro nos

<sup>4</sup> O raio do circulo privilegiado á volta da cidade do Porto era de tres leguas pelo § 28 da Instituição da Companhia de 31 de agosto de 1756 aprovada por alvará de 10 de setembro do dito anno. Foi elevado a quatro legoas por alvará de 16 de dezembro de 1760.

dois meses de abril e maio. A totalidade do imposto sobre este consumo, depois de augmentado pelo citado alvará de 9 de fevereiro de 1803, ficava sendo de 5 reis em quartilho ( $943 \frac{1}{3}$  reis ou 5 francos e 90 c. por hectolitro) nos dois meses de abril e maio, e 2 reis ( $377 \frac{1}{3}$  ou 2 francos e 36 c. por hectolitro) no resto do anno.

O imposto para o edificio da academia foi ampliado a todos os meses do anno pelo alvará de 16 de agosto de 1825, § 1.

E' notavel que esta contribuição fosse estabelecida por proposta da Junta da administração da Companhia das Vinhas do Alto Douro <sup>1</sup>, que era verdadeiramente quem a pagava, porque tinha o exclusivo da venda do vinho a retalho no districto do seu privilegio.

Quanto á receita para pagamento do pessoal, o alvará de 9 de fevereiro de 1803 apenas dispunha, que «os ordenados dos lentes, substitutos e mais pessoas empregadas em as novas aulas, fossem satisfeitos por onde o são actualmente os de nautica e desenho» (cit. alv., § 8). Segundo a legislação, a que este alvará alludia (que então não tinha sido publicada e ainda hoje em parte se conserva inedita) a re-

<sup>1</sup> Representação de 4 de janeiro de 1803, na *Hist. dos Estab. scientificos.* T. 2.<sup>o</sup>, pag. 401.

ceita para esta despeza consistia como dissemos, na decima dos dividendos dos accionistas da Companhia das Vinhas. O rendimento d'este imposto era calculado no Av. Reg. de 16 de janeiro de 1779 em quatro contos e tantos mil reis, mas desde 1803 até 1820 inclusivè, nunca desceu de 6:856\$000 reis (42:850 francos), nem subiu de 8:403\$500 reis (52:522 francos <sup>1</sup>).

Esta quantia não era suficiente para o quadro estabelecido no alvará e estatutos de 29 de julho de 1803. A Carta Reg. d'aquella mesma data, dirigida ao desembargador corregedor da comarca do Porto, determinava que do cofre das rendas d'esta cidade se applicasse cada anno até a quantia de 2:400\$000 reis para os ordenados dos professores e premios dos alumnos.

A terceira cathegoria de despezas a que alludimos, não tinha consignação especial. A final decidiu-se que fossem pagas pelas receitas creadas para o pagamento do pessoal.

Assim, em 18 de janeiro de 1819 «deliberou a Junta que em conta do edificio e obras da academia se credite o rendimento da contribuição estabelecida pelo § 4 do dito alvará de 9 de fevereiro de 1803 e

<sup>1</sup> Parecer da commissão de instrucção publica de 24 de setembro de 1821 no *Diario das Côrtes* de novembro d'esse anno, a pag. 2967.

debito pela despesa do novo edificio, das aulas interinas, e outras quaesquer obras ou concertos. E que em conta de despezas da academia real de marinha e commercio d'esta cidade se credite o rendimento da contribuição estabelecida pelo § 8 do sobredito alvará, bem como a consignação ordenada por Carta Regia de 29 de julho de 1803, e se debite pelos ordenados dos lentes e mais empregados, premios, custo de instrumentos, moveis e mais despezas qte o § 57 dos estatutos manda provêr, fazendo-se os encontros necessarios d'aquellas addições que se acharem lançadas em contrario d'esta deliberação» <sup>1</sup>.

A dotação para o pessoal e expediente era muito inferior ás despezas, como se vê da seguinte nota d'ellas referida ao anno de 1820:

Vice-inspector . . . . .	1:800\$000
Director litterario . . . . .	1:200\$000
Secretario da Junta inspectora .	160\$000
Secretario da academia . . . . .	96\$000
Official e contínuo da academia.	180\$000
Primeiro guarda . . . . .	220\$000
<hr/>	
A transportar . . . . .	3:656\$000

<sup>1</sup> Livro intitulado «despezas geraes das aulas regias» no cartorio da Companhia das Vinhas.

Transporte . . . . .	3:656\$000
Seis guardas a 144\$000 reis. . . . .	864\$000
Dois serventes. . . . .	152\$000
Total do pessoal d'inspecção, direc- ção, secretaria e policia . . . . .	4:672\$000
Lentes de mathematica 3	
de philosophia	
racional, commercio,	
desenho e agricultura 4	
Director da aula de de- senho. . . . .	1
8 a 600\$000	4:800\$000
4 Professores de francez, inglez e de primeiras letras a 400\$000 reis . . . . .	1:600\$000
3 Substitutos de mathematica e 1 de philosophia rational, 4 a 450\$000 reis . . . . .	1:800\$000
2 Substitutos de commercio e dese- nho a 350\$000 reis. . . . .	700\$000
2 Substitutos de francez e inglez e 1 mestre de apparelho e manobra naval, 3 a 300\$000 reis . . . . .	900\$000
Total do pessoal docente . . . . .	9:800\$000
Despezas diversas, a saber:	

24 Premios para os alumnos a reis	
72\$000 . . . . .	1:728\$000
Toque dos sinos para a entrada e sa- hida do estabelecimento . . . . .	60\$000
Aluguer da casa que serve de obser- vatorio . . . . .	67\$200
Dito da sala de secretaria . . . . .	30\$000
Expediente, despezas do anniversario de sua magestade, etc. . . . .	854\$450
<hr/>	<hr/>
Somma das despezas diversas . . .	2:739\$650
<hr/>	<hr/>

**Resumo:**

Inspecção, direcção, secretaria e po- lícia . . . . .	4:672\$000
Pessoal docente . . . . .	9:800\$000
Despezas diversas. . . . .	2:739\$650
<hr/>	<hr/>
Total. . . . .	17:211\$650
<hr/>	<hr/>

A esta quantia ainda havia que accrescentar a de 73\$000 reis, importancia do vencimento do patrão do escaler, resto do antigo encargo da administração das fragatas de guerra que devia ser paga pela decima dos accionistas da Companhia.

As duas verbas de que se compunha a receita consignada para estas despezas, eram computadas

no mesmo anno em 9:932\$800 reis, sendo 7:532\$800 reis a importancia da decima dos accionistas da Companhia e 2:400\$00 reis do cofre das rendas municipaes <sup>1</sup>.

Havia, pois, um deficit de 7:352\$000 reis ou 45:950 francos. Os desfalques accumulados desde 1803 a 1820 montavam no fim d'este ultimo anno a 64:540\$836 reis (403:380 francos), que era quanto a Companhia havia adiantado para as despezas correntes da academia <sup>2</sup>.

As côrtes supprimiram os logares de vice-inspector da academia e de director da aula de desenho, e reduziram a 200\$000 reis o ordenado do director literario. Era uma economia total de 2:600\$000 reis, que ainda estava muito longe de estabelecer o equilibrio. A diminuição do ordenado do director não chegou a realisar-se, senão em 1836, como já dissemos.

Em 1825, pelo alvará de 16 de agosto que varias vezes temos citado, reuniram-se os dois cofres, por onde até então se faziam separadamente as despezas do edificio e do pessoal. Ao mesmo tempo fizeram-se algumas economias, supprimindo-se uma substi-

<sup>1</sup> Cit. liv. das «despezas geraes das aulas regias» fl. 87 v.

<sup>2</sup> Cit. parecer da commissão de instrucção publica de 24 de setembro de 1821 no *Diario das Côrtes*.

tuição de mathematica, e dois logares de segundos guardas, reduzindo-se os ordenados do professor e do substituto da aula de primeiras letras e diminuindo-se o numero e quantia dos premios pecuniarios. O mesmo alvará elevou a 240\$000 reis o ordenado do secretario da academia, que era de 96\$000 reis. A economia liquida, resultante d'estas providencias, montava a 2:242\$000 reis (14:012  $\frac{1}{2}$  francos), que não devia realisar-se desde logo, porque se respeitavam os direitos dos empregados existentes.

A dotação especial da academia veio a cessar desde que foram extintos os privilegios da Companhia das Vinhas do Alto-Douro pela legislação de 1832 a 1834. A consignação dos 2:400\$000 reis pela camara municipal já tinha sido retirada pelo governo de D. Miguel em 1830.

As despezas totaes foram fixadas pelo decreto de 19 de outubro de 1836 em 10:642\$000 reis.

Do que dissemos, quando nos occupamos do magisterio da academia, deduz-se que os vencimentos do pessoal docente, nos termos do citado decreto, montava a 7:500\$000 reis. A esta verba deve accrescentar-se a de 100\$000 reis para gratificação dos substitutos que eventualmente regessem cadeiras. As outras despezas eram as seguintes:

Primeiro secretario da academia . . . . .	250\$000
Um bibliothecario que servirá nos im-	

pedimentos do secretario da academia	250\$000
Um guarda-mór e fiel da academia	240\$000
Seis guardas subalternos a 146\$000 reis	876\$000
Dois serventes a 72\$000 reis	144\$000
Gratificação ao lente que servir de director	200\$000
Expediente ordinario da academia	400\$000
Premios aos estudantes	480\$000
Aluguer das casas em quanto a academia se não estabelecer no edificio que lhe pertence	200\$000
<b>Total das despezas diversas</b>	<b>3:040\$000</b>

Antes do citado decreto gastava a academia no pessoal docente e diversas despezas 13:299\$200 reis, não incluindo as obras do edificio que ha muito tempo se achavam suspensas.

*Secretaria*

Apezar de se haver transferido para a administração directa do Erario Regio a receita e despeza do antigo estabelecimento das fragatas de guerra do Porto, a provedoria da marinha que era uma das repartições d'aquelle estabelecimento, continuou sob a direcção da Companhia das Vinhas do Alto-Douro <sup>1</sup>.

Creada esta academia, o escrivão da marinha foi encarregado das funcções de secretario d'ella, «com o mesmo ordenado que lhe está estabelecido» <sup>2</sup>.

Este ordenado tinha sido de 96\$000 reis; fôra elevado a 240\$000 reis, e outra vez reduzido a 96\$000 reis por Av. Reg. de 16 de janeiro de 1779 <sup>3</sup>, que

<sup>1</sup> Vej. supra pag. 94 e 95.

<sup>2</sup> Estat. de 29 de julho de 1803, § 7. O texto diz «escrivão da *matricula*» erradamente, em vez de «escrivão da marinha.»

<sup>3</sup> Regist. no livro *da marinha* da Companhia das Vinhas fl. 59. No alv. de 16 de agosto de 1825, § 9, o dito Avis. Reg. é citado com a data de 10 de janeiro, e pôde ser que seja esta a verdadeira.

vigorava quando se promulgaram os estatutos de 1803. O alvará de 16 d'agosto de 1825 tornou a eleval-o a 240\$000 reis <sup>1</sup>, e o decr. de 19 de outubro de 1836 levou-o a 250\$000 reis.

Antes d'este alvará, a Res. Reg. de 17 d'agosto de 1824, já tinha melhorado a situação d'este funcionario, concedendo-lhe os mesmos emolumentos estabelecidos a favor do secretario da academia de marinha de Lisboa, pelo decreto de 27 de setembro de 1800 <sup>2</sup>.

Os emolumentos eram os seguintes:

Matricula, informacão, certidão ou attestação de frequencia . . . . .	480
Busca de livros pertencentes a cada anno. . . . .	180
Cada carta de approvação no 3. <sup>º</sup> an- no, havendo o curso inteiro ou completo . . . . .	25400
Cada provimento de premio ou car- ta do 3. <sup>º</sup> anno de curso de pilo- tos . . . . .	15600

Os lentes na occasião da posse costumavam dar

<sup>1</sup> Cit. Alv. § 9, na collecção de legislação.

<sup>2</sup> Na collecção de legislação de Delgado, pag. 649 e seg.

ao secretario uma peça d'ouro (14.188 grammas) e uma gratificação ao primeiro guarda e aos outros subalternos; prática abusiva e como tal reprovada pela Port. de 28 de junho de 1833.<sup>1</sup>

O secretario escrevia as actas, enchia e assignava ou devia assignar os termos de matricula e fazia o mais serviço proprio das secretarias. As primeiras actas eram escriptas em nome d'elle, mas por outra letra e não tem a sua assignatura. A primeira acta subscripta pelo secretario é de 13 de nov. de 1810, e a primeira escripta e assignada por elle é de 13 de maio de 1812.

Os secretarios da academia de marinha e comércio do Porto foram: 1.<sup>º</sup> João Peixoto da Silva (1803 — 1808); 2.<sup>º</sup> Francisco Peixoto da Silva, filho do precedente (1808 — 1809); 3.<sup>º</sup> Agostinho Peixoto da Silva, irmão do antecedente (1809 — 1828); 4.<sup>º</sup> Manoel Nunes de Mattos (1828 — 1834), tendo já antes d'isso exercido o logar no impedimento do proprietário; 5.<sup>º</sup> José Augusto Salgado (desde 10 d'abril de 1834). Todos foram nomeados pela junta da Companhia das Vinhas do Alto-Douro.

<sup>1</sup> Regist. no liv. (66) da acad. de mar., fl. 149 e 150.

**Estatística da frequência**  
**A — MATRÍCULAS**

ANNOS	CADEIRAS DE MATEMÁTICA			Desab.	Comercio	Agricul- tura	Philosop- hical	Frances	Inglaz	Total geral
	1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>							
1803—1804	145	—	—	145	42	84	—	43	195	115
1804—	5	63	14	87	76	54	—	67	99	426
1805—	6	37	9	10	57	(*) 54	44	56	19	286
1806—	7	80	6	56	10	12	58	89	53	316
1807—	8	49	15	94	12	(*) 13	19	77	29	228
1808—	9	7	—	73	15	7	12	30	26	138
1809—	10	33	3	40	16	(*) 14	35	65	39	209
1810—	11	21	8	32	34	6	14	86	33	205
1811—	12	24	4	33	11	(*) 6	13	59	37	159
1812—	13	24	9	36	3	6	13	64	37	159
1813—	14	28	—	37	8	(*) 6	24	68	45	188
1814—	15	31	2	88	15	6	25	113	61	253
1815—	16	21	6	31	12	(*) 6	25	84	63	221
1816—	17	14	5	26	15	22	42	81	68	254
1817—	18	34	5	42	12	(*) 22	—	25	95	56
1818—	19	37	2	48	11	10	—	43	115	252
1819—	20	32	2	37	17	12	33	43	37	264
1820—	21	83	6	41	15	14	10	55	96	47
1821—	22	27	13	49	23	3	34	78	36	285
1822—	23	37	6	51	25	7	15	61	17	256

(MATRÍCULAS)

ANNOS	CADERAS DE MATEMÁTICA			Desenho	Comercio	Agricul-tura	Philosoph. racional	Frances	Inglaz	Total geral
	1.º	2.º	8.º							
1823—1824	32	2	14	48	31	11	8	47	91	266
1824—25	3	11	6	20	18	14	8	22	78	87
1825—26	27	3	7	97	10	10	5	21	57	192
1826—27	16	8	5	29	14	11	3	25	83	164
1827—28	22	3	7	32	10	12	8	84	47	130
1828—29	16	4	4	24	14	14	4	18	58	153
1829—30	13	—	2	15	7	12	—	52	66	156
1830—31	26	3	4	33	11	9	—	—	64	133
1831—32	20	13	4	37	15	12	—	—	64	159
1832—33	33	} Esteve a academia fechada por causa do cerco do Porto.								
1833—34	34									
1834—35	20	2	2	24	6	—	—	27	82	161
1835—36	23	8	6	37	4	8	—	17	80	21
1836—37	19	8	13	40	5	14	16	16	111	33
Total... 1:014	174	194	1:382	566	508	96	—	992	2:518	7:271



III — EXAMES

ANNOs	CADERIAS DE MATEMÁTICA			Aparelho e manobra naval			Desenho			Commercio			Agricul-tura			Philoso-phia			Frances			Ingles			Total			Número total dos examinados
	1.º	2.º	3.º	A.	r.	A.	r.	A.	r.	A.	r.	A.	r.	A.	r.	A.	r.	A.	r.	A.	r.	A.	r.	A.	r.	A.	r.	
1822—23	20	—	9	5	—	5	—	—	—	7	—	—	—	3	—	—	—	38	1	14	—	101	1	102	—	—	—	
1823—24	12	5	2	9	2	11	—	19	—	9	—	—	—	13	—	—	—	89	4	16	—	130	11	141	—	—	—	
1824—25	11	6	8	3	1	7	—	8	—	11	—	—	—	2	—	—	—	32	1	18	—	95	8	103	—	—	—	
1825—26	14	2	1	6	1	3	—	4	—	6	—	—	—	2	—	—	—	17	1	18	—	77	4	81	—	—	—	
1826—27	3	—	5	—	—	3	1	—	4	—	9	—	—	3	—	—	—	1	—	—	—	26	2	10	—	67	3	
1827—28	12	—	1	—	—	1	—	2	—	4	—	—	—	2	—	—	—	22	1	11	—	64	1	65	—	—	—	
1828—29	4	—	2	—	—	2	—	2	—	5	1	—	—	1	—	—	—	6	—	—	—	22	—	11	—	54	1	
1829—30	11	—	3	1	1	—	—	—	—	9	—	—	—	24	—	—	—	15	—	—	—	31	—	20	—	106	—	
1830—31	16	3	1	1	1	—	—	—	—	2	—	—	—	7	—	—	—	—	—	—	—	31	4	13	2	76	10	
1831—32	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	86	
1832—33	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1833—34	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	

1831—32 }  
 1832—33 } Não houve exames n'estes tres annos lectivos por causa do cerco do Porto.  
 1833—34 }

1834—35	17	—	—	—	—	2	—	5	—	—	—	—	—	—	—	—	8	—	44	2	15	—	91	2	93	—	—
1835—36	16	1	7	—	—	3	—	4	—	2	—	6	—	—	—	—	—	—	29	1	12	—	79	2	81	—	—
1836—37	7	—	—	—	—	14	—	13	—	2	—	13	—	3	—	—	1	—	59	1	16	—	128	1	129	—	—
Total...	381	57	104	2	134	7	129	—	134	9	315	4	10	—	175	1	837	44	410	43	2:629	167	2:796	—	—		

## LISTA

ALPHABETICA DOS LENTES E DIRECTORES DA ACADEMIA  
DA MARINHA E COMMERCO DA CIDADE DO PORTO**Agostinho Albano da Silveira Pinto.**

Filho do bacharel José Xavier da Silveira Pinto e de sua mulher D. Maria Perpetua Pereira da Silveira. Nasceu na cidade do Porto em 17 de julho de 1785. Falleceu na freguezia de Aguas Santas, do concelho da Maia, districto do Porto, em 18 de outubro de 1852.

Dos principaes factos da sua vida publica já démos conta a pag. 152 e seg., onde tractamos d'elle como director d'esta academia. Veja-se tambem um facto que lhe diz respeito a pag. 171 e seg.

Ainda que é datada de 28 de fevereiro de 1815 a carta regia do seu despacho para a cadeira de franez d'esta academia, já assistiu como professor á sessão do conselho de 10 de outubro de 1814, certamente por haver sido nomeado pela Junta inspetora.

As cartas regias dos seus primeiros despachos, bem como as actas do conselho até a de 31 de julho de 1818, supprimem-lhe o ultimo appellido.

O *diccionario bibliographico* do snr. Innocencio Francisco da Silva nos tres artigos que lhe dedica nos tom. 1.<sup>º</sup> e 8.<sup>º</sup>, menciona as seguintes obras do conselheiro Agostinho Albano.

*Ode ao corpo militar de lentes, e doutores voluntarios.* Coimbra, Impr. da Univ. 1808.—8.<sup>º</sup>

*Novos elementos de grammatica franceza, extra-hidos dos grammaticos mais celebres e acreditados em França.* Lisboa 1815. A 2.<sup>ª</sup> edição saiu com o titulo de *Elementos de grammatica franceza para uso dos alumnos que estudam esta lingua na real academia de marinha e commercio da cidade do Porto.* Lisboa, Impr. Reg. 1818, de 100 pag.—Fez-se uma 6.<sup>ª</sup> edição no Porto, Typ. Commercial 1852 de VII—231 pag.

*Primeiras linhas de chimica e botanica coordenadas para uso dos que frequentam a aula de agricultura na real acad. da marinha e commercio.* Parte 1.<sup>ª</sup> Porto 1827. 4.<sup>º</sup> de XVIII—200—149 pag. A 2.<sup>ª</sup> parte que devia tractar da agricultura não chegou a publicar-se.

*Noções sobre a cholera-morbus indiana, extra-hidas principalmente da obra de J. Kennedy e outros.* Lisboa Impr. Reg. 1832—8.<sup>º</sup> de XII—113 pag.

*Conclusões practicas ou aphorismos deduzidos da*

*observação sobre a cholera-morbus.* Porto, Typ. de Alvares Ribeiro 1833.—8.<sup>o</sup> gr. de 10 pag.

*Codigo pharmaceutico lusitano, ou tractado de pharmaconomia, no qual se explicam as regras e preceitos com que se escolhem, conservam e preparam os medicamentos, e se apresentam as virtudes, usos e doses das formulas pharmaceuticas.* 1.<sup>a</sup> ediç. Coimbra 1835; 3.<sup>a</sup> ediç. ibid. 1841; 4.<sup>a</sup> ediç. Porto, Typ. da Revista 1846.—8.<sup>o</sup> gr. de LIX—606 pag.

*Pharmacographia do codigo pharmaceutico lusitano.* Coimbra, Impr. da Univ. 1836.—8.<sup>o</sup> gr. de XIX—391 pag.

*Epidemia catarrhosa.* Porto, Impr. de Alvares Ribeiro.—8.<sup>o</sup> gr. de 16 pag.

*Discurso pronunciado na inauguração da cadeira de economia política instituída pela Associação Commercial do Porto no dia 30 de maio de 1837.* Porto, Typ. Commercial Portuense 1837.—8.<sup>o</sup> gr. de 38 pag.

*Prelecções preliminares ao curso de economia política da eschola da Associação Commercial do Porto.* Porto, ibid. 1837.—8.<sup>o</sup> gr. de 293 pag. com o retrato do auctor.

*Exame da questão sobre a livre navegação do rio Douro.* Porto. ibid. 1840.—8.<sup>o</sup> gr. de 56 pag.

*A dívida publica portugueza, sua historia, progressos e estado actual.* Lisboa, Impr. Nac. 1839.—4.<sup>o</sup> de XIV—206 pag.

*A crise financeira em 1841, a comissão creada*

*por decreto de 22 de março do mesmo anno, e as Memorias do snr. deputado Roma. Porto, Typ. da Revista 1841.—8.<sup>o</sup> gr.*

*Exame critico das causas proximas da actual situação financeira. Lisboa, Impr. Nac. 1843.—4.<sup>o</sup>*

*Exposição synoptica do sistema geral da fazenda publica em Portugal, addicionada com algumas observações. Ibid. 1847.—4.<sup>o</sup> gr.—57 pag.*

*Elogio de Agostinho José Freire, no n.<sup>o</sup> 7 dos Annaes da Sociedade Litteraria Portuense. Porto 1839.*

*Memoria biographica do conselheiro José Ferreira Borges, no tom. 1.<sup>o</sup> da Revista Litteraria.*

Foi tambem redactor principal da *Revista Estrangeira*. Coimbra. Impr. da Univ. 1837 e 1838, e da *Revista Litteraria*, Porto 1838 a 1843, 11 vol. 8.<sup>o</sup> gr., e publicou varios artigos no *Repositorio da Sociedade Litteraria Portuense*, e em muitos outros jornaes. Consta mais (accrescenta o snr. Innocencio) que além de importantes trabalhos manuscripts, deixou prompts para a imprensa dous volumes da obra de que ultimamente se occupava, por elle intitulada *Historia financeira de Portugal desde o tempo do Conde D. Henrique até o nosso*.

Attribue-se-lhe mais a redacção dos seguintes escriptos ou pelo menos a parte principal na sua colaboração.

*Memoria estatistico-historica sobre a administra-*

*ção dos expostos na cidade do Porto, restituído pela camara municipal da mesma cidade. Porto, typ. da viuva Alvares Ribeiro 1823.—4.º de 42 pag.*

*Relatorio que a commissão sanitaria da cidade do Porto fez subir á augusta presença de S. M. Imperial o Duque de Bragança. Lisboa, Imprensa do Governo 1833.—4.º de 35 pag.*

Balbi cita como manuscripts d'este professor uma sabia dissertação sobre a quinquina do Rio de Janeiro; uma memoria sobre as febres e seu tratamento; e uma sabia dissertação sobre a historia da agricultura portugueza.

Vej. as biographias mencionadas pelo snr. Inno-cencio Francisco da Silva.

**Antonio Carlos de Mello e Silva.** Nasceu em Santa Eulalia de Agueda, bispado de Aveiro, em 21 de maio de 1794. Falecido entre 1838 e 1840. Filho de Bernardino José de Mello e mulher Francisca Leonor de Mello. Baeharel formado em medicina pela universidade de Coimbra, e doutor pela de Louvain. Obteve em concurso a propriedade da cadeira de francez d'esta academia por decr. de 9 de fev. e C. R. de 28 de março de 1835. Foi dos exonerados por decr. de 19 d'outubro de 1836, em consequencia de se haver recusado a jurar a constituição de 1822. Foi provido na direcção da escola normal do Porto por decreto de 8 de março de 1838.

**Antonio da Costa Palva.** 1.<sup>º</sup> Barão de Castello de Paiva desde 1854, bacharel formado em philosophy e medicina pela universidade de Coimbra, e doutor pela facultade de medicina de Paris. Socio effectivo da academia real das sciencias de Lisboa. Membro correspondente das academias de medicina e cirurgia de Tolosa, Montpellier e Marseilha; associado estrangeiro da sociedade zoologica de Londres, da sociedade de historia natural de Cassel, da sociedade das sciencias naturaes de Strasburgo, das sociedades botanicas de França e de Edimburgo, da academia imperial de medicina do Rio de Janeiro. Vogal extraordinario do conselho geral de instrucción publica até a extincção d'este conselho em 1868. Nasceu no Porto em 12 de outubro de 1806. Reside desde 1855 na Ilha da Madeira, por causa d'uma affecção pulmonar, mas tem vindo frequentes vezes a Lisboa.

Nascido de paes «que o educaram austeramente», como elle mesmo diz na sua auto-biographia, e sustentado por douis parentes durante os seus estudos em Coimbra e Paris, adquiriu uma fortuna avultada, que tem distribuido pelos hospitaes, e outros estabelecimentos de beneficia do paiz, reservando para si o usofructo ou antes accumulando nas suas mãos os rendimentos até os repartir segundo os impulsos da sua piedade. A esta academia doou elle uma inscripção de assentamento da dívida publica portugueza do valor nominal de 1:000\$000 reis a be-

neficio do jardim botanico, de que foi o primeiro director.

Regeu desde 1834 até 1836 uma cadeira de philosophia rational e moral, que havia no Porto, além da de igual disciplina em a nossa academia. Foi nomeado lente de agricultura e botanica da mesma academia por decr. de 20 de outubro de 1836 e C. R. de 3 de janeiro de 1837. Depois de reformado este estabelecimento em polytechnica, foi despachado lente da 10.<sup>a</sup> cadeira (botanica) e director do jardim botanico por decr. de 11 de janeiro, e C. R. de 28 de julho de 1838, e jubilado com o ordenado por inteiro por decr. de 31 de dezembro de 1858 e C. R. de 19 de janeiro de 1859.

Como livre pensador começou as suas publicações litterarias pela traducção annotada dos romances de Voltaire. Em 1851 converteu-se subitamente ao christianismo, e publicou em 1866 uma obra ascetica com o titulo de *Novissimos ou ultimos fins do homem*. O intervallo entre as duas obras de tão opposta inspiração é preenchido com escriptos e trabalhos de sciencias naturaes que lhe grangearam o louvor de sabios nacionaes e estrangeiros.

O artigo que lhe consagra o snr. Innocencio Francisco da Silva no tom. 8.<sup>o</sup> do seu *diccionario bibliographico portuguez*, menciona as seguintes publicações:

*Romances de Voltaire, traduzidos em portuguez, e ampla e livremente annotados.* Porto 1836.—8.<sup>o</sup> gr.

*Aphorismos de medicina e cirurgia practicas.* Porto, Typ. Commercial Portuense 1837.—8.<sup>o</sup> gr.—205 pag.

*Relatorio do Barão de Castello de Paiva, encarregado pelo governo de estudar o estado da Ilha da Madeira sob as relações agricolas e economicas,* Lisboa 1855, Imp. Nacional.—4.<sup>o</sup>—11 pag.

*Descripção de dous novos coleopteros de Camboja,* Lisboa, Typ. Universal 1860.—8.<sup>o</sup> gr.—11 pag. e uma estampa.

*Descripção de duas especies novas de coleopteros das Ilhas Canarias,* Ibid. 1861.—8.<sup>o</sup> gr. de 8 pag.

*Descripção de duas especies novas de coleopteros originarios de Angola, seguida da de outras duas igualmente novas, tambem de Angola por T. V. Wollaston.* Na *Gazeta Medica de Lisboa* n.<sup>o</sup> 11 de 1862, e tambem em folheto separado.

*Noticia da descoberta de dous molluscos novos e tambem dos typos vivos de duas especies fosseis do archipelago madeirense,* publicado em Londres nos *Annals and Magazine of Nat. Hist.* Agosto 1862.

*Origens dos mezes de marzo e maio.* Nos *Fastos de Ovidio* trad. pelo snr. Antonio Feliciano de Castilho (1.<sup>o</sup> Visconde de Castilho) tom. 2.<sup>o</sup>, pag. 217 e seg. e tom. 3.<sup>o</sup> pag. 191 e seg.

*Description of a new sempervivum from the Sal-*

*vage Island by the Baron do Castello de Paiva.* No *Seeman's Journal of Botany*, Londres 1866.

*Description de dix espèces nouvelles de mollusques terrestres de l'archipel de Madereira.* No *Journal de Conchylogie* de Melb. Crosse et Fischer. Paris n.º 4 de 1866.

*Novissimos ou ultimos fins do homem.* Lisboa, Typ. Univ. 1866.—8.º gr.—2 tomos com 436 e 451 pag. «Eis aqui uma obra (diz o snr. Camillo Castello-Branco) que não parece de hoje em dia, quer a vejamos virtual quer litterariamente. A substancia d'ella prende com os tempos luminosos do muito crêr e do muito entrar-se o homem do convencimento do seu nada. A fórmá, o dizer, é de tão bom quilate portuguez, que apenas poderei estremar a vernaculidade do auctor dos *Soliloquios* d'entre as paginas lusitanissimas do auctor dos *Novissimos* que tanto hombro a hombro se eleva com o oratoriano, de quem temos um devoto livro identico na intenção e no titulo... O snr. Barão do Castello de Paiva, a um tempo movido de ferventes estimulos de amor a Deus, e substanciado no modo de exprimil-os pelo estylo dos mysterios do seculo de ouro, tanto em fé, como em brilho de eloquencia, deu á estampa os seus *Novissimos*.»

*Monographia molluscorum terrestrium, fluvialium, lacustrum insularum madeirensium, nas Memor. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa* — sciencias

math. e natur.— tom. 4.<sup>o</sup> P. 1.<sup>a</sup> 1867. (Vej. a respeito d'esta importante manographia o *dic. bibliogr.* do snr. Innocencio, tom. 8.<sup>o</sup>, pag. 420).

*Biographia* 1877, Lallemand Frères. Lisboa. «Escrevi (começa o auctor) este esboço biographico, só por contentar alguns amigos que insistiam em publicar-me a vida.» São 4 paginas de ascetismo, em que o auctor se esquece quasi completamente do seu assumpto, omittindo a maior parte do que constitue a sua gloria mundana.

Collaborou com o snr. Alexandre Herculano na publicação da «Chronica d'El-Rei D. Sebastião por Fr. Bernardo da Cruz» Lisboa. Impr. de Galhardo e Irmãos. 1837.—8.<sup>o</sup> gr. de XVI—446 pag., e do *Ro-teiro da viagem de Vasco da Gama em 1497*, (atribuido a Alvaro Velho) 2.<sup>a</sup> edic. correcta e augmentada de algumas observações principalmente philologicas por A. Herculano e o Barão de Castello de Paiva. Lisboa, Impr. Nac. 1868.—8.<sup>o</sup> gr. de XLIII—180 pag. e mais uma de indice. Na 1.<sup>a</sup> edição d'esta obra tinha collaborado com o snr. Barão do Castello de Paiva, o snr. Diogo Köpke, tambem lente da academia polytechnica. Porto, Typ. Commercial Portuense, 1838.—8.<sup>o</sup> gr. de XXVII—183 pag.

O snr. Innocencio menciona tambem a *these inaugural* do snr. Barão do Castello de Paiva, sobre phtysica pulmonar, impressa em França e defendida perante a faculdade de medicina de Paris.

O sabio professor da polytechnica do Porto doou á academia real das sciencias de Lisboa um herbario madeirense, composto de 600 especies por elle colligidas e ordenadas; outro herbario de 372 especies por elle observadas e recolhidas nas ilhas Canarias, e uma colleccão completa dos molluscos terrestres e fluviaes do archipelago madeirense. Deu tambem ao Jardim Real de Kew um herbario de plantas naturaes do continente de Portugal e das ilhas dos Acores. Veja-se no cit. artigo do snr. Innocencio a indicação de varias obras e jornaes estrangeiros em que foram honrosamente mencionados os trabalhos do illustre professor que honrou o magisterio portuense.

**Antonio Dias de Faria.** Substituto da cadeira de inglez por C. R. de 5 de janeiro 1811, e proprietario da mesma cadeira por C. R. de 3 de dezembro de 1827. Em 1832 foi esta cadeira provida em José Eleuterio Barbosa de Lima.

**Antonio Fortunato Martins da Cruz.** Filho de Cosme Martins da Cruz e de sua mulher Custodia do Sacramento Ludovina. Nasceu no Porto em 13 de fevereiro de 1796. Alumno premiado da nossa academia, bacharel formado em mathematica e medicina pela Universidade de Coimbra. Provido, precedendo concurso, no logar de substituto da «faculdade de mathematica da academia de marinha e commer-

cio do Porto», por decr. de 30 de janeiro e C. R. de 17 de fevereiro de 1835. Exonerado, como quasi todos os seus collegas, por decreto de 19 de outubro de 1836, em razão de se ter recusado a jurar a constituição de 22 proclamada pela revolução de setembro de 36. Foi provido n'uma das substituições de medicina da escola medico-cirurgica d'esta cidade por decreto de 17 de maio de 1838, e promovido em 7 de janeiro de 1854 á propriedade da 7.<sup>a</sup> cadeira da dita escola (historia medica, pathologia geral, pathologia e therapeutica internas). Foi um dos primeiros medicos do Porto, onde falleceu em 1855. Era cavalheiro das ordens da Torre e Espada, e da Conceição, e de S. Mauricio da Sardenha. Foi medico de S. M. El-Rei Carlos Alberto da Sardenha, fallecido no Porto em 27 de julho de 1849.

**Antonio José da Costa Lobo.** Nasceu no Porto, freguezia da Sé, em 21 de janeiro 1784. Filho de Antonio José de Sousa Lobo e de D. Rosa Ricarda. Frequentou n'esta academia desde a sua fundação em 1803 o curso de mathematica, do qual fez exame geral em 3 de abril de 1807. Substituto de mathematica pela Res. Reg. de 15 e C. R. de 20 de julho de 1814. Era substituto da 3.<sup>a</sup> cadeira posto que a sua carta não o declarasse. Foi indevidamente preterido na promoção á propriedade d'esta cadeira por José Avelino de Castro, que com quanto houvesse sido no-

meado substituto na mesma data, devia ter-se na conta de mais moderno, porque Costa Lobo era mais antigo na matricula, na habilitação e na graduação adquirida pelo exame geral. Assim o reconheceu a C. R. de 20 de junho de 1826<sup>1</sup> que sem revogar o despacho feito deu ao preterido uma reparação completa, equiparando-o em ordenado e em honras ao lente José Avelino, ao qual devia preceder, porque assim o tinha decidido já a Res. Reg. de 10 de maio do dito anno<sup>2</sup>. Foi dos lentes demittidos por D. Miguel em 13 de maio de 1829. Restituído ao magisterio pela entrada do exercito libertador do Porto, em julho de 1832, tornou a ser exonerado em 19 de outubro de 1836 por não ter querido jurar a constituição de 1822. Nessa época devia estar regendo a cadeira do 3.<sup>º</sup> anno mathematico desde 1834, porque o lente José Avelino de Castro havia perdido o seu

<sup>1</sup> No livro do registo das cartas regias, fl. 69 vers., na secretaria da Acad. Polyt. Vej. acima pag. 165.

<sup>2</sup> Mencionada em officio da Junta inspectora de 29 de maio de 1826, registado no livro de registo de officios e ordenans da III.<sup>ma</sup> Junta (livro 92), existente na secretaria da acad. polyt., pag. 69. Antes d'isso, a Junta avisadamente sustentára a precedencia do lente José Avelino «em quanto sua magestade não mandar o contrario.» Offic. da Junta de 30 de dezembro de 1825 no cit. livro, pag. 68.

logar em 1832. Foi jubilado por C. R. de 14 de dezembro de 1839, porque á data da ultima exoneração já contava mais de 20 annos de serviço. Falleceu em (1844?)

**Antonio José Dias Guimarães.** Filho de Domingos José Dias Guimarães e de sua mulher Anna Maquelina Rosa. Nasceu no Porto em 1 de maio de 1805. Falleceu em S. João da Foz a 9 d'agosto de 1857 e foi sepultado na Igreja dos Terceiros de S. Francisco no Porto. Bacharel formado em leis. Emigrára em 1828 por constitucional. Substituto da cadeira de inglez d'esta academia, tendo precedido cocurso, por decr. de 9 de fevereiro e C. R. de 17 de março de 1835. Exonerado, por decreto de 8 de d'outubro de 1836 por não ter querido jurar a constituição de 1822. Addido, por virtude da carta de lei de 19 d'outubro de 1840, e decr. de 9 de dezembro do mesmo anno, ao lyceu do Porto, como substituto de inglez com o vencimento annual de 125\$000 reis. Professor de historia, chronologia e geographia no mesmo lyceu por C. R. de 10 de maio 1852, tendo sido antes d'íssso substituto da cadeira de oratoria. Reitor do dito por C. R. ou decr. de 30 de maio de 1855.

Escreveu no n.º 3.º dos *Annaes da Sociedade Literaria Portuense* em 1837 uma *Memoria sobre as ruinas e antiguidades de Pompeia*.

«O auctor (diz o snr. Innocencio Francisco da Silva) visitou pessoalmente aquellas ruinas, e offereceu aos seus patricios, na linguagem materna, a exposição do que alli viu, examinou, admirou e indagou. Tem, pois, para nós, afóra qualquer outro merito, o de ser este escripto o unico que possuimos escripto originalmente em portuguez sobre aquelle interessante assumpto» <sup>1</sup>.

Fez tambem algumas traduccões para o theatro, e escreveu um drama original a que deu assumpto a catastrophe de Alfarrobeira.

**Antonio José Lopes Alheira.** Bacharel formado em medicina. Provido por C. R. de 16 de novembro de 1832 na cadeira de philosophia racional e moral da nossa academia, «vaga pela ausencia e criminosa fuga de José Duarte Sallustiano Arnaud.» Tendo-se recusado a jurar a constituição de 1822 proclamada pela revolução de setembro de 1836, foi exonerado por decreto de 19 d'outubro do dito anno. Provido na cadeira de ideologia, grammatica geral e logica do lyceu nacional do Porto por decr. de 11 de janeiro de 1840. Falleceu, segundo parece, em fins de 1851 ou principios de 1852 na freguezia de Santo Ildefonso d'esta cidade.

<sup>1</sup> *Diccion. bibliogr. portug.*, vol. 8.º, pag. 199.

**Antonio José Teixeira d'Abreu Júnior.** Foi nomeado substituto de desenho por decr. de 15 d'outubro de 1834; mas este despacho foi annullado pela Port. de 15 de dezembro do mesmo anno, porque o logar tinha sido provido em Manoel da Fonseca Pinto, ainda que este se demorou a tirar a sua carta, cuja data é de 5 de novembro do dito anno.

**Antonio Lebre de Souza Vasconcellos.** Substituto de mathematica por C. R. de 10 de dezembro de 1829, e lente do 1.º anno mathematico por C. R. de 8 d'outubro de 1830. Estes despachos ficaram annullados por terem sido feitos pelo governo de D. Miguel. Se era, como presumo, irmão de Joaquim Lebre de Sousa Vasconcellos, lente da facultade de mathematica na universidade de Coimbra, seria filho de José Lopes Lebre Teixeira, e natural da Meia-hada.

**Antonio Luiz Soares.** Filho d'outro do mesmo nome e de sua mulher Caetana Maria de Jesus. Nasceu a 7 de setembro de 1805 na freguezia de Miragaya, cidade do Porto. Frequentou n'esta academia o curso de mathematica desde o anno de 1819 a 1820 até ao de 1821 a 22, continuando ainda depois d'isso no estudo do inglez. Serviu n'uma bateria montada em 1826 contra a divisão do general Silveira, e em toda a campanha do exercito libertador, onde foi

2.<sup>º</sup> tenente de artilharia, depois 1.<sup>º</sup> tenente ajudante de campo do commandante geral, e finalmente capitão da 6.<sup>a</sup> bateria montada. Foi feito cavalleiro da Torre e Espada por decreto de 9 de junho de 1833 pelo serviço que prestou nas linhas do Porto, ganhando na batalha de 5 de setembro do dito anno o grau de official da mesma ordem (decr. de 25 de setembro de 1833). Os seus serviços nas linhas do Porto e Lisboa foram louvados na ordem do dia de 25 de setembro de 1833. Foi nomeado lente do 1.<sup>º</sup> anno mathematico d'esta academia por decr. e carta reg. de 31 de dezembro de 1836.

Em 1846 tomou armas pela Junta do Porto. Depois da convenção de Gramido em 1847, ausentou-se para o Brazil, e fundou um collegio na cidade de Pelotas, província de S. Pedro do Sul.

Em 1851 entrou de novo no serviço da academia. Teve o aumento do terço do ordenado por decreto de 29 de maio de 1861. Falleceu em Lordello do Ouro, concelho do Porto, em 23 de janeiro de 1875.

Escreveu:

*Exposição dos elementos d'arithmetica para o uso dos estudantes do collegio de Santa Barbara na cidade de Pelotas.* Pelotas, Typ. de L. J. de Campos, 1849.—8.<sup>º</sup> peq. de 260 pag. e 8 estampas.

*Exposição das suas lições sobre a numeração e as 4 operações na escola da associação industrial portuense, com explicações para este ensino nas escolas*

*primarias, impressas no Jornal da mesma associação em 1853.*

*Bussolas de reducção de pezos e medidas antigas ao sistema metrico e reciprocamente—noções do sistema metrico para a explicação das ditas bussolas no referidò Jornal de 1853.*

**Antonio Pedro Gonçalves.** Nasceu no Porto a 26 de novembro de 1768. Filho de João Gonçalves e de Thereza de Oliveira. Frequentou n'esta academia o curso de commercio desde 1803, e foi nomeado substituto da cadeira d'esta disciplina por C. R. de 29 de julho de 1806. Promovido á propriedade da mesma cadeira por C. R. de 11 de jan. de 1819. Falleceu em 1828.

**Antonio Pereira d'Araujo Junior.** Substituto da cadeira de commercio no tempo do governo de D. Miguel por C. R. de 18 de dezembro de 1829.

**Antonio Pinto d'Almeida.** Nomeado para a cadeira de francez por decr. de 19 d'outubro e C. R. de 10 de dezembro de 1836. Reformada a academia de marinha e commercio pelo decr. de 13 de janeiro de 1837, passou este professor para o lyceu nacional do Porto, por virtude do art. 166 do cit. decr., mas só começou a receber pela folha do lyceu em fe-

vereiro de 1841. Parece que falleceu em 1852 na freguezia de Cedofeita.

**Antonio Teixeira de Magalhães.** Substituto da cadeira de francez por C. R. de 28 de fevereiro de 1815. Estava regendo esta cadeira, quando foi preterido no despacho para a propriedade d'ella por Francisco Soares Ferreira em 1819, e continuou a regel-a até ao dia 11 de março de 1821, no qual tomou posse o novo proprietario<sup>1</sup>. Falleceu em 1831 depois de 13 de julho d'esse anno.

No *diccion. bibliogr.* do snr. Innocencio, tom. 1.<sup>º</sup>, pag. 280 e tom. 8.<sup>º</sup>, pag. 312 e seg., vem mencionado como professor regio de rhetorica e de grego no Porto e Braga um auctor d'este mesmo nome, cujos escriptos foram publicados desde 1782 até 1825. Não é impossivel que á identidade do nome corresponda a da pessoa. O substituto de francez da nossa academia era rhetorico, e recitou a oração de abertura no anno de 1821, porque espontaneamente se prestou a este serviço que não era obrigatorio e de que nenhum outro professor se quiz encarregar em tempo algum, senão o lente Agostinho Albano da Sil-

<sup>1</sup> Vem esta observação no caderno das faltas dos estudantes de francez no anno de 1820 a 21.

veira Pinto (vide supra pag. 174). E' provavel que o director litterario, que entao era o conselheiro Joaquim Navarro d'Andrade, a quem chamavam em Coimbra «lingua de prata», nao acceitasse o offerecimento de Antonio Teixeira de Magalhães para recitar o discurso de abertura, senão fizesse bom conceito das suas letras.

O catalogo das obras mencionadas nos citados lugares do *diccionario bibliographico*, é o seguinte:

*Quadro da vida humana ou a taboa de Cebes Thebanos, traduzido do grego em portuguez.* Porto 1787. 8.<sup>o</sup> de X—52 pag. Lisboa, 1819—8.<sup>o</sup> de 54 pag.

*Compendio de rhetorica portugueza·escripto para uso de todo o genero de pessoas que ignoram a lingua latina.* Porto offi. de Antonio Alves Ribeiro Guimaraes 1782.—8.<sup>o</sup> de VIII de 141 pag. E novamente Lisboa, Typ. Röllandiana... 8.<sup>o</sup>

*Epistolas e evangelhos com varias orações proprias, que se lêem na missa, em os domingos e festas do anno, conforme o uso do missal romano etc., traduzidos em vulgar.* Lisboa, Typ. Rollandiana 1819.—12.<sup>o</sup> e 2 tomos.

*Odes de Anacreonte, traduzidas do grego em verso portuguez.* Lisboa, Imp. Reg. 1819.—8.<sup>o</sup> de 118 pag. Sahiram com as iniciaes A. T. M. Contém 56 odes com o texto na frente.

*Nova traducção das eclogas de Virgilio com notas e uma noticia da vida do poeta:* por A. T. M.

Porto, Typ. da Viuva Alvares Ribeiro Filhos.—1825.  
—8.<sup>o</sup> de 136 pag.

**Antonio Ventura Lopes.** Substituto da cadeira de primeiras letras da nossa academia por decr. de 9 de fevereiro e C. R. de 5 de março de 1835. Tinha sido professor de instrucção primaria na freguezia de Miragaya d'esta cidade desde 1821. Recusou jurar a constituição de 1822 proclamada pela revolução de setembro de 1836, e foi exonerado por decr. de 19 de outubro do dito anno. Ficou addido, por virtude da lei de 19 d'outubro e decreto de 9 de dezembro de 1840, á escola normal d'ensino mu-tuo d'esta cidade, com o vencimento annual de reis 75000.

**Auguste Roquemont.** Retratista, director da aula de desenho da nossa academia por C. R. (de D. Miguel) de 28 de novembro de 1831 «não obstante o decreto (aliás alvará) de 13 d'outubro de 1824 que suprimiu o dito logar.» A cit. C. R. diz que elle é de nação Hesse Darmstadt. O conde Raczinski (a pag. 251 do seu dictionnaire historico-artistique du Portugal — Paris 1847, e Les Arts en Portugal, pag. 96), diz que é natural da Suissa, e deixa entender que nasceu em 1806. Corre que era filho natural de Luiz x, Grão-Duque de Hesse-Darmstadt. Veio para Portugal em 1830, depois de ter

passado muito tempo na Italia. Raczinski cita, como seus melhores retratos, os do *conde e condessa de Farrobo*, de pé; de *Woodhouse* no Porto; do *coronel Sarmento e do barão e baroneza de Lemercier*. O cit. A. indica como a melhor das suas obras um quadro representando n'uma paisagem os quatro filhos do snr. Hodgson, negociante inglez, e accrescenta que é a todos os respeitos um quadro excelente digno dos bons pintores flamengos da época de Van der Helst, tendo-lhe sido pago este quadro, com mais dous retratos, por 456\$000 reis.— O mesmo auctor cita um pequeno quadro de genero com muitas figuras, de cerca de 14 centimetros, representando um parocho d'aldêa visitando os freguezes no dia de paschoa, e outro representando uma scena popular na provincia do Minho, um grupo de musicos, um homem e uma mulher que dansam cercados de espectadores, n'uma paisagem, quadro d'um colorido brilhante e ao mesmo tempo harmonioso, cujas figuras tem cerca de 27 centimetros.

«M. Roquemont é um pintor consciencioso, desrido d'orgulhosa presumpção, intelligente, colorista verdadeiro. E' dotado em muito alto grau do sentimento das artes, e julga-as maravilhosamente»<sup>1</sup>. O

<sup>1</sup> Raczinski, diccion., pag. 251 e Les Arts en Portugal, pag. 96.

snr. Raczinski cita muitas vezes a Mr. Roquemont, e copia um breve artigo seu sobre a architectura portugueza a pag. 410 e seg. de *Les Arts en Portugal*.

**Barão de Castello de Palva.** Vide supra Antonio da Costa Paiva.

**Bernardino Joaquim Pinto.** Foi nomeado director interino da academia de marinha e commercio por decr. de 27 de setembro de 1836, mas não aceitou e foi exonerado por decr. de 8 de outubro do mesmo anno. Por isso não o inclui na relação dos directores a pag. 160.

**Caetano (Fr.) das Dôres.** Monge beneditino. Lente do 3.<sup>o</sup> anno mathematico por C. R. de 10 de dezembro de 1829. Falleceu provavelmente em 1830 sem que chegasse a reger a cadeira.

**Carlos Mac-Carthy da Cunha.** Substituto de inglez por decr. de 19 de outubro de 1836. Passou para o lyceu do Porto na fórmula do art. 166 do decr. de 13 de janeiro de 1837, mas só começou a ser abonado pela folha do mesmo lyceu em fevereiro de 1841. Parece que falleceu em 1844.

**Carlos Vieira de Figueiredo.** Proprietario da cadeira de philosophia racional e moral depois

da exoneração do medico Antonio José Lopes Alheira pelo decr. de 19 de outubro de 1836. Não chegou a tirar a sua carta, porque em 12 de dezembro do mesmo anno officiou ao director participando-lhe que estava resolvido a demittir-se; e foi na verdade exonerado por decr. de 28 do dito mez. Foi pae de Carlos Augusto de Figueiredo Vieira, guarda-salas da bibliotheca do Porto e auctor de algumas obras.

**Damagan.**—Vide Thomaz.

**Diogo Köpke.** Filho de Diogo Köpke e de D. Anna de Barbosa Ayalla. Nasceu no Porto a 16 de fevereiro de 1805 e ahi se finou de molestia de peito em 25 de equal mez de 1844.

Seus paes destinavam-ó ao commercio, e tiveram-o n'um collegio de Inglaterra, d'onde voltou aos 10 ou 11 annos d'edade. Vendo n'el<sup>e</sup> uma decidida inclinação para as letras, não lh'a quizeram contrariar, e mandaram-o para Coimbra, a fim de estudar a medicina; mas outra vez lhe erraram a vocação. Nos primeiros annos dos seus estudos universitarios não precisou Diogo Köpke de desenganar seus paes, porque tinha de frequentar os tres primeiros annos dos cursos de mathematica e philosophia, que eram preparatorios para o de medicina. Então não lhe foi difficult obter annuencia da sua familia para concluir

o curso da facultade de mathematica, em que na verdade se formou.

Assentou praça de cadete no 4.<sup>º</sup> regimento d'artilharia, sendo depois promovido ao posto que pelos seus estudos lhe pertencia.

Em 1828 teve de emigrar por haver tomado parte na malograda contra-revolução do Porto de 16 de maio d'esse anno. Então era tenente addido ao Estado-Maior.

Parece que passou parte do tempo do seu exílio em França, e parte na Inglaterra. Frequentava a biblioteca de Rennes, e ahi se lhe abriu o gosto pelos estudos archeologicos.

Na emigração não recebeu subsidio; vivia dos socorros que lhe enviava a familia, e do seu trabalho como collaborador do *Plymouth & Davenport Journal*.

Fez a campanha da liberdade, commandando diversas baterias durante o cerco do Porto, e distingindo-se na decisiva batalha da Asseiceira, onde foi condecorado com a Torre e Espada. Em 24 de julho de 1834 foi promovido ao posto de capitão.

Em 1836 foi nomeado lente do 3.<sup>º</sup> anno mathematico da nossa academia por decreto de 23 d'outubro e C. R. de 8 de dezembro do dito anno. Reformada a academia em polytechnica, foi despachado para a 5.<sup>a</sup> cadeira (trigonometria espherica, principios de astronomia, geodesia e navegação) por decr.

de 11 de janeiro e C. R. de 27 de setembro de 1838.

«Prestou (diz o snr. Innocencio) importantes serviços ás letras na publicação de valiosíssimos escritos ineditos que jaziam quasi ignorados, e prometia fazel-os maiores se a morte o não arrebatasse tão cedo» <sup>1</sup>.

Publicou as seguintes obras:

*Quadro elementar da historia portugueza, segundo as épocas das suas revoluções nacionaes.* Porto, Typ. Commercial, 1840. Impresso em uma folha, ao largo, sem o nome do auctor.

*Apontamentos archeologicos.* Ibid. 1840. — 8.<sup>o</sup> max. de 48 pag. «Recheadas de erudição historica e geographica, fundidas pelo molde da mais apurada critica.» <sup>2</sup>

*Roteiro da viagem que em descobrimento da India pelo Cabo da Boa Esperança fez D. Vasco da Gama em 1497. Segundo um manuscripto coetaneo, existente na Bibl. Publica Portuense.* Publicado por Diogo Köpke e o dr. Antonio da Costa Paiva. Ibid. 1838.—8.<sup>o</sup> gr. de XXVII.—183 pag.—(Veja acima o artigo que trata do dr. Antonio da Costa Paiva).

*Tractado breve dos rios de Guiné e de Cabo Ver-*

<sup>1</sup> *Diccion. bibliogr. portug.* Tom. 2.<sup>o</sup>, pag. 160.

<sup>2</sup> *Revista litteraria*, tom. V, pag. 499.

*de, desdo o rio de Sanagá até aos baixos de Santa Anna, pelo capitão André Alvares de Almada.* Ibid. 1841.—8.<sup>o</sup> de XIV—108 pag.

*Primeiro roteiro da Costa da India desde Goa até Diu, narrando a viagem que fez o vice-rei D. Garcia de Noronha em soccorro d'esta mesma cida-de, etc., por D. João de Castro.* Ibid. 1843.—8.<sup>o</sup> max. de XLVI—284 pag.

*Carta physico-mathematica sobre a theoria da polvora em geral e a theoria do melhor comprimento das peças em particular.* Escripta por José Anastacio da Cunha em 1760.

Todas estas obras tem introduções, prefacios, ou notas, muito eruditas da penna de Diogo Kópke.

Foi o principal redactor do *Museu Portuense*, jornal litterario publicado de agosto de 1838 até janeiro de 1839.

«Occupava-se ultimamente (diz o snr. Innocencio) de colligir e ordenar para a impressão todos os escriptos ineditos de D. João de Castro.» Começou e adiantou muito o indice ou catálogo de todos os manuscriptos que possuia a bibliotheca publica do Porto.

**Domingos Antonio de Sequeira**, ou sómente **Domingos de Sequeira**. Commendador da Ordem de Christo, cavalleiro da Imperial do Cruzeiro do Brazil, director honorario da academia de

bellas-artes de Lisboa, conselheiro da academia romana de S. Lucas. Nasceu em Belem, suburbios de Lisboa, a 10 de março de 1768 e falleceu d'apoplexia em Roma a 7 de março de 1837 (e não em 1838 nem 1839, como disseram alguns dos seus biographos.)

Foi Sequeira um dos primeiros discípulos da aula de desenho da corte aberta em 1781, onde alcançou alguns premios. Depois de a cursar durante 5 annos, foi estudar a pintura com o engenhoso e extravagante Francisco de Setubal, a quem ajudou a fazer alguns tectos no palacio de João Ferreira, rico sapateiro e negociante de couros. Protegido pela casa dos Marialvas, obteve uma pensão de 300\$000 reis paga pelo bolsinho de S. M. para estudar em Roma, aonde chegou em 1788, elegendo para seus mestres, em pintura, Cavalluci e em composição e desenho, Picola.

O snr. Trigoso cuidava que Sequeira e Vieira foram dos alumnos enviados a Roma pelo intendente geral da policia Pina Manique <sup>1</sup>, que formavam o que então se chamava a academia portugueza em Roma. O intendente, porém, não escolheu causa que

<sup>1</sup> Discurso do snr. Trigoso no Congresso de 1823, resumido na *Hist. dos Estab. scient.* do snr. Silvestre Ribeiro, III. 57.

prestasse, e os dous insignes pintores portuguezes não são obra sua <sup>1</sup>.

Em 1791 obteve Sequeira um primeiro premio da academia de S. Lucas, sendo o assumpto do concurso o *milagre dos pães e dos peixes*. Em 1794 foi nomeado academico de merito da mesma academia, offerecendo para isso a degolação do Baptista. Depois de ter dado brilhantes provas do seu talento em algumas cidades d'Italia, e estudando ahi os melhores modelos, voltou á sua patria em abril de 1796.

Chegado a Lisboa visitou Pedro Alexandrino e Cyrillo Volkmar Machado, a quem se lastimou do abatimento da arte, e lhes propoz que se unissem todos para a exaltar, dando-lhe mais estimação e maior valor ás óbras. Pela sua parte bem se exforçou por levar a cabo o seu proposito, mas debalde. Todos desejavam ter uma obra sua, mas ninguem lhe chegava ao preço. O conde de Val de Reis quiz incumbil-o da pintura de dez batalhas n'uma das suas ante-camaras, mas atterrou-se com o preço de reis 4:800\$000 que Sequeira lhe exigia. O pintor desanimou, e cahiu em tal melancolia, que se fez monge da Cartucha.

<sup>1</sup> Vej. a nota do snr. duque de Palmella em Raczinski, *diccion. historico-artistiq. du Portugal*. Paris 1847, pag. 267. Sigo e quasi copio a Cyrillo Volkmar Machado.

Parecia já perdido para o seculo, quando D. Rodrigo de Souza Coutinho conseguiu que o snr. D. João vi o nomeasse por decreto de 28 de junho de 1802 primeiro pintor da camara e corte com reis 2:000\$000 de ordenado, e a obrigaçao de dirigir e executar com o seu collega Francisco Vieira Portuense a melhor parte das pinturas do novo palacio da Ajuda.

Em setembro de 1803 foi aceito para mestre da snr.<sup>a</sup> Infante D. Maria Thereza, e deram-lhe sege e habito de Christo, e depois novas honras e pensões para si e sua filha.<sup>1</sup>.

Em 7 de janeiro de 1806 foi proposto pela Junta da administração da companhia geral da agricultura das vinhas do Alto-Douro para director da aula de desenho da nossa academia, com a obrigaçao de residir no Porto tres mezes por anno, a fim de vencer o seu ordenado. E foi na verdade nomeado por C. R. de 8 de maio de 1806, na qual todavia se não menciona aquella obrigaçao. Verdadeiramente só serviu o dito cargo em 1806 e 1807, posto que recebesse o ordenado respectivo até á suppressão do logar em

<sup>1</sup> Cyrillo Volkmar Machado, *collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores e escultores, architectos e gravadores portuguezes*. Lisboa, Imp. de Victorino Rodrigues da Silva. 1823, pag. 149 e seg.

1821. De 1808 em diante não ha outro vestigio do serviço de Sequeira como director da aula de desenho d'esta academia. Apenas em 1813 um Av. Reg. de 11 d'agosto <sup>1</sup> manda «que os lentes de desenho communiquem ao director da aula d'esta faculdade, Domingos Antonio de Sequeira, o estado d'esta aula e progressos dos seus discipulos, assim como todas as circumstancias que sobrevierem, para enviar-lhes as providencias necessarias» <sup>2</sup>.

No anno de 1808 em que Sequeira principiou a desapparecer do exercicio do referido cargo, foi elle involvido n'um processo crime perante o Juizo da Inconfidencia. Era accusado: 1.<sup>o</sup> de ter pintado uma allegoria, justificando o general Junot e deprimindo a nação portugueza; 2.<sup>o</sup> de ter convertido em casa de pintura a sala do docel do paço da Ajuda; 3.<sup>o</sup> de ter consentido que entrasse um cavallo em uma casa do paço.

Da primeira arguição, unica que hoje se poderia reputar por deshonrosa da memoria de Sequeira, se defendeu elle, allegando que não procedera voluntariamente, porque tinha de emigrar ou de obe-

<sup>1</sup> Citado em officio da secretaria da Junta inspectora de 1 de setembro de 1813, regist. na secret. da acad. de mar. e comm., liv. 95, fl. 2.

<sup>2</sup> Transcripto do cit. offic. da secret. da Junta insp.

decer a Junot, que lhe indicara o pensamento do quadro. Ainda assim revelou ahi mesmo o seu patriotismo, porque illudindo a intenção do general francez, pintou a cidade de Lisboa, sentada em *atitude triste*, amparada *pela religião e pelo genio da nação portugueza*, e Junot em acção de a consolar. Junot não ficou satisfeito com o esboço, pelo qual era accusado o seu auctor. Além d'isso, Sequeira recusou-se a pintar outros quadros encommendados pelo mesmo Junot, ainda com risco de perder o seu logar. Sequeira podia ter accrescentado, se a occasião lh'o tolerasse, que não era o patriotismo portuguez quem havia de escolher entre Junot e Beresford.

Em consequencia d'este processo, que não revela senão a inveja das testemunhas da accusação<sup>1</sup>, esteve Sequeira preso no quartel da Luz desde 15 de dezembro de 1808 até 18 de janeiro do anno seguinte.

Do seu patriotismo deu Sequeira um bom docu-

<sup>1</sup> Manoel da Costa, architecto, pintor e machinista; Archangele Foschini, mestre de pintura do Infante D. Pedro Carlos; e Bartholomeu Antonio Callisto, pintor da casa real; todos empregados nas pinturas do paço da Ajuda, que só podiam luctar com Sequeira perante o Juizo da Inconfidencia. Vej. o *Jornal do Commercio de Lisboa* de 22 e 24 de novembro de 1866.

mento, se é certo, como o affirmou no congresso em 1823 o snr. José Liberato Freire de Carvalho, que elle preferira a sua patria á pensão de 16:000\$000 reis com que a Imperatriz da Russia o pretendia atrahir á sua côrte.

Mais claras foram ainda as provas que deu dos seus sentimentos liberaes, porque logo como visse destruida a obra patriotica de 1820, pediu os seus passaportes <sup>1</sup> e a 7 de setembro de 1823 sahiu de Lisboa para Paris, aonde chegou a 20 d'outubro <sup>2</sup>. E não devia nada a sua pessoa á revolução de 20, porque em 1821 foi supprimido o logar de director da aula de desenho da academia de marinha e commercio do Porto, que lhe rendia 600\$000 reis; e em 1823 o congresso reduziu-lhe os vencimentos que percebia como pintor do paço da Ajuda.

Em 26 de setembro de 1826 partiu de Paris para Roma, onde esteve desde 1 de novembro do dito anno até 7 de março de 1837, em que falleceu <sup>3</sup>.

Das obras de Sequeira, as que pude ordenar chro-

<sup>1</sup> Nota enviada pelo snr. duque de Palmella (D. Pedro) ao snr. conde de Raczinski, e por este publicada no cit. *Dict. historico-artistique du Portugal*, pag. 267.

<sup>2</sup> Nota do snr. Migueis, genro de Sequeira no cit. *Dict.*, pag. 268.

<sup>3</sup> Cit. nota do snr. Migueis.

nologicamente no breve espaço que me foi dado consagrado ao estudo da sua biographia, são as seguintes:

1791. *Milagre dos pães e dos peixes*, que lhe ganhou um primeiro premio da academia de S. Lucas, onde deve existir este quadro.

1792. *Dae a Cezar o que é de Cezar*, quadro pertencente a Lord Howard. (Nota do snr. duque de Palmella no cit. Dict. de Racz., pag. 267).—O snr. Raczinski na sua obra *Les Arts en Portugal*—Paris 1846—pag. 278 e seg., duvidou que este esboço pertencesse a Sequeira, e teve tentações de o atribuir a Pompeo Battoni. Isto prova a influencia que teve no nosso artista o seu mestre Cavalucci, imitador de Battoni.

1794. *Degolação de S. João Baptista*, obra para ser recebido como academico de merito da acad. de Roma (Cyrillo).—Deve existir na academia de S. Lucas.

1792 a 94. *Os dous tectos pintados em Roma*, acima referidos.

1803. *Desembarque de Affonso d'Albuquerque nas Indias*, pertenceu ao falecido snr. Barão de Forrester, residente no Porto. (Racz. *Les Arts en Portugal*.—pag. 387).

1806. *Desenho d'um ancião abraçando 5 jovens que estam tocando lyra*, allusivo a 5 alumnos da academia de marinha e commercio do Porto que elle es-

colheu para lhes ensinar pintura. Existe no museu portuense.

1812 ou 1813. *Distribuição dos alimentos pelos habitantes de Lisboa aos camponezes fugidos das suas terras devastadas pelos franceses em 1810*, gravado por Francisco de Queiroz em 1813. A pintura original parece que pertenceu ao snr. Conde de Farrobo (cit. *Dict. de Racz.*, pag. 267 infine e seg., e pag. 270).

1814. Desenhos para a baixella de prata offerecida ao duque de Wellington, a qual se diz ter custado reis 600:000\$000. — Estes desenhos estavam em poder do snr. Sequeira, sobrinho do nosso pintor. *Racz. Les Arts en Port.*, pag. 284 assigna-lhes a data de 1812. A de 1814 é do snr. duque de Palmella no *Dict. de Racz.* O presente foi dado em 1816. Da baixella vem uma extensa deseripção no *Investigador português* em Inglaterra vol. XVIII. 1817, copiada do *Jornal de bellas-arts* ou *Mnemosine Lusitana*.

1821. *Panorama de Lisboa*—(snr. D. Francisco de S. Luiz, *lista de alguns artistas portug.* Lisboa, Impr. Nac. de 1839, pag. 30.

1822. Desenho da medalha para premio dos industriaes distinctos. (*Hist. dos Estab. Scient.* do snr. Silvestre Ribeiro, IV. 153).

1823. *Morte de Camões*, este quadro foi offerecido ao Imperador do Brazil o snr. D. Pedro 1.<sup>o</sup> (4.<sup>o</sup> de Portugal) que por esta occasião nomeou o auctor

cavalleiro da ordem do Cruzeiro. (Nota do snr. Migueis no *Dict. de Racz.*, pag. 268). Esteve na exposição do Louvre em 1824 (cit. snr. D. Francisco de S. Luiz), e foi louvado por Gérard, Granet, Vernet, e outros pintores franceses. (Nota do snr. Conde de Lavradio ao snr. Raczinski *Les Arts en Portug.*, pag. 284).

1824 a 26. *A fugida para o Egypto*. Existe no Brazil em poder dos snrs. viscondes de Pedra-Branca. (Nota do snr. Migueis no *Dict. de Racz.*) Este quadro foi lithographado em Paris por M. Ganni, primeiro pintor do rei de Napoles. (Nota do snr. Silva no cit. dicc.)—E' da mesma época e pertence aos mesmos senhores um quadro de familia com 4 figuras, quasi de grandeza natural, que são os retratos dos snrs. visconde e viscondessa da Pedra Branca e seus dous filhos (cit. notas dos snrs. Migueis e Silva).

1827. *O calvario*. Foi gravado por Antonio Bior-di (cit. nota do snr. Migueis), que offereceu a sua gravura á rainha dos franceses (nota do snr. conde de Lavradio em Racz. *Les Arts en Portug.*, pag. 285, onde se cita o *Journal des Débats* de 23 de abril de 1841). Pertence á galeria do snr. duque de Palmella.

1828. *Adoração dos Reis Magos*, (cit. nota do snr. Migueis). Pertence ao snr. duque de Palmella.

1829 a 1836. *O baptismo do Salvador*.—*A crucificação de Christo*. Estes dous quadros pertencem

ao duque de Braciano (snr. Migueis).—*A fé*: perten-  
cia á grá-duqueza Helena, de S. Petersburgo, (dito)  
—*A sagrada Veronica* n'um convento em Roma.

*O caminho da cruz* na egreja da Paz em Roma.

*Uma sacra familia*—*Nossa Senhora*—*O anjo Ra-  
phael e Tobias pae e filho*—*Santo Antonio prégando*  
*aos peixes*—*O Salvador*. Estes 5 quadros pertenciam  
ao snr. Migueis, ministro de Portugal junto da Santa  
Sé em 1846.

São tambem d'esta época varias obras de Sequei-  
ra existentes em poder do marquez Hercolani em  
Roma. (Nota do snr. duque de Palmella no *Dict. de  
Racz.*)

1836 e 1837. *A ascenção do Senhor*—*O juizo fi-  
nal*. Estes 2 quadros foram pintados nos ultimos mo-  
mentos da vida de Sequeira, quando estava já muito  
doente, e acham-se incompletos (snr. Migueis e Rac-  
zinski). Pertencem ao snr. duque de Palmella.

Seria muito extensa a lista de todas as obras de  
Sequeira, nem ainda a ha completa, que nós saiba-  
mos. Era um pintor fecundissimo: Desenhava sem-  
pre e tudo lhe servia para exercitar a sua arte, quasi  
o seu vicio: o lapis, a penna, um rolo de papel quei-  
mado. Teve durante a sua vida, como quasi todos  
os grandes pintores, diversos estylos ou maneiras. O  
snr. conde de Raczinski a principio não fazia grande  
conceito de Sequeira, e tudo quanto era bom, du-  
vidava que fosse d'elle. O *Dae a Cesar o que é de*

*Cesar* parecia-lhe de Battoni: o *descendimento da cruz*, cópia d'algum quadro de Rembrandt, cuja biography ainda então era muito imperfeitamente conhecida. Só depois de vêr os 4 quadros do duque de Palmella se desenganou de que Sequeira era um artista de merito superior.

Na nossa academia ha um quadro de D. João vi com o alçado d'esta academia, pintado por Sequeira, provavelmente em 1807. O illustre pintor foi tambem gravador. A elle se deve o desenho e gravura do conde Ugolino a pedido de Napoleão Buonaparte, irmão de Napoleão iii para illustração d'uma historia da Toscana escripta pelo Principe.

**Domingos Francisco Vieira.** Droguita e pintor de paisagens, imitador do estylo de Pilement. Esteve regendo a aula de debuxo e desenho da cidade do Porto na ausencia de seu filho Francisco Vieira Portuense, professor da mesma aula, desde o principio de novembro de 1802 até o fim de junho de 1803, pelo que recebeu 400\$000 reis, correspondentes á quantia de 600\$000 reis annuaes, que era o ordenado da cadeira (vide acima pag. 97). Assigna os termos de matricula d'este periodo de 8 mezes, como «lente substituto de desenho»; mas verdadeiramente não era substituto da cadeira; regia-a temporariamente.

**Domingos José de Castro.** Irmão de José Avelino de Castro, de quem trataremos no seu lugar. Foi alumno d'esta academia, e nos annos de 1816 e 1817 obteve premio no 1.<sup>º</sup> e 2.<sup>º</sup> annos mathemáticos. Foi nomeado substituto da cadeira de commercio por C. R. de 16 de outubro de 1828. Certamente foi promovido á propriedade da mesma cadeira até 18 de dezembro de 1829, que é a data da nomeação d'outro substituto, Antonio Pereira de Araujo Junior. Este assigna juntamente com Domingos José de Castro os termos dos exames de commercio em 1830 e 1831, o que mostra que eram ambos professores. Não ha porém registo da Carta Regia que devia ter nomeado Domingos José de Castro para a propriedade d'esta cadeira. Estes despachos ficaram sem efeito por terem provindo do governo do snr. D. Miguel.

**Francisco Adão Soares.** Filho d'outro e de D. Juliana Josepha. Nasceu no Porto a 15 de março de 1800. Frequentou n'esta academia o curso completo de mathematica, e o de commercio. Foi premiado em 1818 e 1819 no 1.<sup>º</sup> e 2.<sup>º</sup> anno mathematico, em 1820 em commercio em relação ao lectivo de 1818 a 19, e em 1821 em desenho. Depois currou na universidade de Coimbra a faculdade de mathematica em que se formou, tendo sido premiado todos os annos. Foi nomeado, precedendo concurso,

«2.º lente substituto da facultade de mathematica da academia de marinha e commercio do Porto» por decr. de 30 de janeiro e C. R. de 18 de fevereiro de 1835. Foi exonerado pelo decr. de 19 de outubro de 1836 com os outros seus collegas que não quizeram jurar a constituição de 1822 proclamada pela revolução de setembro de 1836. Ficou addido á academia por effeito da lei de 19 d'outubro e decr. de 9 de dezembro de 1840, com 200\$000 e n'esta posição se finou em 3 de junho de 1869, creio que em Vila-Nova de Gaya, onde residia.

**Francisco Joaquim Maia.** Do conselho de Sua Magestade. Deputado da Nação por um dos círculos do Porto na legislatura de 1853 a 56. Comendador da ordem de Isabel a Catholica de Hespanha. Filho de Rodrigo da Silva Maia e de Caetana de Jesus Maria José. Nasceu no Porto, rua da Ponte-Nova, freguezia da Sé, a 28 de setembro de 1789. Frequentou n'esta academia, desde a sua fundação em 1803, os cursos de mathematica e commercio, desenho e linguas, tendo sido premiado do 2.º anno mathematico em 1805. A sua carta do curso de commercio é de 18 de janeiro de 1819. Foi nomeado substituto da cadeira d'esta disciplina por C. R. de 11 de julho de 1819. Pelas suas idéas liberaes foi com alguns outros seus collegas demittido

pelo governo de D. Miguel em 13 de maio de 1829. Reintegrado pela entrada do exercito libertador no Porto em 9 de julho de 1832, foi promovido á propriedade da cadeira de commercio por decr. de 13 e C. R. de 19 de novembro de 1834. A revolução de setembro de 1836 deu causa á sua exoneração pelo decr. de 19 de outubro do mesmo anno, decreto que muitas vezes temos citado e continuaremos a citar, porque exonerou quasi todos os lentes d'esta academia por se recusarem a jurar a constituição de 1822. Ficou addido á academia polytechnica com o vencimento de 350\$000 reis por virtude da lei de 19 d'outubro e decr. de 9 de dezembro de 1840. Jubilado por C. R. de 8 de março de 1854. Falleceu d'ahi a pouco em 24 ou 26 de junho do mesmo anno.

**Francisco Luiz Corrêa.** Substituto da cadeira de philosophia rational por C. R. de 16 de novembro de 1832. Exonerado em consequencia dos acontecimentos politicos de 1836 pelo decr. de 13 de outubro do mesmo anno. Addido pela lei de 19 de outubro e decr. de 9 de dezembro de 1840 ao lyceu do Porto com o vencimento de 175\$000 reis, e nomeado professor de philosophia rational e moral e principios de direito natural do mesmo lyceu por C. R. de 23 de março de 1852. Foi jubilado em 1861 e parece que falleceu em 1862.

**Francisco Soares Ferreira.** Filho d'outro do mesmo nome, e de D. Maximiana Luiza Joaquina ou Rebello. Nasceu no Porto, freguezia da Sé, a 16 de janeiro de 1777. Frequentou as mathematicas n'esta academia desde 1803. Proprietario da cadeira de francez por C. R. de 20 de novembro de 1819, preferindo o substituto. Tomou posse d'esta cadeira a 11 de março de 1820. Em 1826 era empregado da Companhia das vinhas do Alto-Douro. Falleceu de outubro de 1830 a maio de 1831.

**Francisco Vieira Junior.** Cognominado *Portuense* para o distinguir do outro celebre pintor do mesmo nome, denominado *Lusitano*. Nos termos de matricula da aula de desenho do Porto assigna-se *Junior* até outubro de 1802; desde novembro de 1803 assigna-se apenas Francisco Vieira. Filho do droguista e pintor Domingos Francisco Vieira (vej. acima este nome) e de D. Maria Joaquina. Nasceu no Porto em 13 de maio de 1765. Falleceu na ilha da Madeira em 2 de maio de 1805, posto que o snr. Innocencio Francisco da Silva no tom. 9.<sup>o</sup> do seu *dict. bibliogr.* diga, (certamente por equivoco, ou por erro typographic, que elle aliás não soffreria em outro biographo), que foi em 1806.

Francisco Vieira principiou os seus estudos no Porto, estudando a paizagem com seu pae, e a fi-

gura com João Glama Stroberle<sup>1</sup>. Podia ter cursado a aula publica de desenho do Porto, instituida no fim do anno de 1779, de que foi primeiro mestre Antonio Fernandes Jacomo (supra pag. 95 e 96); mas Cyrillo não o diz, e o snr. Innocencio n'um artigo que publicou em 1865 no *Archivo pittoresco*, exprime-se a este respeito d'um modo ambiguo. Todavia é provavel que a Junta da Companhia das vinhas, inspectora d'esta aula, experimentasse n'ella a vocação do seu protegido para a arte. O mesmo snr. Innocencio accrescenta que Vieira fôra frequentar a aula publica de desenho de Lisboa que começava a

<sup>1</sup> Cyrillo Volkmar Machado trata de João Glama com o titulo errado de João Clama Streb ou Strabile, a pag. 135 da sua *Collecç. de mem. relativas ás vidas dos pintores, etc.* Lisboa 1823. A melhor e mais auctorizada noticia d'este pintor vem na *lista de alguns artistas portug.* do snr. S. Luiz, Lisboa 1839, pag. 38 e seg., baseada em informações do pintor João André Chiape, amigo de João Glama.

O primeiro que disse que Francisco Vieira estudára com João Glama, foi Cyrillo, pag. 136 e 139. Não duvido, mas observo que Chiape diz que João Glama «não deixou discípulos porque não era do seu genio admittil-los» (S. Luiz log. cit. pag. 39, col. 2.<sup>a</sup>). Ignoro a data das informações de Chiape. Podem ter sido escriptas antes de lhe ser conhecido o merito de Vieira.

florescer sob a habil direcção do professor Joaquim Manoel da Rocha.

Em 1789 conseguiu Vieira da Companhia das viñas do Alto-Douro uma pensão de 300\$000 reis, para se ir aperfeiçoar a Roma, onde elegeu para mestre, á falta d'outro melhor, a Domingos Corvi, desenhador correcto mas frio no colorido. Em 1791 ganhou um primeiro premio em roupas. De Roma passou a estudar o colorido de Corregio em Parma, onde foi admittido entre os directores de academia, deu lições de desenho a uma filha do duque d'aquelle, então, Estado, e tirou a excellente cópia de *S. Jeronymo*, hoje pertencente á galeria dos snrs. duques de Palmella, e a da famosa *Magdalena*, cópia que foi adquirida pelo snr. Luiz Pinto Balsemão <sup>1</sup>.

Em 1794 voltou a Roma e d'ahi a tres annos partiu para Allemanha em companhia de Bartholomeu Antonio Calisto, de quem se separou em Dresde, e ahi se ficou a tirar muitas cópias da excellente galeria d'esta cidade. D'ahi passou a Hamburgo e a Londres, onde travou amisade com o gravador Bartalozzi, a quem tirou o retrato. Em Londres começo a gravar a agua forte uma grande e laboriosa chapa que não levou a cabo, pintou o *Viriato* que foi

<sup>1</sup> Cyrillo não falla na cópia de *S. Jeronymo*. Menciona-a Racinski no *Dict.-histor.-art.*, pag. 299.

estampado pelo dito gravador e offerecido ao snr. D. João vi, e fez um quadro grande da *Senhora da Piedade* ou *Descendimento da Cruz* para a capella do ministro de Portugal, que era D. João d'Almeida Mello e Castro, depois Conde das Galvêas. Ahi casou com uma joven e rica viuva italiana, parente do seu amigo Bartolozzi, e com ella veio para Lisboa no fim do anno de 1800 ou principios de 1801.

O Avis. Reg. de 20 de dezembro de 1800, sob proposta da junta da Companhia das vinhas do Alto-Douro, nomeou-o para a cadeira de desenho do Porto com o ordenado de 600\$000 reis, que era muito mais do que percebia o seu antecessor Antonio Fernandes Jacomo, pouco antes dispensado do exercicio d'esta cadeira. (V. supra pag. 96 e 97). Vieira não veio a tomar conta do seu novo emprego senão em junho de 1802.

No entretanto, ocupava-se em Lisboa a trabalhar nas ilustrações para a edição dos Lusiadas intitulada por D. Rodrigo de Souza Coutinho, cujos quadros tinham de ser compostos e desenhados por elle e gravados pelo seu amigo Bartolozzi, empreza que não foi ávante, nem parou tanto em projecto, que não ficassem d'ella onze quadros ou esboços pintados a oleo, que hoje fazem parte da galeria dos snrs. duques de Palmella.

Em 1802 fez um quadro que lhe tinha sido encommendado para a festividade com que o senado

de Lisboa tencionava celebrar, como celebrou, na igreja de S. Domingos, a paz geral de Amiens estipulada em 27 de março. Este quadro representa a *monarchia lusitana*, acompanhada das virtudes, das artes, da fama etc., com o retrato do snr. D. João VI ao peito.

No mesmo anno foi nomeado primeiro pintor da real camara, por decr. de 28 de junho, com o vencimento de 2:000\$000 reis, que poderia accumulate com o ordenado de professor de desenho no Porto, e com a obrigação de dirigir e executar juntamente com Domingos Antonio de Sequeira as obras de pintura no paço da Ajuda. Francisco Vieira só entrou, como dissemos, na regencia da sua cadeira em junho de 1802, e ausentou-se em novembro d'esse anno para voltar em outubro do seguinte, a fim de assistir á solemnidade da inauguração da academia de marinha e commercio, que se celebrou em 4 de novembro de 1803.

Francisco Vieira tinha sido nomeado director da aula de desenho d'esta academia por C. R. de 1 de outubro de 1803, com o mesmo ordenado de reis 600\$000, que já tinha como professor da antiga aula d'esta disciplina. O juramento pelo seu novo cargo foi prestado por Antonio José Vieira Junior, seu irmão, como procurador seu, e o respectivo termo é datado de 5 de junho de 1804; mas é certo que exerceu o seu cargo no anno anterior e n'este mesmo.—

Consta da consulta da junta da Companhia das vinhos do Alto-Douro de 7 de janeiro de 1806, propondo a Domingos A. de Sequeira para o logar de director da aula de desenho, que este cargo não obrigava a maior residencia do que tres mezes por anno. (V. pag. 166). Parece que Vieira cumpriu melhor esta obrigação do que o seu successor.

Foi em 1803, se bem o entendemos, que Vieira recitou o discurso mencionado a pag. 139. Aos argumentos com que ahi sustentamos esta opinião, acresce que Vieira em 10 de junho de 1802 ainda não era primeiro pintor da camara e côrte. Os exemplares que se imprimiram d'este discurso, não são tão raros como inculca o snr. Innocencio. Ainda os há a venda na Imprensa Nacional. O snr. Silvestre Ribeiro transcreveu-o no tom. 3.º da sua *Hist. dos Estab. Scient.*

Além das pinturas de Vieira, de que fizemos menção, ha o *Desembarque de Vasco da Gama na India*—*D. Ignez de Castro ajoelhada com os filhos deante de D. Affonso* (quadros que pertencem hoje a S. M. o Imperador do Brazil), *D. Filippa de Vilhena* (condessa de Athouguia), a paisagem de *Venus e o amor* (gravado por Bartolozzi), ambas pertencentes á galeria da condessa da Anadia; quatro quadros da igreja da ordem terceira de S. Francisco do Porto, que são *Santa Margarida confessada á hora da morte por um frade franciscano*; *N. Senhora da Conceição*; *Santa*

*Isabel dando esmolas; e S. Luiç, rei de França, orando;* duas paisagens no Museu Allen, da camara municipal do Porto, um S. Sebastião na collecção de Borba, citado por Cyrillo; *a adoração do Santíssimo*, existente no museu portuense.

Francisco Vieira adoeceu gravemente, quando estava a fazer o quadro de Duarte Pacheco, defendendo o passo de Cambalam em Cochim, para a casa das descobertas no paço de Mafra. Foi para a Madeira com licença de 1 de abril de 1805, e ahi teve poucos dias de vida.

Segundo o snr. Innocencio, *diccionario bibliographico portuguez*, tom. 9, pag. 389, falleceu o ilustre director da aula de desenho da nossa academia, em 2 de maio de 1806. Esta data é impossivel, porque a consulta da junta da Companhia das vinhas que propoem para o cargo de director da dita aula a Domingos de Sequeira, já menciona o falecimento de Francisco Vieira. Aquelle algarismo foi escripto por engano, senão por erro typographico, como dissemos, porque o snr. Innocencio refere-se ao artigo que escrevera em 1865 no *Archivo pittoresco*, e ahi diz que a morte do eminent pintor foi em 1805. Sem pretendermos duvidar da data do dia e mez acima indicados, observamos que uma acta do conselho da nossa academia de 7 de outubro de 1805 refere o director da aula de desenho como ausente em Lisboa. A respeito do logar, a acta não está certa; mas não

deixa de causar estranheza que tivesse levado tanto tempo a chegar a noticia do falecimento d'um homem tão notavel ao conhecimento dos seus collegas.

**Genuino Barbeza Bettamio.** Era lente da aula de commercio da Bahia. Foi nomeado substituto de igual cadeira da nossa academia por C. R. de 30 de julho de 1824, com metade do respectivo ordenado, o qual havia de receber por inteiro logo que houvesse vacatura. Prestou juramento em 19 de fevereiro de 1825 e falleceu em maio de 1827, antes de se dar a supposta vacatura.

**Henrique Daniel Wemek.** Cavalleiro da ordem de N. S. da Conceição e commendador da de Christo. Foi nomeado substituto da cadeira de inglez por Port. de 23 de novembro de 1832, dispensando-se o concurso exigido pelas instruções anexas á C. R. de 11 de setembro de 1826. Nomeado verificador da alfandega grande de Lisboa por decr. de 15 de fevereiro de 1834, deixando então vago o logar que tinha n'esta academia. Em 1839 e talvez já antes era guarda-mór da dita alfandega. Escrivão da meza grande da mesma por C. R. de 20 de agosto de 1851. Em 1865 era chefe de serviço da mesma alfandega. Posteriormente foi director geral das alfandegas, logar em que obteve a sua aposentação.

**Henrique Ernesto de Almeida Coutinho.** Proprietario da cadeira de francez no tempo de D. Miguel por C. R. de 8 de julho de 1831, despacho que caducou pelo triumpho das armas liberaes.

**Hugo Lacroix.** Nomeado proprietario da cadeira de francez por C. R. de 22 de outubro de 1811, depois da jubilação de seu irmão, o abbade Pedro Lacroix. (Vej. este nome). Preteriu, e creio que com toda a razão, o substituto da cadeira que então era Ignacio Xavier Gayoso. A C. R. de 28 de fevereiro de 1815 nomeou o dr. Agostinho Albano para esta cadeira, sem dizer o que fôra feito de Hugo Lacroix. Este ainda assistiu ao conselho academico de 25 d'outubro de 1813, e na de 13 de maio de 1814 é mencionado como tendo faltado. Em 10 d'outubro d'este anno já assiste á sessão como professor de francez o dr. Agostinho Albano, posto que ainda não estivesse encartado. Suspeito que Hugo Lacroix foi havido por *jacobino*, e como tal se lhe deu a cadeira por vaga.

**Ignacio Xavier Gayoso.** Substituto da cadeira de francez por C. R. de 7 de dezembro de 1808. Foi preterido em 1811 por Hugo Lacroix. (V.

este nome). Em outubro de 1813 dirigiu uma carta á academia, queixando-se de ter sido preterido, e participando que ia para o collegio militar substituir o mestre de francez (com 30\$000 reis mensaes e meza, segundo consta d'uma noticia que lhe mandaram de Lisboa). Esta carta revela um certo desarranjo intellectual que bem justifica a preterição. Depois de 1813 nunca mais se falla n'este professor.

#### **João Baptista Fetal da Silva Lisboa.**

Devia ser licenciado ou pelo menos bacharel formado em mathematica. Segundo o snr. Innocencio Francisco da Silva, *dicc. bibliogr. portug.*, tom. 3.<sup>o</sup>, pag. 445, nasceu em Lisboa, freguezia de Santa Justa em 1768. Foi nomeado lente da 3.<sup>a</sup> cadeira de mathematica da nossa academia por C. R. de 18 de novembro de 1803, mas recebeu o seu ordenado desde o 1.<sup>o</sup> d'outubro d'este anno, porque o Avis. reg. de 13 do mesmo mez permittia que os lentes nomeados podessem entrar no exercicio dos seus logares ainda que não tivessem promptas as suas cartas. Acontece, porém, que a consulta da junta propondo João Baptista Fetal para o 3.<sup>o</sup> anno mathematico, tem a mesma data da C. R. que o nomeou, em quanto a consulta propondo outros oito professores é datada de 20 de setembro. Ahi ha necessariamente alguma troca de datas. O certo é que Fetal entrou em

serviço antes da composição d'estes documentos, porque foi elle o que em 4 de novembro de 1803 recitou o discurso inaugural da abertura da academia, que o § 11 dos Estatutos encarregavam ao lente da 3.<sup>a</sup> cadeira de mathematica. Este discurso foi impresso com o titulo de «*oração que na abertura da academia real da marinha e commercio da cidade do Porto, recitou João Baptista Fetal da Silva Lisboa, lente proprietario da cadeira do 3.<sup>º</sup> anno mathematico da mesma academia, no dia 4 de novembro de 1803.*» Lisboa, 1803.

Foi jubilado com todo o ordenado por C. R. de 18 de julho de 1825, «por ter exercido, durante 22 annos, as suas funcções com zélo, exactidão e disvelo.»

Entrou na folha da academia polytechnica, como jubilado, até 18 de setembro de 1839, dia em que provavelmente falleceu. (O snr. Innocencio estava mal informado quando no logar acima citado data a morte d'este professor de 1835). Era muito respeitado pelos seus collegas.

**João Baptista Ribeiro.** Do conselho de S. M., commendador da ordem de Christo e cavalleiro da Conceição. Filho de Antonio José Ribeiro e de Isabel Maria. Nasceu no logar da Ponte de Santa Margarida, freguezia de S. João d'Arroyos, concelho

de Villa Real, a 25 d'abril de 1790. Falleceu no Porto em 24 de julho de 1868.

Desde menino revelou extraordinaria vocação para o desenho. Conheceu-lh'a D. Fr. Caetano Brandão, arcebispo de Braga, por occasião d'uma visita que fez a Villa Real, a ponto de rogar ao pae que lh'o deixasse levar comsigo para o mandar instruir. Igual pedido fez depois o morgado de Matheus, D. José Maria de Souza, o editor da celebre edição dos Lusiadas conhecida pelo seu nome. Depois de novas instancias de varias pessoas no mesmo sentido, decidiu-se o pae a mandal-o para a cidade do Porto, aos 12 annos d'idade, sendo recommendado por um Fr. João de Deus ao bacharel em philosophia José Jacinto de Souza.

Matriculou-se a 20 de maio de 1803 na aula de desenho, que então era regida por Domingos Francisco Vieira, durante a ausencia temporaria de Francisco Vieira Portuense. Continuou nos annos seguintes o estudo d'esta arte com o dito Francisco Vieira, Domingos Antonio de Sequeira, José Teixeira Barreto e Raymundo Joaquim da Costa. Obteve 3 premios em desenho, o 1.<sup>º</sup> em 1807 pela cópia, a lápis d'Hespanha, d'uma estampa representando Andromacha a abraçar Heitor; o 2.<sup>º</sup> em 1808 pela cópia, por meio de aguadas, da vista do porto de Nápoles; o 3.<sup>º</sup> em 1809 pela cópia d'um palacio a aguadas. Foi um dos cinco alumnos d'esta academia que

Domingos Antonio de Sequeira escolheu para lhes ensinar pintura.

Substituto da cadeira de desenho d'esta academia por C. R. de 22 d'outubro de 1811. Nomeado mestre de desenho e pintura de miniatura das sereníssimas Senhoras Infantes por port. do mordomo-mór de 28 de julho e alv. de 18 de setembro de 1824, pelo que o Avis. Reg. de 24 de novembro de 1825 <sup>1</sup> lhe concedeu a gratificação de 150\$000 paga pelo cofre da academia, «e isto (diz o <sup>o</sup> tit. Aviso) em quanto não tem exercicio, porque n'este caso outro será então o ordenado.» Continuou, porém, no serviço da academia. Promovido á propriedade da cadeira de desenho da mesma academia por decr. de 6 de junho de 1833. Nomeado director e professor de desenho historico da academia portuense de bellas-artes por decr. de 3 de dezembro de 1836, logar de que pouco depois desistiu. Continuou a reger a cadeira de desenho da acad. polyt., ainda que só foi despachado para ella por decr. de 11 de junho de 1838 e C. R. de 18 de maio de 1839. Jubilado por C. R. de 28 de julho de 1853, obteve o aumento do terço do orde-

<sup>1</sup> Registado no livro (92) do Registo dos officios e ordens da Ill.<sup>ma</sup> Junta, no archivo da academia polytechnica, pag. 62.

nado pela Port. de 23 de maio de 1854 <sup>1</sup>, e foi jubilado, com este augmento, em 1862.

Em 1836 pediram a sua exoneração, por não quererem jurar a constituição de 22, todos os lentes da academia de marinha e commercio, excepto o snr. João Baptista Ribeiro. Foi então nomeado director d'esta academia por decr. de 22 d'outubro de 1836. Quando se encartou n'este emprego, (C. R., 27 de maio de 1837) já aquella academia tinha sido reformada em polytechnicà. Ainda que este habil pintor não tivesse as sufficientes habilitações scientificas para a direcção do estabelecimento, sabia aconselhar-se com pessoas competentes, e encontrou nos professores todo o auxilio de que precisava, conservando este cargo até o seu falecimento, posto que não estivesse em effectivo exercicio desde 1866.

Ao snr. João Baptista se deve a organisação do museu portuense de pinturas e estampas, da qual fôra encarregado, ainda no tempo do cerco do Porto, por port. de 10 de setembro de 1833.

As suas producções artisticas são as seguintes:

<sup>1</sup> Segundo a legislação d'esse tempo havia dous processos separados, um para a jubilação, outro para a verificação da idoneidade para a continuação no serviço, de que dependia o augmento do terço. Só depois da jubilação se instaurava o 2.<sup>o</sup> processo.

Quatro painéis a colla para a festividade com que se solemnisou na igreja da Graça d'esta cidade a restauração de 1808. Foram descriptos n'um folheto de João Antonio de Souza Azevedo, morgado de Pinheiro, e mereceram geral applauso.

Retrato do arcebispo da Bahia, D. Fr. Vicente da Soledade Castro, e um grupo de douis sobrinhos d'este arcebispo, em 1820.

Grupo, em miniatura, dos retratos de duas filhas do snr. Visconde de Beire, em 1823. Dous retratos da Rainha D. Carlota Joaquina, um em miniatura, outro a oleo em corpo inteiro. No mesmo anno.

Retratos das snr.<sup>as</sup> infantas D. Anna de Jesus Maria, D. Isabel Maria e D. Maria d'Assumpção. Dito do snr. D. João vi tirado a furto em 1824, tão bom, que se deu ordem ao nosso encarregado de negocios em Paris para alli o mandar gravar.—Retrato da duqueza da Ferreira, em miniatura, para a snr.<sup>a</sup> infanta D. Anna de Jesus.

Durante o cerco do Porto fez douis retratos do snr. D. Pedro iv, um como coronel de caçadores 5, outro como commandante em chefe do exercito, e lithographou a snr.<sup>a</sup> infanta D. Maria Amelia, tendo préviamente feito para ensaio o seu proprio retrato d'elle.

Em 1834 fez a lapis de côres o retrato da snr.<sup>a</sup> D. Maria ii, e em 1836 o do snr. D. Fernando a douis lapis.

Das seguintes obras não temos a data.

*A Assumpção de N. Senhora, e S. Francisco de Salles*, no tecto da capella-mór da igreja dos Congregados.

*A Annunciação na igreja da Graça.*

*A Senhora da Soledade* na capella das Almas de Santa Catharina.

*S. José e o menino Jesus* na igreja de Massarelos.

*O Senhor dos Afflictos* na capella dos justiçados.

*N. Senhora do Livramento* na capella das convertidas.

*A apresentação de N. Senhora, a Annunciação, o Repouso no Egypto, e 8 pequenas figuras*, na capella do snr. Bernardo de Mello.

*N. Senhora do Carmo* em meio corpo, em casa do snr. João Luiz de Souto e Freitas.

*Dous tectos* nos paços da camara municipal do Porto, o retrato de corpo inteiro de D. João vi e o duque do Porto, nos paços da mesma camara.

Retrato de D. João vi a meio corpo na sala das sessões da Companhia das vinhas do Alto-Douro.

Retratos dos lentes da academia polytechnica, José Antonio de Aguiar e José Carneiro da Silva, na sala das sessões solemnas da academia polytechnica.

Retrato em corpo inteiro do ex-prior da ordem do

Carmo, Luiz Antonio Machado, na secretaria do hospital da dita ordem.

Retrato de D. Pedro iv na biblioteca publica.

Quatro paisagens representando as estações, no museu portuense.

Quatro painéis de meninos no salão do baile da casa que foi do snr. conde do Bolhão, hoje do snr. visconde de Fragozella.

Dez painéis nas salas da casa dos snrs. Maias da rua das Flores.

Todas estas obras existem no Porto nos logares acima indicados.

A *Ascenção*, a *Senhora do livramento*, S. João, a *Senhora do Rosario*, e *Santo Antonio* na matriz de Vallongo.

S. *Jeronymo*, e o retrato de Francisco Rodrigues de Freitas, barão de S. Jeronymo, no hospital de Villa-Real.

S. *Miguel*, varios anjos e almas, na igreja das freiras do Lourical.

Retratos em corpo inteiro, dos snrs. D. João vi, D. Pedro iv, D. Maria ii e D. Pedro v, na sala dos capellos da universidade de Coimbra.

O retrato de corpo inteiro do primeiro conde de Amarante no palacio de Canellas; no oratorio de Canellas *Santo Antonio* e no tecto a figura da *Religião*.

O snr. Manoel Bernardes Branco, de cujo arti-

go publicado em 1860 no periodico portuense intitulado *Miscellanea Litteraria*<sup>1</sup>, extractamos ou copiamos a maior parte do que fica escripto, menciona ainda as seguintes obras pintadas a oleo, dous *floreiros* e uma *aguia*, de tamanho natural, que o snr. J. Baptista offereceu ao snr. D. Fernando, ao snr. D. Luiz e ao snr. D. Pedro v.

**João Carlos de Miranda.** Na acta da sessão academica de 13 de maio de 1813 é mencionado como substituto de mathematica, posto que então se achava em Valença por ordem do marechal Beresford<sup>2</sup>. Um Avis. Reg. anterior a 19 de junho de 1813 auctorisa-o a assistir aos actos de mathematica da nossa academia, e manda-lhe apresentar a sua carta regia de substituto dentro de seis mezes, «sob

<sup>1</sup> O exemplar de que nos servimos, pertenceu ao snr. João Baptista Ribeiro, que fez duas emendas no texto, escriptas pela sua letra. As datas dos premios na aula de desenho, são extrahidas dos competentes registos, e se estou em desacordo com as que se leem no cit. art., é porque este provavelmente se refere ao principio do anno lectivo em que esses premios foram ganhos, em quanto que nós nos referimos ao em que foram votados.

<sup>2</sup> Consta d'uma nota no liv. (66) *dos officios*, fl. 5.

pena de se consultar o seu logar»<sup>1</sup>. Na verdade, regeu a cadeira do primeiro anno mathematico no lectivo de 1813 a 14<sup>2</sup>, mas só tirou a sua carta de substituto de mathematica em 7 de setembro de 1814. Foi substituto da primeira cadeira, ainda que a cit. C. R. não o declare. Promovido á propriedade da 2.<sup>a</sup> cadeira de mathematica pela C. R. de 13 de janeiro de 1820, que se desencaminhou, passando-se-lhe outra, com salva, a 13 d'abril do mesmo anno, tomou posse em 3 d'outubro proximo seguinte.

Este professor era militar, tendo feito, ao que parece, a campanha da peninsula; mas só podemos averiguar que em 31 de julho de 1826 pertencia ao real corpo de engenheiros como capitão.

Seguindo a causa do snr. D. Miguel, não voltou ao exercicio do magisterio desde a entrada do exercito libertador no Porto em 9 de julho de 1832; mas foi jubilado com dous terços do ordenado na cadeira do 2.<sup>º</sup> anno mathematico da academia de marinha e commercio por decr. de 11 e C. R. de 20 de setembro de 1843. Ignoro a data do seu falecimento.

**João Gonçalves das Neves.** «Lente de pri-

<sup>1</sup> O Av. Reg. de que se trata, vem citado n'um officio do secretario de 19 de junho de 1813, cit. liv. 66, fl. 10.

<sup>2</sup> Cónsta do termo n.<sup>o</sup> 57 do livro dos actas, fl. 15.

meiras letras, com 400\$000 reis de ordenado por C. R. de 9 de outubro de 1811. Deixou de reger a sua cadeira, por doente, desde o principio do anno de 1817<sup>1</sup> e foi aposentado com meio ordenado pela Res. Reg. de 11 de julho de 1825, communicada em Av. Reg. de 19 d'agosto do mesmo anno. Falleceu em 9 de julho de 1836.

**João Vieira Pinto.** Foi alumno d'esta academia, premiado em commercio e desenho (1821) e na 1.<sup>a</sup> cadeira de mathematica que frequentou no lectivo de 1821 a 22, posto que o premio só lhe foi conferido em 1824. Depois, cursou com distincção na universidade de Coimbra as facultades de mathematica e de medicina, nas quaes se formou.—Foi nomeado lente do 1.<sup>º</sup> anno mathematico por C. R. de 10 de dezembro de 1829 e transferido para a cadeira do 3.<sup>º</sup> anno por C. R. de 8 d'outubro de 1830. Estes despachos não subsistiram por não terem sido feitos pelo governo legitimo; mas nem por isso ficou inteiramente perdida para o magisterio portuense a ilustração d'este professor, que foi nomeado para a escola industrial do Porto (hoje instituto) por C. R. de 22 de fevereiro de 1854. Foi delegado do extin-

<sup>1</sup> Oficio do secretario da acad. de 13 de novembro de 1822 no liv. (66) dos officios, fl. 64.

cto conselho de saude no districto do Porto por C. R. de 10 de janeiro de 1811, funcções que ainda exerce.

**Joaquim Antonio d'Oliveira.** Bacharel formado em leis e em mathematica pela universidade de Coimbra. Lente do primeiro anno mathematico da nossa academia por C. R. de 6 d'agosto de 1813 e posse de 11 de maio de 1814. A Port. de 25 d'outubro de 1834, que o aposentou, diz que elle servira desde 1811. Na acta de 13 de maio de 1813 vem mencionado como ausente em Coimbra. Um Av. Reg. anterior a 19 de junho de 1813 auctorisa-o a vir aos actos de mathematica e obriga-o a apresentar a sua carta no prazo de seis mezes <sup>1</sup>.

Como bom liberal que era, foi demittido com outros collegas pelo snr. D. Miguel em 13 de maio de 1829, e «esteve preso por espaço de 3 annos e degredado por outros tantos» <sup>2</sup>. Foi aposentado com o ordenado por inteiro pela Port. acima citada, de 25 d'outubro de 1834.

<sup>1</sup> Av. Reg. cit. no offic. do secretario da acad. de 19 de junho de 1813, no livro (66) *dos officios*, fl. 9.

<sup>2</sup> Port. de 25 d'outubro de 1834, citada no texto.

Foi nomeado director da nossa academia por decr. de 8 d'outubro de 1836, comunicado em Port. de 10 do dito mez, e parece que tencionava acceitar, porque em officio de 15 do mesmo, respondendo ao director interino que lhe déra parte da nomeação, diz: «De tudo fico sciente e agradeço a V. S.<sup>a</sup> os seus atenciosos cumprimentos.» Mas provavelmente recusou, e foi exonerado d'ahi a poucos dias por decreto de 20 do mesmo mez. Por isso não o inclui na relação dos directores a pag. 160.

Então já residia em Coimbra, d'onde parece que era natural. Foi pago pela folha da academia até outubro de 1841; depois entrou a receber os seus vencimentos pelo ministerio da fazenda. Ignoramos a data do seu falecimento, que deve ter sido posterior a 1855.

**Joaquim Cardoso Victoria Villa-Nova.**  
Substituto de desenho na acad. da marinha e commercio do Porto por decreto de 19 d'outubro de 1836. Igual substituição lhe foi dada na acad. polyt. por decr. de 11 de junho de 1838 e C. R. de 21 de junho de 1839. Falleceu em 5 de junho de 1850.

**Joaquim Navarro de Andrade.** Director da nossa academia por C. R. de 9 de setembro de

1817 até ao dia 18 de junho de 1831, em que faleceu.

N'um edital seu de 14 de maio de 1831 vem com os titulos seguintes: «do conselho de sua Magestade, fidalgo cavalleiro da sua real casa, commendador da ordem de Christo, physico-mór do reino honorario, lente de prima jubilado na universidade de Coimbra e director litterario da acad. da marinha e commerçio d'esta cidade do Porto.» Era tambem socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa, e deputado da Junta da directoria geral dos estudos e escolas do reino desde 1808.

Doutorou-se, juntamente com seu irmão João de Campos Navarro, em 20 de julho de 1788 na faculdade de medicina, em cujo serviço entrou logo como opositor. Em 6 de fevereiro de 1791 foi despachado 7.<sup>º</sup> lente cathedralico com exercicio na cadeira de *instituições medico-cirurgicas*. Em 19 d'outubro de 1801 foi promovido a 4.<sup>º</sup> lente da sua faculdade com exercicio na cadeira de *aphorismos*, em que obteve a sua jubilação a 15 de junho de 1822. Passou a lente de vespera, por C. R. de 29 de julho de 1812, que qualifica de *muito distinctos* os seus serviços no magisterio. Em 11 d'outubro de 1817 foi igualado em honras e proventos a lente de prima por haver recitado a oração latina nas exequias da rainha D. Maria I, oração que foi mandada imprimir no Rio de Janeiro.

Tinha sido eleito deputado ás côrtes constituintes, mas não aceitou.

O snr. dr. Mirabeau na sua importante *Mem. historica e commemorativa da facultade de medicina*, Coimbra, Impr. da Univ. de 1873, diz que J. N. de Andrade viveu nove annos em descanso das lides academicas. Este é na verdade o tempo que sobreviveu á sua jubilação, mas nem por isso deixou de o empregar com zêlo na direcção da nossa academia.

Ainda no 1.<sup>o</sup> d'outubro de 1830 estava para ir recitar o discurso de abertura da mesma academia, quando foi rapidamente accomettido d'um ataque degota, molestia de que soffria desde muito, e de que falleceu dentro de 9 mezes. Foi só d'aquelle dia em deante, que não pôde tornar á academia, fazendo ainda assim o serviço que podia desempenhar em casa, apezar de ter sido encarregado interinamente da direcção litteraria, durante o seu impedimento, o lente de mathematica João Carlos de Miranda.

Joaquim Navarro de Andrade escreveu:

*Undenam palustrium locorum insalubritas? Quænam morborum inde pendentium natura? Quænam generalis therapia?* Objecto que lhe foi dado pela facultade em 1787 para a dissertação inaugural, que existe inedita na bibliotheca da Universidade.

*Distributio methodica interpretandorum aphorismorum Hippocratis, superiori jussu, in usos academicos, juxta nosologicam methodum chirurgiæ pra-*

*cticæ Plenckii, primarumque linearum praxeos medicinalis Cullenii, instituta et ordinata.* Conimbricæ 1819, 8.<sup>º</sup>

*Carta apologetica e analytica ao redactor do periodico intitulado «O Portuguez» impresso em Londres.* Lisboa, Typ. Rollandiana 1822. 4.<sup>º</sup> de 22 pag.

*Representação ás cōrtes geraes extraordinarias e constituintes da nação portugueza.* Coimbra, Impr. da Univ. 1822, fol. E' uma especie de auto biografia, com o fim de evitar a reducção dos seus ordenados.

*Informação* de 13 de setembro de 1824 ácerca do plano da reforma da academia real da marinha e commercio do Porto, publicada pelo snr. conselheiro José Silvestre Ribeiro no tom. 2.<sup>º</sup> da sua *Hist. dos Estabelec. Scient.*, pag. 405 a 420. D'esta informação resultou o alvará de 16 d'agosto de 1825, que se conformou quasi inteiramente com ella.

Parece que ainda publicou outro opusculo em latim para uso dos alumnos da cadeira de *instituições medicas*, porque na *representação* acima citada diz o snr. J. N. d'Andrade que escreveu para uso das aulas do 2.<sup>º</sup> e 4.<sup>º</sup> annos medicos dous opusculos em latim, que a sua faculdade mandou estampar na imprensa da universidade.

**Joaquim Torquato Alvares Ribeiro.**

Do conselho de S. M., commendador da ordem de Christo. Filho de Antonio Alvares Ribeiro e D. Maria Maxima Delfina da Silva. Nasceu no Porto, rua de S. Miguel, freguezia da Victoria, a 26 de fevereiro de 1803. Falleceu, estando a banhos nas Caldas de Vizella, a 2 de setembro de 1868.

Foi alumno d'esta academia, premiado no 1.<sup>º</sup> anno mathematico em 1820, no 2.<sup>º</sup> em 1824 com relação ao lectivo de 1821 a 22, e em commercio em 1825.

Tendo frequentado o curso de repetição introduzido n'esta academia pelo alv. de 16 de agosto de 1825, defendeu theses e fez o exame privado em 1830. (Vej. acima pag. 200 a 203). Matriculou-se como opositor ás cadeiras de mathematica d'esta academia em 2 de outubro do dito anno. Foi nomeado, precedendo concurso, lente proprietario da 1.<sup>ª</sup> cadeira de mathematica, (que estava regendo como opositor) por decr. de 30 de janeiro e C. R. de 16 de fevereiro de 1835.

Em 1836, recusando-se a jurar a constituição de 22, proclamada pela revolução de setembro, foi exonerado por decr. de 19 d'outubro. Addido á academia polytechnica, por efeito da lei de 19 d'outubro e decr. de 9 de dezembro de 1840 com o vencimento annual de 350\$000 reis (meio ordenado). Nomeado proprietario da 5.<sup>ª</sup> cadeira da mesma academia (astronomia e geodesia) por decr. de 12 de

novembro e C. R. de 11 de dezembro de 1844. Teve o augmento do terço do ordenado por decr. de 1, e apostilla de 9 de junho de 1858. Nomeado director da academia polytechnica em agosto de 1868, não chegou a tomar posse d'este logar, mas exerceu-o de facto desde 1866, e já desde 1865 como lente decaño, no impedimento do director João Baptista Ribeiro, e foi á sua pertinaz iniciativa e incomparavel zélo, que esta academia deveu o terem-se continuado as obras do seu edificio e haverem-se começado e adiantado muito as do jardim botanico, que quasi se pôde dizer que é obra sua, adiantando avultadas quantias, que só depois do seu falecimento foram restituídas aos seus herdeiros. Homem de grandes affectos, amava com tanto estremecimento esta academia como ao mais querido dos filhos, e pugnava pelo credito d'ella, como o faria pela honra propria o cavalheiro mais pondunoroso.

Foi director da Companhia geral da agricultura das vinhas do Alto-Douro, a qual ergueu do abatimento em que cahira depois da extincção dos seus antigos privilegios, etc. Apezar de ter de dividir a sua attenção por muitos negocios, foi um professor distinco pelo seu extraordinario talento, sciencia e assiduidade.

Escreveu:

*Discurso recitado na academia polytechnica do Porto na abertura do anno lectivo de 1846 para*

1847, pelo lente da 5.<sup>a</sup> cadeira Joaquim Torquato Alvares Ribeiro. Porto, 1847.— 4.<sup>o</sup> de 27 pag., incluindo uma de notas.

*A academia polytechnica e a portaria do ministerio do reino de 14 de agosto de 1862.* Porto, Typ. de Manoel José Pereira, 1862.— 4.<sup>o</sup> de 27 pag. (sem declaração do nome do auctor).

Na sala das sessões solemnes da academia ha o retrato d'este benemerito professor, desenhado pelo snr. Guilherme Antonio Corrêa, substituto da cadeira de desenho da acad. polyt.

**José Antonio da Natividade.** Mestre de apparelho e manobra naval por nomeação da Junta inspectora de 6 d'outubro de 1832. Falleceu em 23 de janeiro de 1861.

**José Avelino de Castro.** Filho de José Antonio de Castro e de D. Gertrudes Claudina de Castro. Nasceu no Porto a 30 de julho de 1791 e ahi falleceu em 29 de maio de 1854. Matriculou-se na antiga aula de desenho do Porto em junho de 1802, tendo por mestre a Francisco Vieira Portuense. Instituida em 1803 a academia da marinha e commercio, cursou n'ella n'esse mesmo anno o francez e inglez e 1.<sup>o</sup> anno do curso de commercio, de que fez

exame em 1804<sup>1</sup>, passando depois a frequentar na mesma academia o curso de mathematica, que terminou em 1807, tendo sido premiado no 1.º anno em 1805, e no 2.º em 1806 (no 3.º anno não havia premios). Gostava tanto do desenho, que ainda em 1813 se tornou a matricular como discípulo extraordinario da cadeira respectiva. Nomeado substituto de mathematica pela Res. Reg. de 15 e C. R. de 20 de julho de 1814. Foi substituto do 2.º anno, ainda que a C. R. não o diz. Foi promovido á propriedade da 3.ª cadeira por C. R. de 18 de julho de 1825, preferindo, por um equivoco da Junta inspectora, o seu collega Antonio José da Costa Lobo (vej. acima este nome), que apesar de ter sido nomeado substituto de mathematica no mesmo dia que José Avelino, era mais antigo na habilitação. Conhecido o equivoco, deu-se uma reparação completa ao lente preterido, mas José Avelino continuou a reger a cadeira do 3.º anno.

Em 13 de maio de 1829 foi demittido juntamente com os seus collegas Agostinho Albano da Silveira

<sup>1</sup> O curso de commercio principiou no lectivo de 1803 a 1804 pela mathematica elementar, regida pelo professor da cadeira de commercio, porque nesse anno a 1.ª cadeira de mathematica, que era preparatoria do dito curso, teve muito grande numero de alumnos.

Pinto, Antonio José da Costa Lobo, Francisco Joaquim Maia, Joaquim Antonio d'Oliveira, e José Carneiro da Silva, porque (dizia do Paço de Queluz o snr. D. Miguel) «assim pelos errados principios que tem abraçado e sustentado, como pelo descredito em que tem incorrido, não merecem a minha real confirmação.»—Infelizmente, este professor, aliás distin-ctissimo, não perseverou nos principios que o fizera demittir, e foi reintegrado por Av. Reg. de 27 de dezembro de 1831<sup>1</sup>. Entrando o exercito libertador no Porto em 9 de julho de 1832, José Avelino ausentou-se d'esta cidade e perdeu a cadeira. Restabelecida a paz e consolidado o systema liberal, José Avelino, associado com um filho do mesmo nome estabeleceu uma aula particular, em que com muita intelligencia se ensinava a instrucção primaria, as linguas franceza e ingleza, a geographia e o commer-cio, e dava lições pelas casas ás meninas das famílias abastadas.

Escreveu, segundo o snr. Innocencio;  
*Memoria sobre os principios do calculo differencial.* 1809. Inedita.

*Ensaio sobre a composição das equações.* Tam-bem inedita. Offerecida em 1810 á academia real

<sup>1</sup> Livro 60, fl. 50 v. e livro 92, pag. 112, no archivo da acad. polyt.

das sciencias, que em premio o nomeou no dito anno seu socio correspondente.

*Exposição da idéa que deve formar-se das quantidades negativas.* Inedita. Remettida á academia real das sciencias de Lisboa em maio de 1816.

*Oração que no faustissimo dia 26 d'Outubro de 1828, anniversario de sua magestade fidelissima o snr. D. Miguel I, recitou na Acad. Real da Mar. e Commerc. da cidade do Porto José Avelino de Castro, lente cathedralico do 3.º anno da mesma academia, e socio correspondente da Acad. R. das Sc. de Lisb. Mandada publicar pela Ill.ª Junta, etc. Porto 1829, Typ. da Viuva Alvares Ribeiro & Filhos.— 4.º de 36 pag.* <sup>1</sup>

*Exposição do estado actual da Real casa d'Asylo dos naufragados, mandada erigir em S. João da Foz do Douro, Porto, 1832.*

Balbi no seu *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal* (Paris 1822) traz o seguinte artigo:

«*José Avelino de Castro.* Ce jeune mais profond géomètre, élève de l'académie de Porto, dont il est suppléant à la chaire des mathématiques, de seconde

<sup>1</sup> Pôde ser que esta oração tivesse sido impressa depois da demissão do snr. José Avelino em 13 de maio de 1829, com as emendas necessarias para o congraçar com o governo do snr. D. Miguel.

année, possède parfaitement cette science et celles dont elle est la base. Il a composé plusieurs savants mémoires, entre autres un sur la *théorie des équations*, qui lui valut l'honneur d'être admis à l'Académie des sciences de Lisbonne.»<sup>1</sup>

**José Calheiros de Magalhães e Andrade.** Socio correspondente da academia real das ciencias de Lisboa. O snr. Innocencio suppõe que era formado em medicina, e não duvido, mas provavelmente era-o tambem em mathematica. O mesmo A. diz que era natural de Braga, e que consta que ainda alli vivia em 1826. Da naturalidade não sei. O falecimento aconteceu entre 21 de junho de 1819 e 5 de outubro do mesmo anno, estando elle em Braga<sup>2</sup>, provavelmente em setembro.

Foi nomeado lente da 2.<sup>a</sup> cadeira de mathematica (2.<sup>o</sup> anno) por C. R. de 1 d'outubro de 1803, o que não combina perfeitamente na data com as das consultas da Junta inspectora. Na verdade, esta ha-

<sup>1</sup> Cit. *Essai Stat.* tom. 2.<sup>o</sup> *Appendix à la géographie littéraire*, pag. XLII.

<sup>2</sup> Assigna uma carta dirigida ao Morgado Matheus dada de 21 de junho 1819, transcripta no livro das actas das sessões do conselho academico a fl. 23. A acta de 5 d'outubro do dito anno, fl. 21 v., diz que elle faleceu em Braga.

via-o proposto em 20 de setembro do dito anno para lente de mathematica sem designação da cadeira. Foi até elle o unico professor então consultado para esta sciencia, e assim parecia economico, visto que no primeiro anno da fundação da academia era inutilmente dispensiosa a pressa de nomear professores para a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> cadeiras que n'este anno tinham necessariamente de ficar, como ficaram, sem exercicio. Todavia, a mesma Junta em 18 de novembro de 1803 propôz os tres lentes de mathematica, e então incluindo outra vez o nome d'este mesmo José Calheiros, indigitou-o para o 2.<sup>º</sup> anno. A Carta Regia acima citada, conformando-se com esta proposta, é anterior á mesma proposta. Uma incoherencia análoga, posto que menos sensivel, já nós a encontramos no despacho e proposta de João Baptista Fetal da Silva Lisboa (vej. acima este nome). Escreveu:

*Regras das cinco ordens de architectura, segundo os principios de Vignola, com um ensaio sobre as mesmas ordens, traduzido do francez, e com um agravamento de varias reflexões interessantes.* Coimbra, na Impr. da Univ. 1787.—4.<sup>º</sup> com estampas. *Segunda edição.* Lisboa, Impr. Reg. 1830. Sahiu com as iniciaes J. C. M. A.

**José Carneiro da Silva.** Filho de Manoel José Carneiro e D. Anna Clara de Santa Rosa. Nasceu no Porto, na Rua de Traz, freguezia da Victo-

ria, a 14 d'abril de 1791. Frequentou n'esta academia o curso completo de mathematica, e as linguas franceza e ingleza, começando no lectivo de 1809 a 1810. Foi premiado nos dous primeiros annos de mathematica, unicos em que se davam premios. Devia ter concluido o seu curso em 1812, em que fez exame de apparelho e manobra naval, que se costumava estudar no mesmo anno que a astronomia (3.<sup>a</sup> cadeira); mas só fez acto d'esta cadeira em 1815 e o exame geral do curso em 1818. Estudou em Coimbra a mathem., em cuja faculdade tomou o grau de licenciado.

Foi nomeado substituto de mathematica pela C. R. de 13 de janeiro de 1820, que se extraviou, sendo-lhe passada outra em 13 d'abril do mesmo anno, e tomou posse a 13 d'agosto proximo seguinte. Foi substituto da primeira cadeira, porque entrou para o lugar de João Carlos de Miranda que tinha sido promovido. Demitiu-o o governo de D. Miguel em 13 de maio de 1829. A entrada do exercito libertador no Porto em 9 de julho de 1832 restituiu-o ao seu lugar. Não tardaram, porém, muito, novas convulsões politicas, proprias do primeiro periodo do systema liberal, a inquietal-o na sua carreira. A revolução de setembro de 1836 viu-se obrigada a proclamar a constituição de 1822, que o povo reputava por uma obra mais sua do que a Carta de 1826, que todavia lhe custara muito sangue e heroicos sacrifícios. José Carneiro da Silva, assim como todos os

outros professores da acad. da marinha e commer-  
cio, excepto João Baptista Ribeiro, recusaram-se a  
jurar aquella constituição e foi exonerado por de-  
creto de 19 d'outubro de 1836. A lei de igual dia e  
mez do anno de 1840 e o decreto de 9 de dezembro  
do mesmo anno, remediarão o mal d'aquella exo-  
neração, mandando que ficassem addidos á acad-  
emia polytechnica com metade dos vencimentos os  
professores exonerados, até que lhes fosse designado  
o serviço conforme as suas habilitações. José Car-  
neiro da Silva foi d'ahi a pouco despachado por decr.  
de 15 de dezembro de 1840 e C. R. de 12 de maio  
de 1841, para a cadeira de historia natural applicada  
á artes e officios (a 7.º) da mesma academia, com  
a antiguidade e graduação que tinha quando foi exo-  
nerado. Foi um professor muito digno. Falleceu  
n'esta cidade em 27 d'abril de 1853. Na sala das  
sessões solemnes da academia vê-se o retrato d'este  
sabio professor, excellentemente pintado a oleo pelo  
snr. João Baptista Ribeiro.

**José da Cruz Moreira.** Bacharel, creio, que  
em leis, substituto da cadeira de commercio d'esta  
academia por decr. de 19 d'outubro de 1836; trans-  
ferido para o logar de substituto da cadeira de phi-  
losophia racional e moral da mesma academia por  
decr. de 3 de dezembro de 1836 e C. R. de 22 de  
janeiro de 1837.—Como esta cadeira não fazia parte

do plano da academia polytechnica, José da Cruz Moreira devia passar para o lyceu nacional do Porto, na fórmula do art. 166 do decr. de 13 de janeiro de 1837. Ainda entrou na folha da academia até janeiro de 1841; desde fevereiro d'esse anno passou a ser abonado pelo lyceu, a que ficou addido.

**José Duarte Salustiano Arnaud.** <sup>1</sup> Bacharel formado nas facultades de philosophia e medicina pela universidade de Coimbra. Substituto da cadeira de philosophia racional da nossa academia pela Res. Reg. de 30 de julho e C. R. de 30 d'agosto de 1813. Promovido á propriedade da mesma cadeira por C. R. de 15 de setembro de 1827.

Em Avis. Reg. de 21 de julho de 1819 foi-lhe prorrogada por *mais* seis mezes a licença com vencimento para estar na corte do Rio de Janeiro. Não cheguei a verificar a origem d'esta ausencia, nem o seu termo; mas em 1821 não se fizeram os exames de philosophia por faltar o substituto da cadeira.

Este professor seguiu o partido do snr. D. Miguel, que por Avis. Reg. de 25 d'agosto de 1829 o nomeou director da Real Escola de cirurgia do Porto.—Em 1832, depois da entrada do exercito liber-

<sup>1</sup> O secretario da academia escreve algumas vezes erradamente *Arnaut*.

tador n'esta cidade, ausentou-se elle, e a cadeira foi tida por vaga.

Em 31 de julho de 1826, data do termo do juramento da Carta pelos lentes da nossa academia, era José Salustiano medico da camara real, e da Relação do Porto, delegado do Fisico-mór do reino, sub-inspector e director da ponte do Douro.

Falleceu, ha muitos annos, mas não sabemos a data.

**José Eicuterio Barbosa de Lima.** Nomeado interinamente para a cadeira de inglez d'esta academia pela Port. de 17 de julho de 1832 e definitivamente pela C. R. de 14 de maio de 1833. Consta d'outro documento que era tambem substituto de francez. Exonerado em razão dos acontecimentos politicos de 1836 antes dos seus collegas que tiveram a mesma sorte, pelo decr. de 28 de setembro de 1839. —Ainda vivia em 1855.—Na bibliotheca da academia ha alguns livros que elle lhe doou.—Escreveu e imprimiu uma chrestomathia franceza, outra ingleza, de que vi, ha muitos annos, algumas folhas soltas, ignorando se as chegou a acabar e fazer publicas.

**José Francisco Gonçalves.** Nomeado substituto da cadeira de philosophia racional d'esta academia por C. R. de 18 de novembro de 1803 com o

ordenado de 350\$000 reis. Venceu, porém, sempre na rasão de 450\$000 reis por anno<sup>1</sup>. Nomeado para a propriedade d'esta cadeira pela Res. Reg. de 30 de julho de 1813<sup>2</sup>. Jubilado por C. R. de 18 de janeiro de 1827. Falleceu entre este anno e o de 1832.

**José Monorio Guerner.** Nomeado lente da cadeira de commercio d'esta academia por C. R. de 1 de outubro de 1803. A esse tempo era professor da aula de igual disciplina em Lisboa. Falleceu em 1806, talvez em junho ou principios de julho.

**José Luiz Coelho Monteiro.** Filho de João Caetano de Souza. Natural de Villa-Meã, (actualmente do concelho de Amarante, distrito do Porto) onde nasceu muito provavelmente em 1781. Matriculou-se na aula de desenho do Porto em 15 de junho de 1802, tendo por mestre o grande Francisco Vieira Portuense. Foi nomeado substituto da cadeira

<sup>1</sup> Os ordenados dos professores eram pagos aos quartéis, e adiantados; mas José Francisco Gonçalves recebeu no anno de 1805 tudo o que lhe pertencia desde o dia 18 de novembro de 1803.

<sup>2</sup> Não encontro registo da Carta Regia da sua nomeação para a propriedade da cadeira de philosophia rational.

de primeiras letras da nossa academia por C. R. de 19 de junho de 1816, com obrigação de dar aula de manhã e de tarde, e com ordenado igual ao do proprietário da mesma cadeira, que era de 400\$000 reis. Foi promovido á propriedade da dita cadeira por C. R. de 17 d'agosto de 1825. A' data da entrada do exercito libertador no Porto em 1832, era fallecido.

Escreveu, segundo o snr. Innocencio, *Rapido esboço sobre a maçonaria*. Lisboa, Impr. Reg. 1823. —Opusculo de folha e meia de impressão.

*Compendio grammatical da lingua portugueza, ordenado e offerecido ao Ill.<sup>mo</sup> Snr. Joaquim Navarro de Andrade*. Lisboa, Impr. Reg., 1828.

*Analogia entre o maçonismo e o judaísmo*. Porto. 1828.

**José Luiz Lopes Carneiro.** Era caixeiro da Companhia das vinhas do Alto-Douro, quando foi preso por causa dos seus sentimentos liberaes em 31 de julho de 1828. Em 25 de março de 1830 foi-lhe dada por expiada a *culpa* com a prisão que sofreu. Nomeado substituto da cadeira de commercio d'esta academia por C. R. de 1 de junho de 1833, na qual se menciona «a longa prisão que sofreu, e a atroz perseguição que lhe moveu o governo usurpador». —Em 1836 recusou-se a jurar a constituição de 22, e foi exonerado pelo decr. de 19 d'outubro d'aquelle anno. Addido á academia polytechnica por

efeito da lei de 19 d'outubro e decr. de 9 dezembro de 1840, com o vencimento de 200\$000 reis (metade do ordenado dos substitutos da academia polytechnica), falleceu n'esta situação em 9 de janeiro de 1860, provavelmente na freguezia de Cedofeita d'esta cidade.

**José Maria da Silveira e Azevedo.** Nomeado no tempo do snr. D. Miguel para o logar de substituto da cadeira de primeiras letras da acad. da marinha e commercio por C. R. de 2 d'abril de 1829, despacho que, como todos os d'aquelle procedencia, ficou nullo.

**José Pinto Rebello de Carvalho.** Foi nomeado para substituto da cadeira d'agricultura d'esta academia por decr. de 22 d'outubro de 1836, e exonerado por outro decr. de 31 de dezembro do mesmo anno, por não ter querido aceitar o despacho.

**José Porphyrio da Silva Lima.** Substituto da cadeira de commercio d'esta academia por C. R. de 18 de novembro de 1803. Promovido á propriedade da mesma cadeira por C. R. de 29 julho de 1806. Falleceu em 15 de janeiro de 1819, pouco depois d'uma questão que teve por escripto com o director litterario Joaquim Navarro de Andrade, em

virtude da qual foi reprehendido pela Junta inspetora.

**José Ricardo da Costa.** Ainda que o decreto da sua nomeação é anterior ao da reforma da academia polytechnica, só tomou posse depois d'esta reforma. Por tanto não pertence verdadeiramente á academia da marinha.

**José Teixeira Barreto.** Filho de Domingos Teixeira, pintor theatrical e machinista <sup>1</sup>. « Nasceu no Porto pelos annos de 1767. Tendo 15 annos tomou o habito das benedictinos no convento de Tibães, e com elle o nome de Fr. José da Apresentação. Quatro annos depois passou para S. Bento da Saude de Lisboa, e os Prelados o mandaram á aula do Rocha (ou Joaquim Manel da Rocha) estudar o desenho; e em 1790 o enviaram a Roma, onde foi discípulo de José Cadiz e de Mr. Gagneraux, pintor de historia, pensionado francez, que se havia alli estabelecido. Por intervenção de D. Alexandre de Souza secularisou-se em 91. Applicou-se então á gravura, e abriu, só em contornos, as estampas para *Scherzzi poetici de Rossi*; e por painéis de sua invenção gra-

<sup>1</sup> Cyrillo Volkmar Machado, *Collecç. de Mem. relatiyas ás vidas dos pintores. etc.* Lisboa 1823, pag. 144.

vou *Moysés nas aguas*; a *mulher de Dario*, diante de *Alexandre*; o *repouso do Egypto*; *Venus com algumas nymphas*, etc. etc. Veio em 97» <sup>1</sup>.

O snr. Cardeal Patriarcha S. Luiz dá a respeito d'este pintor e gravador as seguintes noticias:

«Havia nos mosteiros de Tibães e Santo Thyrso muitos quadros pintados por este artista antes de ir para Roma e depois que de lá veio. Tinha caracter mui ameno e uma grande viveza de engenho. Eu possuo algumas das suas estampas e um quadro a óleo que representa a *Resurreição de Lazaro*, de que elle me fez presente. Por sua morte testou de grande numero de quadros da sua collecção a favor do mosteiro de Tibães, e com elles se deu principio ao Museu instituido n'aquella casa beneditina, para onde eu tambem concorri com todas as *medalhas* que pude ajuntar, e assisti á fundação e collocação das pinturas» <sup>2</sup>.

Foi nomeado lente de desenho da nossa academia por C. R. de 1 d'outubro de 1803. Cyrillo não é exacto, quando diz que José Teixeira Barreto em

<sup>1</sup> Cit. Cyrillo, pag. 298.

<sup>2</sup> *Lista de alguns artistas portuguezes colligida decriptos e documentos pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo Conde, D. Francisco.* Lisboa, Imp. Nac. 1839, a pag. 18.

1805 sucedeu a Vieira no logar de director da academia portuense.

Falleceu em 6 de novembro de 1810.— No Museu portuense ha uma *fuga para o Egypto* d'este digno professor, da qual existe, bem como d'algumas outras obras suas, uma gravura pelo snr. Raymundo Joaquim da Costa.

**Lacroix.** Vide supra *Hugo Lacroix*, e infra *Pedro Lacroix*.

**Luiz Baptista Pinto d'Andrade.** Apesar de não ser muito difícil obter informações completas a respeito da vida d'este professor, assim como d'outros em cujas biographias deixamos importantes lacunas, estas pequenas dificuldades sommadas produzem a impossibilidade de as vencer no breve espaço de que podemos dispôr. Nem o nosso fim era outro senão apresentar as datas da vida academica dos nossos professores, porque para mais nos não chegava o tempo. Se muitas vezes excedemos os limites d'este proposito, foi para aproveitar o ensejo de resumir aqui tudo o que tinhamos á mão sobre a historia do magisterio d'este estabelecimento, allivian-do o trabalho de quem um dia tentar refazer esta obra ou fazer outra mais perfeita e acabada.

Do snr. Luiz Baptista não temos agora mais do que as seguintes datas:

Decr. de 6 e C. R. de 28 de dezembro de 1836, que o nomeou substituto da cadeira de commercio d'esta academia.

Decr. de 25 de fevereiro e apostilla de 12 de maio de 1863, que o promoveu á propriedade da dita cadeira.

Decr. de 18 de maio e apostilla de 6 de julho de 1865, que lhe concedeu o augmento do terço do ordenado.

Foi jubilado com o dito augmento por decr. de 28 de março de 1867, e falleceu a 10 de julho de 1868.

**Luiz José Monteiro.** Filho de Pedro José Monteiro e Rosa Luiza. Nasceu no Porto, freguezia da Victoria, a 25 de julho de 1799. Nomeado substituto da cadeira de primeiras letras da academia da marinha e commercio por C. R. de 12 de setembro de 1825. Substituto da cadeira de inglez por C. R. de 5 de novembro de 1828, despacho que desde a entrada do exercito liberal no Porto, em 9 de julho de 1832, ficou nullo como todos os mais do governo do snr. D. Miguel. Promovido á propriedade da cadeira de primeiras letras por decr. de 9 de fevereiro e C. R. de 11 de março de 1835.

Em consequencia dos successos politicos de 1836 foi exonerado pelo decr. de 19 d'outubro d'esse anno. Deu-se então ao ensino particular, e estabeleceu

um collegio ás Escadas da Sé d'esta cidade, onde se recebiam alumnos internos e externos e se ensinavam todos os preparatorios para a universidade, e as linguas franceza e ingleza, desenho, musica e dança. Parece que lhe correu melhor a fortuna do que aos lentes nomeados para os logares dos demittidos, pois os pagamentos andavam atrasados um anno e mais.

Por virtude da lei de 19 d'outubro de 1840 e decreto de 9 de dezembro do mesmo anno, devia ser addido com 125\$000 reis á escola normal e de ensino mutuo do Porto, mas parece que o foi ao lyceu d'esta cidade, que o empregou na regencia do curso de inglez depois da reforma dos lyceus em 1863.

**Manoel da Fonseca Pinto.** Foi alumno d'esta academia e obteve um premio de desenho em 1827. Substituto da cadeira de desenho da mesma academia por C. R. de 5 de novembro de 1834. Exonerado pelo decr. de 19 d'outubro de 1836, por se ter recusado a jurar a constituição de 22. Provido interinamente na cadeira de desenho da facultade de mathematica da universidade de Coimbra por decr. de 15 de julho de 1840, logar, que se o exerceu, não foi por muitos annos.

**Manoel Joaquim Duarte e Souza.** Professor da cadeira da lingua ingleza da nossa academia por decr. de 8 d'outubro de 1836. Addido ao

lyceu nacional do Porto por efeito do artigo 166 do decreto de 13 de janeiro de 1837, ainda que entrou na folha dos vencimentos da academia até janeiro de 1841, passando para a do lyceu em fevereiro do dito anno. As noticias que d'elle tenho, acabam no anno de 1861.

**Manoel Joaquim de Faria Lebe.** Nomeado professor da cadeira de philosophia racional da nossa academia por C. R. de 1 d'outubro de 1803. Aposentado com meio ordenado pela Res. Reg. de 30 de julho de 1813 «em attenção a ter sido o primeiro da instituição da cadeira de philosophia e achar-se impossibilitado de exercêl-a.»

**Manoel Joaquim Pereira da Silva.** Cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição. Nomeado professor da cadeira de commercio da nossa academia por decr. de 19 d'outubro e C. R. de 30 de novembro de 1836, e para igual cadeira da acad. polyt. por decreto de 18 de junho e C. R. de 28 de julho de 1838. Teve o augmento do terço do ordenado por decr. de 23 e apostilla de 30 de junho de 1858. Falleceu em 8 de janeiro de 1863.

**Manoel José da Cunha e Souza Alcoforado.** Foi ajudante do real observatorio astronomico da universidade de Coimbra, como elle declara

no fim dos termos da matricula dos estudantes do curso de commercio d'esta academia no anno de 1803 a 1804. Nomeado lente do 1.<sup>º</sup> anno mathematico da mesma academia por C. R. de 18 de novembro de 1803, ainda que já assistiu como lente do dito anno á sessão inaugural d'abertura em 4 do dito mez e foi abonado dos seus vencimentos desde o primeiro d'outubro antecedente. Esteve ausente da academia no anno de 1808 a 1809, em que a sua aula ficou fechada por causa dos acontecimentos politicos d'essa época. E' referido como ausente em Lisboa, em 13 de maio de 1810, e em igual dia e mez do anno seguinte já o seu lugar é mencionado como vago. Parece que foi condemnado por *jacobino* e que morreu em Africa.

**Miguel Shell**, a quem o secretario da academia algumas vezes chama erradamente *Shiel*. Um documento intitula-o «Reverendo»<sup>1</sup>. Foi nomeado para a cadeira da lingua ingleza por C. R. de 1 d'outubro de 1803. Falleceu em 1827, pouco depois do dia 27 de setembro em que ainda apparece assignado nos termos dos exames. Escreveu uma gramatica ingleza que ainda em 1836 servia para o estudo da lingua n'esta academia.

<sup>1</sup> Certidão transcripta no livro 60, fl. 33 v.

**Pedro António Soares Velloso.** Bacharel em medicina pela universidade de Coimbra. Nomeado substituto da cadeira de philosophia rational d'esta academia «com obrigação de substituir também a de agricultura» por C. R. de 30 de junho de 1827. Seguiu o partido do snr. D. Miguel, e tendo-se ausentado do Porto quando entrou n'elle o exercito libertador (9 de julho de 1832), o seu logar foi tido por vago.

**Pedro Gonçalves Salasar.** Mestre de apparelho e manobra naval d'esta academia por nomeação da Junta inspectora de 17 de setembro de 1808. Era miguelista, e abandonou o seu logar desde que o snr. D. Pedro iv entrou no Porto (9 de julho de 1832).

**Pedro Lacroix** (Abade). Irmão d'outro professor d'esta academia, Hugo Lacroix. Foi nomeado substituto da cadeira de lingua franceza por C. R. de 1 d'outubro de 1803 e proprietario por C. R. de 6 d'outubro de 1808. Jubilado por molestia pela Res. Reg. de 21 d'outubro de 1811, sobre a consulta da Junta inspectora de 19 de julho do mesmo anno.

**Raymundo Joaquim da Costa.** Filho de Manoel da Costa Simões e Maria de Jesus. Nasceu

em Lisboa a 31 d'agosto de 1778. Falleceu no Porto a 8 de abril de 1862.

Foi alumno da academia de desenho e architectura de Lisboa, onde estudou desenho de figura com Eleuterio Manoel de Barros, e architectura civil com Germano Xavier de Magalhães, tendo no 1.<sup>º</sup> e 2.<sup>º</sup> anno do seu curso o 3.<sup>º</sup> premio, e no 3.<sup>º</sup>, 4.<sup>º</sup> e 5.<sup>º</sup> annos o 1.<sup>º</sup> premio. Estudou gravura com o mencionado Eleuterio Manoel de Barros, e com o illustre portuense Joaquim Carneiro da Silva.

Nomeado substituto da cadeira de desenho da nossa academia por C. R. de 1 d'outubro de 1803, e proprietario pela de 22 d'outubro de 1811.

Em 1832 obedecendo ao governo do snr. D. Miguel sahiu do Porto abandonando a cadeira. Terminada a guerra civil, recolheu-se a esta cidade e entregou-se ao ensino particular, regeitando a cadeira de gravura historica da academia portuense de belas artes, para que fôra nomeado por decr. de 3 de dezembro de 1836.

Ao tempo que elle abandonou a sua cadeira, já tinha mais de 28 annos de serviço do magisterio, e merecia a jubilacão. Esta foi-lhe concedida com dous terços de ordenado, como era de lei (porque a concessão do ordenado todo era de estylo mas não de lei expressa) por C. R. de 27 de setembro de 1843.

«R. J. da Costa desenhava com muita graça, tanto cópias por estampas, como paizes pelo natural, e

tinha particular talento para preparar paizes a aguadas de nankin, que depois banhava de côres<sup>1</sup>. Todavia, distinguiu-se particularmente na gravura.

Gravou:

*Fuga para o Egypto*, de José Teixeira Barreto. A agua-forte e buril. Dizem ser esta a sua melhor gravura.

*Allegoria á acclamação de Sua Alteza Real o principe Regente na cidade do Porto a 18 de junho de 1808*, painel original do mesmo J. T. Barreto, pintado a colla. Gravura a agua-forte.

*Allegoria mixta á entrada do exercito francez n'esta cidade*, desenho original do mesmo J. T. Barreto a aguadas de nankin.

*Planta topographica da Villa de Amarante*. Desenho de Antonio Joaquim.

*Vista de Amarante incendiada pelos francezes*. Idem.

*O 1.<sup>º</sup> conde de Amarante a cavallo, defendendo a passagem do Tamega contra o exercito de Soult*. Desenho do snr. João Baptista Ribeiro.

<sup>1</sup> *Necrologio assignado pelos snrs. João Baptista Ribeiro, e Manoel José Carneiro, (discípulos de Raymundo Joaquim da Costa, e o primeiro seu collega n'esta academia, o 2.<sup>º</sup> professor na portuense de bellas-artes), publicado no Diario Mercantil de 4 de junho de 1862.*

*Outro retrato do mesmo conde em sentido allegórico por ter acclamado em Villa-Real em 1808 os direitos da Casa de Bragança, e ter tomado aos franceses a praça de Chaves e o forte de S. Francisco.* Desenho do mesmo J. B. R.

*Retrato da snr.<sup>a</sup> Infante D. Izabel Maria.* Desenho a lapis de J. B. R.

*Nossa Senhora da Boa Nova.* Desenho a lapis, tirado pelo mesmo, da estatua de grandeza natural feita pelo distincto alumno da nossa academia João Joaquim Alves de Souza Allão para a fronteria da igreja dos Terceiros Franciscanos d'esta cidade.

*Allegoria mixta.* «*Espelho em que nos devemos considerar.*» Assumpto tirado do *Brado do pastor ás suas ovelhas* pelo Bispo de Cabo Verde. Desenho, de improviso, de J. B. R., em 1822. Não tem o nome do desenhador nem do gravador.

Escreveu um *tractado de perspectiva linear*, que não se imprimiu, mas servia de guia aos alumnos da sua aula <sup>1</sup>.

**Rodrigo Ribeiro de Souza Pinto.** Do conselho do S. M., commendador da ordem de Christo, socio da academia real das sciencias de Lisboa, e do Instituto de Coimbra. Filho de José de Souza

<sup>1</sup> Cit. Necrologio.

Ribeiro Pinto, ou, como diz o assento do baptismo, do dr. José de Souza Ribeiro, e de sua mulher D. Bernarda Maria Corrêa; neto paterno de Antonio de Souza e Margarida de Sá, e materno de Antonio Pinto de Rezende, e de Innocencia Maria Corrêa. Nasceu no logar de Fundoaes, freguezia de S. Miguel d'Oliveira do Douro (hoje do concelho de Sinfães, anteriormente do extinto de Ferreiros dos Tendaes, districto de Vizeu) em 24 de janeiro de 1811.

Frequentou n'esta academia os dous primeiros annos do curso mathematico.

O director d'este estabelecimento lendo mal a data do seu nascimento, entendeu que era de 1809, e admittiu-o á matricula em 1824, quando elle ainda não tinha os 14 annos exigidos pelos estatutos. Supriu o alumno com o seu talento o que lhe faltava em edade, e alcançou um premio em 1825. Passou então a cursar na universidade de Coimbra a facultade de mathematica, mas tendo-se fechado as aulas da universidade no lectivo de 1828 a 29, veio aproveitá-lo a esta academia, frequentando o 2.<sup>º</sup> mathematico, em que foi igualmente premiado.

Em 1831 teve esta academia a honra de o contar no numero dos seus professores, como substituto de mathematica por C. R. de 15 d'abril do dito anno. Infelizmente para este caso, os despachos d'esta época ficaram sem effeito desde 9 de julho

de 1832, e o snr. R. R. de Souza Pinto, abrindo-se de novo as aulas da universidade, ahi foi acabar o curso da facultade de mathematica, na qual tomou o grau de doutor em 31 de julho de 1836. Ao mesmo tempo frequentou n'aquelle estabelecimento a medicina e as cadeiras subsidiarias da philosophia natural, não passando todavia do 2.<sup>º</sup> anno medico, porque no mesmo anno de 1836, ainda antes do seu doutoramento, foi empregado na regencia da cadeira de calculo.

Ficou habilitado como opositor ao magisterio da sua facultade pelo decreto de 1 da setembro de 1836, e foi auctorizado pela port. 22 de maio 1837 a assistir aos actos. Parece que era por esse tempo substituto da cadeira de philosophia racional e moral no collegio das artes, logar que perdeu pela sua nomeação para substituto da facultade de mathematica em 1838 ou 39.

Pela C. R. 10 nov. 1840 foi nomeado para a 5.<sup>ª</sup> cadeira da mesma facultade (astronomia prática).

N'esta qualidade pertencia-lhe um dos dous logarcs de astronomo do observatorio de Coimbra, o 2.<sup>º</sup>, porque o 1.<sup>º</sup> competia ao lente da cadeira de mechanica celeste, que era mais antigo.

Presentemente é lente de prima jubilado, parece que desde 1868 e director do observatorio astronomico da universidade desde 1866. Os serviços que tem prestado a este estabelecimento, ao magisterio

e á sciencia, dão-lhe direito a um dos mais honrosos logares na historia das mathematicas em Portugal.

Escreveu :

*Curso completo de mathematicas puras por L. B. Francœur*, traduzido do francez por Francisco de Castro Freire e Rodrigo Ribeiro de Souza Pinto. Coimbra, Impr. da Univ. 1838-39, 8.<sup>o</sup> gr. 2 tomos. *Segunda edição correcta e consideravelmente augmentada*. Ibid. 1853 a 58. 8.<sup>o</sup> gr. 4 tomos. Ha uma 3.<sup>a</sup> ediç. de 1871, em volumes separados, da *geometria analytica*, e da *algebra*.

*Additamentos ás notas do calculo differencial e integral de Francœur*. Coimbra, Imp. da Univ. 1845. 4.<sup>o</sup> de 48 pag., opusculo que foi depois incorporado quasi todo na 2.<sup>a</sup> ediç. da obra antecedente.

*Calculo das ephemерides astronomicas*. Ibid. 1849. 4.<sup>o</sup> de 182 pag.

*Das refracções atmosphericas*. Lisb. Impr. Nac. 1850. 8.<sup>o</sup> gr. de 24 pag. e uma estampa.

*Breves reflexões sobre as parallaxes das estrelas, e sobre os instrumentos do observatorio de Coimbra*, no vol. 1 do *Instituto* (1853) pag. 45.

*Noticia sobre as variações da collimação do polo de um circulo moral de Fortin, achadas por Mr. Mauvais*, no 3.<sup>o</sup> vol. do *Inst.*, pag. 198.

*Complemento da geometria descriptiva de Fourcy*. Coimb. Impr. da Univ. 1853, 4.<sup>o</sup> de 100 pag.

*Noticia sobre um cometa que se observou em abril de 1854*, no vol. III do *Inst.*, pag. 3.

*Apontamentos de trigonometria espherica*, no cit. vol. do *Inst.*, pag. 130 e 185, e em separado. Coimbra, Impr. da Univ., 1854, 4.<sup>o</sup> gr. de 8 pag.

*Elementos de geometria de L. B. Francœur*, traduzida pelos lentes da fac. de mat. Francisco de Castro Freire e Rodrigo Ribeiro de Souza Pinto. Coimbra, Impr. da Univ., 1856.

*Apontamentos de optica*, 1856, 4.<sup>o</sup> gr. de 18 pag. com estampa.

*Nota sobre a carta de M. Wils Brown na qual se indica um novo metodo para o calculo das distancias lunares observadas no mar*, no vol. V do *Inst.* pag. 10.

*Noticia dos pequenos planetas descobertos em 1855 e 1856*, no cit. vol. do *Inst.*, pag. 158.

*Elementos de astronomia*. Primeira Parte. Coimbra, Impr. da Univ. 1858, 4.<sup>o</sup> de 218 pag. incluindo um supplemento de 1859, com estampas. Ha d'esta obra uma edição de 1873 em 2 vol. contendo a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> parte. N'uma advertencia por onde começa o 1.<sup>o</sup> vol. diz o A. que no meio do anno de 1866 estava impresso o mais essencial das duas primeiras partes d'esta obra, e da 3.<sup>a</sup> a theoria da lua, quando a urgencia d'outros trabalhos astronomicos o obrigou a interromper a impressão.

*Eclipse do sol em 15 de março de 1858*, no vol. iv do *Inst.*, pag. 22.

*Geometria elementar theorica e prática*, por Francisco de Castro Freire e Rodrigo Ribeiro de Souza Pinto. Coimbra, Impr. da Univ. 1859. Depois mais vezes reimpressa.

*Eclipse solar de 18 de julho de 1860. Memoria apresentada ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro do reino, pela comissão portugueza*. Ibid. 4.<sup>o</sup> de 39 pag.<sup>1</sup>

*Relatorio sobre a visita aos observatorios de Madrid, Paris, Bruxellas e Greenwich*. Coimbra. Ibid, 1861, 4.<sup>o</sup> de 31 pag. incluindo 1 innumerada.

*Observação do cometa de 1861*, no vol. x do *Inst.* pag. 204.

*Cometa em agosto de 1862* no vol. xi do *Inst.*, pag. 120.

*Posição geographica do observatorio astronomico da universidade de Coimbra*. Coimbra, Impr. da Univ., 1867.

<sup>1</sup> A comissão compunha-se dos snrs. Rodrigo Ribeiro de Souza Pinto, presidente, Jacintho Antonio de Souza, lenete da facultade de philosophia, e João Carlos de Brito Cappello, ajudante do observatorio meteorologico do Infante D. Luiz na escola polytechnica de Lisboa. A observação foi feita no Cabo de Oropesa (Hespanha) pela comissão portugueza e por outra comissão de astronomas hespanhoes.

*Taboas para a correção das passagens meridianas no observatorio astronomico da universidade e intervallos equatoriaes dos fios do reticulo do circular meridiano de Coimbra.* Ibid. 1867 e 1868.

*Additamento ao calculo dos eclipses.* Ibid. 1868.

*Nota sobre a parallaxe equatorial do sol e additamento a esta nota.* Ibid. 1869.

*Uso do instrumento de passagens pelo primeiro vertical, com as taboas dos angulos horarios e das distancias zenithaes nas passagens pelo primeiro vertical do observatorio astronomico da universidade de Coimbra.* Ibid. 1870 e 1871.

*Memoria sobre as refracções atmosfericas, apresentada á academia real das sciencias de Lisboa.* Feita em 1854.

**Sebastião Corvo de Andrade.** Filho de Francisco Maria de Andrade Corvo. Nasceu no Porto, não se sabe quando. Matriculou-se no 1.<sup>o</sup> anno da faculdade de philosophia em 1799, e doutorou-se na de mathematica em 12 de abril de 1807, com o nome de *Fr. Sebastião Corvo de S. Vicente*. Era então religioso da ordem de S. João de Deus; passou depois a freire professo da ordem militar de Christo, onde tomou o nome de *Sebastião Corvo de Andrade*, (foi o ultimo habitador do convento de Thomar em Coimbra). Este ultimo nome foi o de que sempre usou nos documentos da nossa academia. Foi aju-

dante do observatorio astronomico da universidade, onde fez bons serviços com o seu collega o dr. Luiz Fortunato ou Fr. Luiz do Coração de Maria. Era 3.<sup>o</sup> lente da facultade de mathematica da universidade de Coimbra, quando o snr. D. Miguel o nomeou para director da nossa academia pela carta regia de 3 de fev. 1832, logar que perdeu desde a entrada do snr. D. Pedro IV no Porto em 9 de julho do mesmo anno.

Segundo um boato, de que dá noticia o snr. Innocencio Francisco da Silva, o snr. Sebastião Corvo de Andrade havia seguido com entusiasmo as doutrinas liberaes, mas chegada a revolução de 24 de agosto de 1820 se despeitara por não ser chamado a fazer parte da junta Provisoria do Porto, como representante da universidade, sendo-lhe preferido o snr. Francisco de S. Luiz, com o que se transferiu o seu entusiasmo para o partido reaccionario, praticando pelo tempo adiante alguns excessos que provocaram a sua exclusão da universidade em 1834.

O snr. Sebastião Corvo d'Andrade regeu por alguns annos a cadeira do 1.<sup>o</sup> anno mathematico na Universidade, e por essa occasião imprimiu para uso dos seus alumnos os tres seguintes opusculos: *Nota sobre as propriedades das linhas trigonometricas*; *Nota sobre a dízima periodica com breves noções do metodo de exhaustão*; *Nota sobre o livro V de Euclides e particularmente sobre a definição V*; as quaes

notas foram todas impressas em 1825 na Impr. da Univ. e publicadas de novo no tom. VIII do *Instituto de Coimbra*. «N'ellas tratou o snr. Corvo de suprir algumas doutrinas que se achavam deficiente-  
temente tratadas na arithmetica e trigonometria de Bezout e a omissão do livro v de Euclides nas li-  
ções de geometria, patenteando com este seu tra-  
balo não só o seu zélo pelo ensino, mas tambem a  
perspicacia de engenho de que era dotado, juntando  
ainda aos seus profundos coahecimentos como ma-  
thematico, muita litteratura e erudição» <sup>1</sup>.

O snr. S. Corvo escreveu tambem um compen-  
dio para uso da aula de arithmetica, geometria e geo-  
graphia elementar no collegio das artes (lyceu de Coimbra), mas não chegou a ser impresso apezar do favoravel parecer da congregação de mathematica em 9 de março de 1827, a cujo exame fôra submet-  
tida esta obra pelo Av. Reg., 23 de agosto de 1826.

Falleceu o snr. Sebastião Corvo de Andrade na quinta da Carreira, freguezia de S. Miguel das Aves, concelho de Villa Nova de Famalicão, em 26 d'outubro de 1838 <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Snr. Francisco da Castro Freire, *Memor. historica da faculdade de mathematica*, Coimbra, Impr. da Univ. 1872, a pag. 55.

<sup>2</sup> Snr. Castro Freire, Mem. cit. pag. 186, corrigindo o que escrevera a pag. 55.

**Thomaz Danagan.** Substituto da cadeira de inglez por C. R. de 1 d'outubro de 1803. Falleceu em 1810.

---

A terceira parte d'esta memoria não pôde ser incluida no presente annuario.

## INDICE DAS MATERIAS

---

	Páginas
Épocas principaes da Academia Polytechnica do Porto	3
Kalendario . . . . .	5 a 20
Directoria e Secretaria . . . . .	21
Conselho academico . . . . .	23 a 25
Estabelecimentos pertencentes à Academia Polytechnica . . . . .	27
Jardim botanico . . . . .	29 e 30
Datas das nomeações, encartes e posses dos Lentes e mais empregados da Academia Polytechnica, e indicação das naturalidades e épocas dos nasci- mentos dos mesmos . . . . .	31 a 35
Cursos legaes da Academia Polytechnica . . . . .	37 a 43
Quadro da distribuição do tempo no curso preparato- rio para a Escola do Exercito . . . . .	44 e 45
Designação das cadeiras — nomes dos lentes regentes —dias e horas da regencia das Cadeiras . . . . .	46 a 49

	Paginas
Habilitações exigidas aos alumnos para a primeira matricula nos cursos da Academia Polytechnica.	50 a 52
Tabella dos emolumentos do Secretario da Academia Polytechnica e propinas de matriculas e das cartas de capacidade . . . . .	53
Livros que servem de texto nas aulas, no anno lectivo de 1877 a 1878 . . . . .	54 e 55
Alumnos matriculados na Academia no actual anno lectivo. . . . .	56 a 67
Alumnos premiados e distintos nas Cadeiras dos cursos da Academia, no anno lectivo de 1876 a 1877. . . . .	68 a 70
Obras offerecidas á Academia Polytechnica, durante o anno lectivo de 1876 a 1877 . . . . .	71 e 72
Obras adquiridas para a bibliotheca da Academia, durante o anno lectivo de 1876 a 1877 . . . . .	73 a 75
Publicações periodicas . . . . .	76
Mappa estatistico do movimento da Academia Polytechnica, no anno lectivo de 1876 a 1877 . . . . .	78 e 79
Individuos que obtiveram carta de capacidade em diferentes cursos da Academia desde a sua reforma em Polytechnica até ao ultimo anno lectivo . . . . .	80 a 83
Memoria historica da Academia Polytechnica do Porto	85
 I. Origens (1762—1803). . . . .	 87 a 119
Criação da repartição das fragatas de guerra no Porto, 87—Aula de nautica, 90—Aula de debuxo e desenho, 95—Noticia dos esta-	

## INDICE DAS MATERIAS

387

Paginas

estabelecimentos coevos e analogos á Academia Real da Marinha e commerceio do Porto, 108.

II. Academia Real da Marinha e Commerceio da cidade do Porto (1808—1887) . . . . . 121 a 233

Cursos da Academia, 123 a 149: Curso mathematico, 126—Cursos de pilotagem, 129—Curso de commerceio, 132—de desenho, 135—de agricultura, 140—das linguas franceza e ingleza, 144—de philosophia racional e moral, 146—cadeira de primeiras letras, 147—Inspecção, administração e direcção da academia da marinha e commerceio, 149 a 161: Inspecção da Junta da administração da Companhia geral da agricultura das vinhas do Alto-Douro, 149—Crenção do logar de vice-inspector, 150—Criação do cargo de director litterario, 153—Termo da intervenção da Junta inspetora nos negocios academicos, 157—Reforma, em 1836, do cargo de director, 157—Relação dos directores da academia n'este periodo, 158—Do magisterio na academia da marinha e commerceio, 161—Lista nominal dos professores de cada uma das aulas da academia da marinha e commerceio, seguindo, em relação a cada cadeira, a ordem chronologica dos despachos, 175—Disciplina academica, 181 a 205: a) Condições de admissão dos alumnos, 181—b) Matriculas, 183—c) Tempo lectivo e sua divisão, 184—d) Faltas litterarias, 188—e) Obrigações, faltas e penas disciplinares, 190—f) Premios e partidos, 192—g) Exames, 198—h) Cartas, 203—Estabelecimentos e meios prácticos de ensino, 205—Edificio: planta primitiva; sua importancia como documento jurídico, 210—Dota-

ção, 217—Secretaria, 227—Estatísticas de frequencia durante os annos lectivos de 1803-1804 a 1836-1837 (A-Matriculas), 290 —Idem (B-Exames), 232.	
<b>Lista alphabetica dos Lentes e Directores da Academia Real da Marinha e Commercio da Cidade do Porto . . . . .</b>	<b>234 a 334</b>

## ERRATAS E EXPLICAÇÕES

---

Pag.	Lin.	Lê-se	Lê-se
56	1. <sup>a</sup>	<i>na 1.<sup>a</sup> cadeira</i>	<i>na Academia</i>
66		Ajunte-se á 2. <sup>a</sup> classe que se acha designada na 7. <sup>a</sup> linha, o nome João Chrysostomo Lopes, natural da Cochoeira. (Brazil).	
68	6. <sup>a</sup>	Passos	Barros
89	9. <sup>a</sup>	Almeida	Almada
99	5. <sup>a</sup>	1761	1781
101	26. <sup>a</sup>	Cit. decr.	Cit. descrip.
110	16. <sup>a</sup>	e 12	sendo 12
137	26. <sup>a</sup>	com o	como
152	17. <sup>a</sup>	<i>Sine-curia</i>	<i>Sine-cura</i>
159	7. <sup>a</sup>	Corrêa	Côrvo
160	16. <sup>a</sup>	11	18
160	22. <sup>a</sup>	<i>Memoria historica da philosophia</i>	<i>Memoria historica da faculdade de philosophia</i>
181	5. <sup>a</sup>	Mac-Cartley	Mac-Carthy
225	16. <sup>a</sup>	em 1830	por C. R. 14 de junho de 1830
230		Os asteriscos na columna <i>Commercio</i> indicam que os alumnos eram do ultimo anno d'este curso, e não se matriculavam de novo, excepto alguns que pertenciam a cursos anteriores (adventícios). O curso de <i>commercio</i> em 1803 a 1804 começou pelo ensino da matematica (vej. pag. 134, nota 1).	
262	9. <sup>a</sup>	Estudando	estudado.



ANNUARIO

DA

ACADEMIA POLYTECHNICA

DO

**PORTO**

---

**ANNO LECTIVO DE 1878—1879**

(SEGUNDO ANNO)

---

**PORTO**  
TYPOGRAPHIA CENTRAL  
313, Rua do Bonjardim, 317

**1879**



ANNUARIO

DA

ACADEMIA POLYTECHNICA

DO

**PORTO**

---

**ANNO LECTIVO DE 1878—1879**

(SEGUNDO ANNO)

---

**PORTO**  
**TYPOGRAPHIA CENTRAL**  
313, Rua do Bomjardim, 317

**1879**



254



15-968

# ANNUARIO

DA

## ACADEMIA POLYTECHNICA

DO

**PORTO**



ANNO LECTIVO DE 1878—1879

(SEGUNDO ANNO)



• PORTO  
TYPOGRAPHIA CENTRAL  
313, Rua do Bomjardim, 317

1879



# ÉPOCAS PRINCIPAES

DA

## ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO

---

<b>Da criação da aula de nautica na cidade do Porto, primeira origem da Academia Polytechnica do Porto</b>	<b>117</b>
<b>Da fundação da Academia Real de Marinha e Commercio da cidade do Porto</b>	<b>76</b>
<b>Da reforma d'esta academia em Academia Polytechnica do Porto pelo Decreto de Manoel da Silva Passos, de 13 de janeiro de 1837.</b>	<b>42</b>



# KALENDARIO

**PARA O ANNO DE 1879**

---

## JANEIRO

---

1. Quart.
2. Quint. Criação em 1790 da Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho em Lisboa, antecessora da Escola do Exercito.
3. Sext.
4. Sab.
5. Dom.
6. Seg. **Acabam as férias do Natal.**
7. Terç.
8. Quart.
9. Quint.
10. Sext.
11. Sab. Criação da *Escola polytechnico* de Lisboa, em 1837, sucessora da Academia Real de Marinha de Lisboa, criada por carta de lei de 5 d'agosto de 1779.
12. Dom. Criação em 1897 da *Escola do Exercito* que sucedeu à Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho.
13. Seg. Reforma da antiga Academia real da marinha e commerceio em Academia Po-

lytechnica do Porto, por Manoel da Silva Passos, em 1887.

14. Terç.	
15. Quart.	
16. Quint.	
17. Sext.	
18. Sab.	
19. Dom.	
20. Seg.	
21. Terç.	
22. Quart.	
23. Quint.	
24. Sext.	
25. Sab.	
26. Dom.	
27. Seg.	
28. Terç.	Reorganização do ensino agricola em Hespanha em 1869, com a criação da <i>Escola geral de Agricultura</i> , estabelecida em Madrid, na granja denominada <i>La Florida</i> . Regulamento de 16 de novembro de 1871.
29. Quart.	
30. Quint.	
31. Sext.	

---



---

## FEVEREIRO

---

1. Sab.	
2. Dom.	
3. Seg.	
4. Terç.	Sessão ordinaria do Conselho Academico para o fim especial de abonação de faltas e julgamento das contas do mes anterior.
5. Quart.	
6. Quint.	
7. Sext.	

8. Sab.

9. Dom. Promulgação do Alvará que em 1803 conferiu à Junta da administração da *Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto-Douro* a inspecção, administração e direcção da *Academia real da marinha e commercio do Porto*.

10. Seg.

11. Terç. Posse solemne, em 1818, do cargo de Director litterario da Academia real da marinha e commercio do Porto, dada ao doutor Joaquim Navarro d'Andrade, 1.º Director litterario da Academia.

12. Quart.

13. Quint.

14. Sext.

15. Sab.

16. Dom.

17. Seg. Abertura da Aula publica de Debuxo e Desenho, no Collegio dos Meninos Orphãos do Porto, em 1780, uma das origens d'esta Academia.

18. Terç.

19. Quart.

20. Quint. Confirmação pelo Imperador Frederico III da Universidade de Tübingen, em 1484.

21. Sext.

22. Sab.

23. Dom.

24. Seg. **Período.**

25. Terç. **Período.**

26. Quarta-feira de Cinza. **Período.**

27. Quint.

28. Sext. Fundação da Universidade de *Alcalá de Henares* (Hespanha) pelo cardeal Cisneros, em 1498.

ANNUARIO DA ACADEMIA

MARCO

1. Sab. Instalação official da Academia Poly-  
technica do Porto em 1837.  
2. Dom.  
3. Seg.  
4. Terç. Sessão ordinaria do Conselho Academico.  
5. Quart.  
6. Quint.  
7. Sext.  
8. Sab.  
9. Dom.  
10. Seg.  
11. Terç.  
12. Quart.  
13. Quint.  
14. Sext.  
15. Sab.  
16. Dom.  
17. Seg.  
18. Terç.  
19. Quart. Abertura solemne do Real Collegio dos Nobres em  
1766, creado por carta de lei de 7 de março de 1761;  
existiu até ao principio do anno de 1837.  
20. Quint.  
21. Sext.  
22. Sab.  
23. Dom.  
24. Seg.  
25. Terç.  Feriado.  
26. Quart.  
27. Quint.  
28. Sext.  
29. Sab.  
30. Dom.  
31. Seg.

**ABRIL**

1. Terç. Estabelecimento, em 1796, do Plano d'estudos da Academia dos Guardas Marinhas em Lisboa, extinta em 23 d'abril de 1845.

2. Quart.

3. Quint.

4. Sext. Sessão ordinaria do Conselho Academico.

5. Sab.

6. Dom.

7. Seg. Começam as ferias de Paschoa.

8. Terç.

9. Quart.

10. Quint.

11. Sext.

12. Sab.

13. Domingo de Paschoa.

14. Seg. Abertura solemne da Universidade de Grax, em 1586.

15. Terç.

16. Quart.

17. Quint.

18. Sext.

19. Sab.

20. Domingo de Paschoela. Acabam as ferias de Paschoa.

Trasladação para Madrid da «Escóla de Engenheiros de Minas» por Decreto de 1835; começou em exercício, em 13 de março de 1778. E' actualmente regida pelo D. regulamentar de 24 de outubro de 1870: a duração do curso é de 4 anos.

21. Seg.

22. Terç.

23. Quart. Criação, em 1845, da Escóla Naval, organizada pela Carta de Lei, com os Lentes e Estabelecimentos da Academia dos Guardas Marinhas, ao mesmo tempo

extincta, e com o Lente da cadeira de Navegação da exticta Academia de Marinha.

- 24. Quint.
- 25. Sext.
- 26. Sab.
- 27. Dom.
- 28. Seg.
- 29. Terç.
- 30. Quart.

---



---

## MAIO

---

- 1. Quint.
- 2. Sext.
- 3. Sab.
- 4. Dom.
- 5. Seg. Sessão ordinaria do Conselho Academico. — D. que reorganisou em Madrid, em 1871, a Escola de Artes e Oficios, no Conservatorio de Artes, o qual desde a sua fundação, em agosto de 1824, comprehende tambem a Escola de Commercio.
- 6. Terç.
- 7. Quart.
- 8. Quint.
- 9. Sext.
- 10. Sab.
- 11. Dom.
- 12. Seg.
- 13. Terç.
- 14. Quart.
- 15. Quint.
- 16. Sext. Inauguração da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 1680.
- 17. Sab.
- 18. Dom. Alvará da creaçao do Real Collegio Militar, em 1816.

19. Seg. Transformação da Academia dos Guardas Marinhas em Escola Naval, em 1845. — Alvará de confirmação em 1759 dos Estatutos da Aula de Commercio em Lisboa, fundada em 1756.

20. Terç.

21. Quart.

22. Quint. **☒ Feriado.**

23. Sext.

24. Sab.

25. Dom.

26. Seg.

27. Terç.

28. Quart.

29. Quint.

30. Sext.

31. Sab.

---

## JUNHO

---

1. Dom.

2. Seg. Decreto que, em 1873, regulamentou n'esta Academia o curso preparatorio para a Escola do Exercito (armas especiaes e estado maior).

3. Terç.

4. Quart. Sessão ordinaria do Conselho Academico.

5. Quint.

6. Sext.

7. Sab.

8. Dom. Criação em Lisboa do *Curso superior de letras*, em 1859.

9. Seg.

10. Terç.

11. Quart.

12. Quint. **☒** **Corpo de Deus. Feriado.**  
 13. Sext.  
 14. Sab.  
 15. Dom.  
 16. Seg.  
 17. Terç.  
 18. Quart.  
 19. Quint.  
 20. Sext. **☒** **Feriado.**  
 21. Sab.  
 22. Dom.  
 23. Seg.  
 24. Terç. **☒** **Feriado.**  
 25. Quart. Promulgação do Alvará que, em 1825, estabeleceu  
 um Curso de Cirurgia em Escólas regulares, funda-  
 das no Hospital Real de S. José de Lisboa e no  
 Hospital da Misericordia do Porto.  
 26. Quint.  
 27. Sext.  
 28. Sab.  
 29. Dom.  
 30. Seg.

---



---

## JULHO

---

1. Terç.  
 2. Quart.  
 3. Quint.  
 4. Sext. Sessão ordinaria do Conselho Academico.  
 5. Sab.  
 6. Dom.  
 7. Seg.  
 8. Terç.  
 9. Quart.  
 10. Quint.

11. Sext.  
 12. Sab.  
 13. Dom.  
 14. Seg.  
 15. Terç.  
 16. Quart.  
 17. Quint.  
 18. Sext.  
 19. Sab. Constituição definitiva, em 1757, da celebre academia litteraria, *Arcadia de Lisboa*, que durou até 1768.  
 20. Dom.  
 21. Seg.  
 22. Terç.  
 23. Quart.  
 24. Quint.  
 25. Sext.  
 26. Sab. Inauguração, em 1508, da Universidade de *Alcalá de Henares* (Hespanha) com a denominação de *Colégio mayor de San Ildefonso*.  
 27. Dom.  
 28. Seg.  
 29. Terç. Promulgação do Alvará que em 1808 aprovou os Estatutos da Academia Real da marinha e commerceio do Porto.  
 30. Quart. Promulgação do Decreto que fundou a Aula de nautica no Porto, primeira origem d'esta Academia, em 1762.—Sessão ordinaria do Conselho Academico de encerramento do anno lectivo, cujo fim especial é: a conferencia de premios aos alumnos—distribuição da doação academica—feitura do horario das aulas—escolha dos compendios.  
 31. Quint. Anniversario do juramento da Carta Constitucional.  
 Período.  
 Termina o anno lectivo.

## AGOSTO

1. Sext. Começam as ferias grandes.
2. Sab.
3. Dom.
4. Seg.
5. Terç. Criação, em 1779, da Academia Real de Marinha de Lisboa, mais tarde Escola Polytechnica.
6. Quart.
7. Quint.
8. Sext.
9. Sab.
10. Dom. Fundação da Universidade de Berlin, em 1809, por Frederico Guilherme III.
11. Seg.
12. Terç.
13. Quart.
14. Quint.
15. Sext.
16. Sab. Promulgação do Alvará que em 1825 reformou a Academia Real da Marinha e Commercio da Cidade do Porto.
17. Dom. Inauguração da Universidade de Königsberg, em 1544.
18. Seg. Transferencia da Universidade Catholica Leopoldina para Breslau, por Frederico Guilherme III, em 1811.
19. Terç.
20. Quart.
21. Quint.
22. Sext.
23. Sab. Alvará que em 1781 creou em Lisboa uma aula pública de Desenho.
24. Dom.
25. Seg.
26. Terç.
27. Quart. Criação, em 1817, do logar de Dire-

ctor Litterario da Academia Real da marinha e commercio da cidade do Porto.

28. Quint. Promulgação da *Carta de roboração dos Estatutos (novos) da Universidade de Coimbra*, dada por El-Rei D. José, em 1772.—Transformação, em 1850, da Universidade de Madrid em *Universidade Central*.

29. Sext.

30. Sab.

31. Dom.

## SETEMBRO

1. Seg. Transformação da *Escola Central das Obras públicas* de França em *Escola polytechnica*, em 1795.

2. Terç.

3. Quart.

4. Quint.

5. Sext.

6. Sab.

7. Dom.

8. Seg.

9. Terç. Nomeação, em 1817, do 1.º Director litterario da Academia Real da marinha e commercio do Porto, Joaquim Navarro de Andrade.

10. Quart. Promulgação do Decreto que creou a *Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto-Douro*, em 1756, administradora da Academia Real da marinha e commercio do Porto.

11. Quint.

12. Sext.

13. Sab.

14. Dom.

15. Seg.  
 16. Terç.  
 17. Quart. Inauguração da Universidade de Göttingen, em 1737.  
 18. Quint.  
 19. Sext.  
 20. Sab. Supressão em 1844 da cadeira de Artilharia e Táctica Naval, n'esta Academia.  
 21. Dom. Abertura solemne da Universidade de Oviedo (Hespanha) em 1608. — Instalação solemne da Universidade de Santiago (Hespanha) no edifício do Colégio dos Jesuítas d'esta cidade, em 1769.  
 22. Seg.  
 23. Terç. Criação da Escola de Architectura de Madrid, em 1845. Reorganisada em 1850, foi considerada de instrução superior sob a dependência da Universidade Central pela lei de 9 de setembro de 1857.  
 24. Quart.  
 25. Quint.  
 26. Sext.  
 27. Sab. Reorganização, em 1835, das Universidades de Gand e de Liège, fundadas em 1816.  
 28. Dom. Organização da actual *Escola polytechnica de França* com a denominação de Escola Central das Obras públicas (*École centrale des travaux publics*) em 1794.  
 29. Seg.  
 30. Terç. Terminam as férias grandes.

---

## OUTUBRO

---

1. Quart. Começa o anno lectivo.
2. Quint.
3. Sext.
4. Sab.

5. Dom.  
 6. Seg.  
 7. Terç. Criação em 1857 da *Escuela superior de Pintura y Escultura*, de Hespanha, que o D. de 5 de maio de 1871 reformou com a denominação de *Escuela especial de Pintura, Escultura y Grabado*.

8. Quart.  
 9. Quint.  
 10. Sext. Abertura solemne da Universidade de Berlin, em 1810.

11. Sab.  
 12. Dom.  
 13. Seg.  
 14. Terç.  
 15. Quart.  
 16. Quint. Anniversario natalicio de S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia. *Feriado*.

17. Sext. Fundação da Universidade de Greifswald, em 1456.

18. Sab. Fundação da Universidade de Bonn, em 1818, e da de Wittemberg, em 1502, que foi reunida á de Halle, em 1817.

19. Dom.  
 20. Seg.  
 21. Terç.  
 22. Quart.  
 23. Quint. Portaria que, em 1834, commette á Academia Real das Sciencias de Lisboa a administração do legado do benemerito fr. José Mayne, destinado á instituição de *uma cadeira de historia natural applicada á demonstração dos attributos de Deus*.

24. Sext. D. Regulamentar que, em 1870, regulou em Hespanha, entre outras Escolas, a «*Escuela de Ingenieros de Caminos, Canales y Puertos*». Aberta em 1803, funcionou até 1814; reaberta em 1820, funcionou até 1823; e novamente aberta em 1834, continuou a funcionar até ao presente.

25. Sab. Criação, em 1886, da Academia de Bellas-Artes de Lisboa.

26. Dom.  
 27. Seg.  
 28. Terç.

29. Quart. Anniversario natalicio d'El-Rei o Senhor D. Fernando. **Periado.** — Trasladação, em 1836, para Madrid do *Colegio mayor de San Ildefonso*, que primitivamente era a Universidade de *Alcalá de Henares*.

30. Quint. Anniversario natalicio d'El-Rei o Senhor D. Luiz I. **Periado.**

31. Sext.

---



---

## NOVEMBRO

---

1. Sab. **☒ Periado.**

2. Dom.

3. Seg.

4. Terç. Commemoração dos Fieis Defuntos.  
Inauguração da *Academia real da marinha e commercio do Porto*, em 1808, na Igreja do Collegio dos Orphãos. — Inauguração em Malines, em 1884, da Universidade Catholica de Louvain. — Inauguração, em 1875, da nova Escola real Polytechnica da Saxonia em Dresden (Königlich Sächsische Polytechnikum, zu Dresden).

5. Quart.

6. Quint.

7. Sext.

8. Sab.

9. Dom.

10. Seg.

11. Terç.

12. Quart.

13. Quint.

14. Sext.

15. Sab.

16. Dom.

17. Seg.

18. Terç. Creação definitiva da *Escuela de Ingenieros de Mon-*

tes por D. de 18 de novembro de 1846; novamente reformada por D. com força de lei de 23 d'outubro de 1868; transladada de Villaviciosa de Odon para o Escorial por D. de 25 d'outubro de 1869. E actualmente regida pelo Regulamento de 24 d'outubro de 1870: a duração do curso é de 3 annos.

19. Quart. 20. Quint. Inauguração da Universidade livre de Bruxellas, em 1834.

21. Sext. 22. Sab. Criação, em 1836, da Academia Portuense das Bellas Artes.

23. Dom. 24. Seg.

25. Terç.

26. Quart.

27. Quint. Promulgação do Decreto que fundou a aula de *debuxo e desenho* na cidade do Porto, uma das origens d'esta Academia, em 1779.

28. Sext. 29. Sab.

30. Dom.

## DEZEMBRO

1. Seg. Instalação em Louvain da Universidade Catholica, em 1835.

2. Terç. Abertura solemne da Universidade real da Saxonia, em 1409.

3. Quart.

4. Quint.

5. Sext.

6. Sab.

7. Dom.

8. Seg. ~~8~~ **Feriado.** — Promulgação do Decreto que em 1720 creou a Academia real da Historia Portugueza, que poucos annos durou.

9. Terç.

10. Quart.

11. Quint.

12. Sext.

13. Sab.

14. Dom. Creação, em 1869, da Junta Consultiva de Instrucção Publica que sucedeu ao Conselho Geral de Instrucção Publica (C. L. de 7 de junho de 1859), cujos antecedentes foram: Conselho superior de Instrucção Publica (D. de 20 de setembro de 1844) — Conselho Geral Director do ensino primario e secundario (D. de 15 de dezembro de 1836) — Junta da Directoria Geral dos Estudos e Escólas d'estes Reinos (anno de 1794).

15. Seg.

16. Terç. Creação, em 1852, do *Instituto agricola* de Lisboa, que sucedeu, com amplificação de ensino, á *Escola militar Veterinaria*, creada por Alvará de 29 de março de 1830.

17. Quart.

18. Quint.

19. Sext.

20. Sab.

21. Dom.

22. Seg.

23. Terç.

24. Quart. **Começam as ferias do Natal.** — Reorganização da Escóla do Exercito, em 1863.

25. Quint. Natal.

26. Sext. Nova organisação, em 1868, da Escóla Naval.

27. Sab.

28. Dom.

29. Seg. Reforma das Escólas de Cirurgia de Lisboa e Porto em Escólas Médico-Cirúrgicas, em 1836.

30. Terç. Promulgação do Decreto que, em 1852, creou as escólas de ensino industrial no paiz: Instituto industrial de Lisboa e Escóla industrial dº Porto.

31. Quart.

## DIRECTORIA E SECRETARIA

---

### Director

**Adriano de Abreu Cardoso Machado**, do Conselho de Sua Magestade, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, lente proprietario da Academia Polytechnica, outr'ora lente da facultade de direito na Universidade de Coimbra, e depois director geral de instrucção publica no ministerio do reino, fiscal do extinto conselho superior de instrucção publica, commissario dos estudos e reitor do lyceu nacional do Porto, deputado ás Côrtes.

Rua do Príncipe, 3.

### Secretario (interino)

**Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva Albuquerque**, engenheiro civil, lente proprietario da Academia Polytechnica, outr'ora professor de mathematica elementar do lyceu nacional do Porto, e secretario do mesmo lyceu.

Rua dos Fogueteiros, 1.

### Guarda-mór

**Joaquim Filipe Coelho.**  
Foz, Monte-Bello, 79.

### Guardas subalternos

**Simão José Caetano Moreira.**  
Bomjardim, 398.

**Daniel Leão da Cunha Lima.**  
Monte da Lapa, 25.

**José Pinheiro Barboza d'Aguiar.**  
Monte dos Judeus.



## CONSELHO ACADEMICO

---

### Presidente do Conselho

Conselheiro Adriano de Abreu Cardoso Machado, director.

### Secção de mathematica

Pedro de Amorim Viana, bacharel formado em mathematica pela Universidade de Coimbra, lente proprietario da 2.<sup>a</sup> cadeira, outr'ora professor da cadeira de logica do lyceu nacional de Lisboa, presidente da secção.

Restauração, 75.

Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa, engenheiro civil, lente proprietario da 5.<sup>a</sup> cadeira.

Principe, 156.

Antonio Pinto Magalhães Aguiar, doutor em mathematica e bacharel formado em philosophia pela Universidade de Coimbra, lente proprietario da 3.<sup>a</sup> cadeira, ex-ajudante do observatorio astronomico de Coimbra e ex-deputado ás Côrtes.

Almada, 332.

José Pereira da Costa Cardoso, doutor em mathematica e bacharel formado em philosophia pela Universidade de Coimbra, lente proprietario da 13.<sup>a</sup> cadeira, ex-ajudante do observatorio astronomico de Coimbra, antigo lente da mesma Universidade, outr'ora commissario dos estudos e reitor do lycée nacional do Porto.

Rosario, 113.

Joaquim d'Azevedo Sousa Vieira da Silva Albuquerque, engenheiro civil, lente proprietario da 1.<sup>a</sup> cadeira.

Fogueteiros, 1.

**Substituto da secção**

**Rodrigo de Mello e Castro de Aboim, engenheiro civil.**  
Cedofeita, 237.

**Secção de desenho**

**Francisco da Silva Cardoso, lente proprietario da 4.<sup>a</sup> cadeira,**  
presidente da secção.  
Alegria, 341.

**Substituto**

**Guilherme Antonio Corrêa.**  
S. Victor, 27.

**Secção de commercio**

**Conselheiro Adriano de Abreu Cardoso Machado, doutor em direito**  
pela Universidade de Coimbra, lente proprietario da  
12.<sup>a</sup> cadeira, presidente da secção.  
Principe, 3.

**José Joaquim Rodrigues de Freitas, engenheiro civil, lente proprietario da 11.<sup>a</sup> cadeira, e deputado ás Côrtes.**  
Cedofeita, 680.

**Substituto da secção**

**Antonio Alexandre Oliveira Lobo, bacharel formado em direito**  
pela Universidade de Coimbra.  
Principe, 58.

**Secção de philosophia**

**José de Parada e Silva Leitão, bacharel formado em philosophia**  
e mathematica pela Universidade de Coimbra, major graduado  
d'infanteria, commendador da ordem de Christo; condecorado  
com a medalha n.<sup>o</sup> 7 das campanhas da liberdade, lente  
proprietario da 8.<sup>a</sup> cadeira, presidente da secção.  
Boa-vista, 406.

Arnaldo Anselmo Ferreira Braga, bacharel formado em medicina e em philosophia pela Universidade de Coimbra, lente proprietario da 7.<sup>a</sup> cadeira.  
Breyner, 104.

Francisco de Salles Gomes Cardoso, cavalleiro da Torre e Espada e Aviz, e condecorado com a medalha n.<sup>o</sup> 2 dos senhores D. Pedro e D. Maria, doutor em philosophia e bacharel em mathematica pela Universidade de Coimbra, capitão de fragata addido ao quadro, lente proprietario da 10.<sup>a</sup> cadeira.  
Mattosinhos, rua Direita, 20.

Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão, doutor em philosophia e bacharel em mathematica pela Universidade de Coimbra, socio do Instituto da meama cidade, lente proprietario da 9.<sup>a</sup> cadeira.

Quinta de Campo Bello (Gaya).

#### Substituto da secção

Antonio Joaquim Ferreira da Silva, bacharel formado em philosophia pela Universidade de Coimbra.  
Almada, 332.



## ESTABELECIMENTOS PERTENCENTES Á ACADEMIA POLYTECHNICA

---

### Bibliotheca

Bibliothecario (vago) — Serve interinamente João José Monteiro.  
Campo de Santo Ovidio, 14.

### Gabinete de historia natural

Director — O lente da 7.<sup>a</sup> cadeira, Arnaldo Anselmo Ferreira  
Braga.

### Gabinete de physica

Director — O lente regente da 8.<sup>a</sup> cadeira, doutor Adriano de  
Paiva de Faria Leite Brandão.

### Laboratorio chimico

Director — O lente regente da 9.<sup>a</sup> cadeira, Antonio Joaquim Fer-  
reira da Silva.

Guarda do laboratorio (vago) — Serve interinamente Domingos  
Gomes da Cruz.

Rua 9 de Julho.

### Jardim botanico

Director — O lente da 10.<sup>a</sup> cadeira, doutor Francisco de Salles  
Gomes Cardoso.

Primeiro official do jardim (vago) — Serve interinamente Joa-  
quim Casimiro Barboza.  
Massarellos, 43.

### Gabinete de instrumentos de mathematica

Director — O lente regente da 5.<sup>a</sup> cadeira, doutor Antonio Pinto  
Magalhães Aguiar.

Guarda — O guarda-mór, Joaquim Filipe Coelho.

### Gabinete da aula de desenho

A cargo do lente da 4.<sup>a</sup> cadeira, Francisco da Silva Cardoso.



## BIBLIOTHECA

---

Está n'uma sala situada na face voltada ao nascente do edificio da Academia. E', por emquanto, privativa dos Lentes, e dos Estudantes com licença da Directoria.

No anno de 1860 possuia 1:978 obras em 5:171 volumes distribuidos por varias sciencias, pela seguinte forma :

	Obras	Volumes
Historia e suas dependencias . . . . .	1:022	2:657
Mathematicas . . . . .	400	670
Philosophia . . . . .	293	827
Commercio . . . . .	125	223
Litteratura, Encyclopedias, &c. . . . .	98	787
Desenho e Architectura . . . . .	40	57
 Total. . . . .	 1:978	 5:171

Actualmente possue cerca de 2:800 obras em 8:800 volumes, incluindo-se n'este numero 1:270 folhetos.

### Obras offerecidas á Bibliotheca durante o anno findo

Annuario da Universidade de Coimbra, 1877-1878. Coimbra 1877.  
Ephemerides astronomicas da Universidade de Coimbra para o anno de 1879. Coimbra 1877.

Observações meteorologicas e magneticas feitas no Observatorio meteorologico e magnetico da Universidade de Coimbra. 1877.

*Annaes do Observatorio do Infante D. Luiz : — Resumo das principaes observações meteorologicas executadas durante o periodo de 20 annos, desde 1856 a 1875.* Lisboa 1877.

— *Primeiro e segundo semestre de 1876. Volume XIV.* Lisboa 1877.

*Suplemento à collecção dos Tratados, convenções, contractos e actos publicos celebrados entre a corôa de Portugal e as mais potencias, desde 1640 — coordenados pelo visconde de Borges de Castro, e continuação por Julio Firmino Júdice Biker :*

— *Tomo IV do supplemento e XII da collecção.* Lisboa 1877.

— *Tomo XIII.* Lisboa 1878.

*Discurso inaugural proferido na sessão solemne da abertura das aulas do Instituto geral de agricultura no anno lectivo de 1877-1878, por J.º Ignacio Ferreira Lapa.* Lisboa 1877.

*Estudos prehistoricos em Portugal : Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos — memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa (com a traducção em frances) por Carlos Ribeiro.* Lisboa 1878.

*Fábrico das bôcas de fogo de bronze e dos projecteis por Agostinho Maria Cardoso, 2 vol.* Lisboa 1878.

*Formulas para a avaliação da superficie e da capacidade das abobadas de barrete de clérigo e de aresta, por Godofredo Edmundo Alegro.* Lisboa 1878.

— *Relatorio apresentado á Junta Geral do districto de Braga na sessão ordinaria em 19 de maio de 1877, pelo Governador Civil Marquez de Vallada.*

*Bibliotheca modelos de eloquencia — Vol. I : Discursos parlamentares de Emilio Castelar, traducção de L. M. Prado d'Azevedo.* Porto 1878.

— *Vol. II : Discursos parlamentares dos principaes oradores*

portuguesas das Constituintes de 1821, editados por L. M. Prado d'Azevedo. Porto 1878.

Université libre de Bruxelles' Année académique 1877-78. Discours d'ouverture prononcés en séance publique le 14 octobre 1878 par M. Van-Schoor, Administrateur-Inspecteur et M. Pigeolet, Recteur.

Annual report of the board of regents of the Smithsonian Institution, showing the operations, expenditures, and condition of the Institution for the year 1875. Washington: Gouvernement printing office — 1876.

Report of the Council of the Zoological Society of London, for the year 1877. Read at the annual general meeting, April 29 1878. London 1878.

Catalogue of the plants under cultivation in the Gouvernement botanic garden, Adelaide, South Australia — Richard Schomburgk, Dr. Phil., Director — Adelaide: 1878.

List of publications of the Smithsonian Institution, July, 1877. Washington.

Obras oferecidas pela Universidade Real de Noruega, em Christiania:

Sophus Lie — Allgemeine Theorie partieller Differential-Gleichungen I.O. — 1874.

- » — Allgemeine Theorie partielle Differential-Gleichungen I.O. — II. 1875.
- » — Partielle Differential-Gleichungen I.O., in denen die unbekannte Funktion explicite vorkommt. 1873.
- » — Neue Integrations-Methode eines 2n-gliedrigen Pfaffischen Problems. 1873.
- » — I. Zur Theorie des Integrabilitätsfaktors.

II. Veralgemeinerung und neue Verswerthung  
der Jacobischen Multiplicator — Theorie. 1874.

Suphus Lie — Discussion aller Integrations — Methoden der par-  
tiellen Differential — Gleichungen 1.0. 1875.

C. M. Guldberg — Bemærkninger om Formelen for Höidemaa-  
ling med Barometer. 1872.

• — Bidrag til Theorien for Dissociationem. 1872.

Dr. A. S. Guldberg — Om Ligningen af 5te Grad. 1869.

• — Om Ligningen af 8<sup>de</sup> Grad. 1871.

Hans H. Reusch — En Hule paa Gaarden Njöe, Leganger Pres-  
tegjeld i Bergens Stift. 1874.

O. Pihl (Ingenieur) — Om Attractionen mellem to Cirkelflader.  
1875.

L. Sylow — Om den Gruppe af Substitutioner, der tilhører Li-  
gningen for Division af Perioderne ved de elliptiske Fun-  
ktioner. 1871.

J. J. Astrand — Geodætisk Bestemmelse af Bergens Observa-  
toriums geografiske Beliggenhed. Christiania 1874.

Norwegian Special Catalogue for the international exhibition at  
Philadelphia. Christiania 1876.

H. Siebke (defuncto) — *Enumeratio insectorum norvegicorum.*  
Fasciculum II  
Catalogum Coleopterorum Continens. Christiania  
1875.

• — *Enumeratio insectorum norvegicorum.*  
Fasciculum III  
Catalogum lepidopterorum continentem. Edidit J.  
Sparre Schneider. Christiania 1876.

H. Siebke — *Enumeratio insectorum norvegicorum.*

Fasciculum I-IV.

*Catalogum dipterorum continentem. Edidit J. Sparre Schneider. Christianæ 1877.*

— *Enumeratio insectorum norvegicorum.*

Fasciculum IV.

*Catalogum dipterorum continentem. Edidit J. Sparre Schneider. Christianæ 1877.*

Robert Collett — *Norges Fiske, med Bemerkninger om deres Udbredelse.* Christianæ 1875.

G. O. Sars — *Carcinologiske Bidrag til Norges Fauna.*

I. *Monographi over de ved Norges Kyster Forekommende Mysider. Første Heft med 5 lithographerede Plancher.* Christianæ 1870.

— *Carcinologiske Bidrag til Norges Fauna.*

I. *Monographi over de ved Norges Kyster Forekommende Mysider. Andet Heft, med 8 lithographerede Plancher.* Christianæ 1872.

George Ossian Sars — *On some remarkable forms of animal life from the great deeps of the norwegian Coast.*

II. *Researches on the structure and affinity of the genus Brisinga, based on the study of a new Species: Brisinga Coronata. With 4 copper plates and 8 autographic plates.* Christianæ 1875.

H. C. Printz — *Die Blützeit im Kirchspiele West-Slidre.* Christianæ 1875.

C. de Seue — *Windrosen des südlichen Norwegens. Mit der Goldmedaille König Carls XV belohnte Abhandlung. — Universitätsprogram für das erste Semester 1876, herausgegeben von H. Mohn, mit 40 lithographirten Tafeln.* Kristiania 1876.

**Obras adquiridas para a biblioteca da  
Academia, durante o anno lectivo  
de 1877-1878**

**Mathematicas**

Sturm — Cours d'Analyse. 2 vol.

Yvon Villarceau — Nouvelle navigation astronomique — 1877.

Dostor — Eléments de la théorie des déterminants — 1877.

Brunnow — Astronomie sphérique — 1869.

A. de Saint-Germain — Recueil d'exercices sur la Mécanique rationnelle — 1877.

Laplace — Œuvres complètes, publiées par les secrétaires perpétuels de l'Académie des sciences — 1878. Tome 1.<sup>er</sup> et 2.<sup>er</sup>.

Cremona — Eléments de géométrie projective 1.<sup>er</sup> partie — 1875.

Biot — Traité élémentaire d'Astronomie physique, 3.<sup>er</sup> éd. Tome 5.<sup>o</sup>

Laboulaye — Traité de Cinématique.

Emile Mathieu — Dynamique analytique — 1878.

Adhemar — Traité pratique de la construction des transways, chemins de fer à chevaux et dits de fer américains.

Dupuit — Traité de l'équilibre des voûtes et de la construction des ponts en maçonnerie — 1870.

Girardin — Moteurs hydrauliques — 1872. 2 vol.

Dormoy — Théorie mathématique des assurances sur la vie — 1878.

Debauve — Manuel de l'ingénieur des ponts et chaussée, 1871-1876.

Collignon — Cours de mécanique appliquée aux constructions: 1870-1877. 2 vol.

Frenet — Recueil d'exercices sur le calcul infinitésimal — 3.<sup>o</sup> éd. 1878.

Duhamel — Éléments du calcul infinitésimal, 3.<sup>o</sup> éd. 1874-1875. 2 vol.

Delaunay — Traité de mécanique rationnelle, 5.<sup>o</sup> éd. 1873.

Aoust — Analyse infinitésimale des courbes dans l'espace, 1876.  
 Aoust — Analyse infinitésimale des courbes tracées sur une surface quelconque — 1869.  
 Flammarion — Histoire du Ciel, 1872.  
 A. Angot et C. André — L'Astronomie pratique et les observatoires en Europe et en Amérique, 3.<sup>e</sup> partie (Etats-Unis d'Amérique) 1877.  
 Leonce Reynaud — Les travaux publics de la France, 21.<sup>e</sup> à 30.<sup>e</sup> livraisons.  
 Revista das obras publicas e minas, anno de 1877.  
 Hippolyte Charlon — Théorie mathématique des opérations financières, 2.<sup>e</sup> éd. 1878.  
 Krantz — Étude sur les murs réservoirs, 1870.  
 Rayet — L'Astronomie pratique et les observatoires en Europe et en Amérique, 1878.

### Philosophia

Herbert Spencer — Essais de morale, de science, et d'Esthétique. — I. Essais sur le Progrès, traduit de l'anglais par A. Burdeau. 1877.  
 Paul Broca — Mémoires d'anthropologie zoologique et biologique, 1877.  
 Wurtz — Dictionnaire de chimie — fasc. 24.<sup>e</sup>  
 Revue des cours scientifiques, (collecção completa de 1864-70).  
 Agenda du Chimiste, 1877.  
 Cauvel — Nouveaux éléments d'histoire naturelle médicale, 1877.  
 2 vol.  
 Grimaux — Chimie organique élémentaire, 1878.  
 Péclat — Traité de la Chaleur. 5.<sup>e</sup> éd. 2 vol. et atlas.  
 Dumas — Leçons sur la philosophie chimique, 2.<sup>e</sup> éd. 1878.  
 Fleurens — Eloge historique, 1866-62. 3 vol.  
 Lange — Histoire du matérialisme, traduit de l'Allemand par Pommerol, 1877. Tome 1.<sup>e</sup>  
 Gavarret — Phénomènes physiques de la phonation et l'audition, 1877.  
 Pasteur — Études sur le vinaigre.

Rivot — Docimacie : Traité d'analyse minérale à l'usage des ingénieurs des mines, 1861-1866, 4 vol.

Darwin — Les récifs de corail, leur structure et leur distribution, 1878.

C. Claus — Traité de Zoologie, traduit de l'Allemand sur la 3.<sup>e</sup> édition et annoté par C. Mequin-Tandoa.

Pharmacopéa portuguesa ; edição oficial. Lisboa, 1876.

Ch. Meymott Tidy — Handbook of modern Chemistry inorganic and organic. London, 1878.

J. Briand, Ern. Chaudé et J. Bouis — Manuel complet de médecine légale, contenant un traité élémentaire de chimie légale, 9.<sup>e</sup> édit. 1874.

A. Terreil — Traité pratique des essais au chalumeau, 1876.

H. Beaunis et A. Bouchard — Précis d'anatomie et de dissection. 1877.

#### Sciencias diversas

Ricardo Pinto de Mattos — Manual bibliographico portuguez, 1878.

Bibliothèque universelle (assignatura de 1878).

Revue des deux mondes (assignatura de 1878).

Pierre Larousse — Grand Dictionnaire universel du 19.<sup>e</sup> siècle. 16 vol. 1866 a 1878.

Hippeau — Instruction publique en Allemagne — Italie — États-Unis — Angleterre — Russie. 6 vol.

A classification and subject Index for cataloguing and arranging the books and pamphlets of a library. 1876.

Almanach Royal officiel du royaume de Belgique. Année. 1878.

Charles Lenormant — Essais sur l'Instruction publique. 1878.

Bagge — Tables statistiques des divers' pays de l'Univers pour l'année 1876.

Vannier — *Traité de Changes et des Arbitrages.*

Catharina Carlota Lady Jackson — *A formosa Lusitania*; versão  
do inglez, prefaciada e annotada por Camillo Castello Branco.  
1877.

Champollion-Figeac — *Manuel de l'archiviste.* 1860.



# GABINETE DE HISTORIA NATURAL

---

## ZOOLOGIA

### Anatomia comparada

#### Anatomia clastica do doutor Auzoux:

Modelo de Homem, completo, de 1,=80.

Collecção de Ovologia, composta de mais de vinte peças reproduzidas em grande escala, mostrando, quasi dia por dia, a evolução do ovo até á formação do embrião.

Cerebro, cerebello, protuberancia annular e bulbo rachidiano, mostrando minuciosamente as partes respectivas do sistema nervoso.

Olho, completo, de grandes dimensões.

Ouvido, com temporal de 0,=30, mostrando minuciosamente o ouvido externo, medio e interno.

Laringe de grandes dimensões, cartilagens, musculos, vasos e nervos.

Um Perum (*Meleagris*, Linneu), como typo das aves: anatomia completa.

Uma Perca ou Mera do mar (*Sciaena aquila*, Linn.) de 1,=50 de comprimento: anatomia completa.

Um Besouro, como typo dos Insectos, em grande escala.

### Mammiferos

Oito exemplares, como typos das ordens:

Quadromanos, carnivoros, ruminantes, roedores e desdentados (clas. de Milne Edwards).

## Aves

Oitenta e uma aves,<sup>1</sup> como tipos das seis ordens ornithologicas.  
(Clas. de Milne Edwards).

Dois esqueletos de aves.

## Reptis

Quarenta e seis reptis, como tipos das tres ordens. (Clas. de Milne Edwards).

## Batrachios

Dois tipos da ordem dos anuros.

## Peixes

Parte ossea da cabeça d'um peixe.

Dois esqueletos completos.

## Molluscos

Cento e noventa e tres especies diferentes de molluscos terrestres, fluviaes e maritimos do Archipelago Madeirense, e das Ilhas Canarias (Collecção offerecida á Academia Polytechnica pelo Ex.<sup>o</sup> Barão de Castello de Paiva, lente jubilado de Botanica da mesma Academia).

Uma numerosa collecção conchyliologica de varias procedencias.

## Zoophitos

Cincoenta exemplares das tres ordens: echinodermes, spongarios e polyps. (Clas. de Milne Edwards).

## Mineralogia

Uma collecção mineralogica de mais de 3:000 exemplares.

<sup>1</sup> A quasi totalidade dos exemplares d'este grupo, bem como alguns d'outros grupos foram offerecidos pelo director do gabinete.

Um goniometro de Babinet.

Zoologia—Botanica—Geologia

Collecção completa de

*Planches murales d'histoire naturelle, par Achille Comte.*



# LABORATORIO CHIMICO

Relação dos apparelhos e utensilios existentes  
em 30 de junho de 1878.

## I. APPARELHOS.

- \* Apparelho de Berthelot para a synthese da acetylena.
- \* Apparelho de Hofmann para provar que os gizes tem sensivelmente o mesmo coefficiente de dilatação e de compressibilidade.
- Spectroscopio de um prisma, com luneta horisontal e micrometro.
- Apparelho Carré para a producção do gêlo.
- Sorveteira das familias.
- \* Bomba aerohydrica de Bunzen.
- 1 Voltametro (em mau estado).

## II. ANALYSES E ENSAIOS.

### Acidimetria.

- \* Apparelho de Wurtz para o doseamento do gas carbonico.

### Alcoometria.

- 2 Alcoometros centesimaes de Gay-Lussac grandes.
- 1 Areometro Cartier.
- 1 Areometro Tessa.
- 1 Alambique Richard Danger para o ensaio dos vinhos.
- 1 Thermometro alcoometrico.

*Ensaio dos cereaes.*

- 1 Aleurometro de Bofand, com estufa para banho de oleo e um thermometro.
- 1 Apreciador Robine para farinhas.
- 1 Balanca para os cereaes.

*Ensaio dos oleos.*

- 1 Elatometro de Berjot.
- 1 Oleometro de Lefèvre d'Amiens.

*Ensaio do leite.*

- 1 Lacto-butyrometro de Marchand.
- 1 Lacto-densimetro de Quevenne.
- 1 Lactoscopio de Donné.
- 1 Pesa-leite.

*Saccharimetria.*

- 1 Saccharimetro de Mitscherlich.

*Toxicologia.*

- 1 Eprouvette do apparelho de Mitscherlich para a investigação do phosphoro, sem serpentina.

*Ensaio dos metaes.*

- 1 Forno para cupellação de 1.<sup>a</sup> grandeza.
- 264 Cupellas sortidas; 102 dos n.<sup>o</sup> 1 e 3; 74 do n.<sup>o</sup> 6; 88 do n.<sup>o</sup> 7.

*Analyse das aguas.*

- 1 Hydrotimetro de Boutron e Boudet, com o frasco marcado.
- 1 Sulfhydrometro, com 1 frasco de decilitro, um balão marcado de 250.<sup>co</sup> e uma capsula para fazer o ensaio.

**III. ANALISE DOS GAZES.**

- 1 Eudiometro de Volta com tubo graduado e medida para gazes.
- 3 Eudiometros simples; 1 com peças de latão; 1 com peças de ferro e valvula; 1 com peças de ferro, sem valvula.

**IV. MEDIDA DO PESO ESPECIFICO.**

- 1 Pesa-lixivias de prata.

- 1 Pesa-saes de prata.
- 1 Pesa-licores.
- 1 Pesa-xaropes.
- 4 Areometros de Baumé.
- 2 Volumetros de Gay-Lussac para acidos.
- 2 Densimetros.

#### V. POLYMETRIA.

- 10 Galhetas inglesas sortidas.
- 1 Galheta de Gay-Lussac.
- \* 6 Galhetas com torneiras de vidro: 2 de 100.<sup>cc</sup>, 2 de 50.<sup>cc</sup>, 2 de 25.<sup>cc</sup>.
- 1 Campana de vidro, graduada, com torneira de metal, de 4.<sup>1</sup> de capacidade.
- 2 Campanas de crystal, com botão, graduadas; uma de 2.<sup>1</sup>,5 de capacidade; outra de 1.<sup>1</sup>.
- 2 Éprouvettes para gaz, um de 50.<sup>cc</sup> dividida em e.c.; outra de 100.<sup>cc</sup> dividida tambem em e.c.
- 4 Éprouvettes com pé graduadas: \* 1 de litro, \* 1 de 150.<sup>cc</sup>, 1 de 200.<sup>cc</sup>, 1 de 60.<sup>cc</sup>.
- 1 Éprouvette simples, marcada, de 500.<sup>cc</sup>.
- \* 1 Frasco marcado de 1.<sup>1</sup>, graduado de 20 em 20.<sup>cc</sup>
- \* 4 Pipettes grandes: 2 marcadas de 50.<sup>cc</sup>, 1 graduada, 1 simples.
- 2 Pipettes pequenas.
- 2 Copos graduados de 30 gr.

#### VI. BALANÇAS.

- 1 Balança de Roberval de 1 kilog.
- 1 Balança de Fortin (existente no gabinete de Physica).
- 1 Trébuchet.
- 1 Balança pequena de analyse, pouco sensivel.
- 1 Balança de laboratorio, de saccharimetro.
- 1 Balança de Plattner (pertencente á caixa de Plattner).
- Pesos para a balança de Roberval. (1 jôgo).
- 6 Pesos para os ensaios saccharimetricos — 32 gr. e submultiplos.
- 15 Pesos de cobre, sendo 1 de 48.<sup>5</sup>07, 1 de 31.<sup>5</sup>05.
- 4 Pesos de platina.
- 1 Collecção de pesos de platina para a balança de Plattner.

**VII. THERMOMETROS.**

12 Thermometros: 10 de mercurio; 2 de alcool (1 é destinado ao apparelho Carré).

**VIII. METAES PRECIOSOS.**

1 Cadiño de platina, com tampa, de 35.<sup>cc</sup>, pesando 30 gr.

1 Cadiño de platina, pertencente á caixa de Plattner.

1 Capsula de platina, pesando 12 gr.

1 Cadiño grande de prata, que pesa 169 gr. (sem tampa).

**IX. UTEISILIOS.**

2 Alambiques: 1 de cobre; 1 de folha, de Baumé.

12 Almofadas de palha para capsulas e balões.

5 Almofarizes: um de latão, pequeno; 1 de ferro, quebrado; 3 de marmore, 2 grandes e 1 pequeno.

2 Apparelhos de deslocação: 1 de Payen; 1 de Robiquet, incompleto.

3 Apparelhos gazogenicos de Gay-Lussac, para desenvolver hydrogenio.

1 Bigorna.

1 Bomba de Gay-Lussac.

1 Caixa de Plattner.

3 Caixas de reagentes.

Caoutchouc: tubo — 1750 gr.; lamina, 1 kilog.; \* 56 rolhas, 10 cheias, 30 com um orificio, 8 com dous orificios; 8 com tres.

1 Candieiro de azeite de Morveau.

3 Cubas pneumáticas: 2 pequenas para mercurio; 1 grande de madeira, forrada de chumbo, para agua.

1 Candieiro de dupla corrente para gaz, em mau estado.

1 Erotador de duplo effeito.

8 Espatulas: 2 de aço e \* 6 de osso.

1 Estufa de Gay-Lussac.

1 Experimentador de polvora.

1 Faca d'aco.

4 Fogões de ferro: 1 grande completo; 3 pequenos incompletos, 2 quadrados e 1 redondo.

1 Forja com folle cylindrico.

1 Folle pequeno.

1 Fura-rolhas de latão.

8 Gazometros: 2 de Regnault; 1 modelo, para gaz de iluminação.

5 **Grelhas**: 1 de Cloez para analyses organicas; 1 ordinaria para carvão para o mesmo fim; outra para analyse do ar; \* 1 de Berthelot para analyses organicas; em fim, uma para a extracção do potassio.

5 **Lampadas**: 1 de esmaltador; 1 hydro-platinica; \* 1 de vidro para alcool, sem tampa; 1 de lata e outra de latão para alcool.

5 **Lampadas de Bunzen**: 4 simples com regulador de ar; 1 com regulador de ar, coroa circular de orificios lateraes, e chaminé de tea metallica.

9 **Limas velhas**.

1 **Lingotière de ferro**.

1 **Martello**.

**Massaricos**: 1 de Clark; 5 de Berzelio; 5 simples; 3 para lampada d'esmaltador.

\* 1 **Massarico de gaz**, com folle cylindrico, substituindo a lampada d'esmaltador.

3 **Peças de latão não classificadas**.

1 **Panella de ferro**.

3 **Mãos de papel de filtro**.

2 **Pás de ferro**.

2 **Retortas**: 1 de chumbo e 1 de ferro.

13 **Supportes**: \* 3 de ferro para funis; 9 de madeira, sendo 1 articulado e 1 para tubos em U; \* 1 para 6 pipettes.

4 **Taxos**: 1 de cobre de 8<sup>1</sup>; 1 de latão de 2<sup>1</sup>; 2 de ferro para banho de aréa.

4 **Tesouras**.

\* 3<sup>ma</sup>. **Téa metallica**, sendo 2<sup>ma</sup>. de téa de ferro, e 1<sup>ma</sup>. de téa de cobre.

4 **Torneiras de latão**: 8 de 2 vias e 1 de tres vias.

2 **Torquezes**.

2 **Trempes de ferro**.

1 **Vaso de lata, com supporta**.

#### X. OBJECTOS DE VIDRO.

21 **Agitadores**. (12 \*).

2 **Allongas rectas**.

67 **Balões**: 1 grande de 10<sup>1</sup> para a preparação do acido sulfurico; 1 para a analyse do ar, pertencente ao apparelho de Dumas; 8 tubulados com 1 tubuladura; 62 simples, de diversos tamanhos.

6 Calices : 5 pequenos, de analyse ; 1 grande.

12 Campanas : 6 curvas ; 1 de vidro com botão e duas tubuladuras lateraes ; 2 ordinarias de vidro, com botão ; 3 com torneira de metal.

7 Crystallisadores.

8 Eprouvettes: 1 com pé, sem bico; 2 para chloreto de calcio.

24 Frascos : 2 de Woolf com 2 tubuladuras; 19 com tres tubuladuras ; 1 com duas tubuladuras lateraes ; 1 grande simples de capacidade de 17 l; outro grande, com tubuladura, da mesma capacidade.

\* 1 Frasco de lavagem.

31 Funis : 22 ordinarios de diversos tamanhos (10 \*); 1 com torneira ; 1 de bico comprido; 4 de vidro soprado ; 8 para filtração rapida.

6 Matrizes : 4 de fundo chato sem tubuladura ; 2 com uma tubuladura.

2 Recipientes florentinos.

\* 1 Refrigerante de vidro de Liebig.

11 Retortas : 1 de vidro verde tubulada ; 9 de vidro branco não tubuladas ; 1 de vidro branco tubulada.

2 Serpentinhas de vidro, com refrigerante tambem de vidro.

12 Siphões de vidro: 8 simples ; 8 de ramo ; 1 de ramo e torneira.

120 Tubos de ensaio. (100 \*).

\* 30 Tubos de vidro verde para as analyses organicas.

\* 4 Tubos aspiradores para as mesmas analyses.

28 Tubos de segurança: 10 com funil cylindrico ; 7 em S, sendo 2 com bola ; 6 de Welter.

5 Tubos de Liebig de 5 bolas.

15 Tubos em U de diversas grandezas: 2 de ponta afiada direita, 3 de ponta curva, 3 de ponta e tubo inferior; 7 simples.

7 Tubos em V : 2 grandes e 5 pequenos.

2 Tubos de Will e Warrentrapp.

4 Tubos : 3 de vidro espesso fechado n'uma extremidade ; 1 de vidro espesso tendo na extremidade uma virola metallica e um tubo de vidro.

5 Tubos abductores.

10 Tubos de vidro com dilatações.

\* 6 Vasos de saturação : 2 de 250cc, 2 de 500cc, 2 de 750cc.

\* 2 Vasos de precipitação : de 750cc.

\* 90 Vasos de filtração a quente.

**XI. OBJECTOS DE PORCELANA E GRÉS.**

26 Capsulas de porcelana de 5 grandezas.  
34 Cadinhos : 2 de porcelana ; 32 de grés com 16 testos.  
1 Forno para mufa.  
6 Mufas de 1.<sup>a</sup> grandeza.  
2 Retortas : 1 de grés e 1 de biscuit.

**XII OBJECTOS DIVERSOS**

2 Barras magneticas n'uma caixa ; 3 microscopios, dous simples e um composto nas respectivas caixas ; 6 elementos de Bunzen ; 1 pilha de Wollaston incompleta ; \* 2 pinças de tormalina ; 1 rodella e 1 tambor para alisar polvora ;  
1 Banco isolador ; 1 de suporte ; objectos velhos de ferro.  
— Frascos e tubo de vidro. Alguns moveis.

*N. B.* Os objectos marcados com o signal \* foram adquiridos durante o anno economico de 1877-1878.



## JARDIM BOTANICO E EXPERIMENTAL

---

Este estabelecimento data da reforma da antiga Academia da Marinha e Commercio da cidade do Porto em Academia Polytechnica do Porto, a qual juntamente creou um Gabinete de Historia Natural industrial, um Gabinete de Maquinas, um Laboratorio chimico e officina metallurgica — devendo ser organisados todos estes estabelecimentos debaixo do Plano dos analogos pertencentes à Faculdade de Philosophia da Universidade de Coimbra, em conformidade dos Estatutos da mesma Universidade, havendo-se respeito ao seu destino especial, que é o aperfeiçoamento das artes. (D. de 13 de janeiro de 1837, art. 165).

Este estabelecimento serve tambem para uso da Escola Medico-Cirurgica; porém a sua intendencia pertence ao Lente de Botanica, ao Director da Academia, e ao Conselho academico nos termos do Regimento citado. Uma parte do mesmo estabelecimento era destinada para os ensaios de Agricultura (§ 1.º do art.º citado).

Porém só por D. de 20 d'outubro de 1852, art. 8.º, é que foi concedido à Academia um terreno na cerca do extinto convento dos Carmelitas da eidade do Porto (Praça do Duque de Beja) comprehendido no espaço que mede «855 palmos pela face voltada ao sul, 585 pela face voltada a leste, e 515 pela face ao poente», ou cerca de 6:265 metros quadrados, para alli se estabelecer o Jardim botanico, logar onde hoje existe.

As obras necessarias para este estabelecimento poder funcionar começaram em dezembro de 1864 e teem continuado com muita lentidão (faltando ainda a construção da estufa entre outras obras d'arte) por ser mui diminuta a respectiva dotação.

Em fins de 1865 principiou a plantaçao no Jardim, recebendo grande incremento a aquisição de plantas pela P. de 4 de maio de 1867 que permitiu a transplantaçao, do jardim botanico da Ajuda para este jardim, dos exemplares que não fossem necessarios para o ensino e uso da Escola Polytechnica de Lisboa.

Contém actualmente 1:301 especies vegetaes distribuidas por 138 familias naturaes, segundo o methodo de Decandolle, a saber :

Ranunculaceæ	32	Geraniaceæ	22
Magnoliaceæ	6	Tropæolaceæ	2
Anonaceæ	1	Balsaminaceæ	2
Berberideæ	4	Oxalidaceæ	7
Nymphaeaceæ	2	Zygophylleæ	3
Papaveraceæ	9	Rutaceæ	4
Fumariaceæ	5	Celastrinæ	4
Cruciferæ	44	Rhamnæ	4
Capparideæ	1	Terebinthaceæ	4
Resedaceæ	4	Leguminosæ	107
Cistinæ	11	Rosaceæ	42
Violariæ	4	Calycanthæ	3
Droseraceæ	2	Granatæ	1
Polygalæ	4	Onagraricæ	15
Pittosporaceæ	4	Haloragæ	2
Frankeniaceæ	2	Ceratophylleæ	1
Caryophylleæ	27	Lythrariæ	2
Linæ	3	Tamariscinæ	6
Malvaceæ	17	Philadelphieæ	1
Tiliaceæ	4	Myrtaceæ	9
Camelliaceæ	3	Cucurbitaceæ	10
Aurantiaceæ	6	Passifloræ	5
Hypericinæ	10	Portulacæ	4
Acerinæ	4	Paronychiæ	6
Hippocastanæ	2	Crassulaceæ	17
Sapindaceæ	2	Ficoidæ	11
Meliaceæ	1	Cactæ	23
Ampelidæ	4	Grossulariæ	3

Saxifragaceæ . . . .	11	Kleagnacæs . . . .	2
Umbelliferæ . . . .	31	Aristolochiaceæ . . . .	3
Cornæs . . . .	8	Empetresæ . . . .	1
Caprifoliaceæ . . . .	10	Euphorbiaceæ . . . .	9
Rubiaceæ . . . .	7	Cupuliferæ . . . .	3
Valerianaceæ . . . .	5	Corylaceaæ . . . .	2
Dipeaceæ . . . .	4	Juglandaceaæ . . . .	2
Compositæ . . . .	114	Platanaceaæ . . . .	2
Lobeliaceaæ . . . .	4	Betulaceaæ . . . .	2
Campanulaceaæ . . . .	6	Salieineaæ . . . .	6
Ericaceaæ . . . .	11	Celtidæsæ . . . .	2
Primulaceaæ . . . .	8	Cannabineaæ . . . .	2
Lythrariaæsæ . . . .	9	Urticaceaæ . . . .	6
Jasmineæ . . . .	4	Moreæ . . . .	8
Apocynaceaæ . . . .	4	Ulmaceaæ . . . .	1
Asclepiadæsæ . . . .	8	Casuarineaæ . . . .	2
Gentianaceaæ . . . .	5	Coniferæ . . . .	27
Bignoniaceaæ . . . .	5	Palmeæ . . . .	2
Seameæ . . . .	3	Typhaceaæ . . . .	2
Hydrophyllaceaæ . . . .	2	Aroidæsæ . . . .	6
Polemoniaceaæ . . . .	6	Najadæsæ . . . .	3
Convolvulaceaæ . . . .	7	Alismaceaæ . . . .	4
Borragineaæ . . . .	14	Butomaceaæ . . . .	1
Hydroleaceaæ . . . .	2	Orchideaæ . . . .	5
Solanaceaæ . . . .	88	Zingiberaceaæ . . . .	2
Serophulariaceaæ . . . .	34	Cannaceaæ . . . .	3
Acanthaceaæ . . . .	4	Musaceaæ . . . .	8
Verbenaceaæ . . . .	9	Hemodoraceaæ . . . .	1
Myoparaceaæ . . . .	2	Iridæ . . . .	21
Labiatæ . . . .	52	Amaryllidæsæ . . . .	14
Plumbaginaceaæ . . . .	10	Bromeliaceaæ . . . .	2
Plantaginaceaæ . . . .	5	Liliaceaæ . . . .	49
Phytolaccaceaæ . . . .	2	Dioscoreaceaæ . . . .	2
Salsolaceaæ . . . .	12	Melanthæ . . . .	4
Basellaceaæ . . . .	2	Juncaceaæ . . . .	3
Amarantaceaæ . . . .	6	Commelinaceaæ . . . .	3
Nyctaginaceaæ . . . .	5	Cyperaceaæ . . . .	7
Polygonaceaæ . . . .	18	Gramineaæ . . . .	80
Lauraceaæ . . . .	8	Equisetaceaæ . . . .	2
Proteaceaæ . . . .	3	Filices . . . .	18
Thymeleaceaæ . . . .	5	Lycopodiaceaæ . . . .	1

## Ferramentas e utensilios

2 Ancinhos de madeira.  
 2 Ditos de ferro.  
 1 Bomba de ferro fixa.  
 1 Dita de ferro e madeira movel.  
 8 Estufins.  
 1 Enchada.  
 1 Etiqueta de ferro (modelo).  
 500 Ditas de zinco.  
 1 Coberta d'arame zincado para sementeiras.  
 1 Colher em forma de talha.  
 3 Cestos.  
 1 Mangueira de lona, dividida em tres partes.  
 1 Prensa de madeira para herbarios.  
 5 Regadores de folha.  
 1 Sacho de ferro.  
 1 Pá de ferro.  
 1 Fouce.  
 1 Seringa de rega.  
 2 Taboleiros de pinho de flandres.  
 1 Tesoura de aparar.  
 1 Segadeira mecanica, William.  
 547 Vasos de barro commun, grandes.  
 426 Ditos dito, pequenos.  
 21 Ditos dito (semeadeiros).  
 42 Ditos de barro vidrado com pé e aros, para columnas.  
 23 Ditos de barro vidrado com prateira.  
 6 Ditos de barro branco com ornatos.

## Instrumentos e preparações microscopicas

1 Estojo de enxertia.  
 1 Bistori botonado.  
 1 Pinça botonada.  
 1 Microtomo, modelo de H a y e n.  
 1 Apparelho de lamina de aço para fazer secções.  
 1 Collecção de instrumentos para preparações microscopicas, em caixa.

1 Lente.

1 Microscopio simples de Raspail.

1 Dito simples de Nachez.

1 Dito composto de Beck com accessórios.

32 Preparações microscópicas diversas.

1 Caixa contendo 18 preparações microscópicas, oferecida por Jac. A. Scalongue.

### Bibliotheca privativa do Jardim Botanico

Argenta — Album de la Flora Medico-Farmaceutica, e industrial, indigena y exotica, — 3 vol. 1862.

Brotero — Flora Lusitanica — 2 vol. 1804.

Brotero — Phytographiae Lusitaniae — 1816.

De Candolle — Regni vegetabilis sistema naturale — 2 vol. 1818-1825.

De Candolle — Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis — 21 vol. 1824 a 1878.

De Launay et Deslonchamps — Herbier général de l'amateurs — 8 vol. 1816-1827.

Ecorchard — Flore regionale.

Encyclopedie méthodique — Section botanique — 5 vol.

Gomes (B. A.) e Beirão — Catalogus plantarum Horto Botanici Medico-cirurgicæ Olisiponensis — 1852.

Jussieu — Genero plantarum secundum ordines naturales dispositæ — 1789.

Lamarch et De Candolle — Flore Française — 6 vol. 1815.

Lemaire et Verschaffelt — L'Illustration Horticole — 14 vol. 1854 a 1867.

Le Maout et Decaisne — Flore élémentaire des jardins et des champs — 1856.

Loureiro (João de) — Flora Conchinchinensis — 2 vol. 1790.

Mauritius — Flora azorica — 1844.

Mirbel — Éléments de physiologie végétal — 3 vol. 1815. (Offercida pelo director do jardim).

Richard Scomburgh — Catalogue of the plants. (Offerecido pelo auctor).

Roumeguère — Cryptogamie illustrée : Champignons — Lichens — 2 vol.

Stenfort — Les plus belles plantes de la mer — 1877.

Tournefort — Instutiones rei herbariae — 3 vol. 1719.

Vandelli — Diccionario dos termos technicos de historia natural  
— 1788.

Verlot — Le guide du botaniste herborisant — 1865.

## GABINETE DE INSTRUMENTOS DE MATHEMATICA

### Instrumentos de Astronomia

Duas lunetas astronomicas, de Dollond, de 1<sup>m</sup> de fóco — uma com dois oculares astronomicos e a outra com tres, além do ocular para alcances terrestres; uma d'ellas tem apparelho de fixar a luneta com prisões tubulares e forquetas para movimento lento horizontal e vertical.

Dois oitantes de ébano, de Dollond.

Dois sextantes de Dollond, um grande (nonio 15''), outro mais pequeno (nonio 30'').

Quadrante de Dollond, com duas lunetas e parafuso micrométrico, montado em pé de metal (nonio 15'', horizontal 2').

Círculo de reflexão, numero 318 de Troughton & Simms (nonio 10'').

Dois horizontes artificiales, um circular de vidro negro e o outro para mercurio.

Grande apparelho de Biot (*Secretan*) para as experiencias fundamentaes da polarisação, pela reflexão, refracção, dupla refracção, polarisação circular, cores complementares, aneis corados, vidros temperados e projecção d'imagens sobre um vidro fosco; com uma collecção de cristaes e vidros temperados.

Pendula de segundos de tempo medio, de Arnold. <sup>1)</sup>

<sup>1)</sup> Esta pendula foi comprada em Londres pela «Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro», então administradora da Academia, e remetida em 26 de março de 1805 pelos agentes da mesma Companhia. O seu custo consta da seguinte nota:

Custo . . . . .	fls 84
Caixa . . . . .	3
Despesas, comissão e seguros . . . . .	13 3s 4d
	100 fls 3s 4d

Cambio de 61 <sup>1</sup>/<sub>4</sub> . . . . . rs. 392,489.

## Polariscopo de Arago (pequeno modelo) Esphera armillar de Cary.

Dois grandes Globos, de 0,912 de diâmetro — um celeste e o outro terrestre — com meridiano de cobre, montados em pé de vinhatico.<sup>1</sup>

## Barometro de C. Tagliabue.

Apparelho de Bohnenberger para demonstrar a precessão dos equinóxios e a nutação.

Uma collecção de nove quadros astronomicos, mecanicos, pintados em vidro, para serem amplificados em projeção pela luz electrica, de J. Duboscq, representando o sistema solar; os movimentos da Terra na sua orbita; os da Lua; as marés; a espheredade da Terra; o movimento directo e retrogrado de Venus ou Mercurio; a rotação da Terra; os eclipses; um cometa descrevendo a orbita.

Uma colleção de trinta quadros astronomicos não mecanicos, pintados em vidro para serem amplificados em projeção pela luz electrica, de J. Duboscq, representando os principaes systemas e phenomenos astronomicos.

## Instrumentos de Topographia e Geodesia

### Graphometro de Dollond (nonio 30').

Theodolito de Dollond) (nonio horizontal 1', vertical 2').

Theodolito de circulo vertical completo, de Troughton & Simms (nonio 1').

Nivel de Troughton & Simms.

### Bussola de pinnulas de Hawey W. Hunt.

Duas planchetas: uma *communum*, com agulha e alidades de pinhas; a outra de rolos, com pé, joelho (*systema Cugnot*) e alidade de luneta.

Mira fallante, de duas tiragens, com quatro metros de altura (sistema francês).

Este par de globos, comprados pela referida de Companhia, foram remetidos de Londres em 31 de março de 1829. O seu custo consta da seguinte nota:

Custo . . . . .	Rs 63		
Caixão . . . . .	6	5-	2-
Despezas, commissão e seguro	7	11	10

76 16 174 396.6645

Compasso metallico de Dollond.  
Seis bandeirolas e uma cadeia de arame.

#### Modelos cinematicos

##### Modelos de madeira:

- Um cabrestante.
- Um sarilho.
- Dois bate-estacas.
- Um guindaste.
- Uma roda-guindaste.
- Uma câbrea.
- Uma engrenagém de roda e lanterna.

##### Modelos de ferro e madeira:

- Uma engrenagem recta.
- Uma engrenagem conica de eixos rectangulares.



## AULA DE DESENHO

---

O material de ensino do Desenho forma uma vasta e variada colecção de Estatutas e Bustos em gesso — gravuras, e estampas avulsas e em livros das quais as mais notáveis são:

### ESTATUAS

	Altura	
Gladiador combatente . . . . .	2m	
Discobolo em repouso . . . . .	1,70	
A Venus de Médicis . . . . .	1,55	
Antino . . . . .	1,85	
Baccho . . . . .	1,82	
Mercurio . . . . .	1,30	
Psyche . . . . .	1,30	
Céres . . . . .	1,02	
Nossa Senhora e o Menino . . . . .	0,92	
A Friorenta . . . . .	0,98	
A Venus em cócaras . . . . .	0,66	

### BUSTOS GRANDES

- Moisés, de *Miguel Angelo*.
- O Apollo, do *Belvedere*.
- Baccho do Vaticano.
- Marte.
- Minerva.
- Juno.
- Achilles.
- Tres filhas de Niobe.
- Um filho de Niobe.
- Antino.
- O Apelle das Musas.
- Sílano.
- O Laocoonte.

Alexandre.  
 Vitellio.  
 Venus, de Canova.  
 Demosthenes.  
 Seneca.  
 Sophocles.  
 Plauto.  
 Homero.

**GRAVURAS**  
 de *Rafael Morghen* :  
 A Virgem da Cadeira.  
 Uma familia, de *Angelica Hauffman*.  
 S. Pedro e S. Paulo, de *Guido Reni*.  
 Um monumento a Clemente XIII, de Canova.

de *Fernando Selmo* :  
 A Virgem e o Menino, denominada a Virgem do peixe, de Rafael.  
 A Familia Sagrada, denominada a Perola de Rafael.  
 O Encontro, denominado o «Spasimo de Sicilia», de Rafael.

de *Pietro Bittellino* :  
 Jesus Christo no tumulo, de André del Sarto.

de *Gerard Andran* :  
 Frescos da abobada do Castello de Seaux, de Lebrun.

de *Johan Ottaviani* :  
 Loges de Rafael, no Vaticano. (In-folio).  
 Nota. A collecção das gravuras contém ainda 366 de *F. Bartolossi* (grandes e pequenos), e outras de varios gravadores de somenos importancia.

**LIVROS E INSTRUMENTOS** :  
 Bernard de Montfaucon — L'antiquité expliquée et représentée en figures. 1719.  
 Galerie de Florence — (Tableaux, statues, bas-reliefs et camées de la) — dessinées par Wicar et gravées sous la direction de L. L. Masquelier, avec les explications, par Mongez. Paris 1819.

Um estojo de desenho linear.

Camara lucida (completa) de Wollaston.

Camara escura d'artista (completa), com addição d'uma lente  
para desenhar objectos proximos, tirar retratos, etc.



**Datas das nomeações, encartes e posses dos Lentes e mais empregados da Academia Polytechnica, e indicação das naturalidades e épocas dos nascimentos dos mesmos.**

**Antonio da Costa Paiva**, cavalleiro das ordens de Christo e de Nossa Senhora da Conceição, 1.º Barão de Castello de Paiva em 1854, doutor em medicina e bacharel em philosophia, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e d'outras academias e corporações scientificas nacionaes e estrangeiras—nomeado lente d'Agricultura e Botanica da Academia Real da Marinha e Commercio da cidade do Porto por decreto de 20 d'outubro de 1836 e carta regia de 13 de janeiro de 1837 — nomeado Lente proprietario da 10.ª cadeira (Botanica, Agricultura, Economia rural e Veterinaria) e director do jardim botanico, por decreto de 11 de junho de 1838 e carta regia de 28 de julho do mesmo anno — jubilado com o ordenado por inteiro por decreto de 31 de dezembro de 1858 e carta regia de 19 de janeiro de 1859. — Tomou posse em 14 de junho de 1839. — Nasceu no Porto em 12 de outubro de 1806.

---

**José de Parada e Silva Leitão** — nomeado Lente proprietario da 8.ª cadeira por decreto de 27 de novembro de 1837 e carta regia de 31 de janeiro de 1838 — agraciado com o terço do seu ordenado por diuturnidade de serviço, por decreto de 26 d'outubro de 1858 e apostilla de 9 de novembro de 1859. — Tomou posse em 14 de fevereiro de 1838. — Nasceu em Sernache do Bomjardim em 9 de junho de 1809.

---

**Arnaldo Anselmo Ferreira Braga**—nomeado Lente substituto da secção de philosophia por decreto de 6 de março de 1851 e carta regia de 2 de abril do mesmo anno— promovido a Lente proprietario da 7.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 19 de julho de 1854 e apostilla de 16 de agosto do mesmo anno— agraciado com o augmento do terço do seu ordenado, por diuturnidade de serviço, por decreto de 10 de agosto de 1876 e carta regia de 30 de novembro do mesmo anno.— Tomou posse do lugar de Lente substituto em 2 de maio de 1851, e do de Lente proprietario em 1 de setembro de 1854.— Nasceu no Porto em 26 de setembro de 1828.

---

**Pedro Amorim Viana**— nomeado Lente substituto da secção de mathematica por decreto de 6 de março de 1851 e apostilla de 9 de junho do mesmo anno— promovido a Lente da 2.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 9 de novembro de 1858 e carta regia de 6 de junho de 1859— agraciado com o augmento do terço do seu ordenado, por diuturnidade de serviço, por decreto de 10 de agosto de 1876.— Tomou posse do lugar de Lente substituto em 21 de junho de 1851, e do de Lente proprietario em 1 de agosto de 1859.— Nasceu em Lisboa em 21 de dezembro de 1822.

---

**Francisco de Salles Gomes Cardoso**— nomeado Lente substituto da secção de philosophia por decreto de 23 de junho de 1851 e carta regia de 30 de agosto do mesmo anno— promovido a Lente proprietario da 10.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 2 de março de 1859 e apostilla de 29 do mesmo mez e anno— agraciado com o augmento do terço do seu ordenado, por diuturnidade de serviço, por decreto de 10 de agosto de 1876 e carta regia de 31 de dezembro do mesmo anno.— Tomou posse do lugar de Lente substituto em 20 de setembro de 1851, e do de Lente proprietario em 30 de abril de 1859.— Nasceu no Porto em 28 de fevereiro de 1816.

---

**Francisco da Silva Cardoso** — nomeado Lente substituto da 4.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 30 de agosto de 1851 e carta regia de 18 de setembro do mesmo anno — promovido a Lente proprietario da mesma cadeira por decreto de 26 de maio de 1862 e apostilla de 14 de agosto do mesmo anno — agraciado com o augmento do terço do seu ordenado, por diuturnidade de serviço, por decreto de 10 de agosto de 1876 e carta regia de 8 de outubro do mesmo anno. — Tomou posse do lugar de Lente substituto em 14 de outubro de 1851, e do de Lente proprietario em 4 de setembro de 1862. — Nasceu no Porto em 20 de novembro de 1825.

---

**Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa** — nomeado Lente substituto da secção de mathematica por decreto de 21 de agosto de 1851 e carta regia de 23 de outubro do mesmo anno — promovido a Lente proprietario da 5.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 7 de outubro de 1868 e apostilla de 8 de fevereiro de 1869 — agraciado com o augmento do terço do seu ordenado, por diuturnidade de serviço, por decreto de 10 de agosto de 1876 e carta regia de 4 de abril de 1877. — Tomou posse do lugar de Lente substituto em 12 de dezembro de 1851, e do de Lente proprietario em 8 de junho de 1876.

---

**Conselheiro Adriano d'Abreu Cardoso Machado** — nomeado Lente proprietario da 12.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 17 de julho de 1858 e carta regia de 1 de setembro do mesmo anno — agraciado com o augmento do terço do seu ordenado, por diuturnidade de serviço, por decreto de 21 de dezembro de 1876 e carta regia de 8 de maio de 1877 — nomeado director da Academia Polytechnica do Porto por decreto de 8 de junho de 1869 e carta regia de 20 de fevereiro de 1876. — Tomou posse do lugar de Lente proprietario em 1 de outubro de 1858, e do de director em 27 de setembro de 1869. — Nasceu em Monsão em 17 de julho de 1829.

---

**Antonio Pinto de Magalhães Aguiar** — nomeado Lente substituto da secção de mathematica por decreto de 19 de

junho de 1860 e carta regia de 12 de dezembro do mesmo anno — promovido a Lente proprietario da 3.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 4 de março de 1869 e carta regia de 4 de agosto do mesmo anno. — Tomou posse do lugar de Lente substituto em 31 de dezembro de 1860, e do de Lente proprietario em 11 de março de 1869. — Nasceu em Santa Eulalia de Constança (Marco de Canaveses) em 23 de junho de 1834.

---

**Guilherme Antonio Corrêa** — nomeado Lente substituto da 4.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 20 de agosto de 1863 e carta regia de 22 de setembro do mesmo anno. — Tomou posse em 7 de outubro de 1863. — Nasceu no Porto em 23 de maio de 1829.

---

**José Joaquim Rodrigues de Freitas** — nomeado Lente substituto da 11.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup> cadeiras por decreto de 29 de dezembro de 1864 e carta regia de 6 de abril de 1865 — promovido a Lente proprietario da 11.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 15 de maio de 1867 e apostilla de 11 de julho do mesmo anno. — Tomou posse do lugar de Lente substituto em 4 de janeiro de 1865, e do de Lente proprietario em 16 de agosto de 1867. — Nasceu no Porto em 24 de janeiro de 1840.

---

**Antonio Alexandre Oliveira Lobo** — nomeado Lente substituto temporario da 11.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup> cadeiras por decreto de 10 de fevereiro de 1869 e carta regia de 3 de agosto do mesmo anno — provido vitaliciamente no mesmo lugar por decreto de 4 de outubro de 1871 e carta regia de 9 de março de 1872. — Tomou posse do lugar de Lente substituto temporario em 15 de fevereiro de 1869, e do de Lente substituto vitalicio em 20 de outubro de 1871. — Nasceu no Rio de janeiro em 11 de novembro de 1833.

---

**José Pereira da Costa Cardoso** — nomeado Lente proprietario da 13.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 14 de abril de 1869 e

carta regia de 4 de abril de 1872. — Tomou posse em 21 de abril de 1869. — Nasceu no Porto em 6 de outubro de 1831.

Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão — nomeado Lente substituto temporario por dous annos da secção de philosophia por decreto de 14 de janeiro de 1873 e carta regia de 6 de março do mesmo anno — provido vitaliciamente no referido lugar por decreto de 11 de fevereiro de 1875 e carta regia de 8 de junho do mesmo anno — promovido a Lente proprietario da 9.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 18 de agosto de 1876 e carta regia de 29 de novembro do mesmo anno. — Tomou posse do lugar de Lente substituto temporario em 20 de janeiro de 1873 — do de Lente substituto vitalicio em 20 de fevereiro de 1875 — do de Lente proprietario em 25 de agosto de 1876. — Nasceu em Braga em 22 de abril de 1847.

Joaquim de Azevedo Souza Vieira da Silva Albuquerque — nomeado Lente proprietario da 1.<sup>a</sup> cadeira por decreto de 7 de setembro de 1876 e carta regia de 29 de novembro do mesmo anno — nomeado secretario interino da Academia Politechnica em sessão do Conselho academico de 2 de outubro de 1876. — Tomou posse em 18 de setembro do mesmo anno. — Nasceu no Porto em 16 de agosto de 1839.

Rodrigo de Mello e Castro de Aboim — nomeado Lente substituto da secção de mathematica por decreto de 24 de maio de 1877 e carta regia de 18 de julho do mesmo anno. — Tomou posse em 28 de maio do mesmo anno. — Nasceu em Castro-Daire em 15 de setembro de 1847.

António Joaquim Ferreira da Silva — nomeado Lente substituto da secção de philosophia por decreto de 24 de maio de 1877 e carta regia de 17 de julho de mesmo anno. — Tomou posse em 28 de maio do mesmo anno. — Nasceu no Couto de Cucujães (Oliveira de Azemeis) em 28 de julho de 1858.

**Simão José Caetano Moreira** — nomeado guarda subalterno por carta do Director de 19 de outubro de 1837. — Tomou posse n'esta mesma data.

---

**Daniel Leão da Cunha Lima** — nomeado guarda subalterno por decreto de 15 de novembro de 1860 e diploma de 22 de maio de 1861. — Tomou posse em 3 de junho de 1861.

---

**José Pinheiro Barbosa d'Aguiar** — nomeado guarda subalterno por decreto de 8 de maio de 1866 e carta regia de 20 de junho do mesmo anno. — Tomou posse em 8 de maio de 1866.

---

**Joaquim Philippe Coelho** — nomeado guarda-mór por decreto de 19 de julho de 1872 e carta regia de 20 de agosto do mesmo anno. — Tomou posse em 1 de agosto de 1872.

**Tabella dos vencimentos dos lentes e  
mais empregados, e dotação da Aca-  
demia para expediente e material do  
ensino e para obras do edificio**

Ordenado de lente proprietario.....	réis	700,000
(D. de 13 de Janeiro de 1837, art.º 162).		
Com augmento do terço por diuturnidade de serviço .....	>	983,5390
(D. de 4 de setembro de 1860, art.º 1.º e 7.º).		
Ordenado do lente de desenho (4.ª cadeira). .	>	500,000
(D. de 14 de dezembro de 1869, art.º 3.º).		
Ordenado de Substituto .....	>	400,000
(D. de 13 de Janeiro de 1837, art.º 162).		
Gratificação de Director .....	>	100,000
(D. de 20 de setembro de 1844, art.º 144).		
Ordenado do Secretario .....	>	250,000
Idem do Bibliothecario.....	>	250,000
Idem do Guarda-mór .....	>	240,000
Idem de Guarda .....	>	146,000
Idem do Guarda do Laboratorio chimico	>	200,000
Idem do 1.º oficial do Jardim botanico.	>	200,000
(D. de 13 de Janeiro de 1837, art.º 162).		
Para premios a estudantes, despesas do expe- diente, compra de livros para a bibliotheca, conservação e aperfeiçoamento do jar- dim botanico, dos gabinetes de physica e historia natural e do laboratorio chimico.		1:780,000
Para continuaçāo das obras do edificio da Academia (Carta de lei de 23 de junho de 1857). .		4:000,000
(Distribuição da despesa do Ministerio do Reino, exercício de 1878-79).		

## Disposições legaes relativas aos Lentes

Os Lentes são de nomeação regia, precedendo concurso público. (Cart. Const., art.º 75 § 4.º — D.D. de 29 de dezembro de 1836, art.º 124, e 22 de agosto de 1865, art.º 1.º).

### Direitos dos Lentes

I. Os Lentes teem garantida a perpetuidade dos seus lugares — não podem ser suspensos sem audiencia prévia sobre queixa de individuo ou informação de auctoridade, nem demittidos sem preceder sentença proferida em tribunal competente. (D.D. de 16 de novembro de 1836, art.º 21, e 11 de janeiro de 1837, art.º 17).

II. Achando-se em serviço efectivo são dispensados das funções do jury. No caso de serem sorteados, devem fazer constar aos respectivos juizes o seu impedimento legal. (D. de 13 de fevereiro de 1868, art.º 1.º e 2.º).

III. Tem direito á sua jubilação com o ordenado por inteiro — ao augmento do ordenado por continuação no magisterio — á jubilação com mais o terço do ordenado, e á sua aposentação nos casos em que a lei a concede. (D. de 4 de setembro de 1860 — Lei de 17 d'agosto de 1853).

IV. São equiparados aos da Escóla polytechnica de Lisboa para intervirem nos jurys de concurso (D. de 7 de fevereiro de 1866, n.º 2.º).

V. Quando tiverem de exercer o officio de julgar, podem dar-se de suspeitos, jurando logo a suspeição. (D. de 7 de fevereiro de 1866, art.º 4.º).

VI. Em cada anno lectivo podem pedir licença ao Director até 30 dias, por motivo de molestia legalmente comprovada. (Portaria de 5 d'outubro de 1870).

VII. Sendo deputados, é-lhes concedido o prazo de oito dias para ida para Lisboa e igual prazo para o regresso, com abonação de vencimentos. (P. de 29 de dezembro de 1862).

VIII. São isentos de qualquer encargo ou serviço pessoal, incluindo o da tutela e da protutela. (D. de 20 de setembro de 1844, art.º 171, e Cod. Civ., art.º 227, n.º 2).

IX. Não podem ser excluidos da folha dos vencimentos

em quanto não forem transferidos, exonerados ou demittidos. (Instruções de 29 de julho de 1861).

X. Achando-se em comissão gratuita do governo, vencem o ordenado por inteiro uma vez que apresentem todos os semestres documento de efectividade de serviço. (D. de 5 de desembro de 1836, art.º 100 — P. de 24 d'outubro de 1840, art.º 4.º).

XI. O serviço que prestarem em côrtes, ou em qualquer estabelecimento de ensino publico, ou em comissão litteraria ou científica é-lhes reputado como de efectivo exercício no magisterio para o fim da sua jubilação. (D. de 4 de setembro de 1860, art.º 2.º § 2.º).

XII. Não lhes são descontados os vencimentos por ausência durante as ferias. (P. de 14 de janeiro de 1850).

XIII. Qualquer lente proprietário ou substituto em exercício pode acumular a regência da aula propria com o serviço d'uma cadeira vaga, ou cujo proprietário e substituto se acharem impedidos — vencendo a gratificação correspondente à metade do ordenado do logar substituído. (D. de 26 de dezembro de 1860, art.º 1.º § 3.º e art.º 5.º).

XIV. Os substitutos que regerem cadeira em cada um dos annos lectivos por espaço de tres meses consecutivos ou interpolados tem direito, pelo tempo que demais servirem, ao ordenado de lente proprietário — se a cadeira estiver vaga, ou se o proprietário sofrer desconto legal, o substituto que reger a cadeira tem direito ao ordenado de lente proprietário por todo o tempo que servir — se o proprietário não sofrer desconto, mas faltar mais d'um anno com impedimento legal, o substituto que em um anno lectivo tiver servido por elle tres meses sem gratificação tem direito a ser contado nos annos seguintes com o ordenado de lente proprietário desde a abertura da cadeira. (Lei de 17 d'agosto de 1853, art.º 5.º — D. de 26 de dezembro de 1860 — P. de 31 de dezembro de 1861).

### Deveres

I. Os lentes devem justificar perante o Director todas as faltas ao exercício dos seus logares dentro do mez em que forem commettidas. (P. de 29 de setembro de 1871).

II. Os lentes que deixarem de assistir a todas as provas e votações dos candidatos aos logares academicos, ou de justificar le-

galmente a sua falta, ou que depois de haverem concorrido a qualquer parte d'esses actos, se subtrahirem ao desempenho de alguma das suas obrigações, são punidos nos termos do D. de 22 d'agosto de 1865, art.º 4.º e § unico.)

III. As faltas ás sessões do conselho e ás das comissões para que elles tiverem sido nomeados, são contadas como faltas ordinarias. (D. de 23 d'abril de 1840, art.º 3.º § 7.º).

IV. Devem apresentar dentro do prazo de quatro meses a sua carta ou provimento. (Lei de 11 d'agosto de 1860, art.º 8.º — P. de 10 de setembro de 1861).

V. Nos conselhos mensaes devem dar impreterivelmente conta das faltas dos seus discípulos no mez antecedente, tendo tomado diariamente o ponto de frequencia d'elles. (Estatutos de 29 de julho de 1803, art.º 7.º — D. de 30 d'outubro de 1866, art.º 11.º).

VI. Os que estiverem dispensados do serviço lectivo em comissão puramente litteraria, estão sujeitos ao serviço dos actos, achando-se residindo na séde da academia e não tendo dispensa especial do governo. (P. de 15 de junho de 1866, n.º 4.º).

VII. Compete-lhes as seguintes atribuições policiais: fazer manter a ordem, decôro, e profundo socego dentro das suas aulas, e em quaesquer exercícios litterarios, ou repartições, a que presidirem — reprehender os individuos, que, durante os trabalhos academicos, perturbarem o exercicio d'elles, ou commetterem, alguma falta de disciplina; se os perturbadores não cederem, mandal-los conduzir em custodia á presença do Director pelo guarda da aula; se ainda assim o socego não ficar restabelecido, interromper os exercícios a que presidirem, dando conta circunstanciada de tudo ao Director. (D. regulamentar de 25 de novembro de 1859, art.º 6.º).

## CURSOS LEGAES DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO

A Academia Polytechnica ministra os seguintes:

### Cursos especiaes

- I — Curso de Engenheiros civis :
- a) — *de minas.*
- b) — *de pontes e estradas.*
- c) — *Geographos.*
- II — Directores de fabricas.
- III — Commerciantes.
- IV — Agricultores.
- V — Artistas.

(Decreto de 13 de janeiro de 1837).

### Cursos preparatorios

- I — Curso preparatorio para as escolas medico-cirurgicas (decreto de 20 de setembro de 1844, artigos 147 a 150).
- II — Curso preparatorio para a escola de pharmacia nas escolas medico-cirurgicas (decreto de 29 de dezembro de 1836, artigos 129 e 180).
- III — Curso preparatorio para a escola naval :
- a) — *Curso de officiaes de marinha.*
- b) — *Curso de engenheiros constructores navaes* (decreto de 26 de dezembro de 1868, artigos 23 e 24).
- IV — Curso preparatorio para a escola do exercito (armas especiaes e estado-maior) — (decreto de 20 de setembro de 1844, artigo 140 — decreto de 24 de dezembro de 1868, artigo 26, § 2.º — decreto de 2 de junho de 1873).

Estes cursos são professados segundo os quadros seguintes :

**I — Engenheiros civis***a) — de minas.*

1.º anno	1.ª cadeira.	
	4.ª	» (desenho de figura e paisagem).
	9.ª	»
2.º anno	2.ª	»
	8.ª	»
	4.ª	» (desenho de paisagem — desenho de topographia).
3.º anno	8.ª cadeira.	
	7.ª	» (metallurgia e arte de minas).
	13.ª cadeira	(mechanica applicada á resistencia dos solidos e á estabilidade das construções, especialmente a pontes e estradas e ás machinas de vapor).
4.º anno	7.ª	» (mineralogia e geologia).
	4.ª	(desenho de perspectiva, plantas e perfis das machinas em uso no serviço das minas).
	10.ª	» (Botanica).
5.º anno	5.ª cadeira.	
	4.ª	» (desenho de cortes e plantas de minas, e de convenções para designar os terrenos).
	12.ª	»

*b) — de pontes e estradas.*

1.º anno	1.ª cadeira.	
	4.ª	» (desenho de figura e paisagem).
2.º anno	2.ª cadeira.	
	8.ª	»
		Desenho de architectura (na Academia Portuense de bellas-artes).

3.º anno	3.ª cadeira.
	4.ª      "      (desenho de topographia, ornato, decorações e machinas).
	9.ª      "
4.º anno	13.ª cadeira. (1.º anno).
	5.ª      "
	7.ª      "      (zoologia, mineralogia e geologia).
5.º anno	13.ª cadeira. (2.º anno).
	10.ª      "      (Botanica).
	12.ª      "

c) — *Geographos.*

1.º anno	1.ª cadeira.
	4.ª      "      (desenho de figura e paisagem).
2.º anno	2.ª cadeira.
	8.ª      "
3.º anno	3.ª cadeira.
	9.ª      "      (chimica mineral).
	4.ª      "      (desenho de topographia e paisagem pelo natural).
4.º anno	5.ª cadeira.
	7.ª      "      (zoologia, mineralogia e geologia).
	12.ª      "      (Botanica e Veterinaria).
	Desenho geographicó, redução de plantas de costas, bahias, enseadas, portos, etc. (na Academia Portuense de bellas-artses).

## II — DIRECTORES DE FÁBRICAS

1.º anno	1.ª cadeira.
	4.ª      "      (desenho de figura).
	9.ª      "

2.º anno	2.º cadeira.
	8.º      "      Desenho de architectura (na Academia Portuense de bellas-arts).
3.º anno	3.º cadeira.
	4.º      "      (desenho de ornato, decorações e machinas).
4.º anno	13.º cadeira. (1.º anno).
	12.º      "
5.º anno	13.º cadeira. (2.º anno).

## III — COMMERCIAENTES

1.º anno	1.º cadeira.
	11.º      "      (escripturação por partidas dobradas).
2.º anno	11.º cadeira (formulas dos documentos commerciales usadas quer nas transacções de comércio, quer nas provas dos contractos, regulação de avarias, etc.
	4.º      "      (desenho de figura e paisagem).
3.º anno	11.º cadeira. (geographia commercial — redução dos cambios, pesos e medidas estrangeiros).
	12.º      "

## IV — AGRICULTORES

1.º anno	1.º cadeira.
	9.º      "
2.º anno	8.º cadeira.
	4.º      "      (desenho de figura e paisagem). 10.º      "      (botanica e agricultura).
3.º anno	7.º cadeira (zoologia, mineralogia e geologia).
	10.º      "      (Botanica, parte prática — veterinaria). 4.º      "      (desenho pelo natural de orgãos de vegetação e de reprodução das plantas).

4.º anno { 12.ª cadeira (economia política e economia e legislação rurais).  
 4.ª      "      (desenho de machinas e construções rurais).

### V — ARTISTAS.

1.º anno { 1.ª cadeira.  
 4.ª      "      (desenho de figura).

2.º anno { 8.ª cadeira.  
 4.ª      "      (desenho de paisagem).

3.º anno { 9.ª cadeira.  
 4.ª      "      (desenho d'ornato, de decoração e de machinas).

(Programma dos *Estudos da Academia Polytechnica do Porto no anno lectivo de 1838-39, publicado por ordem do conselho academico, de 7 d'Agosto de 1838 — Programma do Ensino na Academia Polytechnica do Porto, distribuído por cursos e cadeiras, aprovado em sessão do conselho academico de 18 de maio de 1861 — Resoluções do Conselho academico em sessões de 6 de março de 1875 e 9 de novembro de 1878).*

### I — CURSO PREPARATORIO PARA AS ESCOLAS MEDICO-CIRURGICAS.

1.º anno — 8.ª cadeira (physica) e 9.ª cadeira (chimica).  
 2.º      "      7.ª      "      (zoologia).  
 3.º      "      10.º      "      (botanica e physiologia vegetal).

Observação. O 1.º anno d'este curso é exigido como habilitação para a matricula no 1.º anno das escolas medico-cirurgicas; o 2.º anno para a matricula no 2.º anno das mesmas escolas; e o 3.º para a matricula no 3.º anno d'ellas.

(Decreto de 20 de setembro de 1844, artigos 147 a 150).

## II — CURSO PREPARATORIO PARA A ESCOLA DE PHARMACIA.

9.<sup>a</sup> cadeira (chimica).  
 10.<sup>a</sup>      » (botanica).

(Decreto de 29 de dezembro de 1836, artigos 129 e 130).

## III — CURSO PREPARATORIO PARA A ESCOLA NAVAL.

a) — *Curso de officiaes de marinha.*

1.<sup>a</sup> cadeira (1.<sup>o</sup> anno de mathematica).  
 8.<sup>a</sup>      » (physica).

(Decreto de 26 de dezembro de 1868, art. 23.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 2<sup>o</sup>).

b) — *Curso de engenharia naval.*

1.<sup>o</sup> anno { 1.<sup>a</sup> cadeira.  
           4.<sup>a</sup>    »  
           8.<sup>a</sup>    »

2.<sup>o</sup> anno { 2.<sup>a</sup> cadeira.  
           Construções de geometria descriptiva.  
           9.<sup>a</sup> cadeira (chimica inorganica e principios de metallurgia).  
           Geometria descriptiva (1.<sup>a</sup> parte).

3.<sup>o</sup> anno { Construções de geometria descriptiva.  
           3.<sup>a</sup> cadeira (mecanica e suas applicações ás machines, com especialidade ás de vapor).  
           10.<sup>a</sup>    » (botanica e principios de agricultura).  
           Geometria descriptiva (2.<sup>a</sup> parte).

(Decreto de 26 de dezembro de 1868, artigo 24.<sup>o</sup> e Portaria de 8 de junho de 1860).

## IV — CURSO PREPARATORIO PARA A ESCOLA DO EXERCITO.

## Das disciplinas actualmente professadas na Academia Poly-

technica do Porto, constituem o curso preparatorio as que são regidas nos seguintes cursos :

- 1.º curso — Trigonometria espherica, algebra superior, geometria analytica no plano e no espaço.
- 2.º     "     — Geometria descriptiva (1.ª e 2.ª parte).
- 3.º     "     — Calculo differencial, integral, das differenças, variações e probabilidades.
- 4.º     "     — Mecanica racional, e applicada ás machinas, cincematica.
- 5.º     "     — Astronomia e geodesia.
- 6.º     "     — Mineralogia e geologia.
- 7.º     "     — Physica.
- 8.º     "     — Chimica inorganica ; principios de metallurgia.
- 9.º     "     — Analyse chimica.
- 10.º    "     — Economia politica e direito administrativo.

Além d'estas disciplinas, este curso preparatorio comprehende ainda :

1.º — Desenho linear, de architectura, de machinas, de figura e de paisagem, incumbindo-se o professor de dar lições de architectura ácerca das regras geraes de decoração, distribuição e representação dos edificios por meio de plantas, alçados e córtes.

2.º — Exercicios graphicos de geometria descriptiva.

3.º —     "     de mathemática.

4.º —     "     práticos de chimica, physica e mineralogia.

Gymnastica.

(Decreto de 2 de junho de 1873, artigo 2.º).

## QUADRO DA DISTRI-

NO CURSO PREPARATORIO

Instrucao	Segunda-feira	Terça-feira
1.º anno.....	1 h. 30' 1.º curso, aula	2.º curso — 1.ª parte, aula
	1 h. 30' 7.º curso, aula	Exercicios de mathematica
	2 h. 30' Desenho	Desenho
2.º anno.....	1 h. 30' 3.º curso, aula	8.º curso, aula
	1 h. 30' 2.º curso — 2.ª parte, aula	10.º curso aula
	2 h. 30' Desenho	Desenho
3.º anno.....	1 h. 30' 4.º curso, aula	9.º curso, aula
	1 h. 30' 6.º curso, aula	5.º curso, aula
	2 h. 30' Desenho	Desenho

**BUIÇÃO DO TEMPO**

PARA A ESCOLA DÓ EXERCITO

Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sabbado
1.º curso, aula	Exercicios de geometria descriptiva	1.º curso, aula	2.º curso — 1.ª parte, aula
7.º curso, aula	Exercicios de mathematica	7.º curso, aula	Exercicios de mathematica
Desenho	Gymnastica	Desenho	Physica prática
8.º curso, aula	8.º curso, aula	8.º curso, aula	8.º curso, aula
2.º curso — 2.ª parte, aula	Exercicios de geometria descriptiva	10.º curso, aula	Exercicios de geometria descriptiva
Desenho	Gymnastica	Desenho	Geometria descriptiva applicada á architectura e machinas
4.º curso, aula	Geometria descriptiva applicada á architectura e machinas	9.º curso, aula	4.º curso, aula
6.º curso, aula	5.º curse, aula	5.º curso, aula	Mineralogia prática
Desenho	Gymnastica	Chimica prática	Chimica prática

(Decreto de 2 de Junho de 1873, modelo A).

## HORARIO das aulas no

Designação das cadeiras	Nomes dos lentes regentes
1.ª cadeira — Geometria analytica no plano e no espaço, trigonometria espherica, algebra superior.....	José Pereira da Costa Cardoso.
2.ª cadeira — Calculo diferencial, integral, das diferenças e das variações.....	Pedro Amorim Vianna.
3.ª cadeira — Cinematica pura e applicada, e mecanica racional.....	Joaquim d'Azevedo Souza Vieira da Silva e Albuquerque.
Geometria descriptiva .....	Rodrigo de Mello e Castro de Aboim.
4.ª cadeira — Desenho de figura e paisagem, d'ornato e decorações, de machinas, de topographia .....	Francisco da Silva Cardoso.
5.ª cadeira — Astronomia e geodesia .....	Antonio Pinto de Magalhães Aguiar.
7.ª cadeira — Zoologia. a) Mineralogia e geologia. b) Metalurgia e arte de minas (1).....	Arnaldo Anselmo Ferreira Braga.
8.ª cadeira — Physica theoreica e experimental .....	Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão.
9.ª cadeira — Chimica inorganica e organica.....	Antonio Joaquim Ferreira da Silva.

(1) As duas ultimas disciplinas são professadas na ultima época do anno lectivo em curso biennal. E' a mineralogia e geologia que se ha de professar este anno.

anno lectivo de 1878-79

---

Dias e horas da regencia das cadeiras

---

2.<sup>as</sup>, 3.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup>, 6.<sup>as</sup> feiras e sabbados..... VIII  $\frac{1}{2}$  ás X horas.

» » » » » .....

»

2.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup>, e 6.<sup>as</sup> feiras ..... XI  $\frac{1}{2}$  á I hora.

3.<sup>as</sup> e sabbados.....

»

2.<sup>as</sup>, 3.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup> feiras ..... X ás XI  $\frac{1}{2}$  horas.

2.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup> feiras ..... XI  $\frac{1}{2}$  á I hora.

2.<sup>as</sup>, 3.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup>, 6.<sup>as</sup> feiras e sabbados..... I ás II  $\frac{1}{2}$  horas.

2.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup> feiras ..... XII  $\frac{1}{2}$  ás II horas.

3.<sup>as</sup>, 5.<sup>as</sup> e sabbados..... I ás II  $\frac{1}{2}$  horas.

## HORARIO das aulas no

Designação das cadeiras	Nomes dos lentes regentes
<i>10.<sup>a</sup> cadeira. — Botanica a) Agricultura b) Veterinaria (1)..</i>	Francisco de Salles Gomes Cardoso.
<i>11.<sup>a</sup> cadeira. — Commercio.</i>	José Joaquim Rodrigues de Freitas.
<i>12.<sup>a</sup> cadeira. — Economia politica e principios de direito commercial e administrativo..</i>	Adriano de Abreu Cardoso Machado.
<i>13.<sup>a</sup> cadeira. — Mecanica aplicada ás construcções civis (2)</i>	Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa.

(1) As duas ultimas disciplinas são professadas na ultima época do anno lectivo em curso biennal. E' a agricultura que se ha de professar este anno.

(2) Este curso é biennal, professando-se no 1.<sup>o</sup> anno : *Resistencia de materias — Estabilidade de construcções — Construcções em geral — Vias de communciação — Pontes de todas as especies — Theoria das machinas de vapor*; e no 2.<sup>o</sup> anno : *Hydraulica — Construcções hydraulicas — Caminhos de ferro — Theoria das sombras — Perspectiva linear e stereotomia das obras de madeira*. E' a 2.<sup>o</sup> parte que se professa este anno.

A 12.<sup>a</sup> cadeira foi creada pela lei de 15 de julho de 1857, artigo 1.<sup>o</sup> — a 13.<sup>a</sup> cadeira foi creada por decreto de 31 de dezembro de 1868, artigo 35 § 1.<sup>o</sup>, considerado em vigor pela lei de 2 de setembro de 1869, artigo 1.<sup>o</sup> § 1.<sup>o</sup> — As outras cadeiras foram creadas pelo decreto organico de 13 de janeiro de 1857. — A cadeira de artilheria e tactica naval (6.<sup>a</sup> cadeira) foi suprimida pela lei de 20 de setembro de 1844, art.<sup>o</sup> 139.

anno lectivo de 1878-79 — (Continuação)

Dias e horas da regencia das cadeiras

2.º, 3.º, 4.º, 6.º feiras e sabbados..... XI  $\frac{1}{2}$  á I hora.

..... VIII ás IX  $\frac{1}{2}$  horas.

5.º feiras e sabbados ..... X ás XI  $\frac{1}{2}$  horas.

2.º, 3.º, 4.º, 6.º feiras e sabbados ..... VIII ás IX  $\frac{1}{2}$  horas.

**Habilitações exigidas aos alumnos para a matricula nos cursos da Academia Polytechnica.**

Para a admissão á primeira matricula no curso especial I (d'engenheiros civis), e nos cursos preparatorios I (para as escolas medico-cirurgicas) e IV (para a escola do exercito) são exigidos os seguintes exames preparatorios :

- a) Exame final do curso completo de portuguez.
- b) Idem da primeira parte de latim.
- c) Idem de franez.
- d) Idem do curso completo de mathematica elementar.
- e) Idem de principios de physica e chimica e introduçao á historia natural.
- f) Idem da primeira parte de philosophia.
- g) Idem de geographia, chronologia e historia.
- h) Idem do curso completo de desenho.

(D. de 22 de maio de 1862, art.º 1.º n.º III e art.º 2.º — de 30 de abril de 1863 — de 23 de setembro de 1872, art.º 8.º — de 2 de junho de 1873, art.º 5.º).

Para a admissão á primeira matricula nos cursos especiais II (directores de fabricas), III (commerciantes), IV (agricultores), V (artistas), são exigidos os exames preparatorios :

- a) Exame final do curso completo de portuguez.
- c) Idem de franez.
- d) Idem do curso completo de mathematica elementar.
- e) Idem de principios de physica e chimica e introduçao á historia natural.

(D. de 22 de maio de 1862, art.º 2.º — de 30 d'abril de 1863, art.º 2.º).

Para a admissão á primeira matricula no curso preparatorio II (para pharmacia), os exames finaes :

- a) Exame final do curso completo de portuguez.
- b) Idem da primeira parte de latim.

- c) Idem de franez.
- d) Idem da primeira parte de mathematica elementar.
- e) Idem de principios de physica e chimica e introduçao á historia natural.
- f) Idem da primeira parte de philosophia.

(DD. de 23 de abril de 1840, art.º 173 — de 12 de agosto de 1854, art.º 6 e 11 — de 23 de março de 1873).

Para a admissao á primeira matricula no curso preparatorio III (para a eschola naval), os exames finaes :

- a) Exame final do curso completo de portuguez.
- c) Idem de franez.
- d) Idem do curso completo de mathematica elementar.
- e) Idem de principios de physica e chimica e introduçao á historia natural.
- h) Idem do curso completo de desenho.

(DD. de 30 de abril de 1863, art.º 10 — de 7 de julho de 1864, art.º 12, n.º 1 — de 26 de dezembro de 1868, art.º 23).

Todos estes exames preparatorios devem ter sido feitos perante as commissões de exames finaes de instrucçao secundaria, creadas pelo decreto de 23 de setembro de 1872, art.º 7.º, ou em lyceus de 1.ª classe, ou no real collegio militar (DD. de 22 de maio de 1862, art.º 1.º, n.º IV, § unico — de 80 de abril de 1863, art.º 11.º, § unico) se esses exames forem anteriores ao citado decreto (portaria de 12 de novembro de 1872); e as respectivas certidões devem vir reconhecidas por tabelliães da cidade do Porto.

Aos alumnos militares que pretenderem matricular-se no curso preparatorio IV (para a eschola do exercito) são além d'isso exigidos os seguintes documentos :

- a) Licença do ministerio da guerra, a qual deve ser requerida no mez de agosto.
- b) Certidão por onde mostrem ter menos de 20 annos de idade.
- c) Certidão do assentamento de praça.

O governo pode permittir a matricula até á idade de 22 annos aos que tiverem, pelo menos, um anno de

serviço efectivo nas fileiras do exercito (art.º 6.º do D. de 2 de junho de 1873).

A matricula é feita em 2.º classe para os alumnos que não tem todos os preparatorios *a, b, c, d, e, f, g, h*, acima designados.

Os alumnos que tiverem o 1.º anno de qualquer dos cursos mencionados a pag. 75 a 81, devem documentar o requerimento para matricula com a certidão de aprovação nas disciplinas das cadeiras que, segundo os *quadros* dos referidos cursos, precedem a frequencia do anno ou cadeiras em que pretendem matricular-se.

---

A matricula é requerida ao Director. O requerimento deve ser feito em papel sellado, datado, assignado e documentado nos termos acima referidos, declarando-se n'elle a naturalidade (freguesia e concelho), filiação paterna, idade do requerente e os cursos em que pretende matricular-se.

Os requerimentos lançam-se na caixa que está no corredor da entrada da secretaria, desde o dia 15 de setembro até ao dia 5 d'outubro.

A assignatura das matriculas tem logar nos dias 12 a 15 inclusivè do mez d'outubro.

Os estudantes admittidos á matricula tem de apresentar no acto da assignatura da matricula as guias de pagamento da respectiva propina no cofre central d'este districto e dos emolumentos do secretario da academia (Veja a tabella seguinte).

Estas guias podem ser procuradas na secretaria da Academia desde o dia 9 até ao dia 11 inclusivè do mez d'outubro.

No dia 9 são publicados em edital os nomes dos requerentes que não foram admittidos á matricula com o despacho fundamentado que assim o determinou.

Na segunda quinzena do mez d'outubro principia o exercicio das aulas.

**Vantagens conferidas por lei ás Cartas de capacidade dos cursos da Academia.**

«Os individuos, que apresentarem Carta de capacidade de algum dos Cursos da Academia Polytechnica do Porto, em igualdade de circumstancias, terão preferencia no provimento dos empregos publicos, enjas funções forem mais analogas ás disciplinas de cada um d'esses Cursos.» (D. com força de lei de 20 de setembro de 1844, art.º 145).

*Peculiares ao Curso de Commercio :*

«Só poderão ser providos nos logares de aspirantes do thesouro publico e alfandegas os alumnos, que tiverem diploma da antiga Aula de Commercio, da Escóla de Commercio, ou do Curso correspondente da Academia Polytechnica do Porto.» (D. citado, art.º 74).

«O escrivão dos tribunaes do Commercio deve ter feito o curso das aulas de Commercio de Lisboa ou da Academia do Porto com certidão de aprovação.» (Codigo Commercial, art.º 1063).

**Tabella das propinas de matricula, das cartas de capacidade, e dos emolumentos do Secretario da Academia.**

Propina de matricula (de abertura e de encerramento), cada uma .....	réis	1,8200
(D. de 20 de setembro de 1844, art.º 143.º).		
Para viação, 20 % .....		240
(Carta de lei de 25 d'abril de 1876, art.º 3.º).		
Sêllo de conhecimento de 1 %, sobre estas duas verbas (D. regulamentar de 14 de novembro de 1878, tabella n.º 2, classe 7.º n.º 3).		14,4
		1,8454,4
Propina de matricula (de abertura e de encerramento), no curso preparatorio para a Eschola do Exercito, cada uma .....	réis	6,8000
(D. de 2 de junho de 1873, art.º 8.º).		
Para viação. ....		1,8200
Sêllo de conhecimento .....		72
(Legislação citada).		
		7,5272
Taxa das cartas de capacidade em qualquer curso, réis (D. de 18 de janeiro de 1837, art.º 163).		14,5400
Para viação. ....		2,8800
Sêllo de conhecimento .....		172,8
(Legislação citada).		
Sêllo .....		4,8000
(D. regulamentar citado, tabella n.º 1, classe 6.º n.º 9).		
		21,8453,8

Cada matricula, informação ou attestação de frequen-	
cia .....	réis
Certidão de acto ou exame .....	480
Busca dos livros dos annos anteriores .....	220
Carta de capacidade em qualquer curso .....	180
Provimento de premios .....	2400
(Portaria do Ministerio do Reino de 8 d'abril de 1839, e Edital da Directoria da Academia Polytechnica do Porto de 30 do mesmo mez e anno).	18600
Emolumento de cada matricula (de abertura e de en-	
cerramento) no curso preparatorio para a Es-	
chola do Exercito .....	réis
(D. de 2 de junho de 1873, art.º 8.º).	600

**Livros que servem de texto nas aulas,  
no anno lectivo de 1877 a 1878**

---

**1.ª CADEIRA.**

*Francaeur* — Geometria analytica no plano e no espaço, algebra superior e trigonometria espherica — ultima edição de Coimbra.

**2.ª CADEIRA.**

*Sturm* — Cours d'analyse de l'École polytechnique, 5<sup>a</sup> édition.

**3.ª CADEIRA.**

*Delaunay* — Traité de mécanique rationnelle — 5<sup>a</sup> édition.

*Leroy* — Traité de géométrie descriptive — 9<sup>a</sup> édition.

*Bour* — Cinématique, 1865.

*Claudel* — Aide-mémoire des ingénieurs, des architectes, &c. — 8<sup>a</sup> édition.

**5.ª CADEIRA.**

*Dubois* — Cours d'astronomie — 2<sup>a</sup> édition.

*Francaeur* — Traité de Géodésie — 5<sup>a</sup> édition.

*Rodrigo de Sousa Pinto* — Astronomia.

**7.ª CADEIRA.**

*Milne Edwards* — Zoologie — 11<sup>a</sup> édition.

**8.ª CADEIRA.**

*Jamin* — Petit traité de physique à l'usage des établissements d'instruction, etc. — 1870.

**9.ª CADEIRA.**

*Grimaux* — Chimie inorganique.

Na parte da chimica organica d'esta cadeira preleccions o lente sem dependencia de compendio.

**10.ª CADEIRA (Botanica).**

*Richard* — Éléments de botanique.

*Maout et Decaisne* — Flore des jardins et des champs.

11.<sup>a</sup> CADEIRA (Commercio).

*Rodrigo Pequito* — Curso de contabilidade mercantil.

*Garnier* — Traité complet d'arithmétique théorique et appliquée au Commerce à la banque, aux finances, à l'industrie.

12.<sup>a</sup> CADEIRA (Economia politica e principios de direito administrativo e commercial).

*Ch. Le Hardy de Beaulieu* — Traité élémentaire d'économie politique — 2<sup>a</sup> édition.

Na parte d'esta cadeira relativa ao ensino do direito administrativo e commercial preleciona o lente sem dependencia de compendio.

18.<sup>a</sup> CADEIRA (Mecanica applicada ás construcções civis) — curso biennal.

*Bresse* — Cours de mécanique appliquée professé à l'École des Ponts et Chaussées. Deuxième partie : Hydraulique. 2<sup>a</sup> édition.

*Sganzin* — Cours de constructions.

*Leroy* — Traité de stéréotomie — 6<sup>a</sup> édition.

*Perdomet* — Traité élémentaire des chemins de fer. 3<sup>a</sup> édition.



**Alumnos matriculados na Academia  
Polytechnica no anno lectivo de 1878 a  
1879, distribuidos por cadeiras**

---

**1.ª CADEIRA**

Alvaro Leão Baptista Dias, natural do Porto.  
 Antonio Augusto da Rocha, natural de S. Martinho d'Anta.  
 Antonio José Ferreira da Silva, junior, natural de Porto-Alegre  
 (imperio do Brazil).  
 Antonio da Silva, natural de Salreu, concelho d'Estarreja.  
 Bento de Souza Carqueja, junior, natural d'Oliveira d'Azevedo.  
 Bernardo Joaquim da Silva e Cunha, natural de Santa Christina  
 de Longos, concelho de Guimarães.  
 Bomfim Diniz, natural de Macau.  
 Joaquim Dias de Souza Arôzo, natural de Mattosinhos, concelho  
 de Bouças.  
 José Pereira Sampaio, natural do Porto.  
 José Tavares da Silva Rebello, natural de Salreu, concelho de  
 Estarreja.  
 Julio Pinto da Costa Portella, natural de Recardaens, concelho  
 d'Agueda.  
 Luiz Maria de Souza Vahia, natural do Porto.  
 Marcellino Antonio de Souza Flores, natural de Santo Estevão  
 de Gião, concelho de Villa do Conde.  
 Saturnino de Barros Leal, natural de Perozello, concelho de  
 Penafiel.  
 Theophilo Leal de Faria, natural da freguesia de S. José da  
 cidade de Lisboa.

**2.ª CADEIRA**

Antonio Villela d'Oliveira Marcondes, natural de Guaratinguetá  
 (imperio do Brazil).  
 Arthur Carlos Machado Guimarães, natural do Porto.  
 Constantino Alvim de Vasconcellos Leite Pereira, natural de  
 Amarante.  
 Domingos Alberto Mourão, natural de Aveiro.

Francisco d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, natural do Porto.

João Gonçalo Pacheco Pereira, natural do Porto.

### 3.º CADEIRA

José Augusto Ribeiro de Sampaio, natural de Villar de Maçada, concelho d'Alijó.

José Maria Chartres Henriques d'Azevedo, natural de Córtes, distrito de Leiria.

William Macdonald Smith, natural d'Inglaterra.

### 4.º CADEIRA

Alvaro Leão Baptista Dias, natural do Porto.

Antonio Augusto da Rocha, natural de S. Martinho d'Anta.

Antonio Guedes Infante, junior, natural de S. João da Foz do Douro.

Antonio da Silva, natural de Salreu, concelho d'Estarreja.

Antonio Villela d'Oliveira Marcondes, natural de Guaratinguetá (imperio do Brazil).

Arthur Carlos Machado Guimarães, natural do Porto.

Bento de Souza Carqueja, junior, natural d'Oliveira d'Azemeis.

Bomfilho Diniz, natural de Macau.

Constantino Alvim de Vasconcellos Leite Pereira, natural de Amarante.

Domingos Alberto Mourão, natural d'Aveiro.

Francisco d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, natural do Porto.

Isidoro Antonio Ferreira, natural de Lamego.

João Gonçalo Pacheco Pereira, natural do Porto.

João Narcizo Pinto do Cruzeiro Seixas, natural de Valença do Minho.

João Rodrigues Pinto Brandão, natural de Mouriz, concelho de Paredes.

Joaquim Dias de Sousa Arôso, natural de Mattosinhos, concelho de Bouças.

José Augusto Ribeiro Sampaio, natural de Villar de Maçada, concelho d'Alijó.

José Joaquim Dias, natural de Ferreira, concelho de Sernancelhe.

POLYTECHNICA DO PORTO



José Maria Chartres Henriques d'Azevedo, natural de Córtes, distrito de Leiria.  
José Pereira Sampaio, natural do Porto.  
Julio Pinto da Costa Portella, natural de Recardaens, concelho d'Agueda.  
Marcellino Antonio de Souza Flores, natural de Santo Estevão de Gião, concelho de Villa do Conde.  
Saturnino de Barros Leal, natural de Perozélio, concelho de Penafiel.  
Theophilo Leal de Faria, natural de Lisboa.  
William Macdonald Smith, natural de Inglaterra.

5.º CADEIRA

Antonio Franco Frazão, natural da Capinha, distrito de Castelo Branco.  
Isidoro Antonio Ferreira, natural de Lamego.  
João Chrysostomo Lopes, natural da Cachoeira (Brazil).  
José Joaquim Dias, natural de Ferreirim, concelho de Sernancelhe.

7.º CADEIRA

Albino Moreira de Souza Baptista, natural de Cabeça Santa, concelho de Penafiel.  
Antonio d'Almeida Loureiro e Vasconcellos, natural de Viseu.  
Antonio José Lopes, natural de Panoias, concelho de Braga.  
Antonio Teixeira de Souza, natural de Celleiróz, distrito de Villa Real.  
Arnaldo Pacheco Dias Torres, natural de S. Pedro de Ferreira, concelho de Paços de Ferreira.  
Arthur Lessa de Carvalho, natural de Lamego.  
Bernardo Joaquim da Silva e Cunha, natural de Santa Cristina de Longos, concelho de Guimarães.  
Bomfilho Diniz, natural de Macau.  
Francisco Eduardo Leite da Silva, natural de Santa Comba de Fornelos, concelho de Fafe.  
Jodo Augusto Marques, natural de Ribas de Pinheiro de Paiva, concelho de Castro Daire.  
Joaquim Ferreira de Souza Garcez, natural do Porto.  
José Augusto Ribeiro Sampaio, natural de Villar de Maçada, concelho d'Alijó.

José Carneiro Peixoto, natural de Fornos, concelho do Marco de Canavezes.  
 José Maria Chartres Henriques d'Azevedo, natural de Córtes, distrito de Leiria.  
 José Maria Galvão de Mello, natural do Porto.  
 José Tavares da Silva Rebello, natural de Salreu, concelho de Estarreja.  
 Julio Arthur Lopes Cardoso, natural de Braga.  
 Manoel de Barros Leal, natural de Perozêllo, concelho de Penafiel.  
 Manoel Belleza da Costa Almeida Ferraz, natural de Barcelinhos, concelho de Barcellos.  
 Sebastião Pinto Peixoto Portella de Vascencellos, natural do Porto.  
 William Macdonald Smith, natural de Londres (Inglaterra).

7.ª CADEIRA a) MINERALOGIA E GEOLOGIA

Albino Moreira de Souza Baptista, natural de Cabeça Santa, concelho de Penafiel.  
 António Augusto da Rocha, natural de S. Martinho d'Anta.  
 António José Lopes, natural de Panoias, concelho de Braga.  
 António Villela d'Oliveira Marcondes, natural de Guaratinguetá (Brazil).  
 Isidoro António Ferreira, natural de Lamego.  
 João Rodrigues Pinto Brandão, natural de Mouriz, concelho de Paredes.  
 Joaquim Ferreira de Souza Garcez, natural do Porto.  
 Joaquim da Rocha Maciel, natural de Leça da Palmeira, concelho de Bouças.  
 José d'Almeida Santos, natural da freguesia da Sé de Lamego.  
 José Augusto Ribeiro Sampaio, natural de Villar de Maçada, concelho d'Alijó.  
 José Maria Chartres Henriques d'Azevedo, natural de Córtes, distrito de Leiria.  
 Manoel Ferreira dos Santos, natural do Porto.  
 Marcellino António de Souza Flores, natural de Santo Estêvão de Gião, concelho de Villa do Conde.  
 William Macdonald Smith, natural de Londres (Inglaterra).

## 8.ª CADEIRA

Agostinho Rodrigues Pinto Brandão, natural de Mouriz, concelho de Paredes.

Alexandre Benedicto dos Anjos Salgado, natural de Carviães, concelho de Moncorvo.

Alfredo Martins dos Santos, natural da freguesia de Miragaya, da cidade do Porto.

Alvaro Joaquim de Meirelles, natural de Moncorvo.

Alvaro Lopes da Silveira Pinto, natural de S. Salvador de Ferreira, concelho de Celorico de Basto.

Antonio Arminido d'Andrade, natural de Ribeira de Pena.

Antonio Augusto Carreira, natural de Santa Eulalia da Villa de Fafe.

Antonio da Costa Rodrigues, natural da Bahia (Imperio do Brazil).

Antonio José Ferreira da Silva, junior, natural do Porto-Alegre (Imperio do Brazil).

Antonio José Gomes, natural de Monte Novo, freguesia de Pouzafolles, concelho de Sabugal.

Antonio Luiz Soares Duarte, natural do Porto, freguesia de Cedofeita.

Antonio Manoel Pelleias, natural de Torre de Dona-Chama, concelho de Mirandella.

Antonio Miguel da Costa Almeida Ferraz, natural de Barcellinhos, concelho de Barcellos.

Antonio Sebastião do Valle, natural de Lamalonga, concelho de Macedo de Cavalleiros.

Antonio de Sousa, natural do Porto, freguesia do Bomfim.

Augusto Baptista da Cunha, natural de Paradello, concelho d'Agueda.

Aureliano de Sousa Cirne e Vasconcellos, natural de Penafiel, freguesia de S. Martinho.

Bento de Souza Carqueja, junior, natural de Oliveira d'Azemeis.

Delfim Ernesto de Magalhães, natural da Villa de Alijó.

Delfim José Pinto de Carvalho, natural de Santo Adrião, concelho de Villa Nova de Famalicão.

Domingos Agostinho de Souza, natural de Calangute (India Portugueza).

Domingos Alberto Mourão, natural d'Aveiro.

Domingos dos Santos Pinto Pereira, natural de Canellas, freguesia de S. Miguel de Poiarea, concelho do Peso da Regoa.

Eduardo José Coelho Vianna, natural de Castellões da Cepêda, concelho de Paredes.

Francisco de Paula Ribeiro Vieira de Castro, natural do Porto, freguesia de Miragaya.

Henrique Baptista da Silva, natural de Sousella, concelho de Lousada.

Jacinto José da Silva Romariz, natural de Campos (Império do Brazil).

João Baptista Gonçalves Pavão, natural de Villarinho de Tanha, concelho de Villa Real.

João Caeiro de Carvalho, natural da Povoa, concelho de Morna.

João Duarte da Costa Rangel, natural do Porto.

João Gonçalo Pacheco Pereira, natural do Porto.

João José Lourenço d'Azevedo, natural de Venade, concelho de Caminha.

Joaquim Dias de Souza Arôso, natural de Mattosinhos, concelho de Bouças.

Joaquim Ferreira da Cavada, natural de Rio Tinto, concelho de Gondomar.

Joaquim Filipe da Piedade Alvares, natural de Margão (Góis).

Joaquim José Marques d'Abreu, junior, natural de Lisboa.

Joaquim Leão Nogueira de Meirelles, natural de Pena Maior, concelho de Paços de Ferreira.

Joaquim Manoel da Costa, natural de S. Vicente de Sousa, concelho de Felgueiras.

Joaquim Ribeiro da Silva Carvalho, natural de Campia, concelho de Vouzella.

José da Cunha, natural de Santa Eugenia, concelho d'Alijó.

José da Cunha Pereira Bandeira de Neiva, natural d'Ançã, concelho de Cantanhede.

José Francisco da Silva Costa, natural de S. Mamede d'Infesta, concelho de Bouças.

José Joaquim Baptista Vieira, natural de Thaide, concelho de Povoa de Lanhoso.

José Maria Pinto Camello, natural de Castello de Paiva.

José do Nascimento da Rocha Azevedo Coutinho, natural de Tarouquella, concelho de Sinfães.

José Rodrigues Moreira, natural de Mouzinho, concelho de Paredes.

Julio Pinto da Costa Portella, natural de Recardaens, concelho d'Agueda.

Luiz Antonio Rodrigues Lobo, natural do Porto.

Luiz Moreira de Souza Vahia, natural do Porto.

Luiz Passos Oliveira Valença, natural de Vianna do Castello.

Manoel Ferreira da Silva Couto, junior, natural do Porto.

Manoel Machado de Moura e Cunha, natural de S. Miguel dos Gêmeos, concelho de Celorico de Basto.

Manoel Maria Lopes Monteiro, natural de S. Braz de Castanheiro, concelho de Cárrazeda d'Anciães.

Manoel de Sousa Dias, natural de Villar de Pinheiro, concelho de Villa do Conde.

Maximiano Bernardes Pereira, natural do Pezo da Regoa.

Raul da Fonseca, natural do Rio Grande do Sul (Brazil).

Ricardo Pinto Bartol, natural de Lumbrales, província de Salamanca (Hespanha).

Rodrigo Alberto Peixoto Galvão d'Oliveira, natural de Mangualde.

Saturnino de Barros Leal, natural de Perozello, concelho de Penafiel.

Simão José Lopes da Silva Ferreira, natural do Porto.

Theotonio Augusto Alcoforado, natural de Vouzella.

Vasco Antonio de Macedo Araujo da Costa, natural do Porto.

Victor Martins d'Oliveira, natural da Cachoeira, província da Bahia.

#### 9.º CADEIRA

Agostinho Rodrigues Pinto Brandão, natural de Mouriz, concelho de Paredes.

Alexandre Benedicto dos Anjos Salgado, natural de Carviças, concelho de Moncorvo.

Alfredo Martins dos Santos, natural da freguesia de Miragaya da cidade do Porto.

Alvaro Joaquim de Meirelles, natural de Moncorvo.

Alvaro Lopes da Silveira Pinto, natural de S. Salvador da Ferreira, concelho de Celorico de Basto.

Antonio Armindo d'Andrade, natural de Ribeira de Pena.

Antonio Augusto Carreira, natural de Santa Eulalia da Villa de Fafe.

**Antonio da Costa Rodrigues**, natural da Bahia (Imperio do Brasil).

**Antonio Guedes Infante**, junior, natural de S. João da Foz do Douro.

**Antonio José Ferreira da Silva**, junior, natural de Porto-Alegre, (Imperio do Brazil).

**Antonio José Gomes**, natural de Monte Novo, freguesia de Pouzafolles, concelho de Sabugal.

**Antonio José Gonçalves**, natural de Gontinhães, concelho de Caminha.

**Antonio Luiz Soares Duarte**, natural do Porto, freguesia de Cedofeita.

**Antonio Manoel Pelleias**, natural de Torre de Dona Chama, concelho de Mirandela.

**Antonio Miguel da Costa Almeida Ferraz**, natural de Barcelinhos, concelho de Barcelos.

**Antonio Sebastião do Valle**, natural de Lamalonga, concelho de Macedo de Cavalleiros.

**Antonio de Sousa**, natural do Porto, freguesia do Bomfim.

**Arthur Carlos Machado Guimarães**, natural do Porto.

**Augusto Baptista da Cunha**, natural de Paradella, concelho d'Agueda.

**Aureliano de Sousa Cyrne e Vasconcellos**, natural de Penafiel, freguesia de S. Martinho.

**Carlos Alberto de Moura Maldonado**, natural de Tondella.

**Constantino Alvim de Vasconcellos Leite Pereira**, natural d'Amante.

**Delfim Ernesto de Magalhães**, natural da Villa de Alijó.

**Delfim José Pinto de Carvalho**, natural de Santo Adrião, concelho de Villa Nova de Famalicão.

**Domingos Agostinho de Sousa**, natural de Calangute (India Portugueza).

**Domingos Alberto Mourão**, natural d'Aveiro,

**Domingos dos Santos Pinto Pereira**, natural de Canellas, freguesia de S. Miguel de Poiares, concelho do Peso da Regoa.

**Eduardo José Coelho Vianna**, natural de Castellões da Cepêda, concelho de Paredes.

**Eugenio Cândido de Sá Braga**, natural de Bragança.

**Francisco de Paulo Ribeiro Vieira de Castro**, natural do Porto, freguesia de Miragaya.

**Henrique Baptista da Silva**, natural de Souzella, concelho de Louzada.

Jacinto José da Silva Romariz, natural de Campos (Imperio do Brazil).

João Baptista Gonçalves Pavão, natural de Villarinho de Tanha, concelho de Villa Real.

João Caeiro de Carvalho, natural da Povoa, concelho de Moura.

João Duarte da Costa Rangel, natural do Porto.

João Gonçalo Pacheco Pereira, natural do Porto.

João José Lourenço d'Azevedo, natural de Venade, concelho de Caminha.

Joaquim Ferreira da Cavada, natural de Rio Tinto, concelho de Gondomar.

Joaquim Philippe da Piedade Alvares, natural de Margão (Góa).

Joaquim José Marques d'Abreu, junior, natural de Lisboa.

Joaquim Léao Nogueira de Meirelles, natural de Pena Maior, concelho de Paços de Ferreira.

Joaquim Manoel da Costa, natural de S. Vicente de Sousa, concelho de Felgueiras.

Joaquim Ribeiro da Silva Carvalho, natural de Campia, concelho de Vouzella.

Joaquim Vieira d'Araujo Braga, natural de Joanne, concelho de Villa Nova de Famalicão.

José da Cunha, natural de Santa Eugenia, concelho d'Alijó.

José da Cunha Pereira Bandeira de Neiva, natural d'Ançã, concelho de Cantanhede.

José Francisco da Silva Costa, natural de S. Mamede d'Infesta, concelho de Bouças.

José Joaquim Baptista Vieira, natural de Thaide, concelho de Povoa de Lanhoso.

José Maria Pinto Camello, natural de Castello de Paiva.

José Miranda Guedes, natural de Penajoaia, concelho de Lamego.

José do Nascimento da Rocha Azevedo Coutinho, natural de Tarouquella, concelho de Sinfões.

José Rodrigues Moreira, natural de Mouriz, concelho de Paredes.

Luiz Antonio Rodrigues Lobo, natural do Porto.

Luiz Passos d'Oliveira Valença, natural de Vianna do Castello.

Manoel Ferreira da Silva Couto, junior, natural do Porto.

Manoel Machado de Moura e Cunha, natural de S. Miguel dos Gêmeos, concelho de Celorico de Basto.

Manoel Maria Lopes Monteiro, natural de S. Braz de Castanheira, concelho de Carrazeda d'Anciães.

Manoel de Sousa Dias, natural de Villar de Pinheiro, concelho de Villa do Conde.  
 Maximiano Bernardes Pereira, natural do Pezo da Regoa.  
 Raul da Fonseca, natural do Rio Grande do Sul, (imperio do Brazil).  
 Ricardo Pinto Bartol, natural de Lumbrales, provincia de Salamanca (Hespanha).  
 Rodrigo Alberto Peixoto Galvão d'Oliveira, natural de Mangualde.  
 Simão José Lopes da Silva Ferreira, natural do Porto.  
 Theotonio Augusto Alécoforado, natural de Vouzella.  
 Thomaz d'Aquino Pinheiro Falcão, natural de Nossa Senhora da Conceição do Bairro Alto de Loanda (Angola).  
 Vasco Antonio de Macedo Araujo da Costa, natural do Porto.  
 Victor Martins d'Oliveira, natural de Cachoeira, provincia da Bahia.

## 10.º CADEIRA

Adolfo Betbésé Nery de Vasconcellos, natural de Montevideo (republica oriental do Uruguay).  
 Albino Moreira de Sousa Baptista, natural de Cabeça Santa concelho de Penafiel.  
 Antonio d'Almeida Loureiro e Vasconcellos, natural de Viseu.  
 Antonio Guedes Infante, junior, natural de S. João da Foz do Douro.  
 Antonio José Gonçalves, natural de Gontinhães, concelho de Caminha.  
 Antonio José Lopes, natural de Panoias, concelho de Braga.  
 Antonio Teixeira de Sousa, natural de Celleiros, distrito de Villa Real.  
 Arnaldo Pacheco Dias Torres, natural de S. Pedro de Ferreira, concelho de Paços de Ferreira.  
 Arthur Leassa de Carvalho, natural de Lamego.  
 Bernardo Joaquim da Silva e Cunha, natural de Santa Christina de Longos, concelho de Guimarães.  
 Bomfilho Diniz, natural de Macau.  
 Carlos Alberto de Moura Maldonado, natural de Tondella.  
 Francisco Eduardo Leite da Silva, natural de Santa Comba de Fornelos, concelho de Fafe.

Frederico Pinto Pereira de Vasconcellos, natural de Mercêdes  
 (republica oriental do Uruguay).  
 João Augusto Marques, natural de Ribas de Pinheiro de Paiva,  
 concelho de Castro Daire.  
 João Rodrigues Pinto Brandão, natural de Mouriz, concelho de  
 de Paredes.  
 Joaquim Ferreira de Sousa Garcez, natural do Porto.  
 José Carneiro Peixoto, natural de Fornos, concelho de Marco  
 de Canavezes.  
 José Maria Galvão de Mello, natural do Porto.  
 José Miranda Guedes, natural de Penajoa, concelho de La-  
 mego.  
 José Tavares da Silva Rebello, natural de Salreu, concelho de  
 Estarreja.  
 Julio Arthur Lopes Cardoso, natural de Braga.  
 Manoel de Barros Leal, natural de Perozâlio, concelho de Pena-  
 fiel.  
 Manoel Belleza da Costa Almeida Ferraz, natural de Barcelli-  
 nhos, concelho de Barcellos.  
 Sebastião Pinto Peixoto Portella de Vasconcellos, natural do  
 Porto.

#### 10.º CADEIRA a) AGRICULTURA

Adolfo Betbésé Nery de Vasconcellos, natural de Montevideo  
 (republica oriental do Uruguay).  
 Antonio Franco Frazão, natural da Capinha, concelho do Fun-  
 dão.  
 Antonio José Lopes, natural de Panoias, concelho de Braga.  
 Antonio Villela d'Oliveira Marcondes, natural de Guaratinguetá  
 (imperio do Brazil).  
 Frederico Pinto Pereira de Vasconcellos, natural de Mercêdes  
 (republica oriental do Uruguay).  
 João Chrysostomo Lopes, natural de Cachoeira (Brazil).  
 João Narciso Pinto do Cruzeiro Seixas, natural de Valença do  
 Minho.  
 Joaquim Ferreira de Sousa Garcez, natural do Porto.  
 Joaquim da Rocha Maciel, natural de Leça da Palmeira, conce-  
 lho de Bouças.  
 José d'Almeida Santos, natural da freguesia da Sé de Lamego.

**José Joaquim Dias**, natural de Ferreira, concelho de Sernancelhe.

**Manoel Ferreira dos Santos**, natural do Porto.

### 12.ª CADEIRA

**Alvaro Leão Baptista Dias**, natural do Porto.

**Antonio Augusto da Rocha**, natural de S. Martinho d'Anta.

**Antonio da Silva**, natural de Salreu, concelho de Estarreja.

**Antonio Villela d'Oliveira Marcondes**, natural de Guaratinguetá (Imperio do Brazil).

**Arnaldo Pacheco Dias Torres**, natural de S. Pedro de Ferreira, concelho de Paços de Ferreira.

**Constantino Alvim de Vasconcellos Leite Pereira**, natural de Amarante.

**Domingos Agostinho de Sousa**, natural de Calangute, (India Portugueza).

**Evaristo Gomes Saraiva**, natural de Santo Adrião, concelho de Armamar.

**Francisco d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres**, natural do Porto.

**Francisco de Paula Ribeiro Vieira de Castro**, natural do Porto, freguesia de Miragaya.

**João Duarte da Costa Rangel**, natural do Porto.

**Joaquim da Rocha Maciel**, natural de Leça da Palmeira, concelho de Bouças.

**Joaquim Vieira d'Araujo Braga**, natural de Joanne, concelho de Villa Nova de Famalicão.

**José d'Almeida Santos**, natural da freguesia da Sé de Lamego.

**José Miranda Guedes**, natural de Penajóia, concelho de Lamego.

**Manoel Ferreira da Silva Couto**, junior, natural do Porto.

**Marcellino Antonio de Sousa Flores**, natural de Santo Estevão de Gião, concelho de Villa do Conde.

**Theophilo Leal de Faria**, natural da freguesia de S. José de Lisboa.

**Thomaz d'Aquino Pinheiro Falcão**, natural da freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bairro Alto de Loanda (Angola).

13.<sup>a</sup> CADEIRA

Adolfo Betbésé Nery de Vasconcellos, natural de Montevideu (republica oriental do Uruguay).

Antonio Guedes Infante Junior, natural de S. João da Foz do Douro.

Frederico Pinto Pereira de Vasconcellos, natural de Mercêdes (republica oriental do Uruguay).

Isidoro Antonio Ferreira, natural de Lamego.

João Chrysostomo Lopes, natural de Cachoeira (Brazil).

João Rodrigues Pinto Brandão, natural de Mouriz, concelho de Paredes.

José Joaquim Dias, natural de Ferreira, concelho de Sernancelhe.



**Alumnos matriculados na Academia no  
anno lectivo de 1878-79, distribuidos  
segundo os cursos em que se matricu-  
laram**

**I — CURSOS D'ENGENHEIROS CIVIS**

Adolfo Betbésé Nery de Vasconcellos.  
Antonio Franco Frasão.  
Arthur Carlos Machado Guimarães.  
Bento de Sousa Carqueja, junior.  
Constantino Alvim de Vasconcellos Leite Pereira.  
Francisco d'Albuquerque de Mello Pereira Caceres.  
Frederico Pinto Pereira de Vasconcellos.  
Isidoro Antonio Ferreira.  
João Gonçalo Pacheco Pereira.  
José Joaquim Dias.  
José Maria Chartres Henriques d'Azevedo.  
Julio Pinto da Costa Portella.  
Theophilo Leal de Faria.

**II — CURSO DE DIRECTORES DE FABRICAS**

Alvaro Leão Baptista Dias.  
António Guedes Infante, junior.  
Antonio da Silva.  
Antonio Villela d'Oliveira Mareondes.  
Bernardo Joaquim da Silva e Cunha.  
Carlos Alberto de Moura Maldonado.  
Eugenio Cândido de Sá Braga.  
João Chrysostomo Lopes.  
João Narciso Pinto do Cruzeiro Seixas.  
João Rodrigues Pinto Brandão.  
Joaquim Dias de Sousa Aroso.  
José Augusto Ribeiro Sampaio.  
José Maria Galvão de Mello.

José Pereira Sampaio.  
 Marcellino Antonio de Sousa Flores.  
 Saturnino de Barros Leal.  
 William Macdonald Smith.

#### IV. CURSO DE AGRICULTORES

Albino Moreira de Sousa Baptista.  
 Alexandre Benedicto dos Anjos Salgado.  
 Alfredo Martins dos Santos.  
 Alvaro Lopes da Silveira Pinto.  
 Antônio Armindo d'Andrade.  
 Antonio Augusto da Rocha.  
 Antonio da Costa Rodrigues, junior.  
 Antonio José Ferreira da Silva, junior.  
 Antonio José Gomes.  
 Antonio José Lopes.  
 Antonio Luiz Soares Duarte.  
 Antonio Manoel Pelleias.  
 Antonio Miguel da Costa Almeida Ferraz.  
 Antonio Sebastião do Valle.  
 Antonio de Sousa.  
 Arnaldo Pacheco Dias Torres.  
 Aureliano de Sousa Cirne e Vasconcellos.  
 Bomfilho Diniz.  
 Delfim Ernesto de Magalhães.  
 Delfim José Pinto de Carvalho.  
 Eduardo José C.elho Vianna.  
 Henrique Baptista da Silva.  
 Francisco de Paula Ribeiro Vieira de Castro.  
 João Augusto Marques.  
 João Baptista Gonçalves Pavão.  
 João Caeiro de Carvalho.  
 João Duarte da Costa Rangel.  
 João José Lourenço d'Azevedo.  
 Joaquim Ferreira da Cavada.  
 Joaquim Filipe da Piedade Alvares.  
 Joaquim José Marques d'Abreu, junior.  
 Joaquim Leão Nogueira de Meirelles.  
 Joaquim Manoel da Costa.  
 Joaquim da Rocha Maciel.

Joaquim Vieira d'Araujo Braga.  
 José d'Almeida Santos.  
 José da Cunha.  
 José Francisco da Silva Costa.  
 José Joaquim Baptista Vieira.  
 José Maria Pinto Camello.  
 José do Nascimento da Rocha Azevedo Coutinho.  
 José Rodrigues Moreira.  
 Luiz de Passos d'Oliveira Valença.  
 Manoel de Barros Leal.  
 Manoel Ferreira dos Santos.  
 Manoel Machado de Moura e Cunha.  
 Maximiano Bernardes Pereira.  
 Raul da Fonseca.  
 Ricardo Pinto Bartol.  
 Rodrigo Alberto Peixoto Galvão d'Oliveira.  
 Sebastião Pinto Peixoto Portella de Vasconcellos.  
 Simão José Lopes da Silva Ferreira.  
 Vasco Antonio de Macedo Araujo da Costa.  
 Victor Martins d'Oliveira.

#### I. CURSO PREPARATORIO PARA AS ESCOLAS MEDICO-CIRURGICAS

Agostinho Rodrigues Pinto Brandão.  
 Alvaro Joaquim de Meirelles.  
 Antonio d'Almeida Loureiro e Vasconcellos.  
 Antonio Augusto Carreira.  
 Antonio José Gonçalves.  
 Antonio Teixeira de Sousa.  
 Arthur Lessa de Carvalho.  
 Augusto Baptista da Cunha.  
 Domingos Agostinho de Sousa.  
 Domingos dos Santos Pinto Pereira.  
 Francisco Eduardo Leite da Silva.  
 Jacintho José da Silva Romariz.  
 Joaquim Ferreira de Sousa Garcez.  
 Joaquim Ribeiro da Silva Carvalho.  
 José Carneiro Peixoto.  
 José da Cunha Pereira Bandeira de Neiva.  
 José Tavares da Silva Rebello.

Julio Arthur Lopes Cardoso.  
Luiz Antonio Rodrigues Lobo.  
Manoel Belleza da Costa Almeida Ferraz.  
Manoel Ferreira da Silva Couto, junior.  
Manoel Maria Lopes Monteiro.  
Manoel de Sousa Dias.  
Theotonio Augusto Alcoforado.  
Thomaz d'Aquino Pinheiro Falcão.

**II. CURSO PREPARATORIO PARA A ESCÓOLA DE PHARMACIA**

José de Miranda Guedes.

**III. CURSO PREPARATORIO PARA A ESCÓOLA NAVAL**  
*a) Curso de officiões de marinha*

Luiz Maria de Sousa Vahia.

*b) Curso de engenheiros constructores navaes*

Domingos Alberto Mourão.

**MATRICULA LIVRE NA 12.<sup>a</sup> CADEIRA.**

Evaristo Gomes Saraiva.

Quadro estatístico dos alumnos que frequentam  
a Academia no anno lectivo de 1878-79, distribuidos  
segundo a sua naturalidade

Províncias	Districtos	Concelhos	Número de alumnos			
			Portug.	Ind.	Prov.	Ext.
Braga	Braga	Braga .....	2			
		Guimarães .....	1			
		Fafe .....	2			
		Villa Nova de Famalicão .....	2	12		
		Povoa de Lanhoso .....	1			
		Barcellos .....	2		16	
Viana	Viana	Celorico de Basto .....	2			
		Vianna .....	1			
		Caminha .....	2	4		
		Valença .....	1			
		Porto .....	20			
		Penafiel .....	4		64	
Porto	Porto	Gondomar .....	1			
		Paredes .....	4			
		Paços de Ferreira .....	2			
		Amarante .....	1	40		
		Bouças .....	8			
		Felgueiras .....	1			
		Marco de Canaveses .....	1			
		Villa do Conde .....	2		48	
		Lousada .....	1			
		Aveiro .....	1			
Aveiro	Aveiro	Agueda .....	2			
		Estarreja .....	2	7		
		Oliveira de Azemeis .....	1			
		Castello de Paiva .....	1			
Coimbra	Cantanhede .....		1	1		

Províncias	Districtos	Concelhos	Número de alunos		
			Sec	Sec	Total
Transporte.....					64
		Bragança .....	1		
		Moncorvo .....	2		
		Macedo de Cavalleiros ..	1	6	
		Carraseda de Anciães ..	1		
		Mirandella .....	1		
Traz-as-Montes	Bragança .....	Villa-Real .....	2		
		Ribeira de Pena .....	1		
	Vila-Real .....	Alijó .....	3	9	
		Peso da Regua .....	2		
		Sabrosa .....	1		
		Vizeu .....	1		
		Armamar .....	1		
		Lamego .....	4		
	Baixa-Altia .....	Castro Daire .....	1		
	Viseu .....	Vouzella .....	2	13	13
		Sernancelhe .....	1		
		Mangualde .....	1		
		Sintra .....	1		
		Tondela .....	1		
Baixa-Altia .....	Gouveia .....	Sabugal .....	1	1	2
	Castelo Branco .....	Fundão .....	1	1	
Extremadura .....	Uzeda .....	Lisbon .....	2	2	3
	Leiria .....	Leiria .....	1	1	
Alentejo .....	Beja .....	Moura .....	1	1	1

## POSSESSÕES ULTRAMARINAS

Timor .....	Macau .....		1	2
Angola .....	Lagos .....		1	

Provincias	Districtos	Concelhos	Número de alumnos			
			por cat.	per dist.	per prov.	Total
Transporte						100
Estados gerais	Mangão			.1	.1	2
da India	Calangute			1	1	
<b>PAIZES ESTRANGEIROS</b>						
Espanha	Salamanca (Lameiras)			1	1	1
Inglaterra	Londres			1	1	1
Império do Brasil	Guaratinguetá			1		
	Campos			1		
	Bahia			1		
	Cachoeira			2		7
	Porto-Alegre			1		
	Rio Grande do Sul			1		
República oriental do Uruguai	Montevideo			1		2
	Mercedes			1		
<b>Total geral... 113</b>						

Media das idades dos alumnos ..... 21 annos.  
 Limites das idades ..... 16 e 31 »



## INDICE ALPHABETICO

DOS

**Alumnos da Academia Polytechnica do Porto  
no anno lectivo de 1878 a 1879,  
indicando a sua filiação, naturalidade e referencia  
às cadeiras em que se matricularam.**

Adolpho Betbése Nery de Vasconcellos, filho de Frederico Augusto de Vasconcellos Pereira Cabral, natural de Montevideo (republica oriental do Uruguay); 10.<sup>a</sup>; 10.<sup>a</sup> a) e 13.<sup>a</sup>

Agostinho Rodrigues Pinto Brandão, filho de António Rodrigues Moreira, natural de Mouriz, concelho de Paredes; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Albino Moreira de Sousa Baptista, filho de Zeferino de Sousa Ferreira Baptista, natural de Cabeça Santa, concelho de Penafiel; 7.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> a) e 10.<sup>a</sup>

Alexandre Benedicto dos Anjos Salgado, filho de Luiz Francisco Salgado, natural de Carviçães, concelho de Moncorvo; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Alfredo Martins dos Santos, filho de José Martins dos Santos, natural do Porto, freguesia de Miragaya; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Alvaro Joaquim de Meirelles, filho de Joaquim José de Meirelles, natural de Moncorvo; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Alvaro Ledo Baptista Dias, filho de Francisco Gonçalves Dias Lopes, natural do Porto; 1.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>

Alvaro Lopes da Silveira Pinto, filho de Domingos Lopes da Silveira Pinto, natural de S. Salvador de Fervença, concelho de Celorico de Basto; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Antonio d'Almeida Loureiro e Vasconcellos, filho de Duarte d'Almeida Loureiro e Vasconcellos, natural de Vizeu; 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

Antonio Armindo d'Andrade, filho de José Balthasar d'Andrade, natural da Ribeira de Penna; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Antonio Augusto Carreira, filho de Albino Fernandes Guimaraes Carreira, natural da freguesia de Santa Eulalia da Villa de Fafe, distrito de Braga; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Antonio Augusto da Rocha, filho de José Joaquim da Rocha,

natural de S. Martinho d'Anta, concelho de Sabrosa ; 1.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>

Antonio da Costa Rodrigues, junior, filho de Antonio da Costa Rodrigues, natural da Bahia (imperio do Brazil) ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Antonio Franco Frazão, filho de José Joaquim Franco, natural da Capinha, districto de Castello Branco ; 5.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> a)

Antonio Guedes Infante, junior, filho de Antonio Guedes Infante, natural de S. João da Foz do Douro, bairro occidental do Porto ; 4.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> e 18.<sup>a</sup>

Antonio José Ferreira da Silva, junior, filho de Antonio José Ferreira da Silva, natural de Porto-Alegre (imperio do Brazil) ; 1.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Antonio José Gomes, filho de Estevão José Gomes, natural de Monte Novo, freguezia de Pouzafolles, concelho de Sabugal ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Antonio José Gonçalves, filho de Francisco Gonçalves, natural de Gontinhães, concelho de Caminha ; 9.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

Antonio José Lopes, filho de João Manoel Lopes, natural de Panoias, concelho de Braga ; 7.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> a), 10.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> a) e 12.<sup>a</sup>

Antonio Luiz Soares Duarta, filho de Manoel Francisco Duarta, natural do Porto, freguezia de Cedofeita ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Antonio Manoel Pelleias, filho de Luis Manoel Pelleias, natural da Torre de D. Chama, concelho de Mirandella ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Antonio Miguel da Costa Almeida Ferraz, filho de Custadio da Costa Almeida Ferraz, natural de Barcellinhos, concelho de Barcellos ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Antonio Sebastião do Valle, filho de José Antonio do Valle, natural de Lamalonga, concelho de Macedo de Cavalleiros ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Antonio da Silva, filho de Joaquim da Silva, natural de Salen, concelho d'Estarreja ; 1.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>

Antonio de Sousa, filho de Antonio de Sousa, natural do Porto, freguezia do Bomfim ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Antonio Teixeira de Sousa, filho de paes incognitos, natural de Celleiróz, districto de Villa-Real ; 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

Antonio Villela d'Oliveira Marcondes, filho de Manoel Marcondes dos Santos, natural de Guaratinguetá (imperio do Brazil) ; 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> a), 10.<sup>a</sup> a) e 12.<sup>a</sup>

Arnaldo Pacheco Dias Torres, filho de Mauricio José Pacheco, natural de S. Pedro de Farreira, concelho de Paços de Ferreira ; 7.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>

Arthur Carlos Machado Guimarães, filho de Manoel Fernandes da Costa Guimarães, natural do Porto ; 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Arthur Lessa de Carvalho, filho de Antonio de Carvalho Saraiva, natural de Lamego ; 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

Augusto Baptista da Cunha, filho de Manoel Francisco Baptista, natural de Paradella, concelho d'Agueda ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Aureliano de Sousa Cirne e Vasconcellos, filho de Wenceslau Dias Leite de Sousa e Vasconcellos, natural de Penafiel, freguesia de S. Martinho ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Bento de Sousa Carqueja, junior, filho de Bento de Sousa Carqueja, natural d'Oliveira d'Azemeis ; 1.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup>

Bernardo Joaquim da Silva e Cunha, filho de Manoel Joaquim da Silva, natural de Santa Christina de Sousa, concelho de Guimarães ; 1.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

Bomfilho Diniz, filho de Antonio Diniz, natural de Macau ; 1.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

Carlos Alberto de Moura Maldonado, filho de Carlos Augusto Maldonado, natural de Tondella ; 9.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

Constantino Alvim de Vasconcellos Leite Pereira, filho de Constantino Teixeira de Vasconcellos Leite Pereira, natural d'Amarante ; 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>

Delfim Ernesto de Magalhães, filho de Antonio Ernesto de Magalhães, natural da Villa d'Alijó ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Delfim José Pinto de Carvalho, filho de Leonardo José Rodrigues de Carvalho, natural de Santo Adrião, concelho de Villa Nova de Famalicão ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Domingos Agestinho de Sousa, filho de Antonio Bernardo de Sousa, natural de Calangute (India portuguesa) ; 8.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>

Domingos Alberto Mourão, filho de Domingos Fernandes Mourão, natural d'Aveiro ; 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Domingos dos Santos Pinto Pereira, filho de Domingos dos Santos Pinto Pereira, natural de Canellas, freguesia de S. Miguel de Poiares, concelho do Pezo da Regua ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Eduardo José Coelho Vianna, filho de Francisco José Gonçalves Vianna, natural de Castelões da Cepeda, concelho de Paredes ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Eugenio Cândido de Sá Braga, filho de José Miguel Fernandes Braga, natural de Bragança ; 9.<sup>a</sup>

Evaristo Gomes Saraiva, filho de Antonio Elysiario de Carvalho, natural de Santo Adrião, concelho d'Armamar ; 12.<sup>a</sup>

Francisco d'Albuquerque de Melo Pereira e Caceres, filho de

João d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, natural do Porto; 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>

Francisco Eduardo Leite da Silva, filho de Florencio Ribeiro da Silva, natural de Santa Comba de Fornelos, concelho de Fafe; 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

Francisco de Paula Ribeiro Vieira de Castro, filho de Manoel Theotonio Ribeiro Vieira de Castro, natural do Porto, freguesia de Miragaya; 8.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

Frederico Pinto Pereira de Vasconcelos, filho de Frederico Augusto de Vasconcelos Pereira Cabral, natural de Mercedes (republica oriental do Uruguay); 10.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> a) e 13.<sup>a</sup>

Henrique Baptista da Silva, filho de João Baptista da Silva Freire, natural de Sousella, concelho de Lousada; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Iádoro Antonio Ferreira, filho de Paes incognitos, natural de Lamego; 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> a) e 18.<sup>a</sup>

Jacintho José da Silva Romariz, filho de Jacintho José da Silva, natural da cidade de Campos (imperio do Brasil); 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

João Augusto Marques, filho de José Marques Chrysostomo do Sul e Paiva, natural de Ribas de Pinheiro de Paiva, concelho de Castro Daire; 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

João Baptista Gonçalves Pavão, filho de João Baptista Gonçalves Pavão, natural de Villarinho de Tanha, concelho de Villa Real; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

João Caeiro de Carvalho, filho de Miguel Carvalho, natural da Povoa, concelho de Moura; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

João Chrysostomo Lopes, filho de João Amaro Lopes, natural de Cachoeira (imperio do Brasil); 5.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> a) e 13.<sup>a</sup>

João Duarte da Costa Rangel, filho de Miguel Boaventura da Silva Rangel, natural do Porto; 8.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>

João Gonçalo Pacheco Pereira, filho de João Pacheco Pereira, natural do Porto, freguesia de Massarelos; 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

João José Lourenço d'Azevedo, filho de Miguel Lourenço d'Azevedo, natural de Venade, concelho de Caminha; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

João Narciso Pinto do Cruzeiro Seixas, filho de João Gonçalves do Cruzeiro Seixas, natural de Valença do Minho, distrito de Viana do Castello; 4.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> a)

João Rodrigues Pinto Brandão, filho de Antonio Rodrigues Moreira, natural de Mouriz, concelho de Paredes; 4.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> a), 10.<sup>a</sup> e 13.<sup>a</sup>

Joaquim Dias de Sousa Arôso, filho de Joaquim Dias de Sousa Arôso, natural de Mattosinhos, concelho de Bouças; 1.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup>

Joaquim Ferreira da Cavada, filho de Antonio Ferreira da Cavada, natural de Rio Tinto, concelho de Gondomar ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Joaquim Ferreira de Sousa Gareez, filho de Luiz Antonio de Sousa Gareez, natural do Porto ; 7.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> a), 10.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> a)

Joaquim Philippe da Piedade Alvares, filho de Joaquim Mariano Alvares, natural de Margão (Gôa) ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Joaquim José Marques d'Abreu, junior, filho de Joaquim José Marques d'Abreu, natural de Lisboa ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Joaquim Ledo Nogueira de Meirelles, filho de Aprigio Augusto Ledo, natural de Pena-Maior, concelho de Paços de Ferreira ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Joaquim Manoel da Costa, filho de Francisco Manoel da Costa Sampaio, natural de S. Vicente de Sousa, concelho de Felgueiras ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Joaquim Ribeiro da Silva Carvalho, filho de Jodo Affonso da Silva Carvalho, natural de Campia, concelho de Vouzela ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Joaquim da Rocha Maciel, filho de José de Sousa Maciel, natural de Leça de Palmeira, concelho de Bouças ; 7.<sup>a</sup>, a), 10.<sup>a</sup> a) e 12.<sup>a</sup>

Joaquim Vieira d'Araujo Braga, filho de Joaquim José d'Araujo, natural de Joanne, concelho de Villa Nova de Famalicão ; 9.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>

José d'Almeida Santos, filho de Antonio d'Almeida Santos, natural de Lamego ; 7.<sup>a</sup> a), 10.<sup>a</sup> a) e 12.<sup>a</sup>

José Augusto Ribeiro Sampaio, filho de José de Sampaio, natural de Villar de Maçada, concelho d'Alijó ; 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> a)

José Carneiro Peixoto, filho de Joaquim Carneiro Peixoto, natural de Fornos, concelho do Marco de Canavezes ; 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

José da Cunha, filho de José Alves Cardoso, natural de Santa Eugenia, concelho de Alijó ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

José da Cunha Pereira Bandeira de Neiva, filho de Joaquim da Cunha Pereira Bandeira de Neiva, natural d'Ançã, concelho de Cantanhede ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

José Francisco da Silva Costa, filho de Manoel Francisco da Silva Costa, natural de S. Mamede d'Infesta, concelho de Bouças ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

José Joaquim Baptista Vieira, filho de Custodio Baptista Vieira, natural de Thaide, concelho da Povoa de Lanhoso ; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

José Joaquim Dias, filho de Antonio José Dias Serôdio, natural de Ferreirim, concelho de Sernancelhe ; 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> a) e 13.<sup>a</sup>

José Maria Chartes Hénriques d'Azevedo, filho do Visconde de S. Sebastião, natural de Córtes, distrito de Leiria; 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> a).

José Maria Galvão de Mello, filho de José Paschoal Galvão de Mello, natural do Porto, freguezia da Victoria; 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

José Maria Pinto Camello, filho de João José Pinto Camello Coelho, natural de Castello de Paiva; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

José de Miranda Guedes, filho de João de Moura Guedes, natural de Penajóia, concelho de Lamego; 9.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>

José do Nascimento da Rocha Azevedo Coutinho, filho de José Peixoto da Rocha, natural de Tarouquella, concelho de Sintra; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

José Pereira Sampaio, filho da José Paes de Sampaio, natural do Porto, freguezia de Santo Ildefonso; 1.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>

José Rodrigues Moreira, filho de Antonio Rodrigues Moreira, natural de Mouriz, concelho de Paredes; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

José Tavares da Silva Rebello, filho de Manoel Tavares da Silva, natural de Salreu, concelho d'Estarreja; 1.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

Julio Arthur Lopes Cardoso, filho de José Joaquim Lopes Cardoso, natural de Braga, freguezia da Sé; 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

Julio Pinto da Costa Portella, filho de José Rodrigues Pinto, natural de Recardaens, concelho d'Agueda; 1.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup>

Luiz Antonio Rodrigues Lobo, filho de Antonio Rodrigues Fachinha, natural do Porto; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Luiz Maria de Sousa Vahia, filho do Visconde de S. João da Pesqueira, natural do Porto, freguezia de Cedofeita; 1.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup>

Luiz Passos Oliveira Valença, filho de Francisco Passos Oliveira Valença, natural de Viana do Castello, freguezia de Santa Maria Maior; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Manoel de Barros Leal, filho de José Joaquim de Barros Leal, natural de Perozélio, concelho de Penafiel; 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

Manoel Bellesa da Costa Almeida Ferraz, filho de José António da Costa Almeida Ferraz, natural de Barecelinhos, concelho de Barcellos; 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

Manoel Ferreira dos Santos, filho de Antonio Ferreira dos Santos, natural do Porto, freguezia de Campanhã; 7.<sup>a</sup> a) e 10.<sup>a</sup> a)

Manoel Ferreira da Silva Couto, junior, filho de Manoel Ferreira da Silva Couto, natural do Porto; 8.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>

Manoel Machado de Moura e Cunha, filho de Antonio Machado de Moura e Cunha, natural de S. Miguel de Gemes, concelho de Celorico de Basto; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Manoel Maria Lopes Monteiro, filho de Francisco Lopes Monteiro de Mesquita, natural de S. Braz do Castanheiro, concelho de Carraseda d'Anciães; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Manoel de Sousa Dias, filho de Manoel de Sousa Dias, natural de Villar do Pinheiro, concelho de Villa do Conde; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Marcelino Antonio de Sousa Flores, filho de José Antonio de Sousa Milreus, natural de Santo Estevo de Gião, concelho de Villa do Conde; 1.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> a) e 12.<sup>a</sup>

Maximiano Bernardes Pereira, filho de Antonio Bernardes Pereira, natural do Pezo da Regua; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Raul da Fonseca, filho de Francisco Lourenço da Fonseca, natural do Rio Grande do Sul (imperio do Brazil); 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Ricardo Pinto Bartol, filho de Ricardo Pinto da Costa, natural de Lumbreras, provincia de Salamanca (Hespanha); 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Rodrigo Alberto Peixoto Galvão d'Oliveira, filho de João Ferreira d'Oliveira, natural de Mangualde; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Saturnino de Barros Leal, filho de José Joaquim de Barros Leal, natural de Perozélio, concelho de Penafiel; 1.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup>

Sebastião Pinto Peixoto Portella de Vasconcellos, filho de Antonio Pinto Peixoto de Vasconcellos, natural do Porto, freguesia de Miragaya; 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>

Simão José Lopes da Silva Ferreira, filho de Domingos José Lopes da Silva, natural do Porto; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Theotonio Augusto Alcoforado, filho de Gil Alcoforado d'Asedo Pinto e Figueiredo, natural de Vouzella; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Theophilo Leal de Faria, filho de José Rodrigues de Faria, natural de Lisboa, freguesia de S. José; 1.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>

Thomaz d'Aquino Pinheiro Falcão, filho de Heliódoro Ribeiro da Fonseca, natural da freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bairro Alto da cidade de Loanda (Angola); 9.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>

Vasco Antonio de Macedo Araujo da Costa, filho de Pedro Antonio Bernardino, natural do Porto; 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

Victor Martins d'Oliveira, filho de Joaquim Martins d'Oliveira, natural da Cachoeira, província da Bahia (Brazil); 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>

William Macdonald Smith, filho de John Smith, natural de Londres (Inglaterra); 8.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> a)

## Disposições regulamentares relativas aos alumnos

(Fiscalização e julgamento das faltas — regulamento dos actos — polícia académica)

### Regulamento da fiscalização e julgamento das faltas dos alumnos

A fiscalização e julgamento das faltas dos alumnos são regulados pelas disposições do Decreto de 30 de outubro de 1856, relativo à Universidade de Coimbra, na parte que é aplicável a esta Academia (Sessão do conselho académico de 11 de julho de 1872), a saber :

Art. 1.º A qualquer estudante, matriculado na Academia, contar-se-há uma falta por cada dia que deixar de assistir nas horas determinadas às lições ou preleções de todos ou de cada um de seus mestres.

Art. 2.º A falta a qualquer sabbatina ou repetição conta-se pela primeira vez triplicada, equivalendo a três faltas diárias.

§ 1.º A falta a qualquer sabbatina ou repetição, pela segunda vez e por qualquer outra das seguintes, equivale a cinco faltas diárias.

§ 2.º Estas disposições são applicáveis a todos os estudantes que não comparecerem na aula em dia de sabbatina ou repetição, quer sejam sorteados ou chamados ao exercicio litterario, quer não.

§ 3.º A falta a qualquer sabbatina ou repetição contar-se-há simples, equivalendo a uma só falta diária, quando for legitimamente justificada, ou quando o estudante houver faltado também ás tres preleções imediatamente anteriores.

Art. 3.º Ao estudante que deixar de entregar no prazo marcado a dissertação que tiver sido prescripta, contar-se-hão, pela primeira vez tres faltas; pela segunda e por cada uma das seguintes vezes, cinco faltas.

§ unico. Estas faltas, sendo justificadas, equivalem a faltas diárias e contam-se como tales.

Art. 4.º As faltas de frequencia nas aulas poderão justificar-se :

- 1.º Com attestação de molestia, que obste á frequencia;
- 2.º Com documento que prove ou abone a occorrença de incendio, desastre, morte de pessoa conjunta, ou qualquer outra circunstancia imprevista e attendivel;
- 3.º Com licença do Director.

Art. 5.º A justificação das faltas de dissertação são applicáveis as disposições dos §§ 1.º e 2.º do artigo antecedente.

Art. 6.º As faltas podem ser justificadas, ou perante os respectivos Professores, ou perante o Conselho mensal a c a d e m i c o.

Art. 7.º A justificação de faltas com licença do Director, ou com attestação de molestia no P o r t o , effectuar-se-ha perante os respectivos Professores.

§ 1.º O estudante que houver faltado com licença do Director, para justificar as faltas é obrigado a apresentar a licença aos respectivos Professores no primeiro dia em que voltar á aula logo depois de finda a licença.

§ 2.º O estudante, que houver faltado por molestia padecida no P o r t o , para justificar as faltas é obrigado a apresentar aos respectivos Mestres, no primeiro dia em que voltar á aula depois da molestia, attestação jurada de Facultativo legitimamente habilitado, reconhecida por Tabellião e assignada também pelo apresentante, com designação do seu numero de matrícula.

§ 3.º A justificação de faltas, que não fôr effectuada nos precisos termos e dia prescriptos nos §§ antecedentes, só pôde ser admittida pelo Conselho a c a d e m i c o .

Art. 8.º Compete exclusivamente ao Conselho a c a d e m i c o admittir e julgar a justificação:

- 1.º Das faltas de dissertação;
- 2.º Das faltas por molestia padecida fóra do P o r t o ;
- 3.º Das faltas por desastre ou caso imprevisto;
- 4.º Das faltas referidas no § 8.º do artigo antecedente;
- 5.º Das faltas deliberadas em commun, e consideradas no artigo 18.º d'este Regulamento.

§ 1.º O estudante que pretender justificar alguma das faltas especificadas n'este artigo dirigir-se o seu requerimento documentado ao Conselho a c a d e m i c o no mes immediato áquelle em que faltou.

§ 2.º No caso de impedimento legitimo e provado, poderá requerer a dita justificação no mes seguinte.

Art. 9.º As faltas por molestia padecida fóra do P o r t o só

podem ser justificadas com licença anterior do Director para sahir do Porto e com attestação regular de Facultativo, reconhecida por Tabellão da localidade, e o signal d'este igualmente reconhecido por outro do Porto, sellada com o sello official da Administração do Concelho onde foi passada, e rubricada pelo respectivo Administrador.

Art. 10.<sup>o</sup> O estudante que por motivo de molestia carecer de sahir do Porto, pedirá préviamente licença ao Director sem requerimento documentado, com attestação do Facultativo assistente.

§ 1.<sup>o</sup> .....  
§ 2.<sup>o</sup> .....

Art. 11.<sup>o</sup> No Conselho mensal académico os Professores darão impreterivelmente conta de todas as faltas dos seus discípulos no mez antecedente.

§ unico. Estas faltas serão lançadas no livro competente com a declaração de terem sido, ou não, havidas por justificadas, na conformidade dos artigos 7.<sup>o</sup> ou 8.<sup>o</sup> d'este Decreto.

Art. 12.<sup>o</sup> No Conselho immediato poderão ainda admitir-se reclamações dos interessados para justificação de faltas julgadas no Conselho anterior.

§ 1.<sup>o</sup> As ditas reclamações poderão tambem ser apresentadas pelos respectivos Professores.

§ 2.<sup>o</sup> Do julgamento definitivo das faltas no segundo Conselho não ha mais recurso algum.

Art. 13.<sup>o</sup> No Conselho immediatamente anterior aos actos e exames, se fará em vista do livro mencionado o apuramento final das faltas, e o dos estudantes, que se acham habilitados para serem admittidos ao respectivo acto ou exame.

Art. 14.<sup>o</sup> Cada falta não justificada equivale a tres justificadas, salvas as disposições dos artigos 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> d'este Regulamento.

Art. 15.<sup>o</sup> Perde o anno todo o estudante, que tiver:

- 1.<sup>o</sup> Quarenta faltas justificadas. 1)
- 2.<sup>o</sup> Treze faltas não justificadas.

1) Este limite é reduzido na proporção do numero de dias de seis semanas para 5, nas cadeiras em que o numero de lições semanas é maior a cinco. Assim, na 3.<sup>o</sup>, 8.<sup>o</sup> e 9.<sup>o</sup> cadeiras o limite do numero de faltas justificadas é vinte e quatro; na 12.<sup>o</sup> cadeira é desseis.

O limite das faltas não justificadas é o terço d'estes numeros: isto é seis e cinco.

8.º Um numero de faltas *mixtas* equivalente ao de quarenta justificadas, ou ao de treze não justificadas; como por exemplo, vinte faltas diárias justificadas, mais duas faltas de sabbatina não justificadas, e mais quatro faltas diárias não justificadas; ou vinte e uma faltas diárias justificadas, mais uma falta de sabbatina e outra de dissertação não justificadas.

§ 1.º Todas as faltas produzem o mesmo efeito, quer sejam consecutivas, quer interpolladas.

§ 2.º Nas cadeiras em que haja cursos separados as faltas contar-se-hão por dias, quando o estudante houver de fazer um só exame ou acto; e contar-se-hão por aulas, quando houver de fazer exames ou actos distintos relativos a cada uma d'ellas.

Art. 16.º Verificado em Conselho académico que algum estudante tem dado tantas faltas quantas bastem para perder o anno, lançar-se-há no livro competente a declaração e julgamento do facto; e publicar-se-há logo por Edital o mesmo julgamento.

Art. 17.º O estudante que no Conselho imediatamente anterior aos actos se achar com cinco faltas ou mais, não justificadas, perderá o seu lugar na matrícula, e será por cada falta excedente ás quatro primeiras preterido na pauta dos examinandos pelo numero dos seus coadiscípulos que necessário fôr para cinco dias de actos ou exames.

§ 1.º Esgotado o numero dos não preteridos para a formação da pauta dos examinandos, os preteridos por menos faltas precederão na mesma pauta aos preteridos que tiverem mais faltas.

§ 2.º .....

Art. 18.º Os estudantes de qualquer anno ou curso, que fizerem *parede*, isto é, que em totalidade ou maioria faltarem deliberadamente a uma ou a todas as aulas no mesmo dia, havendo-se para esse fim concertado, perderão o anno.

§ 1.º Presume-se que houve *parede* logo que pelas notas e apontamentos do bedel se verificar que faltaram á mesma aula, no mesmo dia, dois terços dos matriculados respectivos.

§ 2.º Ficam isentos da dita pena os que, havendo faltado casualmente sem tomarem parte na *parede*, justificarem a falta.

§ 3.º A falta dada eventualmente em dia de *parede* só pôde justificar-se perante o Conselho académico.

Art. 19.º Perdem o anno se não justificarem a falta:

1.º Os estudantes que não comparecerem a tirar ponto no logar, dia e hora prescriptos;

2.º Os que tendo tirado ponto não compareceram no logar, dia e hora designados para o respectivo acto ou exame.

Art. 20.º A justificação das faltas mencionadas no artigo antecedente será efectuada por meio de requerimento documentado perante o Director, que julgará o impedimento e a falta.

Art. 21.º Não são admittidos a justificar as faltas mencionadas no artigo 19.º os estudantes que as commetterem estando fóra do Porto sem licença do Director.

Art. 22.º O estudante que houver dado e justificado as faltas referidas no artigo 19.º será oportunamente admittido a fazer o respectivo acto ou exame, no dia que o Director de novo lhe assignar.

§ 1.º N'estes actos ou exames extraordinarios serão examinadores os mesmos Lentes ou Professores que o teriam sido nos actos ou exames ordinarios, se o estudante os houvera feito no logar e dia competentes.

§ 2.º Fica salvo para modificação do § antecedente o caso de impedimento legítimo de algum ou alguns dos mesmos Lentes.

Art. 23.º As disposições dos §§ 1.º e 2.º do artigo antecedente são applicaveis a todos os actos ou exames de qualquer estudante que obtiver licença do Director para os fazer fóra do logar competente.

Art. 24.º .....

Art. 25.º .....

Art. 26.º Nenhum estudante poderá ser admittido a justificar faltas senão pelo modo e nos termos prescriptos por este Regulamento.

Art. 27.º Os nomes de todos os estudantes, que por qualquer motivo perderem o anno, serão logo publicados por Edital, com declaração dos motivos, e seguidamente remettidos á Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino para se faser igual publicação no *Diario do Governo*.

### Regulamento dos actos ou exames

Os actos ou exames dos alumnos são regulados pelas disposições que estão ainda em vigor do Regulamento do Conselho academico (sessão de 20 de dezembro de 1839), aprovado pelo Decreto de 6 de novembro de 1839; a saber:

O aproveitamento dos estudantes nas materias de cada cadeira que cursaram durante o anno lectivo será determinado pela maneira como se houverem em actos publicos e na forma mais explicitamente especificada nos artigos abaixo referidos. (Art.º 1.º).

O affixamento das listas dos estudantes para fazerem actos; a annunciação do dia em que estes deverão começar; a declaração do numero de estudantes que formarão cada turma, quando as houver, e o numero das turmas diárias, são preliminares que, préviamente determinados pelo Conselho academico, se praticarão nas fórmas usuais até aqui estabelecidas. (Art.º 2.º).

Os actos serão feitos sobre pontos tirados á sorte, vinte e quatro horas antes da hora respectivamente marcada, na presença do Lente da respectiva cadeira. — A 4.ª cadeira, pela natureza das materias n'ella ensinadas, é excepção d'esta regra (Art. 3.º).

Os pontos terão sido préviamente feitos pelos Lentes das respectivas secções e authorizados pelo Conselho academico. Estes pontos serão de tal forma ordenados que em vinte e quatro horas poderão perfeitamente abranger em si e em seus imediatos fundamentos, consequencias e applicações práticas. — Os pontos constarão de uma unica sorte. De cada sorte que sahir em ponto, entregar-se-ha uma cópia a cada vogal que assistir ao acto, uma a cada estudante que tiver de fazer acto sobre esse ponto, e uma será registada nos Archivos da Academia (Art. 4.º).

Os actos serão feitos segundo as determinações do § 19 dos Estatutos da antiga Academia Real da Marinha e Commercio. Nos objectos porém que forem alheios ao ponto, não se esperará do estudante senão a enunciação de principios, e não se exigirão demonstrações que requerem prévio estudo. (Art. 5.º).

Um mesmo bilhete poderá servir de ponto a dois ou mais es-

tudantes, quando em consequencia de circunstancia, como no caso de grande numero de examinandos, o Conselho academico determinar a reunião de varios estudantes em uma turma (Art. 6.º).

Os alumnos são qualificados nos actos em duas divisões, a saber: 1.º *divisão de maior qualificação*, comprehende os alumnos que se acham habilitados nas matérias ensinadas na respectiva cadeira em toda a sua generalidade e seu desenvolvimento; 2.º *divisão de menor qualificação* (que corresponde à classe de obrigados na Universidade de Coimbra), comprehende os alumnos a quem se escusam certas matérias e theorias por demasiadamente abstractas, ou por inuteis ao seu destino especial.

A *menor qualificação* não aproveita ao alumno que queira seguir curso que a exige *maior*, sem de novo repetir o mesmo acto (Prática dos art.º 7.º e 8.º).

Nos actos da 11.ª cadeira (art.º 20) e nos das 12.ª e 13.ª não ha divisões.

Os cursos especiaes I a) e b) exigem maior qualificação nos exames de todas as cadeiras dos respectivos quadros — O curso especial I a) exige maior qualificação em todos os exames, excepto nos da 9.ª e 10.ª cadeiras — O curso especial II exige maior qualificação em todos os exames, excepto no da 3.ª cadeira — O curso especial III não exige maior qualificação no exame da 1.ª cadeira — O curso especial IV exige maior qualificação nos exames, excepto nos da 1.ª, 8.ª e 9.ª cadeiras — O curso especial V exige maior qualificação só no exame da 9.ª cadeira.

Nos cursos preparatórios é exigida maior qualificação em todos os exames das cadeiras dos respectivos quadros (Prática dos art.º 9.º, 11.º, 12.º, 14.º, 16.º, 17.º, 18.º e 19.º — Resolução do Conselho academico em sessão de 4 de março de 1879).

Os actos de cada cadeira, excepto os da 4.ª, são feitos perante um jury de tres Lentes, entrando o da cadeira, o qual serve de presidente, sendo os outros dois arguentes. Cada argumento deve durar, pelo menos, trinta minutos, em todos os actos das cadeiras da secção de mathematica; e vinte minutos nas cadeiras das secções de Philosophia e Commercio. (Art. 10.º, 11.º, 12.º, 14.º e 16.º).

O aproveitamento dos alumnos nas disciplinas da 4.ª cadeira será determinado pelas provas que de si derem n'um concurso geral. — O genero das obras de concurso será sempre em conformidade do que se acha estabelecido no Programma de Ensino

no para o anno lectivo de 1888 para 1889. Estas obras devem ser feitas pelos alumnos, franqueando-lhes para esse efecto o Lente respectivo os modelos analogos aos fins que se propozerem seguir na Academia. — Durante o tempo do concurso o Lente evitara quanto fôr possivel o auxilio manual a bem das ditas obras; mas fará as advertencias que entender, para assim compensar os seus alumnos com as vantagens que costumam ter nos actos ou exames oraes das outras disciplinas. (Art. 13.º).

Em todos os actos das diversas cadeiras os votos serão dados em escrutinio secreto por AA (aprovado) e RR (reprovado). Dois RR reprovam e tornam nulla a frequencia do estudante n'aquelle anno lectivo; um R qualifica a approvação de *pela maior parte*. Nenhum estudante, na votação sobre cujo acto entrou um R, pôde ser premiado nas materias do acto que fez. (Art. 21.º).

No caso de manifestarem os actos um conceito diverso do que se esperava do estudante, poderá ter lugar o recurso de que trata o § 20.º dos Estatutos de 29 de julho de 1803, da Academia Real da Marinha e Commercio (Art. 22.º).

O resultado dos actos de cada dia será declarado depois de se concluirem aquelles que n'esse dia tiveram lugar (Art. 23.º).

N'aquellas Cadeiras em que se tiverem feito trabalhos graficos, deverão estes ser apresentados aos vogaes do acto, para coadjuval-os no conceito que devem formar do aproveitamento do examinando (Art. 24.º).

N'este juiso deverá entrar em conta a informação vocal dada pelo Lente respectivo préviamente ao acto, sobre a frequencia e signaes d'aplicação evidenciados no decurso do anno lectivo (Art. 25.º).

Os estudantes que deixarem de comparecer para fazer acto em sua competente vez, não poderão em outra occasião fazê-lo sem mostrarem com documentos justificativos, que tiveram causa legitima que os obrigou á referida falta. Escusas por falta de saude, corroboradas do competente documento legal, e bem assim as licenças de transferencia de acto para outubro por motivo justificado, devem ser apresentadas antes da hora marcada para a tiragem dos pontos. Todos os requerimentos tendentes a similhantes escusas e licenças, deverão ser dirigidos ao Director da Academia que sobre elles resolverá o que fôr de justiça. (Art. 26.º).

Os vogaes dos actos de cada secção serão os Lentes d'essa

mesma secção. Em caso porém de necessidade o Conselho academico deliberará sobre o que fôr conveniente. Os vogais dos exames da 4.ª Cadeira serão o Lente proprietario e substituto da mesma Cadeira. (Art. 27.º).

## Policia academica — disposições penas

A policia academica tem por fim manter a ordem, a moralidade e a honra da vida academica.

A jurisdição dos actos de disciplina e policia academica é exercitada pelo Director, por si sómente, ou em Conselho académico, sem dependencia das formalidades e processos, prescritos no Regulamento de 25 de novembro de 1889; mas com todas as averiguações que forem necessarias para estabelecer a verdade dos factos e a prova de sua moralidade. (D. de 20 de setembro de 1844, art. 134, § 1.º).

A policia academica é independente do processo criminal que possa ter logar perante as justiças ordinarias. (Regulamento citado, art. 2.º).

As penas disciplinares contra os estudantes são :

I. A reprehensão dada pelo Lente, quando a falta for commettida dentro da aula. (D. de 31 de março de 1873, art. 75.º n.º 1.º — Reg. citado, art. 6.º).

II. A reprehensão dada verbalmente pelo Director. (Reg. citado, art. 2.º, § 2.º).

III. A reprehensão escripta pelo Secretario da Academia, e assignada pelo reprehendido, em livro proprio, com a declaração dos motivos d'ella. (Reg. citado, art. 2.º, § 2.º).

IV. A intimação feita pelo Lente ao alumno para que se retire da aula, marcando-se-lhe falta. (D. de 31 de março de 1873, art. 75.º n.º 3.º).

V. A suspensão da frequencia e exercícios escolares até oito dias, imposta pelo Director, marcando-se falta ao alumno por cada dia de suspensão, e avisando-se o pae ou tutor. (D. de 1873, art. 75.º n.º 4.º).

VI. A exclusão temporaria da Academia, por tempo d'um a dois annos lectivos. (Reg. citado, art. 2.º, § 2.º).

VII. A exclusão perpetua da Academia. (Reg. e § citados).

Na applicação das penas de exclusão temporaria ou perpetua da Academia, haverá respeito ás seguintes regras : Os estudantes matriculados, que não frequentarem as aulas, ou que, sendo frequentes n'ellas, não mostrarem applicação, se depois de admoestados não tiverem emenda, serão riscados da matricula

do respectivo curso — os estudantes, que dentro das Escolas perturbarem os exercicios d'ellas com desordens graves, arruindos e tumultos escandalosos : os que praticarem actos de qualificada insubordinação, desobediencia e resistencia ; faltarem ao respeito devido ao Director e Lentes, proferindo injurias, ou commettendo violencias contra elles ; os que provocarem outros alunos aos mesmos actos ; os que praticarem quaesquer outros factos de igual natureza — serão punidos com a exclusão da Academia, por um, ou dois annos, segundo a gravidade das circumstâncias ; e com a exclusão perpetua, no caso de reincidencia. (Reg. citado, art. 8.º, §§ 1.º e 2.º).

**Alumnos premiados e distintos nas cadeiras dos cursos da Academia no anno lectivo de 1877 a 1878, proclamados em sessão solemne de 15 d'outubro de 1878**

**2.ª CADEIRA**

*Accessit* — William Macdonald Smith, natural de Londres.  
*Distincção* — José Maria Chartres Henriques d'Azevedo, natural de Cortes, distrito de Leiria.

**4.ª CADEIRA (DESENHO DE FIGURA E PAISAGEM)**

*Premio* — Antonio da Silva, natural de Salren, concelho d'Estarreja.  
*Accessit* — João Gonçalo Pacheco Pereira, natural do Porto.

**4.ª CADEIRA (DESENHO DE TOPOGRAPHIA)**

*Distincção* — William Macdonald Smith.

**5.ª CADEIRA**

*Accessit* — Francisco Pinto Pereira de Vasconcellos, natural de Mercédes, república oriental do Uruguai.

**7.ª CADEIRA**

*Accessit* — Antonio de Padua e Silva, junior, natural do Porto.  
 — Alvaro Leão Baptista Dias, natural do Porto.  
 — José Maria de Queiroz Velloso, natural de Barcelos.

**8.ª CADEIRA**

*Accessit* — Arthur Lessa de Carvalho, natural de Lamego.  
 — Albino Moreira de Sousa Baptista, natural de Cabeça Santa, concelho de Penafiel.

## 9.ª CADEIRA

*Accessit* — Jacintho Parreira Lança, natural de Castro de Vide, distrito de Beja.  
" — Albino Moreira de Sousa Baptista.  
" — Arthur Lessa de Carvalho.

*Distinção* — Antonio Teixeira de Sousa, natural de Celleirós, concelho de Sabrosa.

## 10.ª CADEIRA

*Accessit* — José Maria de Queiroz Velloso.  
" — Antonio de Padua da Silva, junior.  
*Distinção* — Affonso do Valle Coelho Cabral, natural do Porto.  
" — Franciseo de Albuquerque de Mello Pertira e Caceres, natural do Porto.  
" — João Augusto Alves de Magalhães, natural de Penafiel.

## 12.ª CADEIRA

*Premio* — Paulo Marcellino Dias de Freitas, natural de Terras de Bouro, distrito de Braga.

**Designação dos alunos que tiraram  
carta de capacidade de, Cursos da  
Academia, no anno lectivo anterior.**

Nomes, e designação do Curso	Data em que foi conferida a carta do curso
<b>Engenheiros de pontes e estradas</b> João Henrique Adolfo von-Hafe .... Filipe Gonçalves Pelouro ..... Paulo de Barros Pinto Osorio.....	8 d'agosto de 1878. 6 d'agosto de 1878. 29 de julho de 1878.
<b>Engenheiros de minas</b> Antonio Franco Frasão .....	24 de julho de 1878.

**Mappa estatistico do movimento da  
no anno lectivo**

		ALUMNOS						
		1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>	4. <sup>a</sup>	5. <sup>a</sup>	7. <sup>a</sup>	7. <sup>a</sup> (b)
	<b>Matriculados.....</b>	<b>15</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>29</b>	<b>4</b>	<b>26</b>	<b>7</b>
<b>APROVAMENTO</b>	<b>Perderam o anno por faltas.....</b>	<b>7</b>			<b>7</b>			<b>2</b>
	<b>Licenciados.....</b>		<b>1</b>					<b>1</b>
	<b>Approvados</b>	<b>5</b>	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>22</b>	<b>3</b>	<b>25</b>	<b>4</b>
	<b>Nemine Dis- crepante...</b>	<b>7</b>		<b>1</b>				
	<b>Simpliciter...</b>	<b>1</b>						
	<b>N. D., qualifi- cação menor</b>							
	<b>Simpliciter, id.</b>							
	<b>Total dos ap- provados ..</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>22</b>	<b>3</b>	<b>25</b>	<b>4</b>
	<b>Reprovados .....</b>					<b>1</b>		
<b>DISTINÇÃO</b>	<b>Com premio pecu- niario .....</b>				<b>1</b>			
	<b>Com premio hono- rifico .....</b>							
	<b>Accessit .....</b>		<b>1</b>		<b>1</b>	<b>1</b>		<b>3</b>
	<b>Com menção hon- rosa .....</b>		<b>1</b>		<b>1</b>			
	<b>Total dos dis- tingtos .....</b>		<b>2</b>		<b>3</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	

Tiraram carta: — de engenheiro civil de Pontes

**Nota.** O excesso de 3 que se encontra na 9.<sup>a</sup> cadeira e no total  
tamento e o numero de alumnos matriculados, provém  
nos approvados *simpliciter* com qualificação maior.

**Academia Polytechnica do Porto,  
de 1877 a 1878.**

POR CADEIRAS							TOTAL	
8. <sup>a</sup>	9. <sup>a</sup>	10. <sup>a</sup>	10. <sup>a</sup> b)	11. <sup>a</sup>	12. <sup>a</sup>	13. <sup>a</sup>	Por cadeiras	Contados in- dividualmente
47	47	81	10	—	10	11	244	102
3	8	5	5		8		85	7
19	14	81	5		7	10	153	
12	11				1		26	
2	1						1	
	5						7	
88	81	81	5		7	11	187	
11	6						18	
					1			
							2	2
2	3	3					14	9
	1	8					6	6
2	4	6			1		22	16

e Estradas — 3 — de engenheiro de minas — 1.

por cadeiras, entre o numero de alumnos contados pelo aprovei-  
de 3 repetições de acto que houve em julho, ficando os alum-  
Pertenciam de matricula ao anno lectivo de 1875-76.



# SEÇÃO DE LEGISLAÇÃO

---

Interrompe-se a continuaçāo da historia d'esta Academia, de que se começou a dar noticia no anterior **Annuario**, por parecer mais methodico transcrever a legislāção mais importante relativa aos dois primeiros periodos da mesma historia (Origens: 1762 a 1803—Academia Real da Marinha e Commercio da cidade do Porto: 1803 a 1837) de que se tratou na parte da Memoria historica anteriormente publicada.

No seguinte **Annuario** deverá continuar-se a publicação do referido trabalho com a historia do periodo polytechnico que decorre desde 1837 até á epoca actual, a que seguirá tambem o translado da legislāção mais importante que diz respeito a este periodo.



**Decreto que fundou a aula de nautica  
na Cidade do Porto.**

Por quanto havendo os Meus Vassalos habitantes na Cidade do Porto louvavelmente estabelecido, com faculdade Minha, algumas Fragatas de Guerra para cobrirem aquella Costa, e protegerem o commercio da mesma Cidade contra os insultos que frequentemente padecião; he justò, e necessario, que ao mesmo tempo se criem Officiaes com educação para aquelle importante serviço, como os sobreditos Me representarão: Hei por bem crear dose Tenentes do mar, e dezoito Guardas Marinhas, para servirem nas referidas Fragatas, *com Aula, e Residencia na mesma Cidade do Porto*, e pagos pela mesma Repartição por onde se fazem as mais despezas das referidas Fragatas: Os quaes ficarão em tudo, e por tudo providos, igualados, e graduados com os que Fui Servido crear por Decretos de dous de Julho de mil setecentos sessenta e hum, e de vinte e hum de Março do presente anno. O Conselho de Guerra o tenha assim entendido, e faça observar pelo que pertence.

Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, a 30 de Julho de 1762. — Com a Rubrica de Sua Magestade.

(Collecção da legislação portugueza de D. El<sup>o</sup>g<sup>o</sup>, tomo I, pag. 878).

**Decreto que fundou a aula de debuxo  
e desenho no Porto**

Tendo consideração ao que me foi presente pelo Marquez Presidente do meu Real Erario, sobre a representação da Junta da Administração da Companhia Geral de Agricultura das Vinhas do Alto Douro, ao fim da creaçao de uma aula publica de debuxo e desenho, que não será menos util do que a outra aula publica da nautica, que já se acha estabelecida na cidade do Porto debaixo do cuidado e inspecção da mesma Junta: Sou Servido ordenar que semelhantemente se estabeleça a sobredita aula de desenho e debuxo, em tudo conforme á da nautica, no que lhe fôr applicavel, debaixo do mesmo cuidado na referida Junta, vencendo o Lente d'ella dezes seis mil reis cada mez, como tem o da nautica, que lhe serão tambem pagos pelo producto dos douos por cento applicados para a construcção das Fragatas de Guerta, e se fará a mais despesa no custo dos livros que forem necessarios, com a approvação do mesma Marquez Presidente, pelo qual subirão á minha real Presença os Estatutos que se devem formar das obrigações do Lente e dos Discipulos, para serem por mim approvados, e terem o seo devido efecto. E Hei por bem nomear a Antonio Fernandes Jacomo para primeiro Lente da dita aula, esperan-

do das boas informações que delle tenho, desempenhará as suas obrigações no que lhe fôr determinado pela referida Junta. E servirá por este Decreto sómente, sem dependencia de outro algum despacho, em quanto bem cumprir com as mesmas obrigações, e a Junta entender que é útil o seo prestimo. O mesmo Marquez Presidente do meu Real Erario o tenha assim entendido, e o faça executar com os despachos necessarios. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 27 de Novembro de 1779.— Cumpra-se e registe-se, e se passem os Despachos necessarios. Junqueira em 2 de Dezembro de 1779.— Com rubrica do Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. Marquez de Angeja, Presidente do Real Erario.— Balthasar Pinto de Miranda.

(Silvestre Ribeiro — Historia dos Estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal, tomo II, pag. 67).

**Aviso Regio mandando admittir os  
alumnos de nautica nos navios  
mercantes.**

Sendo presente á Rainha Minha Senhora que al-  
guns Proprietarios, e Caixas dos Navios, que desse  
Porto navegam para os Dominios ultramarinos, du-  
vidam aceitar para os ditos Navios os Discípulos  
d'Aula da Navegação que se acha estabelecida n'es-  
sa cidade, oppondo-se por esse modo não só ao uso  
que desde a creação da referida Aula se tem praticado  
n'este assunto mas tambem ao louvavel, e útil  
fim de se adiantar a mesma Navegação em beneficio  
commum do Commercio desses Povos: E querendo  
Sua Magestade obviar a este pernecioso inconveniente:  
He Servida ordenar, que vm.<sup>o</sup> não matricule  
a Equipagem de navio de Lote de mais de cento e  
cincoenta toneladas, e dahi para cima, sem que nella  
seja compreendido algum Aulista, que se ache legiti-  
mado com despacho do Provedor da Junta da Ad-  
ministração da Companhia Geral da Agricultura das  
Vinhas do Alto Douro, como ategora se observou  
para ter no dito navio o emprego, e exercicio pro-  
porcionado á sua applicação, e prestimo, como sem-  
pre se tem praticado. E ao sobredito Provedor re-  
meto esta carta a sêllo volante para que depois de  
intirado da Regia determinaçao que nella se con-

tem, a entregue a vm.<sup>oo</sup>, para que a execute. Deos  
Guarda a vm.<sup>oo</sup>. Junqueira em vinte e cinco de No-  
vembro de mil sete centos oitenta e hum. Marquez  
de Angeja. Senhor Antonio Caetano José de Sousa  
Magalhaens.

(Registado a fl. 228 do liv. 2.<sup>o</sup> de registos da Ribeira do  
Douro, archivado na Repartição do Departamento Marítimo  
do Norte, no Porto; e no liv. O, n.<sup>o</sup> 1 do archivo da Academia,  
pela copia authentica mandada passar pelo Chefe da mesma  
Repartição em 3 de março de 1879).

**ALVARÁ que creou as aulas de matemática, commercio, das linguas francesa e ingleza, e encarregou a Junta da administração, direcção e projecção d'uma casa propria no terreno do Collegio dos Orphãos.**

**Eu o PRINCIPE REGENTE:** Faço saber aos que este Alvará com força de Lei virem: Que tendo-Me representado a Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, munida com a permissão, que lhe concede o Paragrafo cincoenta e hum da sua Instituição, para Me Consultar imediatamente o que se lhe offerecer; e desejosa de manifestar o zelo, com que sempre se empregou em promover o beneficio dos Meus Fieis Vassallos, estabelecidos nas Províncias do Norte; que havendo na Corte, e Cidade de Lisboa muitas Academias, aonde a Mocidade pôde adquirir Conhecimentos de todas as Sciencias; e que depois de perfeitamente instruidos, Me podem dignamente servir, e ser empregados, conforme os Creditos, que tenhão adquirido, como por experienzia se tem mostrado; achando-se no Meu Real Serviço Pessoas, que merecem a Minha Real Consideração, e o Conceito público; tendo sido a sua educação principiada, e ultimada nas mesmas Academias; devendo-se estes notorios progressos aos habeis Professores, a quem

se confiou a Regencia das Cadeiras das differentes Sciencias, e á escrupulosa selecção de Livros, que se lhes adoptou, e cujos Authores gozão na Europa a melhor reputação: Seria muito conforme aos Meus Paternaes sentimentos Permittir, e Ordenar, que na Cidade do Porto se erigissem Aulas de Mathematica, de Commercio, das Linguas Ingleza, e Franceza, assim como já se achavão creadas as de Nautica, e Desenho; e que do resultado dellas era bem evidente a utilidade, que se tinha seguido ás Artes, e Officios, principalmente á Navegação, pelos Pilotos, que na sobredita Aula se formárão, e que mais se aperfeiçoarão havendo huma de Mathematica, onde se possão adquirir maiores, e mais extensos Conhecimentos: Que sendo a Cidade do Porto a do mais consideravel Commercio (depois da Capital), não havia modo estabelecido para as pessoas, que se destinavão a esta Profissão, de adquirirem os indispensaveis Conhecimentos elementares, para a poderem exercer com perfeição, e vantagem do Estado: E que havendo muitas Obras escritas, da indispensavel Instrucção, nos Idiomas Inglez, e Francez, e a maior Navegação que fazem os Navios do Porto daquella Cidade (á excepção do Brazil) se destina para os paizes do Norte; e frequentemente para a Baltico, nos quaes he preciso entender as Linguas Vivas, pelo menos as duas referidas, precisando tambem os Commerciantes deste auxilio, para melhor fazerem a sua Corres-

pondencia Mercantil; não havendo até hoje na dita Cidade Estabelecimento algum, aonde se possão aprender as referidas Linguas. E merecendo a Minha Real Approvação o que a sobredita Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro Me representou sobre estes importantissimos objectos, muito análogos aos Paternaes cuidados, que Me devem todos os Meus Fieis Vassallos, para lhes subministrar os meios de se poderem instruir, e de se habilitarem plenamente, para serem uteis a si, e ao Estado; evitando aos Pais o incommodo, e grandes despezas de mandarem seus filhos á Corte a procurar conhecimentos scientificos, e aquelles, a quem faltarem os meios, ficarem privados de terem a devida instrucção, que com ella muito aproveitarião: Hey por bem Determinar o seguinte:

I. Que na Cidade do Porto se erijão Aulas de Mathematica, de Commercio, das Linguas Ingleza, e Franceza, para governo das quaes Mandarei formar Estatutos proprios.

II. Que estas Aulas se estabeleção por ora no Collegio dos Meninos Orfãos, e nas Casas, que melhor proporção tenhão para este fim.

III. Que se proceda sem perda de tempo á edificação de huma Casa no Terreno do Collegio dos Meninos Orfãos, propria para as referidas Aulas, que se vão erigir, e para as duas já creadas, para todas ficarem em hum só Edificio; facilitando-se desta

fórm a commodo para aquellas Pessoas, que quizerem frequentar huma Aula depois da outra.

IV. Para a despeza da construcçao deste Edificio, Determino, que se imponha, por tempo de dez annos, hum real em cada quartilho de Vinho, que se vender na Cidade do Porto, e Distrito do Privilegio exclusivo da mesma Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, nos mezes de Junho, Julho, Agosto, Setembro, Outubro, e Novembro; sendo esta Contribuição suave, temporaria, e paga insensivelmente, e o beneficio resultante do Estabelecimento das mesmas Aulas perpétuo, e da maior vantagem, e proveito para os Habitantes das Províncias do Norte.

V. Que a Junta da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro fique encarregada da recepção, e cobrança desta nova Contribuição, assim como da construcçao do Edificio, mandando tirar a Planta delle, para subir á Minha Real Presença pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino.

VI. Que em attenção ao louvavel zelo, com que a Junta da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, supplicou a minha Real Approvação para hum Estabelecimento tão proficuo para a Mocidade das Províncias do Norte, de que vai resultar tanto beneficio aos Meus Fieis Vassallos naturaes dellas: Hey por bem conceder á mesma

**Junta da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro a Inspeccão de todas as referidas Aulas.**

**VII.** Que a Junta da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro faça expedir as Ordens, que forem necessarias em todos os casos occorrentes, pelo seu Desembargador Juiz Conservador; assim pelo que tocar á construccion do Edificio, como pelo que se offerecer depois de abertas; e frequentadas as ditas Aulas.

**VIII.** Que os Ordenados dos Lentes, Substitutos, e mais Pessoas empregadas em as novas Aulas, sejão satisfeitos por onde o são actualmente os de Nautica, e de Desenho.

Pelo que: Mando á Meza do Desembargo do Paço; Presidente do Meu Real Erario; Regedor da Casa da Supplicação; Conselhos da Minha Real Fazenda, do Ultramar, e do Almirantado; Junta da Directoria Geral dos Estudos, e Escólas do Reino; Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro; Governador da Relação, e Casa do Porto, ou quem seu lugar servir; e a todos os Tribunaes, Desembargadores, Corregedores, Provedores, Juizes, Justiças, e mais Pessoas, a quem o conhecimento deste Alvará pertencer, que o cumprão, guardem, e fação cumprir, e guardar, como nelle se contém, sem dúvida, ou embargo algum; não obstantes quaesquer Leis, Disposições, ou Ordens em

contrario, que todas Derogo para este effeito sómente, ficando aliás em seu vigor. E valerá como Carta passada pela Chancellaria, posto que por ella não passe, e o seu effeito haja de durar mais de hum, ou muitos annos, sem embargo das Ordenações, que o contrario determinão. Dado no Palacio de Quéluz em nove de Fevereiro de mil oitocentos e tres.

### PRINCIPE . . .

*Visconde de Balsemão.*

*Alvará com força de Lei, pelo qual Vossa Alteza Real Ha por bem mandar erigir na Cidade do Porto Aulas de Mathematica, de Commercio, e das Linguas Ingleza, e Franceza, debaixo da Inspecção da Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro; na fórmā acima declarada.*

Para Vossa Alteza Real ver.

*Domingos Xavier de Andrade o fez.*

Registado na Secretaria de Estado dos Negocios do Rejno no Livro IX. das Cartas, Alvarás, e Patentes á folhas 178. Nossa Senhora da Ajuda em 28 de Fevereiro de 1803.

*Lucas José de Sá e Vasconcellos.*

**ALVARÁ que decretou os Estatutos da Academia Real da Marinha e comércio da cidade do Porto.**

Eu o PRINCIPE REGENTE: Faço saber aos que este Alvará com força de Lei virem: Que tendo Ordenado, e estabelecido por outro de nove de Fevereiro do presente anno a criação de huma Academia Real na Cidade do Porto, que comprehenda hum systema de Doutrinas Mathematicas, e Navegação, huma Aula de Commercio, outra de Desenho, e duas das linguas Ingleza, e Franceza: Sou Servido addicionar-lhe huma outra Aula para as lições de hum Curso de Filosofia Racional, e Moral, assim como outra de Agricultura, que deverá ser frequentada, quando as circumstancias o permittirem, sem dependencia de nova Ordem Minha, as quaes Determino que fação parte do Corpo da mesma Academia Real. E tendo outro sim commetido á Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro a inspecção da referida Academia Real: Hei por bem, e Me praz, què os Estatutos, que com este baixão assignados pelo Visconde de Balsemão, do meu Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, sirvão de norma, e Regulamento para o estabelecimento, regimen, ordem, e funções

da dita Academia Real, em tudo quanto por elles ha determinado, e estabelecido: E tendo em consideração o que a Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro Me representou na Consulta, que fez subir á Minha Real Presença, em que Me supplicava houvesse Eu por bem annuir ao Estabelecimento das Aulas na Cidade do Porto (ao que Fui Servido deferir pelo sobre-dito Alvará de nove de Fevereiro) que hum dos principaes objectos da creaçāo deste Estabelecimento, era que o actual Collegio dos Meninos Orfāos não tinha hum Patrimonio sufficiente para suprir as despezas, que são necessarias para o alimento, e educação dos mesmos Orfāos: Sou outrosim Servido Ordenar, que as lojas do Edificio, que Mandei construir para o Estabelecimento das ditas Aulas, se possāo arrendar, e que o seu producto constituindo huma parte do Patrimonio do mesmo Collegio, se administre como todas as outras rendas delle, debaixo da inspecção do Senado da Camara da dita Cidade, o qual terá todo cuidado em que os mesmos Orfāos frequentem os referidos Estudos, sem se distrahirem com assistencia dos enterros, e muito menos a pedir esmolas, visto que pela referida consignaçāo cessa a necessidade, e indigencia em que viviāo.

Pelo que: Mando á Meza do Desembargo do Paço, Presidente do Meu Real Erario, Regedor da Casa

da Supplicação, Conselhos da Minha Real Fazenda, do Ultramar, e do Almirantado, Junta da Directoria Geral dos Estudos e Escolas do Reino, Governador da Relação e Casa do Porto, ou quem seu lugar servir; e a todos os mais Tribunais, Desembargadores, Corregedores, Provedores, Juizes, Justiças, e mais Pessoas, a quem o conhecimento deste Alvará pertencer, que o cumprão, guardem, e fação cumprir, e guardar como nelle se contém, sem dúvida, ou embargo algum, não obstantes quaesquer Leis, Disposições, ou Ordens em contrario, que todas Hei por derogadas para este effeito sómente, ficando aliás em seu vigor. E valerá como Carta passada pela Chancellaria, posto que por ella não passe, e o seu effeito haja de durar mais de hum, ou muitos annos, sem embargo das Ordenações, que o contrario determinão. Dado no Palacio de Quéluz em vinte nove de Julho de mil oitocentos e tres.

### PRINCIPE . . .

*Visconde de Balsemão.*

*Alvard com força de Lei, pelo qual Vossa Alteza Real Ha por bem Mandar addicionar ás Aulas, que Mandou crear, e erigir na Cidade do Porto, debaixo da inspecção da Junta da Administração da*

*Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, mais duas, huma para as lições de hum Curso de Filosofia Racional, e Moral, e outra de Agricultura: e assim que os Estatutos, que baixão assignados pelo Visconde de Balsemão, sirvão de norma, e Regulamento para o Estabelecimento das referidas Aulas; e que as Lojas do Edificio para as ditas Aulas se possão arrendar, e o seu producto, constituindo parte do Patrimonio do Collegio dos Meninos Orfãos da mesma Cidade do Porto, se administre, como todas as outras rendas delle, pelo Senado da Camara da dita Cidade; tudo na forma acima declarada.*

Para Vossa Alteza Real ver.

*Antonio Pereira de Figueiredo o fez.*

Registado na Secretaria de Estado dos Negocios do Reino no Livro IX. das Cartas, Alvarás, e Patentes a folh. 188. Nossa Senhora de Ajuda em 18. de Agosto de 1803.

*Victorino Antonio Machado.*



## ESTATUTOS

DA

ACADEMIA REAL DA MARINHA, e COMMERCI  
DA CIDADE DO PORTO

I. A Academia Real da Marinha, e Commercio da cidade do Porto se comporá de tres Lentes da Faculdade de Mathematica, hum de Filosofia Rational, e Moral, dois Professores das linguas Franzeza, e Ingleza, hum de Desenho, hum de Commercio, e de outros tantos respectivos Substitutos, ficando-lhe addito e subordinado hum Mestre de Aparelho, e Manobra Naval.

*Tempo do Curso mathematico, Divisão das Doutrinas,  
que comprehende, e obrigações dos Lentes,  
a quem são confiadas*

II. Serão reduzidas, e distribuidas as materias, que se hão de dictar na Academia, em tres annos, e nelles confiadas a tres Lentes que as lecionem. No

primeiro anno caberá ao respectivo Lente ensinar Arithemetica, Geometria, e Trigonometria Plana, seu uso pratico, e os Principios Elementares de Algebra até ás Equações do segundo grão inclusivamente; precedendo ás lições proprias desta Cadeira em a abertura dos annos lectivos, huma introducção substanciada do estudo da Sciencia, mostrando os objectos della, e as divisões que respeitarem a cada huma das Aulas.

III. Pertencerá ao Lente do segundo anno pro seguir na continuação de Algebra, na sua applicação á Geometria, e no ensino do Calculo Diferencial, e Integral; explicando depois os Principios Fundamentaes de Statica, Dynamica, Hydrostatica, Hydraulica, e Optica.

IV. O Lente do terceiro anno ensinará a Trigonometria Esferica, e a Arte da Navegação Theorica, e Pratica, seguida das noções de Manobra, e do conhecimento, e uso pratico dos Instrumentos Astronomicos, e Maritimos.

*Dos requisitos, que devem ter os Lentes, e Substitutos*

V. Como as bases mais sólidas dos Estabelecimentos Litterarios são sempre os talentos, Sciencia, e capacidade dos Lentes, a quem se confia a regencia das Cadeiras; deverão por tanto os desta Academia ter a mesma singularidade de requisitos que con-

correm, e habilitam os da Academia Real da Marinha de Lisboa, e o mesmo se entenda, e observe a respeito dos Substitutos.

*Das Condições, que devem ter os Discípulos para serem Matriculados*

VI. Todo o que pertender seguir os Estudos Academicos requererá a sua admissão á Junta Inspector a antes do dia vinte de Setembro, expondo-lhe em Petição os fins, a que se propõe pela habilitação dos referidos Estudos, os principios de instrução com que se acha, e os annos que conta de idade, que nunca deverão ser menos de quatorze, verificados por Certidão do Assentamento do seu Baptismo; e informada a Junta pelo Lente do primeiro anno, que mandará ouvir sobre o contheudo destes Requerimentos, precedendo o exame, e approvação das quatro primeiras operações de Arithmetica, e a dos outros Preliminares, que ao diante vão determinados: Ordenará por despacho lançado no mesmo Requerimento, que seja admittido, e se lhe lavre sua Matricula com a data do dia, em que comparecer nella.

*Forma das Matriculas*

VII. O Escrivão que actualmente he da Marinha, servirá de Secretario, vencendo o mesmo Ordenado, que lhe está estabelecido; devorá abrir a Matrícula em vinte de Setembro, e cerralla em trinta do mesmo mez; escreverá no theor della os nomes, Paes, Patria, e estudos que tem os Discipulos, e o destino que levão nos da Academia, extrahindo copias em forma de Pauta, que contenham sómente os nomes dos Discipulos, e a instruccion com que se apresentão, para as transmittir aos Lentes das tres Aulas, afim de que possão estes reconhecer os seus Discipulos, e fazer tomar diariamente o Ponto da frequencia delles.

VIII. Como porém se seguirão muitos inconvenientes, se as Aulas do Curso Mathematico não forem desde logo frequentadas, e constituidas em toda a sua actividade e exercicio, pela falta de Discipulos, que nas de Filosofia, e das linguas se estivessem dispondo para entrarem em estudos maiores; serão dispensados todos os do primeiro triennio de Preparatorio algum, ficando-lhes livre estudarem as Linguas, durante os annos do Curso Mathematico, de maneira, que findo este, antes de se proporem ao ultimo Acto, fação constar aos seus respectivos Lentes por Certidões de exame, a intelligencia, e o conhecimento que das mesmas adquirirão.

IX. Para que se observe huma Ordem de Estudos, não só mais natural, e conveniente, segundo a sua graduacão, mas para que no futuro possão os de Mathematica ser mais ponderados, e seguidos, sem que se lhes opponhão aquellas perdas de tempo, e as applicações necessarias a outros objectos. Os Discipulos que, no segundo triennio, e nos que se seguirem, houverem de ser Matriculados com o destino de se habilitarem Pilotos, ao menos pelos Estudos do primeiro, e do terceiro anno Mathematico, deverão documentar os Requerimentos para a sua admissão com Certidões dos exames feitos em huma das duas linguas vivas, visto que as suas Aulas já se achão em exercicio.

X. Porem os que se propuzerem a seguir, e profundar o Curso completo com outros fins a que hajão de applicar os gráos de conhecimentos, que nelle se adquirem, deverão apresentar no acto da sua Matricula Certidão, por onde conste haverem completado os Estudos do Curso Filosofico, e aprendido sufficientemente as linguas Franceza, e Ingleza. Em quanto a estas o mesmo se entenda, e observe com os Discipulos, que se destinarem ao Commercio, nos quaes deve suppôr-se indispensavelmente necessario, e perfeito conhecimento das referidas duas linguas.

*Abertura, e Commemoração anniversaria da  
Academia*

XI. Devendo a Matricula estar fechada no ultimo de Setembro, abrir-se-hão as Aulas no primeiro dia lectivo de Outubro pelas nove horas da manhã. Todos os Lentes, Substitutos, e Professores, que compõem o Corpo Academicó, seguidos dos Discípulos Matriculados, se reunirão na Aula do terceiro anno Mathematico com dois Deputados da Junta Inspector para solemnizarem em commun a Fundação, e Abertura da Academia; tomando o Lente desta Aula a sua respectiva Cadeira, e recitando della huma Oração analoga ao objecto tão digno, como importante.

O referido Lente mostrará não só a origem das Mathematicas, recordando os successos mais illustres da sua historia, o interesse geral que resulta dos Estudos destas Sciencias, e o quanto elles dispõem, e illuminão os entendimentos que as cultivão, quanto se tornará tambem mais florente, e entendido o Commercio daquella Cidade, abrindo-se nella Estudos methodicos das suas regras, dictames, e usos; e os das linguas indispensaveis para se corresponder nas suas intelligencias, e relações; mas muito mais de positivo fará vêr o profundissimo respeito, e o grave empenho em que constitue perpetuamente todos os Vassallos da Cidade do Porto, e das Pro-

vincias do Norte, a Paternal, Regia, e Incomparável Benignidade do Principe Regente Nossa Senhor, Fundador da Academia, dignando-se liberalizar com este Estabelecimento a seus Fieis Vassallos, todos os meios mais efficazes, e adequados para se instruirem, e utilizarem com vantagens incalculaveis da Causa Pública, e da felicidade particular de cada familia, e individuo.

XII. Nos annos futuros se festivará com a mesma formalidade esta Commemoração em os Gloriosos, e Felicissimos dias anniversarios do mesmo Senhor.

*Do tempo Lectivo, e Feriado*

XIII. O tempo Lectivo durará desde o primeiro do mez de Outubro até ao ultimo dia de Junho.

XIV. Quanto ás horas que diariamente devem empregar os Lentes, e Professores nas lições das suas respectivas Aulas, a Junta Inspectorá conferenciada com os referidos Professores sobre a escolha, e oportunidade do tempo necessario para os Discípulos poderem frequentar em hum mesmo dia mais de huma Aula, estabelecerá nesta parte, segundo as circumstancias que ocorrerem, o que parecer mais praticavel, e conveniente: e o que pela referida Junta for acordado a este respeito, ficará em regra como parte integrante destes Estatutos.

XV. Os mezes, e dias feriados serão os mesmos que se guardão em as Academias da Corte, e os sempre Memoraveis de dezesete de Dezembro, treze de Maio, e vinte e cinco de Abril, anniversarios de Sua Magestade, e de Suas Altezas Reaes.

*Exercicios Semanarios, e Mensaes*

XVI. Serão constantemente praticados estes exercicios pelo mesmo methodo, e ordem que dispõem os Estatutos da Academia Real da Marinha de Lisboa, á excepção da escolha dos dias que prefixão para os exercicios semanarios, que por estes serão os das segundas feiras.

*Dos Exames, findo o tempo lectivo*

XVII. Findo que seja o Curso lectivo, se procederá a Exames, cujo tempo, e fórmā será inteiramente a mesma que se acha estabelecida nos Estatutos da Academia Real da Marinha de Lisboa.

XVIII. Todos os Estudantes serão obrigados a fazer exame; e os que o não fizerem, ficarão reconduzidos por huma vez sómente no mesmo anno, transferindo-se-lhes para o seguinte o seu exame, a que infallivelmente devem prestar-se, ou do contrario serem expulsos.

XIX. Os Lentes insistirão nestes actos com to-

da a efficacia, e indagaçāo, não se satisfazendo sómente pela conta simples que os Estudantes derem do Ponto que lhes coube, e que vinte quatro horas antes estudaraō; mas pretenderáō reconhecer o talento do Discipulo, se tem genio apropriado ao Estudo da Sciencia, e finalmente as forças necessarias, e a facilidade de combinar por si mesmo as verdades elementares que aprendeo, e de variar methodicamente em suas demonstraçōes, e usos; havendo-se porém os Lentes nesta parte com toda aquella prudencia, imparcialidade, e moderação que for necessaria, para que o Discipulo se não embarace, e confunda.

XX. Havendo acontecido algumas vezes, bem como a experiençāo tem mostrado, manifestarem os actos de exame hum conceito inverso do que se esperava do Discipulo, que durante o anno lectivo deo provas nada equivocas do seu talento, e applicaçāo, resultando daquella apparencia, que ordinariamente vem da pussillanimidade do animo, ou do desuso dos mesmos actos, consequencias desagradaveis, e rui-nosas: neste caso ficando suspensa até o dia seguiente a sua reprovaçāo, o Lente a quem pertencer o Estudante, por isso mesmo que deve ter hum conhecimento mais bem fundado da applicaçāo, assiduidade, e merecimento de todos os seus Discipulos, proporá secretamente aos outros Lentes o seu conceito, para de commum acordo determinarem que

o Estudante se proponha, e compareça com hum exame privado, no qual os referidos Lentes; explorando seus talentos e Estudos, decidam entre si com a approvação, ou reprovação, declarando em sua Carta, ou no Assentamento que lhe respeitar, os principios, e fundamentos por que justamente foi julgado.

*Do Exame geral em todo o Curso Mathematico*

XXI Ao acto de approvação nas disciplinas do terceiro anno se seguirá nos ultimos dias do mez de Septembro, não obstante serem feriados, o Exame geral de todas, que contem o systema de Estudos Mathematicos da Academia; por isso mesmo, que este ultimo acto joga com todas as materias relativas aos annos do Curso, demanda que os Estudantes as repassem mui cuidadosamente, e se mostrem nellas mui presentes, e fundamentados.

XXII. A forma deste acto será regulada em tudo pelo que se acha disposto no Livro terceiro, Titulo sexto, Capitulo segundo dos Estatutos da Nova Reforma da Universidade de Coimbra, em os Paragrafos segundo, terceiro, e quarto.

XXIII. Os Discípulos, que havendo completado com manifesto aproveitamento os tres annos de Estudos de Mathematica na Academia; produzindo as suas Cartas, e Certidões de approvação, assim pelo

que respeita áquellea Sciencia, como ao Desenho, ao conhecimento das Linguas, e aos usos praticos do Apparelho Naval, serão em tudo, e por tudo preferidos sempre, e em todos os casos de concorrecia áquellea Discipulos, que somente houverem por motivos de particular interesse, ou pelos da mediocridade de genio, e desleixo proprio, seguido o primeiro e o terceiro anno Mathematico, ainda que estes se acompanhem da intelligencia de huma, ou das duas linguas vivas.

XXIV. Nas sobreditas circumstancias poderão os sobreditos Discipulos requerer á Junta Inspector, na conformidade do Aviso Regio de vinte e cinco de Novembro de mil sete centos e oitenta e hum, a sua admissão nos Navios portuguezes de cento e cincuenta tonelladas, e dahi para cima para tomarem practica em tres viagens que quaesquer dos mesmos Navios fizerem daquellea Cidade nos Portos do Brazil, ou do Baltico ; tendo a mesma Junta sempre em vista aquella preferencia, para que se torne efficaz e util em todos os casos compativeis com o interesse Publico, e com o particular dos mesmos Discipulos.

XXV. Logo que os Discipulos praticantes regressarem da terceira viagem de practica, e cumprirem com as demais obrigações, que lhes são determinadas por estes Estatutos, poderão requerer as suas Cartas de Sota-Piloto, as quaes lhes serão passadas pela Junta Inspector, assim como as de Pi-

lotos, havendo feito mais duas viagens aos referidos Portos. E quanto a esta parte o mesmo se entenda, e observe com aquelles Discipulos, que se houverem habilitado somente pelos Estudos do primeiro, e do terceiro anno Mathematico.

XXVI. Os Sota-Pilotos e Pilotos, que se acharrem munidos com as suas respectivas Cartas passadas pela Junta Inspector, poderão tomar o exercicio delas em quaesquer Embarcações, e Portos destes Reinos, entrando pela egualdade de circumstanças ~~no~~ mesmo paralelo, e concurso dos Discipulos da Academia Real da Marinha de Lisboa ; pois não he da intenção de Sua Alteza Real, que entre huns e outros se supponha diferença alguma.

XXVII. E achando-se, como devem achar-se, estabelecidos, e abertos na Academia os Estudos do primeiro anno do Curso Filosofico, para servirem de preparatorio aos Estudantes Mathematicos, mórmente áquelles que se puzerem a estudar esta Scienzia até se graduarem nella logo que estes Discipulos tiverem feito seus exames, e nelles sido aprovados, se lhes passarão suas Certidões, por cujo Documento serão examinados, e admittidos á Matricula da Universidade de Coimbra, declarando-se nas mesmas Certidões a frequencia, talentos, e disposição que adquiriram para poderem proveitosa-mente proseguir em os exérccios da vida litteraria, a que se destinam.

*Aula de Desenho*

XXVIII. O Lente desta Aula não admittirá Discípulos, que se não achem approvados nos Estudos do primeiro anno Mathematico, o que lhe farão constar por Certidões dos seus exames, e pelas dos Assentamentos das Matriculas, o exercicio em que hão de empregar-se, para que o referido Lente possa apropriar-lhes as Lições, e as Regras de Desenho analogo ás suas profissões, e usos.

XXIX. E sendo, como he, pratico o exercicio desta Aula, tambem as provas da sua utilidade, e dos progressos dos Discípulos, deverão manifestar-se por exemplos praticos preceituados pelas regras fundamentaes da Arte, e provindos do genio, e delicadeza manual dos Discípulos.

XXX. O sobredito Lente observará regularmente em cada anno lectivo hum Curso completo de Desenho, que comprehenda os seus diferentes ramos, de maneira que faça publicas as obras da Arte, assim naturaes, como de arbitrio, e de convenção, explicando distinctamente os principios da perspectiva, o modo de preparar as tintas, e de dar aguadas.

XXXI. Ensinará mui positiva, e efficazmente o Desenho de Marinha, fazendo copiar, e reduzir Plantas de Costas, Bahias, Enseadas, e Portos, representando as vistas de Ilhas, Cabos, e Promontorios;

e tambem a dos Navios considerados em diferentes posições, e manobras, e ultimamente habilitará os seus Discipulos na praxe do risco das Cartas Geographicas, e Topographicas.

*Do Mestre de Apparelho*

XXXII. Como para se proseguir convenientemente no methodo mais approximado aos usos da vida dos Estudantes Nauticos se careça, além da completa instrucção dos exercicios theoricos, e das observações Astronomicas, que acompanham as lições do terceiro anno; do exercicio pratico das Manobras Navaes, e estas envolvam muitos usos, e conhecimentos; tambem praticos, mórmente os que dizem respeito ao Apparelho; Por tanto o Mestre da Manobra ensinará tudo quanto incluem os artigos quinto, sexto, e setimo dos Estatutos da Reforma da Academia Real dos Guardas Marinhas, para cujo exercicio haverá uma sala provida de modelos de vasos de hum, de dois, e de tres mastros, e de tudo quanto for concernente a taes exercicios.

*Exercicios Praticos*

XXXIII. O Lente do primeiro anno Mathematico exercitará os Discipulos na praxe das doutrinas que lhes dicta, mostrando-lhes sobre os terrenos o

uso pratico da Geometria, e Trigonometria, e em consequencia como se usa dos Graphometros, Planetas, e outros instrumentos.

XXXIV. O do terceiro anno ajuntará á theotrica das suas lições a pratica das experiencias: E como se careça para estas de tempo apropriado, ficará a seu arbitrio a escolha do que convier, sem que o necessario para as obsérvações altere nunca a ordem constante das Lições theoricas.

XXXV. O Lente de Desenho dirigirá os seus Discipulos áquelles terrenos, e posições, que mais lhe convidar, e promover o genio, e attenção, para que os referidos Discipulos não empecem na pratica, antes se costumem a estudar de mais perto a Natureza, e a imittalla quanto possivel for nas copias das variadas perspectivas, e objectos que offerece.

XXXVI. Huns, e outros Lentes dividirão os seus Discipulos em turmas, para que nos seus exercicios se não embaracem, e a todos toquem os frutos de taes lições.

XXXVII. Todo o Estudante que faltar aos exercicios prácticos, sem que lhe haja obstado grave, e manifesta causa, será apontado como se houvesse commettido tres faltas de Aula; e vencendo partido, perderá o duplo do vencimento diario delle, relativo aos dias, em que houver faltado.

*Curso Filosofico*

**XXXVIII.** Como os principios, e os objectos da Filosofia Racional, e Moral hão de prestar de mais perto áquellos Discipulos da Academia, que se propuzerem a fazer Estudos mais profundos, e a seguir a Faculdade de Mathematica até se graduarem nella com o destino de occuparem as Cadeiras desta Faculdade, ou seja na Academia, que lhes deo a primeira educação, ou em quaesquer outras; deverá por tanto regular-se, e dirigir-se este Estudo pelos mesmos Authores, methodos, e usos de lecionar, que se observão actualmente na Universidade de Coimbra, a fim de que quando alli cheguem os referidos Discipulos para proseguirem em seus fins, lhes não seja necessario fazerem este preparatorio; assim como tambem variar nos methodos, e na prática de Estudo, de que ordinariamente resultão aos Principiantes graves consequencias.

*Das Aulas das linguas Franceza, e Ingleza*

**XXXIX.** Os Professores destas Aulas dictarão as suas lições pela Grammatica, que se achar mais bem conceituada, habilitando seus Discipulos na pronunciaçāo das expressões, e das vozes das suas respectivas linguas, adestrando-os nesta prática, e na da leitura, fazendo-lhes reconhecer no Author

que seguirem, e nas traducções que fizerem os lugares, ou passagens, que mais vivamente deponhão do genio, e do caracter de cada huma dellas ; assim como do estilo, e gosto mais seguido, e depurado dos Authores dignos de se estudarem, cujos assumptos deverão ser aquelles, que mais possão contribuir para o perfeito conhecimento, e erudição adequada ás materias que estudão.

XL. Convirá que os Discipulos, que se destinarem ao Commercio, traduzão Authores que tem escrito neste genero ; os que se dirigirem á Pilotagem, as Obras mais eruditas, e completas de Geografia, especialmente na parte que tiver de Hydrografica, e Mathematica ; e os que houverem de seguir, e cultivar as Sciencias Mathematicas por elles mesmas deverão ler, e traduzir a historia desta Sciencia, e as vidas dos mais distintos Authores, que da mesma tem eruditamente escrito.

XLI. E para que se possão affeçoar ao gosto, e estilo mais depurado da lingua da Patria, deverão nas Versões de hum para outro idioma escolher, e preferir sempre os nossos Authores Classicos.

XLII. O Estabelecimento desta Aula, as admissoes de seus Praticantes, a Divisão das Materias, e dos Estudos a seguir nos annos que durar este Curso ; assim como tambem a fórmula de seus exames, serão exactamente reguladas pelo que he Ordenado, e disposto em os Estatutos da Aula do Com-

mercio de Lisboa, reduzindo-se o exercicio lectivo desta Aula ao espaço de dois annos; visto que os Praticantes, que nella houverem de ser admittidos, hão de ter seguido as lições do primeiro anno na Aula do Geral de Mathematica, e apresentar no acto da Matricula Certidões da sua approvação.

XLIII. O Lente desta Aula, além de ensinar o que se lhe determina pelos referidos Estatutos, dará aos seus Discípulos noções mui distintas de Geografia na parte que tiver de historica, e commercial; assim como da legislação respectiva a este objecto, e daquelles Reinos, ou Estados que tem maiores, e mais proximas relações com este Reino, para que todos os Contractos, e Fracções sejam conformes ás Leis, usos, e por ellas possão ficar a coberto de dudas, interpretações, e pleitos.

### *Dos Premios*

XLIV. Como os Estudos das Sciencias Mathematicas demandão tanta assiduidade, como profunda meditação, e constancia não vulgar, justo he que se incite, e promova por hum estimulo, cujo efecto se torne, não tanto util, como honorifico, e distintivo daquelles Discípulos da Academia, que a despezas de suas fadigas se esmerarão a fazer progressos nas referidas Sciencias, e por ellas a fazerem-se uteis a si, e á sua Patria: Portanto, e para

que tambem peze aos menos applicados, e activos huma excepção que depõe decididamente do merecimento, e da justa preferencia, haverá dezeseis premios de valor de seis mil reis cada hum, para se distribuirem mensalmente pela Contadoria da Junta Inspector a áquelle Discipulos mais benemeritos do segundo, e do terceiro anno Mathematico, cujo merecimento será por todos os tres Lentes da Faculdade reconhecido, e julgado pelo prestimo, frequencia, e conta que houverem dado de si, observando os Lentes neste procedimento a mesma imparcialidade, rectidão, e norma que estabelecem, e recomendão os Estatutos da Academia Real da Marinha de Lisboa.

XLV. Na mesma conformidade serão distribuidos quatro Premios áquelle Discipulos de Desenho, que se acharem nas circumstancias de preferencia para os merecerem dignamente; e portanto o Professor desta Aula apresentará aos Lentes da Academia as Obras que tiver por mais completas, e bem acabadas, assignadas pelos Autores delas, para que estes possão ser conhecidos, e premiados pelo Corpo Academico.

XLVI. E porque de entre os Discipulos da Aula do Commercio podem sobresahir alguns que manifestem por huma parte indole apropriada aos conhecimentos deste importante ramo; e pela outra o desvelo com que procurem constituirem-se intel-

ligentes, benemeritos, e uteis, sem que para tanto lhes assistão os meios indispensaveis de subsistirem, e apresentarem-se com a decencia necessaria, e respectiva ao seu exercicio, serão distribuidos quatro Premios por aquelles, que se tiverem distinguido, pela maneira sobredita.

*Do Regimen, e boa Ordem das Aulas*

XLVII. A Ordem que inalteravelmente deve observar-se em relação aos Discipulos da Academia na parte que respeita á frequencia, subordinação, e polidez que devem praticar com os seus respectivos Lentes, como para com todas as Pessoas, que pertencem ao Corpo Academico, e com quem houverem de concorrer dentro, e fora da Academia, será a mesma que se observa, e que se contem debaixo do Titulo similarmente em os Estatutos das Academias da Corte.

*Do Primeiro Guarda, ou Fiel da Academia*

XLVIII. O Primeiro Guarda, ou Fiel da Academia, terá a seu cargo a arrecadação, aceio, e conservação dos moveis, e fazendas da Academia, mandando que cumprão effectivamente neste objecto todos os Guardas, que lhe forem subordinados, os quaes lhe obedecerão para este effeito sem replica,

ou argumento de preferencia, dando o sobredito Primeiro Guarda parte á Junta Inspector de toda a novidade, ou procedimento que se mostre destrutivo da boa ordem, e regulação economica da Academia; assim como tambem das despezas a que for necessario proceder; do motivo das quaes, e da sua importancia parcial, e total abrirá receita em Livro que para isso forme, do qual extrahirá a folha das despezas da Academia, quando houver de apresentar-se á Junta Inspector, por cuja Contadaria será paga, precedendo as formalidades necessarias.

**XLIX.** O mesmo Guarda terá a seu cargo, e debaixo de chave o deposito de todos os instrumentos Astronomicos, e Maritimos, e tudo quanto for concernente aos exercicios da Academia, recebendo as Ordens dos Lentes respectivos para poder franquear os mesmos Instrumentos, e fazellos conduzir ao logar que se lhe determina.

### *Privilegios*

**L.** Os Lentes desta Academia serão assim no presente, como no futuro propostos pela Junta Inspector a Sua Alteza Real, e da sua immediata, e Regia Nomeação: gozarão de todas as honras, privilegios, e distinções de que actualmente gozão os da Academia Real da Marinha de Lisboa, sem que entre huns, e outros Lentes se considere diferença al-

guma; podendo igualmente propor a demissão delles, quando pelas suas conductas, e incapacidade não os julgar dignos de continuarem nos seus exercícios.

LI. Os Discípulos que frequentarem legitimamente a Academia, e os que nella respeitam a Aula do Commercio, serão preferidos na admissão, e exercício da Contadoria do Escritorio, e da Secretaria da Junta Inspector.

LII. Os Lentes, Substitutos, Discípulos, e todas as mais pessoas, que pertencerem á Academia, terão por seu Juiz privativo o Conservador da Junta da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro.

### *Obrigações dos Discípulos Navegantes*

LIII. Todos os Discípulos Praticantes de Nautica, que pretenderem suas respectivas Cartas, sejão de Sota-Piloto, ou de Pilotos, deverão apresentar ao Lente do terceiro anno, por ser, como he, o da Navegação, depois de quinze dias decorridos de sua chegada á Cidade do Porto, huma derrota circunstanciada, em que denotem as observações que fizerão sobre as variações da Agulha, latitudes, e longitudes dos logares por onde passarão; assim como as configurações das Costas, Portos, e Ilhas que avistarão, ou aonde se demorassem, e finalmente huma descripção Hydrografica, que contenha algu-

mas observações uteis, denegando a Junta Inspector a os referidos Nauticos suas respectivas Cartas, em quanto elles não satisfizerem á estes tão importantes objectos de sua profissão, pois mui sobre pensadamente lhes setão facultados todos os meios appropriados para o necessario, e completo desempenho destes fins.

LIV. O Lente do terceiro anno, depois de rever, e examinar as preditas observações, derrotas, e descripções, escreverá o conceito que formar do seu merecimento, remettendo tudo em Carta fechada ao Secretario da Academia, para que ficando depositadas no Arquivo della se passem aos mencionados Praticantes Certidões de haverem satisfeito ao que se lhes determina neste, e no precedente artigo, cujas Certidões ajuntará aos Requerimentos para se lhes passarem suas respectivas Cartas.

#### *Deveres Geraes da Junta Inspector*

LV. Sendo, como he, a Junta da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, Inspector desta Academia, em virtude do Alvará de nove de Fevereiro do presente anno, terá em razão de seu cargo a obrigação de manter a boa ordem da Academia, promovendo os seus progressos pela inteira, e literal observancia destes Estatutos.

LVI. Não poderão ser consultados para Len-

tes, ou Substitutos da Faculdade de Mathematica, Filosofia, e Agricultura, o que não tiver o grao de Licenciado pela Universidade de Coimbra, ou para o futuro por esta Academia.

Para a Faculdade de Commercio não poderá ser consultado aquelle, que não apresentar approvação da Aula do Commercio de Lisboa; e para o futuro o que a tiver obtido daquelle Cidade, será attendido; e para a do Desenho será proposto aquelle Lente, que por titulos em fórmula, passados por Academias bem reputadas, e por obras suas que o acreditem, mostrar evidentemente ter os necessarios, e requeridos coñecimentos.

LVII. A mesma Junta com o parecer dos Lentes, e Professores da Academia consultará ao Principe Regente Nosso Senhor, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, sobre aquelle objecto, ou objectos, que no futuro occorrerem para reforma e melhoramento, seja na parte que respeita ao Systema Litterario, ou seja na da disciplina, e economia: E dará outro sim as providencias necessarias para que a referida Academia se prôva de Instrumentos Astronomicos, e Maritimos, Cartas Geograficas, Topograficas, Livros, Esferas, e de tudo quanto se carecer para a completa instrucção dos Discipulos, uso dos Lentes em seus respectivos exercicios, decencia, e lustre da referida Academia.

LVIII. Todos os Lugares, e Empregos da Aca-

demia Real, á excepção dos Lentes, Professores, e Substitutos, serão conferidos pela Junta Inspector a para o que lhes passará os coimpetentes Titulos.

Palacio de Quéluz em 29 de Julho de 1803.

*Visconde de Balsemão.*

**Nota ao n.º XIV dos Estatutos.**

A Junta inspectora, no dia 30 de setembro de 1817 em conferencia dos Lentes e professores da Academia Real da Marinha e Commercio, encarregou os Lentes José Francisco Gonçalves e Agostinho Albano da Silveira Pinto de elaborar um plano horario das lições nas diversas aulas, que preenchesse os requisitos de melhor ordem, maior aproveitamento e commodidade dos alumnos; plano que foi apresentado no dia 4 d'outubro do dito anno, e n'esse acto aprovado pela mesma Junta, e pelo qual d'esta data em diante se deviam regular as aulas da Academia; a saber:

**Primeiro.** As aulas, que até aqui tinham de tarde o seu exercicio, deverão tê-lo d'agora em diante pela manhaã.

**Segundo.** A duração de cada uma das aulas que até o presente éra de duas horas, ficará reduvida ao espaço de hora e meia sómente.

**Terceiro.** Dividida a manhaã em tres horas, ou partes eguaes, será a primeira no tempo de Inverno desde as oito horas, até ás nove e meia; a segunda desde as nove e meia até ás onze; e a terceira desde as onze, até meia hora depois do meio dia. No verão começarão as aulas uma hora mais cedo.

**Quarto.** Na primeira hora terão logar as aulas do segundo anno Mathematico, da lingua Franceza, e da Manobra Naval;

na segunda as aulas do primeiro anno Mathematico, do Commercio, do Desenho, e da lingoa Ingleza: e na terceira as aulas do terceiro anno Mathematico, e de Philosophia Racional e moral.

Quinto. Como porem no presente anno se achão alguns Estudantes matriculados simultaneamente nas aulas do terceiro Mathematico, do Commercio, e do Desenho; e em consequencia d'este novo Regulamento devessem ficar privados da frequencia d'algumas d'ellas; a Illustrissima Junta com o Corpo Academico, desejando beneficiar os sobreditos Estudantes, convem em que por este anno somente continuem de tarde as lições do Desenho, como até agora, sem que disto possa tirar-se argumento para os annos seguintes, pois que em nenhum delles terá logar uma semelhante alteração.

(Archivo da Academia, L.º J, n.º 1, fl. 14).

Nota ao n.º XXII dos Estatutos.

“§ 2. Para o Exame Geral das Disciplinas Mathematicas tirarão, dous dias antes, quatro sortes. Huma nas Lições de cada Anno, da mesma forma, que Tenho estabelecido para os Exames particulares. E terão feito uma Dissertação no ponto, que bem lhes parecer, relativo a qualquer das partes do *Curso Mathematico*, com approvação do Presidente, assim como nos outros Exames.

“§ 3. Poderá ser Presidente qualquer dos Professores, que o Examinando escolher. E haverá quatro Examinadores; cada hum dos quaes perguntará por espaço de hum quarto de hora, em huma das materias destinadas pela sorte: Guardando entre si a ordem dos Annos; isto he: perguntando o Primeiro Examinador na materia do primeiro Anno; o Segundo, na do segundo; e assim nos mais. Advirto, que neste Exame se devem comportar com mais rigor do que nos precedentes: Averiguando-se se estão os Examinandos presentes nas Lições Elementares de todo o Curso; de sorte, que as pussuam completa, e perfeitamente; e estejam habeis a poder faser por si mesmos maiores progressos nestas sciencias. Não tendo chegado a conseguir este conceito, não serão aprovados, mas esperados outro anno, em que devem ouvir as mesmas Lições.

“§ 4. Para que os sobreditos Examinadores possam votar com mais liberdade, e segredo sobre o merecimento dos Candidatos; sahirão estes da Aula com todas as mais pessoas, que

nella se acharem: Guardando-se a este respeito tudo o que Tenho ordenado no Livro Primeiro, Título Quarto, Capítulo Quinto, Parágrafo sessenta e oito, e seguintes. (1)

(Estatutos novos da Universidade de Coimbra, Livro III, P. II, T. VI, Cap. II).

(1) S se... e se fecharão as portas da Aula, ficando dentro tão somente os Cathedraticos, e Lentes, que não de votar sobre o merecimento do Acto, e o Secretario, por ser necessaria a sua assistencia a esta acção.

S se. O Reitor, e não sendo Ele presente, o que presidir ao Acto, mandará primeiro que tudo ao Secretario, que leia, em alta voz, aos Cathedraticos, e Lentes, que não de votar, a admoestação, que aqui lhes faço, para que no dar dos seus votos façam justiça inteira. A qual admoestação Sou servido mandar, que se lhes faça nestas occasões em Meu Nome nos termos seguintes: — Encommendo, e encarrego a todos os Mestres, que votam neste Acto, o façam com todo o segredo, e interesse, sem odio, nem afeto: Que tenham respeito aos grandes prejuízos, que se seguem ao serviço de Deos, e Meu, e ao bem universal da Igreja, e do Estado, quando com pouca consideração, e encargo de suas consciencias, aprovam os que não de reprevar, e reprevam os que devem aprovvar: No que claramente obram contra a justiça, dando igual premio aos que tem designial merecimento; e julgando por sufficientes para cargos publicos, ou exercícios de letras, os que o não são. O que lhes encarrego sob o juramento de seu Grão, e debaixo da pena do Meu Real desagrado.



## CARTA REGIA

DE

ESTATUTOS DA ACADEMIA REAL DA MARINHA  
DE LISBOA

DONA MARIA, por Graça de Deus Rainha de Portugal, e dos Algarves, d'aquem, e d'alem mar, em Africa Senhora de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio da Etheopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber a todos os que esta Carta virem, que tendo consideração ao muito, que importa ao Meu Real serviço, e ao bem publico dos Meus Reinos, poderem os meus Vassallos applicar-se ao estudo das Sciencias, que são indispensaveis, não só para se instruirem, mas tambem para se aperfeiçoarem na Arte, e practica da Navegação: Hei por bem que na minha Corte, e Cidade de Lisboa se estabeleça uma Academia Real de Marinha para um Curso de Mathematica, o qual será composto das partes seguintes: da Arithmetica; da Geometria; da Trigo-

nometria Plana, e Esferica; Algebra, e sua applicação á Geometria; da Statica, Dynamica; da Hydrostatica, Hydraulic, e Optica; e de um Tratado completo de Navegação: havendo uma Inspecção sobre a mesma Real Academia, a qual pertencerá ao Inspector Geral da Marinha; e regulando-se o sobredito Estabelecimento na forma, que sou servida ordenar nos Estatutos seguintes.

*Do numero dos Professores*

Para que todos os que pretenderem ser admitidos ao dito Curso Mathematico, possão começar, e continuar direitamente os seus estudos sem as demoras, e perdas de tempo, que necessariamente resultam não havendo o numero sufficiente de Cadeiras para se absolver o ensino de todas as Disciplinas no espaço annual lectivo: Ordeno, que a Academia Real da Marinha seja composta de tres Professores.

O primeiro insignará a Arithmetica, Geometria, Trigonometria Plana, o seu uso pratico, e os principios elementares da Algebra até as Equações do segundo grão inclusivamente.

O Segundo irá proseguindo na continuaçāo da Algebra, na sua applicação á Geometria, e no ensino de Calculo Diferencial, e Integral; depois do que explicará os principios fundamentaes da Statica, Dynamica, Hydrostatica, Hydraulic, e Optica.

O terceiro terá a seu cargo ensinar a Trigonometria Esferica, e a arte de Navegação Theoretica, e Prática.

*Dos requesitos, que devem ter os Professores*

Para evitar, o qué com grave prejuizo poderia succeeder que os Professores que não sejão dotados das luzes, e talentos necessarios para satisfazerem, como convém, a um objecto de tanta importancia ; para excluir toda a intriga, e empenho na nomeação d'elles ; e para que se attenda ao Meu Real Serviço, e interesse publico : Os Professores, que depois da primeira eleição em diante poderão ser admittidos para ensignar na Real Academia da Marinha, instituida na Cidade de Lisboa, ou que Eu for servida estabelecer em qualquer outra parte dos Meus Reinos, e Dominios, deverão ter completado o Curso de Cinco annos na Universidade de Coimbra ; e depois de terem feito todos os Actos, e terem tomado o Gráu de licenciados, serão propostos pela Faculdade de Mathematica da mesma Universidade, e pelos tres Professores da Academia Real de Lisboa ; e os que não tiverem estes requesitos, de nenhum modo me serão consultados.

*Dos Substitutos*

Podendo succeder muitas vezes que os Professores, ou por doença, ou por serem ocupados no Meu Real Serviço, ou por qualquer outro grave motivo, não possão cumprir com as obrigações do ensino, de que Resultaria grande detimento á mocidade, com a irreparavel perda de tempo causada pela suspensão dos Estudos: Haverá tres Substitutos para suprir o ensino nas Aulas, no caso de os Professores por algum impedimento legitimo não poderem assistir nelas.

Os ditos Substitutos serão apresentados, e nomeados do mesmo modo, que fica estabelecido a respeito dos tres Professores; e na falta, ou Jubilação destes, passarão a ser Cathedraticos, conforme a sua antiguidade.

*Dos Discipulos, e condições, que devem ter para serem admittidos ao Curso Mathematico*

Ninguem poderá ser admittido ao Curso Mathematico sem ser previamente exercitado, e expedito na practica das quatro regras fundamentaes da Arithmetica; para o que qualquer, antes de ser admittido, será examinado, e approvado pelo Professor da Geometria.

Os que pertenderem entrar no dito Curso, farão

petição ao mesmo Lente de Geometria, ou no seu impedimento ao Professor de Nautica, declarando os seus nomes, Pais, Patria, e Estudos, que tiverem feito, e apresentando Certidão de idade, que será sempre de quatorzé annos completos para cima; á vista do que o mesmo Lente mandará fazer assento, de que forão admittidos, declarando-se nelle tambem os nomes, Pais, Patria, e Estudos, e especificamente o dia da admissão de cada um, para que conste da sua antiguidade, a qual será por Mim attendida, quando pretenderem ser despachados, não havendo outros motivos, que lhes obstem.

*Das Aulas, Casa para instrumentos, e Observatorio*

Haverá tres Aulas destinadas para as lições. Junto á Aula de Navegação haverá uma casa destinada para a arrecadação, e uso dos instrumentos Astronomicos, e Maritimos.

Tambem haverá um Observatorio, donde se possa avistar qualquer parte do Ceo, e onde estejão, e se possão transportar os instrumentos, para com elles se fazerem as observações, que forem necessarias.

*Do tempo, e horas das lições, e dos dias lectivos,  
e feriados*

O tempo de cada lição durará hora e meia por

dia, e será repartido de maneira, que metade será destinada para a repetição que os Estudantes devem fazer da lição antecedente; e a outra metade para os Letites explicarem a lição daquelle dia.

As lições de Geometria, e Calculo começarão ás nove horas, e acabarão ás dez e meia; o que se deve entender desde o principio do mez de Novembro até o fim de Fevereiro, porque nos outros mezes do anno terão principio, e fim uma hora mais cedo.

Quanto ao Lente de Navegação, como este deve combinar as lições com o uso dos instrumentos, e com as observações, as quaes pedem um tempo proprio, e determinado, ficará a arbitrio delle a escolha do tempo para as lições, com tanto que empregue hora e meia no ensino.

Pelo que respeita aos dias, e mezes de Ferias, se observará o mesmo, que se acha estabelecido nos Estatutos da nova reforma da Universidade de Coimbra; com a diferença que aos dias de sueto, que naquelle Universidade são interpolados pelo tempo lectivo, serão substituidos os dias de gala, que vem declarados na Folhinha do anno para os beijamãos da Corte.

### *Dos Exercicios Semanarios*

Nos dias dos sabbados haverá exercicios Litterarios, e o assumpto delles será o que houver sido no

decurso da semana: para o que haverá tres Defendentes, e seis Arguentes, que todos serão tirados por sortes.

Os Lentes presidirão aos seus respectivos Discípulos; e cahindo a sorte em algum dos ouvintes, que tiverem já satisfeito em outros dias as funcções, para que os destina, alem delle, ou delles, haverá sempre numero costumado de Defendentes, e Arguentes, que ainda não tenhão satisfeito a estes exercícios.

O mesmo se praticará no fim de cada mez, sendo a materia para o exercicio a que tiver sido de todo o mez que acaba.

Os que faltarem a estes Exercícios, sendo tirados por sorte, serão apontados, como se houvessem faltado duas vezes; e os que tiverem Partido, alem de serem apontados, perderão o dobro do que vencem por dia.

#### *Dos exames no fim do Anno lectivo*

Para que os Estudantes tenhão sempre um estímulo, que os obrigue a continuar seriamente os seus Estudos, e para que a admissão delles ao Meu Real Serviço não seja fundada em uma diligencia apparente, e aptidão presumptiva; mas sim no solido conhecimento, e uso das Sciencias, que lhes forão ensinadas: No fim de cada anno lectivo deverão todos

fazer o seu exame nas materias, em que naquelle anno houverem sido instruidos.

Serão pois examinados pelos Lentes da Academia. Terão por Presidente aquelle, que for Mestre das Disciplinas, que servem de assumpto para o exame; o tempo do Acto durará uma hora, e a materia delle constará pelos tres bilhetes, que vinte e quatro horas antes do Acto terão extrahido por sorte.

No caso de haver um grande numero de Examinandos, a expedição destes Actos se fará por turmas. Os tres Lentes darão secretamente o seu voto para approvação, ou reprovação dos que tiverem sido examinados. Os que forem approvados, passarão ás Disciplinas do anno seguinte; e os que tiverem sido reprovados, ficarão continuando na mesma Aula, até darem boa conta de si, e merecerem ser approvados no fim do anno que se for seguindo.

*Do Exame geral de todo o Curso Mathematico; e dos Exercicios praticos no mar*

Querendo Eu que os Discipulos, que tiverem completado o Curso Mathematico com provas manifestas de aproveitamento, tenhão habilitação para serem admittidos ao Meu Real Serviço; e querendo igualmente que cada um seja premiado com preferencia á proporção dos seus Estudos, progressos, e

merecimentos: Prohibo que daqui em diante possa alguem apresentar requerimento para entrar na Marinha Real ou como official de Guerra, ou como Piloto, sem acompanhar o dito requerimento com a Attestação de ter feito exame geral de todo o Curso Mathematico, que lhe houver sido ensinado, e ter sido nelle approvado; e os que não produzirem as ditas Attestações, de nenhum modo me serão propostos para Eu os attender.

E porque alem da Theorica Nautica são necessarios outros conhecimentos, que só se podem adquirir com a experienzia, e practica; todos aquelles, que depois de entrarem daqui em diante no serviço da Marinha, pedirem póstos de Tenente para cima, para continuarem no serviço do mar, deverão apresentar outra attestação de terem feito ao menos dous annos de exercicio no mar, em que se comprehenda uma viagem á India, ou ao Brazil; e os que tiverem esta circumstancia, serão preferidos aos que me fizerem requerimentos sem ella.

Os que pretenderem ser providos no emprego de Pilotos para servirem na Marinha Real; estes acabado o dito Curso Mathematico, feitos os seus Actos, e produsindo as attestações, de que foram approvados, poderão requerer admissão ás Náos de Guerra, para nellas se exercitarem dous annos na practica da Navegação, e Manobra; e enquanto andarem no mar, e não voltarem para o Porto, donde sahirão,

serão sustentados á custa da Minha Real Fazenda; depois do que ajuntando as attestações do seu bom serviço, e de estarem instruidos na pratica da Pilotagem, poderão requerer para serem admittidos nas Náos de Guerra em qualidade de Pilotos, e terem Patente, e vencimento de ordenado, como é costume.

Quanto aos Pilotos, que quizerem unicamente destinar-se a servirem nos Navios mercantes, ouvirão as lições de Arithmetica, Geometria Plana, e Esferica, e Navegação; e apresentando Certidão de terem sido approvados no exame geral dos ditos dous annos, e requerendo Patente de Pilotos, o Lente da Navegação lha mandará fazer prompta, sendo assignada com o seu nome, e firmada com o sello da Academia Real, pagando dusentos e quarenta reis ao Guarda-Livros, e oito centos reis para a arca da Academia.

*De algumas disposições pertencentes à boa ordem das Aulas, e da Academia*

Todos os Estudantes devem indefectivelmente achar-se nas suas respectivas Aulas ao tempo, em que se der principio ás lições; e os que se não acharrem presentes, passados seis minutos depois de começadas as lições, serão apontados por um guarda, como realmente tivessem faltado, não obstante elles

apparecerem depois. E o mesmo se deve entender, daquelles, que achando-se presentes ao principio se auzentarem antes de serem acabadas as lições.

Guardarão um rigoroso, e profundo silencio, quando estiverem nas Aulas, excepto quando forem chamados pelos Mestres a dár conta de si, e do que aprendêrão.

Para com os seus Mestres se haverão com todo o obsequio, e obediencia; e contra os que se portarem diversamente, tendo sidó admnestados por tres vezes, procederão os mesmos Lentes a excluilllos da Aula, sem que possão de novo ser admittidos sem especial ordem Minha.

Cada um dos Lentes será obrigado a ter uma relação das faltas de Aula de cada um de seus Discípulos; e das ditas faltas, como tambem do numero dellas, indispensavelmente, sob pena do Meu Real Desagrado, quero se faça menção nas atestações de frequencia das Aulas, com que os mesmos Discípulos deverão instruir os seus requerimentos.

Quando se fizerem observações, assistirão a ellas os que forem nomeados pelo Lente de Navegação, o qual terá o cuidado de convocallos por turnos, para que não haja confusão, e todos se possão igualmente instruir nos exercicios da pratica.

Como estes exercicios pela maior parte são annexos a um tempo fixo, e determinado; os que forem nomeados para elles, de nenhum modo poderão

faltar, excepto no caso de alguma culpa legitima, e que conste ser tal.

Sobre tudo recomendando a todos, assim Lentes, como Discípulos, que dependendo delles formarem-se sujeitos habeis para servirem os seus Soberanos, e á sua Patria em um objecto de tanta importancia, como he o da Navegação, e Marinha Real, que constituem a base do commercio, da industria, das riquezas, e forças do Estado; devem por necessidade do seu Instituto, e por obrigação de bons Cidadãos, e fieis Vassallos, pôr todo o esforço, actividade, e diligencia, uns para desempenharem o seu cargo, e outros para conseguirem o importante fim, a que são destinados.

*De algumas obrigações dos Pilotos addictos  
ao serviço da Marinha Real*

Assim que voltarem Náos de Guerra ao Porto de Lisboa, depois de uma viagem dilatada, deverão os Pilotos delas apresentar no termo de oito dias ao Lente de Navegação as derrotas, que fizerão nas suas viagens, para serem revistas, e emendadas na presença delles.

Alem das derrotas, que todas devem ser apresentadas em limpo, e bem intelligiveis, entregaráo um Catalogo de todas as observações Astronomicas, que tiverem feito no mar, e na terra, especificando

a qualidade dos instrumentos, com que forão feitas, e ajuntando a todas elles os Calculos, que são necessarios para uso das mesmas observações.

Terão cuidado de tirar as configurações das Costas, e Ilhas, que avistarem de mar, e dos seus Portos, de examinar as marés, os ventos, as variações da agulha, as correntes, e o mais, que for importante saber-se; e de tudo entregarão uma copia ao dito Lente para ser revista por elle, e depositado no Arquivo da Academia Real para uso, que ha de haver na emenda dos Roteiros, e Cartas Maritimas.

### *Do Curso Mathematico dos Officiaes Engenheiros*

As pessoas, que daqui em diante aspirarem aos postos de Officiaes Engenheiros, deverão fazer o Curso da Arithmetica, Geometria, Trigonometria Plana, Calculo, e suas applicações á Statica, Dynamica, Hydrostatica, Hydraulica, e Optica nas Aulas dos respectivos Lentes, e serem aprovados nesse do mesmo modo, que deixo estabelecido a respeito dos officiaes Militares da Marinha Real; depois do que passarão a ouvir as lições da Fortificação, e Engenharia, e a se instruirem no desenho, tendo-lhes determinado Professores para este efeito; ficando a Inspecção sobre a Fortificação Theoretica, e Pratica reservada á Junta dos Tres Estados.

Instruirão pela primeira vez o seu requerimento

com as Certidões de terem sido approvados no Exame Geral das ditas Sciencias; e requerendo elles sem as referidas Certidões, de nenhum modo me serão propostos.

Entre os Officiaes Engenheiros, que antes da publicação destes Estatutos se achão no Meu actual serviço, ocorrendo pedirem despacho para postos maiores, serão preferidos, os que se sujeitarem ao Exame Geral das Sciencias acima declaradas, e apresentarem Certidão de terem sido approvados.

Expor que não he da Minha Real Intenção que nas aulas de Mathematica da Universidade de Coimbra haja diminuição no numero dos Estudantes, antes considerando que o Curso, que nella se faz das Disciplinas Mathematicas, he amplo, e completo: Hei por bem declarar, que os Estudantes, que se tiverem applicado nos primeiros tres annos ao estudo das Sciencias Mathematicas na mesma Universidade, e apresentarem Certidões dos seus progressos, exames, e appravações, serão contemplados, como se tivessem feito o seu Curso nas Aulas de Geometria, Calculo, e Sciencias Fisico-Mathematicas de Lisboa.

*Dos privilegios, e prerrogativas da Academia Real da Marinha*

**Os Professores da Academia Real da Marinha**

gosarão de todos os privilegios, indultos, e franquezas, que tem os Lentes da Universidade de Coimbra. Serão tidos, e havidos como Membros da Faculdade Mathematica existente na dita Universidade, sem que entre os Lentes da Academia Real da Marinha, e os de Coimbra se haja de interpôr diferença alguma, ainda a respeito daquellas graças, e franquezas, que requerem especial, e expressa menção; porque quero tambem que estas sempre se entendão, e julguem comprehendidas, e serão considerados, e attendidos em tudo, e por tudo, como se realmente regessem as suas respectivas Cadeiras na mesma Universidade.

Os Discípulos, que legitimamente frequentarem a dita Academia, gosarão dos mesmos privilegios, e franquezas, que se concedem aos Estudantes da sobredita Universidade.

### *Dos Partidos*

Considerando que o conhecimento das Sciencias Mathematicas depende de uma grande applicação, e estudo; e attendendo a que o premio he um dos estímulos mais efficazes para promover a diligencia, sem mais embargo de esperar da Mocidade Portugueza, que aproveitando-se da Minha Real Provi-

dencia, se applique ás ditas Sciencias com todo o fervor, e cuidado: Sou Servida ordenar, que para os Discipulos, que se instruirem no Curso Mathematico da Academia Real, haja vinte e quatro Partidos em premio do seu merecimento; doze para os que se forem habilitando para o Meu Real Serviço na Marinha; e outros doze para os que da mesma sorte se forem preparando para os póstos de Officiaes Engenheiros.

Os ditos Partidos serão distribuidos por igual entre os Discipulos, que se destinarem para a Marinha, e os que se habilitarem para Engenheiros. No primeiro anno não haverá Partido algum; mas conforme os progressos, que nelle fizerem os Estudantes, se julgarão os que devem ter os Partidos do segundo anno, e do mesmo modo nos annos seguintes: durando sempre o Provimento por um anno, e não servindo a ninguem de Titulo para ser provido no seguinte, se o não merecer no juiso, que de novo se ha de fazer do seu progresso, e adiantamento.

Os tres Lentes da Academia julgarão o merecimento dos Partidistas, para o que se ajuntarão no fim do anno lectivo; e conforme a diligencia, e prestimo dos Estudantes, e conta, que tiverem dado nos seus exames, se correrá o escrutinio para com a pluralidade de votos se decidir quaes no anno seguinte deverão vencer os Partidos.

Recommendo a todos que votem segundo o dic-

tame da sua consciencia. Prohibo receber memorial algum a favor de qualquer Estudante, e comunicar a outrem o juiso que fizer.

Feita a escolha dos Partidistas, se passará logo o Provimento, o qual ficará em segredo até o dia da publicação, que se fará em um dos primeiros dias d'Outubro em algumas das Aulas da Academia; assistindo a esta funcçao os tres Lentes, e todos os Estudantes. O Professor mais antigo terá na mão os Provimentos pela ordem dos annos; irá dizendo ao Guarda-Livros o nome de cada um dos Partidistas, para elle o chamar: e em chegando cada um por sua vez, lhe entregará o Provimento, para com elle poder cobrar a sua importancia, a qual lhe será paga pelo Meu Real Erario, ou por qualquer outro modo, que Eu for Servida estabelecer.

### *Do Guarda-Livros*

Haverá um Guarda-Livros, que servirá tambem de Secretario da Academia, o qual escreverá todas as Resoluções, Propostas, e Requerimentos da mesma Academia. Fará os assentos dos exames de cada um dos Estudantes com declaração específica, não só da approvação, ou reprovação delles, mas tambem do modo, com que forão approvados. Guardará os ditos assentos no Archivo da Academia, depois de assignados pelos Lentes, para os apresentar,

quando lhe forem pedidos. Passará as informações e Certidões aos Estudantes, conforme lhe for ordenado pelos ditos tres Lentes, e receberá de propina cento e vinte reis; e em tudo o mais, que se offerecer, e for do seu officio, estará sujeito ás ordens da Academia Real.

### *Do Guarda dos Instrumentos*

Para que os instrumentos Astronomicos, e Maritimos estejão sempre em boa arrecadação, e promptos para todo o uso, que for necessário fazer-se delles: Haverá um Guarda, a cujo cargo esteja arrecadar os ditos instrumentos, limpálos, e conduzilhos aonde for precizo, conforme lhe for ordenado pelo Lente de Nayegação, a cujas ordens deverá sempre estar sujeito. O mesmo Guarda terá cuidado todos os dias no asseio das Aulas.

E porque a observancia dos sobreditos Estatutos será de tanto serviço Meu, utilidade publica, e bem commum dos Meus Vassallos: Hei por bem, e me apraz, que se comprão, e guardem em tudo, e valhão como Lei, e tenhão força de tal; estabelecendo-o assim de Moto-Proprio, Certa Sciencia, Poder Real, Pleno, e Supremo. E Quero, e Mando, que os mesmos Estatutos sejão observados em tudo, e por tudo sem alteração, diminuição, ou embargo algum, que seja posto ao seu cumprimento em parte, ou em

todo; e se entendão sempre ser feitos na melhór forma, e no melhor sentido a favor da dita Academia Real da Marinha, seus Lentes, Estudantes, e mais Pessoas della: Havendo por supridas todas as clausulas, solemnidades de feito, e de Direito, que necessarias forem para a sua firmeza. E derogo, e hei por derogadas, para os sobreditos fins somente, todas e quaesquer Leis, Ordenações, Regimentos, Alvarás, Direitos, ou quaesquer outras Desposições, que em contrario dos sobreditos Estatutos, ou de cada um delles haja por qualquer via, modo, ou maneira, posto que sejão taes, que na forma da Ordenação, que tambem derogo nesta parte, se houvesse de fazer delles especial menção.

Pelo que: Mando á Mesa do Desembargo do Paço, Presidente do Meu Real Erario, e Inspector Geral da Marinha, Conselhos da Minha Real Fazenda, e dos Meus Dominios Ultramarinos, Regedor da Casa da Suplicação, Junta dos Tres Estados, Reformador Reitor da Universidade de Coimbra, como Protectora que della sou, Chanceller da Relação, e Casa do Porto; e bem assim a todos os Desembargadores, Corregedores, Provedores, Juizes, Justiças, e mais Pessoas destes Meus Reinos, e Dominios, a quem o conhecimento desta pertencer, que a cumprão, guardem, e fação cumprir, e guardar com inteira, e inviolavel observancia. E a mesma presente Carta valerá, como se fosse passada pela

Chancellaria, posto que por ella não ha de passar, e ainda que o seu effeito haja de durar mais de um, e muitos annos, não obstantes as Ordenações em contrario, que Hei outro sim por derogadas para este Effeito somente. Dada no Palacio de Queluz em 5 de Agosto de 1779. = Com a assignatura da Rainha, e a do Ministro.

Regist. na Secretaria de Estado dos Negocios do Reino no Livro V das Cartas, Alvarás, e Patentes a fl. 230, e impr. na Impressão Regia.

## CARTA REGIA

DE

ESTATUTOS DA ACADEMIA REAL DOS  
GUARDAS MARINHAS

DONA MARIA, por Graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves daquem, e dalem Mar, em Africa Senhora de Guiné, e da Conquista, Navegação da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, etc. Faço saber a todos os que esta Minha Carta virem, que tomando em Consideração o muito que importa ao Meu Real Serviço, e ao bem público dos Meus Reinos, a conservação, e aumento dos Estabelecimentos, que concorrem para a mutua felicidade dos Meus Vassallos, para a segurança do Commercio, e para o esplendor da Minha Real Armada: E tendo-Me representado o Meu Conselho do Almirantado em Consulta, què fez subir á Minha Real Presença, o desejo, que tem de dar-Me continuadas provas do seu zelo pelo Meu Real Serviço, e muito principal-

mente na parte, em que a Authoridade, que Eu lhe confiei, já não depende das outras deliberações, que espera sobre muitos, e muito importantes assumptos, pelos quaes insta o mesmo zelo, com que o referido Tribunal espera desempenhar tão alta confiança: Me apresentou hum Novo Plano de Estatutos para os Estudos da Minha Real Academia dos Guardas Marinhas, o qual tendo sido meditado sobre observações, que desde a sua fundação até agora o tempo tem feito evidentes, e que só a experientia costuma de ordinario mostrar em todas as Instituições primitivas na practica dos seus preceitos: Hey por bem dar a Minha Real Approvação aos referidos Estatutos, para o melhoramento da Academia dos Guardas Marinhas, segundo a sua fórmula, e theor, Ordenando que se executem em todas as suas partes, e segundo o espirito delles na fórmula seguinte.

*Divisão, e Distribuição das Lições*

I. Será o Curso Mathematico composto de tres Annos Lectivos, em cada hum dos quaes se ensinará o seguinte: a saber:

II. No Primeiro Anno: Arithmetica, Geometria, e Trigonometria Recta com o seu uso pratico mais proprio aos Officiaes do Mar.

III. No Segundo Anno: Princípios de Algebra até ás Equações do segundo gráo inclusivè; primei-

ras applicações della á Arithmetica, e Geometria; Secções Conicas, e a Mechanica com a sua applicação immediata ao Apparelho, e Manobra.

IV. No Terceiro Anno: Trigonometria Espherica; Navegação Theorica, e Pratica; e huns Ruidimentos de Tactica Naval.

V. Em quanto ás Artes: aprenderáõ no Primeiro Anno quanto diz respeito ao Apparelho: a saber, os Nomes, Posições, Figuras, e Usos dos Mastros, Mastaréos, Vergas, e de todos os Cabos fixos, e de laborar, assim do Apparelho, como do Pano; dos diversos Fios, e Cabos, e de toda a Obra volânte de Marinheiro; exercitando-se em praticar as mesmas obras.

VI. O modo de Enfurnar, e Desenfurnar os Mastros, de Apparelhar, Desapparelhar, Virar de Crena, fazer, e fixar os Cabos de laborar, e fixos; como se corta, e coze o Pano; para o que serão levados á Casa das Vélas, onde vejão, e sejão admitidos a praticar quanto pertence a este artigo.

VII. Aprenderáõ tambem a Envergar, e Desenvergar, Cassar, Largar, e Ferrar o Pano, Arriar, e Issar Vergas, Apparelhallas, e os Mastaréos, Arrear, e Pôr á Cunha os Mastaréos, Suspender, Dar fundo, e Amarrar, como até agora se tem praticado.

VIII. No Segundo Anno: aprenderáõ o Desenho de Marinha, copiando, e reduzindo Plantas de diferentes Costas, Bahias, Enceadas, e Portos; e

representando Vistas de Ilhas, Cabos, e Promuntórios; e tambem dos Navios considerados em diferentes Posições, e Manobras; depois disto aprenderáõ os Nomes, Figuras, Usos, Escravas, Embaracamentos, Pregaduras, e Posições dos madeiros de Construcção; para o que principiaráõ na Formatura, e Construcção do Estaleiro, passando depois á Construcção Methodica da Embarcação, onde se lhes mostre tudo o que fica dito, desde o Assentamento da Quilha no Estaleiro até finalizar com o mesmo ensino a respeito do Berço, e Carreira; ao que se seguirá huma exacta indicação das diferentes partes do Porão, e modo de arrumar; com a maneira de fazer os tres Planos, de Elevação, Horisontal, e de Projecção, debaixo dos quaes se constroem os Navios; e delles passar a traçar na Salla, fazer as Fórmas, e Galivar os Madeiros; concluindo com a explicação das Fainas, de fazer entrar, sahir, e de Escorar o Navio no Dique, como até agora se tem praticado.

IX. No Terceiro Anno, em ametade do tempo destinado para as Lições Práticas, continuarão o Desenho; e na outra ametade ouviráõ do Lente de Artilheria os Nomes, Figuras, Usos, e Lugares das diferentes partes da Praça, Carraca, Palamenta, Vestidura, e dos mais Instrumentos relativos ao exercicio desta Arma tão importante; no qual serão igualmente adestrados pelo mesmo Lente, hindo com el-

les a hum lugar proprio aonde algumas vezes praticuem o exercicio de fogo; e assim aprenderão tambem o modo de escolher, conduzir, embarcar, collocar, vestir, atracar, desatracar, montar, e desmontar as Peças; o modo de examinar, e encartuxar a Polvora, e de fazer diferentes fôgos de Artificio, que podem ter uso a bordo, &c.; as maneiras de armar Brulotes, e servir-se das Galiotas de lançar Bombas, e mais Embarcações deste genero; o modo de atacar huma Praça Maritima, para o que será necessário que recebão sufficientes idéas das diversas obras de huma Praça similar com as suas vantagens, e defeitos; e completarão estes Estudos com a solução dos importantes, e diversos Problemas da Artilharia Pratica, onde se empreguem os principios Mathematicos alli ensinados.

#### *Duração das Lições, Tempo Lectivo, e Feriado*

I. O Tempo Diario da Actividade Academica durará tres horas todas de manhã, para que as tardes fiquem livres, a fim de se estudarem então as respectivas Lições; em cujo ensino se seguirá por ora o Curso, e Compendios, que actualmente se explicão na mesma Academia, em quanto Eu não For servida Ordenar o contrario, ou Dispôr de outro modo, que melhor Me parecer.

II. As Lições Mathematicas serão ensinadas na

primeira hora e meia, e as outras na segunda hora e meia, mediando entre as duas Lições hum quarto de hora para descanso dos Discípulos.

III. A Actividade da Academia deverá principiar em o primeiro de Outubro, e finalizar no dia trinta de Junho, ficando o mez de Julho destinado para os Exames.

IV. A hora da entrada será pelas nove horas da manhã, desde Outubro até Março inclusivamente; e ás oito horas no resto do Anno.

V. No Terceiro Anno, quando os Discípulos se exercitarem na Pratica das Observações, o Lente de Navegação será quem regule a sua respectiva hora de entrada, quando esta deva variar, em consequencia das mesmas Observações; com tanto porém que nellas naõ se empregue menos de hora e meia.

VI. Haverão as Ferias costumadas do Natal, Pascoa, e os mezes de Agosto, e Setembro; e além dellas todas as Quintas feiras das Semanas onde não houver Dia Santo, ou de Galla, que seja feriado no Meu Conselho do Almirantado; porque estes em taes circumstancias serão os dias feriados da Semana.

### *Dos Exercicios Semanarios*

Nos Sabbados haverá os costumados exercicios Literarios, cujo assumpto será o que tiver sido daquella Semana; para o que serão tirados por sorte tres

Defendentes, e seis Arguentes, presidindo os Lentes  
aos seus respectivos Discípulos.

*Dos Exames*

I. Sendo justo que os Discípulos tenham um estimulo, que os façam estudar seriamente, e os desvaneça de esperarem illudir com diligencias aparentes, farão no fim de cada anno Exame de Matemáticas Mathematicas, que tiverem aprendido no decurso do mesmo Anno.

II. Serão examinados pelos tres Lentes, presidindo o das disciplinas, que fizerem o objecto do Exame ; e a Materia deste constará nos Bilhetes, que deverão extrahir por sorte vinte e quatro horas antes do acto.

III. Os Examinandos serão admittidos a fazer os exames devididos em Turmas.

IV. Os Lentes darão secretamente os seus Votos, que recolhidos pelo Secretario decidirão da aprovação, ou reprovação dos Examinados.

V. Os exames das Artes serão feitos na presença de dois Lentes, interrogando o Mestre proprio da Materia que formar o Exame ; e os Votos de todos mostrarão se os Examinados tem as idéas precisas para poderem passar ao Estudo da Arte, que se ensina no Anno seguinte.

VI. Os que no mez de Julho, legitimamente

impedidos, não poderem fazer o seu exame, serão admittidos a elle, desde o primeiro até dez de Outubro; e então serão os exames feitos de tarde, para não prejudicar a Actividade da Academia.

VII. Os Reprovados, pela primeira vez, ficarão reconduzidos no mesmo Anno; e pela segunda, serão expulsos.

### *Dos Exercicios Extraordinarios*

Quando Eu For servida Repetir á Companhia de Guardas da Marinha a particular Graça de Honrar com a Minha Real Presença os seus Exercicios Academicos, os Discipulos, que merecerem a distincção de dar conta dos seus respectivos progressos neste Acto, entre as Materias, nas quaes tiverem já sido aprovados, responderão naquelle parte, que lhes cahir em sorte, sendo o Compendio dellas aberto, ou pelas Minhas Reaes Mãos, ou por quem Eu For servida Ordenar.

### *Dos Lentes, e Substitutos*

I. O Corpo da Academia será composto de tres Lentes de Mathematica, dois seus Substitutos, hum Lente de Artilheria, e dois Mestes, hum de Apparelho, e outro de Construcción Naval Pratica, Deseño.

II. Os Lentes poderão fazer as Conferencias, que lhes parecerem necessarias para o melhoramento do Ensino dos seus Discípulos, tendo primeiro dado parte ao seu Inspector; e farão depois subir á Minha Real Presença, pelo Meu Conselho do Almirantado, consequentes representações para Eu Determinar o que For servida.

III. Quando algum caso fortuito, tal, como falta de Lentes, Substitutos, ou Mestres, &c. deva fazer mudar por então a forma do ensino; o Commandante da Companhia, e Lentes, poderão juntos dar as providencias proprias para não haver suspensão na Actividade Academica.

IV. Qualquer dos Lentes, que se achar legitimamente impedido, dará parte ao Commandante da Companhia, para elle mandar avisar hum Substituto, o qual, durante o impedimento, fará todo o serviço, que devêsse competir áquelle Lente.

V. Para Substitutos serão admittidos os que tiverem obtido os precisos grãos na Universidade de Coimbra, ou feito o Exame Geral do Curso Mathematico na Real Academia da Marinha; ou os que daqui em diante sahirem da Real Academia dos Guardas da Marinha, tendo dado provas nada equivocas da sua aptidão, para esta importante profissão.

VI. Os Substitutos serão promovidos a Lentes, conforme as suas Antiguidades na Substituição.

VII. Os Lentes, e Substitutos na Real Academia dos Guardas da Marinha, gozarão de todos os Privilegios, Indultos, e Franquezas, que gozão os Lentes da Universidade de Coimbra; e isto da mesma sorte, que muito expressamente Eu Fui servida Ordenar nos Estatutos da Real Academia de Marinha no Artigo, que tem por Titulo: *Dos Privilegios, e Prerogativas da Academia Real da Marinha.*

*Da Admissão, e Promoções dos Discípulos*

I. Os que pretenderem ser admittidos a Aspirantes, além de darem as provas exigidas no Decreto de quatorze de Julho de mil setecentos oitenta e oito, ajuntarão ao seu requerimento huma Certidão, donde conste não terem menos de quinze annos de idade, e huma Attestação de qualquer dos Lentes da Real Academia dos Guardas da Marinha, pela qual mostrem ter sufficiente intelligencia das quatro primeiras Regras da Arithmetica, e da Lingoa Franzeza; sendo o essencial, em quanto a esta Lingoa, saber verter bem della para a Portugueza; constará igualmente desta Attestação, não terem defeito pessoal, como faltos de vista, alcijados, &c.

II. Número de Aspirantes será indeterminado,

é tanto porque das provas da sua Admissão se não segue que tenham as disposições necessarias para o serviço do Mar; como tambem, a fim de lhes excitar maior estímulo, não deverão ter Praça, Farda, nem entrar na Formatura da Companhia; tão sómente serão Matriculados.

III. A Admissão a Aspirantes, e as Promoções dos Aspirantes a Guardas da Marinha, e destes a Officiaes das Brigadas, competirão daqui em diante ao Meu Conselho do Almirantado, e deverão ser feitas, em consequencia de uma Proposta do Com-mandante da Companhia e Corpo dos Lentes; o que tambem se deverá praticar no caso de expulsão dos Individuos, que pertencerem a estas Classes.

IV. Nesta Admissão sempre serão preferidos os Filhos de Officiaes Generaes, Capitães de Mar e Guerra, Capitães de Fragata, e Capitães Tenentes, especialmente dos mortos, ou feridos gravemente em Accção; depois destes os Filhos dos Officiaes do Meu Exercito, que estiverem nas mesmas circumstancias.

V. Os Aspirantes aprovados nas Materias do Primeiro Anno serão promovidos a Guardas da Marinha; e porque tambem devem dar as precisas provas, de que tem todas as disposições naturaes, necessarias para a Vida do Mar, não passarão a ouvir as Lições do Segundo Anno Lectivo, destinando-se o Anno seguinte, ao qual se chamará *Anno de Embarque*, para durante elle embarcarem, ou na Cur-

veta de Ensino, ou em outro qualquer Navio da Minha Real Armada, preferindo entre estes os que deverem sahir de Guarda Costa.

VI. Hum Official das Brigadas, ou hum Segundo Tenente, que podendo ser tenha aprendido nesta Real Academia, será quem venha receber do Commandante da Companhia, e depois entregar-lhe, o Destacamento nomeado para embarcar; entendendo-se que, durante o embarque, ficará sendo o Commandante, e Mestre do mesmo Destacamento.

VII. Ao Commandante do Navio toca por natureza a distribuição, e regimen das diferentes Lições, que o Destacamento deve dar a bordo; terá pois hum particular cuidado em promover a sua Instrucção; assignalando-lhes horas certas nas quaes devão ouvir:

VIII. Do Commandante do Destacamento, as Lições das Materias Mathematicas que estiverem estudando.

IX. Do Mestre, os Nomes, e Usos dos Cabos, Vélas, e Apparelhos; os modos de Amarrar, dar Nós, fazer Costuras, Forrar, Embotijar, &c.

X. De hum Official de Artilheria, os Nomes, e Usos das diferentes partes da Peça, Carreta, sua Vestidura, e Atracadura; os Pezos das Cargas, com o mais que for proprio desta Profissão, até terminar no Exercicio de Artilheria.

XI. Do Calafate, as Figuras, Nomes, e Usos

dos seus diversos instrumentos, e do que diz respeito ás Bombas.

XII. Finalmente do Primeiro Carpinteiro, os Nomes, e Posições dos diferentes Madeiros de Construcção, seu Embaraçamento, &c.

XIII. Além disto, o Commandante do Destacamento, ou quem for nomeado em seu lugar pelo Commandante do Navio, deverá assistir a todas as Lições, para cuidar que nellas reine sempre a boa ordem, e depois passar a ensinar-lhes o modo de fazer a Derrota chamada da Barquinha, com quanto lhe disser respeito, e for compativel com os principios Mathematicos, em que vão iniciados ; tambem lhes ensinará o Manejo de Bordo, explicando-lhes igualmente a Ordem do Serviço, tanto Surto, como á Vela ; e fazendo-os riscar, e escrever Modelos dos diversos Mappas, e Detalhes, Ordens, e Partes, que mais ordinariamente se fazem precisas no Serviço Diario de Bordo ; e de todo o resultado dará parte ao Commandante do Navio, o qual além disto assistirá pessoalmente a algumas Lições, para com todo o conhecimento me poder informar pelo Meu Conselho do Almirantado, sobre as qualidades dos diferentes Individuos daquelle Destacamento, em virtude da qual informação, ou serão expulsos, ou passará a ouvir as Lições do Segundo Anno Lectivo.

XIV. Durante o tempo, que mediar entre o fim do Primeiro Anno Lectivo, e o Embarque ; ou en-

tre o fim deste, e o primeiro dia do seguinte Outubro; o Commandante da Companhia lhes fará ensinar na primeira hora e meia o Manejo de Armas, e Construcção de Mappas, e Detalhes, não desprezando a Lição dos factos memoraveis das Marinhas Militares, quando para ella haja ainda mais algum tempo, visto que esta Lição deve contribuir muito para lhes formar o espirito necessario para a execução das Accções grandes, e Heroicas, annexas ao seu importante destino. Na segunda hora e meia andarão additos á Classe de Desenho, e Construcção Naval Pratica, por ser esta huma Classe, onde além da intelligencia se precisa muito do exercicio pratico.

XV. Depois do referido, os Guardas da Marinha passarão a Discipulos do Segundo Anno Lectivo, onde approvados serão promovidos, conforme os seus merecimentos, aos lugares de Officiaes das Brigadas, que então se acharem vagos; e que só desta maneira devem ser prehenchidos.

XVI. Todos os Approvados no Segundo Anno passarão a ouvir as Lições do Terceiro Anno; no fim do qual, se forem approvados Materias delle, se lhes passarão as competentes Cartas de Approvação, assignadas pelo Commandante da Companhia, e Corpo da Real Academia, com as quaes devem considerar-se plenamente habilitados para Segundos Tenentes da Real Armada, a que serão promovidos, em consequencia de huma Proposta do Comman-

dante da Companhia, feita ao Meu Conselho do Almirantado, que subirá á Minha Real Presença em Consulta do mesmo Tribunal; e em quanto Eu não For servida promovellos, ficarão isentos de todos os Exercicios Academicos, e sujeitos sómente ao Serviço da Companhia.

XVII. Como os Póstos de Officiaes das Brigadas são conferidos sempre aos de maior merecimento, se acontecer que hum Guarda da Marinha, e hum Official das Brigadas sejam despachados em Segundos Tenentes na mesma Promoção, o Official das Brigadas ficará mais antigo, visto que em Soldo, e Graduação Sou servida fazellos Superiores aos Guardas da Marinha; Ordenando que daqui em diante a Graduação dos Chéfes de Brigadas se considere imediatamente inferior á dos Segundos Tenentes, e Superior á dos Brigadeiros; a dos Brigadeiros Superior á dos Sub-Brigadeiros; e estes ao Guardas da Marinha; vencendo os Chéfes oito mil réis de Soldo por mez, os Brigadeiros sete mil e quinhentos, e os Sub-Brigadeiros sete mil réis: E entre os Officiaes das Brigadas, que juntos forem promovidos a Segundos Tenentes, regulará a mesma preferencia, que tiverem tido nos respectivos Póstos.

XVIII. Quando no Corpo da Marinha se prover qualquer Posto vago, preferirão sempre os Officiaes de Patente immediata, que tiverem feito o Curso Militar da Marinha nesta Real Academia,

áquelles que não forem desta Creação, excepto se estes quizerem sujeitar-se a hum Exame de todas as Materias, que se ensinão neste Estabelecimento; e destes exceptuando aquelles, cuja Conducta, Scien-  
cia, e Pratica do Mar estejão decisivamente prova-  
das.

XIX. Os Segundos Tenentes novamente pro-  
movidos, no primeiro Embarque seguinte á sua Pro-  
moção, deverão fazer huma circumstanciada Derro-  
ta, onde além do que diz respeito á Barquinha, mos-  
trem frequentes Observações das Variações da Agu-  
ilha, Latitudes, e Longitudes dos lugares por onde  
passarem; e tambem as Configurações das Costas,  
Ilhas, e Pórtos, que avistarem no Mar, ou onde se  
tiverem demorado; com huma Descripção exacta  
das Marés, Ventos, Correntes, e mais circumstancias  
uteis á Hydrographia; apresentarão depois esta Der-  
rota ao Corpo dos Lentes, que sobre ella lhe farão  
o mais escrupuloso Exame, de cujo resultado infor-  
marão secretamente ao Meu Conselho do Almiran-  
tado, ajuntando a Derrota original á dita informa-  
ção. Os novos Segundos Tenentes deverão ficar en-  
tendendo, que desta informação dependerá tambem  
a sua Promoção a Primeiros Tenentes.

*De algumas Disposições relativas á boa ordem das  
Aulas, e da Frequencia*

I. Os que não estiverem dando Lição deverão guardar o mais profundo, e rigoroso silencio.

II. Quando algum faltar essencialmente á Subordinação, e respeito devido aos seus Lentes, e Mestres, estes o reprehenderão, ou farão prender; ou representarão, para que seja expulso conforme for a grandeza da falta.

III. O que em qualquer Anno Lectivo tiver trinta faltas sem causa, perderá o Anno, e se entenderá ter sido reprovado naquelle Anno; e além disto se vencer Soldo perderá por cada falta o Soldo de hum dia, que passará para o Cofre das Multas, como actualmente se pratica; entendendo-se porém, que se a falta for em dia de Exercicio Semanario se reputará dupla.

IV. Quando as faltas forem sessenta com justo motivo, perderá o Anno; mas não se julgará reprovado, nem se multará no Soldo, quando for dos que tenham praça.

V. Todo o que sem causa faltar ao seu Exame perderá o Anno, e se entenderá ter sido reprovado; o mesmo acontecerá ao que não quizer entrar em Exames.

*Do Secretario*

O Secretario da Companhia dos Guardas da Marinha será tambem Secretario da Academia; deverá fazer as Matriculas, e Assentos, e lançar em hum Livro o merecimento circumstanciado de cada hum dos Discipulos, para dalli extrahir as Certidões, que dever passar, da frequencia, e qualidade da approvação dos Discipulos; e só quando eu For servida Mandar informar os Lentes sobre a applicação de qualquer Discipulo, estes farão constar tudo quanto se contiver nos seus Assentos.

*Do Porteiro, e Guardas*

Haverá hum Porteiro, e dois Guardas, a quem pertencerá cuidar no aceio das Aulas, e Observatorio, arranjo, guarda, e limpeza dos Livrós, Instrumentos, e Modelos; tendo tambem obrigação de conduzir tudo aonde for preciso, e de obedecer a quanto lhes for ordenado pelo Commandante, Lentes, Mestres, e Secretario.

E porque a observancia dos sobreditos Estatutos será tanto de Serviço Meu, utilidade pública, e bem commum dos Meus Vassallos : Hey por bem, e Me Praz, que se comprão, e guardem em tudo, e por tudo, e valhão como Ley, e tenhão força de tal; estabelecendo-o assim de Motu Proprio, Certa

Sciencia, Poder Real, Pleno, e Supremo. E Quero, e Mando, que os mesmos Estatutos sejão observados em tudo, e por tudo sem alteração, diminuição, ou embargo algum, que seja posto ao seu cumprimento em parte, ou em todo; e se entendão sempre ser feitos na melhor fórmula, e no melhor sentido a favor da dita Academia Real dos Guardas da Marinha, seus Lentes, Mestres, Alumnos, e mais Pessoas della: Havendo por supridas as clausulas, solemnidades de feito, e de Direito, que necessarias forem para a sua firmeza. E Derogo, e Hey por derrogadas, para os sobreditos fins sómente, todas, e quaesquer Leys, Ordenações Regimentos, Alvarás, Decretos, ou quaesquer outras Disposições, que em contrario dos sobreditos Estatutos, ou de cada hum delles haja por qualquer via, modo, ou maneira, posto que sejão taes, que na fórmula da Ordenação, que tambem Derogo nesta parte, se houvesse de fazer delles especial menção.

Pelo que: Mando ao Meu Conselho do Almirantado; Mesa do Desembargo do Paço; Presidente do Meu Real Erario; e Inspector Geral da Marinha; Conselhos da Minha Real Fazenda, e dos Meus Dominios Ultramarinos; Regedor da Casa da Supplicação; Junta dos Tres Estados; Reformador Reitor da Universidade de Coimbra, como Protectora que della Sou; Chanceller da Relação, e Casa do Porto; e bem assim a todos os Desembargadores,

Corregedores, Provedores, Juizes, Justiças, e mais Pessoas destes Meus Reinos, e Dominios, a quem o conhecimento desta pertencer, que a cumprão, guardem, e fação cumprir, e guardar, com inteira, e inviolavel observancia. E a mesma presente Carta valerá, como se fosse passada pela Chancellaria, posto que por ella não ha de passar, e ainda que o seu efecto haja de durar mais de hum, e muitos annos, não obstante as Ordenações em contrario, que Hey outro sim por derogadas para este efecto sómente.

Dado no Palacio de Quéluz em o primeiro de Abril de mil setecentos noventa e seis.

PRINCIPE Com Guarda . . .

*José Sanches de Brito.*

*Antonio Januario do Valle.*

*Pedro de Mendonça de Moura.*

*Carta, por que Vossa Magestade Ha por bem Reformar o Estabelecimento da Real Academia dos Guardas da Marinha na sua Corte, e Cidade de Lisboa, em beneficio dos Alumnos della, dando-lhe para seu governo os Estatutos na fórmula assima declarada.*

Para Vossa Magestade ver.

Por Resolução dē Sua Magestade de 1 de Abril de 1796, em Consulta do Conselho do Almirantado, do mesmo dia, e anno.

*D. José Manoel da Camara, Secretario do Almirantado a fez escrever.*

*Antonio Pires Alves de Miranda, Official Maior da Secretaria do Conselho do Almirantado a fez.*

Registada no Livro I. de similhantes na Secretaria do Conselho do Almirantado em 21 de Julho de 1796.

*Antonio Pires Alves de Miranda.*



## ESTATUTOS

DA

## AULA DE COMMERCIO

ORDENADOS POR EL-REI NOSSO SENHOR, NO CAPITULO  
DEZASSEIS DOS ESTATUTOS, DA JUNTA DO COMMERCIO  
DESTES REINOS, E SEUS DOMINIOS

---

A Junta do Commercio destes Reinos, e seus Dominios, havendo considerado que a falta de formalidade na distribuição, e ordem dos livros do mesmo Commercio, he huma das primeiras causas, e o mais evidente principio da decadencia, e ruina de muitos Negociantes; como tambem, que a ignorancia da reducção dos dinheiros, dos pezos, das medidas, e da intelligencia dos Cambios, e de outras materias mercantís, não podem deixar de ser de grande prejuizo, e impedimento a todo, e qualquer negocio com as Nações estrangeiras; e procurando, quanto pede a obrigação do seu Instituto, emendar esta conhecida desordem, propôz a Sua Magestade no Capitulo de-

zasseis dos Estatutos da mesma Junta, que se devia estabelecer huma Aula, em que presidissem hum, ou douos Mestres, e se admittissem vinte Assistentes do numero, e outros supernumerarios, para que nesta publica, e muito importante Escola se ensinassem os principios necessarios a qualquer Negociante perfeito, e pela communicação do methodo Italiano, aceito em toda a Europa, ninguem deixasse de guardar os livros do seu Commercio com a formalidade devida.

1.<sup>º</sup> A geral aceitação do projecto fez conhecer bastante mente que todos desejavão emendar esta falta, e que ella procedia da dificuldade de encontrar as lições, e não de applicar os estudos: A com- mua expetação, com qué, publicados os mesmos Estatutos, se tem feito sensivel a necessaria demora para o exercicio da Aula, he huma segunda, e mais segura prova desses bem louvaveis desejos: Pelo que a mesma Junta, que na mediação deste tempo não cessou de dispôr, e dirigir á maior utilidade do Bem communum do Commercio este novo estabelecimento, em cujos acertados principios consistem os seus progressos, e a sua perpetuidade, faz publicos estes Estatutos, que hão de servir de governo á referida Aula, debaixo da Real approvação, e confirmação de Sua Magestade.

2.<sup>º</sup> A determinação de hum, ou douos Mestres, para a presidencia da Aula, foi deixada ao prudente arbitrio da Junta no referido Capitulo dezasseis dos

seus Estatutos; e nesta conformidade poderá a mesma Junta nomear hum somente, como agora tem feito, por que assim pareceu conveniente, e bastante; ou, quando a experientia mostre que hum só Mestre não pode comprehendere a inspecção, e encargos, que lhe são commettidos, poderá nomear dous, distribuindo-lhes os dias, e as materias como se entender necesario.

3.º O lugar de Lente da Aula he de tão importante consideração pela utilidade, que delle resultar ao Bem commun destes Reinos, que, por si mesmo, se faz recommendavel para a eleição de pessoa, que bem o possa servir: e por que os nomeados para o referido emprego se devem suppôr de tal modo desembaraçados de outras dependencias, que não tenhão prejuizo em serem perpetuados nesse mesmo exercicio, se lhes continuarão os Provimentos da Junta, reformando-os em cada hum dos Triénios, enquanto o mesmo Lente se achar habil para o cumprimento das suas obrigações, e com tanto, que, tenha requerido na Junta a reforma do Provimento findo.

4.º Na forma do mesmo Capitulo dezasseis dos Estatutos da Junta devem ser vinte os Assistentes numerarios da referida Aula, e a estes se deve contribuir com o emolumento, que se julgar bastante para animar os que tiverem meios, e sustentar os que delles carecerem para a sua subsistencia: fica

porem livre á nomeação da Junta o provimento dos supernumerarios, com tanto, que não excedão de trinta, por que não pode abranger a mais de cincuenta Discipulos o cuidado de hum só Mestre, ou Lente; e que na sua eleição se observem as condições determinadas no mesmo Capitulo, e as mais, que se declarão nestes Estatutos.

5.º Por que a falta das primeiras disposições, ou elementos em alguns dos Assistentes seria motivo de impedir os progressos de outros, e de embaracar a uniformidade de estudos, que deve haver na Aula, onde as materias, que se hão de dictar, suppõem como necessaria a sufficiente expedição em ler, escrever, e contar, ao menos nas quatro especies, pelo modo mais ordinario: não se poderá passar Provinimento a pessoa alguma, sem que seja examinada pelo Lente da Aula, o qual, debaixo do encargo de sua consciencia, declare; que o pertendente está habil para ser admittido, quanto a esta parte.

6.º Ainda que os pertendentes, com a qualidade de filhos, ou netos de Homens de Negocios, devem ser preferidos, em iguaes circumstancias, para Practicantes, ou Assistentes do numero: com tudo, por que esse mesmo meio da sua subsistencia não seja o fim ultimo da sua pertenção, ficará em suspenso a nomeação dos Assistentes, que devem entrar no numero; e passado o primeiro anno de exercicio, se farão exames, na presença da Junta, para que con-

forme os merecimentos, se hajão de prover os referidos lugares, contando-lhes os emolumentos desde o dia da abertura da Aula: Bem visto, que os filhos de Homens de Negocio Portuguezes, em igualdade de termos, assim de sciencia, como de procedimento, devem ser attendidos para a preferencia: O mesmo se deve practicar em todas as aberturas da Aula.

7.º Passado o tempo competente para que se possa conhecer a capacidade, e applicação dos Assistentes da Aula, mandará a Junta fazer, e repetir exames na presença de dous Deputados, que darão parte na mesma Junta; e achando-se que não tem aproveitado á proporção do tempo, serão logo despedidos, ou lhes será dado espaço para a sua emenda, procedendo-se, em huma, e outra parte, com tal consideração, que nem se diminua, ou abata o credito da Aula, pela negligencia, ou incapacidade dos seus Assistentes; nem delles se pertenda mais, que huma competente disposição para Negociantes perfeitos.

8.º Por que nem os Estudos, ainda promovidos pela consideração dos exames, nem as esperanças em ser admittido ao numero, poderão suprir o defeito causado pela pouca idade, não se poderá passar Nomeação para praticante, ou Assistente da Aula, enquanto não constar que o pertendente tem quatorze annos completos: Não se limita o termo, quanto aos annos, de que não devem passar; porem no con-

curso de muitos pertendentes, em iguaes circuns-tancias, sempre devem ser admittidos os de menos idade, por que mostra a experientia, que estes são mais aptos para o ensino, e se devem suppôr mais desempedidos para a assistencia, e Estudos.

9.<sup>º</sup> Sendo huma das principaes vantagens nos Estudos das Aulas o praticar-se continuamente nel-las, a materia das actuaes applicações de todos os Assistentes, o que se não poderia conseguir sem que todos concorressem em hum mesmo ponto: Não se devem repetir as Nomeações para Praticantes da Aula do Commercio, sem que finalize entre cada huma abertura o termo de tres annos, que he o tempo necessario para se dictarem, conhecerem, e praticarem os principaes objectos dos Estudos desta mesma Escola; vagando porem alguns lugares den-tro dos primeiros seis mezes, se poderão prover em pessoas que tenhão conhecimento das materias, que já se houverem dictado.

10.<sup>º</sup> Em todas as manhãs terá exercicio a Aula do Commercio, principiando as lições, de Inverno, pelas oito horas, e acabando pelo meio dia; e de Ve-rão pelas sete, e acabando pelas onze: e os Escritu-rarios, ou Praticantes da Contadoria da Junta, se-rão obrigados, por turno, a fazer o ponto em cada hum dos mezes, para que na mesma Junta se faça certo, que os Praticantes assistem.

11.<sup>º</sup> A Arithmetica, como fundamento, e prin-

cípio de todo, e qualquer commercio, deve ser a primeira parte da lição da Aula, ensignando-se aos seus Praticantes, sobre o methodo communum, e ordinario das quatro principaes especies, os motivos, e diversos modos, com que mais facil, e promptamente se achão hoje as sommas, se fazem as diminuições, e multiplicações, se abrevia a repartição, e se lhes tirão as provas: conseguida a perfeição nesta parte, se deve passar ao ensino da conta de quebrados, regra de tres, e todas as outras, que são indispensaveis a hum Commerciante, ou Guarda-livros completo; procurando sempre, que se não passe de humas a outras materias, e ainda dentro dellas, de humas a outras partes, sem que em todas haja hum geral conhecimento do que já for dictado.

12.<sup>º</sup> Ao ensino da Arithmetica perfeita se deve seguir a noticia dos pezos em todas as Praças do Commercio, especialmente aquellas com que Portugal negocêa; como tambem das medidas, assim de varas, e covados, como de palmos, e pés cubicos, e singelos, e do valor communum das moedas no Paiz, em que correm, até que qualquer dos Assistentes da Aula possa reduzir, por exemplo, as varas de Hespanha, as Jardas de Inglaterra, ou os Palmos de Genova á medida de Portugal, ou de outro Reino, e o custo, e despeza da fazenda, na Praça estrangeira, ao dinheiro da outra Praça, para o que se fez o transporte.

13.<sup>º</sup> Por que o referido conhecimento não seria bastante para adquirir a certeza do custo das fazendas sem a noticia dos Cambios; visto que nesta imaginaria passagem da moeda se não attende sómente ao seu valor real; mas tambem á maior, ou menor necessidade de dinheiros em cada huma das Praças, pela qual se augmenta ou diminue o valor arbitrio dessa mesma moeda, será esta importante materia huma parte do principal cuidado no ensino dos Assistentes da Aula; pois ainda que a sciencia dos Cambios se não possa inteiramente comprehendere nas idades respectivas dos ditos Assistentes, e em tão limitado espaço de tempo, especialmente considerado o cambio como hum particular, e separado ramo do Commercio; com tudo se formarão as primeiras, e sufficientes disposições para que, com a pratica, e diversidade dos casos occurrentes, se hajão de alcançar as mais necessarias notícias, e não falte esta parte, ao menos, como integrante, para todo, e qualquer commercio.

14.<sup>º</sup> Os Seguros com as suas distincções de loja a loja, ou de ancora a ancora; de modo ordinario, ou de pacto expresso, e a noticia das apolices, assim na Praça de Lisboa, como em todas as mais da Europa; como tambem a formalidade dos fretamentos, a pratica das commissões, e as obrigações, que delas resultão, devem ser todas tratadas, ao menos, para o sufficiente conhecimento de cada huma das

partes, com o qual se adquirão as disposições para chegar á perfeição em seu tempo.

15.<sup>º</sup> Ultimamente se passará a ensinar o methodo de escrever os livros com distincção do Commercio em grosso, e da venda a retalho, ou pelo miudo, tudo em partida dobrada, ainda que com diferença dos dous referidos commerçios; e depois se fará huma recopilação de todas estas partes, figurando aos Assistentes alguns diversos casos em themas, ou propostas, em que se possa conhecer, por huma só partida, se elles tem conseguido a competente perfeição da Arithmetica, a noticia da reducção dos pezos, e das medidas, o valor dos dinheiros, a variedade dos cambios, a importancia dos seguros, e das commissões, até dár entrada onde devem nos livros do seu Commercio.

16.<sup>º</sup> Completos os tres annos, se dará Certidão aos Assistentes, que houverem frequentado a Aula; e com este documento será visto o deverem infallivelmente preferir em todos os Provimentos da nomeação da Junta, assim da Contadoria, como da Secretaria, e ainda de quaesquer empregos, em que não estiver determinada outra preferencia. A mesma attenção se haverá com os ditos Assistentes da Aula nos Provimentos, que se mandarem passar pela Direccion da Real Fabrica das Sedas, e em todas as mais da Inspecção da Júnta.

17.<sup>º</sup> Aos Caixeiros das lojas das cinco classes

de Mercadores, he Sua Magestade Servido conceder, dispensando nesta parte sómente, a disposição do § 7.<sup>º</sup> do Cap. 2.<sup>º</sup> dos Estatutos da Meza do Bem commun dos mesmos Mercadores, que, havendo frequentado a Aula pelo tempo dos tres annos, possão abrir lojas por sua conta, com exercicio de cinco annos em lugar dos seis, que estão determinados nos mesmos Estatutos.

18.<sup>º</sup> Tambem Sua Magestade he Servido extender a disposição do Cap. 4.<sup>º</sup> dos Estatutos da Junta, enquanto se determina, que todos os officiaes, ou quaequer outras pessoas, que nos mesmos Estatutos pertencem á nomeação da Junta, tenhão por Juiz privativo ao Desembargador Conservador geral do Commercio, para os Assistentes da Aula, durante o tempo do seu exercicio sómente, e havendo Certidão da sua assistencia.

19.<sup>º</sup> As diligencias, disposições, e zelo da Junta na Instituição desta nova Aula devem merecer a todos os Assistentes o concurso da sua applicação, para que se consigão aquelles ultimos fins, que podem resultar aos mesmos Assistentes, e ás Casas de Negocio, que delles se servirem na conducta do seu Commercio, e para que ao tempo dos seus exames não passem pela sensivel reprovação, e despedida, que vai comminada nestes Estatutos a todos os negligentes; porem mais, que todos esses motivos, deve promover ao exercicio, e aproveitamento dos Assis-

tentes a Real confirmação, e protecção de Sua Majestade, que foi Servido aprovar, e mandar fazer publicos estes Estatutos, havendo por muito recomendada a sua execução.

Lisboa a 19 de Abril de 1559 — José Francisco da Cruz — João Rodrigues Monteiro — Manoel Dantas de Amorim — João Luiz de Souza — Anselmo José da Cruz — Ignacio Pedro Quintella — José Henriques Martins.

**Obrigações inherentes ao lugar de Director Litterario da Academia Real da Marinha e Commercio da Cidade do Porto.**

Tendo Representado a Sua Magestade esta Illusterrissima Junta d'Administração da Companhia Geral do Alto Douro, Inspectora da Academia Real da Marinha, e Commercio d'esta Cidade, em Consulta de 3 de Fevereiro de 1816, os justos motivos que fazião necessaria a Criação de hum novo Emprego para a dita Academia, a cujo Empregado se conferisse o titulo de Director Litterario da mesma: Propoz a Sua Magestade a Pessoa de V. S.<sup>a</sup> como aquella que em si reunia os requesitos necessarios, e que affiançavão o acerto da sua escolha. — Dignou-se Sua Magestade benignamente Approvar a mencionada Consulta baixando com ella a Regia Resolução de 27 d'Agosto de 1817.

E sendo conseguintemente necessario, que V. S.<sup>a</sup> seja instruido das Obrigações que lhe ficão competindo em razão do seu emprego; abaixo transcrevemos, para sua intelligencia, e conhecimento, aquellas que esta Illusterrissima Junta propoz a Sua Magestade, e que fizerão parte da Referida Consulta = 1.<sup>o</sup>

Que o Director Litterario terá a seu cargo o Regulamento, e Direcção geral dos Estudos, e o governo ordinario da dita Academia, seus Empregados, e Subalternos, fazendo guardar a boa-ordem, e subordinação respectiva entre todos que a constituem; zelando com o maior disvello, a inteira observancia dos actuaes Estatutos, e evitando por huma vigilancia continua todos e quaesquer abuzos, e relaxações, que se queirão ensinuar e introduzir—2.<sup>º</sup> Que o mesmo Director proponha a esta Illustrissima Junta com exacção, e imparcialidade tudo que julgar conveniente para a mesma decidir, quando o objecto couber na sua jurisdição, ou consultar a Sua Magestade, o que parecer, quando exceda os limites da possibilidade, que Sua Magestade lhe conferio; unindo-se em taes Consultas as propostas por escripto do mesmo Director, para em presença de tudo Sua Magestade deliberar o que melhor lhe parecer—3.<sup>º</sup> Determinando os Estatutos § 57 que sobre os objectos das Consultas para reforma, e melhoramento, seja na parte que diz respeito ao sistema Litterario, ou seja na da Disciplina, e Economia Academica, precedão os pareceres dos Lentes, e Professores da Academia Real: havendo mostrado a experiência que de concursos numerosos, não costuma ser tão proveitoso o resultado; propoz tambem esta Illustrissima Junta a Sua Magestade, como mais conveniente, que o Director seja o Representante do Corpo dos Len-

tes, e Professores, e que para este fim possa convocar para Congregação, ou todos os referidos, ou parte d'elles, conforme as circumstancias dos cacos occorrentes, o qual ouvindo, e recolhendo os votos, os reprezente por escripto com o seu parecer a esta Illustrissima Junta, com a intenção de se darem as providencias necessarias, de maneira que a Representação do Director seja annexa ás referidas Consultas, que houverem de subir á Presença de Sua Magestade = 4.<sup>º</sup> Que o Director tenha a sua residencia e habitação no mesmo local d'Academia, para melhor poder fiscalizar, e vigiar com assidua frequencia sobre o cumprimento das respectivas obrigações dos Empregados, logo que no Edificio da mesma Academia tenha os commodos necessarios para nelle se estabelecer. = Espera, por tanto, esta Illustrissima Junta, que V. S.<sup>á</sup> haja de conformar-se com as referidas Instruções, como couza do Agrado, e Serviço de Sua Magestade, assim como espera das suas luzes a prosperidade, e aumento de tão pio e util Estabelecimento. = Deos Guarde a V. S.<sup>á</sup>, Porto em Junta de 19 de Fevereiro de 1818 = P. Gaspar Cardoso de Carvalho e Fonseca = José de Souza e Mello = Pedro Gomes da Silva = João Monteiro de Carvalho = João Baptista de Araujo Cabral Montez = Antonio Bernardo de Brito e Cunha = Christovão Guerner. = Ill.<sup>mo</sup> Snr. Doutor Joaquim Navarro de Andrade = Director Litterario da Aca-

demia Real da Marinha, e Commercio d'esta Cidade. = Registe-se no livro competente. Doutor Navarro.

(Archivo da Academia, L.º O, n.º 1, fl. 12).

**Decreto que contem disposições regulamentares tendentes a fixar as atribuições da Junta e do Director Litterario.**

Attendendo á que a disposição geral do Alvará com força de Lei de 5 de Junho, e as posteriores declarações de 24 de Julho do corrente anno, a pezar de comprehenderem implicitamente o que se havia innovado, desde 17 de Maio de 1822, podem ter occasionado dúvidas, não só sobre a existencia de alguns Empregos d'Academia Real da Marinha e Commercio da Cidade do Porto, mas tambem sobre as mutuas relações entre a mesma Academia, e a Junta da Administração da Companhia Geral d'Agricultura das Vinhas do Alto Douro; e Desejando ocorrer a taes dúvidas, por meio de Determinações explicitas, e permanentes, que por huma vez as removão: Sou Servido Ordenar o seguinte: Primò: Em tudo quanto não encontrar as funcções do Director Litterario da Academia Real da Marinha e Commercio da Cidade do Porto, determinadas pela Resolução de 27 de Agosto de 1817, as quaes he Minha Vontade que subsistão sem quebra, ou diminuição alguma, a Junta da Administração da Companhia Geral d'Agricultura das Vinhas do Alto Dou-

ro conservará o Titulo, e as funcções de Inspector da mesma Academia, como lhe foi concedido pelo Alvará de 9 de Fevereiro de 1803, e pelos Estatutos mandados observar pelo Alvará dè 29 de Julho do mesmo anno; e isto em attenção ao zelo com que a referida Junta Me supplicou a criação de tão util Estabelecimento, e aos desvelos com que por tantos annos gratuitamente o inspeccionou, dirigo, e manteve: chegando para esse fim generosamente a adiantar dos seus proprios fundos consideraveis sommas, de que ainda em parte não tem podido ser satisfeita: Serviços estes, que recahindo em objecto de tão geral, e reconhecida utilidade, não podem deixar de merecer a Minha Real Contemplação. Secundó: Todas as informações, Propostas, Representações, e quaesquer outros Officios do Director Litterario sobre objectos Academicos, para Me serem presentes, Me serão dirigidos pelo mesmo expediente da Junta Inspector, da mesma sorte que o são os que versão sobre objectos particulares da Companhia, na fórmula da mencionada Resolução de 27 de Agosto de 1817. Tertió: Continuará a considerar-se extinto o Emprego de Vice-Inspector da referida Academia, que além de inutil, como patenteou a experiença de tantos annos, era sobre maneira gravoso ao Cofre d'Academia, cujos rendimentos não tem podido aliás suprir as despezas necessarias della sem o consideravel empenho, a que ainda em parte se acha sujei-

to. Quartò : Da mesma sorte, e pelos mesmos motivos, se continuará tambem a considerar extinto o Lugar de Direçtor da Aula do Desenho. O Marquêz de *Palmella*, do Meu Conselho de Estado, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, ora Encarregado do Ministerio dos Negocios do Reino, o tenha assim entendido, e faça executar, mandando para esse effeito expedir os Despachos necessarios. Palacio da Bemposta em 13 d'Outubro de 1824.

*Com a Rubrica de SUA MAGESTADE.*

El-Rei Nossa Senhor — Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino em 18 d'Outubro de 1824 — Gaspar Feliciano de Moraes.

(Archivo da Academia, L.º O, n.º 1, fl. 32).

**Alvará regio que determinou a reforma da Academia Real da Marinha e Commercio da Cidade do Porto.**

Eu El-Rei Faço saber aos que este Alvará com força de Lei virem: Que sendo-me presente em Consulta da Ill.<sup>ma</sup> Junta d'Administração da Companhia Geral d'Agricultura das Vinhas do Alto Douro, Inspector da Academia Real da Marinha e Commercio da Cidade do Porto, que para manutenção da referida Academia, e para completar a construção do seu Edificio não são bastantes os subsídios que pelo Alvará de 9 de Fevereiro de 1803 forão estabelecidos para aquelle fim, que até ao presente se não tem podido obter se não á custa dos generosos sacrifícios pecuniarios que a mesma Junta lhe tem feito de seus próprios fundos, e de que ainda se não acha indemnizada: E não soffrendo a Minha Paternal Sollicitude, e vigilancia por tudo quanto he em beneficio de Meus Fieis Vassallos, que por mais tempo continue o estado precario, e vacilante de hum Estabelecimento Litterario de immediata Criação Minha, de que tão reconhecidas vantagens tem resultado á Navegação, Commercio, e civilização destes Reinos, e especialmente das Províncias do Norte: Determinando com este designio assegurar-lhe desde

logo uma existencia perpetua e independente, por meio de huma sufficiente dotação; e dar ao mesmo tempo ás suas despezas huma reducção e reforma, que sendo proporcionada ás circumstancias, e analoga aos Estatutos, não obste de maneira alguma ao progresso Litterario: Sou servido, conformando-Me com o Plano que debaixo destes principios Me foi proposto pela Junta Inspector, e Tomando na devida Consideração as ponderozas reflexões do Director Litterario da mesma Academia, Ordenar o seguinte, alterando o que differentemente se acha disposto pelos Alvarás de 9 de Fevereiro, e 29 de Julho de 1803, ou por qualquer outra Determinação, ou Resolução Minha posterior.

1.º A Imposição de hum real em cada quartilho de vinho estabelecida só para seis mezes pelo § 4.º do Alvará de 9 de Fevereiro de 1803, fica ampliado a todos os mezes do anno, devendo o seu producto ser applicado ás despezas ordinarias da Academia, á continuaçao do seu Edificio, e ao desempenho da consideravel divida com que se acha onerada.

2.º O numero dos trez substitutos de Mathematica determinados no § 1.º dos Estatutos, desde já ficará reduzido a dous, conservando-se ao terceiro dos actuaes o mesmo ordenado que actualmente percebe, em quanto lhe não cabe entrar para hum dos dous logares ordinarios de substituto effectivo, e sen-

do elle entretanto obrigado como até agora, ao mesmo serviço proprio dos substitutos.

3.º E para que a suppressão deste Lugar de Substituto não possa cauzar o mais leve prejuizo ao ensino publico; Hei por bem crear na mesma Academia huma classe de Oppozitores ás Cadeiras de Mathematica na forma seguinte — Não poderão ser propostos para os Lugares vagos de Lentes, assim proprietarios, como substitutos das Cadeiras de Mathematica, senão aquelles Candidatos que sobre as mais qualidades que devem possuir todos os Empregados publicos se acharem para isso habilitados com o grão pelo menor de Licenciado pela Universidade de Coimbra na dita Faculdade, como já se acha determinado pelos Estatutos, ou os que havendo feito na Referida Academia da Marinha e Commercio hum curso completo desta Profissão, tiverem frequentado mais hum anno as Aulas do segundo e Terceiro anno Mathematico da mesma Academia, nas quaes serão considerados quanto ás obrigações e exercícios respectivos, comò os discipulos ordinarios dellas, fazendo no fim do anno de repetição outro acto publico, a que assistirá o Director Litterario com toda a Academia, sem que se sigão votos de approvação, ou reprovação e hum exame privado das materias da mesma Faculdade, ao qual só poderão, e deverão assistir o Director Litterario, e os Lentes Mathematicos, dos quaes o mais antigo será Presidente, e

Arguentes os outros ; votando-se neste exame, e seguindo-se em taes actos em quanto for applicavel, inteiramente o mesmo que se acha Determinado no Livro Terceiro, Parte segunda, Titulo sexto, Capitulo Terceiro dos Estatutos da Universidade.

4.<sup>º</sup> Os Estudantes que desta sorte ficarem habilitados, sendo admittidos por pluralidade de votos pela respectiva Congregação prezidida pelo Director Litterario, passarão á classe de Oppozitores ás Cadeiras de Mathematica, entrando por essa qualidade em exercicio na dita Faculdade, sendo matriculados todos os annos na sua classe ; regendo na falta dos Lentes Proprietarios, e dos Substitutos, as Cadeiras para que forem nomeados ; argumentando por turno com os Lentes nos Actos de Repetição ; e podendo encorporar-se com os mesmos Lentes de Mathematica nas Solemnidades publicas da Academia.

O serviço gratuito dos oppozitores, em que podem mostrar a sua aptidão, capacidade, e talentos, se lhes levará muito em conta para merecerem, e adquirirem o direito de preferencia nas Propostas e Nomeações para as referidas Cadeiras.

5.<sup>º</sup> Os ordenados dos Professores da Cadeira de Primeiras Letras annexa á Academia, serão reduzidos á quantia de duzentos e cincoenta mil reis para o Proprietario, e cento e cincoenta mil reis para o substituto, visto que os vencimentos que lhes forão arbitrados, são demaziadamente excessivos se se

comparão com os que percebem os Professores Regios de eguacs Cadeiras em todo o Reino; e offerecem a desproporção sem exemplo de serem iguaes para o Proprietario e Substituto. Os Professores actuaes conservarão os ordenados que prezentemente percebem.

6.<sup>º</sup> Tendo mostrado a experiençia que o serviço dos seis segundos Guardas d'Academia pode ser desempenhado somente por quatro, ficarão para o futuro suprimidos, para mais se não proverem, os dous primeiros lugares de segundos Guardas que vagarem.

7.<sup>º</sup> Os Lentes Substitutos que na falta dos Proprietarios regerem alguma Cadeira, não receberão por esse trabalho alem do seu proprio ordenado, mais que huma gratificação de cincuenta mil reis quando servirem todo o anno, ou a correspondente proporção desta quantia, quando servirem por mais de trez mezes sem comtudo completarem o anno, quando porem o serviço da substituição não chegar a trez mezes não vencerão mais que o seu proprio ordenado.

8.<sup>º</sup> Sendo certo que não he o valor pecuniario dos Premios, mas sim a honra, e a distincção de os haver merecido, o principal motivo que excita a emolução entre os Estudantes: Ficarão para o futuro os Premios para os mais distintos Alumnos da Academia, reduzidos a doze, da quantia de quarenta mil reis

cada hum, dos quaes serão seis para os Estudantes de Mathematica, trez em cada hum dos annos em que são vencidos na forma dos Estatutos; dous para os de Commercio, dous para os de Agricultura, e dous para os de Desenho. E quando succeda não se distribuir algum dos referidos Premios por 'não ocorrerem Alumnos de merecimento tão distinto que os mereção, a sua importancia será empregada em Livros a beneficio da Bibliotheca d'Academia.

9.<sup>º</sup> Tendo cessado o justo fundamento de diminuição de trabalho que motivou o Aviso de 10 de Janeiro de 1779 que reduziu o Ordenado do Escrivão da Marinha da Cidade do Porto, desde que, reunindo-se-lhe o Lugar de Secretario da Academia, lhe recresceu com este emprego hum trabalho se não superior ao menos igual ao que antigamente tinha; de ora em diante o sobredito Escrivão da Marinha, Secretario da Academia, terá o mesmo ordenado que vencia até a data do mencionado Aviso.

10.<sup>º</sup> Nenhum Empregado da Academia de qualquer classe, ou Graduação que seja, principiará a vencer o seu respectivo ordenado senão desde o dia em que entrar em posse do Emprego: e desta regra geral só serão exceptuados aquelles que ao tempo da sua Nomeação se acharem ja incluidos na folha da mesma Academia, e empregados em seu serviço por quanto a estes se abonarão os Ordenados desde a data da Mercê da sua Nomeação, ou Promoção.

Pelo que: Mando á Meza do Desembargo do Paço; Presidente do Meu Real Erario: Regedor da Caza da Supplicação; Conselhos da Minha Real Fazenda, e do Ultramar, Junta da Directoria Geral dos Estudos e Escolas do Reino; Ill.<sup>ma</sup> Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, Governador da Relação e Caza do Porto, ou quem seu lugar servir, e a todos os Tribunaes, Desembargadores, Corregedores, Provedores, Juizes, Justiças, e mais Pessoas a quem o conhecimento deste Alvará pertencer, que o cumprão e guardem, e fação cumprir e guardar, como nelle se contem, sem duvida, ou embargo algum; não obstantes quaesquer Leis, Despozições, ou Ordens em contrario, que todas Derogo para este efecto somente, ficando áliaz em seu vigor.

E valerá como Carta passada pela Chancellaria, posto que por ella não passe, e o seu efecto haja de durar por mais de hum anno, sem embargo das Ordenações do Livro segundo Titulo trinta e nove, e Titulo quarenta, que o contrario determinão.

Dado no Palació da Bemposta em 16 de Agosto de 1825.—Rei.—José Joaquim d'Almeida Araujo Correa de Lacerda.

Alvará com força de Lei, pelo qual Vossa Magestade Ha por bem prover á subsistencia, economia, e regime da Academia Real da Marinha, e Commercio do Porto, ampliando os subsídios que lhe forão

estabelecidos pelo Alvará da sua fundação: Reduzindo o numero dos seus Empregados, diminuindo os Ordenados e vencimentos de alguns delles; creando nella huma Classe de Oppozitores ás Cadeiras de Mathematica: Restituindo ao Escrivão da Marinha, Secretario da mesma Academia, o Ordenado que antecedentemente percebia; e dando outras providencias, tudo na forma acima declarada. — Para Vossa Magestade ver. — João de Souza Pinto de Magalhães. — Gaspar Feliciano de Moraes — João Antonio Frederico Ferro. — Registe-se. Porto 10 de Setembro de 1825. — Dr. Navarro, Director Literario.

(Arquivo da Academia, L.º O, n.º 1, fl. 52).

**Decreto que contem disposições regulamentares ácerca da promiscuidade de frequencia dos alumnos nas reaes academias de Marinha.**

Desejando Promover a Instrucção Publica, e facilitar a meus fieis Vassallos todos os meios possiveis de obterem muito principalmente áquelles que se dedicão ao meu Real Serviço nos Exercitos, e na Armada; e considerando a analogia, ou antes identidade, tanto das disciplinas que se aprendem, como do methodo d'ensino que se acha adoptado nas Reaes Academias de Marinha estabelecidas nesta Capital e na Cidade do Porto, assim como no primeiro anno Mathematico do Real Collegio Militar, e nos Estudos das Aulas Regimentaes dè alguns Corpos do meu Exercito: Conformando-Me com o parecer das pessoas do Meu Conselho que Fui Servido Mandar ouvir sobre este objecto: Hei por bem que aos Alumnos de qualquer das duas referidas Academias de Marinha, que quizerem proseguir na Outra os seus Estudos, se levem em conta os annos, em que por documento authentico mostrarem ter sido aprovados: Que o mesmo se pratique a respeito dos Militares que pelo mesmo modo mostrarem ter fre-

quentado regularmente os Estudos Mathematicos nas Aulas dos seus respectivos Regimentos ; com a condição porem, quanto a estes, de serem obrigados, na Academia em que quizerem entrar, a fazer actos publicos das disciplinas que pertenderem se lhes levem em conta, e de serem nelles approvados : E finalmente que a facultade concedida pelo Decreto do primeiro de Setembro do anno proximo passado aos Alumnos do Real Collegio Militar, de poderem matricular-se no segundo anno da Academia Real da Marinha desta Capital, huma vez que mostrem ter concluido com approvação o Primeiro anno Mathematico no referido Real Collegio, se estenda e amplie á Academia Real da Marinha, e Commercio da Cidade do Porto. José Joaquim d'Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda, do meu Conselho, e do d'Estado, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, o tenha assim entendido, e faça executar. Palacio de Mafra em 3 de Novembro de 1825  
—Com a Rubrica de Sua Magestade = Gaspar Feliciano de Moraes = Está conforme = João Antonio Frederico Ferro.

(Archivo da Academia, L.º O, n.º 1, fl. 59).

**Carta regia que reformou o Regulamento da Academia, assim na parte litteraria como na parte economica.**

Provedor, Vice-Provedor e Deputados da Ill.<sup>ma</sup> Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro: Eu El-Rei vos Envio muito Saudar. Tomando em consideração as Providencias que da parte dessa Ill.<sup>ma</sup> Junta Inspector Me forão propostas, para se melhorar o regulamento, assim litterario como economico da Real Academia da Marinha e Commercio da Cidade do Porto; e Desejando muito promover o adiantamento da dita Academia, como hum dos Estabelecimentos de Estudos, de que a estes Reinos pôde resultar maior utilidade e credito; Hei por bem ordenar o seguinte:

1.<sup>º</sup> Que daqui em diante nas Propostas ou Consultas para provimento dos Lugares da Academia se attenda e se especifique, alem do prestimo e sufficiencia litteraria, o merecimento Religioso e civil dos propostos ou Consultados:

2.<sup>º</sup> Que a matricula do mez de Setembro se prorogue até quinze de Outubro, e não mais; e só para aquelles Estudantes, que allegarem e mostrarem por

documentos authenticos a sua impossibilidade, de se matricularem no tempo marcado no Estatuto.

3.º Que haja em cada anno hum Discurso de abertura da Academia, feito pelo Director Litterario, ou por quem seu lugar servir, e em que convide e incite a mocidade ao amor dos estudos, e á diligencia discreta por conseguir nelles adiantamento.

4.º Que a Oração do dia de annos do Soberano caiba, por seu turno, e por ordem da sua antiguidade, a todos os Professores Proprietarios de Mathematica, Commercio, e Filosofia Racional e Moral.

5.º Que vagando a Cadeira de Filosofia Racional e Moral, ou a substituição della se ponha a concurso, fazendo os concorrentes exame, presidido pelo Director Litterario, na forma por que o fazem os concorrentes a outras taes Cadeiras da inspecção da Junta da Directoria Geral dos Estudos; e cujos Auctos subirão á Minha Real Presença com as qualificações dos Examinadores e juizo do Presidente, dando-se porem, na igualdade das mais circunstancias, preferencia aos que forem Licenciados e ao menos Bachareis Formados na Faculdade de Filosofia pela Universidade de Coimbra.

6.º Que para Lentes da Faculdade de Mathematica, sem embargo da disposição do paragrafo quinquagessimo sexto do Estatuto, possão tambem ser consultados os Bachareis Formados em Mathematica por aquella Universidade.

7.<sup>º</sup> Que os Estudantes que se pertenderem matricular na Aula de Filosofia Racional e Moral, não sejam admittidos á matrícula, sem mostrarem Certidão de Exame com approvação da Lingua Latina; e bem assim Certidão de frequencia e de exame, com approvação de Arithmetica, e Geometria elementar.

8.<sup>º</sup> Que nas Aulas em que se costumão distribuir premios, sejam os Alumnos obrigados a compôr descertações mensaes sobre objectos, propostos pelos Professores respectivos; pena de não serem contemplados na distribuição dos premios; constando que não cumprirão com esta obrigação.

9.<sup>º</sup> Que não se admittão nas Aulas Estudantes, que nellas forão já approvados; salvo se mostrarem para isso especial Despacho do Director Litterario, que o não dará sem estar plenamente informado das suas boas tenções, do seu grave comportamento, da sua propenção e amor dos Estudos.

10.<sup>º</sup> Que se não admittão em qualquer das Aulas, Estudantes voluntarios.

11.<sup>º</sup> Que o Director Litterario, no fim de cada anno lectivo, dê á Ill.<sup>ma</sup> Junta Inspector a conta bem miuda e ponctual do estado da Academia no anno decorrido, quanto a Mestres, quanto a Discipulos, quanto a regularidade da Disciplina em todas as suas partes; indicando ao mesmo tempo os inconvenientes e defeitos, que tiver advertido e suggerindo os

remedios: e que a Junta Inspector a, faça subir á Minha Real Presença esta mesma conta, ajuntando o que nestes artigos igualmente lhe dictar o seu zelo.

12.<sup>º</sup> Que estando impedido por auzencia, ou por molestia o Director Litterario, este proponha á Junta Inspector a, para fazer as suas vezes, o Proprietario mais antigo na Academia entre os Lentes de Mathematica, de Commercio, e de Filosofia Racional e Moral, e no caso de este se achar tambem impedido, o seu immediato em antiguidade.

13.<sup>º</sup> Que quando algum Professor ou Substituto, na falta dos proprios, fôr servir em Cadeira de outra Faculdade, ou Repartição, se lhe assigne vencimento, que nunca será maior que o que compete ao Substituto da Cadeira em que assim servir, e que lhe será pago, prorata, do tempo que servir.

14.<sup>º</sup> Que se não dê gratificação alguma, ou ajuda de custo, a não ser mandada por Lei, por qualquer serviço directo ou indirecto feito á Academia, sem primeiro se Me consultar muito circumstanciada e exactamente, para Eu Rezolver o que mais justo; atalhando-se destê modo arbitrarios desperdiços, efeitos de cobiçosas solicitações e de condescendências nascidas do pouco ou nenhum zelo do Bem Público. O que me pareceu participar-vos para assim o tenhaes entendido, o executeis e façaes executar na dita conformidade. Escripta no Palacio de Queluz

em vinte e tres de Setembro de mil oitocentos e vinte e nove=Rei=Para o Provedor, Vice-Provedor e Deputados da Ill.<sup>ma</sup> Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro—Registada a fl. 15 v.<sup>o</sup>=Está conforme=João Antonio Frederico Ferro.

(Archivo da Academia, L.<sup>o</sup> O, n.<sup>o</sup> 1, fl. 97).

**Resolução Regia que exclue de premios  
os estudantes repetentes.**

Não entrem, d'aqui por diante, em concurso de Premios os Estudantes repetentes com os que o não são; por quanto ha desigualdade de circumstancias, que não deve haver, para que os premios sejão aplicados com justiça, e sirvão de estímulo efficaz. Palacio de Queluz em 24 de setembro de 1830= Com a rubrica de Sua Magestade.— Está conforme João Antonio Frederico Ferro. — Cumpra-se, e registe-se. Porto 9 d'Outubro de 1830 — João Carlos de Miranda, Servindo de Director Litterario d'Academia.

(L.º O, n.º 1, fl. 107).

**Carta regia ordenando que nenhum estudante seja admittido a 2.<sup>a</sup> matricula sem justificar plenamente a falta de habilitação no anno da 1.<sup>a</sup> matricula.**

Provedor, Vice-Provedor e Deputados da Ill.<sup>ma</sup> Junta da Administração da Companhia Geral do Alto Douro: Eu El-Rei vos envio muito saudar. Sendo-me presentes os arbitrios propostos na Consulta de vinte e dous de Janeiro ultimo, afim de remediar a falta de aproveitamento e de amor dos Estudos, que em grande parte dos Alumnos da Real Academia da Marinha e Commercio dessa Cidade, justamente se inferio da Conta dada em Outubro de mil oitocentos e trinta, e deixado o arbitrio de Mandar que os Estudantes de Filosofia Racional e Moral da Academia não sejão em Coimbra admittidos a exame, sem apresentarem Certidão donde conste que dantes forão examinados na mesma Academia, assim pelo inconveniente com boa rasão na Consulta advertido, como por que o seu effeito de mais a mais seria muito restricto: Sou Servido Ordenar que nenhum dos Estudantes dessa Academia seja admittido a segunda Matricula, no caso que não certifque legal, clara e plenamente que por motivo assás jus-

tificado deixou de se habilitar, e examinar no anno da primeira: E por que os Estatutos da Academia em absoluto permitem, no paragrafo decimo oitavo, que os que não fizerem o exame, a que todos são obrigados, fiquem reconduzidos, por uma vez sómente, no mesmo anno; Hei por bem revoga-los quanto a esta permissão, de que em prejuizo próprio abuzão a inadvertencia e desleixo dos mancebos, que com tamanha falta de nobres estímulos se mostrão assim indiferentes ao seu honrado credito e adiantamento: O que Me pareceu participar-vos para que assim o tenhaes entendido e o façaes executar. Escripta no Palacio de Queluz em vinte e cinco de Abril de mil oitocentos trinta e hum = Rei = Para o Provedor, Vice-Provedor e Deputados da Ill.<sup>ma</sup> Junta da Administração da Companhia Geral d'Agricultura das Vinhas do Alto Douro. = Está conforme. João Antonio Frederico Ferro. — Registe-se, Porto 7 de Maio de 1831. Doutor Navarro, Director Literario.

(L.º O, n.º 1, fl. 110).

**Decreto que manda explicar a 2.º parte  
do Código Commercial portuguez na  
cadeira do 3.º anno mathematico.**

Tendo-Me sido presentes os graves inconvenientes, que á Navegação e Commercio resultam da ignorancia, em que se acham de seus direitos, e obrigações, os Capitães, Mestres, e mais Officiaes dos Navios Mercantes Portuguezes, tanto de viagens de longo curso, como de viagens costeiras, e de Cabotagem; e estando taes inconvenientes acautellados nos respectivos artigos da Segunda Parte do Código Commercial Portuguez, já mandado observar como Lei; Hei por bem Ordenar, que na Cadeira do terceiro anno Mathematico das Academias de Marinha de Lisboa, e do Porto, conjunctamente com as outras Materias, que naquelle anno se ensinam, e que completam o Curso propriamente dito de Navegação, se faça a leitura, e explicação da citada parte do Código Commercial; sendo os Discípulos nos actos de suas habilitações obrigados a mostrar-se igualmente correntes em umas e outras materias. O Marquez de Loulé, Par do Reino, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, as-

sim o tenha entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em quinze de Julho de mil oitocentos e trinta e cinco — RAINHA. — Marquez de Loulé.

(Collecção de Leis, anno 1835, pag. 192).

**Decreto que regulou provisoriamente o regimen litterario e economico da Academia da Marinha e Commercio da Cidade do Porto**

Sendo necessário dar desde já algumas providências para regular o regimen litterario e economico da Academia de Marinha e Commercio da Cidade do Porto, e bem assim as despezas, o numero e vencimentos dos Lentes, Professores e mais Empregados da mesma Academia, conciliando a economia da Fazenda Nacional com a utilidade do Ensino Publico: Hei por bem, em quanto se não effectuar a reforma geral dos Estudos, Decretar provisoriamente o seguinte:

Artigo 1.º Servirá de Director da Academia um dos Lentes della, nomeado pelo Governo, com a gratificação de duzentos mil réis annuaes, além do ordenado de sua respectiva Cadeira.

§ unico. Na falta, ou impedimento do Director, fará suas vezes o Lente mais antigo da Academia.

Art. 2.º Os negocios graves da Academia, e todos os que, pelas Leis da sua organisação, estavam na parte deliberativa a cargo das Authoridades inspectoras, serão discutidos em Conselho dos Lentes, e decididos á pluralidade de votos, cujo resultado

será proposto ao Governo quando carecer de approvação superior, executando-se desde logo pelo Director as medidas que forem da competencia da Academia.

§ unico. O Conselho de Lentes fiscalisará as contas da despeza da Academia, que lhe deverão para isso ser apresentadas no fim de cada anno pelo respectivo Secretario.

Art. 3.º As despezas, e vencimentos dos Lentes, Professores, e mais Empregados da Academia são d'ora em diante regulados pela Tabella, que baixa com este Decreto, assignada pelo Secretario d'Estado dos Negocios do Reino.

Art. 4.º Ficam suprimidos na Academia todos os Empregos que não forem designados na Tabella, de que falla o Artigo precedente.

Art. 5.º São revogadas todas as disposições em contrario. O Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, assim o tenha entendido, e faça executar. Palacio das Necessidades, em dezenove de Outubro de mil oitocentos trinta e seis. — RAINHA. — *Manoel da Silva Passos.*

*Tabella das despezas, e vencimentos dos Lentes, Professores, e mais Empregados da Academia do Commercio, e Marinha da Cidade do Porto, a que se refere o Decreto desta data.*

**3 Lentes de Mathematica a 500\$ réis**

cada um.....	1:500\$000
<b>2 Substitutos a 350\$.....</b>	<b>700\$000</b>
<b>1 Lente de Commercio a 500\$.....</b>	<b>500\$000</b>
<b>1 Substituto dito a 350\$.....</b>	<b>350\$000</b>
<b>1 Lente da Cadeira de Agricultura, á qual se ha de annexar a Cadeira de Botanica, e a Direcção do Jardim Botanico a 500\$.....</b>	<b>500\$000</b>
<b>1 Substituto a 250\$.....</b>	<b>250\$000</b>
<b>1 Lente de Filosofia Racional e Moral a 500\$ .....</b>	<b>500\$000</b>
<b>1 Substituto a 350\$.....</b>	<b>350\$000</b>
<b>1 Lente de Desenho a 500\$.....</b>	<b>500\$000</b>
<b>1 Substituto a 350\$.....</b>	<b>350\$000</b>
<b>1 Professor de Lingoa Ingleza a 400\$.</b>	<b>400\$000</b>
<b>1 Substituto a 250\$.....</b>	<b>250\$000</b>
<b>1 Professor de Lingoa Franceza a 400\$</b>	<b>400\$000</b>
<b>1 Substituto a 250\$.....</b>	<b>250\$000</b>
<b>1 Professor de Primeiras Letras a 250\$</b>	<b>250\$000</b>
<b>1 Substituto a 150\$.....</b>	<b>150\$000</b>
<b>1 Mestre de Manobra Naval a 300\$..</b>	<b>300\$000</b>
	<hr/>
	<b>7:500\$000</b>

	Transporte	7:500\$000
1 Secretario da Academia a 250\$....		250\$000
1 Bibliothecario, que servirá nos impec- dimentos do Secretario da Acad- emia, a 250\$.....		250\$000
1 Guarda Mór, e Fiel da Academia a 240\$.....		240\$000
6 Guardas subalternos a 146\$ réis cada um .....		876\$000
2 Serventes a 73\$ réis cada um.....		146\$000
Gratificação ao Lente que servir de Director, 200\$.....		200\$000
Gratificação para os Lentes Substi- tutos quando regerem as Cadeiras, 100\$ .....		100\$000
Expediente ordinario da Academia, 400\$.....		400\$000
Premios dos Estudantes, 480\$....		480\$000
Aluguer de casas enquanto a Aca- demia se não estabelece no Edifi- cio que lhe pertence, 200\$.....		200\$000
Rs.....		<u>10:642\$000</u>

Palacio das Necessidades, em 19 de Outubro de  
1836.

*Manoel da Silva Passos.*

<b>Importa a Tabella anterior .....</b>	<b>10:642\$000</b>
<b>Era a despeza antiga.....</b>	<b>13:209\$200</b>
<b>Economia .</b>	<b><u>2:567\$200</u></b>

(Collecção de Leis, anno 1836, pag. 56).



# SECÇÃO DE VARIEDADES



# PROJECTO DE REFORMA

DO

## CURSO SUPERIOR DE COMMERCIO

DA

### ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO

APROVADO EM SESSÃO DO CONSELHO ACADEMICO  
DE 31 DE JULHO DE 1877, E ENVIADO DE OFFICIO AO MINISTERIO  
DO REINO, PELA DIRECÇÃO GERAL DE INSTRUCCÃO PUBLICA,  
EM DATA DE 29 DE DEZEMBRO DE 1877

---

Breve noticia ácerca d'algumas escolas de commercio estrangeiras, e do curso de commercio em Lisboa

O conhecimento de institutos de instrucção commercial de varias nações tornará evidentes as lacunas do curso superior professado na Academia Polytechnica do Porto, e permittirá julgar da necessidade de o reformar. Por isso elaboramos esta noticia. Começamos o nosso trabalho por algumas escolas francezas.

## I

*Escola superior de commercio de Paris.* Foram seus fundadores Casimiro Périer, Jacques Laffitte, Chaptal e outros. Desde 1869 é administrada pela camara de commercio de Paris. Tem por fim formar negociantes, banqueiros, administradores, diretores, empregados de estabelecimentos industriaes e commerciaes; convém principalmente áquelles que desejam seguir o commercio, ou entrar nos lugares de administração ou finanças, e nos consulados. O ensino comprehende: escripta, arithmeticá theorica e prática, contabilidade, francez, inglez, allemão, hespanhol, italiano, geographia, historia, litteratura comparada, correspondencia commercial, algebra, desenho linear applicado ás machinas e á architectura, desenho de ornato, physica applicada, mecanica, chimica industrial, technologia, estudo das materias primas, do commercio e da industria, historia do commercio, geographia commercial, economia politica, direito commercial e maritimo, legislação industrial.

Tem o nome de escriptorios as tres divisões da escola. O curso é triennal, e conforme o seguinte quadro:

1.º ANNO — *Primeiro escriptorio.* Aperfeiçoamento da letra; estudo da historia, da geographia, e da arithmeticá; primeiras noções de contabilidade; elemen-

tos de chimica e physica; desenho; noções geraes e mais necessarias de direito; principios de allemão, francez e inglez. (Os francezes profundam o estudo da sua lingua; os alumnos d'outras nações, em geral, aprendem francez).

2.<sup>o</sup> ANNO—*Segundo escriptorio.* Continuação de alguns estudos do 1.<sup>o</sup> anno; exemplos de correspondencia mercantil; litteratura franceza; applicação da arithmetic e da algebra á todas as operações de commercio e de banco; theoria e prática da contabilidade em todas as suas partes; geographia commercial e historia do commercio; estudo do codigo de commercio; linguas estrangeiras; chimica; physica; estudo das materias primas; desenho linear e de ornato.

3.<sup>o</sup> ANNO—*Terceiro escriptorio.* Comprehende especialmente a chimica analytica applicada ao estudo das mercadorias e á investigação das falsificações; applicações numerosas da contabilidade do commercio, ao banco e á industria; cambios e arbitrios; elementos de mecanica applicada ao commercio, á industria, ao material dos portos, dos caminhos de ferro, e das docas; technologia das principaes industrias; direito commercial e maritimo; economia politica; historia litteraria; linguas estrangeiras.

O 1.<sup>o</sup> anno pôde dizer-se preparatorio; é até permitido que, sem o terem frequentado, se matriculem immediatamente no 2.<sup>o</sup> os mancebos que, sendo

pelo menos de 16 annos, estejam convenientemente preparados.

Esta Escóla procura dotar os alumnos com theoria sufficiente, e sobretudo exercitá-los bem no tracto dos negocios; como o estudo práctico merece muito a nossa attenção, detenhamo-nos um pouco em examinar o que ministra a Escóla de Paris.

Ha um museu d'amostras para o estudo das matérias primas do commercio e da industria. Os alumnos exercem-se em observações microscopicas proprias a conhecer se estão falsificados varios produtos. No laboratorio de chimica procedem a trabalhos de analyse. A's quintas-feiras, desde a  $\frac{1}{2}$  hora até ás 5 horas da tarde, os estudantes do 3.<sup>º</sup> anno visitam os mais notaveis estabelecimentos commerciaes, e fabrís, tanto de Paris, como de Gentilly, Crêteil, Saint-Denis, Puteaux, Noisiel, Bas-Meudon, Clichy, Corbeil, Meaux, Creil, Saint-Ouen, Viroflay e Choisy-le-Roi. Durante uma semana, visitam os importantes estabelecimentos do norte, em Lille, Roubaix, Tourcoing, Saint-Quentin, Chauny e Saint-Gobain. O professor de technologia acompanha os alumnos, os quaes tomam notas e fazem esboços a fim de elaborarem relatorios, que constituem uma prova no exame de technologia. Saltam aos olhos as vantagens d'esta instruccion práctica: o estudante habitua-se a observar, a inquirir, a meditar, e a escrever. Ficam-lhe melhor gravados na memoria os grandes factos da

industria e do commercio. Familiarisa-se com o escriptorio e com a officina. Vê uma parte importante dos monumentos do trabalho existentes na França. Comprehenderá melhor o que houver lido ou escutado a respeito d'elles. Ao deixar a escóla poderá sem receio alistar-se nos exercitos da industria ou do commercio, e tomar parte na vida publica.

E' tambem no 3.<sup>º</sup> anno que os alumnos applicam do modo mais concreto que é possivel em estabelecimentos d'esta ordem, todas as noções atéhi adquiridas. Simulam operações commerciaes, industriaes e financeiras tractadas nas seguintes praças: Paris, Londres, Hamburgo, Genova, e Buenos-Ayres. Formam tantos grupos quantos são as praças; cada grupo muda de praça; percorre-as todas durante o anno escolar; fica, pois, conhecendo sufficientemente o commercio d'ellas. Tambem os alumnos estabelecem agencias maritimas e commerciaes, e uma casa de commissão e consignação. Assim, cada um d'elles abre e fecha livros de variados negocios, compra e vende mercadorias, faz seguros, tracta do armamento de navios, e, finalmente, examina variadissimas questões d'alcance práctico. Recebendo a Escóla jornaes de muitas praças, os quaes publicam os preços correntes, os estudantes habituam-se nos negocios simulados a empregar este importante elemento real.

O proprio ensino das linguas toma a feição que deve ter n'um curso de commercio; já no 1.<sup>º</sup> anno

são dictadas cartas sobre assumptos commerciaes em inglez; no 2.<sup>º</sup> anno estudam-se n'esta mesma lingua os termos de commercio, e escrevem-se facturas e outros documentos. Na classe de allemão tracta-se das moedas, pezos e medidas, direitos da alfandega, e formalidades administrativas, concernentes ao commercio e á industria na Allemanha. No 3.<sup>º</sup> anno faz-se uso exclusivo da lingua que se aprende: na de allemão estudam a historia e a geographia commercial da Allemanha, os tratados de commercio, a importação e a exportação; finalmente fazem relatorios sobre operações commerciaes, financeiras e marítimas. São quasi iguaes os trabalhos da aula de italiano e de hespanhol.

As lições duram uma hora, ou hora e meia. Ha examinadores especiaes que diariamente interrogam certo numero de discipulos ácerca dos principaes ramos do ensino. Ha exames trimensaes. No fim do anno um jury formado de membros do conselho de aperfeiçoamento confere aos dois melhores discipulos do 3.<sup>º</sup> anno uma medalha d'ouro e outra de prata (1.<sup>º</sup> e 2.<sup>º</sup> premio d'honra); e aos mais dignos alunos dos outros annos são conferidas medalhas de prata e de bronze dadas á escola pelo governo e pela Camara de Commercio. Os alumnos que terminam o curso e ficam approvedos, recebem um diploma de capacidade assignado pelo ministro de agricultura e de commercio. Os que não podem alcançar este ti-

tulo recebem um certificado de estudos assignado pelo presidente da Camara de Commercio.

O seguinte quadro, composto segundo o programma do corrente anno lectivo, indica as cadeiras e o numero.

CADEIRAS	LIÇÕES		
	1.º anno	2.º anno	3.º anno
Arithmetica . . . . .	110	—	—
Contabilidade . . . . .	106	110	—
Geographia . . . . .	45	—	—
Legislação usual . . . . .	45	—	—
Historia . . . . .	45	—	—
Physica . . . . .	72	36	36
Chimica . . . . .	36	—	—
Historia natural . . . . .	36	36	—
Francez . . . . .	108	72	—
Inglez . . . . .	108	105	105
Allemão . . . . .	95	105	95
Desenho linear e de ornato. . . . .	75	75	75
Escripta . . . . .	105	75	75
Arithmetica e algebra. . . . .	—	95	—
Correspondencia commercial . . . . .	—	12	—
Geographia commercial . . . . .	—	72	72
Historia commercial . . . . .	—	36	36
Materias primas e artigos de com- mercio . . . . .	—	45	45
Hespanhol ou italiano. . . . .	—	75	75
Calculo de banco e operações finan- ceiras . . . . .	—	—	105
Commercio . . . . .	—	—	75
Economia politica . . . . .	—	—	36
Legislação fiscal e aduaneira . . . . .	—	—	36
Chimica organica applicada . . . . .	—	—	36
Mecanica industrial . . . . .	—	—	36
Technologia . . . . .	—	—	45
Direito commercial e legislação in- dustrial. . . . .	—	36	36
	986	985	1:019

A escola é um internado. Recebe porém alumnos semi-internos desde outubro de 1873. Os internos pagam 2:000 fr. pelos mezes de outubro a julho, além da despeza com livros, papel, etc. Os semi-internos almoçam na escola, seguem os cursos desde as 8  $\frac{1}{2}$ , da manhã até ás 5 da tarde; pagam 1:000 fr. por anno escolar, 15 fr. de taxa de admissão, 5 fr. para a bibliotheca, e 5 para o serviço da Escola.

*Escola do Havre.* Nos ultimos annos a França tem feito efficazes esforços para melhorar e diffundir o ensino commercial. Em 1871 foram estabelecidas as escolas superiores do Havre e de Rouen; em 1872 as de Marselha e Lyon. Todas nasceram da iniciativa particular.

A do Havre pertence a uma sociedade civil *anonyma*, cujo capital é de 220:000 fr. ou 39:600/000 reis. O curso é biennal; ha, porém, alli um curso preparatorio, frequentado pelos mancebos que se não julgam habilitados para o exame de admissão; d'este exame são dispensados os bachareis em letras e em sciencias. O exame do 1.<sup>º</sup> anno é feito perante uma commissão composta do director, de professores da escola e de membros do conselho administrativo. No fim do 2.<sup>º</sup> anno o exame versa sobre todas as materias do curso. Os alumnos são frequentemente interrogados em cada classe, e fazem exercícios por escripto no fim de cada trimestre. As horas de aula por semana são as seguintes:

CURSO PREPARATORIO		CURSO SUPERIOR		ANNO
Hespanhol, allemão ou italiano . . . . .	3	Escriptorio commercial	12	1. <sup>o</sup> 2. <sup>o</sup>
Arithmetica e algebra . . . . .	7	Geographia . . . . .	4	12 12 3
Inglez . . . . .	4	Mercadorias e materias primas . . . . .	3	3 3
Physica . . . . .	2	Legislação commercial e economia politica . . . . .	2	2 2
Geographia . . . . .	2	Armamento de navios . . . . .	—	2
Historia . . . . .	1	Calligraphia . . . . .	2	1
Escripta . . . . .	3	Inglez . . . . .	4	4 4
Francez . . . . .	3	Allemão, hespanhol, ou italiano . . . . .	3	3 3
Geometria . . . . .	2			
Litteratura . . . . .	1			
	28			30 30

Além d'estas horas de aula, ha 16 para estudos cada semana. O anno escolar é de dez mezes (outubro-julho). A escola é um externado. O preço no curso preparatorio é de 40 fr. por mez. No curso superior, 600 fr. por anno. A entrada é ás 8 h. e a sahida ás 6.

O escriptorio commercial, da mesma sorte que em Paris, é uma das partes mais notaveis da Escola. No 1.<sup>o</sup> anno, conforme diz o prospecto, ensinam-se as noções elementares de commercio e de contabilidade, desde o calculo pratico, a factura, a conta de venda, effeitos de commercio, desconto, contas correntes e de juros, etc., etc., até á escripturação de todos os livros do negocio. No 2.<sup>o</sup> anno os discipulos fazem balanços e inventarios. Familiarisam-se com as operações de cambios e arbitrios, preço do

custo, usos do commercio nos principaes paizes do mundo, etc. Adquiridas estas noções, simulam estabelecimentos na França e no estrangeiro, redigem e remettem cartas de negocio ; tractam e concluem operações commerciaes e financeiras nos pezos, nas medidas e moedas dos diferentes povos. O estudo das mercadorias é feito nas docas, e nos armazens geraes. E' quasi escusado dizer que o ensino das linguas é de modo que os alumnos as fallam e n'ellas escrevem.

Segundo o relatorio do conselho de administração, lido na assembléa geral de 14 d'outubro de 1875, todos os alumnos que n'esse anno obtiveram diploma de curso completo acharam immediata colocação em casas importantes. As contas de 1875-1876 mostraram um *deficit* igual a 4:772 fr. 64 ; mas 3:405 fr. 60 foram empregados em acabar d'amortisar os gastos de installação ; o *deficit* de 1874-1875 havia excedido aquelle em 2:490 fr. 31. Parece, pois, que esta escola, apesar de recente, já pôde sustentar-se a si propria.

*Escola de Rouen.* A respectiva sociedade tem o capital de 250:000 fr. O curso é de 2 annos ; hâ tambem um curso preparatorio que dura um anno escolar. O ensino é retribuido, e similhante ao do Havre, havendo porém uma aula em que principalmente se estudam as relações do commercio com os caminhos de ferro ; por ex.: os diferentes syste-

mas de classes e categorias de mercadorias adoptadas pelas diversas emprezas, vantagens d'empregar uma ou outra tarifa, etc. O tempo de presença é de 9 horas. Entrada ás 7  $\frac{1}{2}$  da manhã no verão, e ás 8 no inverno. Cada aula dura 1 hora ou 1  $\frac{1}{2}$ ; só por excepção dura 2. O anno escolar é de 10 meses. A escola de Rouen é tambem industrial.

*Escola de Marselha.* A distribuição do tempo e o quadro do ensino constam das seguintes linhas:

1.º ANNO (PREPARATORIO)		ANNO	
Calligraphia . . . . .	4	2.º 2.	
Francez . . . . .	5	3 1	
Arithmetica geral. . . .	6	9 12	
Sciencias mathematicas e naturaes applicadas ao commércio <sup>1</sup> . . . .	3	3 3	
Chimica e Physica . . .	3	Geographia commercial. . . . .	3 3
Cosmographia e geografia geral. . . . .	3	Legislação e economia politica. . . . .	3 3
Primeiras noções d'escri- pturação. . . . .	1	Armamentos mariti- mos . . . . .	2
Inglez . . . . .	5	Conferencias . . . . .	2
	30	Escripta . . . . .	3 2
		Inglez. . . . .	5 4
			29 32

Ha tambem cadeiras d'arabé, grego moderno, allemão, hespanhol e italiano; mas é facultativo o seu estudo.

<sup>1</sup> Elementos d'algebra e de geometria; noções de agri-mensura, medidas de volumes, primeiras noções de mecanica, de zoologia, botanica e geologia.

Os alumnos do 3.<sup>o</sup> anno dividem-se em grupos no escriptorio commercial. Cada grupo simula uma casa de commercio ou de banco, já em sociedade collectiva, já anonyma. Segundo a praça em que por hypothese se estabelecem, assim fazem uso de umas ou outras medidas, d'uma ou outra lingua, etc. Cada grupo tem de passar annualmente por tres casas, adquirindo assim instrucção muito variada.

Na aula de mercadorias ha uma collecção d'amostras e um laboratorio para analyses chimicas. Os alumnos visitam fabricas e armazens acompanhados do respectivo professor. Os que frequentam a aula d'armamentos maritimos vão a bordo dos navios de vela e a vapor, que melhor representem os progresso da construcção naval. Estas visitas são ás quintas-feiras depois das 2 horas, e costumam durar até ás 6.

Segundo a distribuição do tempo no corrente anno lectivo, as conferencias são ás quartas feiras, das 4 ás 6 horas. A seu turno, cada terceirannista tracta questões de contabilidade, geographia commercial, economia politica e legislação; tem de fallar perante condiscipulos e professores. Pode servir-se de notas, mas não lêr discurso. Cada quarta feira fallam 12 estudantes.

Os preços são: 400 fr. no 1.<sup>o</sup> anno; 600 no 2.<sup>o</sup>; e 800 no 3.<sup>o</sup>. A escola é d'externos; mas encarrega-se de procurar casas convenientes para os alum-

nos, que, formando assim uma classe de quasi internos, pagam 1:800, 1:900, e 2:000 fr. no 1.<sup>º</sup>, 2.<sup>º</sup>, e 3.<sup>º</sup> anno.

A entrada geral é ás 8 horas e a sahida ás 6. Ha na escola um restaurante, com preços fixos, para os alumnos cujas familias residam fóra da cidade.

Ha exames semânaes, trimensaes, e annuaes. Os diplomas de capacidade são conferidos no fim do curso, quando os valores alcançados no exame de 3.<sup>º</sup> anno e final são iguaes a 140 pelo menos. Formam-se estes valores segundo uma escala de notas e de coeffientes; os mais altos coeffientes pertencem á arithmetica e ao escriptorio commercial.

Os alumnos ouvintes pagam 400 fr. no 1.<sup>º</sup> anno, 600 no 2.<sup>º</sup> e 800 no 3.<sup>º</sup>. O conselho administrativo fixa o numero dos que podem ser admittidos. O ouvinte não recebe diploma nem faz exame.

D'esta escola sahiu para professor de sciencias commerciaes em Bordeus um alumno que era repetidor no escriptorio commercial. A escola grega de Kalki (Constantinopla) enviou ha dois annos á de Marselha o seu melhor discipulo, que agora deve ir para aquella parte da Turquia ensinar as materias proprias do escriptorio commercial.

Além dos recursos proprios, a escola superior de Marselha recebe da camara de commercio a subvenção de 5:000 fr.

*Escola de Lyon.* E' similarante á do Havre; mas

tem uma aula especial em que se estudam os deveres do negociante; eis alguns pontos do programma: Deveres geraes e especiaes dos empregados do negociante; deveres do negociante para consigo mesmo, com os caixeiros, associados, collegas, committentes, devedores, credores, e a familia; deveres da familia para com elle e os credores; deveres dos commanditarios e conselhos fiscaes sob o ponto de vista moral, e finalmente regras de prudencia no exercicio do commercio.

A entrada é ás 8 horas, e a sahida ás 5. A retribuição escolar é de 500 fr. no anno preparatorio, e de 600 nos dias seguintes.

*Instituto de Lille.* Tem o nome de Instituto Industrial, Agronomico, e Commercial do Norte da França. O curso de commercio é de 2 annos. No 1.<sup>º</sup> estudam-se as mathematicas elementares (arithmetica, noções d'algebra e de geometria, complementos, e exercicios d'applicação); noções summarias de physica, chimica e historia natural; curso elementar de contabilidade; estudo das materias primas e dos productos manufacturados; geographia commercial e industrial; principios geraes de direito; allemão e inglez. Ha tambem o ensino facultativo de italiano e hespanhol.

No 2.<sup>º</sup> anno estudam-se: o curso superior de commercio e de contabilidade; economia politica; direito commercial; complemento de curso de mate-

rias primas e productos e do de geographia ; historia do commercio ; legislação fiscal e aduaneira ; hygiene, inglez e allemão. Pode completar-se n'este anno o estudo do hespanhol ou do italiano.

Ha os seguintes exercicios prácticos :

*Em calligraphia.* Uma hora semanal no 1.º anno.

*No escriptorio commercial.* Cinco exercicios semanaes de 2  $\frac{1}{2}$  sobre escripturação, documentos commerciaes, operações simuladas.

*Em desenho de imitação e esboços.* Uma lição de 2 horas por semana.

*Em manipulações.* Lição semanal de 2 horas consagrada á prática dos processos mais rapidos para conhecer o grau de pureza das mercadorias mais sujeitas a sophisticações.

*Excursões.* No verão dedica-se uma tarde de cada semana a visitar estabelecimentos em que os discípulos encontram productos de toda a especie ; redigem e apresentam nota resumida das observações que fizeram.

Ha tambem interrogações periodicas fóra dos cursos, a fim de conhecer o estado dos alumnos e familiarisal-os com as provas do exame.

São imediatamente admittidos á matricula do 1.º anno os candidatos que sejam bachareis em letras ou sciencias, ou que tenham o curso do ensino secundario especial. Os demais candidatos fazem exame de admissão, o qual tem por objecto a lingua

franceza, a arithmetic elementar e o systema métrico, a geographia physica e politica das cinco partes do mundo, e especialmente a da França.

Os alumnos passam onze horas por dia no Instituto, dez das quaes são destinadas ao trabalho: d'estas dez,  $2\frac{1}{2}$  são para os cursos oraes,  $2\frac{1}{2}$  para trabalhos prácticos, e 5 para estudos facultativos e de desenho. Uma hora é destinada ao jantar n'um restaurante do Instituto. O preço dos jantares é de 30 fr. por mez. As despezas do ensino são 400 fr. annuaes. As aulas abrem-se na 3.<sup>a</sup> semana d'outubro, e fecham-se na 1.<sup>a</sup> quinzena d'agosto. O instituto, embora seja para externos, estabeleceu em terreno contiguo um pensionato, em que os seus alumnos são admittidos por 600 fr. cada anno.

Sendo o Instituto tambem industrial e agronomico, aproveitam-se para o curso de commercio algumas cadeiras das outras secções; taes são as de mathematicas elementares, geographia industrial e commercial, direito, economia politica, direito commercial, inglez e allemão.

O Instituto foi fundado pelo departamento do Norte e pela cidade de Lille. O ministerio de commercio dá-lhe uma subvenção de 10:000 fr. O departamento contribue com  $\frac{3}{4}$ , e a cidade com  $\frac{1}{4}$  das despezas não cobertas pela subvenção e pelas retribuições pagas pelos alumnos.

*Escola de Bordeus.* Esta escola superior de

commercio e industria foi aberta aos 3 de novembro de 1874. Segundo o seu orçamento de 1875, contribuem para ella: a cidade de Bordeus com 30:000 fr.; o Conselho Geral com 5:000; e a camara de commercio com 20:000. A municipalidade pôz á disposição d'ella um edificio que custou 500:000 fr. e auxiliou com 54:000 a compra de mobilia. Graças a estes valiosos auxilios, a retribuição escolar foi fixada em 200 fr. Antes de fundada a escola, o director d'ella (M. J. Mariès, engenheiro civil, e antigo alumno da Escóla Central d'Artes e Manufacturas, o qual obteve aquelle lugar por concurso) estudou as escolas de commercio e de industria tanto na França como na Belgica, e apresentou á commissão promotora um relatorio que contém valiosos esclarecimentos.

O exame de admissão versa sobre lingua francesa, geographia, arithmetic, elementos de geometria, e uma lingua viva (alemão, ou inglez ou hespanhol). O exame do 1.<sup>º</sup> anno é de todas as matérias ensinadas n'elle. O de 2.<sup>º</sup> anno comprehende provas sobre todas as partes do curso geral. Ha também interrogações mensaes, e exames trimensaes. A escola tem gabinetes de physica e chimica, museu de matérias primas e productos manufacturados, assim como bibliotheca, e museu naval.

Da mesma sorte que nos estabelecimentos que já estudamos, os trabalhos do escriptorio commercial

habitam os alumnos a conhecer o mundo mercantil na sua realidade.

A distribuição do tempo no 1.º semestre do corrente anno lectivo pouco differiu da que foi adoptada pela commissão promotora, o que é a seguinte:

	1.º ANNO		2.º ANNO	
	1.º sem.	2.º sem.	1.º sem.	2.º sem.
Inglez, alemão, hespanhol	2	2	2	2
2 d'estas línguas a escolher	2	2	2	2
Lingua franceza	2	2	—	—
Arithmetica, calculo mental	2	2	—	—
Geographia commercial e industrial	2	2	3	3
Physica	3	3	—	—
Chimica	3	3	—	—
Economia politica	—	2	2	2
Calligraphia	2	2	—	—
Productos commerciaes	3	3	—	—
Direito commercial	2	2	3	3
Escriptorio	11	10	12	12
Exercicios diversos (manipulações, excursões, composições, exames, estudos)	10	9	12	12
Armamento de navios			2	2
Analyse chimica das mercadorias			4	4
Historia do commercio e estatistica			2	2
	44	44	44	44

Exposta assim a organização das escolas superiores de commercio na França, procuremos ainda outros exemplos instructivos n'outras nações. Estude-

mos o Instituto de Antuerpia, a Escóla de Veneza e a Academia de Vienna d'Austria.

## II

*Instituto Superior de Commercio na Antuerpia.*  
Foi fundado por decreto de 29 d'outubro de 1852.  
O ministro do interior approvou o actual regulamento em 23 d'agosto de 1872.

O ensino é dividido em theorico e práctico:

*a) Theorico* :— Historia geral do commercio e da industria; geographia commercial e industrial; economia política; noções geraes d'estatistica; direito commercial e maritimo comparado; principios de direito das gentes nas suas relações com o commercio; legislação alfandegaria da Belgica e das principaes nações; construcções e armamentos maritimos; analyse dos productos naturaes e fabricados, elementos de chimica commercial; flamengo, inglez e italiano.

*b) Ensino práctico* : Operações commerciaes de toda a especie no escriptorio commercial; arithmetica mercantil; escripturação de livros e correspondencia nas línguas ensinadas no Instituto. O laboratorio, o museu d'amostras de productos naturaes e fabricados, tanto nacionaes como estrangeiros, auxiliam o ensino práctico. Para este museu concorre o governo com amostras remettidas pelos agentes consulares e diplomaticos.

No Instituto ha tambem uma bibliotheca.

O curso é de dois annos. As horas semanaes de estudo são as seguintes no corrente anno lectivo:

	1.º ANNO	2.º ANNO
Escriptorio . . . . .	12	12
Arithmetica commercial . . . . .	3	3
Flamengo . . . . .	2	2
Allemão . . . . .	3	3
Productos commerciales . . . . .	2	2
Chimica commercial . . . . .	1	—
Hespanhol ou italiano . . . . .	3	3
Geographia commercial . . . . .	3	—
Direito (noções geraes) . . . . .	1	—
Economia politica . . . . .	2	—
Construções marítimas . . . . .	—	1
Direito commercial . . . . .	—	2
Historia do commercio. . . . .	—	2
Legislação aduaneira . . . . .	—	1
Inglez . . . . .	3	3
	35	34

Para ser admittido é preciso ser approvado no exame de admissão, o qual versa sobre as seguintes matérias :

- a) Composição de francez, traduccão de francez em inglez e allemão.
- b) Geographia.
- c) Principios de historia universal (segundo *Brognet* — *Histoire ancienne*, *Des Michels* — *Histoire du Moyen-âge* — *Th. Juste* — *Histoire moderne*.)

*d) Arithmetica, suas applicações ao commercio; escripturação.*

*e) Elementos d'algebra (Bourdon) e geometria (os 4 primeiros livros de Legendre).*

*f) Noções elementares de physica (segundo Ganot) e chimica (Regnault, primeiros elementos).* São dispensados d'este exame os candidatos aprovados na primeira classe profissional de qualquer atheneu belga, ou d'outro estabelecimento legalmente igualado aos atheneus, ou os que tiverem certidão de *prima nos* Gymnasios da Allemanha, ou que por outro qualquer documento se mostrarem aptos para receberem o ensino no Instituto.

Como, porém, pôde succeder muitas vezes que desejem matricular-se mancebos que não possuam nenhum d'esses titulos, nem habilitações sufficientes para supportarem desde logo o exame de admissão, ha no Instituto um curso preparatorio que principia pela Paschoa e finda em 15 d'agosto.

O exame de admissão é sobre prova escripta e prova oral. A 2.<sup>a</sup> comprehende os elementos d'algebra e geometria, e os principios de physica e chimica. As respostas por escripto são dadas dentro de seis horas; o exame oral dura pelo menos meia hora. Não é lícito aos examinandos servirem-se de notas ou livros, á excepção de diccionarios de linguas e taboas de logarithmos. O jury pôde dispensar o exame oral quando o exame escripto é causa

sufficiente de reprovação. Sendo onze os ramos de conhecimentos sobre que recáem as provas, cada qual é representado por 10 pontos, á excepção da traducción ingleza, e allemã, que só entram com 5 no quadro dos valores. Não é admittido quem não alcança pelo menos 60.

O curso preparatorio do Instituto compõe-se das seguintes materias professadas no tempo que vae indicado:

	Horas por semana		Horas por semana
Francez . . . . .	3	Escripturação . . . . .	3
Allemão. . . . .	3	Arithmetica . . . . .	3
Inglez . . . . .	3	Algebra . . . . .	2
Historia . . . . .	3	Geometria . . . . .	2
Geographia. . . . .	3	Physica. . . . .	2
		Chimica . . . . .	2

No exame de passagem para o 2.<sup>º</sup> anno a prova escripta é feita em 9 horas; a oral dura 3 pelo menos. No quadro de valores figuram com 15 os *negocios commerciaes*, de que se tem tractado no escriptorio. Todas as outras materias entram com 10, cada uma, ou com 5. A geographia commercial e industrial, a economia politica, a estatistica e os productos commerciaes são as unicas que contribuem com 10. O total é de 150; o candidato deve attingir 90 pelo menos. Ambas as partes do exame (em cada uma das quaes é de 75 o maximo de valores) versam sobre as mesmas materias.

Os exames de sahida são feitos perante 7 professores nomeados pelo ministro do reino. Tanto n'estes como nos do 1.º anno, os alumnos que não frequentaram o escriptorio do Instituto são obrigados a apresentar certidão de se haverem assiduamente applicado á prática do commercio no escriptorio de qualquer negociante de Antuerpia. Os cadernos de apontamentos tomados pelos alumnos em todas as aulas, assim como a tabella das faltas, são elementos de apreciação presentes ao jury.

O curso de productos commerciaes é feito em face das amostras respectivas. Fazem-se operações de chimica applicada ao commercio ; e o professor tem á sua disposição um ou mais ajudantes.

O curso de construções e armamentos maritimos é publico e gratuito. O professor acompanha os discípulos em visitas aos estaleiros e aos navios fundeados no porto.

O escriptorio commercial é dirigido por um chefe e dois subchefs. Os professores d'alemão, inglez, flamengo, italiano e hespanhol revêem a correspondencia. Além dos documentos ministrados pela Bolsa d'Antuerpia, recebe tambem o escriptorio noticias commerciaes de Londres, Liverpool, New-York, Havana, Rio de Janeiro, Buenos-Ayres, Valparaizo, Sydney, India, China, Odessa, Hamburgo, Amsterdam, Havre, etc. Os alumnos recebem estes documentos escriptos nas linguas professadas no Institu-

to, e fazem uso d'elles nos seus trabalhos escolares. Demais, numerosos commerçiantes e corretores de Antuerpia lhes ministram esclarecimentos; e a biblioteca recebe folhas commerciaes das primeiras praças do mundo. As visitas aos estabelecimentos mercantis e ás manufacturas assim d'Antuerpia como de seus arredores, fortalecem a instrucção dos estudantes. O ensino das linguas vivas serve para que elles as fallem, as escrevam, adquiram noções sobre o commercio dos respectivos povos, e conheçam bem a terminologia mercantil.

As preleccões podem ser feitas segundo um compendio, ou conforme um summario redigido pelo professor e distribuido pelos discípulos. Crêmos que o segundo sistema é o mais seguido. Não é permittido dictar as lições.

E' de 25 fr. a taxa de matricula geral; pagam, porém, só 5 os alumnos que frequentam menos de 5 cursos. No 1.<sup>o</sup> anno pagam-se 200 fr.; no 2.<sup>o</sup> 250; e 100 no escriptorio commercial.

Quem não pretende fazer exame pôde matricular-se em qualquer curso por 30 fr.

As despezas do Instituto estão a cargo do governo e da cidade de Antuerpia; a cidade paga pelo menos a quarta parte, além de dar e conservar tanto a casa como o material. Os professores recebem ordenados fixos, e parte do producto das matriculas segundo as horas d'aula e a hierarchia das disciplinas.

Quando Mr. Baudoin (que visitou e admirou esta escola de commercio) escreveu o seu conhecido relatorio ácerca do ensino primario e especial, disse que não conhecia em França estabelecimento que a igualasse; e contudo já Paris teve o seu notavel instituto fundado por Laffite, etc. Accrescentava, porém, que apesar da importancia de Antuerpia, um dos mais bellos portos da Europa, — o Instituto viria a cahir, por não receber do governo os subsídios necessarios ao desenvolvimento digno do plano sobre que foi organizado. Mr. Baudoin escreveu em 1865; crêmos que os factos posteriores antes desmentem do que confirmam essa desanimadora apreciação. Os directores das escolas do Havre, de Rouen, de Lille, e de Marseille estudaram o Instituto de Antuerpia como podendo instruir os sobre a melhor organisação do ensino commercial. Em 1874 eram 140 os seus alumnos, 87 dos quaes frequentavam o escriptorio commercial, sendo 27 do 2.º anno e 60 do primeiro. Por informação particular do actual director sabemos que muitos de seus discípulos estão á frente de casas de commercio, ou associados a firmas importantes; e o desenvolvimento que tem tido Antuerpia assegura ao Instituto a sua manutenção e o seu progresso.

Findamos estas noticias ácerca de tão importante escola commercial com o quadro dos valores para os exames de saída :

	Exame oral	Exame escripto
Negocios commerciaes . . . . .	15	15
Geographia commercial e industrial . . . . .	10	10
Economia politica e estadistica . . . . .	10	10
Historia de commercio e da industria . . . . .	—	10
Direito commercial e maritimo comparado . . . . .	10	10
Direitos das gentes em suas relações com o commercio . . . . .	—	5
Legislação aduaneira . . . . .	5	5
Productos commerciaes . . . . .	10	10
Construcções e armamentos maritimos . . . . .	—	10
Lingua franceza . . . . .	5	10
Lingua allemã . . . . .	5	10
Lingua flamenga . . . . .	5	10
Lingua ingleza . . . . .	5	10
Lingua hespanhola ou italiana . . . . .	5	10
Relatorio geral sobre a situação commercial e industrial d'uma nação . . . . .	—	40
	85	175

O diploma do curso do Instituto só é conferido a quem alcança 156; n'elle se escreverá que o alumno se houve *de modo satisfactorio*, caso não obtenha mais de 175; havendo alcançado valores desde 176 até 200, será classificado *com distincção*; se de 201, até 230, *com grande distincção*; e se de 231 para cima, com a maior distincção. O relatorio sobre a situação commercial e industrial dirá respeito a uma de tres nações que cerca de 15 dias antes dos exames são indicadas pela commissão administrativa do Instituto; a sorte determina qual seja. O relatorio deve ser feito dentro de quatro horas no dia seguinte

ao do começo do exame por escripto (para cujas provas são concedidas 9 horas). O exame oral dura pelo menos uma hora. As perguntas sobre productos commerciaes limitam-se a seis cathegorias préviamente designadas pelo candidato. Quanto aos negocios commerciaes, e ás linguas, o examinando é obrigado a simular uma ou duas transacções com correspondencia em 5 linguas se é belga, ou em 4 se o não é.

*Escola Superior de Commercio em Veneza.* Foi fundada por decreto de 6 d'agosto de 1868. E' destinada não sómente a formar commerciantes, mas tambem candidatos ao consulado, ás cadeiras de direito, economia politica e estadistica, merceologia (productos commerciaes), arithmetic mercantil e escripturação, e linguas estrangeiras nos Institutos technicos e profissionaes da Italia. Embora tenhamos por objecto estudar a organisação do ensino comercial, não é fóra de proposito escrever tambem d'essa outra parte da referida escola, por que a instruccion dada em estabelecimentos d'esta natureza pôde com effeito prestar serviços ao estado, preparando pessoal que perante nações estranhas saiba tratar de muitos interesses economicos do respectivo paiz.

Na escola de Veneza o curso de commercio é triennal; o de consul é de 5 annos; e o de professores é de 4 ou 5, segundo as cadeiras a que se destinam. Nos dois primeiros, unicos de que temos a oc-

cupar-nos, o 1.<sup>º</sup> anno é commum a ambos. Ensina-se n'elle a litteratura italiana, geographia commercial, escripturação, algebra, francez, allemão, introducção á merceologia, instituições de direito commercial e civil, calligraphia.

Ha exame de admissão; versa sobre italiano, geographia physica e politica, especialmente da Europa, historia universal, arithmetic mercantil, algebra até ás equações do 2.<sup>º</sup> grau, principios de physica e de historia natural, noções fundamentaes de escripturação por partidas simples e dobradas, e calligraphia. Podem ser dispensados do exame os candidatos que apresentarem diploma de licença dos institutos technicos industriaes e profissionaes da Italia, ou das *Realschulen* allemãs, ou da secção profissional d'um atheneu belga, ou d'um instituto de ensino especial francez. Usa-se da lingua franceza no exame de admissão de estrangeiros ainda não familiarisados com a lingua italiana.

Podem ser admittidos no 2.<sup>º</sup> anno do curso, ainda que não hajam frequentado o 1.<sup>º</sup>, os candidatos que ficarem approvados n'um exame que versará sobre todas as matérias ensinadas n'esse 1.<sup>º</sup> anno.

Além dos alumnos ordinarios ha ouvintes que podem matricular-se em qualquer aula, excepto no escriptorio commercial. A passagem d'um para outro anno não lhes é permitida sem exame do que já frequentaram. Depois da frequencia d'um anno podem

ser classificados como ordinarios, com tanto que fiquem aprovados nos exames de admissão e de passagem, e paguem as taxas devidas.

Além dos exames de passagem ou promoção, ha o exame final ou de licença para obter carta. O jury é então formado de dois membros nomeados pelo ministro de commercio, e 6 pelo conselho director, podendo dois ser professores da escola: a nomeação tem de recahir sobre membros do Instituto de sciencias, letras e artes, ou da Universidade de Padua, ou commerciantes notaveis de Veneza indicados pela Camara de Commercio.

Já dissemos qual o quadro de ensino do 1.<sup>º</sup> anno, commun aos cursos commercial e consular; eis aqui o dos annos seguintes:

*Classe Commercial — 2.<sup>º</sup> anno.* Lingua italiana, geographia commercial, escripturação, arithmetic mercantil, francez, allemão, inglez, merceologia, direito commercial, prática commercial, calligraphia.

*Classe Commercial — 3.<sup>º</sup> anno.* Lingua italiana, allemão, inglez, merceologia, direito commercial e industrial, historia do commercio, estadistica commercial, economia politica, prática commercial, arithmetic commercial.

*Classe Consular — 2.<sup>º</sup> e 3.<sup>º</sup> anno.* As mesmas matérias que na commercial, exceptuando escripturação, prática commercial, e calligraphia. Em vez d'isto, direito civil com relação ao direito internacional pri-

vado, e lingua arabe, ou outra oriental. No 3.º anno, o mesmo que na commercial, excepto prácticá de commercio, e arithmetica mercantil. Em vez d'isto, as duas materias já designadas.

*Classe Consular — 4.º anno.* Inglez, historia, principalmente a dos tratados, estadistica theorica, economia politica, direito internacional publico, direito penal, direito constitucional, processo judicial, lingua arabe, ou outra do oriente.

*Classe Consular — 5.º anno.* Historia, especialmente dos tractados, arabe ou outra lingua oriental, exercicios sobre o programma do concurso aos consulados, segundo foi organizado pelo ministerio dos negocios estrangeiros. A escola tem um museu de merceologia, um laboratorio de chimica commercial, e uma bibliotheca. Em 1873-74 o quadro do ensino foi augmentado com uma cadeira da lingua japo-neza.

Os alumnos que tenham obtido o attestado de licença podem entrar no concurso para os consulados.

Pela inscripção na escola pagam-se 50 liras; e 100 pela matricula em cada anno do curso. Os ouvintes pagam 15 liras por cadeira do 1.º anno, e 10 por cadeira dos seguintes.

Cooperaram na fundação d'este instituto o ministerio da agricultura, industria e commercio, a provincia, o municipio e a camara de commercio. A

provincia obrigou-se a concorrer com 40:000 liras, além do material scientifico ; a communa com 10:000, além do local sufficiente e o material não scientifico. O thesouro, que pelo decreto de 6 d'agosto de 1868 tinha de dar 10:000 liras, concorre com 25:900, segundo o decreto de 15 de dezembro de 1872.

Conforme diz o snr. Morpurgo na sua obra ácerca da Instrucção technica na Italia, os melhores cidadãos de Veneza, apenas lhes restituída a liberdade, recordaram-se da sua divida d'honra para com o passado, e propozeram-se a dar á Italia uma gloria não menor do que outras que a historia commemora ; essa gloria consistia em fundar uma escola que fosse uma polytechnica do commercio, agora que a restituição da liberdade coincidia com voltar para o Mediterraneo a corrente mercantil asiatico-europea. Diversos elementos já mencionados se concertaram patrioticamente para realisarem o plano da escola. Os fructos d'este trabalho tem sido excellente mente recebidos por importantes casas de commercio, quer italianas quer d'outras nacionalidades : os alumnos que saem com diploma de licença acham prompto e proficuo emprego.

As matriculas desde 1868-69 até 1874-75 teem sido :

ANNOS LECTIVOS	ALUMNOS	OUVINTES	TOTAL
1868 - 1869 . . . . .	94	18	112
1869 - 1870 . . . . .	106	29	135
1870 - 1871 . . . . .	70	33	103
1871 - 1872 . . . . .	67	30	97
1872 - 1873 . . . . .	54	18	72
1873 - 1874 . . . . .	51	21	72
1874 - 1875 . . . . .	54	17	71

Diminuiu o numero de alumnos, e o de ouvintes foi tambem inferior em 1874-1875 ao de 1868-1869; procede talvez este facto de não ser grande o numero dos mancebos com perseverança bastante para supportarem as provas a que são sujeitos alli; mas tambem é certo que no corrente anno, segundo nos informou a direcção da Escóla, é de cerca de cem o numero dos alumnos.

Os estudantes trabalham desde as 8  $\frac{1}{2}$  até ás 11  $\frac{1}{2}$  e da meia hora até ás 3  $\frac{1}{2}$ , no inverno; durante o verão principiam ás 8 e acabam ás 3, tendo tambem descanso desde as 11 até ao meio dia. As aulas começam pelo meiado de novembro; na segunda quinzena de julho principiam os exames. As férias são de 15 d'agosto a 15 de novembro. As lições duram ordinariamente uma hora, excepto a de prática de commercio que dura duas horas consecutivas.

*Escola Academica de Commercio em Vienna*

*d'Austria.* Fundada em 1858. Tem um curso de instrucción secundaria commercial, que se compõe de tres annos, e uma classe preparatoria para os alumnos que se não julgam habilitados a passar pelo exame de admissão. Eis o plano de estudos, e a distribuição do tempo :

	Curso preparatorio	Primeiro anno	Segundo anno	Terceiro anno	
Allemão . . . . .	5	3	3	2	
Francez. . . . .	5	4	3	3	
Inglez ou italiano . . . . .	—	4	3	3	
Geographia . . . . .	2	3	2	2	
Historia. . . . .	2	2	2	2	
Mathematica . . . . .	5	4	2	1	
Calculo commercial . . . . .	—	3	3	4	
Physica . . . . .	3	2	(1) 4	—	
Chimica . . . . .	—	—	3	2	
Historia natural e merceologia . . . . .	2	4	2	3	
Correspondencia e escritorio. . . . .	—	—	4	—	
Escripturação . . . . .	—	—	—	4	
Direito commercial . . . . .	—	—	(2) 4	3	
Economia politica . . . . .	—	—	—	2	
Calligraphia . . . . .	2	2	—	—	
Total das horas semanais	26	31	31	31	

São admittidos no curso preparatorio os alumnos que não poderam alcançar n'uma escola secundaria os conhecimentos indispensaveis para entrar no 1.<sup>o</sup> anno.

São admittidos á matricula no 1.<sup>º</sup> anno os que hajam sido approvados n'um sub-gymnasio, ou na quarta classe d'um gymnasio. Caso não tenham esta habilitação, podem fazer exame de admissão, o qual versa sobre lingua allemã, geographia, historia, mathematica, sciencias naturaes, francez, ou latim.

A admissão no 2.<sup>º</sup> anno exige approvação no 1.<sup>º</sup> d'uma escola secundaria de commercio, ou exame sobre as materias professadas n'elle. A admissão no 3.<sup>º</sup> anno é regulada por disposição análoga.

A taxa de inscripção é de 5 fl. e 25 kr. Cada semestre do curso preparatorio custa 50 fl., nos annos seguintes, 78 fl. e 75 kr.

Na academia viennense ha tambem os seguintes cursos superiores:— De negocio bancario; de fabrica e mercadorias; de communicações (*Communicationsnesen*). Este ultimo subdivide-se em tres: caminhos de ferro; correio; telegraphos. Cada um d'estes cursos é de dois annos. No de banco ha um estabelecimento modelo, no qual os alumnos se habituam a todas as operações que podem encontrar na prática. No plano de estudos, ha, entre outras, uma cadeira de direito civil (3 horas semanaes), uma da constituição e administração da Austria (1 hora semanal no 1.<sup>º</sup> semestre), outra de historia moderna (3 horas semanaes), e outra de finanças (3 horas semanaes no 2.<sup>º</sup> semestre). O direito commercial é ensinado em tres classes: fallencias (1 hora semanal); direito com-

mercial e cambial (4 horas) e direito cambial internacional (1 hora semanal no 2.º semestre). A economia politica faz parte de todos os cursos.

Os alumnos que pretendem diploma de qualquer d'elles, passam por dois exames: um relativo ao 1.º anno, outro ao 2.º; aquelle é oral; este é oral e escrito. Os candidatos a diploma do curso de banco e de mercadorias teem não só de apresentar o conjunto dos seus trabalhos sobre negocios simulados, mas tambem uma especie de dissertação sobre um ponto que lhes é designado. A dissertação deve estar prompta dentro de quatro semanas.

O curso de communicações é subvencionado pelas emprezas de caminhos de ferro; elles e o ministerio organisam commissões especiaes de exames n'esse turso. Os attestados d'estes exames servem principalmente para obter emprego no serviço das vias ferreas. Este curso divide-se em dois.

*a) — Inferior.* Os exames n'elle versam sobre serviço commercial, serviço de transportes, serviço telegraphico, exercicios de telegraphia, arithmethica commercial e geographia; estas duas ultimas matérias não fazem objecto do exame, quando os candidatos ainda não tenham servido nos caminhos de ferro.

*b) — Superior.* Materias de exame: Geographia e estatistica commercial; merceologia; technologia; organisação das tarifas dos caminhos de ferro; historia

dos caminhos de ferro; sua administração; legislação alfandegaria relativa ás vias ferreas; legislação civil, idem.

O exame no curso superior exige approvação no exame do curso inferior.

O curso de correios tem por objectos de ensino: legislação postal; serviço postal; geographia commercial; organisação politica e administrativa da Austria; estadistica do commercio; lingua franceza, ingleza ou italiana.

As preleccões no anno escolar de 1876-1877 eram feitas em 55 classes. O pessoal docente compunha-se, no principio d'esse anno, de 19 professores, um reitor, e um vice-reitor.

No já citado livro, o snr. Morpurgo diz assim: «A Academia commercial de Vienna é talvez a melhor escola superior de commercio que ha na Europa. Foi instituida em 1858 por iniciativa particular de uma sociedade por acções; cada acção é de 100 florins. Homens zelosos e esclarecidos, pertencentes sobretudo á classe commercial de toda a Austria, concorreram para a formação do primeiro fundo da escola, e, mais tarde, para a desenvolver e prosperar. As mais acreditadas casas de commercio, os mais importantes estabelecimentos de credito consideram como honra contribuir para o incremento da escola, quer subscrevendo novas acções, quer enviando valiosas amostras para o museu merceológico.

co. A companhia de navegação a vapor do Danubio admitte cada anno 12 alumnos e um professor da escola a viajar gratuitamente por todos os portos de escala até Constantinopla. A academia está n'um palacio, que para este fim se construiu n'um dos novos bairros de Vienna que dão sobre o *Ring*. Este edifício está avaliado no patrimonio da escola por mais de 450:000 fl. Um dos empregados superiores da casa Rothschild dirigia ha poucos annos os exercícios do banco modelo. A escola é frequentada por uns 500 alumnos ; cerca de metade são filhos de Vienna, os outros são das provincias austro-hungaras, ou do estrangeiro. Todos os annos o director da escola recebe de casas bancarias e commerciaes austriacas pedidos de alumnos ; mas é inferior aos pedidos o numero dos que obtém diploma dos respectivos cursos.»

### III

A instrucção commercial não é sómente necessaria aos que exercem a profissão de commercio : parte d'ella é indispensavel para formar boas donas de casa ; tanto basta para se conhecer e apreciar a vantagem de estabelecimentos de ensino commercial para o sexo feminino. Demais, qualquer que seja a opinião que se forme ácerca da missão da mulher na sociedade, é claro que pôde com proveito prestar servi-

ços proprios de empregados de commercio ; por isto daremos aqui breves indicações ácerca de escolas estrangeiras de instrucción commercial para o sexo feminino; escolhemos dois exemplos, devidos ambos á iniciativa particular.

Um d'elles é de Berlin. A associação *Lelte*, assim chamada por tomar o nome do seu fundador Adolph Lelte, estabeleceu um curso de commercio para meninas. Comprehende desenho, geographia, inglez, francez, arithmetic, escripturação, correspondencia commercial, allemão, calligraphia, letras de cambio, moedas. No ultimo relatorio, que é do bienio de 1874-1876, lemos que os exames de 1874 e 1875 tiveram lugar diante dos socios da direcção, da commissão escolar e d'altos funcionários do estado ; foram geraes os elogios feitos ao progresso das alumnas, as quaes responderam a questões de contabilidade, de escripturação, e de letras de cambio. No curso de 1875-1876 algumas alumnas fizeram conferencias sobre varios productos e ácerca da historia do commercio.

Convém saber que esta sociedade tem por fim a instrucción do sexo feminino por modo que possa viver do exercicio da sua capacidade para o commercio e para as industrias.

Além do curso já mencionado, ha outro de telegraphia, assim como de desenho industrial, de typographia, trabalhos de costura, talhar, fazer flôres,

etc. Ha tambem uma agencia de trabalho e uma caixa de emprestimos para as senhoras solteiras ou viuvas, que quizerem estabelecer-se ou desenvolver o seu negocio.

Ha duas classes no curso do commercio ; uma é preparatoria, e dura um ou dous semestres, conforme é preciso. A outra é de todo o anno lectivo. Em ambas ha 22 horas d'aula por semana. As férias são : oito dias na Paschoa e no Natal, quatro semanas no verão, e duas no outomno ; as aulas abrem-se no meiado d'outubro. Pagam-se 150 marcos por anno, além de 6 de matricula, e 3 para luz e fogão.

O outro exemplo a que acima alludimos é o da Escóla Commercial para Meninas, fundada em Paris e dirigida por Mad. Victor Paulin. Foi aberta em outubro de 1861, contando 60 alumnas. Desde então a frequencia foi a seguinte :

Annos.....	1871-72	— 1872-73	— 1873-74	— 1874-75	— 1875-76
Alumnas...	131	137	152	161	181

Ha cursos geraes e especiaes. Os primeiros são preparatorios dos segundos, e constam de moral, francez, arithmetica, geometria, historia, geographia e applicações usuaes das sciencias. Estas materias são cursadas geralmente em tres annos ; mas quando as alumnas ainda não estão devidamente instruidas, passam por outro anno preparatorio.

O de commercio comprehende a lingua ingleza,

as noções de direito civil e commercial, e a continuaçao do estudo d'algumas materias dos cursos preparatorios. Ha tambem uma classe de tachygraphia.

A escola só admitté externas. Abre-se ás 8  $\frac{1}{2}$ , da manhã, e fecha-se ás 5  $\frac{1}{2}$ , da tarde. Em geral as aulas duram uma hora; e só excepcionalmente 1  $\frac{1}{2}$ .

Não temos que examinar aqui o methodo de ensino d'esta escola, o qual parece ter dado muito bons resultados. Sómente diremos que tanto á directora, como ás outras professoras e alumnas tem sido conferidas varias medalhas, e ainda em 1873 foi dado á escola o diploma de merito pelo jury da exposição de Vienna d'Austria. Até 1876 trinta alumnas haviam obtido bom emprego no commercio, em escolas, e em officinas de vestuario; se este numero parece pequeno em vista da frequencia, é comtudo importante, por isso que dura uns poucos d'annos o curso completo, a escola é moderna e nem todas as alumnas procuram emprego fóra de casa; e com effeito a instruçao que alli recebem é não menos util no lar domestico do que na officina ou no escriptorio.

Segundo informaçoes que nos foram dadas por madame Victor Paulin, as alumnas facilmente se empregam em casas de commercio de Paris. A principio só ganham de comer; mas pouco depois recebem cerca de 600 fr., e chegam a obter 2:000 por anno. E' de notar que são muito novas quando entram em serviço.

Expondo a organisação d'alguns estabelecimentos d'ensino publico commercial, só tivemos em vista apresentar exemplos que podem ser uteis a Portugal. Se tivessemos de escrever trabalho completo ácerca do estado da instrucção mercantil, teríamos de retardar muito mais a apresentação do relatorio, sem proveito immediato do fim a que por vossa ordem nos propozemos.

## IV

Havemos dito que o escriptorio commercial é uma parte muito notavel das escolas superiores de commercio. Temos por util dar ainda alguns promenores ácerca do trabalho effectuado n'elle. Servir-nos-emos do relatorio de Mr. Marís, director da Escola de Bordeus; diz assim a pag. 19:

«O primeiro methodo, seguido em Marselha e em Lyon, e que as escolas de Lille e de Rouen tensionam seguir logo que o permitta o numero d'alumnos, consiste em agrupar os discipulos d'esta divisão em muitos escriptorios ou grupos de 3 ou 4 discipulos, considerados como outras tantas casas de commercio, ou bancarias, sob fórmula de sociedades ordinarias, ou por accções. Esta separação não tem lugar

no anno precedente, consagrado só ao curso theórico, e a exercícios práticos de contabilidade e de escripturação em geral. O professor escolhe o chefe e os empregados de cada grupo. Os diversos escriptórios correspondem-se entre si, usando cada qual da lingua a que pertence hypotheticamente. D'ordinario as cartas são primeiramente escriptas em francez, e o professor do escriptorio commercial examina o que ha de essencial n'ellas; depois são traduzidas na lingua do paiz de destino, e antes de remettidas são examinadas pelo respectivo professor.

«As diferentes casas abrem crédito umas ás outras, compram e vendem entre si mercadorias. Os alumnos escripturam os livros que a prática exige: assim, servem-se do diario americano os do grupo que forma uma casa americana. Cada casa tem contas de todas as especies, saca ou indoçsa letras, redige todos os documentos de operações commerciaes, como facturas, recibos, contas correntes, declarações, inventarios d'armazem, mandados, cheques, warants, inventarios, balanços, bilhetes d'alfandega e de caminho de ferro, contas de gerencia ou de verificação, avisos, circulares, etc. Em geral todos estes trabalhos são feitos em fórmulas impressas ou autographadas, preparadas na escola, e similhantes ás que se usam no commercio, ou em impressos oferecidos por varias corporações.

«Cada grupo dura dois mezes e meio; o anno es-

colar é de dez; por isso cada alumno passa durante o anno por quatro escriptorios de especie ou de paiz differente. Antes de estabelecer a sua casa commercial na escola, os alumnos de cada grupo redigem a escriptura de sociedade; o professor de legislação examina este trabalho. No fim de cada periodo fazem inventario para trespasso ou continuaçao do negocio, afim de conhecerem se houve perda ou lucro.

«Em Marselha os alumnos estão distribuidos do modo seguinte: o primeiro grupo constitue uma casa bancaria, outro uma casa de corretagem, outros dois constituem casas de commercio, a primeira em Marselha, e a segunda no estrangeiro. Renovam-se todos os mezes os socios da casa de corretagem.

«Em Lyon é algum tanto differente o agrupamento: o 1.<sup>º</sup> grupo representa uma casa bancaria dirigida pelo sub-chefe da aula; e cada um dos outros grupos, dirigido pelo discipulo que o professor escolhe, representa uma casa de commercio, a qual faz operações bancarias, de corretagem, etc. Não ha casa especial de correctores.

«Além das mezas de trabalho, dispostas de modo que fiquem as diversas casas separadas umas das outras, cada qual tem uma escrevaninha para estender sobre ella os livros (podendo-se escrever de pé), uma machina de copiar, e os seus accessorios, um armario para os impressos, um armario com divisões para os registros que contém as circulares, as cartas, etc.

etc. Em Lyon ha uma gaveta especial que serve de caixa a cada grupo. Os alumnos guardam n'ella notas, fingidas, de bancos de diversos paizes, e tentos de côres differentes, os quaes representam moedas correntes. Cada casa tem a fazer a conta dos gastos geraes e a pagar a empregados; todas as operações são portanto reaes, e só as mercadorias e a moeda são ficticias.

«O segundo methodo, actualmente em vigor em Antuerpia e imitado com algumas modificações no Havre e na Escóla superior de commercio de Paris, consiste em mandar fazer simultaneamente as mesmas operações ou exercicios a todos os alumnos sob a direccão do chefe ou sub-chefe do escriptorio. Suprime-se a separação em grupos: mas nem por isso deixa de existir o escriptorio, por isso que se suppõe que cada alumno representa uma casa de commercio. Escriptura todos os livros necessarios; e quando principia uma operação pôde continual-a até ao fim transportando-se successivamente pelo pensamento a cada uma das casas em que deve ser prosseguida a transacção. No principio a escola d'Antuerpia tinha adoptado a divisão em grupos... mas censurou-a depois como fazendo perder demasiado tempo aos discípulos, e favorecer aquelles que o professor, com detimento dos outros, escolhia para chefes das casas. Em Antuerpia veio a reconhecer-se que pelo 2.º methodo effectuavam mais operações durante o anno.

Devo, porém, dizer que d'ambos os modos se colhem satisfactorios resultados; assisti a interrogações de alumnos em escolas de methodos differentes; e posso affirmar que uns e outros resolveram com muita facilidade questões assaz complicadas.»

«Nas escolas commerciaes da America (diz Mr. Simouin), o escriptorio funciona de modo differente do de Antuerpia. Na universidade de M. M. Stratton e Bryant, que estabeleceram succursaes nas principaes cidades dos Estados Unidos, é dividido em muitas secções: escriptorio propriamente dito, seguro, agencia de transportes, companhia de navegação. No escriptorio, o alumno escriptura o diario, o razão, o livro dos armazens, faz a correspondencia, e elabora as facturas, e as contas de venda; no banco negocia titulos, faz de thesoureiro, e incumbe-se do serviço dos cheques; no seguro redige apostilas, regula avarias; na agencia de transporte escreve cautellas de recovagem; na companhia maritima, conhecimentos. D'esta sorte passa por toda a especie de operaçoes, e sempre com muita rapidez, á americana. Entende-se nos Estados Unidos que convém consagrar aos estudos theoricos o menor tempo que fôr possivel e entrar na vida prática desde o principio da adolescencia.

«O collegio commercial nacional de Poughkeepsie (Nova-York), funciona de modo um pouco diverso. Em primeiro lugar não tem succursaes. O alumno

recebe uma quantidade de moeda ficticia para comprar e vender mercadorias representadas por signaes convencionaes. Recebe e remette facturas, escriptura as operações, e depois passa a ser mercador de retalho, negociante de commissões, segurador, expedidor, cambista, corrector, despachante e banqueiro. O balanço geral das suas operações, feitas segundo os preços correntes de New-York, mostra-lhe a perda ou o ganho. Deixa depois os bancos da escola e entra immediatamente na vida real dos negocios, não sem ter adquirido tambem boa forma de letra.»

(*Revue des deux Mondes 1<sup>er</sup> avril 1872.*)

## V

Se do estrangeiro passamos a Portugal, achamos em Lisboa o curso do Instituto Industrial e Commercial. Apesar da evidente vantagem de dotar a capital com uma escola em que sejam largamente ensinadas todas as sciencias commerciaes, esse curso está longe de igualar tantos de que havemos falado; mas nem por isso deixa de se avantajar muito ao do Porto.

Foi o decreto de 30 de dezembro de 1869 que estabeleceu aquelle curso no Instituto; o decreto de 5 d'agosto de 1870 veio modificar varias disposições d'elle; e já depois se effectuaram alterações, propos-

tas pelo conselho de professores, e approvadas pelo governo. O curso é assim composto :

*a) Contabilidade commercial theorica e prática. Correspondencia commercial nas linguas portugueza, franceza e ingleza. Exercicios prácticos sobre arbitrios de cambios, seguros e descontos. Usos das principaes praças de commercio (1.ª cadeira especial do curso de commercio).*

*b) Geographia e historia commercial. Elementos de direito commercial e maritimo (2.ª cadeira especial do curso de commercio).*

*c) Principios de economia politica e industrial, e estatistica.*

*d) Noções elementares de physica (1.ª parte da 3.ª cadeira).*

*e) Conhecimento práctico dos principaes produtos naturaes e manufacturados empregados no commercio (na 4.ª cadeira).*

Para ser admittido como ordinario, e para obter carta, é precisa approvação em :

— Calligraphia por qualquer estabelecimento oficial ou pelo Instituto.

— Instrucción primaria por qualquer Lyceu.

— Portuguez por qualquer Lyceu ou pelo Instituto, segundo os programmas do 1.º e 2.º anno, mandados adoptar por portaria de 5 de outubro de 1872.

— Francez e inglez por qualquer estabelecimento oficial.

—Arithmetica, algebra e geometria plana por qualquer Lyceu, ou pelo Instituto segundo o programma publicado no. *Diario do Governo* de 3 de julho de 1872 — n.º 123.

— Elementos de geographia e de historia por qualquer Lyceu, ou pelo Instituto, segundo programma inserido no mesmo n.º do *Diario*.

As materias *a*) e *b*) são ensinadas em duas cadeiras especiaes do curso de commercio. Na de contabilidade costumava o professor simplesmente dictar cartas em francez e inglez; o proprio conselho entendeu que era isto conveniente para deixar tempo livre a mais importantes assumptos; no corrente anno lectivo dedicaram-se todas as lições ás outras partes da cadeira, e os alumnos aprenderam na aula de francez e inglez a nomenclatura commercial nas duas linguas. Os «Usos das principaes praças» fazem objectos de explicações por occasião de calculos de cambio, ou de analyse de partidas a escripturar.

Na cadeira de geographia, historia e direito estuda-se principalmente esta ultima parte; a historia é objecto de pequenissimo numero de lições. Pensa-se em estabelecer uma cadeira especial para o direito mercantil.

Do seguinte quadro consta o numero d'alumnos matriculados, examinados e approvados em cada uma d'estas duas cadeiras, bem como d'aquelleas que tiraram carta:

ANNOS LECTIVOS	PRIMEIRA CADEIRA				SEGUNDA CADEIRA			
	Matriculados		Estudantes		Matriculados		Estudantes	
	Ordinários	Voluntários	Ordinários	Voluntários	Ordinários	Voluntários	Ordinários	Voluntários
1870-1871	3	29	1	6	1	4	1	12
1871-1872	5	34	3	6	3	3	2	2
1872-1873	3	28	3	6	1	1	1	1
1873-1874	3	44	2	11	1	6	3	4
1874-1875	7	47	7	11	2	6	1	2
1875-1876	6	47	3	9	—	—	—	—
1876-1877	8	54	—	—	2	19	—	—
<b>Total ...</b>	<b>35</b>	<b>283</b>	<b>19</b>	<b>50</b>	<b>12</b>	<b>33</b>	<b>34</b>	<b>22</b>
<b>Total geral...</b>	<b>318</b>	<b>69</b>	<b>45</b>	<b>—</b>	<b>112</b>	<b>57</b>	<b>50</b>	<b>22</b>

A grande diferença entre voluntarios e ordinarios, principalmente na primeira cadeira, parece indicar que ainda os preparatorios exigidos para a classe de ordinarios afastam muitos alumnos.

Em cidade tão notável como Lisboa, cujo commercio tem progredido consideravelmente, cujas relações crescentes com o estrangeiro lhe tornam indispensavel propagar os conhecimentos proprios a illustrados homens de negocio, a frequencia do curso no Instituto pôde ter-se como pequena; mas é muito maior do que na cidade do Porto, cujas condições economicas faziam esperar que fossem numerosos os alumnos de um curso superior de commercio.

O curso de commercio da Academia Polytechnica do Porto está quasi completamente abandonado desde alguns annos. Em 1876-1877 não houve para elle um unico alumno. A contar de 1861-1862 a frequencia é muito pequena. O seguinte quadro permitte formar idéa segura a este respeito :

	Matriculados	Approvedos plenamente	Approvedos pela maioria	Perderam o anno	Reprovados	Premiados	Cartas
1854-1855 . . . .	16	12	4			1	
1855-1856 . . . .	15	7	2	6		1	1
1856-1857 . . . .	8	5		3		1	
1857-1858 . . . .	6	2		4			
1858-1859 . . . .	8	4		4			
1859-1860 . . . .	10	4		6			
1860-1861 . . . .	10	3	2	5		1	
1861-1862 . . . .	4	2		2		1	
1862-1863 . . . .	4	2		2			
1863-1864 . . . .	1	1				1	
1864-1865 . . . .	3	1		2			
1865-1866 . . . .	1	1				1	
1866-1867 . . . .	4	1		3		1	
1867-1868 . . . .	—	—		—			
1868-1869 . . . .	3	2		1			1
1869-1870 . . . .	2	2					
1870-1871 . . . .	3	2		1			
1871-1872 . . . .	1			1			1
1872-1873 . . . .	3	2		1			
1873-1874 . . . .	3		1	2			
1874-1875 . . . .	1			1			
1875-1876 . . . .	1			1			
1876-1877 . . . .	—	—	—	—			

O programma do curso foi até 1867-1868 o seguinte:

1.<sup>º</sup> anno — Arithmetica, algebra e geometria (na 1.<sup>ª</sup> cadeira).

Escripturação por partidas dobradas, organisação

de balanços e contas correntes, noções dos systemas de escripturação mais usados (na 11.<sup>a</sup> cadeira).

2.<sup>º</sup> anno — Formulas dos documentos commerciaes (na 11.<sup>a</sup> cadeira).

Desenho de figura e paisagem (na 4.<sup>a</sup> cadeira).

3.<sup>º</sup> anno. *Geographia e estatistica commercial, reducção dos cambios, pesos e medidas estrangeiras* (na 11.<sup>a</sup> cadeira). *Economia politica e industrial e direito commercial* (na 12.<sup>a</sup>).

O quadro que acima traçamos claramente mostra quão pequenos tem sido os serviços prestados ao publico por este curso. Entendemos que uma das causas da diminuição da frequencia foi a exigencia de mais fortes preparatorios. Já em 1862-1863 se tornou indispensavel para a matricula a approvação em francêz; e em 1863-1864 principiou a ser necessaria a approvação em mathematica elementar, principios de chimica, physica, e introducção á historia natural. Outra causa foi talvez haverem-se fundado no Porto alguns cursos particulares de ensino commercial elementar. E' verdade que desde 1867-1868 o programma da 11.<sup>a</sup> cadeira é o seguinte:

1.<sup>a</sup> parte : Escripturação e arithmeticá commercial.

2.<sup>a</sup> — Aplicações de economia politica ao comércio; *geographia commercial*.

3.<sup>a</sup> parte — Direito commercial.

Mas se este programma é preferivel ao antigo,

cumpre examinar quaes são os meios de execução. Ora a Academia não tem um museu de productos, nem os materiaes precisos ao ensino completo da propria geographia; tambem não existe n'ella um curso de chimica applicada ao commercio; e como se tudo isto não fosse já demasiadamente mau, a cadeira especial de commercio comprehende materias que são professadas em curso triennal; havendo um só professor, não só é natural que não tenha profundos conhecimentos de tão variados ramos de saber, mas tambem se dá forçosamente um de dois males: ou se admittem novos alumnos só de tres em tres annos, ou é permittida a matricula no 2.<sup>º</sup> e no 3.<sup>º</sup> sem approvação no 1.<sup>º</sup> e 2.<sup>º</sup> N'um caso diminue-se consideravelmente a utilidade que poderia ter o curso; no outro o estudante irá insuficientemente preparado, o que equivale a grave indisciplina da intelligenzia. Ainda mais: pelo systema actual, se um alumno fôr reprovado, no 2.<sup>º</sup> anno, por ex., os seus condiscípulos aprovados poderão tê-lo por companheiro no 3.<sup>º</sup> anno; mas em quanto que aquelles concluirão o curso, caso continuem a sahir-se bem dos exames, este, embora com certidão do 3.<sup>º</sup> anno, terá de esperar dois annos para concluir os seus trabalhos academicos com o exame do 2.<sup>º</sup>. Assim, as desvantagens da actual organisação vem a ser não só numerosas, mas tambem de tal ordem, que será difficil achar outro curso em tão más condições, quer no paiz, quer

no estrangeiro. O bom nome das instituições de ensino publico, e o interesse geral exigem n'esta parte da instrucção ministrada pela Academia uma reforma prompta.

As circumstancias do thesouro impõe-nos o dever de não propôr para já o estabelecimento de um curso superior de commercio, que possa ser comparado ao de Vienna, ou de Paris, ou da Antuerpia. Convencidos, porém, de que pequeno dispendio bastará para alcançar bons resultados, aqui daremos os traços principaes d'uma reforma de facil realização.

*Materias do curso.*

- a) Escripturação e arithmetica commercial.
- b) Economia politica, historia do commercio, geographia commercial, principios de finanças, legislação aduaneira, instituições de credito, systemas monetarios, deveres do comerciante.
- c) Noções geraes de direito, direito commercial.
- d) Principios de chimica.
- e) Productos commerciaes, chimica commercial.
- f) Francez e inglez.
- g) Principios de physica.

*Duração do curso. Distribuição das materias.*  
Curso biennal:

1.<sup>o</sup> anno. Escripturação e arithmetica mercantil.  
1.<sup>a</sup> parte. Economia politica (noções geraes), geographia commercial, historia do commercio. Principios de chimica e physica. Francez e inglez.

2.<sup>º</sup> anno. Escripturação e arithmetica mercantil, 2.<sup>ª</sup> parte. Principios de fírianças, legislação aduaneira, instituições de credito, systemas monetarios, deveres do commerçante. Chimica commercial e merceologia. Inglez. Desenho. Noções geraes de direito, direito commercial.

Da Academia Polytechnica aproveitar-se-iam a cadeira de commerçio e a de economia politica. Do Instituto, as cadeiras de chimica, de physica, e a de desenho. A de chimica applicada ás artes poderia provisoriamente servir para o ensino do que ha de essencial na chimica commercial, e na merceologia, como se practica em Lisboa.

Ha tambem entre as cadeiras do Instituto, embora ainda não tenha sido provida, a de contabilidade, principios de economia industrial, noções de direito commercial e administrativo, e estadistica. Serviria ao curso de commerçio desde que o professor respectivo ensinasse em duas lições semanais os pontos mais importantes do direito mercantil; isto não é de modo algum incompativel com os fins a que se destina tal cadeira, antes se harmonisa de todo o ponto com a parte intitulada: «Noções de direito commercial». Crêmos que sem grave inconveniente se podetia suprimir n'ella a «Estadistica», para que ficasse menos sobrecarregada. O mesmo dizemos da «Historia Commercial».

Embora haja no Instituto a cadeira de francez

e de inglez, seria vantajoso estabelecer outra especialmente destinada a fallar e escrever n'essas duas linguas, bem como a conhecer n'ellas a nomenclatura mercantil, os usos commenciaes e a geographia de França e da Inglaterra.

A reforma que propomos exige outros programas para as cadeiras de commercio, e economia politica da Academia, e de chimica prática no Instituto.

Em quanto á 1.<sup>a</sup>, nenhuma duvida se offerece; ha unicamente a notar que um mesmo professor teria de reger duas classes, uma de 1.<sup>º</sup>, outra de 2.<sup>º</sup> anno em dias alternados. A de economia politica ficaria demasiadamente sobre carregada; mas suprimir-se-ia n'ella o curso de economia e legislação rural, bem como o de economia e legislação industrial: os cursos de agricultura e de directores de fabricas estão de tal sorte dispostos na Academia, que de certo não seria nociva a suppressão proposta. Demais, deixariam de pertencer a esta cadeira os principios de direito commercial; d'esta sorte ficaria livre o tempo necessário ao estudo da geographia commercial, da historia do commercio, da legislação aduaneira, dos principios de finanças, das instituições de credito, dos systemas monetarios, e dos deveres do comerciante. O professor de economia politica teria também de reger dois cursos, um de 1.<sup>º</sup>, outro de 2.<sup>º</sup> anno. Em quanto ao programma de chimica prática no Instituto, apenas haveria de certo a introduzir

n'elle additamentos, que não destoariam do que é actualmente, nem aggravariam o serviço que a lei impõe.

*Distribuição do tempo.* (De manhã na Academia, á noite no Instituto).

	HORAS SEMANAES	
	1.º ANNO	2.º ANNO
Escripturação e arithmeticia commercial	4 $\frac{1}{2}$	3
Francez	3	—
Economia politica, geographia	(a) 2	(a) 3
Inglez.	3	3
Chimica (principios)	(a) 3	—
Merceologia.	—	(a) 4 $\frac{1}{2}$
Noções geraes de direito, direito commercial	—	(a) 2
Physica (principios)	—	(a) 3
	15 $\frac{1}{2}$	18 $\frac{1}{2}$

(a) Não durante todo o anno escolar.

Pareceu-nos sufficiente que a lingua franceza, por isso que é mais facil, fosse ensinada sómente no 1.º anno. A' economia politica bastará 1 hora por lição no 1.º anno; a falta de livros especiaes tornará indispensavel que no 2.º anno os alumnos tomem numerosas notas sobre a legislação respectiva; por isso haverá 3 lições semanaes. A geographia commercial (1.º anno) exigiria tambem mais tempo, se o estudo

da merceologia não fosse complemento d'ella no quadro do ensino d'este curso.

Damos em seguida um exemplo da distribuição dos dias de semana; a prática dos primeiros tempos ensinaria a introduzir ahi melhoramentos:

*1.º anno.*

Escripturação ...	Segundas — Quartas — Sextas	
Francez .....	•	•
Economia politica	Terças	Sabbados
Inglez .....	•	Quintas
Chimica .....		Quartas — Sabbados

*2.º anno.*

Escripturação ...	Terças	Sabbados
Economia politica	Segundas — Quartas — Sextas	
Merceologia .....	•	•
Inglez .....	•	Sabbados
Physica .....	Terças — Quintas — Sabbados	

*Material do ensino.* Serviriam para o curso de commercio: O laboratorio de chimica, o gabinete de physica e parte da Bibliotheca do Instituto Industrial. — Parte da Bibliotheca da Academia. O museu technologico, em via de formação no Instituto, seria de muito prestimo para o estudo da merceologia. Haveria, de certo, muitos negociantes que não se recusassem a dar para este museu amostras de productos. As collecções existentes em Lisboa, quer

no Instituto Industrial, quer no edificio da alfandega, (collecções obtidas de industriaes estrangeiros por iniciativa d'um dos homens mais laboriosos e illustrados que tem havido em Portugal, o snr. Fradesso da Silveira), mostram que seria facil ir, com pequeno dispendio, enriquecendo o museu de materias primas e productos fabricados.

*Augmento de despeza.* O professor de francez e inglez receberia 15500 reis por hora. Nove horas semanaes, em cerca de 40 semanas, custariam 540\$000 reis. A cadeira de Contabilidade e economia do Instituto ha-de ser provida mais tarde ou mais cedo e não devemos lançar á conta do curso de commercio o ordenado do professor d'ella. Bastariam 450\$000 reis para o museu, livros, cartas geographicas, etc. Teríamos, pois, sómente o accrescimo de 990\$000 reis ás despezas actuaes com os dois estabelecimentos de ensino publico.

Somos os primeiros a reconhecer que ficariam demasiadamente carregados de trabalho alguns professores, ou que seria difficult que satisfizessem completamente ao programma. A cadeira de escripturação e arithmetica mercantil, com especialidade, não poderia dar todos os resultados que se esperariam talvez d'ella, senão sendo regida por quem juntasse a fortes conhecimentos theoricos o saber práctico. Ninguem desconhece a difficultade de encontrar professores assim; mas entre os diversos modos por que

se chegaria em breve a resolvê-las diremos um: consiste em enviar a uma escola estrangeira quem estude o curso d'ella, e especialmente a parte denominada escriptorio commercial. Quem assim viesse habilitado para bem praticar esta parte do ensino seria depois recebido como professor no curso da Academia, passando a reger outra cadeira o professor de escripturação e de arithmetica commercial. A modestia com que se apresenta a primeira reforma do curso actual mostra que não faltariam materias em que ocupar a actividade de mais um membro do pessoal docente. Accrescentando, em harmonia com o que fica dito, 700\$000 reis para o novo professor, prefariam os 1:690\$000 reis.

Para bem se comprehender a importancia da cadeira d'escripturação, cumpre notar que os alumnos d'ella tem de proceder ahi a todos os trabalhos que os habilitem a entrar desassombadamente no exercicio do commercio. Ahi se utilisarão desde logo os conhecimentos que adquirirem ou fôrem adquirindo nas outras cadeiras. Ahi começarão e concluirão transacções simuladas como se fossem já comerciantes. A leitura da noticia de escolas estrangeiras, a qual juntamos a este relatorio, fará melhor conhecer as razões em que nos fundamos para ter especial cuidado com esta cadeira.

No curso de economia politica introduzimos uma parte denominada «Deveres do comerciante». Na

escóla superior de Lyon ha uma aula especial com este nome. Em verdade é muito vantajoso que o alumno aprenda não só a adquirir riquezas materiaes, mas tambem a empregal-as em harmonia com os seus deveres.

Um curso superior de commercio deveria ter uma cadeira de allemão ; conviria não menos instituir junto d'elle um curso elementar, para o qual seriam precisos dois ou tres professores ; quando houver muitos alumnos, a cadeira de escripturação talvez necessite d'un professor auxiliar ; a merceologia terá de ser mais tarde ensinada n'un curso especial ; e as necessidades do ensino polytechnico demandarão que o programma da cadeira de economia politica se amplie e seja para duas cadeiras ; mas por em quanto será prudente começar dispendendo pouco, embora visando já a uma organisação perfeita.

*Habilitações.* Instrucción primaria, calligraphia, arithmetica, algebra, geometria, desenho linear, frances e inglez. A experiencia dirá se convém exigir igualmente as noções fundamentaes de escripturação mercantil.

*Vantagens do curso superior do commercio.* O art. 74 do decreto com força de lei de 20 de setembro de 1844, diz assim: «Só poderão ser providos nos lugares de aspirantes do thesouro publico e alfandegas os alumnos que tiverem diplomas da antiga aula

de commercio, da escola de commercio, ou do curso correspondente da Academia Polytechnica do Porto».

O Cod. Com.; art. 1063, diz o seguinte: «O es-  
crivão dos tribunaes de commercio deve ter feito o  
curso das aulas de commercio de Lisboa ou da Aca-  
demia do Porto, com certidão de approvação.»

Ha grande distancia entre publicar leis e fazer  
observal-as. O Cod. de 1833 e o decreto de 1844,  
podiam dar grande importancia a qualquer curso de  
commercio; mas de que valem palavras, se não se  
respeita nem o espirito, nem a letra das disposições  
legislativas?

E' evidente que o curso de commercio poderia  
ser de muita utilidade não só no exercicio de varios  
lugares de fazenda e dos tribunaes de commercio,  
mas tambem no desempenho das funcções de consul.  
A Italia aproveitou a escola de commercio de  
Veneza para habilitar candidatos ao consulado; bas-  
tou-lhe desenvolver-a um pouco, para elevar o en-  
sino atéhi.

Independentemente, porém, das regiões officiaes,  
de quanto prestimo, de quão frequente e proficua  
aplicação não seriam os conhecimentos adquiridos  
no curso de commercio! Quantas vezes não tem os  
negociantes portuguezes de tomar estrangeiros para  
o seu serviço? Quantas vezes não os affligem as de-  
masiadas pretensões de gente mal habilitada? Quan-

tas questões de subido interesse publico seriam largamente discutidas pelos commerciantes n'ellas interessados? Quantas vezes não concorreriam efficazmente para a mais sensata solução d'ellas, se as sciencias commerciales estivessem assaz vulgarisadas? Acaso o tracto mercantil das nações estrangeiras, a abertura de novos mercados, o melhor aproveitamento de tantos recursos nossos, a apreciação justa das relações entre as finanças publicas e as transacções particulares não exigem, além de grande laboriosidade e muita honradez, o conhecimento dos phenomenos mercantis, das leis que os regem, e das instituições economicas? Estando em condição favoravel pelo territorio para tomar grande parte no tracto da Europa com a America, Portugal só aproveitará devidamente esta vantagem natural desde que poder competir com estranhos nas qualidades intellectuaes e moraes. O plano que propômos contribuirá, uma vez realizado, para aumentar o numero dos homens illustrados, amigos do trabalho, e honestos, cuja forte educação e instrucção os preservará de viverem longo tempo na classe de uma especie de mendigos, ás vezes com apparencia de riqueza, mas que sempre pretendem tudo, não tendo merecimento para quasi nada.

Além de servir para immediata utilidade do commercio portuguez, este curso tambem conviria muito a emprezarios de fabricas, a empregados superiores

d'ellas, a directores de companhias manufactoras, e aos grandes agricultores.

Se houvessemos de tractar das reformas a introduzir no ensino commercial em geral, teríamos de pedir tambem que se organisassem cursos elementares para um e outro sexo. Apesar de não pertencer ao nosso trabalho occuparmo-nos d'esta parte da questão de ensino de sciencias technologicas, expoziemos na *Noticia* já referida a organisação de duas escolas commerciales estrangeiras para o sexo feminino: quizemos a um tempo indicar exemplos salutares, e tornar mais conhecido quão grande é o nosso atraço n'este ponto.

Digamos de passagem que, chamada umas vezes á administração dos bens da familia, e tantas outras a auctorizar vendas e obrigações importantes (*Cod. civ.*); necessitando de resolver sobre a applicação e administração de seus haveres, ou sobre as contas que procuradores lhes apresentam; sendo mãe ou esposa, e devendo saber dirigir a casa; — a mulher necessita de noções de contabilidade, de economia politica, de hygiene, de chimica, etc. As boas condições de alimentação, de educação physica e de gerencia das sommas que lhe são confiadas exigem instrucção positiva, que não podem ministrar nem os romances, nem os figurinos, nem os bailes, nem as mesquinhas regras da etiqueta.

*Receita.* Calculamos o accrescimo de despeza em

990 a 1.690 mil reis; a receita poderia proceder do cofre do imposto especial para as obras da Bolsa. A praça do Porto lucraria mais com o ensino das sciencias commerciaes do que utilisaria em concluir um pouco mais cêdo o luxuoso palacio da rua do Ferreira Borges. Se, porém, se demonstrasse a necessidade de não diminuir tanto a dotação das obras, seria o resto pago pelo thesouro; até que o referido cofre podésse dispensar toda aquella quantia.

*Conselho de aperfeiçoamento.* Haveria um conselho especial de aperfeiçoamento para este curso. Compôr-se-ia não só dos respectivos professores, mas tambem de alguns negociantes eleitos pela Associação Commercial, ou pela direcção d'ella. Teria por fim: propôr quanto fosse conducente a melhorar o ensino, e tambem estabelecer entre os professores, os commerciantes e os industriaes relações bastantes para que na instruccion dada n'este curso se attendesse a todas as mudanças que fosse experimentando o tracto mercantil.

Pela reforma que propômos tirar-se-ia muito maior proveito d'uma parte da despeza que hoje se faz com a Academia e o Instituto; é provavel que se não augmentassem os encargos do thesouro, e satisfar-se-ia a uma grande necessidade do ensino superior e não menos do commercio d'esta cidade.

Nosso principal intuito foi traçar um plano em que, sem negligencia para com os estudos theoricos,

muito especialmente se attendesse ao ensino práctico. Os programmas das cadeiras devem traduzir este pensamento. Assim, por exemplo, se pozemos a historia do commercio, e a geographia commercial no curso de economia politica, de certo não foi para dar motivo a numerosas prelecções de pura ostentação, mas sim para que os factos da terra e do homem auxiliassem o estudo d'aquelle sciencia. As leis que estabelece, e os phenomenos que analysa encontrariam alli provas, obteriam alli esclarecimentos: bastará pensar nas questões da divisão do trabalho, da renda, da moeda, e das evoluções da troca, para comprehendêr o nosso pensamento. Ao mesmo tempo elevar-se-ia o espirito dos alumnos no estudo das relações entre os diversos lugares e as diversas épocas.

Ainda uma observação e com ella fechamos o nosso trabalho: se ao substituto de commercio e economia politica fosse incumbida a regencia de uma cadeira, o pagamento da respectiva gratificação permitiria aperfeiçoar muito o curso de commercio, ou tornaria menor a despesa que indicamos.

Academia Polytechnica do Porto, e sala da comissão, em 31 de julho de 1877..

*Adriano d'Abreu Cardoso Machado.  
José Joaquim Rodrigues de Freitas, relator.*

RELAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS DE INSTRUÇÃO  
ESTRANGEIROS A QUE SE ENVIOU  
O ANNUARIO ANTERIOR

---

**Hespanha**

Universidade central de Madrid—Universidades de Granada—Oviedo—Santiago—Zaragoza—Barcelona—Valladolid—Salamanca—Valencia—Sevilla.

Escolas do Commercio: de Madrid—de San Sebastian—de Rivadeo—das Canarias.

Escolas nauticas: de Barcelona—de Cadix.

Direcção geral de Instrucção publica em Madrid.

**França**

École polytéchnique de Paris—École des mineurs de Saint-Étienne—École des mineurs d'Alais—École supérieure de commerce de Paris—École des mines de Paris—École spéciale militaire de Saint-Cyr—École des ponts et chaussées—École d'application de l'artillerie et du génie, de Fontainebleau—Conservatoire national des arts et métiers—École centrale des arts et manufactures.

**Belgica**

Université libre de Bruxelles — Université de Gand — Université Catholique de Louvain — Université de Liège — École de navigation d'Anvers et d'Ostende — Institut supérieur de commerce d'Anvers — École militaire de Bruxelles — École industrielle de Bruxelles (annexe au musée de l'industrie) — École provinciale de commerce, d'industrie et des mines du Hainaut à Mons — École industrielle d'Anvers — de Bruges — de Charleroi.

**Suissa**

Université de Bern — Hochschule Zürich — Eidgenössische Polytechnische Schule in Zürich — Académie de Neufchâtel — École industriel de Génève — Université de Basel (Bâle) — Collége industriel et commercial de Génève — Académie du Canton de Vaud — Université de Génève.

**Allemania**

Universidades: de Berlin — de Bonn — de Breslau — de Rostock — de Würzburg — de Kiel — de Leipzig — de Königsberg — de Münster — de München — de Marburg — de Strassburg — de Greifswald — de Jena — de Halle — de Heidelberg — de Tübingen — de Giessen — de Erlangen — de Göttingen — de Freiburg.

Academias e Polytechnicas: K. S. Polytechnische Schule zu Dresden — K. R. W. Polytechnische Hochschule zu Aachen — K. Bergakademie in Berlin — Grossherzogl.

Hessische Polytechnische Schule in Darmstadt — K. W. Polytechnische Schule zu Stuttgart — Grossherzogl. Badische Polytechnische Schule Carlsruhe — H. technische Hochschule «Carolo-Wilhelmina» zu Braunschweig — K. technisches Gewerbe-Institut in Berlin — K. Bauakademie in Berlin — K. Bairische Polytechnische Schule zu München.

### **Austria**

**Universidades:** de Prag — Innsbruck — de Graz — de Wien.

**Academias e Polytechnicas:** K. K. Technische Hochschule zu Brünn — Böhmisches Polytechnisches Landes Institut zu Prag — Deutsches Polytechnisches Institut des Königreichs Böhmen zu Prag — K. K. Technische Hochschule in Wien — K. K. Technische Hochschule in Graz.

### **Italia**

**Universidades:** de Padua — de Napoles — de Pavia — de Pisa — de Turim — de Modena — de Genova — de Bolonha.

Ministerio da Instrucção publica.

### **Russia**

**Universidades:** de Dorpat — de S. Petersburg — de Kazan — de Moscow — de Cracovia — de Kiew.

**Academias e Polytechnicas:** Polytechnicum de Riga — Instituto polytechnico de S. Petersburg — Academia do Commercio de Moscow — Instituto dos engenheiros de minas de S. Petersburg.

### **Noruega**

Universidade de Christiania.

### **Estados Unidos**

**Universidades:** de Lafayette em Easton (Pensylvania) — de Nova-York — de Ithaca (Nova-York) — de Ann Arbor (Michigan).

**Escolas, Collegios e Institutos:** Collegio agricola de Amherst (Massachusetts) — Escóla agricola da Pensylvania — Collegio da cidade de Nova-York — Collegio Colombia de Nova-York — Escóla scientifica de Sheffield (Massachusetts) — Collegio de Darmouth, em Hanover — Instituto technologico de Boston (Massachusetts) — Smithsonian-Institution (Washington).

RELAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS D'INSTRUCCÃO  
ESTRANGEIROS QUE SE DIGNARAM DE ENVIAR  
Á ACADEMIA ESCRIPTOS RELATIVOS AO ENSINO  
DOS RESPECTIVOS ESTABELECIMENTOS, EM TRO-  
CA DO NOSSO ANNUARIO, COM A DESIGNAÇÃO  
MINUCIOSA D'ESSAS OFFERTAS.

---

**Hespanha**

Universidad Central (Madrid) — Oracion inaugural pronunciada en la solemne apertura del curso de 1877 a 1878, y Memoria — Annuario que se publican con arreglo à la instruccion 47 de las aprobadas por Real Orden de 15 de agosto de 1877.

Universidad de Granada. — Memoria acerca del estado de la Universidad en el curso de 1876 a 1877 y datos estatisticos de la enseñanza respectivos al mismo curso de todos los establecimientos de instruccion publica del distrito. 1878.

— Discurso que en la Universidad pronunciò en la solemne apertura del curso académico de 1878 a 1879 el doctor Don Eduardo Leon y Ortiz, catedratico de la Facultad de ciencias. 1878.

Universidad de Oviedo — Historia de la Universidad y noticias de los establecimentos de enseñanza de su distrito. 1873.

— Reseña histórica. Organización de la enseñanza en el distrito. Memoria del curso de 1876 à 1877. Anuario para el de 1877 à 1878. Variedades. I. (2.ª serie). Oviedo 1878.

**Universidad de Santiago** — Anuario de la Universidad para el curso de 1856 a 1857.

— Memoria acerca del estado de la enseñanza en el distrito universitario, y Anuario del curso de 1859.

— Idem del curso de 1860.

— Idem, en el curso de 1876 à 1877.

— Discurso leido en la Universidad en la solemne apertura del curso académico de 1877 à 1878 por el exc.<sup>mo</sup> sr. dr. D. Maximino Teijeiro Fernández, catedrático de la Facultad de medicina, y Memoria sobre el estado de la instrucción en la misma Universidad en el año de 1877 à 1878.

### Francia

**École spéciale militaire de Saint-Cyr.**

*Cours professés à l'école pendant l'année 1877-8*  
Programme développé du Cours d'hygiène. 1<sup>re</sup> Division.

Cours de Législation. 1<sup>re</sup> et 2<sup>e</sup> Division.

Cours de Fortification permanente. 1<sup>re</sup> Division.

Cours de Topographie. 1<sup>re</sup> et 2<sup>e</sup> Division.

Cours de Géographie militaire. 1<sup>re</sup> et 2<sup>e</sup> Division.

Cours d'Administration. 1<sup>re</sup> et 2<sup>e</sup> Division.

**Cours d'art et d'histoire militaire. 1<sup>re</sup> Division.**

**Cours d'art militaire. 2<sup>e</sup> Division.**

**Cours de Fortification. 2<sup>e</sup> Division.**

**Cours d'Artillerie. 1<sup>re</sup> et 2<sup>e</sup> Division.**

### **Belgica**

**Université libre de Bruxelles — Année académique 1878-79 — Discours d'ouverture prononcé en séance publique le 14 Octobre 1878 par M. Van Schoor, administrateur-Inspecteur et M. Pigeolet, Recteur.**

**— École Polytechnique. (Programma e disposições regulamentares). 1873.**

**Université Catholique de Louvain — Annuaire 1878 — 42<sup>e</sup> année.**

**École militaire de Belgique — Programmes de l'enseignement intérieur de l'École. Bruxelles 1867.**

**Écoles de navigation d'Anvers et d'Ostende — Règlement. 1868.**

**Musée de l'Industrie — Règlement. Bruxelles 1869.**

**École Industrielle de Bruxelles annexée au Musée royal de l'Industrie — Règlements. Bruxelles 1875; 1878.**

**Italia**

R. Università degli Studi di Napoli — Annuario  
Anno Scolastico 1878-79.  
— Raccolta di leggi e Regolamenti sulla Instruzione Superiore  
publicata per cura della Università. 1878.

R. Università degli Studi di Modena — Annuario  
Scolastico per l'anno accademico 1878-79.

**Suisse**

Université de Genève — Règlement adopté par le Con-  
seil d'État (arrêté du 16 juin 1874).  
— Programmes des Cours pendant les deux semestres de l'an-  
née 1878-1879.

Hochschule Zürich — Verzeichniss der Behörden, Leh-  
rer, Austalten und Studirenden im Wintersemester 1878-  
79.  
— *Idem* im Sommersemester 1879.  
— Verzeichniss der Vorlesungen in Sommersemester 1879.

**Allemania****Prussia**

Königliche rheinisch-westfälische polytech-  
nische Schule zu Aachen — Programm für den  
Cursus. 1878-79.

- Schul-Gesetze. Bibliothek-Ordnung—Vorschriften über die Benutzung der Sammlungen. Laboratoriums-Ordnung. 1871.
- Haus-Ordnung.
- *Disposições regulamentares e dados estatísticos relativos à escola polytechnica de Aachen.*

**Königliche Bau-Akademie zu Berlin.**—Programm für das Studienjahr. 1878-79.

- Special-Programm für die Vorlesungen und Uebungen. Studienjahr. 1878-79.

**Königliche Technische Hochschule zu Berlin.**

- Provisorisches Verfassungs—Statut.
- Verfahren bei der Immatrikulation und bei der Annahme der Vorlesungen.
- Bestimmungen über die Bewerbung um Erlass des Honorars und um andere Beneficien.
- Bildung der Abtheilungs-Collegien.

**Königliche Universität zu Kiel.**— Akademische Gesetze für die Studirenden.

- Amtliches Verzeichniss des Personals und der Studirenden. Wintersemester 1878-79.
- Geschäftsordnung des akademischen. Consistoriums, nebst Declaration des § 63 des Statuts vom 8. August 1874.
- Verzeichniss der Vorlesungen im Wintersemester 1878-79. (em allemão e latim).
- Vom Rector und Senat und vom Consistorium.
- Allerhöchst bestätigtes Regulativ vom 9. Januar 1875, über die Verwendung der jährlichen Einkünfte der Schassischen Stiftung.

**Friedrichs-Universität Halle Wittenberg—Inaugural-Dissertationen.**

- Untersuchungen über das Annoliade, von Emil Kettner. 1878.
- Die Kämpfe Theodosius des Grossen mit den Gothen, von Julius Ifland. 1878.
- Grundzüge einer Kunsthissenschaft im Sinne Goethe's, von Oskar Linke. 1877.
- Die Hochschule zu Jannie und ihre bedeutendsten Lehrer, mit besonderer Rücksicht auf Rabbi Gamaliel II (Erster Theil) von Albert Scheinin. 1878.
- Über die Natur der Altund neu englischen Consonanten, von Gustave Tanger. 1878.
- Die Syntax des Dativus im althochdeutschen und in den geistlichen Dichtungen der Übergangsperiode zum Mittelhochdeutschen (I. Theil), von Johannes Rost. 1878.
- Die Elisabethanische Bühne nach Ben Jonson (I. Theil), von Otto Werner. 1878.
- De verborum cum prepositionibus compositorum apud veteres Romanorum poetas scænicos cum dativo structura, auctor Henricus Hahn. 1878.
- De Græcis auctoribus in Georgicis a Virgilio expressis, auctor Hans Morsch. 1878.
- De infinitivo historico, auctore Gustavus Mohr. 1878.
- Qua arte Aristophanes diverbia composuerit, auctore Fredericus Witten. 1878.
- Commentationis de Seviris Augystalibus scriptæ particula quæ ad audiendam orationem de Petronii satiris, invitat Johannes Schmidt. 1878.
- De proprietatibus quibusdam sermonis Euripidei, auctore Carolus Rieck. 1878.
- De fontibus topicorum Ciceronis, auctore Maximilianus Wallis. 1878.

- *De compositi Operis Thucydidii temporibus, auctor Otto Struve.* 1878.
- *De Quisque et Quisquis pronominum apud comicos latinos usu commentatio, auctor Martinus Pennigsdorf.* 1878.
- *De Demosthenis aristocrateæ;— prima parte — auctor Wal- terus Herz.* 1878.
- *De Sophoclis anno et natali et fatali, auctor Alexander Kolisch.* 1878.
- *De Propertii elocutione quæstiones, auctor Bernardus Kuttner.* 1878.
- *De Euripide poetarum maxime tragico, auctor Aemilius Neidhardt.* 1878.
- *Quæstiones Propertianæ, auctor Hermannus Knauth.* 1878.
- *De Lucretii vocabulissingularibus, auctor Carolus Wolff.*
- *On the sources of Shakespeare's midsummer night's dream, auctor Ludwig Proescholdt.* 1878.
- *Die actio nata als Voraussetzung der Klagenverjährung, von Friedrich Röth.* 1878.
- *Die Entwicklung der Preise der landw. Produkte in Böhmen im Zusammenhange mit den Fortschritten der Landwirthschaft, dargestellt auf Grund der Beiträge zur Geschichte der Preise für die Wiener Ausstellung des Jahres 1873, von Franz Gromes.* 1878.
- *Das Finanzwesen der Staaten und Städte der Nordamerikanischen Union, von Simon N. Patten.* 1878.
- *Darstellung und Prüfung der Hauptgedanken von Friedrich Heinrich Jacobi, von Johannes Friedrich Delius.* 1878.
- *Kant und Hume, von Christian Ritter.* 1878.
- *Die Kantsche Lehre vom Schématismus der reinen Ver- standesbegriffe, von P. S. Neide.* 1878.

- Versuch einer Psychologie des Talmud, von Moses Jacobson. 1878.
- Die Erziehungstheorie des Aristoteles, von Hermannus Schmidt. 1878.
- Ethica Spinozæ doctrina cum kantiana comparatur, auctor Ricardus Giessler. 1878.
- Das Bärsche Gesetz, von Bernhard Hoffmann. 1878.
- Beitrag zur Kenntniss der Acentonbasen, von Th. Götschmann. 1878.
- Das Aetherische Senfoel, von Reinhold Henre. 1878.
- Die Conidienfrüchte von Fumago. Ein Beitrag zur Pycnidien-Frage, von Wilhelm Zopf. 1878.
- Untersuchungen über die Zuckersäure, von Hermann de la Motte. 1878.
- Die Schuppen an den Verschiedenen Flügel- und Körperteilen der Lepidopteren, von Robertus Schneider. 1878.
- Derivate des Diacetonalkamin's u. des Acetophenon's, von Georg Baumert. 1878.
- Polyxenus Lagurus de Geer. Ein Beitrag zur Anatomie, Morphologie und Entwicklungsgeschichte der Chilognathen, von Joannes Bode. 1878.
- Das Rothliegende und die Basischen Eruptivgesteine der Umgebung des grossen Inselsbergs, von Paulus Alexander Friedrich. 1878.
- Ueber Thrombose und Embolie nach Uterusfibrom, von Carl Glass. 1878.
- Über die Fortpflanzung der magnetischen Induction in weichem Eisen (Habiliations-Schrift), von Anton Oberbeck. 1878.
- Beiträge zur Kenntniss der Primären Nierentumoren Besonders der Sarcome, von Ernst Koch. 1878.
- Die Hydrocele und ihre Heilung durch den Schnitt bei

**Antiseptischer Wundbehandlung (Habilitationsschrift), von  
Dr. Alfred Genzmer. 1878.**

- **Untersuchung von Melaphyren aus der gegend von Kleinschmalkalden, von Fr. M. Wolff. 1878.**
- **Krystallographische Beobachtungen (Habilitationsschrift), von Dr. Otto Luedcke. 1878.**
- **Über die Bewegung der Wärme in einer Homogenen Kugel, von Otto Baer. 1878.**
- **Untersuchungen über die Parallelfläche des Ellipsoides, von Emil Neumann. 1878.**

*Bade*

- **Grossherzoglich Badische Polytechnische Schule zu Carlsruhe — Vorschriften für die Studirenden. 1873.**
- **Programm für das Studienjahr 1878-1879.**
- **Ordnung für die Prüfung der Studirenden.**
- **Ordnung der Prüfung zur Erlangung eines Diploms.**
- **Auszug aus der Ordnung für die Diplomprüfungen und die Ertheilung von Diplomen.**
- **Nr. VIII des Regierungs-Blatt.**

**Universität Freiburg — Reden, bei der öffentlichen Feier der Uebergabe des Prorektorats in der Aula am 22. Mai 1878. &c.**

- **Ankündigung der Vorlesungen welche im Winter-Halbjahre 1878-79 auf der Grossherzoglich Badischen Albert-Luwigs-Hochschule zu Freiburg im Breisgau gehalten werden.**
- **Ankündigung der Vorlesungen welche im sommer — Halbjahre 1878 auf der Grossherzoglich Badischen Albert-Luwigs-Hochschule zu Freiburg im Breisgau gehalten werden.**

*Württemberg*

**Kgl. Württembergische Polytechnische Schule zu Stuttgart** — Programm für das Jahr 1878 auf 1879.

- Organische Bestimmungen.
- Bestimmungen über die Abhaltung von Diplom-Prüfungen an den Fachschulen für Architektur, Ingenieurwesen, Maschinenbau, Chemische Technik, Mathematik und Naturwissenschaften und für allgemein bildende Fächer.
- Jahres-Bericht für das Studien-jahr 1877-1878.
- Statuten für die Studirenden. 1876.

**Universität Tübingen** — Statistik herausgegeben von dem K. Statistisch-topographischen Bureau. Stuttgart 1877.

*Baviera*

**Kgl. Bayerische Technische Hochschule zu München** — Bericht für die Studienjahr 1877-78.

- Satzungen für die Studirenden. 1878.
- Bestimmungen über die Abhaltung der Absolutorialprüfungen. 1877.
- Organische Bestimmungen (Königlich Allerhöchste Verordnung vom 6. August 1877).
- Personalstand in Winter-Semester. 1878-79.
- Programm für das Jahr 1878-1879.

*Ducado de Hesse*

— **Grossherzoglich Hessische Technische Hochschule zu Darmstadt** — Programm für das Studienjahr. 1878-1879.

- Disciplinar bestimmungen für die Studirenden (Genehmigt durch Entschliessung Grossherzoglichen Ministeriums des Innern vom 28. September 1869).
- Auszug aus der Bibliotheks— Ordnung (Festgestellt durch die Beschlüsse des Lehrevrathes der polytechnischen Schule vom 12. und 13. Februar 1874), mit die Bestimmungen für die Benutzung der Bibliothek seitens der Studirenden.
  - Bekanntmachung, die organischen Bestimmungen der polytechnischen Schule zu Darmstadt und die Künstige Benennung dieser Anstaltb etreffend (Aus dem Regierungsblatt. Nr. 44 vom 19 Oktober 1877).
- Mittheilungen über die Stadt Darmstadt und den Aufenthalt das elbst.

*Ducado de Brunswick*

**Herzogliche Technische Hochschule Carolo-Wilhelmina zu Braunschweig — Programm für das Studienjahr. 1878-1879.**

- Verfassung. 1878.
- Die feierliche Eröffnung, am 16. October 1877.

*Saxonia*

**Königlich Sächsische Polytechnikum zu Dresden — Statut (den 3. April 1878).**

- Festschrift zur Einweihung des neuen K. S. Polytechnikums zu Dresden am 4. November 1875.
- Studienordnung für die Studirenden (den 24. Juli 1878).
- Habilitationsordnung (den 24. Juli 1878).
- Bestimmungen über den Besuch der öffentlichen Bauten,

technischen Etablissements und Königlichen Sammlungen. (im November 1875).

- Regulativ für die Absolutorialprüfungen (am 17. Mai 1871).
- Praktikum für deutsche Stylistik und Rhetorik. Regulativ. (October 1873).
- Programm für das Studienjahr, beziehungsweise Wintersemester 1878-1879.

### **Austria**

#### *Vienna*

**Kais. Königl. Technische Hochschule in Wien—**  
Inaugurations-Rede des für das Studienjahr 1878-79 gewählten Rectors Dr. Hugo Franz Branchelli (Gehalten am 14. October 1878).

**Kais. Königl. Universität zu Wien —** Offentliche Vorlesungen im Sommer-Semester. 1879.  
— Die Feierliche Installation des Rectors für das Studienjahr. 1878-89.

### *Moravia*

**Kais. Königl. Technische Hochschule zu Brünn—**  
Programm für das Studien-Jahr. 1878-79.

### *Styria*

**Kais. Königl. Technische Hochschule in Graz**  
— Programm für das Studien-Jahr. 1878-79.

**K. K. Universität zu Graz** — Die Entstehungszeit des österreichischen Landesrechtes. Eine kristische Studie von Dr. Arnold Lurchin Veröffentlicht von der Universität zur Jahresfeier am 15. November 1872.

— Dionysius Petavius. Ein Beitrag zur Gelehrten-Geschichte des XVII. Jahrhunderts. von Dr. Franz Stanonik. Festschrift der Universität auf Anlass der Jahresfeier am XV November MDCCCLXXV.

— Die Romanen und ihre Verbreitung in österreich. Ein Beitrag zur nationalitäten — Statistik mit einleitenden Bemerkungen über deren Verhältniss zu den Rechts-und Staatswissenschaften, von H. J. Bidermann. Festschrift der Universität aus Anlass der Jahresfeier am XV. November MDCCCLXXVI.

— Die Selbstverdauungs-Proceesse der Magenschleimhaut, von Dr. Haans Kundrat. Festschrift der Universität aus Anlass der Jahresfeier am XV. November MDCCCLXXVII.

— Zur Geschichte des deutschen Volksthums im Karpatenlande mit Besonderer Rücksicht auf die Zips und ihr Nachbargebiet. Studie von Dr. F. Krones. Festschrift der Jahresfeier am XV. November MDCCCLXXVIII.

### **Estados Unidos da America**

**University of Michigan (Ann Arbor):**  
 Calender for 1877-1878.  
 Calender for 1878-1879.

**Darmouth College (Hanover)** — Catalogue for 1878-1879.

**Fifteenth annual Report of the Secretary to the State Board**

of Agriculture of the State of Michigan, for the year ending September 30, 1876.

Twenty-Second annual Catalogue of the Officers and Students of the State Agricultural College of Michigan. 1878.

Massachusetts Institute of technology (Boston).

—Fourteenth annual Catalogue of the Officers and Students with a statement of the courses of instruction. 1878-1879.  
Entrance Examinations, September, 1878.

Do interessante discurso inaugural (*Inaugurations-Rede*), proferido em 14 d'outubro ultimo na Escóla superior technica de Vienna (K. K. technischen Hochscule in Wien) pelo Dr. Hugo Franz Brachelli, professor de Estatistica e Reitor da mesma Escóla, extractamos o seguinte quadro estatistico de escolas superiores technicas, rectificando-o e completando-o na parte relativa ao nosso paiz. As sommas que no quadro do professor austriaco estam referidas a florins de Vienna (Gulden ö. W.) foram reduzidos á nossa moeda na razão de 435 reis por florim.

---

### Quadro estatistico de Escólas superiores technicas

#### 1. Número dos Lentes e Estudantes

Escólas	Anno	Lentes, preparam- adores, ajudantes, &c.	Estudan- tes e ou- vintes
Academia Polytechnica do Porto	1878/9	19 <sup>1)</sup>	113 <sup>2)</sup>
Escóla polytechnica de Lisboa ..	"	46 <sup>3)</sup>	261 <sup>4)</sup>
Total em Portugal.....	"	65	374

1) Este numero comprehende 16 Lentes, um bibliothecario e dois preparadores.

2) Todos estes alumnos pertencem á classe civil.

3) Este numero comprehende 24 Lentes e 22 naturalistas, preparadores, conservadores, etc.

4) D'este numero, 117 alumnos pertencem ao exercito, 4 á armada e os restantes 140 á classe civil.

Escólas	Anno	Lentes, preparadores, ajudantes, &c.	Estudantes e ouvintes
Escóla real e imperial superior technica de Vienna.....	1877/8	80	1545
<i>Idem</i> de Graz.....	"	50	265
<i>Idem</i> de Brünn.....	"	31	164
<i>Idem</i> de Lemberg.....	"	38	225
Instituto real e imperial polytechnico bohemio de Praga....	"	51	658
<i>Idem</i> alemão de Praga....	"	43	488
Königl. Josephs-Polytechnikum de Budapest.....	"	52	728
<b>Total no imperio austro-hungaro<sup>1)</sup></b>	"	<b>345</b>	<b>4073</b>
Academia real de Berlin.....	1877/8	74	1027
Academia industrial de Berlin....	"	50	692
Escóla Real polytechnica de Hannover .....	"	45	740
<i>Idem</i> Aachen (Aix-la-Chapelle)..	"	46	605
Escóla real superior technica de Munich (München).....	"	80	1180
Polytechnico real de Dresden....	"	55	661
Escóla real polytechnica de Stuttgart.....	"	72	543
Escóla polytechnica grā-ducal de Karlsruhe.....	"	52	583
Escóla superior technica grā-ducal de Darmstadt.....	"	30	213
		<b>504</b>	<b>6255</b>

1) As datas referem-se ao semestre de inverno.

Escólas	Anno	Lentes, prepa- radores, ajudantes, &c.	Estuden- tes e ou- vintes
<i>Transporte</i> .....		504	6255
<i>Idem</i> ducal de Brunswick (Braunschweig).....	1877/8	31	179
<b>Total no imperio allemão 1)...</b>		<b>535</b>	<b>6434</b>
Escóla polytechnica de Paris....	1876	68	527
Escóla de Pontes e Estradas de Paris.....	1877/8	24	102
Escóla Central de Artes e Ofícios de Paris.....	1876	63	532
<b>Total na França 2)...</b>		<b>155</b>	<b>1161</b>
<b>Instituto Real superior technico de Milão.....</b>	1876/7	<b>35</b>	<b>220</b>
<i>Idem</i> de Nápoles.....	"	18	295
<i>Idem</i> de Roma,.....	"	27	77
<i>Idem</i> de Pádua.....	"	18	150
<i>Idem</i> de Palermo.....	"	10	36
<i>Idem</i> de Bolonha.....	1878	18	30
Museu Real de Industria de Turin .....	1876/7	15	296
<b>Candidatos a diplomas de engenheiros nas Universidades....</b>	"	<b>—</b>	<b>779</b>
<b>Total na Italia.....</b>		<b>157</b>	<b>2113</b>

1) As datas referem-se ao semestre de inverno.

2) Não se incluiu a Escola especial de Architecatura. Sobre os 102 estudantes da Escóla de Pontes e Estradas accrescem ainda 14 alunos de cursos preparatórios.

Escólas	Anno	Lentes, prepa- radores, ajudantes, &c.	Estuden- tes e ou- vintes
<b>Instituto imperial technologico de S. Petersburgo.....</b>	<b>1877/8</b>	<b>45</b>	<b>454</b>
<b>Escóla imperial d'engehharia de S. Petersburgo.....</b>	<b>1874</b>	<b>41</b>	<b>662</b>
<b>Escóla imperial d'architectura de S. Petersburgo.....</b>	<b>1878</b>	<b>36</b>	<b>164</b>
<b>Escóla imperial technica de Mos- cou .....</b>	<b>1877/8</b>	<b>46</b>	<b>582</b>
<b>Escóla polytechnica de Riga....</b>	<b>"</b>	<b>31</b>	<b>354</b>
<b>Escóla imperial polytechnica de Helsingfors .....</b>	<b>1878/9</b>	<b>27</b>	<b>99</b>
<b>Total da Russia....</b>		<b>226</b>	<b>2315</b>
<b>Escóla Real superior technica de Stockholmo.....</b>	<b>1877/8</b>	<b>36</b>	<b>278</b>
<b>Escóla Real polytechnica de Co- penhague .....</b>	<b>"</b>	<b>24</b>	<b>229</b>
<b>Idem de Delft.....</b>	<b>1875/6</b>	<b>26</b>	<b>260</b>
<b>Escóla polytechnica de Bruxellas</b>	<b>1877/8</b>	<b>14</b>	<b>121</b>
<b>Escóla real d'engenheiros civis de Gant.....</b>	<b>1876/7</b>		<b>215</b>
<b>Escóla real d'artes e manufactu- ras de Gant.....</b>	<b>"</b>	<b>18</b>	<b>60</b>
<b>Escóla d'engenheiros civis de Lou- vain.....</b>	<b>"</b>		
<b>Escóla d'artes e manufacturas de Louvain.....</b>	<b>"</b>	<b>15</b>	<b>205<sup>1)</sup></b>
		<b>47</b>	<b>601</b>

1) Incluem-se os alunos da Escóla de mines.

Escólas	Anno	Lentes, pre- paradores, ajudantes, &c.	Estudan- tes e ou- vintes
<i>Transporte</i> .....		47	601
Escóla real d'artes e manufac- tas de Liege.....	1876/7	17	107
<b>Total na Belgica....</b>		<b>64</b>	<b>708</b>
Escóla polytechnica confederal de Zürich .....	1877	107	987
Faculdade technica de Lausanne.	»	13	58
Curso technico de Lugano.....	1878	8	11
<b>Total na Suissa....</b>		<b>128</b>	<b>1056</b>
Escóla polytechnica de Athenas.	1877/8	10	235
Faculdade technica de Belgrado.	1878	13	16

*11. Custo de sustentação dos Estabelecimentos*

	Anno	Custo total	Custo por aluno
Academia Polytechnica do Porto .....	1878/9	14:841\$310 <sup>1)</sup>	131\$339
Escola Polytechnica de Lis- boa .....	"	48:855\$585 <sup>2)</sup>	187\$186
<b>Total em Portugal.....</b>	<b>"</b>	<b>63:696\$895</b>	<b>170\$313</b>
Escola superior technica de Vienna.....	1878	106:575\$000	68\$978
<i>Idem</i> de Graz.....	"	41:325\$000	155\$943
<i>Idem</i> de Brünn .....	"	38:625\$000	198\$933
<i>Idem</i> de Lemberg .....	"	32:190\$000	142\$858
Instituto real e imperial po- lytechnico bohemio de Pra- ga .....	"	92:193\$030	80\$445
<i>Idem</i> alemão de Praga.....	"	82:650\$000	1:3\$531
<b>Total no imperio Austro-Hun- garo .....</b>	<b>"</b>	<b>393:558\$030</b>	<b>95\$152</b>

(1) N'esta quantia não se incluiu a annuidade de 4:000\$000 reis destinada à con-  
tinuação das obras do edifício da Academia.

(2) N'esta quantia não se incluiu a annuidade de 16:000\$000 reis destinada para  
juros e amortização dos empréstimos levantados para a reconstrução do edifício da Es-  
cola, nem 1:538\$000 reis importando da despesa dos Postos meteorológicos existentes no  
continente e nas ilhas.

	Anno	Custo total	Custo por alumno
Academia real de Berlin....	1878/9	61:189 <del>5</del> 275	58 <del>5</del> 307
Academia industrial de Berlin .....	»	60:493 <del>5</del> 375	87 <del>5</del> 418
Escóla polytechnica de Hannover .....	»	31:918 <del>5</del> 125	42 <del>5</del> 782
Escóla polytechnica de Aachen (Aix-la-Chapelle)....	»	53:983 <del>5</del> 500	189 <del>5</del> 227
Escóla superior technica de Munich (München) .....	1877	93:525 <del>5</del> 000	79 <del>5</del> 257
Polytechnico real de Dresden	1878	62:241 <del>5</del> 975	94 <del>5</del> 164
Escóla polytechnica de Stuttgart .....	»	60:900 <del>5</del> 000	112 <del>5</del> 152
Escóla polytechnica de Karlsruhe .....	»	52:983 <del>5</del> 000	90 <del>5</del> 106
Escóla superior technica de Darmstadt.....	»	34:288 <del>5</del> 875	160 <del>5</del> 980
Escóla superior technica de Braunschweig .....	1878/9	40:274 <del>5</del> 475	224 <del>5</del> 999
<hr/>			
Total no imperio alemão ..		551:797 <del>5</del> 500	85 <del>5</del> 760
<hr/>			
Escóla polytechnica de Paris	1876	76:734 <del>5</del> 000	145 <del>5</del> 603
Escóla de Pontes e Estradas de Paris .....	1878	87:000 <del>5</del> 000	750 <del>5</del> 997
Escóla central de artes e officios de Paris .....	1876	82:824 <del>5</del> 000	155 <del>5</del> 682
<hr/>			
Total na França.....		246:558 <del>5</del> 000	209 <del>5</del> 840
<hr/>			

	Anno	Costo total	Costo por alumno
Instituto technologico de S.			
Petersburgo .....	1877/8	160:5268745	3535581
Escóla d'architectura de S.			
Petersburgo .....	1878	52:062800	3178459
Escóla technica de Moscou..	1877/8	124:2248255	2135441
Escóla polytechnica de Riga	"	63:3708800	1795011
Escóla polytechnica de Hel-			
singfors .....	1878/9	19:1408000	1935331
Escóla superior technica de			
Stockholmo .....	1878	34:5148640	1248153
Estabelecimento polytechni-			
co de Copenhague .....	1877	14:1338150	618713
Escóla polytechnica de Zü-			
rich.....		76:8048905	778813
Faculdade technica de Lau-			
sanne .....	"	4:4928245	778453
Curso technico de Lugano ..	1878	2:4708800	2248617
<hr/>			
Total na Suissa.....		83:7678950	798327
<hr/>			
Escóla polytechnica de Athe-			
nas .....	1877/8	13:0108415	558363
<hr/>			

## INDICE DAS MATERIAS

---

	Paginas
<b>Épocas principaes da Academia Polytechnica do Porto</b>	3
<b>Kalendario</b>	5 a 20
<b>Directoria e Secretaria.</b>	21
<b>Conselho academico</b>	23 a 25
<b>Estabelecimentos pertencentes á Academia Polytechnica</b>	27
<b>Bibliotheca</b>	29 a 37
<b>Estatistica bibliographica, 29 — Obras oferecidas, 29 a 33 — Obras adquiridas por compra, 34 a 37.</b>	
<b>Gabinete de historia natural</b>	39 a 41
<b>Laboratorio chimico</b>	43 a 49
<b>Jardim botanico e experimental</b>	51 a 56
<b>Gabinete de instrumentos de mathematica</b>	57 a 59
<b>Aula de Desenho</b>	61 a 63
<b>Datas das nomeações, encartes e posses dos Lentes e mais empregados da Academia Polytechnica, e indicação das naturalidades e épocas dos nascimentos dos mesmos</b>	65 a 70

Tabella dos vencimentos dos Lentes e mais empregados, e dotação da Academia para expediente e material do ensino e para obras do edificio . . . . .	71
Disposições legaes relativas aos Lentes (direitos e deveres). . . . .	72 a 74
Cursos legaes da Academia Polytechnica do Porto	75 a 83
Enumeração dos cursos, 75 — Quadros dos cursos de Engenheiros civis, 76 e 77 — Quadro do curso de Directores de fabricas, 77 e 78 — Quadro do curso de Commerciantes, 78 — Quadro do curso de Agricultura, 78 e 79 — Quadro do curso de Artistas, 79 — Quadro do curso preparatorio para as Escórias Medico-Cirurgicas, 79 — Quadro do curso preparatorio para a Escóia de pharmacia, 80 — Quadros dos cursos para a Escóia naval, 80 — Quadro do curso para a Escóia do Exercito, 80 e 81; quadro da distribuição do tempo n'este curso preparatorio, 82 e 83.	
Hórario das aulas no anno lectivo de 1878/9 . . . . .	84 a 87
Habilitações exigidas aos alumnos para a matricula nos cursos da Academia Polytechnica . . . . .	88 a 90
Vantagens conferidas por lei ás Cartas de capacidade dos cursos da Academia . . . . .	91
Tabella das propinas de matricula, das Cartas de capacidade, e dos emolumentos do Secretario da Academia . . . . .	92 e 93
Livros que servem de texto nas aulas no anno lectivo de 1878-79 . . . . .	94 e 95
Alumnos matriculados na Academia Polytechnica no anno lectivo de 1878-79, distribuidos por cadeiras . . . . .	97 a 109
Distribuidos segundo os cursos em que se matricularam . . . . .	111 a 114

<b>Quadro estatistico dos alumnos que frequentam a Academia no anno lectivo de 1878-79, distribuidos segundo a sua naturalidade . . . . .</b>	<b>115 a 117</b>
<b>Indice alphabeticos dos alumnos da Academia Poly-technica no anno lectivo de 1878-79, indicando a sua filiação, naturalidade e referencia ás cadeiras em que se matricularam . . . . .</b>	<b>119 a 125</b>
<b>Disposições regulamentares relativas aos alumnos</b>	<b>126 a 136</b>
Regulamento da fiscalisação e julgamento das faltas dos alumnos, 126 a 130 — Regulamento dos actos, 131 a 134 — Policia academica; disposições penas, 135 e 136.	
<b>Alumnos premiados e distintos nas cadeiras da Academia, proclamados em sessão solemne de 15 d'outubro de 1878 . . . . .</b>	<b>137 e 138</b>
<b>Designação dos alumnos que tiraram Carta de capacidade de Cursos da Academia, no anno lectivo anterior . . . . .</b>	<b>139</b>
<b>Mappa estatistico do movimento da Academia Polytechnica no anno lectivo de 1877-78 . . . . .</b>	<b>140 e 141</b>
<b>Secção de legislação . . . . .</b>	<b>143 a 278</b>
Decreto que fundou a aula de nautica na cidade do Porto, 145 — Decreto que fundou a aula de debuxo e deseňo no Porto, 146 e 147 — Aviso regio mandando admittir os alumnos de nautica nos navios mercantes, 148 e 149 — Alvará que creou as aulas de mathematica, commercio, das linguas francesa e ingleza, e encarregou a Junta da Administração da Companhia das Vinhas do Alto-Douro da administração, direcção e projecção d'un edificio no terreno do Collégio dos Orphãos, proprio para as referidas aulas, 150 a 155 — Alvará que decretou os Estatutos da Academia Real da Ma-	

rinha e Commercio da cidade do Porto, 156 a 187 — Carta regia de Estatutos da Academia real da Marinha de Lisboa, 189 a 208 — Carta regia de Estatutos da Academia real dos Guardas marinhas, 209 a 229 — Estatutos da Aula de Commercio, de Lisboa, 231 a 241 — Obrigações inherentes ao lugar de Director litterario da Academia real da Marinha e Commercio da Cidade do Porto, 242 a 245 — Decreto que contém disposições regulamentares tendentes a fixar as atribuições da Junta e do Director litterario, 246 a 248 — Alvará regio que determinou a reforma da Academia real da Marinha e Commercio da cidade do Porto, 249 a 256 — Decreto que contém disposições regulamentares ácerca da promiscuidade de frequencia dos alunos nas reaes Academias de Marinha, 257 e 258 — Carta regia que reformou o regulamento da Academia, assim na parte litteraria como na parte economica, 259 a 263 — Resolução regia que exclue de premios os estudantes repetentes, 264 — Carta regia ordenando que nenhum estudante seja admittido a 2.º matricula sem justificar plenamente a falta de habilitação no anno da 1.º matricula, 265 e 266. — Decreto que manda explicar a 2.º parte do Codigo Commercial portuguez na cadeira do 3.º anno mathematico, 267 e 268 — Decreto que regulou provisoriamente o regimen litterario e economico da Academia da Marinha e Commercio da cidade do Porto, 269 a 273.

Secção de Variedades . . . . .	275 a 368
Projecto de reforma do Curso Superior de Commercio da Academia Polytechnica apresentado ao Governo pelo conselho academico . . . . .	277 a 342

Breve noticia ácerca d'algumas escolas de commercio estrangeiras, e do curso de commercio de Lisboa, 277 a 326 : Escola superior de commercio de Paris, 278 a 284 — Escola do Havre, 284 a 286 — Escola de Rouen, 286 e 287 — Escola de Marselha, 287 a 289 — Escola de Lyon, 289 e 290 — Instituto de Lille, 290 a 292 — Escola de Bordeus, 292 a 296 — Instituto Superior de Commercio na Antuerpia, 295 a 303 — Escola Superior de Commercio em Veneza, 308 a 308 — Escola Academica de Commercio em Vienna d'Austria, 308 a 313 — Breves indicações ácerca de escolas estrangeiras de instrucção commercial para o sexo feminino, 313 a 316 — Noticia ácerca do Escriptorio Commercial nas Escólas Superiores de Commercio, 317 a 322 — Curso de Commercio no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, 322 a 326. Curso de Commercio da Academia Polytechnica do Porto ; seu estado actual. Plano de reforma do mesmo curso, 326 a 342.

Relação dos Estabelecimentos d'instrucção, estrangeiros a que se enviou o Annuario anterior . . . . .	343 a 346
Relação dos Estabelecimentos d'instrucção, estrangeiros, que enviaram á Academia escriptos relativos ao ensino dos respectivos Estabelecimentos em troca do nosso Annuario, com a designação d'essas offertas . . . . .	347 a 360
Quadro estatistico de Escolas Superiores technicas indicando o pessoal docente, o numero de alunos, o custo de sustentação, no total e por alumno de cada uma das mesmas Escolas , . . . . .	361 a 368









